3 1761 07330232 5

Digitized by the Internet Archive
in 2011 with funding from
University of Toronto

http://www.archive.org/details/diccionariotechn00assi

DICCIONARIO

530

TECHNICO E HISTORICO

4

DE

PINTURA, ESCULPTURA, ARCHITECTURA E GRAVURA

COMPOSTO POR

FRANCISCO DE ASSIS RODRIGUES

Do conselho de Sua Magestade, professor jubilado, e director geral
da academia real das bellas artes de Lisboa, etc.

LISBOA
IMPRENSA NACIONAL
1875

N
33
A77

PREFACIO

Tem sido ha largo tempo sentida a falta de um diccionario portuguez de bellas artes, falta que até certo ponto não deixa de nos ser desairosa, porque, cultivando os portuguezes ha seculos as bellas artes, Portugal é talvez a unica nação civilisada, que não possue um só diccionario dos termos technicos das artes, que se chamam filhas do desenho.

O sentimento d'esta falta, e o desejo sincero de a preencher, persuadiram-nos a emprehender uma obra por certo difficil, e muito superior ás nossas forças.

Para conseguirmos este fim consultámos, entre outros, os diccionarios de *Roland le Virloys, Daviler, Boutard, Bouillet, Viollet-le-Duc, Baldinucci* e *Martinez;* e tivemos a paciencia de ler a maxima parte do que se ha publicado em nossa lingua sobre bellas artes, mórmente os escriptos dos nossos artistas Filippe Nunes, Ignacio de Vasconcellos, Vieira Lusitano, Machado de Castro, Cyrillo Volckmar, Taborda, e os manuscriptos de Costa Negreiros, e de Francisco de Hollanda, e o pequeno *Diccionario de esculptura,* composto pelo meu respeitavel mestre Joaquim Machado de Castro, manuscripto que sua filha offerecêra á academia real das sciencias de Lisboa, de que o mesmo professor foi socio correspondente; lendo tambem, e apontando o que julgámos conveniente dos nossos classicos, taes como padres Vieira, Manuel Bernardes, Heitor Pinto, Camões, etc.; e finalmente consultámos alguns litteratos e artistas, que de boa vontade nos esclareceram,

e ajudaram n'esta ardua empreza, e a quem damos aqui o testemunho do nosso reconhecimento.

A maior difficuldade que necessariamente se dá n'este genero de escriptos é a creação de palavras novas, ou a forçosa necessidade de *aportuguezar* termos, que bem exprimam as idéas que representam: e n'esta parte não podêmos deixar de pedir indulgencia aos puritanos da nossa lingua pela liberdade que tomámos, ou de adoptarmos alguns, que no uso dos nossos litteratos são já moeda corrente, ou de accommodar outros, ainda não correntes, para exprimir com propriedade os objectos a que se referem; e ainda assim duvidosos e perplexos deixámos de traduzir outros para a nossa lingua, ou porque não tinham n'esta o mesmo valor real e especifico, que têem nas linguas estranhas, ou porque não achámos na indole da propria lingua termos que bem lhes correspondessem: e vem aqui a proposito lembrar o que diz um sabio sobre as difficuldades e perigos de uma traducção, comparando os valores dos termos e expressões de uma lingua aos varios aromas ou cheiros, que passados de um vaso para outro sempre perdem alguma parte da sua actividade e fragrancia.

Na technologia dos termos, e redacção dos differentes artigos, seguimos a ordem racional e conveniente a cada um. Ao nome da cousa ou objecto segue a etymologia do termo, ou seja grego, latino, francez, italiano, hespanhol, ou inglez, logo a definição adoptada pela sciencia, ou a descripção feita com os traços es-

senciaes e caracteristicos, as divisões, classificações, usos, applicações, etc. Os artigos, quando a necessidade, ou a conveniencia o pedem, terminam por uma noticia historica, que elucida a natureza, origem, progressos, e utilidades de cada sciencia, arte, mister, o que nos aconselhou a dar-lhe o titulo de — *Diccionario technico e historico de pintura, esculptura, architectura e gravura* —.

N'este diccionario excluimos os termos mythologicos, iconologicos, e biographicos, que pertencem em rigor a outras categorias, mas incluimos n'elle os termos geometricos, heraldicos e mineralogicos; porque a geometria e suas applicações formam a linguagem particular das bellas artes em suas variadas relações artisticas; a arte do brazão faz parte do desenho, da pintura e da esculptura ornamental; e o conhecimento das pedras mais ou menos preciosas é indispensavel aos architectos, esculptores e gravadores.

Assim, com todo este trabalho de annos, lucubrações e fadigas, não nos lisonjeâmos de haver composto um bom diccionario: persuadimo-nos sim, que fizemos um serviço ás artes e ao paiz, compondo um livro util, que de futuro poderá ser augmentado e aperfeiçoado por pessoas mais habeis, que se dêem a este genero de estudos.

Initium erudictionis est intelligentia vocabulorum.

FULGENTIUS.

ABREVIATURAS

a.	activo *(verbo)*
adj.	adjectivo
adv.	adverbio
algebr.	algebrico *(termo)*
alven.	alveneo *(termo de)*
anat.	anatomia *(termo de)*
archit.	architectura *(termo de)*
all.	allemão
arithm.	arithmetica *(termo de)*
art.	artigo
augm.	augmentativo
braz.	brazão *(termo de)*
carpint.	carpinteiro *(termo de)*
celt.	celtico
chim.	chimica *(termo de)*
compl.	complexo *(termo)*
des.	desenho *(termo de)*
desus.	desusado
didact.	didactico
diminut.	diminutivo
esculp.	esculptura *(termo de)*
fortif.	fortificação *(termo de)*
fr.	francez
geom.	geometrico ou de geometria *(termo)*
grav.	gravura *(termo de)*
gr.	grego
hebr.	hebraico
h. n.	historia natural
ing.	inglez
it.	italiano
lat.	latino
loc. adv.	locução adverbial
marcen.	marceneiro *(termo de)*
math.	mathematica *(termo de)*
mechan.	mechanica *(termo de)*
milit.	militar
miner.	mineralogia *(termo de)*
mus.	musico ou de musica *(termo de)*
numism.	numismatica
p. a.	participio activo
p. us.	pouco usado
part.	participio
pedr.	pedreiro *(termo de)*

philos.	philosophico *(termo)*
pint.	pintura *(termo de)*
poet.	poetico *(termo)*
pret.	preterito
suff.	suffixo
theol.	theologia *(termo de)*
typogr.	typographia *(termo de)*
v. a.	verbo activo
v. n.	verbo neutro
v. r.	verbo reflexivo
V.	veja
zool.	zoologia
—	diz que se deve repetir o termo que vem no principio do artigo.

DICCIONARIO

TECHNICO E HISTORICO

A

ABA, s. f. do lat. *ala*, permutado o *l* em *b*, fr. *bord*, it. *orlo*, hesp. *borde*, ing. *edge*, extremidade natural ou artificial: — (archit.) peça saliente em obras de carpinteria, alvenaria, cantaria e serralheria, etc.: — facha ou tábua estreita que guarnece os tectos das casas: — sacada do telhado, ou de outras obras de alveneo: — diz-se *aba corrida* quando a sacada é continuada, ou seja de madeira, pedra, ou argamassa: — lamina de ferro que cobre as guardas da fechadura: — no pl. contórnos, terrenos, margens de uma cidade.

ÁBACO, s. m. do lat. *abacus*, que vem do gr. *abax*, fr. *abaque*, it. e hesp. *abaco*, ing. *abacus*, especie de bufete ou aparador que os antigos empregavam em diversos usos: — (archit.) parte superior, ou corôa dos capiteis e pilastras; é perfeitamente quadrado em sua planta no capitel toscano, dorico e jonico antigo, mas é concavo em porção de circulo nas faces, e chanfrado nos quatro angulos, no capitel corinthio, composito e jonico moderno, executado por Miguel Angelo, e Scamozzi, que o imitaram do templo da Concordia, e de outros templos antigos. Ao *ábaco* do capitel toscano chama Vitruvio tambem *plintho*, porque, não sendo ornado de molduras, como o são os capiteis das outras ordens, assimilha-se em ser quadrado ao plintho das bases.

O *ábaco* variou muito em suas proporções e fórmas nas construcções da edade media. V. *Diction. raisonné de l'archit. de Viollet-le-Duc*, tom. I. París, 1858.

O *ábaco* significava tambem uma tábua de pedra ou madeira rectangular, coberta de cêra ou areia, em que os antigos geometras traçavam suas figuras. O *ábaco* de *Pythagoras* é a tábua de multiplicação e de calculo.

ABÁCULO, s. m. diminut. de *ábaco*, pequeno bufete ou aparador: — (archit.) pequeno tijolo ou cubo de vidro, ou de outra composição imitando pedra, pintado de differentes côres, e applicado em peças embutidas nos pavimentos de mosaico, como se vê no antigo pavimento da egreja da Santa Cruz de Jerusalem em Roma.

ABAIXADA, adj. (braz.) na arte do brazão são as azas que têem a ponta para baixo; as azas fechadas da aguia, e a palla, vergueta e asna, que não toca o chefe do escudo.

ABAIXAMENTO, s. m. do lat. *depressio*, Vitr. fr. *abaissement*, it. *abbassamento*, hesp. *abajamiento*, ing. *diminution*, diminuição de altura: — (archit.) abatimento de uma parede, janella, arco.

ABAIXAR, v. a. lat. *deprimere*, fr. *baisser*, it. *abbassare*, hesp. *abajar*, ing. *to lower, or to cut.*, (archit.) diminuir a altura de um arco, muro, janella.

ABALANÇADO, V. *Balançado*.

ABALANÇAR, V. *Balançar*.

ABALAUSTRADO, A, p.p. de abalaustrar, e adj. ornado de balaustres.

ABALAUSTRAR, v. a. (archit.) pôr, ou ornar de balaustres as janellas, balcões, terrassos. V. *Balaustre.*

ABALIZADOR, s. m. do lat. *finitor,* fr. *arpenteur,* it. *misuratore,* hesp. *medidor,* ing. *surveyor,* (archit.) o que abaliza, o que mede a superficie dos terrenos. V. *Agrimensor.*

ABALIZAR, v. a. lat. *metiri,* fr. *arpenter,* it. *misurare,* hesp. *medir,* ing. *to survey,* (archit.) medir a superficie dos terrenos, collocar balizas, demarcar o campo, a área, ou logar proprio para edificar, ou para circumscrever terrenos.

ABANCADO, A, p. p. de abancar, e adj. sentado ou guarnecido de bancos: — Os cavouqueiros chamam pedra do *abancado* áquella que é arrancada do ultimo banco inferior da pedreira, e que é menos clara e mais ordinaria. V. *Banco.*

ABARRACAMENTO, s. m. (archit. milit.) logar cheio de barracas: — tendas ou pavilhões destinados principalmente para aquartelar soldados: — acampamento militar em tempo de guerra: — especie de edificação ligeira que pertence á estrategia militar.

ABARRACAR, v. a. armar barracas, e n'ellas tomar logar. V. *Barraca.*

ABATER, v. a. do fr. *abattre,* lat. *evertere,* it. *abbattere,* hesp. *abatir,* ing. *to demolish,* (archit.) arruinar, demolir um edificio, uma parede, uma casa.

ABATIMENTO, s. m. do lat. *demolitio,* it. *abbattimento,* hesp. *abatimiento,* (archit.) demolição de um edificio, ou de parte d'elle, ou de outra qualquer edificação: — arrancamento de pedras na pedreira. V. *Demolição.*

ABAULAMENTO, s. m. lat. *arcus,* fr. *bombement,* it. *curvità,* hesp. *curvadura,* ing. *swelling,* curvidade, convexidade: — (archit.) elevação de um arco acima da corda, que é sempre menor do que a semi-circumferencia: — arco abatido nas abobadas: — superficie curva, de que os calceteiros e empedradores usam para o escoamento das aguas de cada lado das ruas e calçadas.

ABAULAR, v. a. do lat. *arcum describere,* it. *fare in arco,* fr. *bomber,* hesp. *corvar,* (archit.) formar uma linha curva, mais ou menos convexa: — dar a fórma de bahú, ou de volta abatida.

ABBADIA, s. f. do lat. *abbatia,* deriv. do heb. *ab,* pai, gr. e lat. *abbas,* fr. *abbaye,* ing. *an abbey,* (archit.) toma-se, ou pela casa do abbade, ou pelo mosteiro e habitação de monges. Nos primeiros seculos os monges viviam em cavernas, ruinas, e barracas separadas, em sitios ermos e agrestes; com o andar dos tempos, e a principiar do seculo IV, e em toda a edade media, edificaram casas mais ou menos regulares, mosteiros, e conventos, seguindo o gosto da architectura propria e contemporanea. É notavel o plano da abbadia de S. Gallo, edificada no seculo IX, de que ainda existe o plano enviado por um desenhador ao abbade Gozbert, que Mabillon julga ser feito pelo abbade Eginhard, director das obras na côrte de Carlos Magno, desenho que *Viollet-le-Duc* offerece no seu diccionario. Vê-se n'este desenho que a egreja toma grande parte da área, que tem dois absides oppostos, côro, altar de Santa Maria, e S. Gallo — com uma especie de galeria em torno, e varios outros altares, confessionarios, fontes baptismaes, escola, officinas, etc. V. o dito *Diction.,* tom. I, p. 241, art. *archit. monastique,* París, 1858. V. *Convento, Mosteiro.*

ABELHEIRA, s. f. casa de abelhas. Os architectos e estatuarios chamam *abelheiras* aos buracos, que apparecem nas pedras e marmores, pela similhança que têem com os buracos, que fazem as abelhas para entrada das casas, que fabricam em troncos de arvores.

ABERTO, A, p. p. de abrir, (archit.) diz-se cano *aberto,* janella *aberta,* etc.

ABERTURA, s. f. do lat. *apertura,* fr. e it. *baye* ou *baie,* hesp. *abertura,* ing. *gap,* (archit.) rasgamento, abertura de portas, janellas, frestas, canaes.

ABESANTADO ou ABESENTADO, A, p. p. de abesantar ou abesentar e adj. V. *Besentado, a.*

ABESENTAR, v. a. (t. de braz.) ornar de besantes. V. *Besante.*

ABÉTE ou ABÉTO, s. m. do lat. *abies* ou *sapinus*, fr. *sapin*, it. *abete*, hesp. *abeto*, ing. *a fir-tree*, arvore gigantesca, similhante ao pinheiro, resinosa, e sempre verde; é muito util para construcções civis e navaes, havendo algumas nos Estados Unidos que excedem a 30 metros de altura; d'ella se extrahe a terebinthina, que tem grande applicação em obras artisticas.

ABETUMADO, A, p. p. de abetumar, e adj. V. *Betumado*.

ABETUMAR, v. a. V. *Betumar*.

ABOBADA, s. f. do b. lat. *abbóbuta*, ou *fornix*, fr. *voute*, it. *volta*, hesp. *boveda*, ing. *vault*, (archit.) construcção levantada em arco, ou sobre linhas curvas, cujas extremidades são perpendiculares ao solo, e é formada de alvenaria, rosca de tijolo, ou composta de pedras em fórma de cunhas, que se sustentam mutuamente: á primeira d'estas pedras perpendiculares chama-se *pé-direito da abobada*, e á do meio, que sustem todas as outras, *chave da abobada*.

As abobadas têem differentes denominações, segundo as diversas curvas e os logares que occupam.

Ha abobadas de um só centro, e abobadas de muitos centros: as primeiras, formadas de uma só abertura de compasso, partindo de um só centro, descrevem sempre uma porção de circulo; as outras, formadas sobre uma successão contigua de pontos ou de centros differentes, cuja curva é procedida da ellipse, compõem-se de duas porções de circulo, tendo cada uma seu centro particular, e separado, assim:

Abobada de um só centro, ou de *volta de berço*, é a que se forma sempre ou de um semicirculo perfeito, ou de uma porção de circulo, como são as grandes abobadas que se observam n'alguns edificios; e é a esta qualidade de *abobada* que Vitruvio chama propriamente *fornix*, e nós chamâmos tambem *abobadas-mestras*, para as differençar das pequenas abobadas que cobrem portas, sacadas, etc.

Abobada de canudo, ou de *tubo*, a que tambem chamam *cylindrica*, é a que se comprehende entre duas linhas parallelas, sendo mais estreita n'uma extremidade, e mais larga na outra, como é a abobada da grande escada do Vaticano.

Abobada abatida, ou de *volta de Sarapanel*, ou de *aza de cesto*, é aquella cujo arco é uma secção de ellipse sobre a sua mais longa dimensão: lat. *fornix delumbata*.

Abobada elevada é a do arco de uma secção da ellipse sobre a sua dimensão mais estreita, ou a que é mais alta que o semicirculo, como se pratica na maior parte das abobadas das egrejas modernas: lat. *fornix elatior*.

Abobada de luneta é a que em seu comprimento é atravessada por *lunetas* directamente oppostas, ou para impedir o avançamento, ou para dar claridade: lat. *fornix lunulata*.

Abobada obliqua, ou de *lado*, ou de *escarção* é a que não tem as paredes lateraes em esquadria com os pés-direitos da entrada: lat. *fornix obliqua*.

Abobada rampante é a que fica inclinada ao horisonte, seguindo parallelamente a descida de uma escada: lat. *fornix declivis*.

Abobada espherica é a circular em sua planta e perfil, a que os praticos chamam de *bôca de forno*, ou de *barrete de clerigo*: lat. *testudo*.

Abobada de caracol, ou *espiral*, é a abobada espherica ou elliptica, abatida, ou elevada, cujas fiadas são postas em espiral, e não de nivel: lat. *testudo cochlearis*.

Abobada de aresta é a formada pelo encontro de quatro lunetas iguaes, ou de dois berços que se cruzam: lat. *fornix angulata*.

Abobada em arco de claustro é a formada por quatro porções de circulo, cujos angulos são reintrantes; a que tambem chamam *abobada de angulo*: lat. *camera*.

Abobada ogival é a composta por arcos de circulo dobrados que se cortam; e tem differentes nervuras, que se chamam — *rincão, arco dobrado, cruzamento de ogiva, lierne, terciarão, pendentes*. Chama-se tambem a esta *abobada gothica*, ou *á moderna*.

Abobada em divisões é a que na aduella, ou paramento interior, é ornada de almofadas de esculptura, separadas por platibandas. Estas divisões, ou repartimentos, que são de differentes figuras, segundo as abo-

badas, e doiradas sobre fundos brancos, se fazem de estuque sobre tabique, como se vê no resto do templo da Paz, e em S. Pedro de Roma.

Do systema adoptado pelos romanos para abobadar seus edificios, se serviram os architectos da edade media, para chegarem a construir abobadas inteiramente novas, que applicavam a todos os planos. V. *Diction. de Viollet-le-Duc*, tom. III e IX.

Os nossos templos da Batalha e de Belem, assim como o de Mafra, e outros, romanos e gothicos, offerecem variados exemplos d'estas construcções. A *abobada* do vestibulo do novo palacio da Ajuda, e a *abobada* ultimamente construida do arco triumphal da praça do Commercio, são obras notaveis n'este genero, e dignas de muitos louvores.

ABOBADADO, A, p. p. de abobadar, e adj. formado de abobada, ou á feição de abobada.

ABOBADAR, v. a. formar abobada, fechar em abobada, construi-la sobre um massiço de alvenaria, ou sobre os cimbrios, com pedras cuneiformes, ou com tijolo revestido de tabique. Devem-se preferir, segundo os logares, as abobadas aos tectos de esteira, porque têem mais elevação e solidez: lat. *concamerare*

ABOBADASINHA, s. f. diminut. de abobada: hesp. *bovedilla*, pequena abobada.

ABOBADILHA, s. f. diminut. de abobada: abobada formada de gesso, e de tabique.

ABRAÇADEIRA, s. f. do hesp. *abrazadera*, fr. *embrassure*, (archit.) lamina grossa de ferro em esquadria, com que se seguram as vigas do madeiramento, e as paredes dos edificios. V. *Ferrolho, Grampo.*

ABRIDO, A, p. p. (ant.) de abrir. V. *Aberto, a.*

ABRIDOR, s. m. do lat. *cœlator*, fr. *graveur*, it. *intagliatore:* o artista que abre ou grava em chapa de madeira ou metal, em relevo ou cavado. «*Empregado como entalhador, e abridor de relevo*». Cyr., *Coll. de Mem.*, pag. 246. V. *Gravador.*

ABRIR, v. a. do lat. *aperire* ou *cœlare*, (esculpt., archit. e grav.) *abrir* ou descobrir as feições da estatua, *abrir* os olhos, *abrir* a bôca, etc.; *abrir* os alicerces ou alicerces, para sobre elles se fundar e levantar o edificio; *abrir* ou gravar ao buril letras, ornamentos, figuras, etc. V. *Gravar.*

ABRONZADO, A, ou ABRONZEADO, A, adj. côr imitando o bronze. V. *Bronzeado.*

ABRONZAR ou ABRONZEAR, v. a. V. *Bronzear.*

ABSCISA ou ABSCISSA, s. f. do lat. *abscissus*, de *abscindor*, cortar, fr. *abscisse*, (geom.) qualquer parte do eixo ou do diametro de uma curva, comprehendida desde um ponto fixo, onde começam todas as *abcissas* até á curva. A *abscissa*, e a *ordenada* que lhe corresponde, consideradas juntamente, chamam-se *coordenadas da curva.*

ABSIDAL, adj. dos dois g., que tem fórma ou similhança de abside.

ABSIDE ou ABSIS. V. *Hemicyclo.*

ABSIDE ou APSIDE, s. m. do gr. *absis*, fórma de arco ou de abobada: — (geom.) linha que se tira na ellipse: — (archit.) O *abside* nos edificios romanos era o ambito ou recinto semicircular, em que terminava uma grande casa, ou tribunal, *(basilica)* com o espaço necessario para se sentarem os juizes, como se vê nos restos de um templo edificado em Roma pelo imperador Adriano. O *abside* entre os escriptores ecclesiasticos denota a parte interior das egrejas antigas ou basilicas christãs, que tambem de ordinario rematavam em figura de hemicyclo, e comprehendia duas partes, o côro, e o sanctuario: o côro, destinado para assento do clero, tinha ao meio, na parte mais longa, o throno ou cadeira do bispo; o sanctuario era situado na parte opposta em frente da nave, da qual se separava por uma grade; no meio do sanctuario via-se levantado o altar, e junto um pulpito; sobre o altar estava o ciborio, ou sacrario, servindo-lhe de pavilhão o baldequino, sustentado por columnas, etc. Algumas egrejas edificadas na edade media, e ainda depois, apresentam *absides* terminando em paredes rectangulares, ou em lanços cortados, em vez de curvas, e até usaram de *absides* nas capellas, a que chamavam *capellas absidaes*, taes são as das cathedraes de Reims e de Amiens.

A capella mór da nossa egreja de

S. Vicente de Fóra, e a do convento de S. Domingos de Bemfica terminam em fórma de *abside*. V. *Diction. de Chambers*, tom. I, e o de *Viollet-le-Duc*, tom. I.

ABSIDES, s. m. pl. (archit. e esculpt.) oratorios occultos conservados na parte posterior do altar mór; — relicarios, ou logares em que se guardavam as reliquias dos santos, e chamavam-se assim por serem redondos ou abaulados, feitos de madeira, marfim, prata ou oiro, e collocados sobre os altares.

ACABADO, A, p. p. de acabar, e adj. terminado, perfeito, primoroso.

ACABAMENTO, s. m. do fr. *achevement*, lat. *perfectio*, it. *finimento*, hesp. *acabamento*, ing. *perfecting*, (t. compl.) é termo muito usado na linguagem das bellas artes, e quer dizer que um quadro, uma estatua, uma gravura, etc., chegou ao fim, ou a cabo, que recebeu a ultima demão, ou o seu complemento e perfeição.

ACABAR, v. a. do fr. *achever*, lat. *perficere*, it. *finir*, hesp. *acabar*, ing. *to perfect*, chegar a cabo, dar fim, dar a ultima demão, concluir e aperfeiçoar a obra em qualquer ramo de bellas artes. É contrario á natureza, e ao bom gosto, o *acabar* com excesso uma obra de pintura, de modo que fique languida e secca, ou fria no colorido, ou fazendo sobresaír os objectos assombreados como se estivessem expostos á luz: o *acabamento* de um quadro, ou de uma obra de esculptura, deve sempre referir-se á sua grandeza e destinação: um grupo colossal estará *acabado*, quando assim corresponder ao ponto de vista d'onde ha de ser observado: um pequeno quadro, que se ha de ver de perto, estará *acabado*, quando satisfazer a vista do observador intelligente, pela conveniente indicação e aperfeiçoamento de todas as suas partes: o grande effeito produz-se em pouco tempo; o grande merito consiste em conseguir muito com pouco, e é sempre preferivel o bello facil ao bello *acabado* com excessivo trabalho.

ACADEMIA, s. f. em gr., lat., it. e hesp *academia*, fr. *academie*, ing. *academy*. Este termo significa:

1.º A bella casa ou escola situada nos arrabaldes de Athenas, em logar ameno e aprazivel, dado aos philosophos por *Academo*, onde Platão ensinou philosophia, e depois d'elle outros philosophos, de que successivamente nasceram differentes escolas;

2.º Sociedades diversas, ou congressos de pessoas doutas, que cultivam e promovem os estudos scientificos, litterarios e artisticos;

3.º Escolas publicas em que se instrue e exercita a mocidade na theoria e pratica das sciencias, das letras e das artes.

4.º Em relação ás escolas, ou academias de bellas artes, deixando a historia e progressos da arte antiga, só diremos que, depois da invasão dos barbaros, apenas em Constantinopla se conservou uma sombra das artes do desenho, que no seculo XI começou a diffundir-se pela Italia. Uma das mais antigas sociedades de artistas foi a dos padres *gaudentes* em Florença no fim do seculo XIII: Gioto no principio do seculo XIV fundou ahi a primeira academia das tres artes.

A academia romana, intitulada *Academia de S. Lucas*, fundada em Roma por Jeronymo Muciano, pintor famoso, que a constituiu herdeira universal de seus bens, e que os Papas Gregorio XIII e Sixto V confirmaram e protegeram com a sua auctoridade, é talvez uma das mais antigas e celebres academias de bellas artes. Em 1665 tendo Luiz XIV estabelecido em Roma uma academia de pintores francezes, de que Errard foi o primeiro director, desejou a academia romana, e conseguiu unir-se a ella, e como prova de quanto o estimava, elegeo para seu principe, ou presidente, a Carlos le Brun, distincção honrosa que a academia romana até então não havia concedido a estrangeiros. Luiz XIV acceitou e confirmou a reunião d'estas duas academias em 1676.

A fundação da academia real de pintura e de esculptura de París data do anno de 1648; ella era especialmente encarregada do ensino publico da pintura e da esculptura; seus membros tinham a prerogativa de as exercer de um modo liberal, sem estarem sujeitos aos regulamentos da corporação dos mestres pintores, formando assim na sociedade a classe de artis-

tas, differente da dos artifices, ou artesanos.

O numero dos artistas era illimitado, e bastava para ser addido á academia apresentar um quadro, ou uma estatua digna de seus votos; mas o admittido era obrigado, passados tres annos, a produzir uma segunda obra para ser recebido por academico, sendo necessario para isso obter a pluralidade dos votos.

Em conformidade dos seus estatutos, a academia admittia como membros honorarios um certo numero de amadores escolhidos nas altas classes da sociedade.

A architectura tambem tinha em París uma academia real estabelecida em 1671, pelos cuidados e influencia de Colbert, que foi o seu primeiro director, na qualidade de superintendente dos edificios da corôa.

Estas duas academias extinctas, como as mais, na epocha da grande revolução de França, foram restabelecidas em parte, incluindo-as na 4.ª classe do Instituto, hoje designada com o titulo de academia das bellas artes.

A academia das bellas artes de Madrid, intitulada academia de S. Fernando, foi estabelecida em 1744 por Filippe V; dois annos depois Fernando VI dotou-a com 12:000 pesos, e protegeu-a e aos seus professores com extraordinaria liberalidade. A academia de Sevilha é muito mais antiga, porque foi aberta por Murillo em 1666.

A academia de Londres foi estabelecida em 1769.

Lisboa viu tambem erigir-se, no anno de 1609, a confraria de S. Lucas em o convento da Annunciada, sendo o compromisso approvado pelo arcebispo D. Miguel de Castro. Esta confraria, em conformidade dos estatutos, admittia no seu gremio pintores, esculptores, architectos e gravadores, e dava varias providencias sobre beneficencia e regulamento pessoal, porém não tratava de academia, nem do melhoramento das bellas artes, e era uma prova do atrazamento em que ellas se achavam em Portugal. Seguindo-se á guerra da successão a da independencia, na verdade só houve occasião de as promover depois da paz de Utreck em 1715, começando El-Rei D. João V por estabelecer as academias de historia, poesia e geometria.

No anno de 1780, por diligencias de Cyrillo Volckmar Machado, pintor historico, a quem tambem devemos estas memorias, se abriu em Lisboa a primeira academia para o estudo do *nú*, a qual tendo soffrido varias mudanças e alternativas por ser sustentada á custa de professores, e de outras pessoas particulares, veiu a acabar pelos fins do seculo passado. Igual sorte coube á sobredita confraria de S. Lucas no anno de 1808.

O governo, porém, nunca descurou inteiramente a cultura das artes do desenho, estabelecendo differentes escolas. Em 1750 estabeleceu em Mafra a primeira escola de esculptura, sob a direcção do estatuario romano Alexandre Giusti; em 1768 a de gravura addida á impressão regia, dirigida por Joaquim Carneiro da Silva; em 1771 outra de esculptura em Lisboa, encarregada a Joaquim Machado de Castro; e em 1781 a de desenho de figura, e architectura civil. Depois do anno de 1820 erigiu-se o atheneo de bellas artes, regido por Domingos Antonio de Sequeira, cujo estabelecimento teve pouca duração. Os seus estatutos têem a data de 25 de março de 1823.

Finalmente pelo decreto de 25 de outubro de 1836, no reinado da senhora D. Maria II, ordenou o governo se creasse a academia de bellas artes de Lisboa, supprimindo as antigas aulas, e dignando-se Sua Magestade a Rainha, e seu augusto esposo, o senhor D. Fernando de Saxonia, assumir o titulo de seus protectores.

Os estatutos da academia, approvados na mesma data, declaram que o objecto immediato do estabelecimento é unir em um só corpo de escola todas as bellas artes, com o fim de facilitar os seus progressos, de vulgarisar a sua pratica, e de a applicar ás artes fabris; e que a escola academica consta dos estudos do desenho, da pintura, da architectura, da esculptura e da gravura.

O corpo academico é composto de

um inspector geral, que é sempre o ministro e secretario d'estado dos negocios do reino, um vice-inspector, um director geral, e um secretario, dos professores proprietarios das differentes aulas, e dos professores substitutos, dos academicos honorarios e dos academicos de merito.

A academia, pois, estabelecida no extincto convento de S. Francisco da Cidade, foi aberta em fevereiro de 1837, sendo inspector geral o ministro d'estado Manuel da Silva Passos, vice-inspector o conde do Farrobo, director geral o dr. Francisco de Sousa Loureiro, professores Joaquim Raphael, Antonio Manuel da Fonseca, André Monteiro da Cruz, Francisco de Assis Rodrigues, João Pires da Fonte, Domingos José da Silva, Benjamin Comte, Caetano Ayres de Andrade, José Francisco Ferreira de Freitas, Constantino José dos Reis, e José da Costa Sequeira, substituto de architectura, servindo de secretario.

Na cidade do Porto estabeleceu-se tambem pelo decreto de 22 de novembro de 1836 uma academia com o titulo de academia portuense de bellas artes, debaixo dos mesmos auspicios, e protecção de Suas Magestades, presidida pelo mesmo ministro Manuel da Silva Passos. Os estatutos são modelados pelos da academia de Lisboa.

A academia de bellas artes do Rio de Janeiro foi creada por decreto de 12 de agosto de 1816; mas só funccionou em dezembro de 1826, sendo o seu primeiro director Mr. Lebreton, membro do instituto de França, e successivamente dirigida por Henrique José da Silva, por Mr. Felix Emilio Taunay, e pelo commendador, hoje barão de Santo Angelo, o ex.mo sr. Manuel de Araujo Porto Alegre, actual consul geral do Brazil residente em Lisboa.

ACADÉMIA, s. f. Dá-se o nome de *Académia* a uma figura desenhada, modelada, ou pintada do natural, ou pelo modelo vivo, na sala ou escola da academia, d'onde parece que tomou o nome, por serem ahi feitos e expostos esses estudos.

ACADEMIAR, v. a. (p. us.) proceder como academico, discursar ou proceder em estylo academico.

ACADEMICO, s. m. do latim *academicus*, o socio ou membro de qualquer academia: nas das bellas artes ha ordinariamente duas classes de academicos: *academicos honorarios*, e *academicos de merito;* estes são artistas distinctos por suas obras, e aquelles são pessoas notaveis pela sua representação, credito publico e conhecimentos litterarios.

ACADEMISTA, s. m. (p. us.) do lat. *academista*, alumno de uma academia, discipulo que frequenta suas aulas.

ACAFELADOR, s. m. o que reboca ou estuca as paredes, o que acaféla (desus.)

ACAFELAR, v. a. (desus.) do arabe *caffalá*, tapar ou rebocar a parede com cal e gesso.

ACANALLADURA, s. f. do lat. *striatura*, it. *scanalatura*, fr. *canneture*, cavidade, em fórma de canal ou rego.

ACANALLAR, do lat. *striare*, it. *canalare*, fr. *canneler*, (archit.) fazer canalluras, meias canas, ou estrias em columnas e pilastras. V. *Canal*, *Canallar*.

ACANELLAR, v. a. dar ou imitar a côr de canella.

ACANTHICO, A, adj. (archit.) o que é similhante á folha do acantho.

ACANTHO, s. m. do gr. *akantha*, espinho, lat. *acanthus*, it. *acante*, fr. *acanthe*, (archit.) ornamento de architectura, que se assimilha á folha do acantho, e serve para ornar principalmente os capiteis, os frisos e cornijas: é uma planta de folhas largas refendidas, e de um caracter elegante, a que Vitruvio chama *branca-ursina*. Duas são as especies de *acantho*, um cultivado, outro silvestre. Os esculptores gothicos serviram-se do ultimo, que não é tão bello: o *acantho* cultivado é mais refendido, mais recortado, e produz melhor effeito. D'elle se serviram os esculptores gregos para decorarem o capitel corinthio, inventado por Callimaco, que, segundo se refere, concebeu esta idéa á vista de uma planta de acantho, sobre a qual se havia posto um cesto, que obrigou as hastes e folhas da mesma planta a guarnecel-o, e a ornal-o agradavelmente.

Os arcos de Tito e de Septimio Severo offerecem exemplos do acantho

cultivado em os capiteis compositos ou romanos. Nas ruinas dos monumentos da Grecia se encontram capiteis corinthios ornados com as folhas do acantho cultivado. Entre nós tambem foi e é igualmente usado em varios capiteis de edificios publicos.

ACANTONADAS, adj. pl. (braz.) São quatro peças pequenas gravadas nos quatro cantos do escudo.

A CAPRICHO (loc. adv.) V. *Capricho.*

ACASTANHADO, A, adj. cousa imitante a côr de castanho, ou castanha.

AÇAFROADO, A, p. p. de açafroar, e adj. o que tem ou imita a côr de açafrão.

ACÇÃO, s. f. do lat. *actio*, it. *azione*, fr. e ing. *action*, hesp. *accion*, (pint. e esculp.) termo generico que exprime o feito ou assumpto geral de um quadro, de um grupo, ou de uma só figura. A regra de toda a acção é a simplicidade e a unidade:

... sit, quodvis, simplex dumtaxat et unum

regra que Horacio nos dá na sua poetica, e que deve ser observada pelos artistas que aspiram á perfeição. Não deve porém confundir-se a significação d'este vocabulo abstracto e generico com o de *acto* e *attitude*, que são vocabulos concretos, e têem significações differentes, aindaque na linguagem vulgar pareçam quasi synonymos. V. *Acto*, *Attitude.*

ACCESSORIAMENTE, adv. por additamento, como episodio, etc.

ACCESSORIO, A, adj. que se acrescenta ao principal, ou d'elle depende, emblema *accessorio*, casa *accessoria.*

ACCESSORIO, s. m. do lat. *accessio*, fr. *accessoire*, (pint., esculp. e archit.) objecto, que não sendo essencial á composição do sujeito principal, serve para o tornar mais interessante, expressivo e util.

Os *accessorios* em pintura e esculptura não só servem para esclarecer a intelligencia do assumpto por meio dos trajos, moveis, armas, ornamentos, utensilios, plantas, etc., mas tambem ajudam a formar o equilibrio dos grupos e das massas, a estabelecer os repousos, e a auxiliar a harmonia e bom effeito do colorido.

Em architectura os *accessorios*, ou *partes accessorias*, são as que, não constituindo o todo de um palacio, ou de qualquer edificio, concorrem comtudo para as commodidades, grandeza e bem estar de quem o habita; taes são as casas para creados, as cavallariças, cocheiras e outras, que ficam separadas do edificio principal.

ACCIDENTADO, A, adj. (archit.) diz-se do terreno desigual, cortado de montes e outros accidentes.

ACCIDENTE, s. m. do lat. *accidens*, fr. e ingl. *accident*, it. e hesp. *accidente*, (pint.) *accidente de luz:* tal é a luz formada pelos raios do sol, passando entre nuvens; tal a que entra por uma janella ou fresta, ou é produzida por uma lampada ou facho, que toca alguma parte dos objectos alumiados pela luz principal.

Estes *accidentes* sendo bem entendidos e executados, produzem n'um quadro admiravel effeito. Sirvam de exemplo os *accidentes de luz* do quadro da *Transfiguração* de Raphael, e os das obras de Rembrandt.

Os *accidentes moraes*, que nascem das paixões, são innumeraveis, e os seus effeitos, tanto na pintura, como na esculptura, devem ser estudados com o maior cuidado e desvelo.

ACCIONADO, A, p. p. de accionar, e adj. gesticulado, acompanhado de acção.

ACCIONADOR, s. m. o que gesticúla ou acciona quando falla.

ACCIONAR, v. a., do ablat. lat. *actione*, e *ar*, des. inf., (pint. e esculp.) gesticular, acompanhar o discurso com acções convenientes e gestos proprios á materia de que se falla, e aos affectos e paixões que se querem exprimir. Aconselham os mestres de bellas artes, que devem estudar-se com grande attenção os modos e maneiras de *accionar*, de que usam os mudos, para se fazerem entender, a fim de que os artistas possam conhecer a natureza dos gestos e movimentos da sua linguagem muda, para os applicarem á verdadeira expressão das obras d'arte.

ACCOMMODAÇÕES, V. *Cómmodos.*

ACCOMMODADO, A, p. p. de accommodar, e adj. ajustado, apropria-

do; espaço *accommodado* ao edificio, côr *accommodada* ao effeito.

ACCOMMODAMENTO, s. m. V. *Ajustamento.*

ACCOMMODAR, v. a., do lat. *accommodare*, fr. *accommoder*, it. *adattare*, hesp. *acomodar*, ing. *to acommodate*, (pint., esculp., archit.) ajustar, e apropriar uma cousa a outra, segundo as conveniencias e proporções. O pintor tem de *accommodar* ou ajustar os pannejamentos, os attributos, e as côres ao sujeito que se propõe representar. «Pintando um rosto formoso da terra, lhe *accommodassem* côres, e attributos celestes.» *Côrte na aldeia*, Dial. 5, pag. 107. Outro tanto, com as devidas differenças, deve fazer o estatuario e o architecto: este *accommodando* o edificio, suas divisões, e dependencias ao fim da sua destinação, e aquelle *accommodando* e apropriando as feições, as vestes e accessorios ao sujeito proposto, e mesmo toda a composição aos fins e locaes que lhes são determinados.

ACCUSADO, A, p. p. de accusar, e adj.

ACCUSAR, v. a., do lat. *accusare*, fr. *accuser*, descobrir, declarar: — (pint. e esculp.) *accusar o nú*, phrase de que usam os artistas para exprimir a bella condição que guardam as obras de esculptura que nos legou a antiguidade, deixando entrever e descobrir as fórmas, as proporções e os movimentos do nú nas estatuas cobertas de roupas, condição que os esculptores e pintores habeis têem seguido em suas obras, por ser conforme á natureza e ao bom gosto.

ACEPILHADOR, s. m. o que acepilha, lima, alisa.

ACEPILHADURA, s. f. (p. us.) acção de alisar, acepilhar, ou os effeitos que d'ahi resultam.

ACEPILHAR, v. a. do hesp. *acepillar*, (esculp.) trabalhar com o cepilho, plaina ou rebote, alisando e polindo o que é aspero e escabroso, como tambem fazem os entalhadores e esculptores (p. us.).

ACERADO, A. p. p. de acerar, e adj.

ACERAR, v. a. do lat. *chalybe durare*, fr. *acerer*, it. *temperar con acciajo*, hesp. *acerar*, calçar, ou pôr aço em ferramenta ou instrumentos de ferro, para cortarem.

ACEREJADO ou ACEREIJADO, A, p. p. de acerejar ou acereijar, de côr de cereja.

ACEREJAR ou ACEREIJAR, v. a. dar ou usar da côr de cereja, ou brunir uma cousa de sorte que pareça polida como esta fructa.

ACHA DE ARMAS, (braz.) significa na armaria um feixe de varas, do qual sáe na sua extremidade uma machadinha de ferro: — arma usada pelos lictores romanos.

ACHARÃO, V. *Xarão.*

ACHAROAR, e seus deriv. V. *Axaroar.*

ACHOCALHADO, A, adj. (braz.) diz-se na armaria de todo o animal, que tem chocalho de differente esmalte.

ACHROMÁTICO, A, adj. do gr. *a* privativo, e *chroma*, côr, (opt.) dá-se este nome á destruição da variedade de côres, que resulta da decomposição da luz.

Telescopio *achromatico* é o que representa os objectos sem as côres do iris. Chama-se assim a um prisma, que divide a luz sem mostrar as côres.

ACHROMATISAR, v. a. (opt.) destruir a variedade das côres que se observam na imagem de um objecto, examinando-o por lentes de vidro proprias, chamadas *achromaticas.*

ACIDO NITRICO. V. *Aguaforte.*

ACORDAR, v. a. do it. *accordare*, fr. *accorder*, (pint., esculp. e archit.) afinar, ajustar, unir com arte as partes entre si, tanto pelo que respeita á composição, como pelo que toca ao colorido.

ACORDE, adj. dos dois g. concorde, harmonico, segundo as regras da arte.

ACORDO, s. m. do it. *accordo*, fr. *accorde*, (pint., esculp. e archit.) ainda que este vocabulo pareça particularmente applicavel ás obras da bella arte da pintura, e principalmente no que diz immediato respeito ao claro escuro e colorido, elle é tambem extensivo ás da estatuaria e da architectura; porque em todas deve haver e reinar uma tal escolha de partes, justeza de proporção, afinação e harmonia de tons, que d'elles possa resultar um perfeito *acôrdo.*

Estas expressões de *acôrdo*, harmonia, e outras equivalentes, transferidas do vocabulario technico da musica para o da pintura, e mais artes do desenho, são na verdade muito apropriadas, e de muito facil comprehensão. O *acôrdo* principal consiste na composição, na expressão, no todo ou complexo de suas partes, que é commum a todas as artes de imitação, mórmente ás do desenho.

AÇO, s. m. do lat. *acies*, fr. *acier*, it. *acciajo*, hesp. *acero*, ing. *steel*, (chim.) ferro carbonado, que por meio da tempera se faz o mais rijo de todos os metaes: serve para os cortar e trabalhar, e tem muitos usos e applicações nos officios e artes; na de gravura não só lhe prepara os buris, mas tambem lhe offerece chapas polidas e finissimas, em que se gravam objectos muito delicados.

ACORUCHADO, A, adj. de fórma do coruchéo: telhados *acoruchados*, feitos com quatro faces, e tão elevados ou empinados, que se não póde andar por elles. V. *Coruchéo*.

ACROTERIOS, s. m. do gr. *akroterion*, lat. *acroteria*, fr. *acroteres*, hesp. *acrotera*, ing. *acroters*, (archit.) extremidades, ou remates dos telhados, ou tambem pequenos pedestaes, quasi sempre sem base e sem cornija, collocados no vertice, e nas extremidades triangulares dos frontões, para sustentarem figuras. Esta especie de ornamentos, diz um auctor moderno, é de mau gosto, e só se acha em edificios levantados nos tempos da decadencia da arte.

Dá-se tambem o nome de *acroterios* aos pequenos corpos massiços, em fórma de pedestal, algumas vezes sobrepostos de estatuas, vasos, trophéus, e outros ornamentos equidistantes, que se vêem nas balaustradas.

ACTO, s. m. do lat. *actus*, o effeito da acção. Como termo d'arte significa a postura ou attitude, em que se expõe nas escolas, ou academias do nú o modelo vivo, para ser copiado pelos que frequentam o estudo do natural. Ordinariamente dura cada um dos *actos* seis sessões de duas horas cada uma: aos professores encarregados d'estes estudos chamam *directores do acto*; a elles toca, não só dar ao modelo vivo a conveniente attitude, mas advertir tambem, e corrigir aos estudantes os seus trabalhos. Cada um d'estes professores ou directores rege o estudo pelo espaço de um mez. O modelo vivo, ou nú, póde e deve ser estudado em desenho, em pintura e em esculptura.

AÇUDE, s. m. do arab. *zud*, ou do heb. *zoub*, d'onde se formou *Azubda*, que é *engenho de fazer correr agua*, regar, lat. *aggir*, fr. *levée*, (archit.) obra de pedra e cal, muito escarpada, ou com grande talude.

ACUNHADO, A, p. p. de acunhar, e *adj.* impresso, gravado: effigie *acunhada*, (braz.) cheio ou coberto de cunhas.

ACUNHAR, v. a. (grav.) gravar, ou imprimir em cunho figura, ornatos, etc. «*Acunhar moeda de couro.*» Bernardes, *N. Flor.*, tom. I, p. 439. V. *Cunhar*, e seus derivados.

ACUSTICA, s. f. do gr. *akouó*, escuto, e *tithémi*, ponho, disponho, fr. *acoustique:* parte da physica e das mathematicas que trata dos sons e do orgão do ouvido. (archit.) Os architectos devem ser instruidos nas regras da acustica, porque da falta d'estes estudos e conhecimentos podem resultar, e têem resultado, graves inconvenientes, como o de construir, sem as necessarias condições d'esta parte physico-mathematica, uma sala ou assembléa, em que se não podessem ouvir bem os discursos dos oradores.

ACUSTICO, A, adj. (phys.) pertencente á theoria do som, e ao orgão auditivo.

ACUTANGULAR, adj. dos dois g. (geom.) que tem angulos agudos.

ACUTANGULO, adj. do lat. *acutus, a, um*, agudo — *angulus*, angulo (geom.) que tem todos os angulos agudos (triangulo).

ADAGA, s. f. do alem. *dagen*, fr. *dague*, it. *daga*, ing. *a dagger*, (braz.) punhal ou arma branca. Na armaria é o movel que representa uma espada curta; *adagas cortantes*, as que tinham os dois gumes cortantes: — *de sovella*, as estreitas em fórma de sovella.

ADAPTAR, v. a. do lat. *aptare*, it. *adattare*, fr. *adapter*, (archit.) em geral significa accommodar, apro-

priar qualquer parte a um todo. Em particular, é apropriar em architectura a parte de um ornamento a algum corpo, o que se faz muitas vezes por meio de incrustação, ou por applicação. «*O mestre adaptará a connexão das figuras.*» Varella Numi, voc., p. 193.

ADEGA, s. f. deriv. do lat. *apotheca*, do gr. *apothéké*, (archit.) logar, casa, ordinariamente subterranea, com as convenientes condições, em que se guardam vinhos, azeites e outras provisões. V. *Cava.*

ADEMÃES ou ADEMANES, s. m. pl. (*a* pref., *de*, *prep. man*, mão, (pint. e esculp.) gestos, acenos, movimentos com as mãos para exprimir gosto ou desgosto, ou para manifestar qualquer affecto da alma. Tambem ha no sing. *ademane* (p. us.) V. *Mimica*, *Pantomimica.*

ADENTADO, A, p. p. de adentar, e adj. que tem a fórma de dentes, ou talhado em dentes.

ADENTADO, A, (braz.) Na armaria é o que tem ao redor umas pontas em fórma de dentes. «No meio da estrella, e da cabeça uma banda de prata *adentada.*» *Nobil. portug.*, p. 305.

ADENTAR, v. a. (*a*, pref. *dente*, e *ar*, des. inf.) fr. *denteler*, it. *dentellare*, hes. *dentellar*, ing. *to dent*, (archit.) fazer entalhos em fórma de dentes, ou pequenos angulos. V. *Entalhar.*

A DENTES, (loc. adv.) feito á maneira de dentes. V. *Entalhos.*

A DIREITO, (loc. adv.) tirado em linha recta, ou perpendicularmente levantado: — o opposto de *ás avessas.*

ADITO, s. m. do lat. *aditus*, (archit.) entrada, logar por onde se chega a algum sitio. V. *Adyto*, *Vestibulo.*

ADJACENTE, adj. dos dois g., do lat. *adjacens*, fr. *adjacent*, (geom.) *angulos adjacentes* chamam-se os que são formados pelo encontro de duas linhas, e que tem um lado commum.

ADÓBA ou ADOBE, s. m. do arab. *attobi*, lat. *later crudus*, fr. *brique*, it. *mattone*, hesp. *ladrillo*, ing. *brick*, (archit.) tijolo ou ladrilho de terra argillosa, e secco ao sol, não cozido, que se emprega nas paredes e casas. O seu uso remonta á mais alta antiguidade. V. *Ladrilho.*

ADOÇAMENTO, s. m. lat. *suavitas*, hesp. *suavidad*, it. *dolcezza*, fr. *adoucissement*, (pint., esculp. e archit.) acção de modificar e adoçar as partes de um todo. Em *pintura* significa a suavidade e gradação das côres entre si para se tornarem agradaveis á vista: em *architectura* significa o igualamento ou reunião que se faz de um corpo com outro por meio de um chanfro, ou de um caveto, como o escapo do fusto de uma columna, ou quando o plintho de uma base se junta á cornija do pedestal por um caveto: em *esculptura* entende-se pela suavidade e morbidez no empaste das carnes, evitando toda a aspereza.

ADOÇAR, v. a. do lat. *dulcescere*, it. *addolcire*, fr. *adoucir*, ing. *to sweeten.* (pint., esculp. e archit.) *Adoçam-se* as côres, misturando-as, abrandando-as, e graduando as meias tintas de sorte, que haja entre ellas um perfeito acôrdo e suavidade.

Adoçam-se os traços no desenho, não os carregando muito, para evitar a dureza; *adoça-se* um rosto de vulto, dando-lhe mais suavidade e doçura, corrigindo-lhe a aspereza dos instrumentos que o fazem secco, e talvez duro. Os architectos usam tambem d'este termo para significar o artificio de que se valem por meio de molduras, para moderar a saliencia de certas partes ornamentaes e angulosas.

ADRO, s. m. do lat. *atrium*, fr. *parvis*, it. e hesp. *atrio*, (archit.) em geral é todo o logar aberto diante dos templos, e ainda de casas particulares, que dá entrada para o interior d'ellas. Fallando mais individualmente deve haver e ha differenças notaveis entre os dois termos de *adro* e *atrio;* porque *adro* em o nosso modo de entender é mais propriamente um termo que designa o eirado, ou espaço que ha na entrada dos nossos templos, que é de ordinario lageado, e ás vezes acompanhado de campas, ou sepulturas razas, sem cobertura ou tecto, que o defenda da intemperie das estações; e *atrio* parece ter uma significação mais ampla, porque não só póde applicar-se aos templos, mas tambem, e mais propriamente, a casas particulares; alguns auctores o chegam a confundir com o vestibulo, por ser coberto, fechado, e até algu-

mas vezes decorado com pilastras e columnas. O *atrio* entre os romanos era a grande, e primeira das duas principaes partes de suas casas; porque servia de ponto de reunião da familia, de logar em que se collocavam as estatuas de seus avoengos, e de seus deuses domesticos, com altar proprio, havendo a meio um logar para fogão, etc. V. *Diction. des antiq. rom. et gr.*, de A. Richi, París, 1861.

ADUELA, s. f. do lat. *dolium*, fr. *douelle*, it. *doga*, hesp. *duela*, (archit.) é a parte exterior e interior de uma abobada, ou de uma porção d'ella, ou de parte de um arco, e diz-se *aduela* interior; *aduela* exterior: vale o mesmo que dizer *intrados* ou *extrados*. Os carpinteiros chamam *aduelas* ás tábuas delgadas, que guarnecem os vãos das hombreiras das portas. V. *este termo*.

ADUELAGEM, s. f. (archit.) a acção ou execução das aduelas, a fórma ou feitio arqueado das mesmas.

ADUFA, s. f. do arab. *addafa* ou *adduffe*, (archit.) anteparo formado de tábuas unidas, que se costuma pôr nas portas e janellas, pela parte de fóra para resguardo: é tambem a tábua ou comporta posta na bôca de um tanque, ou rio para que a agua não entre. V. *Guarda-vento, Dique*.

ADUFADO, A, adj. porta ou janella que tem *adufas*: porta ou janella *adufada*.

ADUSSIA, s. f. (ant.) do fr. *adossé*, it. *appoggiato*, hesp. *arrimado*, ing. *shelving-bed*, (archit.) encostado, ou apoiado; significa o espaço da egreja comprehendida pelo arco cruzeiro, ou capella mór, que fica encostada, ou apoiada no corpo da egreja. V. *Ussía*.

ADYTO, s. m. do lat. *adytum*, gr. *a*, priv. *dyó* ou *dynó*, logar onde não é permittido entrar:—(archit.) aposento sagrado e secreto no templo dos gentios, onde só podiam entrar os sacerdotes officiantes, e era situado por detraz do *abside*, como ainda se observava em um pequeno templo dórico, que antigamente existia junto do theatro de Marcello em Roma, no logar em que hoje se acha edificada a egreja de S. Nicolau *in Carcere*. V. *Abside*.

AÉREA, (perspectiva) adj. do lat. *aereus*, de *aer*, ar (pint.) V. *Perspectiva aérea*.

AFEIADO, A, p. p. de afeiar, e adj. fazer feio, desfigurado.

AFEIAR, v. a. do lat. *deformare*, fr. *enlaidir*, it. *difformare*, representar os objectos da natureza mal e torpemente, sem escolha, nem arte, de modo que em logar de excitar no espectador impressões agradaveis, lhe causem fastio e aborrecimento. «A dar tratos a si mesmos para se *afeiarem*.» Mach. de Castro, *Disc. sobre as util. do desenho*.

AFFECTAÇÃO, s. f. do lat. *affectatio*, fr. e ing. *affectation*, it. *affettazione*, hesp. *afectacion*, (t. compl., pint., esculpt. e archit.) excessivo artificio e maneira que alguns artistas empregam em suas obras, affectando uma especie de elegancia e de graça, oppostas á simplicidade natural, e ao bom gosto que os afasta da verdade, não só no que diz respeito á exageração e capricho das fórmas e da expressão, mas tambem em relação ás conveniencias da composição. V. *Exageração*. Aqui tem logar o preceito de La Fontaine:

> Ne forçons point notre talent,
> Nous ne ferions rien avec grâce.

AFFECTAR, v. a. do lat. *affectare*, fr. *affecter*, it. *affettare*, (t. compl.) contrafazer a verdade natural, saír dos limites da verosimilhança, e do bom gosto, principalmente em obras d'arte. V. *Exagerar*.

AFFECTOS, s. m. pl. do lat. *affectus*, fr. e ingl. *affections*, it. *affezioni*, hesp. *affectos*, (pint. e esculpt.) commoções ou movimentos brandos e suaves, que na alma excita a vista ou representação de objectos, em que sentimos ou apprehendemos o bem ou o mal, o prazer ou a dor: estas commoções, communicando-se ao corpo, produzem n'elle effeitos proporcionados, que se descobrem nos olhos, na côr do rosto, e algumas vezes em todo o corpo. O pintor ou estatuario que pretender representar esses effeitos com a conveniente propriedade, deve estudal-os da natureza e do antigo, escolhendo n'aquella os affectos mais conformes á verdade dos sentimentos dos sujeitos que representar, e no exemplo dos antigos a judiciosa ma-

xima que adoptaram de jamais sacrificarem a belleza á representação exagerada d'esses affectos. V. *Paixões.*

AFFEIÇOAR, v. a. do lat. *operi formam addere*, fr. *façonner*, (pint. e esculp.) dar ou exprimir as feições, as fórmas, ou figura de algum corpo, principalmente o humano: — accommodar, ajustar e enfeitar a composição, e as partes d'ella, por meio das fórmas e dos accidentes mais proprios e convenientes ao sujeito. «O outro cepo poz-lhe a regra, lançou-lhe as linhas, desbastou-o, e tomando já o maço e o escopro, já a goiva e o buril, foi-o *afeiçoando* em fórma humana.» Vieira *3.ª Dom. de Quar.*

AFFESTONADO, A, p. p. de affestonar, e adj. ornado de festões.

AFFESTONAR, v. a., (archit.) ornar de festões, decorar com festonadas de flores, fructos, folhagens e emblemas os porticos, e outros logares publicos, ou seja em pintura, ou em esculptura.

AFIADO, A, p. p. de afiar, e adj. aguçado, amolado.

AFIAR, v. a. do lat. *acuere*, fr. *aiguiller*, hesp. *afilar*, ital. *affilare;* (esculpt. e grav.) aguçar ou dar fio ao gume dos instrumentos para bem cortarem: as differentes qualidades, e a diversidade das fórmas dos instrumentos, ou ferramentas dos artistas demandam differentes modos de as afiar e amolar. Os ferros com que o estatuario esculpe em marmore são muito differentes d'aquelles com que elle trabalha em madeira; uns e outros são differentes dos buris e mais instrumentos com que trabalha o gravador. V. *Amolar.*

AFIAR ou AFILAR, v. a. (*a*, pref. e lat. *filum*, fio, linha); adelgaçar, tirar como a fio: — (esculpt. e pint.) applise este vocabulo principalmente á necessidade que têem o estatuario e o pintor de observar a correcção, delicadeza e elegancia das linhas, mórmente no corpo e nas feições do rosto. Vem aqui a proposito repetir dois logares do padre Vieira, em que este sabio usou de um e de outro modo este termo; isto é, *afiar* e *afilar:* «Ondea-lhe os cabellos, alisa-lhe a testa, rasga-lhe os olhos, *afia-lhe* o nariz, abre-lhe a bôca, etc.» N'outro logar diz: «Alisou-lhe uma testa, rasgou-lhe uns olhos, *afilou-lhe* um nariz, abriu-lhe uma bôca, etc.»

AFIGURADO, A, p. p. de afigurar, e adj. V. *Figurado, a.*

AFIGURAR, v. a. figurar: — (pint. e esculpt.) de linear, dar vulto, formar principalmente a figura humana, segundo a nossa idéa ou imaginação no-la representa, ou seja com traços sobre um papel, panno ou outro plano, ou em vulto, usando de barro, cera, ou outra materia branda e flexivel. V. *Figurar.*

AFINAÇÃO, s. f. o acto de apurar, aperfeiçoar, etc.

AFINAR, v. a. do lat. *perficere*, (pint., esculpt. e grav.) significa duas cousas: 1.ª, a acção de unir, ajustar, acordar as partes entre si, v. g., as côres de um quadro, para que façam bom effeito e harmonia; 2.ª, a acção de esveltar e tornar mais elegante a figura, a estatua, adelgaçando ou *afinando-lhe* os membros para guardarem um perfeito acôrdo com o todo da mesma estatua, ou ainda das partes de uma grande composição.

AFORMOSEAMENTO, s. m., do lat. *ornamentum*, fr. *embellissement*, it. *abellimento*, hesp. *hermoseamento*, (t. compl.) embellezamento, elegancia.

AFORMOSEAR, v. a. do lat. *ornare*, fr. *embellir*, it. *abbellire*, hesp. *hermosear*, (t. compl.) tornar mais bella pela elegancia das fórmas e do colorido uma obra de pintura, uma estatua, qualquer peça de architectura, um desenho, uma gravura, etc.

A FRESCO, (loc. adv.) V. *Pintura.*

AFUNDAR, v. a. lat. e it. *cavare*, fr. *creuser*, (archit.) cavar para o fundo, profundar a rocha, o barro ou terra para edificar, ou para estabelecer tanques, poços, etc.

AGATHA ou AGATA, s. f. do gr. *akhatés*, pedra preciosa transparente, em parte opaca e dura, que, segundo Plinio, tomou o nome do rio Achates em Sicilia, hoje *Canthera*, onde a dita pedra foi primeiramente achada. Ha muitas sortes de *agathas*, que se podem reduzir a sete:

1.ª *Agatha oriental* ou *onix*, que tem alguns veios brancos e negros.

2.ª *Agatha cornelina*, que é de um vermelho acerejado.

3.ª *Agatha sardonica,* que é de um vermelho alaranjado.

4.ª *Agatha chrysoprase,* côr de oiro esverdinhado.

5.ª *Agatha heliotropia,* côr verde escuro, raiado de outras côres.

6.ª *Agatha negra,* que é uma especie de *Jalet* fossil e poroso.

7.ª *Agatha da Allemanha,* branca e azulada, mais macia e menos estimada.

Hoje fazem-se *agathas* artificiaes, que imitam perfeitamente as naturaes.

A magnifica capella de S. João Baptista, na egreja de S. Roque em Lisboa, é enriquecida com agathas naturaes e outras pedras preciosas.

AGEOMETRIA ou AGEOMETROSIA, s. f. do gr. *a* priv. *ge,* terra, e *metron,* medida, (math.), ignorancia da geometria, falta dos principios d'esta sciencia.

AGNISTÉRIO, s. m. do gr. *agnós,* puro, (archit.) logar de purificação, capella mór. v. e. t. e *Adyto.*

AGRIMENSOR, s. m. do lat. *agrimensor,* fr. *agrimenseur,* it. *agrimensore,* medidor de campos: — (archit.) o geometra pratico, que mede os campos, os terrenos e os bosques, levanta cartas topographicas, demarca os limites, e a área para edificações publicas e particulares, e para outros usos.

AGRIMENSURA, s. f. do lat. *agrimensura,* arte de medir a superficie das terras e dos campos; acção de os medir. V. *Planimetria.*

AGRUPADO, A, p. p. de agrupar.

AGRUPAMENTO. V. *Grupar, Grupo.*

AGRUPAMENTO, s. m. (*a,* pref., *grupo,* e *mento,* des. inf.) ajuntamento ou reunião em grupo de figuras, ou de quaesquer objectos. V. *Grupo.*

AGUA ou AGOA, s. f. do gr. *apha,* lat. *aqua,* fr. *eau,* it. *acqua,* hesp. *agua,* ing. *water,* um dos quatro elementos dos antigos, liquido transparente, sem cheiro nem côr, quando em pouca quantidade, de gosto quasi imperceptivel, que se torna solido com o frio, e vaporoso com o calor, composto de hydrogenio e de oxygenio condensados entre si, com a relação de peso de 11,11 de hydrogenio e de 88,89 de oxygenio. Este elemento, alem dos usos ordinarios e communs, tem muitissimas e variadas applicações nas bellas artes, principalmente na architectura: serve a agua doce de amassar o gesso, diluir a cal, temperar argamassas para edificações; de formar tanques, bacias, jogos de aguas, de vistas differentes e agradaveis nos jardins, casas de prazer, etc.

AGUADA, s. f. do lat. *aquata,* fr. *aiguade,* (pint.) agua em que se desfaz tinta, que de ordinario é applicada sobre o papel; *aguada* de tinta de Nanquim; *aguada* de carmim, etc.

AGUA-FORTE, s. f. do it. *acqua-forte,* fr. *eau-forte,* acido nitrico dissolvido, fortissimo, (grav.) ou enfraquecido pela mistura de agua pura, de que se servem os gravadores em talhe doce para profundarem os traços e encruzamento dos mesmos, ou para fazerem morder suas chapas, que ordinariamente são de cobre. — Prova de uma estampa que só está preparada a *agua-forte,* para ser depois acabada ao buril, ou que foi toda executada a *agua-forte,* sem que fosse repassada pelo buril. As *aguas-fortes* da primeira d'estas duas especies são, a respeito das collecções de estampas, o que são os esboços nas collecções de quadros. Rembrandt e Callot deixaram grande quantidade de estampas todas executadas a *agua-forte.* Tem apparecido modernamente *aguas-fortes* tão bem acabadas que igualam quasi o trabalho do buril, e não se póde duvidar que este genero de trabalho é muito mais franco e livre, e agrada muito aos bons entendedores. V. *Gravura.*

AGUA-FORTISTA ou AGUA-FORTISTAS, s. m. Assim chamam os artistas modernos aos gravadores de agua-forte.

AGUA-RAZ, s. f. (de *agua,* e do arab. *hareq,* (queimar) espirito, ou essencia de terebinthina, com que se prepara o verniz proprio para servir na pintura, e na tempera da cera para o exercicio da modelação.

AGUARELHA, s. f. (pint.) apparelho de cóla fraca com gesso, de que se usa para que a téla possa receber o desenho e côres que tem de se lhe

applicar. «Com a cóla e gesso fazei uma lavadura ou *aguarelha.*» Filippe Nunes, *Arte da pint.*, p. 52.

AGUARELLA, s. f. do fr. *aquarelle*, it. *acquarella;* (pint.) pintar ou a uma só côr, ou com varias côres misturadas com agua e gomma arabica, ou seja sobre téla, ou principalmente sobre marfim, pergaminho e papel.

AGUARELLADO, A, p. p. de aguarellar, e adj. lavado ou banhado com aguarellas.

AGUARELLAR, v. a. (pint.) pintar com uma ou mais tintas desfeitas em agua, e misturadas com gomma arabica. Este modo de pintar seria talvez o primeiro que se usasse, por ser o mais facil e simples.

AGUARELLISTA, s. m. ou f. o artista, que pinta aguarellas.

AGUAS-FURTADAS, s. f. pl. mansardas, trapeiras. V. *Desvão, Mansarda, Trapeira.*

AGUA-TINTA. V. *Gravura.*

AGUÇADURA, s. f. do lat. *acuciatum,* acção de aguçar a ponta ou extremidade de um ponteiro, broca, buril, ou outro instrumento para cortarem.

AGUÇAR, v. a. do lat. *acuere,* it. *aguzzare,* fr. *aiguiser,* (esculp. e grav.) tornar um ferro ou instrumento agudo ou cortante, para que possa entrar e cortar a pedra, madeira, aço, etc. V. *Amolar.*

AGUDO, A, adj. do lat. *acutus,* it. *aguto,* fr. *aigu,* o que termina em ponta ou bico; afiado, penetrante: — (geom.) O angulo *agudo* é menor que o recto. V. *Angulo.*

AGUIEIRO, s. m. do cast. *agujero,* furo, buraco, lat. *tignum,* fr. *piece de charpente,* (archit.) toma-se ás vezes pela armação de paus e outras peças de que se compõem as asnas e mais madeiramento das casas. V. *Asna.*

AGULHA, s. f. do lat. *pyramis,* it. *guglia,* fr. *obelisque,* (archit.) pyramide de madeira collocada sobre o terrasso de uma torre: — pinaculo redondo, comprido e muito delgado, de pedra ou madeira, aguçado nas extremidades, etc. V. *Obelisco, Pyramide.*

AGULHEIRO, s. m. do lat. *cavus,* fr. *trou,* it. *buco,* cast. *agujero,* ing. *hole,* (archit.) buraco na parede para se metterem os paus ou barrotes, que sustentam os andaimes ou bailéus: — fresta para entrar a luz nas casas: — pequenos buracos de ralo por onde sáe a agua dos tanques, etc.

AJUNTAMENTO, s. m. do lat. *adjunctio* ou *conjunctio,* it. *aggiugnimento,* fr. *conjunction,* (esculp., archit.) união ou connexão de varias peças, para fazer um só corpo: *ajuntamento* de varias pedras para organisarem um grupo de esculptura, ou de molduras e outras peças para formarem um entablamento. V. *Junta.*

AJUNTAR, v. a. do lat. *addere* ou *conjungere,* it. *aggiugnere,* fr. *joindre,* (archit., esculp.) unir as tábuas pelas juntas para soalhar, ou fazer outras obras de edificação: — unir grudando varios paus ou pranchas, para darem o tamanho da estatua ou imagem, ou assemblar pedras para o mesmo fim.

AJUSTADO, A, p. p. de ajustar, e adj. adaptado. «Figura *ajustada* ao primor da arte.» Gomes da Cruz, *Cart. apologet.*, fl. 42.

AJUSTAMENTO, s. m. do fr. *ajustement,* it. *aggiustamento,* (t. compl.) igualamento, justa e discreta distribuição das partes entre si.

Mais particularmente discrição com que o artista procede no arranjamento, direcção, e boa escolha das pregas das roupagens ou pannejamentos das figuras, affeiçoando-as de modo que produzam bom effeito.

AJUSTAR, v. a. do lat. *adaptare* ou *adequare,* it. *aggiustare,* fr. *ajuster,* igualar uma cousa com outra, pôr em ordem no todo ou em parte, affeiçoar: — arranjar e distribuir bem as roupagens, os adornos e outros accessorios. V. *Affeiçoar.*

ALA, s. f. do lat. it. e hesp. *aza,* fr. *aile,* ing. *wing,* (archit.) lado de um edificio, e diz-se *ala* direita, *ala* esquerda, não em relação á pessoa que o observa de frente, mas em relação ao edificio: assim as *alas* da basilica de Mafra são os lados situados á direita e á esquerda da fachada principal da mesma basilica. O termo tem mais ampla significação: segundo Vitruvio, entende-se tambem por *alas* os pequenos lados inferiores do edificio: — os *lados* ou *naveta,* da egreja: — os lados do theatro, em que se movem os caixilhos de decoração, e

onde estão os actores para entrarem em scena.

Alas da ponte são os envasamentos circulares ou triangulares, que se fazem sobre os massiços, para tornar mais commodas as saídas, etc.

Na architectura egypcia *alas* do templo eram dois muros que encerravam os dois lados do *pronáo*, e tinham a mesma altura do templo, mas em fórma circular. V. *Pronáo*.

Na architectura grega chamava-se *ptera* á *ala*, ou lado de um templo fabricado só de columnas, sem muro interno, a que chamavam *monoptero;* ao templo, em que havia uma ordem de columnas em volta da cella ou casa, davam o nome de *periptero;* ao que tinha duas ordens *diptero;* e ao falso *alado, pseudo diptero,* por ter de menos aquella ordem de columnas. Pelo que as columnas eram as *alas* do templo.

Na architectura romana chamava-se *ala* do edificio a uma vasta peça de architectura composta de casas, e adornada com magnificencia. Constava geralmente de duas *alas,* uma de cada lado do *atrio,* providas de assentos, e fechadas por cortinas. Consulte-se a este respeito o desenho que ainda existe da casa de Sallustio em Pompeia. V. *Diction. des antiquit.*

ALABASTRO ou ALABASTROS, s. m. do lat. *alabastrites,* do gr. *alabastron,* fr. *albâtre,* it. e hesp. *alabastro,* ing. *alabaster,* nome que se dá a duas sortes de pedras de differente composição; a primeira é o *alabastro gypseoso* ou *agessado;* a segunda é o *alabastro calcareo.* O *alabastro gypseoso* ou *alabastrite,* sulfato de cal azougada, é notavel pela sua muita alvura, mas é muito macio, e o menor toque o póde quebrar; d'elle se esculpem muitos e variados objectos de ornamentos, vasos, pequenas estatuas, etc. Ha varias e grandes pedreiras do dito em Volterra, e em Toscana; em Paris, no Montemar, ha um alabastro com veias que está em exploração vantajosa. O *alabastro calcareo,* chamado oriental, *alabastro propriamente dito,* variado, de cal carbonatada, é muito mais duro, e susceptivel de receber bom polimento, é de um branco côr de leite, e offerece veias que produzem agradavel effeito. D'este alabastro executam-se bellas obras de vasos, de camafeus, e mesmo de grandes estatuas. Os antigos faziam d'elle muito uso, e o extrahiam do Egypto, da India e da Asia.

ALAMBOR, s. m. (archit. mil.) escarpa ou declive do muro, em fórma de lombo.

ALAMBORADO ou ALOMBORADO, (ant.) p. p. de *Alamborar.*

ALAMBORAR, v. a. (ant.) dar escarpa ou declividade ao muro tomando a fórma convexa, como de abobada. Couto, 5, 4, 9, «*encostárão* (ao baluarte) umas traves *alamboradas por fora*», isto é, com inclinação em talude ou escarpa. V. o logar de Barros, 2, 3, 7, onde diz *alamborado.*

ALAMBRE, s. m. do arab. *ambar,* lat. e it. *ambra,* fr. *ambre,* ing. *amber,* substancia de duas especies, que são communs sómente em terem o mesmo cheiro aromatico, um é o *alambre amarello,* outro é o *cinzento.* O amarello é uma substancia resinosa, transparente, homogenea, capaz de receber bom polimento, entra na composição do verniz-graxo, e serve para d'elle se fazerem pequenos ornamentos, e outras peças de esculptura decorativa. O alambre cinzento é uma substancia grossa de um aroma parecido ao almiscar.

ALAMPADARIO, s. m. V. *Lampadario.*

ALARGAMENTO, s. m. (ant.) do fr. *alargissement,* (archit.) acção de alargar uma qualquer cousa; dar maior largura a uma casa, a um qualquer espaço.

ALARGAR, v. a. do lat. *dilatare,* fr. *elargir,* it. *stargare,* ing. *to enlarge,* (archit.) ampliar e engrandecer qualquer cousa: alargar a sala, a porta, o corredor, etc.

ALARIFE, s. m. do arab. *alarif,* t. ant., (archit.) architecto, mestre de obras, sujeito instruido na pratica de officios e artes. V. *Architecto.*

ALAVANCA, s. f. do lat. *lever, levantar,* gr. *okleus, de skleuo,* fr. *levier,* it. *lieva,* hesp. *palanca,* mover: é a primeira, e a mais simples de todas as machinas; tem a fórma de um bordão grosso e forte, ordinariamente de ferro, com uma volta ou angulo em uma das suas extremidades, por

meio do qual se levantam grandes pesos, tendo por isso grande uso nas obras de edificações.

ALBARRADA, s. f. (ant.) t. arabico (archit. civ. e mil.), muro ensosso, ou de pedra secca, sem cal: — vallado ou cerca: — reparo ou defensa, feito de pedra para cobrir-se ou defender-se na guerra. Significa tambem vaso de barro ou de louça, em que se conserva agua ou se mettem flores.

ALBERGARIA, s. f. V. *Albergue.*

ALBERGUE, s m. do arab. *berge* com o artigo *al*, lat. *diversorium* ou *deversorium*, fr. *auberge*, it. *aubergo*, casa, pousada onde alguem se recolhe ou abriga das injurias do tempo, seja pagando, ou mais ordinariamente, por beneficencia ou caridade. Em o nosso paiz ainda se conserva este nome tomado no ultimo sentido. Em Lisboa existe um estabelecimento de beneficencia, com o titulo de *albergue* ou *alvergue dos invalidos do trabalho*, creado em 1863, pelo sr. Joaquim Possidonio Narciso da Silva, architecto da casa real. V. *Hospedaria.*

«Fazer *albergarias* para os passageiros.» Lucena, *Vid. de S. Francisco Xavier*, fl. 10, col. 1.

ALBUM, s. m. do lat. *album*, branco. (antig. rom.) Entre os romanos dava-se este nome a umas tabellas brancas, ou a uma parte de parede de edificio pintada de branco, em que os pretores escreviam seus editos, e em que se publicavam avisos ou annuncios. Hoje dá-se o nome de *album* a um livrete encadernado com esmero, em que se desenham e pintam retratos, paizagens, ornatos, e se escrevem varias poesias, pensamentos e outras cousas notaveis. Tambem se chama *album* a um livrinho em que os viajantes escrevem, desenham e notam as cousas mais interessantes que acham em suas viagens.

ALCAÇAR ou ALCACER, s. m. do arab. *alcacer*, (archit.) nome de um antigo palacio de mouros em Toledo: em geral significa palacio simplesmente, ou palacio acastellado.

ALCAÇARIA, s. f. do arab. dito, (archit.) mercado: — palacios ou paços reaes: — casas de banhos thermaes em Lisboa.

ALCACHOFA ou ALCACHOFRA, s. f. do arab. *alkharxufa*, fr. *artichaut*, it. *carciofo*, ing. *artichoke*, (archit.) ornato em fórma de pinha, ou *alcachofra.*

ALCACHOFRADO, A, adj. que tem feitio de *alcachofra*, bordados em relevo imitando *alcachofras.*

Alcachofres, chama Filippe Nunes a este bordado, *Art. de pint.*, p. 69.

ALCÁÇOVA, s. f. do arab. *casabe* ou *alcasba*, que significa fortalecer, (archit. mil.) fortaleza, castello fortificado. Na provincia do Minho significa cova, fôsso, lapa.

ALÇADO, A, p. p. de alçar, e adj. levantado, erguido, alto, do lat. *elevatus*, it. *alzado*, fr. *élevé*, hesp. *alzado*, ing. *a raised*, (archit.) desenho geometrico do prospecto, ou frontispicio de qualquer edificio, em relação sómente ás suas dimensões verticaes e horisontaes. V. *Elevação, Orthographia.*

ALÇAPÃO, s. m. do fr. *trappe*, lat. *trappa, de trabs*, trave, (archit.) pequena porta ou postigo feito ao nivel do pavimento, que se levanta ou abaixa:—outra qualquer peça de madeira, com movimento de abrir e fechar, collocada em algum vão vertical ou horisontal, curvo ou obliquo.

ALCOVA, s. f. do arab. *cuba* ou *alcobba*, fr. *alcôve*, (archit.) camara, pequeno aposento, ou casa em que se colloca o leito para dormir; deve ser clara e arejada por meio de janella, e póde ser decorada com columnas, pilastras e ornamentos apropriados á pessoa a que se destina.

ALDRABA ou ALDRAVA, s. f. do arab. *aldraba*, lat. *tudes ostiarius*, fr. *heurtoir*, it. *martello della porta*, hesp. *aldaba*, ing. *aknocker*, (archit.) pequena peça de metal de figura variavel, para bater ás portas, ou para ajudar a cerral-as.

ALEGRAR, v. a. do lat. *vivescere*, fr. *egayer*, it. *allegrare*, (pint. e esculp.) tem dois sentidos:

1.º Significa o uso que o pintor habil e douto póde fazer das tintas, para tornar um quadro *alegre* e agradavel, se assim o pedir a natureza do assumpto, ou o sujeito que pretende representar.

2.º Indica a pratica que os esculptores ou estatuarios têem de abrir as fendas da madeira, dos lezins das pedras ou marmores, para melhor as uni-

rem com betume, fazendo desapparecer qualquer defeito causado pela natureza da materia, ou descuido do artista.

ALEGRE, adj. dos dois g. do lat. *alacris* ou *vividus*, fr. *gai*, it. *gajo*, *lively*, (pint.) vivo, ligeiro: pl. *côres alegres*, são, fallando de um quadro, as côres vivas, brilhantes e harmoniosas, que deleitam a vista. Paizagem *alegre* é a que apresenta sitios agradaveis, bem escolhidos e accidentados, acompanhados de arvores, aguas e outros objectos, pintados com boas côres.

ALEGRETE, s. m. diminut. de alegre, cousa alegre, lat. *tænia*, fr. *plate-bande de jardinage*, it. *fascia*, hesp. *barra*, (archit.) pequenas divisões quadrangulares de pedra, tijolo ou madeira, cheias de terra, em que nos jardins, varandas ou janellas, se cultivam flores, e que por alegrarem a vista tomaram o nome de *alegretes*.

ALETA, s. f. dimin. de *ala*, pequena aza, ou lado, do it. *aletta*, lat. *pila*, fr. *alette*, ing. *small wing*, (archit.) *aletas* são os lados de um membro, ou *pé direito*, collocado entre duas arcadas, a meio das quaes ha ordinariamente uma columna ou pilastra. A estas faces, quando não têem columnas ou dados, se dá tambem o nome mais conhecido e vulgar de *umbreiras*. V. *Umbreiras*.

ALGEROZ, do hebr. *hharotz*, mudada a gutural em *g*, acrescentando o artigo arabe *al-garotz*, (archit.) cano principal do telhado aonde se vão ajuntar as aguas da chuva. V. *Aljeroz*.

ALICECE, s. m. t. ant. V. *Alicerce*.

ALICERCE ou ALICESSE, s. m. do arab. *alássas*, do verbo *assasa*, lançar fundamento, fundar, do lat. *fundamentum*, fr. *fondement*, it. *fundamento*, (archit.) fundamento ou base de qualquer edificio debaixo do rez, ou nivel da terra, sobre o qual se firma e assenta o resto do edificio, que commummente é feito de alvenaria, algumas vezes de pedra rija, e outras de estacas, segundo a natureza do solo, em que se pretende levantar.

De ordinario costuma dar-se aos *alicerces* a sexta parte da altura do edificio, e o dobro da grossura das paredes que pesam sobre elles.

Ha differentes especies de *alicerces* ou fundamentos, segundo a natureza do terreno, em que elles se fazem, e segundo a maneira por que são feitos; a saber:

1.º *Alicerces sobre terra firme* ou *sobre rocha*, é o que se faz excavando em toda a peripheria ou extensão que se projecta dar ao edificio, encontrando ahi certa profundidade de terra nova e firme, ou de rocha, que tem especial solidez, sobre a qual se estabeleçam os alicerces dos muros de face, de repartimentos, etc.

2.º *Alicerce sobre rocha com encaixes*.

3.º *Alicerce sobre pedras perdidas*, no qual se lança logo um leito de pedra, e sobre este, outro leito de cal ou de argamassa, e assim alternativamente, em um espaço muito mais largo que o muro que se pretende levantar, tendo cuidado de fazer um talude, que pelo menos tenha duas vezes a altura do empedramento, que se levantará á altura necessaria; sobre este empedramento estabelece-se a grilhagem coberta de pranchas, em cima das quaes assenta o edificio.

4.º *Alicerce sobre pilares* é o que se faz, estabelecendo pilares de argamassa de espaço em espaço para evitar maior despeza, ligando-os por meio de *arcadas-botantes*, como ensina Leão Baptista Alberti.

5.º *Alicerce continuado* é o que se faz em um terreno firme, massiçando-o, como se pratica nos *alicerces* dos aqueductos e arcos antigos; e ha mesmo alguns amphitheatros com fundamentos fabricados d'este modo.

6.º *Alicerce debaixo de agua* ou *hydraulicos*. V. *Fundamento*.

Diz um engenheiro portuguez «que o melhor *alicerce*, mais seguro e desenganado, é em *rocha*, havendo porém a cautela de se furar esta, para se descobrir algum *vacuo interior*; o qual visto, deve ser quebrada a pedreira, para se edificar com segurança, e sem o minimo receio». Negreiros, *Engenheiro civil portuguez*, tom. IV, ms.

«Encontrando-se pois nos *alicerces* cascalho misturado com terra, areia ou barro, a que os pedreiros chamam *aza de gallinha*, é este muito bom alicerce, tendo sufficiente altura ho-

mogenea, é capaz de supportar o peso sobreposto, etc.» Ibid., tom. v, ms.

«Mas encontrando-se lamasaes ou areias soltas, a que vulgarmente chamam *cegos*, estas situações, que são mais dignas de desprezo do que de edificio, só devem ser admittidas no caso de extrema necessidade, sendo formados os *alicerces* em massame geral, sobre estacaria de pinho verde ou sem ella, fazendo-se uma grande sapata.» Ibid.

ALIDADA ou ALIDADE, s. f. do arab. *al-hidad*, regua movel, fr. *alidade*, lat. *dioptra*, (math.) regua movel de metal, nas extremidades da qual ha duas pinulas, para se fazerem operações sobre o terreno por meio do *graphometro* e da *plancheta*. V. estes termos.

ALIMPADO, A, p. p. de alimpar, e adj. V. *Limpo, a.*

ALIMPADOR, s. m. (esculp.) o que alimpa, e acaba em madeira e pedra ornamentos e outras peças de esculptura, para os differençar d'aquelles que os levantam e esboçam. V. *Levantadores:* —, o que limpa quadros, etc. V. *Restaurador.*

ALIMPAR, v. a. (esculp. e pint.) o artista ou artifice que alimpa, acaba e purifica os trabalhos de esculptura.

Á LINHA, (loc. adv.) exactamente: locução menos usada pelos artistas do que *á risca*, e significa a precisa conformidade de uma copia qualquer com o seu original. Assim diremos que um desenho, uma gravura ou outra obra d'arte está perfeitamente conforme ao seu original, quando não differe d'elle uma só *linha*, isto é, quando no todo, e em cada uma de suas partes, guarda uma certa similhança com o seu prototypo, de tal sorte que se confundem, e parecem uma mesma cousa; e então costumâmos dizer, que está desenhado, copiado ou gravado *á linha*, ou *á risca*. V. *Linha.*

ALINHADO, A, p. p. de alinhar, e adj., feito á linha, ou a cordel, recto.

ALINHADOR, s. m. o que está encarregado de alinhar. V. *Agrimensor.*

ALINHAMENTO, s. m. do lat. *directio*, fr. *alignement*, it. *livellamento*, hesp. *aliñamiento*, ing. *a squaring*, (archit.) direcção e posição da fachada, e das paredes exteriores de um edificio em relação aos edificios que o cercam ou ladeiam, de modo que o prolongamento das linhas do plano d'essa fachada, ou de seus muros, vá unir-se com a linha das fachadas dos edificios vizinhos. N'este sentido diz-se, que uma casa está no *alinhamento* de uma rua, ou mesmo de duas, quando a frente d'ella, e um dos seus lados formam angulo, ou vae encontrar-se com essas duas ruas; ao contrario, que ella está fóra do *alinhamento*, quando avança ou recua mais do que avançam ou recuam os predios vizinhos; portanto cumpre que o architecto siga n'esta parte as leis e regulamentos do paiz em que se faz a edificação. O *alinhamento* não se entende sómente dos edificios, elle abrange o das herdades, o dos jardins, o dos bosques, etc.

ALINHAR, v. a. do lat. *ad lineam dirigere*, fr. *aligner*, it. *livellare*, hesp. *aliñar*, ing. *to square*, (archit.) fazer um alinhamento, regular com o cordel as antigas fundações, seguindo as prescripções da legislação vigente.

ALIQUANTA, adj. f. do lat. *aliquantus*, (math.) é a parte, que muitas vezes tomada, com uma das suas partes aliquotas, compõem o todo, v. g., 8 é parte *aliquanta* de 20 e *aliquota* de 24; porque 8 duas vezes tomado com 4 (que é uma das suas partes aliquotas) faz 20, e tomado tres vezes, faz 24.

ALIQUOTA, adj. f. do lat. *aliquota*, (math.) é o numero que tomado muitas vezes iguala com o todo.

ALISADO, A, p. p. de alisar, e adj., lat *levigatus*, fr. *lisse*, it. *liscio*, hesp. *terso*, ing. *a steek*, não aspero, mas liso. V. *Liso.*

ALISADOR, ORA, s. m. ou f. a pessoa que alisa e torna a superficie igual.

ALISADURA, s. f. do fr. *lissure*, it. *lisciammento*, (esculp. e archit.) acção ou effeito de alisar, tirando as asperezas.

ALISAR, v. a. do lat. *levigare*, fr. *lisser*, it. *lisciare*, hesp. *tersar*, ing. *to steek*, (esculp. e archit.) alisar, fazer liso ou plano, tirar a aspereza e escabrosidade á madeira, á pedra, etc. *Alisa* o esculptor a desigualdade

e aspereza das superficies de uma obra de esculptura, para a tornar macia e pastosa; *alisa* as carnes para as fazer modulosas e tenras; *alisa* os cabellos para os dividir e correr; *alisa* alguns panejamentos, e outras partes de uma estatua, ou outra peça de esculptura, para que a luz produza sobre ella bom effeito pela distribuição das massas de claro-escuro. *Alisa* o architecto certas partes do edificio para o tornar mais bello e vistoso, pela contraposição de outras partes que ficam asperas, contribuindo tambem para o bom effeito das massas. «*Alisa-lhe a testa.*» Vieira.

ALIVELADO, ALIVELAR. V. *Anivelado, Anivelar.*

ALIZARES, s. m. pl. do arab. *alizar,* significa tudo o que cobre o corpo, v. g. tunica, fr. *lambris, garniture,* it. *guarniture,* (archit.) guarnições de madeira, ou pedra com que se forram as portas e janellas pela parte de dentro; ladrilhos brancos; azulejos pintados, lousas, pedras ou marmores serrados em folhas, com que se revestem as umbreiras, e a parte superior das portas e janellas. «*Nem marmores, nem porfidos luzentes nos alizares brilham.*» Garção.

ALJAROZ ou ALJEROZ. V. *Algeroz.*

ALJEROZ, s. m. do arab. *alzarab,* derivado do verbo *zaraba,* correr para baixo: — (archit.) cano principal do telhado em que se juntam as aguas da chuva, feito debaixo das telhas ou de um terraço, etc.; póde ser fabricado de madeira, chumbo, zinco ou pedra. Em latim denomina-se *colliciæ.*

ALLEGORIA, s. f. do gr. *allos,* outro, e *agoreuó,* dizer, lat. e it. *allegoria,* fr. *allegorie,* ing. *allegory,* hesp. *alegoria,* (t. compl., pint., esculp., archit. e grav.) dizer, discurso, imagem ou quadro, que representa uma cousa, e dá a entender outra; metaphora continuada. A allegoria não é menos familiar ao poeta do que ao pintor, ao esculptor, ao architecto e ao gravador. Lemierre designou o officio e o caracter dominante da allegoria n'este só verso:

L'allégorie habite un palais diaphane,

porque a *allegoria* deve ter tres qualidades; a saber: *clara, conforme* e *honesta.* Não se póde duvidar que ella é natural ao espirito humano, que a sua origem data de tempos remotos, e que, apesar de ser hoje mal recebida, ella tem atravessado a corrente dos seculos, e tem exercido e exerce sobre o espirito humano um grande poder. O velho testamento, diz um sabio, é uma *allegoria* continua do testamento novo. «E que peso incomparavel, diz o nosso estatuario Machado de Castro, não tem em abono das *allegorias* dizer o mesmo Salvador: *Eu sou o Alfa e o Omega?*» Os artistas conhecem a discreta *allegoria* de Apelles com o nome de *calumnia,* a escola de Athenas, de Raphael de Urbino, as allegorias de Rubens no palacio do Luxemburgo em París, as de Lebrun na galeria de Versalhes, e em Lisboa as do nosso Vieira Lusitano.

E a architectura não usaria de allegorias? Que outra cousa significam os dois templos de Marcello, chamados *da virtude e da honra,* de tal modo unidos que se não póde passar por este sem entrar por aquelle, senão que a honra é o premio de uma solida virtude?

ALLEGORICO, A, adj. pertencente á allegoria, genero allegorico; e diz-se de um desenho, uma pintura, uma obra de esculptura, que represente, pela escolha e disposição de objectos, outra cousa differente da que esses objectos o são em realidade. Os objectos ou são simplesmente historicos, *allegoricos,* ou mixtos. Os sujeitos inteiramente *allegoricos* devem representar-se em figuras symbolicas com os seus attributos recebidos e conhecidos, a fim de que sejam facilmente comprehendidos pelos espectadores.

ALLEGORISTA, s. m. o que faz obras em sentido allegorico, e assim as explica.

ALLEGORISAR, v. a. usar de allegorias, ou seja desenhando, gravando, pintando ou modelando; representar allegoricamente algum assumpto.

ALLIVIAR, v. a. do lat. *alleviare,* fr. *alléger,* it. *alleggerire,* hesp. *aliviar,* ing. to *alleviate,* (archit. e pint.) abrandar as sombras de um

desenho, adoçar as côres de um quadro: — diminuir o peso de um tecto, a grossura de uma parede por desnecessidade de tanta espessura. V. *Adoçar.*

ALMA, s. f. do lat. *anima* ou *animus,* substancia simples, immaterial e eterna, que junta ao corpo constitue o homem; gr. *psychê,* principio da vida e do pensamento; (pint. e esculpt.) ter alma, ter vida, phrase muito usada na linguagem de bellas artes, para demonstrar a natural expressão de sentimentos nas figuras de um quadro, ou n'uma estatua; pelo contrario é costume dizer-se que tal estatua ou pintura não tem vida, nem alma, por lhe faltar a expressão conveniente, e propria a excitar nos espectadores essas emoções, que tanto nos encantam e arrebatam.

ALMAGRA ou ALMAGRE, s. m. do arab. *almagra,* lat. *almagrum,* terra vermelha, (pint.) *oxidum rubrum ferri,* certa terra mineral vermelha, de que se usa nas pinturas, e de que tambem se faz o lapis.

ALMAS, s. f. pl. (pint. e esculpt.) Os estatuarios e pintores da edade media personificavam as almas em baixo-relevos decorativos, em lendas, vidraças e tumulos, representando-as em fórmas humanas, de mancebos, umas vezes vestidos, outras vezes nús. V. *Diction. de Viollet-le-Duc,* tom. I, p. 14.

ALMÉCEGA, do gr. *massó,* espremer, e de *ixos,* visco, com o artigo arabigo *al,* (pint.) resina de lentisco, *mastikhé,* que vem da India; resina de *lessicariba* ou *gomma cleme,* que vem do Brazil, e tem um branco amarellado: serve na preparação do verniz, e tem outros usos.

ALMECEGAR, v. a. fazer uso, juntar ou misturar almécega a alguma composição.

ALMOFADA, s. f. do arab. *almohhada* ou *almohadetum,* lat. *tympanum, tavola,* fr. *panneau,* ing. *pane,* (pint., esculpt. e archit.) em geral é toda a superficie recta ou curva de pequena extensão, ordinariamenta fechada por um filete ou moldura, e é de differentes modos:

Almofada de aduela é a que forma interior ou exteriormente a curvatura de uma cunha ou parte da abobada.

Almofada de leito é a face de uma pedra que assenta sobre outra.

Almofada de cabeça é a face de uma pedra talhada, que se põe verticalmente ou a prumo.

Almofada, em marcenaria, se chama a toda a obra em madeira, guarnecida de encaixes e molduras.

Almofada de ornamentos é a que tem flores, fructos, grutescos, etc., ou sejam as *almofadas* feitas de estuque, de madeira, de ferro ou de pedra.

Almofada de esculptura se chama á que é feita e ornada com baixo-relevos, etc.

Almofada, (grav.) é a de que usam os gravadores. V. *Almofadinha.*

ALMOFADADO, A, p. p. de almofadar, e adj. guarnecido, ornado ou coberto de almofadas.

ALMOFADAR, v. a. guarnecer, ornar, e enriquecer os tectos, as abobadas e as paredes de um templo, de um palacio, ou casa nobre com almofadas de bom gosto, ou sejam pintadas a claro-escuro, a oiro, ou feitas de estuque, ou mesmo executadas em pedra ou marmore de differentes côres.

ALMOFADINHA, s. f. diminuit. de almofada. Usam os gravadores de uma almofadinha forrada de couro ou pelle, cheia de lã, que tem de comprido 20 a 25 centimetros sobre 15 a 20 de largo, para sobre ella descansarem a chapa, e movel-a com mais facilidade.

ALMOTOLIA, s. f. do arab. *almotlia,* lat. *guttus,* fr. *burette à l'huile,* it. *ampolline,* hesp. *alcuza;* (grav.) especie de cafeteira pequena de folha branca com o bico muito estreito, que contêem azeite de oliveira, de que o gravador usa para amolar sobre a pedra os instrumentos da sua profissão.

ALOJADO, A, p. p. de alojar, e adj. abrigado em loja ou casa.

ALOJAMENTO, s. m. do lat. *habitatio,* fr. *logement,* it. *allogio,* hesp. *alojamiento,* ing. *lodging,* habitação em casa fechada, em lojas ou quartos seguidos.

ALOJAR, v. a. do lat. *adelocare,* fr. *loger,* it. *allogiare,* (archit.) aposentar em lojas. V. *Loja.*

ALOUSADO, A, p. p, de alousar, e adj. coberto de lousas.

ALOUSAR, v. a. (archit.) cobrir de lousas as casas, os tumulos, etc. V. *Lousa.*

ALPENDRADA, s. f. de alpendre, e *ada* des.: —(archit.) alpendre maior que o ordinario, composto de pilares ou de columnas, que sustentam a cobertura que pende sobre elles, formando uma especie de portico, collocado na entrada de alguns palacios e casas grandes para abrigo e resguardo da chuva. Ha tambem alpendradas mais ordinarias, que servem de resguardo nas entradas de conventos, de hospitaes e albergarias, nos armazens, e casas de venda.

ALPENDRE, s. m. do lat. *pendere,* fr. *porche,* ing. *a porch,* (archit.) especie de tecto ou portico suspenso por si só, ou por pilares ou columnas na frente das portas principaes das egrejas, das casas publicas e particulares.

ALQUITRAVA. V. *Architrave.*

ALTAR, s. m. do lat. *altare,* de *altus, a, um,* gr. *ara,* fr. *autel,* it. *altare,* hesp. e ing. *altar,* (archit.) alguns antiquarios distinguem os dois termos *altar e ara,* dizendo que *altar* significa propriamente aquelle que é feito de uma só mesa de pedra elevada e quadrilonga, em que os christãos offerecem a Deus o santo sacrificio da missa; e que *ara* significa uma pedra quadrada, redonda ou triangular, muito mais baixa, em que os pagãos queimavam incenso, e offereciam a porção da victima, que devia ser consumida. A tripode portatil era uma especie de altar, e, segundo parece, a primeira de que os gregos costumavam servir-se. Os altares portateis estavam em uso entre os romanos, e algumas vezes o altar entre estes era, como entre os hebreus, um monumento votivo, levantado no campo, ou em qualquer parte, em memoria de algum successo extraordinario, attribuido á protecção especial da divindade.

O altar dos christãos tem sempre a fórma de mesa, porque em uma ceia é que foi instituido por Jesus Christo o sacrificio a que elle é destinado. Este altar tem ás vezes em sua base differentes fórmas; mas commummente tem a de um sarcophago, porque os primeiros christãos, juntos nas catacumbas, offereciam o santo sacrificio da missa sobre os tumulos dos martyres. D'ahi veiu o uso de collocar debaixo do altar as reliquias dos santos.

Na primitiva Egreja eram os altares de simples madeira. O concilio de París no anno de 509 ordenou que os altares fossem fabricados de pedra. E por isso, quando n'elles se emprega materiaes mais preciosos, taes como o marmore ou o bronze, ou mesmo quando a necessidade obriga a lançar mão da madeira, apesar do decreto do concilio de París, sempre se lhe introduz no meio do altar uma pedra, com a benção do bispo, e a esta só pedra se chama *ara,* ou altar portatil.

Nos primeiros tempos havia um só altar em cada egreja; depois que se admittiram mais, chama-se *altar mór* ao que fica no côro, ou na parte superior a meio da egreja.

Altar encostado é o que se junta ou apoia contra uma parede, cuja decoração, servindo de ornamento a essa parede, se chama retabulo. V. *Adussia* e *Retabulo.*

Altar isolado, como são ordinariamente os dos altares móres, não se encosta a cousa alguma, e ha alguns que são inteiramente isolados, a meio do cruzeiro da egreja, debaixo de um domo, ou de um baldaquino, como se vê na egreja de S. Vicente de Fóra, que n'esta parte é uma imitação do grande baldaquino do altar de S. Pedro de Roma, ou do Vaticano. V. *Baldaquino.*

ALTEADO, A, p. p. de altear, e adj. em ponto mais alto, mais elevado.

ALTEAMENTO ou ALTEAÇÃO, s. m. do lat. *elevatio,* fr. *exaussement,* it. *elevazione,* (archit.) acção ou effeito de levantar, elevação de uma parede, de um andar, de uma abobada, ou ainda de outros objectos d'arte.

ALTEAR, v. a. elevar, fazer mais alto, (archit. e esculp.) dar maior altura, elevar, *altear* um edificio, uma torre, um obelisco. Dar vulto, relevar, fazer sobresaír, *alteando* certas partes de uma obra, v. g., de um relevo, para que recebendo mais luz produza melhor effeito.

ALTIMETRIA, s. f. do lat. *altus,* e do gr. *metror,* medida, (geom.) par-

te da geometria pratica, que trata do methodo de medir as alturas direitas e inclinadas, accessiveis e inaccessiveis, como um edificio, uma torre, etc.

ALTO, A, do lat. *altus, a, um,* fr. *haut, te,* it. *alto, a,* (archit.) termo relativo, que umas vezes se toma pela elevação de algum objecto, outras pela sua profundidade. Edificio *alto,* torre muito *alta,* poço muito *alto,* isto é, muito profundo. Os *altos* da casa. «Todos os *altos* da casa, como bem sabeis, estão despejados». Vitruvio chama aos altos da casa *cœnaculum,* pelo costume que tinham os romanos de cear nos andares mais altos dos edificios.

ALTO-RELEVO, s. m. do lat. *altus,* e do it. *relievo,* (esculp.) peça de esculptura que sobresáe tanto do seu plano, ou fundo, que os objectos ahi figurados apparecem quasi em inteiro relevo ou saliencia.

ALTURA, s. f. do lat. *altitudo,* it. *altezza,* fr. *hauteur.* Em geometria é a elevação de um objecto acima da superficie ou nivel da terra. Em architectura toma-se pela terceira dimensão do corpo, e algumas vezes pela sua profundidade, como se toma em relação a um poço. E assim diz-se, que um edificio tem chegado á sua altura, quando está proximo a receber a cobertura.

ALUIDO, A, p. p. de aluir, e adj. arruinado.

ALUIR, v. a. do fr. *ébranler,* ing. *to shake,* (archit.) arruinar; edificio proximo a desabar, a caír em ruina. V. *Abalar.*

ALUMINAR, v. a. V. *Illuminar.*

ALVAIADADO, A, adj. pintado com alvaiade.

ALVAIADE ou ALVAYADE, s. m. do art. arab. *al,* e de *beyde,* branquear, lat. *cerussa,* hesp. *alvayalde,* (chim.) oxydo branco de chumbo, dissolvido pelo acido acetoso. É absorvente, e serve para diversos usos na medicina: nas artes, porém, tem o seu uso principal. V. *Branco — Cores.*

ALVANEL. V. *Alvenêo.*

ALVENARIA, s. f. do arab. *baiada,* branquear, porque a obra de pedra tosca se reboca e caia; pedra tosca e molle, e materiaes proprios para fazer alicerces, e paredes de edificios: ha alvenaria grossa e ligeira. V. *Manuel du Maçon,* de M. Toussaint.

ALVENEO, ALVENER ou ALVENEL, s. m. do arab. *albannai,* fr. *maçon,* it. *muratore,* hesp. *albanil,* ing. *mason,* pedreiro, official que trabalha com alvenaria, isto é, com pedra, cal e areia.

AMACIADO, A, p. p. de amaciar, e adj. adoçado, macio, brando — colorido, *amaciado.*

AMACIAR, v. a. a pref. *macio* e *ar* des. inf., do arab. *maciho,* lat. *mitigare,* fr. *assupter,* (t. compl.) adoçar, tornar brando, suave, principalmente o colorido. V. *Adoçar.*

AMADOR, ORA, s. m. ou do lat. *amator,* fr. *amateur,* it. *virtuoso,* hesp. *amador,* ing. *a lover,* amante, amoroso: é vocabulo peculiar das artes do desenho, ainda pouco usado em Portugal, e applica-se a todo o cavalheiro ou senhora, que não sendo artista de profissão, ama as bellas artes, exercita-as, tem um gosto decidido, e talvez paixão pelas pinturas, estatuas, camafeus, etc. Os italianos chamam-lhe *virtuoso — dilettante;* os nossos classicos — *curioso.*

D'estes *amadores,* distinctos pelo seu gosto, illustração e litteratura, é costume eleger os socios honorarios nas academias de bellas artes.

AMANEIRADAMENTE, adv. feito por habito e maneira, sem ter visto, nem estudado o natural.

«Este egregio artista (Paulo Veronez) tambem commetteu suas faltas, pois que algumas vezes pintou *amaneiradamente.*» Taborda, *Regras da art. da pint.,* p. 63.

AMANEIRADO, A, p. p. de amaneirar, e adj. desenho *amaneirado,* pintura *amaneirada.*

AMANEIRAR, v. a. do fr. *maniere,* lat. *manus,* mão, e *agere,* fazer — modo, ou habito particular de produzir ou executar obras de bellas artes, adoptado por um artista, ou seguido pelo mestre de uma escola. N'este sentido se diz, que um quadro está feito segundo a *maneira* dos Caraches, ou de Rubens, ou na *maneira* da escola bolonheza, romana, flamenga, etc., e posto que este modo de fallar seja bastantemente commum ainda entre os artistas, é certo que em rigor se toma a palavra *amaneirar,*

em sentido pouco favoravel, e quasi sempre querendo significar o abuso ou vicio contrahido pelos artistas de pintarem, modelarem ou gravarem de pratica, repetindo as mesmas attitudes, as mesmas figuras, as mesmas expressões, e o mesmo modo de produzir suas obras, sem attenderem e estudarem a natureza, e sem consultarem a verdade e os bons estylos dos melhores auctores. V. *Maneira—Estylo.*

AMANEQUINADO, A, p. p. de amanequinar, e adj. feito sem arte, e só á vista do manequim: — desenho *amanequinado,* roupas *amanequinadas.*

AMANEQUINAR, v. a. *(a* pref. *manequim,* e *ar,* des. inf.) Parecer-se com o manequim: expressão, usada na linguagem das bellas artes para notar as prégas seccas e duras dos pannejamentos, copiadas á tôa do manequim, sem consultar com escolha o natural como aconselham as regras da arte. V. *Manequim, Pannejamentos.*

AMARELLADO, A, adj. amarellento, que se approxima do amarello.

AMARELLECER, v. n. amarello des. lat. *escere,* que significa acção gradual, fazer amarello, tornar-se amarello.

AMARELLECIDO, p. p. de amarellecer.

AMARELLO, A, adj. do gr. *amarasso,* brilhar, lat. *flavum,* fr. *jaune,* it. *giallo,* hesp. *amarillo,* (pint.) uma das sete cores do prisma, que depois do branco reflecte mais luz: ha differentes especies de materias de que os pintores se servem para formar esta côr, taes são o *ocre commum,—a terra de Italia—o ocre de Rut, os massicotes,—o oiro pimenta, a goma-guta, a pedra do fel,—o jalde de Napoles,* etc.

O jalde de Napoles, terra ou mineral que se acha nos contornos de Napoles, emprega-se na pintura a oleo, na cera, e a tempera, tendo cuidado em não a misturar ou moer com faca de ferro, mas sim de buxo ou marfim, porque o ferro dá-lhe um tom esverdinhado ou cinzento.

AMASSAR, v. a. do lat. *massa,* gr. *maza, amassar* misturando cal e areia com agua para fazer argamassa: *amassar* o barro e o gesso para a modelação.

AMASSADOURO ou AMASSADOIRO, s. m. para alvenêos: —, banca grossa, taboleiro ou logar em que se amassa o barro para esculptores.

AMBAR. V. *Alambre.*

AMBOM, s. m. do gr. *ambon,* proeminencia ou saliencia circular, lat. *pulpitum,* fr. *jubé,* hesp. *atril,* (archit.) tribuna levantada e decorada na entrada do côro de uma egreja, para se ler ou cantar certas partes do officio divino, e tambem para prégar. Via-se em quasi todas as egrejas gothicas, mas pelo andar dos tempos foram os *ambons* destruidos na maior parte, por embaraçarem o povo de ver as ceremonias. Na egreja de Notre Dame em París ha um *ambon:* em Roma ha tres na egreja de S. Clemente.

AMBRIÃO. V. *Embrião* ou *embryão.*

AMEIA ou AMÊA, s. f. do lat. *mœnia* ou *pinna,* it. *merlo,* fr. *creneau,* ing. *pinnacle,* hesp. *almena,* (archit. mil.) parte superior das muralhas, muros e torres abertas em partes iguaes, para senhorear o campo, e dar logar para atirar aos inimigos. «Uma torre, cujas *ameyas* vão topetar com as estrellas». Vieira, tom. IX, pag. 123.

AMEIADO, A, p. p. de ameiar, e adj. guarnecido, fortificado com *ameias.*

AMEIAR, v. a. abrir ou fortificar com ameias, muros, torres, etc.

AMESQUINHADO, A, p. p. de amesquinhar, e adj. apoucado, emmagrecido.

AMESQUINHAR, v. a. tornar-se pequeno, reduzir-se a pouco, emmagrecer, fallando das producções de bellas artes. V. *Mesquinhez, Mesquinho.*

AMETHYSTA ou AMETHYSTO, s. f. do gr. *amêthystès,* lat. *amethistus,* it. e hesp. *amatista,* pedra preciosa de côr violeta ou roxa, a mais bella depois da esmeralda: os antigos attribuiam a esta pedra a propriedade de preservar da embriaguez: ha d'ella tres qualidades: as *orientaes,* que vem das Indias, das Asturias, do Brazil e da Siberia, e são as mais duras, mais raras e estimadas, têem uma côr de

pombo, algumas são de côr de purpura, e outras brancas: as de *Carthagena*, que têem a côr do amor-perfeito; e as de *Allemanha*, que são roxas, a que tambem se dá o nome de *rubis* violetes. Esta pedra recebe o melhor brilho, e se acha nas montanhas dos Pyrenéos e nas do Alverne. A côr violeta a fez adoptar para ornar o annel dos bispos, e é por isso que tambem a denominam *pedra de bispo*. O *amethysta* oriental é uma variedade de corindon.

AMIGAS, adj. f. pl. do lat. *amicus, a, um*, (fallando de cores).

AMIZADE, s. f. das cores, do lat. *amicitia*, it. *amicizia*, hesp. *amistad*, (pint.) V. *Cores*.

AMIZULADO, p. p. de amizular, e adj.

AMIZULAR, v. a. do lat. *consolidare*, (archit.) base quadrada ou comprida com molduras, que serve para sustentar um busto, uma figura, ou outro corpo de architectura, maior ou menor; as *mizulas* são ordinariamente encostadas a paredes, e servem de apoio a outras peças: do uso, que modernamente se tem feito de taes bases, que, pela maior parte, terminam em adoçamento, é que se deriva o verbo *amizular*, de que hoje se servem os artistas. V. *Mizula*.

AMOEDADO, A, p. p. de amoedar, e adj. (grav.) metal amoedado, cunhado ou batido em moeda.

AMOEDAR, v. a. do lat. *metallum signare*, ou *cudere nummos*, fr. *monnoyer*, it. *monetare*, hesp. *amonedar*, (grav.) cunhar, bater moeda ou em moeda, marcar no metal o cunho da moeda, uma das operações da arte da moeda, que deve ser familiar ao gravador de cunhos.

«*Amoedar a prata* da egreja para resgate de captivos». Bernardes, *Nova Floresta*, tom. III, pag. 6.

AMOLAR, v. a. *a* pref. lat. *mola*, mó de moinho, e *ar* des. inf. aguçar, afiar ferramentas. V. *Afiar*, *Aguçar*.

AMOLDADO, A, p. p. de amoldar. V. *Moldado, a*.

AMOLDAR, v. a. V. *Moldar*.

AMOR, s. m. do lat. *amor* de *amar*, fr. *amour*, it. *amore*, hesp. *amor*. O amor divino é a fonte de todas as virtudes.

Especialmente fallando, o termo de *amor* é algumas vezes empregado pelos artistas para denotar a attenção, o gosto e o prazer particular, que se emprega em acabar uma obra; e então se diz *pintar com amor*. O trabalho feito com *amor* é sobretudo desejado nas obras de pequenas dimensões, nos quadros pequenos, nas miniaturas, nas obras de marfim, nas gravuras miudas, etc.

AMORTECER, v. a. do lat. *animo linqui*, fr. *amortir*, it. *amorzare*, hesp. *amortiguar*, ing. *to deaden*, (pint.) diminuir, apagar a viveza das cores. «Quadro de côres amortecido pela sua antiguidade e mau trato.»

AMORTECIDO, A, p. p. de amortecer, e adj.

AMOURISCADO, A, p. p. de amouriscar, e adj. *a* perf. *mourisco*, e des. *ado*, feito ao modo dos mouros.

AMOURISCAR, v. a. (archit.) fazer a cobertura das casas com telhados ao uso dos mouros. V. *Telhado*.

AMPHIPRÓSTYLO, s. m. do gr. *amphi*, dois, *pro*, diante, e *stylos*, columna, (archit.) templo antigo, que tem duas ordens de columnas, uma na parte anterior do edificio, outra na parte posterior; póde servir de exemplo o templo da Concordia em Roma. V. *Templo*.

AMPHITHEATRAL, adj. dos dois g., que tem relação com o amphitheatro.

AMPHITHEATRO, s. m. do lat. *amphitheatrum*, gr. *amphi*, de roda, e *theatron*, theatro, de *theáomai*, olhar, ver; ou de *amphi*, dois, e *theatron*, porque o amphitheatro é composto de dois theatros, (archit.) antigamente era um vasto edificio redondo ou oval, o meio do qual, chamado *arena*, era cercado de muitas ordens de assentos, ou degraus, com porticos interiores e exteriores, e servia para os espectaculos publicos dos gladiadores, ou dos animaes ferozes, entre os gregos e romanos. O *amphitheatro* de Vespasiano, chamado o *Colisêo*, o de Verona em Italia, e o de *Nimes* em Languedoc, são os mais celebres que nos restam da antiguidade. Nos primeiros tempos não se construiam theatros ou amphitheatros permanentes, porque eram fabricados de ma-

deira, e desarmavam-se acabados os jogos. Refere Dion, que um d'estes amphitheatros caíndo, sepultára em suas ruinas a uma multidão de povo innumeravel. Augusto foi o primeiro que mandou edificar um de pedra no campo de Marte, no anno 725 da fundação de Roma.

Os antigos amphitheatros eram distribuidos em tres partes principaes. A primeira parte, que era similhante a um theatro, ficava mais baixa, e formava uma platéa de areia, que se chamava *cavea*, por ser cheia de cavidades subterraneas e artificiaes, das quaes umas serviam para encerrar as feras, outras para conservar as aguas necessarias aos divertimentos das *naumachias*, ou batalhas navaes, e tambem para commodidade dos espectadores. Servia igualmente para se guardarem os instrumentos e utensilios necessarios aos jogos. Este logar era unido e arciento, motivo por que se lhe deu o nome de *arena*. — A segunda parte ficava em roda d'esta arena, comprehendendo um grande corpo de edificio, em que havia diversos degraus dispostos em subida, de modo que os espectadores mais proximos estando sentados, não empeciam de ver aos que ficavam mais afastados. — A terceira parte servia para guardar diversas especies de animaes, e de cavallos para as carreiras, para os carros, e para os athletas.

Pela maior parte, o *amphitheatro* era de planta elliptica, e a *arena*, dependente d'esta fórma, ganhava em comprimento o que perdia em largura. Para evitar que os espectadores ficassem expostos aos animaes ferozes, a base do edificio, sobre que se collocava a grade, ficava á altura de doze a quinze pés da arena, e era acrescentada de uma balaustrada, e guarnecida de diversos apparelhos que a tornavam inaccessivel: os animaes destinados aos combates ficavam accommodados n'esta base, ou envasamento do edificio, em lojas ou quartos separados. Sobre a parte anterior da plataforma ou varanda, estavam os logares reservados para os senadores, para as vestaes e para os magistrados, que tinham no theatro o direito de se assentar na orchestra. A este espaço se chamava *podium*, por causa da balaustrada que o guarnecia.

Nos tempos modernos dá-se o nome de *amphitheatro* a muitos logares, ou peças de architectura circulares, terminando em talude, dispostas com degraus, para facilitar ás pessoas collocadas em baixo a vista de qualquer objecto. — O *amphitheatro* de uma sala de espectaculo é um estrado elevado no fundo da mesma sala, ordinariamente na frente e ao nivel do theatro, com muitas ordens de bancos sobre o plano ligeiramente inclinado em *talude* ou escarpa, de modo que os espectadores collocados nas primeiras ordens de bancos, não tirem a vista aos que ficam nas ultimas.

Chama-se *amphitheatro* de jardim ao declive de um terrasso, composto de degraus, de lanços e de patamares cobertos de relva, tendo a meio uma fonte, ou algum outro objecto decorativo, etc.

Tambem se dá o nome de *amphitheatro* ás bancadas postas em fórma circular para se assentarem os estudantes, e os ouvintes, em uma sala destinada ao ensino de qualquer sciencia, principalmente quando as lições são acompanhadas de demonstrações, para as quaes é necessario que os discipulos vejam o que se passa junto ao professor: mas dá-se o nome de *amphitheatro* especialmente ás salas distribuidas por este modo, que servem para as dissecções anatomicas. A fórma semicircular é a mais agradavel e a mais commoda para os *amphitheatros*.

AMUMIADO, A, adj. *a*, pref. *mumia* e des. *ado*, em fórma de mumia, magro como mumia. V. *Mumia*.

AMUMIAR, v. a. figurar ou representar figuras á similhança de mumias.

ANACHRONISMO, s. m. do gr. *anâ*, desordem, inversão, *chronos* tempo: fr. *anachronisme*, erro de chronologia, inversão, ou data historica errada, que attribue aos personagens de uma epocha as idéas, os costumes, os usos de uma outra epocha, e é assim que os sujeitos antigos, representados nos theatros, foram por muito tempo vestidos ao uso moderno. Na

poesia póde o *anachronismo* muitas vezes ser permittido por uma licença poetica: Virgilio finge voluntariamente que Dido reinára em Africa no tempo de Enéas, sendo que ella viveu trezentos annos depois da tomada de Troia. — Os pintores e esculptores, principalmente os italianos, têem commettido por vezes *anachronismos* nos costumes e attributos de suas obras, umas vezes por ignorancia ou incuria, outras por quererem satisfazer ao genio caprichoso de pessoas constituidas em auctoridade, ou dotadas de grande riqueza, que lhes tem dado o assumpto, e exigido a execução de suas idéas extravagantes. É bem conhecido o quadro em que se acham juntos em uma mesma attitude Santo Athanasio, S. Francisco, S. Filippe, etc. Os *anachronismos*, diz um auctor grave, são capazes de tirar o merecimento ao quadro mais felizmente concebido e executado.

ANACLASTICA, s. f. do gr. *anaclaô*, fr. *anaclastique*, quebrar, refranger (dioptrica, parte da mathematica, que trata da refracção da luz). Costuma dizer-se *tábuas anaclasticas* por *tábuas de refracção: ponto anaclastico* é aquelle em que um raio luminoso refracto encontra a superficie que o refrange, etc.

ANAGLYPHICO, A. adj. applica-se a qualquer superficie ou plano sobre o qual se acham esculpidas ou cinzeladas figuras ou outros objectos em baixo relevo.

ANAGLYPHO, s, m. do gr. *anaglyphos*, cinzelado ou esculpido em relevo: —, objectos em baixo-relevo, executados em marfim, marmore ou metal. Os camafeus são anaglyphos de pedras duras. V. *Camafeus*.

ANAMORPHOSE ou ANAMORPHOSIS, s. f. do gr. *anâ*, reduplicativo, e *morphôsis*, formação, fr. *anamorphose*, (persp. e pint.) desenho ou quadro de uma ou mais figuras informemente representadas por meio de muitos traços ou cores, confusas á primeira vista, mas de tal sorte combinadas pelas regras da optica, que observado o quadro de um ponto, e n'um angulo determinado, offerece a nossos olhos figuras regulares. Sirva de exemplo da *anamorphose* a pintura de uma Magdalena e de um S. João feitos pelo padre Niceron no convento dos minimos da praça real de París, que vista de repente apresenta na parede de um comprido corredor uma praia arida, em que se vêem espalhadas grande quantidade de conchas e de plantas maritimas, mas observada em certo ponto, e fóra da porta do corredor, offerece as imagens dos sobreditos santos em proporções regulares.

Pelas regras da catóptrica se desenham no papel figuras informes, que, vistas por um espelho prismatico e cylindrico, se tornam a nossos olhos correctas e regulares.

ANATOMIA, s. f. do verbo gr. *anatemno*, cortar, dissecar, lat. *anatomia*, fr. *anatomie*, ing. *anatomy*, (pint. e esculpt.) sciencia que ensina a conhecer os orgãos que, sendo reunidos, constituem os seres organisados, animaes ou vegetaes; e, como para os conhecer é preciso dissecalos e analysa-los, d'aqui vem a origem do nome. A anatomia ou é geral ou descriptiva; é geral quando se emprega na estructura e propriedades dos tecidos communs a diversos orgãos; e descriptiva quando se applica mais particularmente á descripção das fórmas e da figura de cada orgão: divide-se ainda, segundo o seu objecto, em anatomia vegetal ou phytotomia, quando se applica aos vegetaes, em anatomia animal ou zootomia, quando se applica aos animaes; e esta se subdivide em anatomia humana ou anthropotomia, quando tem por objecto dar a conhecer a estructura do corpo humano. Esta, pois, comprehende a osteologia ou estudo das partes duras, a syndesmologia ou estudo dos ligamentos, a myologia ou estudo dos musculos, a nevrologia, dos nervos, a angiologia, das veias ou vasos, etc.

Os pintores e esculptores devem estudar as fórmas exteriores do corpo humano, e ainda as dos corpos dos animaes irracionaes, nas suas multiplicadas e variadissimas attitudes e posições, e nas suas quasi infinitas funcções e modificações musculares: ora, não é possivel conhecer e entender bem essas fórmas, sem estudar as differentes configurações dos ossos, que formam a base em que assentam

os musculos, as cartilagens e outras partes molles, que a elles se adherem e que, segundo a sua acção, offerecem as variadas fórmas dos membros dos corpos dos animaes: logo o estudo da anatomia é absolutamente necessario aos pintores e aos esculptores. Cumpre, pois, que tal estudo se limite ao conhecimento da osteologia, da myologia, das articulações, e mesmo de uma parte da veinalogia, a fim de que os artistas possam bem comprehender as differentes fórmas dos membros do corpo humano, segundo o sexo, a edade e o caracter dos sujeitos que representarem. O methodo portanto do estudo deve ser applicado, e muito mais breve do que aquelle por que estudam os que professam a cirurgia. Miguel Angelo Buonaroti estudou a anatomia pelo espaço de doze annos; e ainda que ultrapassou os limites prescriptos ao artista, não póde comtudo duvidar-se que elle foi talvez o mais forte desenhador moderno, que nós conhecemos; a sua sciencia póde comparar-se com a dos antigos estatuarios.

ANATOMICO, s. m. o que professa a anatomia.

ANATOMICO, A, adj. pertencente á anatomia, e segundo a verdade da sciencia anatomica.

ANATOMISADO, A, p. p. de anatomisar, e adj. dissecado, analysado, examinado por partes e miudamente.

ANATOMISAR, v. a. fazer anatomia de algum corpo, disseca-lo para conhecer analyticamente cada uma de suas partes.

ANATOMISTA, s. m. do lat. *anatomicus*, fr. *anatomiste*, ing. *anatomist*, o que professa, estuda ou exercita a anatomia.

ANCHO, adj. do hesp. *ancho*. V. *Largo*.

ANCHURA, s. f. (ant. p. us.) V. *Largura*.

ANDAIMARIA, s. f. do lat. *contabulatio*, fr. *échafaudage*, it. *far ponti*, hesp. *andamiada*, ing. *the making scaffolds*, (archit.) toda a armação de dois ou mais andaimes, em que trabalham e andam os constructores de edificios.

ANDAIME ou ANDAIMO, s. m. do arab. *addeame*, lat. *tabulatum*, fr. *échafaud*, it. *palco*, hesp. *andamio*, (archit.) armação de madeira de que usam os constructores pintores, esculptores, e outros artistas, para se elevarem á altura dos logares necessarios, a fim de poderem exercitar as suas artes, fabricando, pintando, esculpindo ou de qualquer modo trabalhando para a construcção das obras que lhes são commettidas. V. *Bailéo*.

ANDAINA, s. f. de *andar*, e des. *ina*, contracção de *ineo*, *ire*, lat. entrar, hesp. *andana*, fr. *rang*, it. *fila*, ing. *rank*, ordem de cousas que estão no mesmo nivel, v. g., *andaina* de casas (andares). «*Parede de duas andainas de palmeiras*, isto é, de duas faces, deixando vão em meio». *Cast.* 1, 109.

ANDAJEM, s. f. ant. (archit.) casas de um só pavimento, ou andar. *Elucid.*

ANDAR, s. m. do lat. *contabulatio*, fr. *étage*, it. *piano*, ing. *a story*, (archit.) é o intervallo comprehendido entre dois pavimentos de um edificio; *andar subterraneo*, é o que fica abaixo do rez da terra e do nivel do solo; 1.º *andar* é o comprehendido entre o solo e o primeiro pavimento; 2.º *andar*, o que lhe fica immediato verticalmente, e assim os mais *andares* do edificio.

Andar quadrado é o que tem paredes inteiramente a prumo; *mansarda* é o que se fabrica em um madeiramento cortado, fica superior aos outros andares, e ordinariamente recebe luz por trapeiras, ficando as varas e outras peças do madeiramento descobertas, e apenas revestidas de gesso ou cal.

ANDITO, s. m. deriv. de andar, do hesp. *andito*, lat. *decursorio*, fr. *banquette*, (archit.) caminho estreito um pouco elevado do terreno, á margem das pontes, dos caes e das ruas, para commodidade dos passageiros. V. *Galeria*.

ANDORINHA (rabo de). V. *Entalho*.

ANDRONITIDES, s. m. do gr. *andros*, e *nitos*, (archit.) termo, que na sua significação estricta e rigorosa só convem aos costumes dos gregos: elle significa a primeira das duas divisões principaes da planta de uma

casa grega, cuja divisão era exclusivamente reservada aos homens (Vitruvius, VI-7. 4; Festus, s. v.). Esta divisão consistia em um pateo descoberto cercado de columnatas em volta do qual estavam dispostas diversas casas ou apartamentos precisos para o serviço, e commodidade do dono da casa e dos seus familiares. Este pateo era separado da outra divisão, que continha os apartamentos ou quartos das damas, por meio de um corredor e uma porta.

Os escriptores e architectos romanos não concordam na verdadeira accepção do termo.

ANGAR ou HANGAR, s. m. do lat. *angarium* ou *appendix*, fr. *angar* ou *hangar*, it. *angar*, ing. *shed*, (archit.) edificio sustentado por pilares de pedra ou barrotes de madeira, com igual distancia de uns a outros, e coberto de um telhado, que serve ordinariamente de cocheira nos pateos; de armazem para guardar mercadorias; de telheiros para operarios, e de estancia nos hospitaes, conventos, etc.

ANGULADO, A, adj. dos dois g. que *tem angulos.*

ANGULAR, adj. dos dois g., do lat. *angularis*, (geom. e archit.) que forma um ou mais angulos. Chamam-se pedras *angulares* as que formam o cunhal, esquina ou angulo de um edificio, com duas faces; columnas *angulares* as que estão nos angulos de um peristylo. Diz-se na mesma accepção, pilastra *angular*, estaca etc.

ANGULETE, s. m. diminut. de angulo, do fr. *anglet*, (archit.) pequena cavidade reentrante talhada em angulo recto, como são as que separam as bossagens, ou pedras refendidas para inscripções.

ANGULO, s. m. do lat. *angulus*, fr. e ing. *angle*, it. *angolo*, hesp. *angulo* ou *rincon*, (geom.) é a porção de espaço comprehendido entre duas ou mais linhas ou superficies inclinadas que se encontram: as linhas ou as superficies que formam o angulo são os lados do angulo, e o ponto de encontro é o cume. Quando os lados são rectos, o angulo chama-se *rectilineo*, ou *angulo plano*; quando os lados são curvos, *curvilineo*, e quando um dos lados é recto e o outro curvo, *mixtilineo*. Chama-se *angulo recto* ao que é formado por duas linhas perpendiculares entre si, e é o que tem por medida a quarta parte do circulo, ou 90 graus, a que os operarios chamam *esquadria*; *angulo obtuso* ao que é maior de 90 graus, e *angulo agudo* ao que é menor de 90.

Os praticos chamam *angulo solido* a todo e qualquer canto ou esquina, que forma um corpo solido em angulo reintrante ou saliente. Chamam tambem *angulo* em geral a todos os triangulos ou peças de canto, ou, como dizem, de *engra*, que formam as divisões ou repartimentos d'essas peças, o que igualmente se applica ás obras de pintura e esculptura, ás figuras ou ornamentos que enchem os tympanos das arcadas, e os pendentes das abobadas. Assim chamam *angulos do Dominiquin* aos quatro Evangelistas por elle pintados nos triangulos esphericos, pendentes do zimborio de Santo André do Valle em Roma.

Em optica chama-se *angulo visual* ao angulo formado por dois raios visuaes, saídos do centro do olho ás extremidades de um objecto. O olho calcula a grandeza de um objecto, segundo a grandeza da imagem, que se pinta sobre a retina, esta imagem está sempre em relação com a abertura do angulo, que formam entre si os raios extremos que partem do objecto, e que vão cruzar-se na pupilla: por uma consequencia necessaria, deduzida d'este modo de apreciação, é que um mesmo objecto se julga maior ou menor, segundo a distancia em que é observado.

Em anatomia chama-se *angulo facial* ao angulo formado pelo encontro de duas linhas, uma das quaes passa verticalmente pelo bordo dos dentes superiores, e pelo ponto mais elevado da testa, e a outra parte horisontalmente da caixa da orelha aos mesmos dentes. O homem, segundo Camper, tem o maior angulo facial, que varía muito segundo a natureza das raças da especie humana: entre os europeus, o *angulo facial* é de 80 a 85°, entre os mogoles, de 75°, entre os negros de 70 a 72°. O angulo facial de Jupiter olympico, e do Apollo

de Belvedere é maior de 90º. Estas estatuas, como se sabe, são consideradas como o typo da belleza.

ANGULOSO, A, adj. objecto, ou peça que apresenta varias faces ou angulos, ou que tem fórmas *angulosas.*

ANIL, s. m. do lat. *indicum*, indio, fr. e ing. *indigo*, massa que vem das Indias occidentaes, e da America, (pint.) é proveniente das folhas de uma planta chamada *anil*, que os indios semeiam, e colhem todos os annos: emprega-se na pintura, principalmente de tecidos, misturada com o branco, para formar uma côr azul, e usa-se d'elle sem mistura nas aguadas que se dão nas coberturas de ardosia, e em tudo que é de ferro, e de chumbo.

ANILAR, v. a. pintar com anil, fazer uso d'esta côr nos objectos, e logares convenientes.

ANIMAÇÃO, s. f. do lat. *animatio*, fr. *animation*, a acção de animar, ou de entrar a alma no corpo. Termo de que usam os artistas para significarem a natural expressão dos affectos e paixões, que deve principalmente manifestar-se nas feições do rosto humano, e mais que em todas nos olhos, que são em phrase vulgar as janellas da alma. V. *Alma.*

ANIMADO, A, p. p. de animar, e adj. desenho, pintura, esculptura, gravura de figuras expressivas, e *animadas.*

ANIMAES, s. m. do lat. *animalia* (reino animal), aggregado de seres organisados, conhecidos com o nome geral de *animaes*, isto é, dotados de sensibilidade e de movimento. O estudo da natureza, e propriedades dos brutos não só occupou os antigos artistas gregos, mas tambem tem sido, e é particular objecto de estudo de muitos naturalistas, e de mui esclarecidos pintores, e esculptores modernos. Entre os gregos distinguiram-se os esculptores Calamides nos cavallos, Nicias nos cães, Pasiteles nos leões, e Miron modelou uma vacca com tanta verdade e perfeição, que os poetas chegaram a decanta-la em seus versos: e entre os modernos, para omittir muitos outros, bastará que se nomeie Verné, Maine e Barry. O nosso esculptor Antonio Ferreira modelava com tanta propriedade e bom toque os *animaes* que acompanhavam seus grupos pastorís, que o podemos nomear com merecido louvor.

«Eu vejo, eu vejo, dando a terra abalos,
Espumarem ferinos cavallos,
D'um pedaço de barro por ti feitos...

F. X. Lobo, *Silva Laudatoria;* Cyrillo, *Mem.* (Vida de A. Ferreira.)

Em additamento a este artigo devo acrescentar, que a configuração de animaes, tanto em pintura, como em esculptura, acha-se em muitas composições como symbolica, e como partes decorativas. O seu uso foi excessivamente praticado nas egrejas e edificios da edade media, não os representando sómente na sua natural configuração, mas tambem os pintores e esculptores d'essa epocha inventaram animaes phantasticos e caprichosos, como se observa em alguns templos antigos: os ornamentos das cadeiras do côro do extincto mosteiro dos padres Jeronymos em Belem são uma prova bem clara d'esta asserção.

ANIMALISTA, s. m. do lat. *animal*, e *ista*, des. inf., fr. *animaliste:* o que se dá ao estudo de desenhar, pintar, modelar ou esculpir animaes; o pintor, o professor de animaes. D'estes artistas ha ainda differentes especialistas, porque uns dedicam-se a pintar aves, outros peixes, outros animaes quadrupedes de diversas castas e especies.

ANIMAR, v. a. do lat. *animare*, de *anima*, it. e fr. *animer*, ing. *to enliven a picture*, que no sentido restricto e primitivo significa *animar*, dar animo, vivificar, infundir a alma no corpo: e no sentido figurado significa *animar*, dar a vida, e a expressão conveniente ás estatuas e ás pinturas.

«Se a alma depois de viver n'este corpo podéra *animar* outro.» Vieira, *Serm.*, tom. I.

ANJO, s. m. do gr. *aggélos*, lat. *angelus*, fr. *ange*, it. *angelo*, hesp. e ing. *angel*, mensageiro, enviado, creatura espiritual, intelligente, immortal, e a primeira em ordem e dignidade entre as cousas creadas. Os anjos dividem-se em tres jerarchias, e

cada jerarchia em tres ordens, ou córos: a primeira comprehende os seraphins, os cherubins e os thronos, a segunda as dominações, as virtudes e as potestades, e a terceira os principados, os archanjos e os anjos.

Elles são representados em fórmas humanas, porque assim têem apparecido áquelles a quem Deus os envia, como consta de varios logares da sagrada Biblia. As figuras de *anjos* foram empregadas muitas vezes por artistas da edade media, em edificios religiosos e civis. Sem fallarmos das pinturas em vidro, e das esculpturas em baixo relevo, vêem-se configurados nas decorações internas e externas das egrejas. A cathedral de Chartres, no seculo XIII, offerece-nos exemplo da representação dos córos dos anjos; o mesmo se observa na cathedral de Bordéus e n'outras. Nos tempos modernos têem sido tambem empregados nas decorações dos templos, egrejas e capellas, assim em pintura como em esculptura. V. *Diccion.* de Viollet-le-Duc, tom. I.

ANIVELADO, A, p. p. de anivelar, e adj. posto ao nivel, igualado no mesmo plano.

ANIVELADOR, s. m. (arch.) o engenheiro, o architecto que faz ou dirige o nivelamento dos terrenos, dos planos, etc. V. *Agrimensor, Nivelamento.*

ANIVELAR, v. a. do lat. *librare,* fr. *niveler,* it. *livellare,* (archit.) igualar em altura, aplanar, pôr a *nivel,* ou no mesmo plano horisontal: usar de um *nivel* para com elle buscar uma linha parallela ao horisonte, em um ou muitos logares, ou estações, para conhecer e regular os declives, endireitar de *nivel* um terreno, e conduzir as aguas. V. *Nivel, Nivelar.*

ANNEIS, s. m. pl. (archit.) pequenos filetes ou listeis quadrados, taes como os tres que servem de ornamento ao capitel dorico, abaixo do quarto de redondo: os antigos lhe chavam armillas, do lat. *armillæ.* V. *Bracelete.*

ANNEL, s. m. do lat. *anulus* ou *annulus,* do gr. *énos* ou *ennos,* anno ou annual, fr. *anneau,* it. *anello,* hesp. *anillo,* ing. *ring,* circulo de metal, ou de outra materia que se traz no dedo.

ANNELADURA, s. f. fórma de annel, que se dá ao cabello, ou a outra cousa.

ANNELAR, adj. e v. a. *annel* e *ar* des. inf. Dar ou ter fórma de annel, o que não só se applica á architectura, mas tambem á pintura e esculptura, dizendo que o cabello é *annelado,* e que deve ser pintado, modelado ou esculpido com a fórma e toques proprios de *anneis.* V. *Abobada.*

ANTA ou ANTE, s. f. do gr. *anti,* lat. e fr. *anta,* it. *pilastro.* (archit.) As *antas,* chamadas tambem *parastades,* eram, nos templos gregos, pilastras levantadas, ou salientes nas paredes de face; a saliencia das *antes* era igual á grossura ordinaria de uma pilastra. Modernamente chamam *antas* ás pilastras angulares dos edificios.

ANTAS, s. m. pl. (do gr. *antaó,* eu caminho) aras antigas de pedra espalhadas pelos caminhos como marcos ou balisas. Em varios pontos de Portugal têem tambem apparecido estas *antas,* a que os antiquarios têem dado diversas interpretações, sem que até hoje se haja com certeza averiguado a sua exacta significação.

ANTEBRAÇO, s. m. (de *ante,* e *braço,* anat.) parte das extremidades superiores do corpo humano; o *antebraço* é formado de dois ossos, o mais interno, que corresponde ao dedo minimo, chama-se *cúbito,* e o mais externo, que corresponde ao pollegar *radio,* por meio dos quaes se faz a articulação *radio-cubital,* que são os movimentos de *pronação* e *supinação,* no primeiro a palma de mão se vira para baixo, no segundo volta-se para cima.

ANTECAMARA, s. f. do lat. *antethalamus,* fr. *antichambre,* it. *anticamera,* ing. *anti chamber,* (archit.) é a casa anterior á sala principal, ou a outras do uso particular do dono, ou pessoa que habita um andar, ou palacio, e mais particularmente se refere á casa que precede a em que se dorme: nos grandes palacios a *antecamara* é o logar ordinario em que os creados esperam as pessoas antes de serem admittidas á sala; havendo ás vezes duas d'essas casas, diz-se *primeira antecamara — segunda antecamara.*

ANTE-COLUMNA, s. f. de *ante* e *columna*, (archit.) columna isolada ou solta, que não está unida a algum corpo em toda a sua circumferencia, como são as columnas dos portaes, e de outras obras exteriores.

ANTE-COLUMNA, s. m. V. *Entre-columnio.*

ANTECORO, s. m. do lat. *ante*, e *chorus*, (archit.) casa immediata ao côro de uma egreja ou mosteiro, em que era costume collocarem-se nas paredes quadros dos retratos de alguns religiosos a elle pertencentes, notaveis por letras e virtudes, ou condecorados com o baculo episcopal.

ANTEFIXO, s. m. do lat. *ante*, diante, e *fixus*, fixado, (archit.) ornamento usado pelos architectos antigos, da fórma de uma pequena palma, ou de uma cabeça, ou mascara de leão, applicada nas extremidades dos telhados, para encobrir, ou mascarar os logares vazios.

ANTEPARO, s. m. do lat. *ante*, e de *parare*, pôr diante, (archit.) peça, ou taipal, ordinariamente feito de madeira ou lona, que serve de dividir uma casa, e de a resguardar do ar, e da vista dos espectadores. V. *Guardavento.*

ANTEPORTA, s. f. do fr. *contreporte*, it. *contrapporta*, (archit.) porta dobrada, segunda porta.

ANTEPORTARIA, s. f. (archit.) casa, ou espaço anterior á portaria de um convento, ou de algum edificio grande.

ANTE-PROJECTO, s. m. do lat. *ante*, antes, e *projectio* ou *delineatio*, projecto ou delineação, fr. *ante-project*, it. *ante-proponimento*, (archit.) primeiras linhas ou esboço do alçado, e distribuição de um edificio qualquer, que se intenta construir, com o respectivo orçamento, ou memoria descriptiva sobre os meios de formar qualquer estabelecimento util. Tambem se póde applicar este termo ao esboço de qualquer grande obra de pintura, ou de esculptura.

ANTESALA, s. f. do lat. *ante*, e *aula* ou *prodomus*, fr. *anti-salle*, (archit.) casa grande, que fica antes da sala principal, em que se recebem visitas.

ANTICOMANIA, s. f. do lat. *anticus*, formado de *ante* e de *actum*, ou do gr. *iko*, e do lat. e gr. *mania*, furor, gosto excessivo, paixão em seguir o estylo, os costumes, ou a pratica do antigo.

«Falconet, o esculptor francez que fez em bronze a estatua equestre do czar Pedro o Grande, chama ao estudo do antigo *anticomania*. Elle escreveu muito contra as obras e auctores da antiguidade, e principalmente contra a estatua equestre de Marco Aurelio.» Cyril., *Convers.* 11, p. 22.

ANTIGO, adj. m. substantivado, do lat. *antiquus*, *a*, *um*, ou do gr. *iko*, o varão, o velho, o antigo, que existe ha largos annos, fr. *antique*, it. *antico*, (t. compl.) chama-se *antigo* ás poucas pinturas, muitas esculpturas, e restos ou fragmentos de architectura, executados nos melhores seculos, em que floreceram as bellas artes entre os gregos e romanos. N'essas obras, e mórmente nas bellas estatuas do tempo de Pericles, de Alexandre o grande, de Augusto, de Trajano, e Adriano se acha unida ao natural uma idéa de belleza que não se descobre hoje, e que talvez nunca se achasse em pessoa alguma. A natureza, diz um auctor grave, tem seus defeitos, o mais bello corpo não é inteiramente isento d'elles; ha partes que se podem achar muitas vezes, ou suppor mais perfeitas em outros corpos: em conformidade d'esta experiencia, o artista intelligente procede como o jardineiro industrioso, que enxerta n'uma haste garfos de melhor qualidade: a abelha forma o mel do succo de muitas flores. A idéa da belleza dos mestres gregos não se restringia só ao bello individual, como ella algumas vezes apparecia nos poetas, assim antigos como modernos, e na maior parte dos artistas dos nossos dias: os gregos procuravam reunir o bello de muitos bellos corpos. A escolha das bellas partes, e suas relações harmoniosas em uma figura, produziram a belleza ideal, que por consequencia não é uma idéa metaphysica, como conclue o mesmo auctor. D'este judicioso criterio, que os antigos fizeram sobre a escolha de differentes modelos naturaes, e d'esta harmoniosa reunião de partes, resultou a maravilhosa execução d'essas

estatuas immortaes, que nos podem servir de proveitoso estudo, a que denominâmos *antigo*. Taes são o Laocoonte, o Apollo de Belveder, a Venus de Médicis, a de Milo, e outras.

Em pintura, as bodas ou casamento aldobrandino, a nympha do palacio Barberini, a Venus, uma figura de Roma, e alguns fragmentos de frescos extrahidos das ruinas de Adriano, das thermas de Tito, de Herculano, etc.

Em architectura, o pantheon de Agrippa, o theatro de Marcello, o templo de Vesta, e varios outros edificios mais ou menos conservados.

ANTIGOS, adj. substantivado, m. pl. Debaixo d'este termo commum se designam as estatuas em marmore ou bronze, as medalhas, as pedras gravadas, que nos legou a antiguidade, e que se acham expostas nos museus, e salas chamadas dos *antigos*, tal como as do Vaticano em Roma, as do Louvre, e outros. V. *Visconti*, *Winckelmann*, *Heyne*, etc.

ANTIGUALHAS, s. f. pl. do fr. *antiquailles*, deriv. do lat. *antiquus*, restos, reliquias do que foi em bellas artes; entende-se por quaesquer objectos antigos mais ou menos arruinados, e de pouco valor artistico, ou sejam de pintura, esculptura, gravura, architectura, etc.

ANTIGUIDADES, s. f. pl. do lat. *antiquitates*. (t. compl.) O estudo das antiguidades é de absoluta necessidade aos artistas, que desejam merecer este nome: elle comprehende tudo o que diz respeito aos tempos antigos; instituições, crenças, usos, artes, monumentos, taes como templos, edificios publicos, tumulos, esculpturas, pinturas, gravuras, inscripções, etc. Podem consultar-se como livros classicos: *les Trésors d'antiquités sacrées* d'Ugholini, — *d'Antiquités grecques* de Gronovius, — *d'Antiquités romaines* de Grævius, Palini; as obras de Potter, Havercamp, relativas á Grecia; de Nieuport, Pitiscus e Heyne, relativas a Roma; de Muratori sobre a Italia na edade media; as *observações* de Heineccius, Hummel, as *antiquit. grec.* de Robinson, e as *antiquit. rom.* d'Adam.

ANTIPATHIA, s. f. do gr. *anti*, contra, e *pathós*, impressão, paixão; (pint.) *antipathia* das cores. V. *Cores*.

ANTIQUARIO, s. m. do lat. *antiquarius*, fr. *antiquaire*, it. *antiquario*, ing. *antiquary*, sabio que investiga e estuda os monumentos, as estatuas, os quadros, as medalhas e outros objectos antigos. V. *Archeologia*, *Archeologo*.

ANVERSO, s. m. do lat. *ante*, antes e *verto*, voltar, (grav.) a face principal das medalhas ou moedas, em que se acha gravado o busto do soberano, heroe, ou pessoa a quem se dedicam; a face opposta chama-se *reverso*.

A OLEO, (loc. adv.) V. *Pintura*.

A OLHO, (loc. adv.) V. *Desenhar*.

APAGAR, v. a. do gr. *apanghó*, apertar, extinguir, socegar, lat. *delere*, fr. *éteindre*, it. *smorzare*, ing. *to kill*, (pint.) adoçar, enfraquecer: as grandes luzes ou claros devem *apagar-se* insensivelmente, devem *apagar-se* as cores para não ferirem a vista, e para darem ao quadro um bom accordo e harmonia. Tambem se diz com os nossos classicos: *apagar* uma imagem. Lucena, *Vida de S. Francisco Xavier*; *apagar* a moeda, extinguindo-a, fundindo-a, etc.

APAINELADO, p. p. de apainelar, e adj. fr. *lambrissé*, it. *intavolato*, que tem fórma ou feição de painel; applica-se especialmente aos tectos antigos, que eram feitos em fórma de paineis.

APAINELAMENTO, s. m. do lat. *lacunar*, it. *sofitta*, hesp. *arteson*, acção ou trabalho de apainelar.

APAINELAR, v. a. lat *lacunare*, fr. *lambrisser*, it. *soffitare*, ou *intavolare*, (archit.) vocabulo que nos tempos remotos se applicava particularmente aos tectos dos palacios e casas, que eram feitos ou divididos em fórma de paineis, ornados de esculpturas e pinturas com molduras douradas. Modernamente tem este termo significação mais extensa, porque se applica tambem ás paredes das salas, que são apaineladas com moldutas, e podem sê-lo com pedras, marmores, madeiras e estuques. «José de Avelar Rebello *fez os setenta e dois grandes paineis da vida de Jesus Christo, que apainelavam todo o tecto*

dos Martyres.» Cyrillo, *Coll. de mem.*, p. 76.

APAIZADO, A, p. p. de apaizar, e adj. desenhado, pintado com paizagens.

APAIZAR, v. a. do fr. *faire des paysages*, hesp. *apaisar*, (pint.) qualquer espaço, logar, quadro, ou desenho, em que se fazem paizagens. Os fundos dos quadros de Poussin são bem *apaizados*. Carache costumava *apaizar* bem os seus quadros. V. *Paizagem*.

APALMADO, A, adj. que tem similhança de mão aberta, (braz.) escudo que tem pintada a palma da mão.

APALPADO, A, p. p. de apalpar, e adj. lat. *palpatus*, fr. *taté*, it. *toccato*, (esculp.) tacteado, modelado com as mãos.

APALPAR, v. a. do lat. *palpare*, precedido da proposição a, fr. *tater*, it. *toccare*, (esculp.) manusear, tocar com as mãos, modelar em barro, ou em outra materia branda e flexivel, quaesquer objectos de relevo; esta expressão não se limita, em termo de arte, sómente ao uso antiquissimo, seguido desde o tempo da florescencia das bellas artes na Grecia, de modelar com as mãos os objectos de esculptura em grandes proporções, entende-se tambem dos pequenos retratos, baixo relevos, e outros objectos, modelados ou relevados em qualquer materia, aindaque não seja possivel applicar-lhe immediatamente as mãos, mas os instrumentos proprios da natureza da materia em que são executados — «... de rosto inteiro, bem *apalpado relevo.»* Vieira Lus., *O insigne pint.*, v. 495.

APANHADO, A, p. p. de apanhar, e adj. colhido, tomado ás mãos, e de improviso; (pint. e esculp.) *apanhado* o retrato, *apanhada* a configuração, a similhança.

APANHAR, v. a. do lat. *assequi* fr. *empoigner*, ou melhor *attraper*, it. *pigliare*, hesp. *apañar*, colher, conseguir por industria: — (pint. e esculp.) termo muito expressivo e familiar, para significar a acção prompta e feliz, com que o pintor ou esculptor imita os objectos da natureza e da arte. Assim dizemos que elles *apanham* bem os retratos, os caracteres, as similhanças, que o pintor *apanhou* o estylo de Corregio, de Ticiano, de Raphael, que o esculptor *apanhou* o estylo do antigo, de Miguel Angelo, de Canova, etc.

APARADO, A, p. p. de aparar, e adj. fr. *ébarbé*, cortado, rebarbado.

APARAR, v. a. do lat. *parare*, fr. *ébarber*, it. *dibarbare*, ing. *to shave*, (esculp. e grav.) cortar aparando os *tacellos* das fôrmas em gesso, ajustando-os entre si, tirar as desigualdades que deixam nas chapas os talhos do buril, rebarbar, aparando essas desigualdades. V. *Rebarbar*.

APARTAMENTO, s. m. do b. lat. *partimentum*, formado do verbo *partiri*, dividir, ou tambem *à parte mansionis*, fr. *appartement*, it. *appartemento*, hesp. *apartamiento*, ing. *apartment*, que faz parte da habitação: — (archit.) em geral é uma divisão, ou plano com os commodos necessarios; em particular, é quarto de casas, camara, logar separado e retirado. Parece gallicismo, mas tem a auctoridade de Sá de Miranda, Vieira, Bernardes, e outros. «Christo não teve casa, e menos *apartamento* retirado n'ella.» Vieira, 9, 58. «Tudo isto estava ouvindo desde o seu *apartamento* interior o outro monge, que velava em oração, e elles suppunham que dormia.» Bernardes, *Nova Floresta*, tom. II, p. 33. V. *Diccion. da Acad.*

APEANHADO, A, p. p. de apeanhar, e adj. collocado em peanha, ou que tem configuração de peanha.

APEANHAR, v. a. (archit. esculp.) dar, ou fazer uma base em fórma de peanha para n'ella sustentar, collocar, ou *apeanhar* um grupo, uma figura, um busto, vaso, etc.; tambem se estende esta expressão a qualquer objecto architectonico, que sustenta, e tem fórma, ou configuração de peanha. V. *Peanha*.

APEADO, A, p. p. de apear, e adj. lat. *dejectus*, fr. *demonté*, it *smontato*, descer, desfazer, derribar.

APEAR, v. a. do lat. *dejicere*, fr. *démonter*, it. *smontare*, pôr a pé: — (archit.) desfazer, demolir, apear uma parede, uma casa, um edificio, ou para o fazer de novo, segundo melhor plano, ou para que o espaço por elle occupado tenha outro destino e applicação.

APHIPROSTYLO. V. *Amphiprostylo.*

APINCELADO, A, p. p. de apincelar, e adj. feito, ou pintado com pincel.

APINCELAR, v. a. (pint., p. us.) fazer uso dos pinceis, dando pinceladas: faz muita differença de pintar. V. *Pintar.*

APLAINADO, A, p. p. de aplainar, e adj. igualado, unido com a plaina ou rebote: sobrado *aplainado*, taboa *aplainada.*

APLAINAR, v. a. do lat. *levigare*, fr. *planer*, it. *spianare*, hesp. *acepillar*, ing. *to plane*, (archit.) alizar, levigar, fazer uso da plaina e do rebote para aplainar, e tornar iguaes as superficies de madeira.

APLANADO, A, p. p. de aplanar, e adj. nivelado, arrasado para tornar igual um terreno.

APLANAR, v. a. do lat. *complanare*, fr. *aplanir*, ou *regaler*, it. *appianare*, hesp. *aplanar*, ing. *to level*, (archit.) deriva-se de plano, e applica-se especialmente aos trabalhos dos agrimensores, encarregados de mandar igualar os terrenos, para os tornar planos, nivelados e proprios ás edificações, ou com a declividade precisa para outros usos.

APLUMADO, A. p. p. de aplumar, e adj. V. *Aprumar.*

APLUMAR, v. a. V. *Aprumar.*

APODYTERIO, s. m. do gr. *apodyterion*, lat. *apodyterium*, (archit. ant.) casa ou logar especialmente destinado nos antigos edificios de banhos, e de exercicios gymnasticos, para se despirem as pessoas que a elles concorriam. V. *Banhos, Gymnasio.*

APOIADO, A, p. p. de apoiar, e adj. sustentado, firmado.

APOIAR, v. a. do lat. *adpodiare*, fr. *appuyer*, it. *appoggiare*, hesp. *apoyar*, (archit. e esculp.) dar apoio, sustentar, suster, etc.

APOIO, ou APOYO s. m. do lat. *podium*, fr. *appui*, it. *appoggio*, hesp. *apoyo*, (archit. e esculp.). Vitruvio diz que *podium* significa *balaustrada*, e que se entende ser uma pequena parede levantada entre os dois pés direitos de uma sacada, e de tal altura que lhe possa servir de *apoio;* porém o termo applica-se em geral a toda a construcção de alvenaria, carpinteria, cantaria, ou de outra qualquer materia, que sirva de sustentaculo, ou *apoio* solido, e proporcionado ao peso que sobre elle descansa, taes são os muros, ou balaustradas feitas nas extremidades de um terraço, entre os pés direitos das janellas de sacada, e os balcões e rampas de escada. A sua posição ou construcção lhe dá differentes denominações: *Apoio directo* ou *quadrado*, é o de nivel, e em linha direita, como o de uma janella de sacada entre seus pés direitos;

Apoio de rampa é o inclinado, como o das escadas;

Apoio continuo é o que domina em toda a largura de uma fachada, como um plintho, que serve de *apoio* a todas as sacadas de cada andar;

Apoio em fórma de pedestal é o que tem esta configuração com base e cornija, como são as mais das sacadas da galeria do Louvre, etc. Os esculptores e estatuarios chamam *ponto de apoio* áquelles objectos, ou accessorios sobre que descansam as estatuas, ou servem de as sustentar, por meio dos quaes é permittido, e até necessario, que algumas d'essas estatuas deixem de guardar perfeito equilibrio: sirva de exemplo a estatua do Hercules de Farnesio, que não está em perfeito equilibrio, por encostar o braço esquerdo sobre a clava que lhe serve de *apoio.*

APOMECOMETRIA, s. f. do gr. *apó*, longe, *mekos*, comprimento, e *metron*, medida, lat., it. e hesp. *apomecometria*, fr. *apomecometrie*, (phys.) arte de medir ou avaliar a distancia e natureza dos objectos afastados.

APOMECOMETRO, s. m. (phys.) instrumento para medir a distancia dos objectos longinquos.

APONTADO, A, p. p. de apontar, e adj. disposto, marcado livremente. Os *apontados* contornos. Vieira Lus., v. 225.

APONTAMENTO, OS, s. m. do lat. *adnotatio*, fr. *marque* ou *note*, it. *annotazione*, breves notas ou signaes do que vem ao pensamento: traçar com ligeireza, e marcar alguns pontos para ajudar a memoria, na apprehensão dos objectos da natureza ou da arte, que se offerecem á observação do artista:

primeiras linhas feitas á pressa para que não escapem da memoria os objectos: parece corresponder este termo ao *croquis* dos francezes. Assim o nosso Vieira Lusitano escreveu *apontamentos velozes*, por bosquejos. *O insigne pintor*, v. 263, 244, 572 e 575. V. *Bosquejo*.

APONTAR, v. a. do lat *punctum*, *pungere*, *adnotare*, fr. *marquer*, it. *marcare*, hesp. *apuntar*, ing. *to mark*, picar, (t. compl.) desenhar ligeiramente, apontando as fórmas geraes dos objectos, bosquejar, rascunhar. «Fabri imaginava e *apontava* com facilidade varios desenhos de architectura.» Cyr., *Mem.*, p. 231. V. *Bosquejar*.

APONTEAR. V. *Apontoar*.

APONTOAR, v. a. do lat. *fulcire*, fr. *étayer*, it. *puntellare*, hesp. *apuntalar*, ing. *to prop*, (archit.) especar, sustentar por meio de pontões ou pontaletes qualquer edificio; pôr-lhe pontos, espeques ou vigas para que não desabe ou se arruine: — (esculpt.) collocar certas balisas ou *pontos* nas pedras, que se destinam para figuras ou estatuas, a fim de regular por elles as medidas necessarias aos desbastes, desengrossando-as e approximando-as aos modelos. Ao primeiro *ponto* ou balisa, que se colloca na estatua para regulamento dos mais, chama-se *ponto-mestre*. V. *Ponto*.

APOPHYGE, s. f. do gr. *apópheugó*, escapar ou fugir, lat. *apophygis*, it. *apofige*, hesp. *apófigo*, fr. e ing. *apophyge*. (archit.) Toma-se primeiro, pelo annel ou circulo de metal, que cerca e fortifica a columna; segundo, pelo logar em que a columna começa a sair da sua base, isto é, a diminuir, desde o seu terço inferior; terceiro, toma-se tambem pela porção circular, que se junta com o primeiro filete superior da columna, que tem o nome de escapo.

APOPHYSE, s. f. do gr. *apophyó*, excrescencia, lat. *apophysis*, it. *apofisi*, hesp. *apofisis*, fr. e ing. *apophyse*, (anat.) assim chamam os anatomicos a toda a protuberancia, ou elevação, que nasce da mesma substancia dos ossos, e excede o nivel da sua superficie: tem differentes nomes, segundo a especie de protuberancia.

APOTHEMA, s. m. do gr. *apotithémi*, depor, abaixar: — (geom.) perpendicular tirada do centro de um polygono regular sobre um dos seus lados.

APOSENTO, s. m. de aposentar; do lat. *conclavium*, fr. *chambre* ou *logement*, it. *abitazione*, (archit.) habitação, morada em que de ordinario se assiste, casa separada onde alguem se recolhe, hospéda ou habita. *Aposentos* nobres e reaes, *aposentos* de principes.

APOSTURA, s. f. a, prep., e postura, (ant.) ar do corpo, geito, postura. *Apostura horrenda*. Mousinho, *Affons. African*. V. *Attitude*, *Postura*, *Posição*.

APOYO. «Para a disposição dos *apoyos* de huma abobeda, não se pode estabelecer uma regra certa, ella he sempre indicada pela direcção do córte feito pelo feicho da sua abobada, e esta direcção he variavel, segundo a qualidade da mesma, visto que cada uma se aparelha differentemente.» Negreiros, tom. v, p. 23 (ms.).

APPARELHADOR, s. m. do lat. *apparator*, fr. *appareilleur*, it. *preparatore*, (archit.) operario principal, ou mestre dos canteiros, que escolhe as pedras, traça as fórmas que devem ter, marca o logar que devem occupar, dirige, e superintende os mais operarios em seus trabalhos, debaixo dos desenhos, instrucções e ordens do architecto. O apparelhador deve entender bem a geometria pratica, o desenho linear, e a natureza dos materiaes que emprega; este nome tambem ás vezes se dá aos mestres carpinteiros e pedreiros, que são encarregados de dirigir os seus officiaes e aprendizes na construcção dos edificios.

APPARELHAMENTO (ant.). V. *Apparelho*.

APPARELHAR, v. a. do lat. *apparare*, fr. *appareiller*, it. *preparare*, hesp. *aparejar*, preparar; termo que significa as primeiras disposições, e trabalhos preparatorios e indispensaveis para a boa execução de obras. Assim *apparelha*, ou manda apparelhar o pintor o panno ou téla, dando-lhe as demãos necessarias a oleo para o tapar e alisar, a fim de sobre o mesmo desenhar e pintar os objectos que pretende. Mandam *apparelhar* o es-

culptor e o estatuario a madeira ou a pedra necessaria, desbastando-a e approximando-a aos modelos das imagens, ou estatuas que projectaram, para emfim as esculpirem e aperfeiçoarem por sua mão. Manda *apparelhar* o architecto as machinas que devem servir na construcção do edificio que delineára, as cerceas ou cartões, e os modelos das partes que o compõem para, em conformidade d'elles, se arrancarem, e apparelharem as pedras e os marmores, cortarem-se as madeiras, fundirem-se os metaes necessarios para a construcção completa do mesmo edificio. *Apparelha* ou manda preparar e *apparelhar* o gravador a chapa, seja de cobre ou aço, gastando-a, alisando-a, e polindo-a para sobre ella desenhar e gravar.

APPARELHO, s. m. do lat. *apparatus*, fr. *appareil*, it. *apparato*, hesp. *aparejo*, primeiras disposições e preparos em cada uma das bellas artes para se levarem a effeito as obras que lhes são relativas.

APPLICAÇÃO, s. f. do lat. *applicatio*, fr. e ing. *application*, it. *applicazione*, hesp. *aplicacion*, a acção de fazer chegar uma cousa a outra: a *applicação* que se faz dos principios de uma sciencia ou arte, para esclarecer e aperfeiçoar outra; v. g., a *applicação* da geometria ao desenho, e a da anatomia á pintura, etc.

APPLICADA, s. f. (geom.) ordenada, linha recta tirada no plano de uma curva, de um de seus pontos ao outro, e que lhe corta o diametro. V. *Ordenada*.

APPLICADO, A, p. p. de applicar, e adj. chegado, unido; desenho *applicado*, anatomia applicada.

APPLICAR, v. a. do lat. *apponere*, ou *applicare*, fr. *appliquer*, it. *applicare*, ing. *to apply*, pôr uma cousa junta, ou por cima de outra: *applicar* o ferro ao marmore, o buril á chapa, o pincel ao quadro ou papel, etc.

APPROXIMAÇÃO, s. f. do lat. *proximitas*, fr. *approximation*, it. *approssimazione*, acção ou effeito de approximar, de chegar perto, de avizinhar os objectos; a approximação dos planos nos quadros, a approximação nos pontos ou balisas de que usam os esculptores.

APPROXIMAR, v. a. do lat. *admovere*, fr. *approximer*, it. *approssimare*, hesp. *aproximar*, (pint. e esculpt.) na pintura approximar os objectos do espectador, apresentando-os no primeiro plano por meio das regras da perspectiva linear e aerea, degradando assim os objectos para que produzam uma illusão perfeita. Na esculptura devem tambem observar-se as leis da perspectiva linear, principalmente em baixos relevos; alem d'isso os esculptores e estatuarios usam dos termos de *approximar* e *approximação*, quando no acto de desengrossarem as estatuas e seus membros, vão chegando as fórmas ás suas medidas regulares, approximando-as aos pontos que lhes servem de balisas. V. *Apontoar*, *Ponto*.

APRESTO, s. m. do lat. *apparatus*, fr. *apprêt*, it. *preparazione*, hesp. *apresto*, ing. *preparation*, (t. compl.) apparelho, primeiras demãos, para pintar, principalmente sobre vidro; preparo, instrumentos e utensilios para estudo e exercicio das artes. V. *utensilios*.

«Partio Francisco voando
A procurar os *aprestos*»
Vieira Lus. O *Ins. pint.*, v. 492.

Á PRIMEIRA, (loc. adv.) ao principio, desde logo, sem emenda, nem arrependimento; desenho feito *á primeira*, isto é, de improviso, de repente, esboço; modelo feito *á primeira*, isto é, sem segunda mão, sem correcção. V. *Arrependimento*.

APRIMORAR, v. a. e seus deriv. V. *Acabar*, *Acabamento*.

Á PROPORÇÃO, (loc. adv.) proporcionadamente, segundo as regras das proporções. V. *Proporções*.

APRUMADO, A, p. p. de aprumar, e adj. posto a prumo, levantado perpendicularmente.

APRUMAR, v. a. a, pref., prumo e ar, des. inf., do lat. *ad perpendiculum respondere*, fr. *mettre d'aplomb*, it. *piombare*, hesp. *aplomar*, ing. *to lead*, pôr, levantar a prumo, verificar por meio do instrumento se uma pedra, uma estatua ou outro objecto, estão segundo as regras do equilibrio, com a devida consideração ás leis da estatica e da gravidade dos corpos.

A PRUMO (loc. adv.). V. *Prumo*.

APYRA, s. f. do gr. *a*, *priv.* e *pyr*, fogo, (chim. e miner.) argilla ou barro infusivel, ou incombustivel, porcelana de que se fazem objectos de louça e de esculptura.

AQUARELLA, s. f. V. *Aguarellas.*

AQUARTELADO, A, p. p. de aquartelar, e adj. (braz.) escudo partido em quarteis.

AQUÁ-TINTA, s. f. (grav.) V. *Agua-tinta.*

AQUEDUCTO, s. m. do lat. *aquæductus*, fr. *aqueduc*, it. *acquedotto*, hesp. *acueducto*, ing. *aqueduct*, conducto de agua:—(archit.) canal artificial, construido de pedra ou alvenaria, sobterrado, ou elevado sobre a terra para conduzir agua de um a outro logar, apesar das desigualdades do terreno. Quando o aqueducto atravessa os valles é sustentado por arcadas, que algumas vezes são dobradas e triplicadas umas sobre outras. Cita-se na antiguidade o *aqueducto* de Sesóstris em Memphis, o de Semiramis em Babylonia, o de Salomão em Israel. Os aqueductos romanos são muito notaveis pela sua magnificencia. O primeiro *aqueducto* fabricado pelos romanos deve-se ao celebre auctor da via appiana, e denominava-se *Aqua Appia*, e depois d'este se construiram outros: o *Anio Vetus*, a *Aqua Julia*, a *Aqua Virgo*, etc. Um dos directores d'estas obras, Julio Frontino, refere nove aqueductos que se repartiam por 13:594 canaes de uma pollegada de diametro. Entre os aqueductos modernos de Genova, de Spoleto, de Caserta e de Roma, é com rasão muito celebrado o de Montpellier, que Luiz XIV mandou construir; o de Roquefavour, que traz a Marselha as aguas do Durenza, e reune dois rochedos separados por um valle de 400 metros, tendo as arcadas em certos logares 86 metros de alto. Este foi acabado em 1848.

Quanto ao effeito artistico d'estas obras, diz Chateaubriand, que os aqueductos gregos que vira na Grecia não têem similhança aos aqueductos romanos, porque não se elevam quasi nada da terra, e não offerecem aquelle seguimento de arcos grandes, que fazem tão bello effeito na perspectiva.

Em Lisboa temos o famoso *aqueducto* chamado das *Aguas Livres*, obra grandiosa e admiravel, devida á magnificencia do senhor rei D. João V. Convem a este respeito saber-se, que desde o anno de 1588 se tomaram algumas medidas, e se deram disposições para abastecer de aguas a cidade de Lisboa, e ha quem affirme que no reinado do senhor rei D. Manuel se fizeram algumas tentativas para o mesmo fim, procurando as nascentes no logar da que hoje mana o maximo provimento da capital; mas só no reinado d'aquelle monarcha, no seculo XVIII, se cuidou de levar a cabo esta obra magestosa, executada pelos desenhos e direcção de Manuel da Maia, distincto architecto militar, que chegou a ser marechal general, e engenheiro mór do reino. A solidez da construcção é tal que o horrivel terremoto de 1755 não lhe causou damno notavel, porque apenas tres dos dezeseis torreões, que servem de ventiladores, soffreram algum estrago. Este aqueducto começa na ribeira de Carenque, a tres leguas da cidade: contam-se na sua total extensão 127 arcos de solida e boa cantaria de pedra lioz: o encanamento interior tem 13 pés de altura. Quando corre em sitios elevados, por baixo da terra tem uns torreões quadrados, de espaço a espaço, com uma janella em cada face, resguardadas por grades de ferro e redes de arame, e ao atravessar os valles corre sobre elegantes arcos, sem deslizar do proprio nivelamento. É admiravel a ponte-aqueducto sobre a ribeira de Alcantara, d'onde se gosa uma bella e dilatada perspectiva. São 35 os arcos que emparelham, e reunem duas eminencias oppostas, sobre um profundo valle, e na extensão de 341 $^1/_2$ braças portuguezas: o arco grande tem de altura 315 palmos, e 150 de largura. Ha dois passeios de quasi 8 palmos de largura encostados a este magnifico aqueducto, que correm do nascente a poente; o mesmo aqueducto entra na cidade pelo sitio que chamam as *Amoreiras;* ao lado está um grandioso arco da ordem dorica, havendo a meio no friso da cimalha, de uma e outra face, duas inscripções latinas, em uma das quaes se lê ter levado a execução da obra vinte e um

annos, e marca a data de 1738, e na outra, diz-se ter o aqueducto 9:000 passos de extensão, e que fôra edificado *œre publico.*

Saíndo do passeio das *Amoreiras,* fica da parte do sul o grande deposito vulgarmente chamado *Mãe de agua do Rato,* cujo tanque tem de comprimento 125 palmos, de largura 107, e de altura 37. V. *Panorama,* t. VII, p. 49.

AQUILINO, A, adj. do lat. *aquilinus,* fr. *aquilin,* de aguia; epitheto que se dá ao nariz convexo, como o bico da aguia. Olhos *aquilinos,* vivos, penetrantes. «Era de jocundo e magestoso aspecto, o nariz e olhos *aquilinos.*» *Vida do Principe Palatino,* p. 165.

AR, s. m. do lat. e gr. *aer,* fr. e ing. *air,* it. *aria,* hesp. *aire:* — um dos quatro elementos dos antigos, fluido gazoso, que forma em torno do globo terrestre uma capa designada com o nome de atmosphera; o *ar* parece incolor, mas visto em massa é azulado, elastico e transparente, e é setenta e sete vezes mais pesado que a agua: — (pint. e esculpt.) Dois sentidos tem este termo entre os artistas: um é commum á pintura e á esculptura, e o outro pertence só á pintura, porque os pintores e esculptores costumam dizer, e dizem com os nossos classicos: homem de bom *ar,* mulher de bello *ar,* — de riso, tem *ares* de familia, etc. Tambem dizemos: bom *ar* de cabeça, *ar* de respeito, *ar* de devoção, etc. Albano e Guido deram bons *ares* de cabeça ás suas figuras. Os pintores dizem que é muito difficil de representar e pintar o *ar;* e é costume dizer-se que um quadro tem *ar,* quando os objectos n'elle representados sobresáem uns dos outros, e do fundo do quadro, de modo que a vista percorra, e meça o espaço no qual o pintor os quiz fazer como isolados. Para isto se conseguir é necessario que o artista entenda bem a perspectiva linear e aerea, mas o resultado d'essa illusão depende muito d'esta ultima. Os *ares* das paizagens de C. Lorraine são leves, transparentes e bem pintados.

«E todavia lhe lançavam um lençol ou panno ao redor das pernas para conservarem em tudo a graça, e o bom *ar* de elegancia e decoro.» F. de Hollanda, *Pint. ant.,* p. 48.

«O uso da casaca é tão falto de elegancia, e não expõe á vista um certo *ar* de nobre e de grandioso com que se deve mostrar a personagem em scena heroica.» M. de Castro, *Descrip. analyt.,* p. 28.

ARA, s. f. do lat. *ara,* altar, sanctuario, do gr. *aîrô,* exaltar, elevar: — (archit.) entende-se em geral o altar, quasi sempre de pedra, para sobre elle se fazerem sacrificios á divindade. *Pedra de ara.* V. *Altar.*

ARABESCOS, s. m. pl. do b. lat. *arabesque,* fr. *arabesques,* ing. *arabic work,* it. *arabescos,* (pint. e esculpt.) ornamentos caprichosos em pintura ou esculptura, compostos de ramos, de folhagens, de fructos, de conchas, e de seres imaginarios, grupados com arte de modo que produzam bom effeito. A lei de Mahomet prohibia a representação de figuras humanas, e de animaes, e por isso se não encontram estas nas pinturas dos arabes, a quem se attribue o uso e pratica dos arabescos, e dos quaes parece derivar-se o nome; mas os europeus grupam e entrelaçam em seus ornamentos todas as especies de animaes, e mesmo de figuras humanas; e são muito para estudar e seguir os que Raphael de Urbino pintou admiravelmente no Vaticano. V. *Vitruv.* e *Grutescos.*

ARANGÕES ou ARRINCÕES, s. m. V. *Artezão* e *Artezões.*

ARCADA ou ARCARÍA, s. f. (subst. da des. f. de *arcado,* deve subentender-se galeria ou passagem) do fr. *arcade,* it. *volta,* hesp. *arcada,* ing. *vault,* (archit.) abertura da abobada feita em fórma de arco: multidão de arcos seguidos, taes como são as arcadas da praça do Commercio em Lisboa. As *arcadas* servem tambem nos grandes entrecolumnios de edificios importantes, nas praças publicas, nos claustros, nos palacios, nos theatros e amphitheatros. São applicadas para sustentar paredes grossas, muralhas altas, servem nas pontes, aqueductos, em portas e janellas, e nos arcos triumphaes.

ARCA D'AGUA. V. *Mãe d'agua, Reservatorio.*

ARCADO, A, p. p. de arcar, e adj. arqueado, feito em fórma curva ou de arco.

ARCAR, v. a. V. *Arquear.*

ARCHANJO, s. m. do gr. *archos*, chefe, e *aggélos*, anjo, lat. *archangelus*, anjo de ordem superior, penultimo na dos nove coros. A escriptura santa só nos declara tres, e são: Gabriel, Raphael e Miguel. A pintura e a esculptura os representam como embaixadores de Deus, e executores de seus altissimos decretos. V. *Anjos*.

ARCHEOGRAPHIA, s. f. do gr. *arkhé*, principio, e *grapho*, descrevo: —, descripção dos monumentos antigos.

ARCHEÓGRAPHO, A, s. m. ou f. a pessoa de um ou outro sexo, que sabe descrever os monumentos antigos.

ARCHEOLOGIA, s. f. do gr. *archaios*, antigo, e *logos*, discurso, sciencia que trata de tudo que é relativo aos costumes e usos dos antigos, e especialmente de artes e monumentos. Ella comprehende as differentes partes da arte dos antigos, os generos e especies de architectura, a esculptura, que comprehende a estatuaria, os baixo-relevos e os ornamentos, o desenho e a pintura em madeira, tela, pedra, marfim, mosaicos, a gravura de camafeus, em talha, cobre, aço, medalhas, moedas, etc. A *archeologia* emprega-se tambem na indagação das inscripções e escripturas antigas. Ha differença notavel entre o archeologo e o antiquario, porque este indaga e recolhe os monumentos, e tem mais gosto e habito de os adquirir do que erudição e estudos proprios para os descrever e avaliar. Grévio, Gronovio, Muratori, d'Agencourt, Quatremère, Visconti, e outros, cultivaram esta sciencia; Winkelmann compoz a historia da arte entre os antigos, e Cicognara continuou-a até 1823.

Podem consultar-se o *Tratado elementar de archeologia*, de M. Champollion Figeac (1843), o *Manual de archeologia*, de Ollfried Muller, traduzido por Nicard; o *Dictionnaire des antiquités*, por Mongés, e o *Dictionnaire des antiquités romaines et grecques*, por A. Rich (1861). V. *Antiguidades*.

ARCHEOLÓGICO, A, adj. o que pertence, ou é relativo á archeologia.

ARCHEÓLOGO, s. m. o que é versado no estudo da archeologia.

ARCHETYPO, s. m. do gr. *arkhé*, principio, e *typos*, original, lat. *archetypus*, modelo primordial. É termo synonymo de idéa na linguagem de Platão, e designa as fórmas substanciaes das cousas que existiam de toda a eternidade na mente divina, e que são o modelo, padrão ou typo sobre o qual têem sido creados todos os seres: *archetypo*, modelo original, fórma primitiva de qualquer obra de bellas artes, seja em pintura, esculptura, architectura ou gravura. Alguns neologos têem dado o nome de archetypo aos gêssos moldados sobre os baixo-relevos de pedra ou de bronze. V. *Typo*.

ARCHETYPO, adj. copiado ou feito conforme o original.

ARCHITECTADO A, p. p. de architectar, e adj.

> Cujo edificio formoso
> foi *arquitectado* e feito
> pelo famoso Cortona.
>
> Vieira Lus., *O pint. inst.*, pag. 217.

ARCHITECTAR, v. a. do lat. *architectorari*, fr. *architecturer*, it. *architettáre*, fabricar, construir obras como architecto; levantar, formar um edificio. «*Architectou* Deus o mundo». Vieira.

ARCHITECTO, ou ARQUITECTO, s. m. do gr. *archòs*, e *tecton*, principal obreiro, ou primeiro edificador, do lat. *architectus*, fr. *architecte*, it. *architetto*, ing. *architect*, o que compõe e desenha os projectos dos edificios, regula e proporciona as suas partes componentes, determina a natureza dos materiaes que se devem empregar, fórma os orçamentos, dirige e véla superiormente sobre a sua construcção para que se tornem dignos de seu auctor, e conformes aos desejos e vontade, de quem os manda edificar. Para conseguir estes fins é necessario que o *architecto*, sobre um genio inspirado e feliz, possua um complexo de doutrinas, e variados conhecimentos theoricos e praticos, assim como as qualidades moraes para o bom desempenho de sua nobre profissão. Elle deve conhecer, alem da sciencia do desenho, a arithmetica, a geometria, a perspectiva, a mechanica em geral, a estatica, a hydrostatica, e ter conhecimentos de outras scien-

cias subsidiarias, taes como a historia, a astronomia, a jurisprudencia, e até não deve ser hospede na musica e na medicina, para que possa ter o verdadeiro nome de architecto, segundo o exige Vitruvio no cap. I, liv. I do seu *Tratado de architectura.*

ARCHITECTÓNICA, s. f. (p. us.) architectura, arte de construir edificios.

ARCHITECTÓNICO, A, adj. do lat. *architectonicus,* e do gr. *toneo,* fortalecer, firmar, o que é relativo á architectura, ou ao modo de levantar pesos para edificar por meio de machinas. «São como um engenho *architectonico,* que serve de guindar alguma machina» Bern., *Ult. fins,* p. 249.

ARCHITECTONOGRAPHIA, s. f. (didact.) descripção de um edificio; a arte de conhecer e descrever os edificios.

ARCHITECTONÓGRAPHO, s.m. (didact., p. us.) O que descreve ou faz a descripção de algum edificio.

ARCHITECTOR, ou ARQUITECTOR, s. m. architecto. «O grande *architector*». Lus. 4,104. «Arquitettor, ou architecto» F. de Holl., *Pint. ant.,* p. 79.

ARCHITECTURA ou ARQUITECTURA, s. f. do lat. *architectura,* it. *architettura,* fr. e ing. *architecture, or art of building,* é em geral a arte de compor e construir toda a sorte de edificios, segundo as regras e proporções convenientes. Divide-se esta arte em tres ramos: *architetura civil, militar* e *naval:* a *civil,* que se emprega na construcção de edificios publicos e particulares; a *militar* que tem por objecto a segurança publica, a fortificação das cidades e praças; a *naval,* que se encarrega de construir navios, portos, diques, caes, etc. A *architectura* civil ainda se subdivide em architectura *religiosa, monastica, rural, hydraulica,* etc.: a primeira é destinada aos edificios consagrados ao culto; a segunda, á habitação de monges e religiosos; a terceira, ás construcções relativas á agricultura; e a quarta, ás fundações debaixo de agua, e das conducções d'esta, etc. A necessidade creou a architectura, a arte deu-lhe desenvolvimento, o estudo e as riquezas a sua maior perfeição. O homem formou a cabana para se abrigar das injurias do tempo; Caim, como consta das sagradas letras, construiu uma cidade; Nemrod, bisneto de Noé, edificou as famosas cidades de Babylonia e Ninive, segundo affirma a historia. Os egypcios, os persas, e outros povos antigos deram-se tambem á pratica da architectura, mas nenhum d'elles conheceu os attractivos do bom gosto, nem se deixou possuir da nobre simplicidade da natureza, sentimento que parece só estava reservado para os gregos, a quem devemos o conhecimento das regras, e das boas proporções. A *architectura* pois, guiada por ellas admitte cinco ordens, que se distinguem pela fórma, pela proporção, e pelos ornamentos das columnas, ou do entablamento: a *dorica,* a *jonica,* a *corinthia,* a *toscana,* a *composita.* V. *Ordens de architectura.*

Cada povo e cada nação, com poucas excepções, tem sua architectura, que exprime o seu sentimento, e marcha de accordo com a sua civilisação: os egypcios, os assyrios, os persas, os indios e os chinezes permanecem estacionarios nas suas fórmas typicas, e gosto architectural; quasi todas as outras nações mostram mais ou menos tendencias para o progresso e movimento em suas edificações, que se revelam nos principaes periodos da historia da arte: as pyramides gigantescas dos egypcios; os templos ou pagodes dos indios talhados no rochedo, e recheados de divindades; as architecturas chinezas immoveis e immorredouras com os seus telhados bicudos, dão testemunho do seu estado tambem immovel no campo da arte. Só a Grecia, mórmente no tempo de Pericles, foi o centro do movimento artistico, e o germen da mais bella architectura, d'onde procedem as tres ordens *dorica, jonica e corinthia;* os etruscos inventaram a *toscana,* e os romanos a *composita,* levando a arte a grande perfeição até ao tempo de Augusto: depois d'elle foi declinando até ao governo dos Antoninos, e ainda mais no de Marco Aurelio, e seu filho. Com as guerras dos barbaros do norte extinguiu-se de todo o bom gosto da architectura classica, que foi substituido por differentes estylos, que

nasceram da architectura romana degenerada, d'onde veiu o gothico, que mais ou menos dominou na edade media com differentes fórmas e denominações, segundo os paizes que o adoptaram. Em Constantinopla, séde então das artes decaídas, teve origem o estylo chamado *byzantino,* que não é outra cousa mais do que a alliança das artes do oriente com o velho gothico, certamente notavel pela altura dos arcos, e creação das abobadas. Ao *byzantino* succedeu a architectura *arabe,* filha da Hespanha, que de mãos dadas com a mourisca formaram a architectura *serracena* ou o *gothico moderno,* e d'ahi o estylo ogival, as fórmas agudas e angulosas, e os seus luxuosos ornamentos. Na Italia, desde o seculo XII, e principalmente no de XVI resuscitou o gosto da architectura classica, que ainda hoje domina com o judicioso criterio de muitos cultores das bellas artes.

Entre os mais abalisados architectos da antiguidade devem nomear-se Hermógenes, que edificou o templo de Diana na cidade de Magnesia, e escreveu sobre architectura; Agámedes e Trophonio, auctores do templo de Apollo em Delphos; C. Tesiphonio, que edificou o templo de Diana em Epheso; Chares, o colosso de Rhodes; Ictino e Callicrates, que construiram com a direcção de Phidias os planos do Parthenon em Athenas; Dinócrates, o Macedonio, que teve a singular idéa de dar ao monte Athos a figura de Alexandre. Entre os romanos não deve esquecer Vitruvio, que nos deixou um tratado completo de architectura; Apollodoro, que construio a notavel ponte do Danubio, e em Roma o templo e o forum de Trajano; Anthemio, que ajudado por Izidoro de Milet, fabricou a egreja de Santa Sophia em Constantinopla; Brunelleschi, Arnolfo-Bramante, que se tornou celebre pela construcção da basilica de S. Pedro ou do Vaticano, acabada por Miguel Angelo; e bem assim Palladio, Scamozzi, Vignola, auctor de dois tratados, um de perspectiva, outro das cinco ordens; Inigo-Jones, o Vitruvio de Inglaterra, e Christovão Wren, que construiram a basilica de S. Paulo em Londres: na França Philisberto Delorme, Perraut, Mansard, Servandoni, Rondelet Chalgrin, etc.: em Portugal Affonso Rodrigues, architecto do convento da Batalha, João de Castilho, principal architecto do mosteiro dos Jeronymos em Belem, João Frederico Ludovici, auctor da Basilica de Mafra, Eugenio dos Santos de Carvalho, architecto da nova cidade de Lisboa, José da Costa e Silva, auctor do theatro de S. Carlos, e outros V. *Gothico.*

Para o estudo de architectura devem-se consultar os dez livros de Vitruvio, commentados por Perraut; o curso de architectura de Blondel, de d'Aviler, de Durant; o tratado da arte de edificar de Rondelet, e o tratado de architectura de Raynaud; o Diccionario de architectura de Quatremère de Quincy; os monumentos antigos e modernos de Guilhabaud; o diccionario de Viollet-le-Duc, etc. Em portuguez, o compendio de geometria pratica applicada ás operações de desenho; noções theoricas de architectura civil, seguida de um breve tratado das cinco ordens de Vinhola; elementos de perspectiva, theorica e pratica, pelo professor de architectura da academia real das bellas artes de Lisboa, o sr. José da Costa Sequeira.

ARCHITECTURAL, adj. dos dois g. o que pertence ou é relativo á architectura.

ARCHITRAVADO, A, adj. que tem a fórma de architrave.

ARCHITRAVADO, A, s. f. ou m. cimalha sem friso.

ARCHITRAVE ou ARQUITRAVE, s. f. ou m. do gr. *archos,* principal, lat. *trabs,* viga, o *épistyle* dos gregos, *épi* sobre, e *stylos* columna:— (archit.) é a principal viga ou verga, e a primeira parte do entablamento, que descansa sobre as columnas ou pilastras, e que é feita ou de uma só peça, como se vê na maior parte dos edificios antigos, ou de muitas peças, como usam os modernos. A architrave é differente, segundo as ordens a que pertence: a toscana tem uma só facha coroada de um filete, a dorica e a composita duas fachas, e a jonica e corinthia tem tres.

Architrave mutilada é a que tem a saliencia interrompida, e fica plana,

e igualada com o friso, para receber uma inscripção, como é a que se vê no templo da Concordia em Roma.

Architrave truncada é a que tem interrupção pela abertura, ou sómente pela travessa do remate de uma janella: ambas são de mau gosto, principalmente a truncada.

«O seu arquitrave (dos antigos) e friso, ou cornija nunca mais curarão de bolir com elles.» F. de Holl., *Pint. ant.*, p. 28, ms.

ARCHIVOLTA, s. f. do lat. *arcus volutus*, fr. *archivolte*, arco contornado: —(archit.) é a facha ornada de molduras, que guarnece as cabeças das pedras ou cunhas, que compõem uma arcada, e descansa sobre as impostas. Distinguem-se segundo as ordens de architectura: na toscana é uma simples facha, na dorica e jonica são duas fachas coroadas, e na corinthia e composita têem as mesmas tres molduras que o architrave.

Archivolta *reversa* é a que, detendo-se para fazer uma volta de esquadria, se prolonga depois sobre o pé direito, e vae reunir-se á imposta da arcada seguinte.

Archivolta *rustica* é a que só tem molduras interrompidas por um feixo, e por pedras simples ou rusticas em ordem alternada.

ARCO, s. m. do lat. *arcus*, fr. *arc*, it. e hesp. *arco*, ing. *arch*, instrumento, ou arma mais antiga, que todos conhecem: —(geom.) é uma porção de linha curva, a cuja base se chama corda, que é a linha que une suas extremidades, e diz-se *flecha do arco* á perpendicular tirada a meio da corda, e que termina no mesmo arco. A *rectificação* de um arco consiste na construcção de uma linha recta que lhe seja exactamente igual. O *arco de circulo* é uma parte da circumferencia do circulo. *Os arcos iguaes* são os de um mesmo circulo que contêem o mesmo numero de graus; os *arcos similhantes* contêem o mesmo numero de graus, mas pertencem a circulos differentes. Os *arcos concentricos* são aquelles que têem o mesmo centro.

Em numismatica, o *arco* é um emblema que se acha em muitas medalhas, representando Apollo, Diana, Amor; n'outras medalhas significa attributo de guerra.

Em architectura chama-se *arco* a toda a construcção, cujo perfil tem a fórma de uma curva: elle é de differentes especies, e tem differentes nomes, que tambem são applicados ás abobadas; *arco* perfeito, ou de meio ponto, ou em pleno cimbrio, é o que contém metade de toda a circumferencia, e a sua corda passa ao centro, *arcus hemicyclicus.*

Arco abatido, de volta de sarapanel, ou de *aza de cesto*, é o que tem volta abatida, e é traçado por tres centros, ou ao menos por dois, *arcus delumbatus.*

Arco através ou de lado, ou de escarção, é o que não tem os pés direitos em esquadria com o seu plano, como se costuma praticar nas portas de lado, *arcus obliquus.*

Arco rampante é o que em uma parede a prumo fica inclinado, seguindo uma inclinação dada, *arcus declivis.*

Arco em talude é o que se abre n'uma parede em talude ou escarpa.

Arco em berço, é uma continuidade de abobada, galeria, aqueducto, etc.

Arco de descarga é o que se faz para alliviar uma platibanda, ou um portal, descansando as primeiras pedras sobre a verga, ou trave principal.

Arco ao inverso é o que, segundo Leão Baptista Alberti, faz um effeito contrario ao arco em descarga: e serve nas fundações, ou alicerces para sustentar os pilares de argamassa, e para impedir que elles cresçam em um terreno pouco firme.

Arco diminuido é o que se forma de uma porção de circulo pelo triangulo equilateral, e cuja corda passa acima do centro, como se pratica nas janellas de sacada.

Arco composto ou *angular* é o que se forma de dois arcos diminuidos juntos entre si, e que tem em sua corda dois centros de duas linhas curvas, que se cortam mutuamente.

Arco convexo ou *abaulado* é o que tem o centro duas vezes mais baixo que o triangulo equilateral, formando uma especie de curvatura para ter mais força do que a platibanda, a qual se faz de linha recta. Usa-se d'este arco em alguns fechamentos

de portas, e de sacadas, e pratica-se alguma vez em cima de uma archivolta.

Arco de cercca alongada é o que se faz de uma linha elliptica, como se usa nas rampas das escadas.

Arco dobrado é o que excede o liso da aduela de uma abobada, ao nivel de cada pé direito, columna, ou pilastra, formando uma fiada de pedras entalhadas, de uma a outra parte, segundo o seu diametro. Esta saliencia é de ordinario ornada de molduras e de esculpturas.

Arco dobrado em terceiro ponto, ou *gothico*, é o que se faz de duas porções de circulo, que se cortam no ponto do angulo na summidade de um triangulo, e que excede o nú dos pendentes das abobadas com nervuras.

ARCO BOTANTE, s. m. do fr. *arc-boutant*, (archit.) arco, ou porção de um arco rampante, apoiado sobre muro, ou parede proporcionada, propria para sustentar as abobadas de egrejas grandiosas, e de outros edificios consideraveis, como de egrejas gothicas, etc. Vitruvio chama-lhe *erisma*. V. *Botaréo*.

ARCO DE REBECA, do lat. *plectrum*, fr. *archet*, it. *plettro*, (esculp.) instrumento formado á similhança de um arco de rebeca, tendo segura em uma de suas extremidades uma broca, de que se servem os estatuarios para furar as pedras e marmores, e de que os canteiros, serralheiros e outros artifices tambem usam nas obras de seus misteres.

ARCO DE TRIUMPHO ou TRIUMPHAL, s. m. (archit.) monumento formado de um grande portico abobadado, collocado quasi sempre na entrada das cidades, sobre pontes, e em estradas publicas, decorado com figuras, baixos-relevos, e inscripções para conservar a gloria de um vencedor, ou a memoria de algum acontecimento importante. Os Romanos foram os primeiros inventores d'estes monumentos. Os *arcos* de triumpho eram as mais das vezes elevados para dar entrada aos triumphadores. Os mais notaveis monumentos d'este genero são: o *arco de Constantino*, de 16 metros de altura, levantado em Roma por occasião das victorias que alcançára sobre Maxencio; o *arco de Septimio Severo*, junto ao Capitolio; o *arco de Galliano*, erigido perto de 260 annos da era vulgar; o *arco de Titus*, levantado por motivos da tomada de Jerusalem; os baixos-relevos que decoram o arco são um monumento precioso para a historia da arte; o *arco Rimini*, dedicado a Augusto, que é o mais antigo dos arcos levantados pelos romanos; o *arco de Suza*, ao pé do monte *Cenis*, dedicado a Augusto, os de Arles, de Cavillon, de Orange, etc. París conta quatro arcos de triumpho: o da *Porta de S. Diniz*, erecto em 1673, á custa da cidade, em memoria da passagem do Rheno por Luiz XIV; o da *Porta de S. Martinho*, dedicado ao mesmo rei depois da conquista do *Franche-Comté*, o de *Carrousel*, erigido á gloria de Napoleão, e dos exercitos francezes em 1806; e o da *Estrella*,, especialmente chamado o *Arco do Triumpho*, obra de Chalgrin e Huyot, principiado em 1806, e terminado em 1835; e é o mais colossal de todos os arcos de triumpho, porque tem 45 metros de alto, e está collocado em uma posição magnifica. V. *Diction. des scienc. des let. et des arts.*, por Bouillet, París, 1859. Em Lisboa póde considerar-se haver um só arco triumphal, que se acha concluido, no fundo da rua Augusta, com frente para a praça do Commercio, levantado á gloria de el-rei o sr. D. José I; e talvez possam tambem chamar-se triumphaes os dois arcos do aqueducto de Lisboa, um collocado na rua de S. Bento, outro proximo á praça das Amoreiras, que servem de nos recordar a grandiosa e utilissima empreza começada, e levada ao cabo pelo sr. rei D. João V, no abastecimento das aguas para a capital.

ARCUMFERENCIA, s. f. (p. us.) V. *Circumferencia*.

ARDESIA. V. *Ardosia*.

ARDOSIA, s. f. vem do celt. *ard*, pedra, ou de uma cidade de *Ardy* em Irlanda, d'onde foram tiradas as primeiras *ardosias*, lat. *ardosia*, fr. *ardoise*, it. *ardesia*, ing. *slate*, especie de pedra schistosa, que se emprega na cobertura das casas; é uma variedade da rocha chamada pelos geologos *phyllade*, que offerece massas faceis

de dividir em folhas delgadas, solidas e direitas. A melhor *ardosia* é a mais negra, mais lustrosa e mais solida. A França, a Inglaterra, a Belgica, a Italia, a Prussia, a Austria, e as colonias inglezas têem boas *ardosias*, e são n'estes paizes objectos de esmerada industria, e de um avultado commercio. Os antigos não faziam uso da *ardosia;* os modernos, principalmente os que habitam os paizes frios, usavam d'ella sómente para cobertura das casas, substituindo-a ás telhas; hoje applica-se a muitos usos economicos e domesticos, fazendo-lhe preparo de cores e esmaltes, de modo que d'ella se fabricam bons fogões de sala, mesas, lavatorios, pedras funerarias, e se revestem quartos e aposentos interiores. Em Portugal tambem ha boas *ardosias* e em grande quantidade, que pela maior parte servem para tabellas de demonstrações de desenho, de arithmetica, de mathematica, etc. As pedreiras de *ardosias* de Vallongo, situadas a 12 kilometros de distancia do Porto, são especialmente conhecidas pela sua boa qualidade.

ARDOSIRA ou ARDOSIEIRA, s. f. do lat. *lapidicina ardosiarum*, pedreira, ou jazigo d'onde se tiram as *ardosias*.

ÁREA, s. f. do lat. *area*, fr. *aire*, it. *suolo*, (geom.) superficie de uma qualquer figura:—, unidade de superficie agraria do novo systema metrico dos francezes: é um decametro quadrado, ou um quadrado, cada lado do qual tem 10 metros de comprido, tendo por conseguinte 100 metros quadrados de superficie. Em geral é o espaço ou superficie plana sobre a qual o architecto póde edificar. Toma-se tambem por uma qualquer superficie formada de differentes materiaes, e applicada a diversos usos.

AREAL ou AREIAL, s. m. do lat. *arenaria*, fr. *sablière*, it. *renajo*, hesp. *arenal*, ing. *sand-pit*, campo, terra areienta, logar ou sitio em que ha areias.

AREIA, s. f. do lat. *arena*, fr. *sable*, it. *rena*, hesp. *arena*, ing. *sand*, materia pedregosa, pulverolenta, composta de grãos maiores ou menores, provenientes da segregação das rochas siliciosas, ou quartzosas; distinguem-se as *areias* em siliciosas, calcareas, argillosas e metallicas: ha *areias de rio*, *areias de mar*, e *areias de mina*, ou *saibros*. Ainda que a *areia* seja geralmente amarella ha tambem *areia* branca, cinzenta, vermelha e negra; e todas têem mais ou menos uso nos differentes misteres das artes.

O saibro ou *areia* de mina produz melhor argamassa do que a *areia* do rio; as *areias* de côr mais escura são preferiveis ás mais claras; a *areia* de mina empregada antes de ser lavada ou secca ao sol, produz melhor argamassa: em regra as *areias* de mina são melhores para a maior e mais grossa construcção, porque as areias dos rios devem ser empregadas nos rebôcos. V. *Guia do operario*, pag. 115, pelo sr. M. J. Julio Guerra, Lisboa, 1867.

AREJADO, A, p. p. de arejar, e adj. exposto ao ar, ventilado; sitio *arejado*, casa *arejada*.

AREJAR, v. a. do fr. *aérer*, it. *dar aria*, hesp. *ayrear*, ing. *to seat well*, (archit.) dar o ar conveniente a um edificio por meio de portas, janellas, etc. V. *Ventilar*.

ARENA, s. f. do lat. *arena*, fr. e ing. *arene*, it. e hesp. *arena*, (archit.) praça, espaço, plano circular ou oval no interior de um amphitheatro, em que combatiam os lutadores e as feras, todo areado para evitar as quédas, ou embeber o sangue, e d'ahi vem o nome de *arena*. Algumas vezes se toma por este nome todo o amphitheatro, como o de Nimes, que é dos mais bellos e inteiros monumentos d'este genero, que nos deixou a antiguidade. Em hydraulica significa esta palavra canal em uma mina para o escoamento das aguas. V. *Amphitheatro*.

ARENATO, A, adj. do lat. *arenatus*, pedras *arenatas* são as que têem pequenos grãos crystallinos e brilhantes como o aço, taes são o quartz, a pedra lioz, o marmore, as pyrites, etc.

ARÉOLA, s. f. *diminut.* de area, do lat. *aréola*, fr. *arèole*, hesp. *aréola*, (archit.) pequeno espaço de superficie, canteiro de jardim:—(anat.) circulo córado que cérca o bico do peito.

AREÓSTYLO, s. m. do gr. *araios*, raro, e *stylos*, columna, fr. *areostyle*,

columna: — (archit.) intercolumnio raro, e pouco usado pela sua muita largura, ou distancia das columnas. Vitruvio diz que só os toscanos o adoptaram nas architraves de madeira, e que é na verdade a maior distancia que póde dar-se entre columnas, isto é, de oito módulos, ou quatro diametros. V. *Módulo.*

AREOSYSTYLO, s. m. do gr. *araios,* raro, e *systylos,* columna cerrada, fr. *areosystyle:* —(archit.) é, segundo o mesmo Vitruvio, uma distribuição de columnas, cujos espaços são systilos e areostylos, isto é, intercolumnio de dois diametros, ou quatro módulos. V. *Systylo.*

AREOTECTONICA, s. f. do gr. *areios,* bellico e *tektonike,* arte de edificar, fr. *areotectonique,* (archit.) parte da architectura militar, que trata, e se emprega de atacar e defender.

AREOTECTÓNICA, s. f., (archit. milit.) parte da fortificação militar, que trata do ataque e defensa.

ARESTA, s. f. do lat. *arista,* gr. *airo,* levantar, e *stiro,* picar, apontar, fr. *arete,* ing. *edge,* hesp. *arista,* (archit.) é o angulo vivo de uma pedra, de uma peça de madeira, ou de outra materia. O marmore lioz, dizem os nossos artistas, principalmente o *vidraço,* consente as arestas mais vivas do que o marmore de Carrara, que sendo mais claro, é comtudo granuloso. As obras de architectura e de cantaria, para serem perfeitas, devem ter as arestas bem vivas, e em perfeita esquadria.

ARESTA DE ENCONTRO, ou DE ENTALHE, é a que faz angulo onde a luneta se cruza com a abobada, ou volta em curva.

ARESTA DE TELHADO, s. f. fr. *arestier,* é uma peça de madeira chanfrada, que forma a *aresta,* ou o angulo do telhado. V. *Aba* e *Espigão.*

ARGAMASSA, s. f. do lat. *arenatum,* fr. *mortier,* hesp. *argamassa,* ing. *mortar,* (archit.) composição de cal, areia e agua, em proporções variaveis, que serve para ligar e prender as pedras na arte de construcção. A natureza, qualidade e quantidade de cal faz variar muito as argamassas; estas, quando são ordinarias, preparam-se com a cal grossa, misturando-lhe mais ou menos areia. Chama-se *argamassa* gorda quando a cal é em muito mais quantidade do que a areia, e *argamassa* magra quando a cal não é sufficiente para bem ligar. As construcções debaixo de agua são feitas com cal hydraulica. V. *Guia do operario.*

ARGAMASSAR, v. a. *argamassa,* e *ar,* des. inf. cobrir ou trabalhar com argamassa.

ARGENTAR, ARGENTARIA, etc. V. *Pratear,* e seus derivados.

ARGENTAR ou ARGENTEAR. V. *Pratear,* e seus deriv.

ARGENTARIA. V. *Prateação,* e seus deriv.

ARGILLA ou ARGILA, s. f. do lat. e it. *argilla,* gr. *argillós,* formado de *argos,* branco, e *illó,* volver, fr. *argille,* hesp. *arzilla,* ing. *potter's earth,* (miner.) barro ou terra gordurosa, tenaz e flexivel, produzida pela mistura variavel de silica, de alumina e de agua, algumas vezes pura, e muitas vezes combinada com materias estranhas, taes como o carbonato de cal ou de magnesia, oxydo de ferro, etc. Os geologos pensam que a *argilla* é produzida pela decomposição de diversas substancias, como do porphyro, do granito, do basalto, etc. Ha differentes especies de *argamassa;* as mais estimadas são as empregadas na fabricação de louça, como é a porcelana; depois d'estas ha a *argamassa* commum chamada greda e barro, de que usam os esculptores e os oleiros. A greda propriamente dita tem mais partes de carbonato de cal, e serve para fabricar telhas, tijolos e muitos outros objectos; o barro de que usam ordinariamente os esculptores tem mais nata ou mica, e a côr tirante a esverdinhada. V. *Barro.*

ARGILLEIRA, s. f. campo ou logar em que ha terra argillosa.

ARGILLOSO, A, adj. do lat. *argillosus,* fr. *argilleux,* barrento, que pertence ou participa da natureza da argilla.

ARGOLA, s. f. do arab. *algolla,* lat. *annulus,* it, *annello,* hesp. *anillo,* ing. *ring,* (archit.) annel de metal em fórma circular, ou cousa que o valha, com que se bate nas portas das casas,

ARGYRITA, s. f. do gr. *argyros*, pref. e *rithos*, pedra, (miner.) marguerita de prata, pedra mineral, e metallica.

Á RISCA (loc. adv.). V. *Á Linha* —. *Á Risca.*

ARITHMETICA, s. f. do gr. *arithmetiké*, derivado de *arithmos*, numero, fr. *arithmétique*, lat. *arithmetica*, it. *aritmetica*, ing. *arithmetic*, arte de conhecer os numeros, ou de contar, que deve ser familiar aos architectos para as operações de geometria, e outros calculos indispensaveis á sua profissão.

ARITHMOLOGIA, s. f. do gr. *arithmós*, numero, e *logos*, discurso, (mathem.) sciencia que comprehende todos os conhecimentos relativos á medida das grandezas em geral.

ARMAÇÃO, s. f. acção e effeito de armar, (t. compl.) decoração de tapessaria, seda ou velludo, de uma egreja, sala, aposento, etc.: *armação* dos ossos que compõem o esqueleto humano; *armação* de madeira, ou ferro de que se usa em obras de bellas artes; v. g., a *armação* em madeira de uma casa, ou edificio; a *armação* de madeira ou de roca para se vestir uma imagem: a *armação* de ferro ou esqueleto, de que se servem os estatuarios, e fundidores para sustentarem as estatuas de bronze.

«N'esta manobra, uma das cousas de não pequena consideração é o esqueleto ou *armação* de ferro, que fica dentro do bronze.» M. de Castro, *Descrip. analyt.*, c. IX, p. 234.

ARMADO, A, p. p. de armar, e adj. templo decorado, palacio ornamentado com armações:—, homem apparelhado, vestido de armas, etc.

ARMADURA, s. f. do lat. e it. *armatura*, fr. *armure*, hesp. *armadura*, ing. *armour*, (t. compl.) corpo inteiro de armas, ou o complexo de todas as peças de ferro, ou de aço, com que se vestem os cavalleiros; cada uma das peças de que se compõe a vestidura do corpo de armas brancas. Chama-se *armadura* ao conjuncto de barras, chaves, cavilhas e de outras ligaduras de ferro, que servem para sustentar, conter e fortificar as partes de uma obra de alvenaria, carpinteria, como é, por exemplo, fortificar uma viga rachada, e então se diz que se vae *armar* uma viga: no latim diz-se *catenatio*. Tambem se chama *armadura* á ossada, ou carcassa de ferro que serve para suster pela parte interna uma figura de bronze, ou mesmo para servir de apoio aos modelos de barro ou gêsso. V. *Madeiramento, Vigamento, Pausagens.*

ARMAR, v. a. do lat. *armar*, de *arma*: — (archit. e esculpt.) ornar, decorar com sedas, tapizes e armações; *armar*, vestir armas de cavalleiro; *armar*, apparelhar andaimes, etc.

ARMARIA, s. f. do lat. *insignia*, fr. *armoiries*, it. *armi*, ing. *arms*, armas heraldicas, emblemas de nobreza, e de dignidade, que a principio se representavam sobre as armaduras e nas bandeiras, para distinguir as pessoas, as familias, as sociedades e as nações. Depois representavam-se essas armas ou emblemas esculpidos em pedra, ou feitos de bronze, nos logares mais escolhidos dos edificios, para designar a quem pertenciam, e assim foram collocados os brazões de armas nas metopes, nos feixos das arcadas, nas abobadas, etc. A sciencia que trata d'estes emblemas chama-se de brazão. V. *Brazão.*

Francisco I, rei de França, que foi chamado o pae e o restaurador das boas letras e das bellas artes, respondendo a uma carta, que Raphael de Urbino lhe enviára com o quadro de S. Miguel, pedindo-lhe perdão da ousadia, disse-lhe que os grandes pintores podiam corresponder-se com os monarchas, pois repartiam com elles a sua immortalidade. Acrescentou uma flor de liz em abysmo aos tres escudos de prata em campo azul, que Maximiliano I tinha dado por armas a Alberto Durer, pintor famoso de Nuremberg, quando o ennobreceu; e que ficaram sendo o brazão dos pintores de todas as nações. Póde-se consultar *La vraie et parfaite science des armoiries*, do marquis de Magny, 1845; *Le nouveau traité historique et archéologique de la science des armoiries*, do mesmo auctor.

ARMAS DE BROCA, s. f. (esculpt.) são compostas de uma haste de ferro ou de madeira rija, furada na parte superior, em que enfia um cordel, ou tira de anta, cujas extremidades são presas n'uma travessa de madeira tor-

neada, enfiada na haste que gira e descansa na parte inferior, por baixo da qual ha uma cabeça de chumbo ou madeira que sustenta e recebe o encaixe da broca, que se move circularmente, furando a pedra, madeira, ou outra materia a que se applica. D'este instrumento usam especialmente os estatuarios e alguns artifices.

ARMAS DE SERRA, s. f. (esculpt.) são compostas de uma haste de madeira de casquinha chamada *alfaizar*, encaixada em duas travessas de madeira do Brazil em fórma de cruzeta, presas á haste em sentido parallelo por tres ou quatro voltas de cordel, e apertadas por um pequeno pau enlaçado a meio dos cordeis, sendo a folha da serra segura por dois torneis de madeira de buxo nas extremidades inferiores das travessas; os praticos chamam *caibro* aos cordeis, e *trambelho* ao pequeno pau. Usam d'este instrumento os esculptores de madeira e outros artistas e artifices, para serrarem madeira de differentes qualidades.

ARMAZEM, s. m. do arab. *almakhzen*, lat. *apotheca*, it. *magazzino*, fr. *magasin*, ing. *magazine*, (archit.) telheiro feito á maneira de barraca, em que se guardam madeiras, telhas, ferros, cordas e outros materiaes proprios para edificações. Ha outros armazens, ou casas ordinariamente terreas ou lageadas, fabricadas com solidez para guardar mercadorias e outros objectos.

ARMILLA, e ARMILLAS, s. f. do lat. *armilla*, bracelete (archit.) V. *Anneis*.

ARNEZ, s. m. do it. *arnese*, fr. *harnois*, gr. *harnynai*, (t. compl.) palavra generica que significa: 1.º, todos os materiaes, utensilios e mais objectos necessarios para qualquer obra, principalmente de edificação; 2.º, armadura completa ou armas brancas, que cobriam o homem da cabeça até aos pés. V. *Armadura*.

ARO, s. m. do gr. *aró*, fr. *cerceau* ou *bouterolle*, it. *cerchio*, ing. *circle*, (archit.) circulo ou peça circular de madeira, ferro ou outra peça applicada a differentes usos: —, banda de ferro chata em volta redonda, com que se guarnece ou segura uma peça de madeira, columna, ou outro objecto.

AROMATITA ou AROMATITES, s. f. (min.) substancia bituminosa com a côr e cheiro de mirrha, que se acha no Egypto, e na Arabia, onde a empregam como pedra preciosa.

ARPÃO, s. m. do lat. *aclis*, fr. e hesp. *harpon*, it. *rampone*, ing. *harping-iron*, (archit.) mão de ferro, pedaços de laminas de ferro direitas, ou em fórma de cotovello, que servem para unir, prender e fortificar os repartimentos de paredes, os lanços e as tábuas entre si. V. *Grampo* e *Gato*.

ARPENTE, s. m. (ant.) do fr. *arpent*, lat. *arvipendium*, certa medida agraria, ou de superficie, que tinha 200 pés de comprido e 220 de largo. É o mesmo que *geira*, *hastim*.

ARQUEAMENTO, s. m. acção e effeito de arquear, ou formar em arco.

ARQUEAR, v. a. do lat. *arcuare*, fr. *arquer*, it. *curvarsi*, hesp. *encorvar*, ing. *to bend*, dar, ou tomar a fórma de arco, (des. e archit.) dar a configuração circular, ou de arco, arquear um tecto, formar em linha curva qualquer parte do edificio. «*Arquear* as sobrancelhas, para exprimir a admiração e o espanto». Lobo. V. *Abobadar*.

ARRANCAMENTO ou ARRANCO, s. m. do lat. *evulsio*, fr. *abatir*, a acção de arrancar pedras das pedreiras.

ARRANCAR, v. a. do lat. *eruncare*, fr. *arracher*, it. *svellere*, ing. *to pull*, desapegar, separar com violencia uma cousa que estava pegada ou unida a outra; arrancar pedras de uma pedreira, ou jazigo para uso da edificação e da estatuaria.

ARRANHADURAS, s. f. pl. do lat. *lacerationes*, fr. *égratignes*, (grav. e pint.) traços ou talhos incertos: —, pinceladas feitas a medo e sem effeito algum.

ARRANHAR, v. a. do lat. *lacerare*, fr. *égratigner*, (grav. e pint.) traçar, riscar sem methodo, dar talhos incertos nas chapas: —, dar pinceladas sem effeito, pintar a medo.

ARRASAMENTO, s. m. lat. *æquatio*, fr. *aplainissement*, it. *spianamento*, ing. *levelling*, igualamento de terreno, demolição de edificio até aos alicerces. Na architectura hydraulica é, depois de concluida a dragagem, a igualação da superficie do terreno,

indispensavel para se construirem os fundamentos debaixo de agua. V. *Draga.*

ARRASAR, v. a. do lat. *complanare*, fr. *aplanir*, it. *appianare*, ing. *to level*, (archit.) igualar a superficie do terreno: —, fazer plano, ou razo: —, destruir, derrubar até aos fundamentos casas, cidades, etc.

ARREBITAR, v. a. do lat. *retundere*, fr. *river*, it. *ribadire*, hesp. *remalhar*, ing. *to rivet*, (archit.) levantar, erguer a aba, extremidade, ou ponta de alguma cousa; arrebitar prégo, cuja ponta se rebate para ficar bem seguro.

ARREDONDAMENTO, s. m. a acção de arredondar.

ARREDONDAR, v. a. do lat. *rotundare*, fr. *arrondir*, it. *rotundare*, ing. *make round*, fazer redondo, (archit. e esculp.) arredondar uma área, ou terreno, para n'elle se estabelecer o plano para edificações: —, arredondar, ou dar vulto e relevo a uma figura, a um retrato, de modo que pareça carnoso e tenro.

ARRENDADOS, s. m. pl. (archit.) ornatos miudos e delicados, que pela sua fórma e lavor se assimilham a rendas. V. *Laçaria.*

ARREPENDIMENTOS, s. m. pl. do fr. *repentirs*, it. *pentimentos*, ing. *repentances*, pezares do que se tem feito, ou dito: —(pint.) applica-se o termo a qualquer mudança, ou emenda feita pelo pintor em um quadro já colorido, ou seja nos contornos, ou em algumas de suas partes componentes; certo é que, por mais cuidado que haja, é raro deixar de conhecer-se pelo colorido essas emendas ou *arrependimentos*, e se por estes se podem distinguir as copias dos originaes, tambem é digno de muito louvor o bom quadro original, que não mostra *arrependimento* algum.

ARRINCÃO e ARRINCÕES, s. m. V. *Artezão* e *Artezões.*

ARRUAMENTO, s. m. acção de arruar, de repartir em ruas.

ARRUAR, v. a. distribuir em ruas uma cidade, ou um bairro, fixando o cumprimento e largura das mesmas, para o transito publico, e conveniente edificação dos predios, segundo as regras fixadas pela auctoridade competente, em conformidade das leis.

ARRUELLA, s. f. do lat. *rótula*, rodinha: —(braz.) circulo pequeno em fórma de moeda posto no escudo de armas.

ARRUGAR, v. a. (pint. esculp.) fazer rugas, ou prégas, *arrugar* um panno, dispor-lhe as dobras ou prégas com arte. «Lança-lhe os vestidos, aqui despréga, ali *arruga*, acolá recama.» Vieira, tom. III, p. 420.

ARRUINADO, A, p. p. de arruinar, e adj. destruido, caído em ruina; palacio *arruinado.*

ARRUINAR, v. a. do lat. *diruere*, fr. *ruiner, saper*, it. *rovinare*, ing. *to ruin*, (archit.) caír em ruina; destruir casa, palacio, torre; templo *arruinado; arruinar* totalmente um edificio.

ARSENAL, s. m. uns derivam a palavra de *arx navalis*, fortaleza naval, outros do termo arabe *darsenná*, porto de guerra, lat. *armamentarium*, fr. *arsenal*, it. *arzenale*, hesp. *arsenale*, (archit. nav.) edificio com armazens, e dependencias proprias para fabricar e conservar machinas, armas e munições de guerra, a que ordinariamente se chama *arsenal de artilheria.* Ha tambem arsenal de marinha, collocado á beiramar, com telheiros para fabricar cordame, enxarcias, vélas, estaleiros de construcção, e armazens para guardar madeiras e outros objectos. Em París, Londres e Allemanha ha excellentes *arsenaes.* Em Lisboa temos os dois *arsenaes*, um do exercito, chamado edificio da Fundição, e outro *arsenal* da Marinha, ou Ribeira das naus. «Só se acharam no Arsenal de Malaca sette fustas.» Vieira, tom. x, p. 205. V. *Armazem.*

ARTE, s. f. do lat. *ars, artis*, greg. *areté*, fr. *art.*, it. e hesp. *arte*, ing. *address*, collecção de preceitos e regras para fazer com acerto alguma cousa, em que tem mais parte o espirito do que a mão: —, operação e acto de a executar, e é por isso que costumâmos dizer que uma obra está desenhada, modelada, esculpida, pintada ou gravada com *arte*, quando por ella se reconhece o juizo, a composição, a correcção e estylo com que está feita ou desempenhada.

ARTES (Bellas). V. *Bellas-artes.*

ARTES (Fabris ou mechanicas). V. *Artefacto.*

ARTES plasticas são em geral as que têem por fim reproduzir as fórmas, como a esculptura, a estatuaria, a architectura, e mesmo a pintura, que, por meio do desenho e do claro escuro, dá relevo e vulto apparente ás figuras; e é n'este sentido que se costuma dizer que uma figura, pintada está bem modelada. Mas particularmente applica-se o termo de *arte plastica* á parte da esculptura, que se emprega em modelar toda a especie de figuras em barro, estuque, cêra, etc. V. *Modelar*.

ARTEFACTO, s. m. do lat. *artefactum*, feito por arte ou industria; qualquer obra feita segundo as regras da arte: é a significação primitiva e generica do termo; mas no sentido restricto e especial indica a obra feita segundo os preceitos estabelecidos para as artes *mechanicas* ou *fabris*, em que tem mais parte o concurso corporal e mechanico do que o genio e esforço do espirito; e que tendo por fim satisfazer ás necessidades indispensaveis da vida, taes como as obras de marceneiro, serralheiro, canteiro, e de outros officios ou misteres, não carecem de tanto genio, e de tantos conhecimentos subsidiarios das sciencias, indispensaveis para se produzirem as obras primorosas das bellas artes, como a pintura, a esculptura, a architectura, etc.

ARTELHO, s. m. do lat. *articulus*, *diminut.* de *artus*, membro, junta do corpo, fr. *article*, (anat.) cabeças dos ossos que formam os malleolos interno e externo, a que o vulgo chama *tornozellos*. V. *Malleolo*.

ARTESANO, s. m. do fr. e ing. *artisan*, derivado do lat. *ars*, *artis*, ou *opifex*, it. *artigiano*, artifice, ou official de algum mister, ou officio mechanico.

ARTEZÃO, s. m. ARTEZÕES, pl. derivado de *arteza* com a des. augment. *ão*, (archit.) ornamentos usados nas abobadas antigas a meio dos apainelados ou molduras. Os praticos chamam-lhes *arangões*, ou *arrincões*.

ARTEZOADO, A, p. p. de artezoar, e adj. (archit.) lavrado ou esculpido em fórma de artezões.

ARTEZOAR, v. a. de *artezão*, (archit.) lavrar, fabricar, esculpir com artezões.

ARTICULAÇÃO, s. f. do lat. *articulatio*, (anat.) união e juntura natural de dois ossos. Os movimentos do corpo animal fazem-se por meio das *articulações*, e o seu estudo pertencendo á anatomia, torna-se tambem muito necessario aos pintores e esculptores.

As articulações moveis podem reduzir-se a cinco especies: 1.ª chamada em fórma de joelho *(enarthrose)*, que permitte todos os movimentos em uma cavidade profunda; o unico exemplo d'esta articulação é a do femur na cavidade da bacia: 2.ª é a *arthrodia*, que permitte os mesmos movimentos em uma cavidade superficial, como é a do humero na cavidade da omoplata: 3.ª chamada *ginglymo*, que consente só os dois movimentos oppostos de flexão e extensão, como é a *articulação* do humero com o cubito: 4.ª o *ginglymo lateral*, a qual se dá quando um osso se move sobre outro como uma roda torneia o seu eixo, assim se move o radio sobre o cubito, e o atlas sobre a apophyse da segunda vertebra, quando a cabeça executa o movimento da rotação: 5.ª a *corrediça*, *articulação* pouco movel, em que a superficie de um osso corre alguma cousa pela de outro, como a dos ossos do metacarpo, e do metatarso.

«Appareçam, diz Mengs, as partes mais bellas dos corpos, como as *juntas*, o pescoço, as espadoas, os cotovelos, pulsos, joelhos, costas e peitos, e isto por dois motivos: primeiro, porque nas extremidades e *articulações* póde-se deixar ver muita expressão, e muita sabedoria; segundo, porque os peitos, e as espadoas são as partes mais grandiosas do corpo, e as mais capazes por isso mesmo de reunir no grupo grandes massas de luz e de côr agradavel, qual é a das carnes.»

ARTICULADO, A, p. p. de articular, e adj. (anat.) junto por meio da articulação; a perna está bem *articulada* com o pé.

ARTICULAR, v. a. do lat. *articulare*, fr. *articuler*, it. *articolare*, (anat.) juntar, unir os ossos entre si. A cabeça *articúla* bem com o pescoço.

ARTIFICE, s. m. do lat. *artifex*,

fr. *artisan*, it. *artefice*, hesp. *artifice*, ing. *maker of fire-works*, official que exercita algum officio, mister, arte fabril ou mechanica.

ARTIFICIAR, v. a. fazer as cousas com engenho ou artificio.

ARTIFICIO, s. m. do lat. *artificium*, arte, industria com que se faz alguma cousa:—, artefacto, obra feita segundo as regras das artes fabris.

ARTISTA, s. m. do lat. *ars, artis*, arte, fr. *artiste*, artista, ing. *artist*, o que professa e exercita alguma arte para a qual concorre mais o genio e o talento do que as mãos; o que cultiva as artes liberaes, como o pintor, o estatuario, o architecto, o gravador, etc.

Os nossos classicos, ainda de melhor reputação, confundiram este termo com o de artifice, applicando-o indistinctamente, ora ás artes liberaes, ora ás mechanicas e fabris. Vejam-se os synonymos da lingua portugueza pelo patriarcha D. Fr. Francisco de S. Luiz, nos vocabulos *arte* e *mister*, cccxx, tom. II.

ARTISTAMENTE, ou ARTISTICAMENTE, adv. o que é feito, ou se faz segundo as regras das bellas artes, com perfeição e bom gosto.

ARTISTICO, A, adj. (didac.) o que diz relação ás bellas artes.

ASFALTO. V. *Asphalto*.

ASILO, ou ASYLO, s. m. do gr. *asylon*, lat. *asylum*, fr. *asyle*, it. *asilo*, ing. *asylum*, (archit.) estabelecimento destinado a receber e educar creanças abandonadas, e filhos de paes pobres; ou mesmo pessoas adultas e de maior idade, a quem a pobreza e as molestias tornam inhabeis e desamparadas. Um tal estabelecimento deve constar de capella, salas, camaratas, cozinha, refeitorio, rouparia, quarto do director, e de outras accommodações necessarias e convenientes, para preencher as condições, que a arte e a hygiene demandam, a fim de bem satisfazer á sua destinação.

ASNA, s. f. armação de madeira que sustenta o telhado, do lat. *asina*, por causa da similhança que tem na sua disposição com as orelhas da jumenta, ou tambem do lat. *cantherius*, ou *asser*, fr. *chevron*, it. *trave*, hesp. *cabrio*, ing. *rafter*:— (archit.) é uma peça ou armação de vigas, ou de quartos de viga com a figura de triangulo isósceles, cujo vertice sustenta a cumieira, ou madeiramento do telhado, descansando os lados ou pernas sobre uma viga horisontal, a que chamam linha, que fecha o triangulo, e abrange a largura da casa, assentando nas paredes sobre os frechaes; a meio do vertice ha uma viga perpendicular, chamada *pendural*, que prende as ditas pernas na parte superior por meio de *escarvas*, e na parte inferior se prende á linha horisontal por meio de uma chapa de ferro, tendo a dois terços do comprimento do pau de fileira duas escoras a cada uma das pernas para segurança d'ellas; os carpinteiros chamam-lhes *pernas da asna*.

Dá-se o nome de *asna franceza* á que tem uma linha, ou viga horisontal a meio, ou a dois terços, medidos do vertice, que prende nas duas pernas da asna, sem ter viga que feche o triangulo, descansando as pernas sobre os frechaes, que estão seguros nas paredes.

Nos paizes do norte, em logar de triangulo isósceles, se usam *asnas* com a fórma de triangulo equilatero, ou ainda de ponto mais elevado, para facilitar a descida da neve caída sobre os telhados. Modernamente usam-se *asnas* de ferro, em logar de madeira, nos theatros e n'outras casas de grande largura, variando a sua construcção á proporção da força que d'ellas se exige.

ASNA, (braz.) em termo de brazão, é uma figura composta de duas bandas chatas, que representam um compasso, meio aberto, cujas pontas se vão alargando para baixo contra os dois lados do escudo, como as faxas ou barras, e significam victoria.

ASNARIA, s. f. *tecto de asnaria*, isto é, sustentado por *asnas*, ou tesouras de madeira. Sampaio Villas Boas, *Nobiliarch.*, cap. XXVII.

ASPA, s. f. do gr. *spaó*, apertar, lat. *crux decussata*, ou *decussis*, *Vitr.*, fr. *santoir*, it. *croce di Sant'Andrea*, (archit.) especie de cruz feita de dois paus atravessados um sobre o outro, embutidos ou atados em angulos rectos, como a figura da letra X:— (braz.) peça no escudo formando a cruz de Santo André.

ASPECTO, s. m. do lat. *aspectus*, fr. e ing. *aspect*, it. *aspetto*, (des. e archit.) semblante, vista, apparencia exterior do objecto: homem de bom *aspecto*. «Vêdes aquelle homem, que com *aspecto* ferozmente triste». Vieira, Serm., tom. I.

«Formar Francisco daquellas (ilhas)
Pôde os fragosos *aspectos*»
Vieira Lusitano, *O insig. pint.*, p. 143.

«O *aspecto* em geral serve muito a fazer conhecer o espirito do grande homem.» Cyrillo, *Conv.* 5.ª *sobre a pint., esculp.*, etc., p. 71.

ASPEREZA, s. f. do lat. *asper*, e des. *eza*, gr. *hizô*, pôr, constituir, fr. *aspérité*, it. *asprezza*, escabrosidade de superficie, dureza, desigualdade:— (grav. e pint.) chamam-se *asperezas* n'uma estampa os toques muito negros, produzidos pela desigualdade dos talhos da chapa, sobre a qual o buril ou agua-forte morderam mais do que era necessario. V. *Dureza*. «Ornatava os corpos de architectura para adoçar a *aspereza* das sombras.» Cyrillo, *Coll. de mem.*, fl. 182.

ASPERO, A, adj. do lat. *asper*, escabroso, desigual, talho *aspero*, sombra *aspera*. V. *Duro, a*.

ASPHALTO, s. m. do lat. *asphaltus*, gr. *asphaltos*, betume, de *asphalizó*, fortificar, (miner.) chamam-lhe tambem *bitume da Judéa*, *balsamo de mumia*, etc., substancia solida, dura, negra e lustrosa. Os egypcios usam d'este betume para as embalsamações, d'onde lhe veiu o nome de *balsamo de mumia*, ou *gomma dos funeraes*; os babylonios serviam-se d'elle como de ladrilho para seus edificios; os romanos cobriam de uma camada ligeira de asphalto as estatuas, que queriam preservar das injurias do ar. Modernamente usam d'elle na composição de alguns vernizes:— (archit.) em architectura, e n'outros usos, dá-se o nome de *asphalto* a outra especie de betume chamado *betume glutinoso*, ou *petroleo tenaz*, que é uma substancia molle, glutinosa, que endurece com o frio, e abranda com o calor. Ha muito betume d'esta qualidade em França e na Suissa; em Portugal tambem o ha na mina de *Azeche*, concelho de Alcobaça. A sua applicação nas construcções tem tornado mui digna de attenção esta substancia mineralogica, porque não só é empregada no revestimento de terraços, nos passeios, nos leitos das ruas, nos fundos dos tanques, adegas, etc.; mas tambem é applicada no fabrico de manilhas para conducção de aguas, e de outras obras hydraulicas.

ASSEMBLADO, A. p. p. de assemblar, e adj. unido, connexo.

ASSEMBLAGE ou ASSEMBLAGEM, s. f. do fr. *assemblage*, lat. *coassatio*, it. *union*, ing. *joining*, (t. compl.) em geral é a união e concordancia de muitas partes em um todo completo e perfeito, é o *ensemble* ou *tout ensemble* dos francezes, é o *ponere tutum* dos latinos, de que falla Horacio na arte poetica, que tanto convem aos poetas, como aos escriptores, aos pintores e aos architectos do seu seculo, e do nosso. De Piles diz que esta *assemblagem* consiste na subordinação geral dos objectos uns aos outros, de sorte que todos concorram a formar um só. V. *Accordo, Harmonia*.

O termo não se limita só á união, ou connexão moral e philosophica das partes de um todo entre si, ou do effeito pratico e visivel que essa união póde produzir; refere-se tambem á união e connexão physica e material de varias peças para formarem um só corpo, ou um todo completo e perfeito. V. *Entalho*. «Dividindo os cuidados na manufactura por causa dos córtes e *assemblages* das diversas peças.» Mach. de Castro, *Descrip. anal.*, pag. 146.

ASSEMBLAR, v. a. do fr. *assembler*, lat. *coassare* ou *jungere*, it. *congiugnere*, (t. compl.) unir, juntar, accordar ou harmonisar as partes para formarem um todo perfeito. «Mas não approvo ir-se logo acabando parte por parte, sem primeiro *assemblar* e examinar o todo.» Mach. de Castro, *Descrip. anal.*, pag. 130.

ASSENTADO, A, p. p. de assentar, e adj. logar ou sitio bem *assentado*, pedra bem *assentada* no edificio; côres bem *assentadas* no quadro; estatua bem *assentada* no pedestal; pedraria bem *assentada*, ou engastada.

ASSENTAMENTO, s. m. (ant.)

situação ou *assentamento* de alguma cidade, villa, terreno. «*Assentamento* de casas, que estão no mesmo chão: os edificios necessarios ao lavrador, abegoarias e granjas com casas de vivenda, aliás *assento*. Ord. M. 4, 6, 7, 10. *Assentamento* (applicação) *de cores* na pintura, ou seja em tábua, panno, pergaminho, papel, etc. O *assentamento dos grupos*, das estatuas, dos baixos relevos, nos logares destinados nos templos, nos palacios, nas praças publicas, etc. O *assentamento do papel* humido sobre a chapa gravada para a estampar na machina, ou torculo de imprimir.

ASSENTAR, v. a. do lat. *assido, ere*, pôr, collocar em assento ou base, *assentar* os alicerces de alguma edificio; *assentar* uma columna na sua base, etc.

Tambem se diz pedra de *assentar* o fio aos formões, goivas e a outros instrumentos de que usa o esculptor, o estatuario, o gravador, etc.

ASSENTO, s. m. do lat. *situs*, (archit.) é o terreno convenientemente disposto para n'elle se levantar um edificio: significa tambem o modo por que uma cousa assenta sobre outra para que fique solida e segura; e assim diz-se n'este sentido, que uma pedra, uma viga, tem ou não bom *assento*. V. *Leito*. Os nossos classicos tambem disseram: O *assento* do rosto, o ar de serenidade do semblante. «A proporção e alegre *assento* do rosto.» Eufr. 1, 1, 17.

ASSIMILHADO, ou ASSEMELHADO, p. p. de assimilhar, ou assemelhar, e adj. parecido, similhante: retrato *assimilhado*, pintura *assimilhada*.

ASSIMILHAR, ou ASSEMELHAR, v. a. do lat. *assimilare*, fr. *ressembler*, it. *simigliare*, ing. *to resemble*, ser uma pessoa similhante ou parecida com outra, ter partes similares; *assimilhar* um edificio ou qualquer objecto a outro.

ASSOALHAMENTO, ou ASSOLHAMENTO, s. m. acção de pôr o solho para fazer o pavimento das casas.

ASSOALHAR, ou ASSOLHAR, v. a. forrar com solho, assobradar.

ASSOBRADAR, v. a. do lat. *cellam contabulare*, fr. *parqueter*, it. *intavolare*, ing. *to inlay*, (archit.) fazer o piso, ou pavimento das casas com tábuas unidas, ordinariamente pregadas sobre pranchas ou barrotes.

ASSOMBRADO, ou ASSOMBREADO, p. p. de assombrar, ou assombrear, e adj. dispor as sombras n'um desenho, ou pintura; o segundo modo é mais usado.

ASSOMBRAR, ou ASSOMBREAR, v. a. do lat. *inumbrare*, hesp. *sombrar*, fr. *ombrer*, it. *ombreggiare*, ing. *to shadow*, (pint.) sombras n'um desenho ou quadro; (assombrar é pouco usado) modo por que se deve dispor e graduar, segundo as fórmas do sol sobre os objectos naturaes, ou artificiaes. «Empregar as sombras escuras para relevar a pintura», diz o nosso Filippe Nunes na sua arte de pintura. V. *Massas, Sombra*.

«Uns *assombrão* muito as suas obras, e outros pouco, e ambos não erram; mas os que *assombrão* mais forte com suavidade e discrição estes tenho por mais valentes pintores; mas as sombras na noite são menos escuras em comparação dos claros que são então tambem sombra.» Franc. de Hollanda, *Pint. ant.*, 65 v.

ASTRAGALIA, s. f. (archit.) perfil ou contorno de moldura, que na parte inferior termina em fórma redonda, ou, por um *astrágalo*.

ASTRAGALO, s. m. do lat. *astragalus*, do gr. *astragalos*, ossinho, juntura, fr. *astragale*, it. *astragralo* ou *tondino*, ing. *astragale*, (anat.) é um osso do calcanhar de fórma convexa, e o mais saliente dos ossos do tarso: —(archit.) os gregos applicaram este termo para designar um pequeno membro de architectura, ou moldura redonda que forma a base do capitel, e descansa sobre o fuste da columna, juntando-se ao filete acima do scapo. Algumas vezes se comprehende este mesmo filete na denominação de *astrágalo*. Os operarios chamam-lhe tambem pequeno *talão*. Quando esta moldura não faz parte do capitel, dá-se-lhe o nome de varinha; ella é algumas vezes dividida, ou modelada em fórma de padre nossos, ou de bagos de uva. No dorico antigo não se usa de *astrágalo*.

ASYMPTOTA, s. f. do gr. *a*, priv. *syn*, com, e *piptó*, caír, (math.) que

não coincide á linha recta, que sendo prolongada infinitamente, approxima-se continuamente a uma curva prolongada ao infinito.

ASYMPTOTICO, A, adj. (math.) de asymptota. Espaço *asymptotico*, isto é, entre uma curva e a sua asymptota.

ATARUGAR, (ant.) V. *Tarugar*.

A TEMPERA, (loc. adv.) V. *Pintura*.

ATERRADO, A, p. p. de aterrar, e adj. cheio de terra, entulhado, e terraplanado.

ATERRAPLANADO, A, p. p. de aterraplanar, e adj. V. *Terraplanado, a*.

ATERRAPLANAR, v. a. V. *Terraplanar*.

ATERRAR, v. a. do lat. *aggere se munire*, (archit.) mover e dispor a terra, o solo, ou o piso em que se deve fazer qualquer construcção, ou edificio: altear com terra, entulhar terrenos alagadiços, nivelá-los e solidá-los para que fiquem dispostos a receber qualquer applicação.

ATERRO, s. m. obra ou acção de aterrar um logar baixo, humido ou alagadiço para o altear, e tornar secco, etc.

ATHENEU, s. m. de Athenas, do gr. *Athéné*, lat. *Atheneum*, que significa Minerva, deusa das sciencias e das artes, nome que os antigos deram a diversos edificios em fórma de amphitheatro, em Athenas, Alexandria e Roma, destinados ás sciencias e ás artes. Um dos mais celebres foi o que erigiu em Roma o imperador Adriano, onde os auctores liam suas obras na presença de grande numero de ouvintes, e que tambem servia de collegio, em que se davam lições publicas. Modernamente tem-se applicado este nome de *atheneu* a todo o logar, em que se reunem pessoas scientificas e litteratas, para darem cursos ou lições de sciencias, letras e artes. Em 1785 fundou-se em França o *atheneu* de París, primeiramente chamado museu e depois lyceu. Em Lisboa fundou-se em 1823 o *Atheneu* de bellas artes. V. *Academia*.

ATINTADO, A, p. p. de atintar, e adj. qualquer objecto ou superficie banhada de tinta ligeira.

ATINTAR, v. a. (pint.) dar alguma demão de tinta ligeira em qualquer quadro, objecto ou superficie.

ATLANTE, e ATLANTES, s. m. do gr. *atlas*, lat. *telamones* ou *atlantes*, (archit. esculp.) estatuas ou meio-estatuas de homens, que servem para sustentar sobre os hombros uma cornija, ou um entablamento em logar de columnas: este nome refere-se á historia de Atlas, que sustentava o céu com os hombros. (Vitruv., tom. VI, 7 e 6.)

As figuras ou estatuas de mulheres que lhes correspondem, têem o nome de Caryatides. V. este nome.

ATLANTICO, A, adj. agigantado, similhante a Atlante: —(archit. esculp.) representado ou feito com estatuas, ou meio-figuras, que substituem as columnas.

ATORMENTAR, v. a. do lat. *torquere*, fr. *tourmenter*, it. *tempellar*, (pint.) esfregar as cores com o pincel, depois de as haver estendido, tirando-lhe o brilho e a frescura. É para desejar que o pintor possa pintar á primeira, mas ao menos deve trabalhar para que as tintas conservem a sua natural belleza. «A frescura das cores, diz De Piles, se embacia, e se perde á força de as *atormentar* pintando.»

ATRAVESSADO, A, adj., (braz.) *atravessado* em faxas. «Em campo de oiro duas cruzes *atravessadas* em faxa.» *Nobiliarch. portug.*, 298.

ATREVIDO, A, p. p. de atrever, e adj. do lat. *audax*, fr. *hardi*, it. *franco*, ing. *free*, ousado, resoluto: toque *atrevido*, composição *atrevida*, isto é, arrojada.

ATREVIMENTO, s. m. do lat. *audacia*, fr. *hardiesse*, it. *franchezza*, ing. *the boldness*: —(t. compl.) o *atrevimento* nas bellas artes do desenho consiste na concepção e livre execução de obras mais elegantes, difficeis e arriscadas. Um desenho feito com *atrevimento* é o que sem hesitação, e em grandes traços, manifesta o genio de seu auctor, apesar da difficuldade do assumpto; o *atrevimento* do pincel, manejo das tintas, e effeito do claro escuro: —, na esculptura denuncia-se não só pela liberdade do cinzel, como pela novidade da posição, contraste das figuras e dos grupos, e da grandiosidade sem exageração; o *atre-*

vimento em architectura recommenda-se nas obras que, não obstante a sua delicadeza de construcção, e arrojo de elevação, permanecem ha seculos, sem alteração alguma, e com geral admiração: taes são as cathedraes gothicas, de que temos bons exemplos em os nossos mosteiros de Belem e da Batalha.

ATRIO, s. m. V. *Adro.*

ATRÍOLO, s. m. diminut. de *atrio*, pequena entrada ou vestibulo.

ATTICO, s. m. do lat. *atticus*, fr. *attique*, ing. *attick*, (archit.) nos tempos antigos era um edificio fabricado ao modo atheniense, em que não se deixava ver o telhado; hoje é a elevação de um pequeno andar, ornado de pilastras convenientes, e mesmo sem pilastras, que serve de coroar um edificio na parte superior da fachada, ou tambem sobre os pavilhões angulares dos edificios, encobrindo assim as coberturas ou telhados dos mesmos.

ATTICO CONTINUADO se diz aquelle que domina em todo o edificio, sem interrupção.

ATTICO INTERPOSTO o que está situado entre dois andares, e que é muitas vezes decorado com pilastras.

ATTICURGO, que pertence á ordem attica: —(archit.) chama-se base *atticurga*, porque foram os athenienses os primeiros que a inventaram; consta de dois tóros, e uma escocia ou nacella. Chama-se tambem porta e janella *atticurgas* ás que são mais estreitas na parte superior do que na inferior, como se vê na *Sibilla de Tivoli.*

ATTITUDE, s. f. do lat. *habitus*, fr. e ing. *attitude*, it. *attitudine*, (pint. e esculpt.) postura, acto em que se representa a figura humana, o qual deve ser natural, simples e conforme ao caracter da pessoa representada. «As *attitudes*, diz mr. du Fresnoy, devem ser escolhidas no gosto antigo. O meio de as achar bellas é o escolher as mais simples, ou as mais nobres, segundo o sujeito que se representa; as mais variadas, as mais expressivas e as mais naturaes, pronunciando bem os membros, fazendo apparecer os grandes antes do que os pequenos, e contrapondo uns aos outros.» V. *Acto* e *Acção.*

ATTRIBUTOS, s. m. pl. do lat. *symbola*, fr. *attribut*, it. *attributo*, ing. *attribute*, (pint., esculp. e archit.) symbolos destinados a mostrar o caracter e officios das divindades da fabula, e dos heroes da antiguidade, e a personalisar os seres moraes: assim a aguia e o raio eram os *attributos* de Jupiter, o tridente o de Neptuno, etc. Entre os egypcios e outros povos todas as divindades tinham sceptro e emblemas proprios.

AULAS, s. f. de desenho, de esculptura, de architectura, de gravura. V. *Academia real das bellas artes de Lisboa.*

AURÉOLA, s. f., do lat. *aureola*, fr. *aureole*, it. *corona*, ing. *glory*, (pint. e esculpt.) especie de corôa ou circulo luminoso, com que os pintores e esculptores ornam a cabeça de Jesus Christo, da Virgem Santissima, dos santos e dos anjos; symbolo de que tambem fizeram uso os pintores e esculptores pagãos para com os seus falsos deuses. V. *Nimbo.*

AUSTERO, A, adj. do lat. *austerus*, gr. *austeros*, secco, rigoroso: — (t. compl.) como termo d'arte significa a indole e genio dos artistas, que os leva a compor e a executar obras n'um estylo nimiamente rigoroso, que talvez possa degenerar em secco e duro, como foi o de Perugino, que, como dizem, pintava *austeramente.* V. *Severo.*

AVANÇAMENTO, s. m. lat. *projectura*, fr. *avance*, it. *sporto*, ing. *jutting*, (archit.) termo que não só comprehende as grandes massas, ou partes de um edificio que sobresáem ás linhas geraes das paredes, mas tambem algumas saliencias mais pequenas, como sacadas, balcões, etc., pertencentes ao mesmo edificio. É uso seguido entre os que professam a arte o dizer: aquelle corpo *avançado* do palacio, este *avançamento* do pedestal, da columna, do entablamento, etc.

AVANÇAR, v. a. do fr. *avancer*, lat. *prominere*, it. *avanzare*, ing. *to jut out*, (archit. e pint.) adiantar para a frente do edificio qualquer corpo, saír fóra do alinhamento geral do edificio uma ou mais janellas, balcões ou mesmo columnas, e outras massas volumosas. Em pintura tam-

bem ás vezes se usa do termo *avançar*, para designar as figuras ou objectos, que se approximam mais do espectador, e em que é preciso usar de cores mais fortes e brilhantes.

AVENIDA, s. f. do fr. *avenue*, lat. *aditus*, it. *adito*, ing. *avenue*, (archit.) significa em geral a entrada, passagem, ou caminho que vae direito a alguma parte, como cidade, villa, logar, etc., e em sentido mais restricto, e mais usado, é um passeio de arvores alinhadas, que levam a uma casa de campo, a um castello, etc.

AVENTURINA, s. f. do lat. *lapis fortuitus*, it. *pietra venturina*, (miner.) pedra preciosa, de côr vermelha escura ou amarella, semeada de uma infinidade de pequenos grãos muito brilhantes com apparencia de oiro; d'ella se fazem pequenas columnas e outros objectos ornamentaes. Na Bohemia e na Silesia acham-se grandes pedaços d'esta pedra. Ha tambem uma *aventurina* artificial, feita de vidro misturado com limalha de cobre.

AVERMELHADO, A, p.p. de avermelhar, e adj. tirante a vermelho (usa-se ás vezes como substantivo): rosto *avermelhado*, o *vermelho* da cara, etc.

AVERMELHAR, v. a. (pint.) fazer vermelho, *avermelhar* a pelle, *avermelhar* o rosto.

AVIAMENTO, s. m. do lat. *apparatus*, hesp. *aviamiento* ou *avio*, (archit.) entende-se em geral pela acção de aprestar e fornecer os materiaes necessarios para qualquer obra mechanica; em particular toma-se pelos adubos e outros materiaes indispensaveis para a edificação; taes são cal, areia, pedras, madeiras, etc.

A VISTA (loc. adv.). V. *Desenho*.

AVIVADO, A, p. p. de avivar, e adj. renovado, ou restaurado em cores.

AVIVAR, v. a. do lat. *vivificare*, fr. *aviver*, hesp. *avivar*, ing. *to brisk about*, it. *ravivare*, animar, dar vigor, (t. compl.) dar vivacidade, tornar mais fresca e brilhante qualquer peça ou materia. *Aviram-se* as cores de um quadro, refrescando-as ou envernizando-as. *Aviva-se* o marmore e o bronze de uma estatua, limpando-a e lixando-a. *Aviva-se* a aresta de uma moldura, ou seja de pedra ou de madeira. *Aviva-se* um talho em gravura para o tornar mais brilhante.

AVOAMENTO, s. m. do lat. *volatus*, fr. *volée*, it. *volo*, hesp. *vuelo*, ing. *the flight*, (archit.) elevação extraordinaria das abobadas antigas, especialmente na architectura gothica; grande altura, arrojo na sua elevação, tal como a das abobadas da igreja de Belem, da Batalha, e de outras.

AVULTADO, A, p. p. de avultar, e adj. corpulento, que faz vulto.

AVULTAR, v. a. do fr. *relever*, ing. *to raise*, it. *rialzare*, dar corpo, engrandecer, tornar grandioso: — (pint. e esculpt.) póde applicar-se á pintura, e principalmente á esculptura a significação d'este termo; consiste no modo de representar os objectos, mórmente a figura humana, com tal arte, que pareçam as suas fórmas não só naturaes, mas grandiosas. Assim o nosso padre Vieira, fallando da formação de uma imagem humana, diz: «... abre-lhe a bôca, *avulta-lhe* as faces, torneia-lhe o pescoço, etc.», tom. III, p. 521.

AXAROADO. V. *Acharoado*.

AXAROAR. V. *Acharoar*.

AXE, s. m. do lat. *axis*, gr. *axôn*, eixo, gonzo; hesp. *exe*, it. *asse*, (archit.) é a linha recta que se imagina passar pelo centro de um corpo solido de figura circular, como de um cylindro, de uma columna, de uma voluta. Quando este *axe* é solido, dá-se-lhe o nome de *eixo*, ou de *arvore*. O *axe* espiral é o *axe* que se suppõe passar pelo centro de uma columna torcida, e que serve para lhe traçar o seu contorno exterior: os architectos chamam-lhe algumas vezes *cátheto*. Este termo tem muitas outras applicações em geometria, mechanica e astronomia.

AZA e AZAS, s. f. do lat., it. e hesp. *ala*, fr. *aile*, ing. *wing*, aza de passaro. Em architectura significa: 1.º, lados ou flancos do edificio; 2.º, nave da igreja; 3.º, aza ou aba da chaminé; 4.º, pequeno prégo que tem a cabeça em fórma de aza. Em anatomia são as cartilagens da parte inferior do nariz, chamadas *azas* do nariz, e as da parte superior concava da orelha, chamadas *azas* da orelha. V. *Aba*, *Ala*, *Orelha*, *Prégo*.

AZARCÃO. V. *Zarcão.*

AZINHAVRE, s. m. do arab. *azzanjar,* materia verde formada no cobre e bronze com a humidade. V. *Verdete.*

AZUL, s. m. do arab. *zul; lazur,* voz persica, cousa azul, lat. *cœruleus,* fr. *bleu,* it. *turchino,* ing. *blue,* uma das cores primitivas, similhante á côr do céu, ou da saphira. Esta côr doce e fugitiva faz-se com o *azul ultramar* ou *lazulite,* com *indigo* e outras composições, como o sal, a areia, o nitro, etc. Com este *azul* de ultramar se pintam ordinariamente os céus, as nuvens, o mar, etc. Ha differentes especies de *azul;* a saber: *azul* de França, *azul* montanha, ou cinzas *azues, azul* da Prussia, ou de Berlim, que tambem se emprega na pintura a oleo.

AZULAR, v. a. pintar de azul, dar côr azul em qualquer materia, ou seja sobre papel, cartão, panno ou madeira.

AZULEJADOR, s. m. o official ou operario, que fabríca, ou assenta azulejos nas paredes, ou em outros logares.

AZULEJO, s. m. do arab. *azzalujo,* ladrilho pintado e vidrado, derivado do verbo *zallaja,* que significa liso e polido, fr. *carreau d'Hollande,* it. *quadrello,* ing. *a square tile:* — (pint.) os azulejos são uma especie de faiança composta de argilla, ou barro cozido ao fogo, esmaltado ou vidrado por um dos lados; têem a fórma quadrada, e ordinariamente medem entre 13 e 16 centimetros, pintados de diversas cores, e de differentes gostos, com que se ornavam as portas dos edificios, os vestibulos, os corredores e as escadas de grandes e pequenas casas, e até se forravam e forram as paredes exteriores d'ellas. Crê-se que foram os arabes os primeiros inventores do *azulejo,* e d'estes passou á Hollanda e á Hespanha o seu uso na edade media. Os arabes pintavam os azulejos copiando cartões e desenhos de habeis artistas; alguns d'estes cartões conservam-se em Alhambra.

Em Portugal ha ainda egrejas e casas particulares que os têem assim nas entradas e escadas, como tambem nas paredes interiores e exteriores de algumas casas, que são inteiramente revestidas de azulejos. Elles apresentam de ordinario um fundo branco com desenhos, que pela maior parte são de côr azul. Os mais antigos são relevados, representando figuras, flores e arabescos. Ha documentos do seculo XV que nos certificam, que n'esta epocha eram já muito usados entre nós. Devem-se referir a esta epocha, ao menos provavelmente, os azulejos que revestiam as paredes da antiga egreja de Santo André de Alfama, hoje demolida, os dois medalhões, que se vêem sobre a egreja da Madre Deus, fundada pela rainha D. Leonor, esposa de el-rei D. João II, os que existem no convento da Pena, em Cintra, e no palacio, que tambem são de relevo, e outros.

Em casa do conde de Almada, ao Rocio, ha muito bons azulejos pintados, que representam a reunião dos patriotas portuguezes, que em 1640 nos livraram da dominação de Hespanha. Em grande parte dos palacios e casas dos seculos XVII e XVIII se vêem azulejos pintados, e é a esta epocha que se devem referir os melhores, que ainda possuimos. Evora tambem tem bons azulejos antigos e modernos. Os do convento dos Loios, que vimos, representam sujeitos historicos com figuras de grandes dimensões, pintadas por Antonio de Oliveira em 1711. O mesmo pintou os que ornam a torre de Outão em Setubal, que tambem vimos, e que são obra de merecimento. Parece, em vista do que deixâmos dito, que houve em Portugal alguma escola ou estabelecimento, em que se crearam artifices e operarios, que fizeram o grande numero de obras d'este genero, que se acham espalhadas por todo o reino. V. *Les arts en Portugal,* par le comte A. Raczynski, tom. I.

B

BACCALAR, s. m. do fr. *hameau;* it. *casale,* ing. *hamlet,* (archit.) casal, predio rustico.

BACCALÁRIAS, s. f. pl. (archit.), aldeias, logarejos, em que ha predios em fórma de casaes, como se vêem nas margens do rio Douro.

BACCHANAES, s. f. do lat. *baccha-*

nalia, gr. *bakeein*, gritar, fr. *bacchanales*, it. *baccanali*, logares, e festas gentilicas, em que se juntavam as bacchantes: — (pint. e esculp.) desenhos, pinturas e baixos-relevos, em que se representam as dansas e festas desenvoltas e immoraes de Baccho, que ainda existem figuradas em vasos, e em alguns frisos antigos, nos palacios de Italia: n'este genero tambem Poussin pintou cousas muito graciosas.

BACIA, s. f. do fr. *bassin*, derivado do celtico *bac*, vaso, lat. *piscina*, it. *vasca*, ing. *the vase of a fountain*, (archit.) reservatorio concavo, de fórma redonda ou oval, para receber e conservar as aguas nos jardins, nas casas e nas praças publicas. V. *Pia*.

Bacia de banhos, é a de que usavam os antigos, a que Vitruvio chama *labrum*. Dá-se tambem o nome de *bacia* á grande pedra sobre que assenta o peitoril ou bocal do pulpito, em que anda o prégador, e ás pedras que servem de pizo das janellas de sacada.

BADAME s. m. do hesp. *badano*, (esculp.) instrumento de ferro calçado de aço, chato na extremidade cortante, terminando em fórma de escopro estreito reforçado pela sua largura: além de outros, usam d'elle os esculptores e estatuarios para contornarem com exacção e firmeza certas partes difficeis, e escurece-las afundando, ou cravando mais o gume do ferro.

BAILEO, s. m. do fr. ant. *baille*, ou *echaufaud*. lat. *tabulatum*, it. *tabolato*, ing. *scaffold*, (archit.) especie de andaime, que os architectos applicam aos edificios interna ou externamente, para n'elle trabalharem os operarios e artistas: é formado ordinariamente de um conjuncto de tábuas grossas, ou estrado, sustentado por cordas, que sobem e descem por meio de um moitão ou roldana, fixa em barrotes, seguros nas paredes. V. *Andaime*.

BAIO, A, adj. do it. *baio*, derivado do lat. *badius*, côr de castanha, fr. *bai*, ou *brun*, hesp. *bajo*, ing. *bay*, (pint.) objecto ou cousa que tem côr baia, ou de castanha: applica-se particularmente á côr dos cavallos.

BAIXAR, v. a. V. *Abaixar*, e seus deriv.

BAIXELLA, s. f. do fr. *vaisselle*, lat. *vas, is*, it. *argenteria*, hesp. *baxella*, ing. *dishes and plates*, (archit. esculp.) termo que designa todo o genero de vasos e outras peças, de differentes especies e grandezas, que servem na mesa, como são pratos, terrinas, colhéres, facas, etc. A baixella ordinaria consta de louças communs ou de estanho; a baixella de luxo comprehende as porcelanas, a prata e o oiro. Deve aqui mencionar-se a rica e elegante *baixella* de prata, offerecida no anno de 1816, de ordem do principe regente o sr. D. João VI, pelos governadores do reino, a lord Wellington, duque de Victoria, depois da paz geral em 1814. Esta baixella, dividida em treze taboleiros, mede 37 palmos de comprido por 4 de largo; e foi feita pelos desenhos e direcção do insigne Domingos Antonio de Sequeira, primeiro pintor da camara e côrte, auxiliado por habeis esculptores, e outros artistas, que executaram as figuras e ornamentos, distinguindo-se entre estes o professor sr. Faustino José Rodrigues, meu pae, que modelou em cêra a melhor e maior parte das figuras.

BAIXO, A, adj. do celt. *bas*, lat. *inferior pars*, fr. *bas*, it. *il basso*, (archit.) o que é, ou está em *baixo*, e assim diz-se pizo *baixo* ou inferior, plano *baixo*, casa *baixa*.

BAIXO-RELEVO, s. m. do fr. *bas-relief*, it. e ing. *basso relievo*, peça ou trabalho de esculptura em relevo: — (esculp.) obra de esculptura sobresaindo de um fundo, a que se acha unida ao modo de um quadro.

Ha tres especies de baixos-relevos: 1.º *baixo-relevo*, propriamente dito, cujas figuras são pouco salientes, ou relevadas, como é o baixo-relevo do pedestal da estatua equestre do Senhor Rei D. José I, collocada na praça do Commercio; 2.º *meio-relevo*, em que as figuras sáem do fundo ametade de sua grossura, p. m. ou m.; e 3.º, *alto-relevo*, em que as figuras sobresáem muito do fundo, ficando quasi isoladas.

Os gregos distinguiram-se tambem na composição dos *baixos-relevos*, como se deixa ver nos do Parthenon,

que são considerados como modelos d'arte; os romanos seguiram o seu exemplo, de que dá bom testemunho a columna de Trajano, e o arco de Tito, etc.

Nos tempos modernos, o celebre Thorwaldson executou o grande friso, representando o triumpho de Alexandre, que tem sido geralmente elogiado por todos os artistas, e que póde correr parelhas com os melhores *baixos-relevos* da antiguidade. V. Vasari, Lairesse, e Mach. de Cast., *Descrip. analyt.*, p. 199.

BAIXOS, pl. tomado ás vezes substantivamente; os *baixos* da egreja, do palacio, etc., os terrenos *baixos:* não só se entende pelo nivel ordinario, ou rés do solo, mas ás vezes se applica ao que é profundo, e assim diz-se: fôsso *baixo,* cava *baixa.* V. *Cava, Rés do chão.*

BALANÇA, s. f. do lat. *bilanx,* fr. *balance,* it. *bilancia,* prato da balança, instrumento que serve para achar o peso de um corpo; e em sentido figurado apropriou mr. de Piles esta expressão com o titulo de *balança* dos *pintores,* para com ella pesar o merecimento dos mais habeis artistas, formando os pontos de partida com as quatro indicações, *composição, desenho, colorido* e *expressão,* a fim de poder comparar e distinguir os graus de merito de cada um d'elles. Suppõe elle, que o numero 20 é o grau supremo de perfeição, a que ainda ninguem chegou, o 19 é o grau immediato, que tambem nenhum alcançou, e o 18 é aquelle a que tem attingido os mais perfeitos artistas. D'esta sorte, diz elle, que acha nas obras de Raphael a *composição* com 17 graus, o *desenho* com 18, o *colorido* com 12, a *expressão* com 18; e assim a respeito de outros pintores notaveis. Os editores da *Encyclopedia methodica* transcreveram esta *balança* ou novo methodo de pesar o merecimento dos artistas; e posto que este methodo tenha sido acremente censurado por alguns escriptores, que o acham inexacto, e até ridiculo, não póde comtudo negar-se, que elle tem sido bem acceite por outros, que o consideram como um meio approximativo de avaliar e comparar o merecimento dos auctores: será em parte mais engenhoso do que exacto, mas cumpre notar-se, que não póde nem deve n'este methodo de apreciação moral procurar-se o rigor e o calculo mathematico, que é proprio das sciencias exactas.

O nome de mr. de Piles, e o seu credito como artista e escriptor distincto em bellas artes, acha-se justamente estabelecido e respeitado no mundo scientifico.

BALANÇADO, A, p. p. de balançar, e adj. pesado em balança; ponderado, equilibrado a modo de balança: grupo *balançado,* composição *balançada.*

BALANÇAR, v. a. do lat. *liberari,* fr. *balancer,* it. *contrappesare,* contrapesar, agrupar as figuras e os objectos de uma composição de modo que guardem o devido equilibrio.

BALANCEAMENTO, s. m. acto de balançar, ou balancear; de equilibrar e ponderar entre si. V. *Equilibrio.*

BALAUSTRADA, s. f. Vitruvio lhe chama *podium,* e algumas vezes *pulteus,* fr. *balustrade,* it. *balustrata,* ing. *ballisters,* (archit.) serie ou fileira de muitas traves ou balaustres de marmore, bronze, ferro ou madeira, presos n'um sócco, e coroados de uma imposta ou corrimão, que serve de apoio, ou encosto de um balcão, de um terraço, de uma rampa de escada, ou de remate a um edificio, ou de fechar um santuario ou capella, etc. Quando é mais extensa deve a balaustrada ter de espaço a espaço pedestaes ou acroterios.

BALAUSTRE, ou BALAUSTE, s. m. do gr. *balustion,* lat. *columella,* ou *balaustrum,* fr. *balaustre,* it. *balaustro* ou *cancello,* hesp. *balahuste,* ing. *a rail,* (archit.) columna, ou pequeno pilar ornado de molduras, de fórma redonda ou quadrada, firmado ou seguro sobre uma base ou sócco, para sustentar uma facha ou corrimão, e commummente é composto de proporções e molduras, que devem ter relação com a ordem de architectura a que se applica.

Chama-se *balaustre* do capitel jonico, a uma parte da voluta propria d'este capitel. V. *Capitel jonico.*

BALCÃO, s. m. do it. *balcone,* lat. *podium, balicana,* arab. voz persica,

que significa rotula de madeira, hesp. e fr. *balcon*, ing. *balcony*, (archit.) sacada sobre a fachada exterior de um edificio, e ordinariamente sustentada sobre columnas, ou sobre misulas ou cachorros. O uso dos *balcões* parece não remontar além da edade media; nos monumentos de architectura gothica, vêem-se em grande quantidade, principalmente na Hespanha e na Italia, o que não acontece nos paizes do norte, onde são raros. Chama-se tambem *balcão* a certos logares reservados nas duas extremidades da primeira galeria, n'uma sala de espectaculo, etc.

BALDAQUIM, ou BALDAQUINO, s. m. do it. *baldacchino*, lat. *pallium*, pallio, e *tegere*, cobrir, fr. *baldaquin*, hesp. *baldaquino*, ing. *canopy*. (archit. e esculp.) Deu-se primeiro este nome a um pequeno pallio, em que nas procissões se leva o Santissimo Sacramento. Depois a uma obra de architectura em fórma de docel, elevado em columnas de marmore ou bronze, que serve de cobrir o altar principal de uma egreja. O mais famoso *baldaquino* d'este genero é o de S. Pedro de Roma, feito pelos desenhos e direcção de Bernini, que é de bronze, e sustentado por quatro columnas torcidas; é tambem notavel o dos Invalidos, e o de Val-de-Grace em París; em Lisboa temos só o *baldaquino* de S. Vicente, que é uma imitação do de S. Pedro de Roma.

«Manuel Vieira viajou na Hespanha, e antes do terremoto de 55 veiu estabelecer-se em Lisboa, aonde fez o S. Sebastião, e o S. Vicente para o *baldaquino*, ou maquineta de S. Vicente de Fóra.» Cyr., *Mem.*, pag. 259.

BALDOQUIM, V. *Baldaquino*.

BALIZA, ou BALISA, s. f., do fr. *balise*, lat. *palus*, estaca, pau, gr. *hizo*, pôr, collocar, ou *signum*, it. *segno*, ing. *buoy*, (archit.) estaca ou boia, que serve de signal na agua, de areia ou rochedo occulto; significa tambem todo o signal natural ou artificial, que serve de termo de separação entre duas herdades, ou entre dois edificios: ordinariamente costuma fazer-se a *baliza* com um marco de pedra, em fórma de cone truncado, de um metro de altura, collocado a prumo na terra. A origem das *balizas* é antiquissima. Os egypcios usaram d'ellas por necessidade, por causa das inundações do Nilo; os gregos consagravam as *balizas* a Hermes; os romanos as submettiam á protecção do deus Terme.

As *balizas* milliarias põem-se em certas distancias para marcar as milhas, os kilometros, etc. Entre os antigos era uma especie de columna, que nos circos marcava a extremidade da carreira.

Os esculptores modernos tambem chamam *balizas* aos pontos que marcam nas estatuas, para lhes assignalar as medidas.

BALIZADO, A, p. p. de balizar, e adj. demarcado, assignalado com balizas.

BALIZAR, v. a. do fr. *balizer*, it. *mettere i segni*, ing. *to unmack*, collocar balizas, demarcar os campos, pôr columnellos de divisão, e de vedação nos edificios, não só para os separar, mas tambem para os resguardar e defender, por meio d'esses marcos ou balizas, dos carros ou vehiculos que passam pelas ruas e praças.

BAMBOCHATA ou BAMBOXATA, s. f. do it. *bambocciata*, fr. *bambochade*, ing. *a shrimp*, (pint.) genero de composição, em que se representam em pequenos quadros objectos da natureza commum, rustica e grosseira, sem escolha, mas seguindo fielmente a verdade e a simplicidade real, sem exagerar os caprichos da natureza. N'este sentido a *bambochata* é superior á composição de figuras grutescas, com a qual se não deve confundir. Teniers, Van Ostade, Brawer, pintaram *bambochatas* no mesmo tempo em que Pedro de Laar, chamado o *Bamboche*, pintor hollandez, assim chamado pela deformidade de sua figura, dava o seu nome a este genero de pintura. V. *Grutesco*.

BANCO, s. m. lat. *scamnum*, ou do b. lat. *bancus*, it. e hesp. *banco*, fr. *banc*, assento de madeira, pedra, ou metal: —(archit.) *Banco de pedra*, é o leito com a altura natural e perfeita das pedras, assentes nas pedreiras. O *banco*, ou a altura natural da pedra, varía conforme os terrenos. Chama-se *banco de cima*, ou *sobrecéu* ao primeiro que se encontra na excavação, que é o mais duro, e

que se sustenta por pilares, para servir de tecto á pedreira; os *bancos de descarga (banc de volée)*, são os que se separam por si mesmos com o auxilio de cunhas, quando se tem minado o leito inferior, a que os caboqueiros chamam pedra do *abancado* ou do ultimo banco que fica immediato por baixo da pedreira. V. *Abancado*.

«*Banco* de pedra inteirisso.» Bernardes, *Nova Flor.*, tom. v, 219.

Banco de esculptor, entalhador e marceneiro, é formado de uma prancha de madeira de 1m,90 de comprido, 44 centimetros de lado, e 7 de grosso, sustentada por quatro pés quadrados de 78 centimetros de alto, e 8 de grosso, engradados em baixo por quatro travessas; n'uma das cabeceiras tem uma espiga quadrada chamada *espera*, e dois furos que recebem um barrelete de ferro, que tem a figura de um 7; ao lado do banco, em correspondencia da espera, ha um pedaço de tábua do Brazil de 66 centimetros de comprido, e 10 de largo, com dois furos, que recebem dois parafusos de madeira com cabeças, em que entram dois tornos chamados *manipulos* para apertarem os ditos parafusos; na trazeira do banco ha outra prensa com um só parafuso. Alguns d'estes *bancos* têem uma caixa ao comprido para guardar ferramenta.

Banco de carpinteiro é formado de um pedaço de viga chamado *frechal*, de 1m,72 de comprido, e 10 a 12 centimetros de largo, tendo sobreposta uma tábua grossa chamada *coberta*, e nos dois extremos dois pedaços de viga com entalhes ao meio, a que chamam *picadeiros*, estas tres peças são sustentadas por quatro pés de 75 centimetros de alto, que engradam no frechal, atrainelados, e presos por duas travessas de madeira, tendo uma tábua larga entre os pés, chamada estrado, que serve de base a uma caixa formada de tábuas fixas, em volta do banco, com uma porta ao meio, em que se guarda ferramenta.

Banco de jardim é o que se faz com assento de relva, de cortiça, de madeira, pedra, marmore, bronze ou ferro.

Banco de pinchar, (braz.) é a divisa dos infantes de Portugal, porque antigamente não se assentavam em cadeiras, senão el-rei e o principe, e os infantes assentavam-se em *bancos* nas côrtes e nos actos publicos.

BANCA, s. f. do hesp. *banca*, b. lat. *bancus*, fr. *banque*, superficie ou tábua quadrilonga de maior ou menor dimensão, sustentada por quatro pés, que têem differentes usos. A *banca* que serve aos desenhadores de architectura é maior do que aquella de que usam os desenhadores de figura, a qual é em fórma de carteira, tendo a superficie levemente inclinada para commodidade de quem desenha ou escreve.

BANDA, s. f. (braz.) peça, representando o talim de cavalleiro, que parte do alto do angulo direito do escudo para a parte esquerda, que lhe fica opposta no fundo do escudo. *Nobiliarch. Portug.*, 301.

BANDA, s. f. do gr. *bandon*, d'onde vem o fr. *bande*, e o it. *banda*, ing. *bend*, tudo o que está ligado por uma faixa, (archit.) é uma moldura chata, comprida, e de pouca largura, como são as partes do architrave; é o mesmo a que Vitruvio chama *fascia*, faixa.

Banda de columna é uma especie de *bossagem*, que alguns architectos têem usado sobre columnas e pilastras, a que chamam *columna ou pilastra rustica;* algumas vezes são essas *bossagens* unidas, como na ordem toscana do palacio de Luxembourg; outras vezes são ornadas de esculptura, como nas galerias do Louvre, em que apparecem as *bossagens* vermiculosas; ou emfim ornamentadas em baixo relevo nas differentes *bandas*, como nos jonicos das Tulherias, e no portal de Santo Estevão do Monte em París. Estas *bandas* são bordadas de um filete, ou outra moldura: lat. *zona*.

BANDADO, A, p. p. de bandar, e adj. (braz.) escudo *bandado*.

BANDAR, v. a. (braz.) ornar de *bandas* um escudo.

BANDEIRA, s. f. do it. *bandiera*, fr. *bannière*, rad. celt. *bann*, ing. *banner*, elevado, alto, (archit.) é a parte superior das portas e janellas, que ordinariamente não se abre. Este termo applicado á architectura gothica parece derivar-se do fr. *nerfs*, do ing.

tracery; e é a parte superior das frestas, sustentadas ás vezes por maineis ou pilaretes, decorada por meio de rendas, ou ornatos miudos. V. *Memoria da Batalha.*

BANDEIROLA, s. f. fr. *banderole*, it. *banderuola*, ing. *bandrol*, (archit.) pequena bandeira de que usam os agrimensores, e os architectos civis e militares para demarcarem os terrenos; consta de uma vara em fórma de lança, que cravam na terra, tendo na extremidade superior uma pequena bandeira avermelhada.

BANHAR, v. a. do lat. *balneum*, gr. *balancion*, fr. *baigner*, it. *bagnare*, (pint.) pôr em banho, ou dar banho, ou applicar algum liquido; assim os pintores costumam dizer, que *banham*, quando applicam com a broxa ou pincel alguma côr, talvez brilhante e transparente, sobre preparação, apparelho, ou tinta propria para receber esse banho.

BANHO, s. m. do lat. *balneum* ou do it. *bagno*, fr. *bain*, ing. *bath*, hesp. *bagno*, (pint.) acção de banhar, ou dar alguma côr sobre o quadro apparelhado para a receber.

BANHOS, s. m. (archit.) Entre os antigos houve grandes edificios destinados para uso de banhos; constavam de muitas casas e corredores, sendo as principaes as salas do *banho*, uma para homens, outra para mulheres, havendo a meio de cada sala uma grande bacia cercada de assentos e de porticos, e ao lado do *banho* cuvas ou tinas, d'onde se tirava agua fria, e agua quente para o temperar. Os *banhos* recebiam luz do alto, e serviam tanto para aceio e gosto, como para a saude; junto d'estas salas havia estufas seccas para promover o suor. Vitruvio, liv. v, c. 10.

Os *banhos* mais magnificos, de que ainda restam fragmentos, eram os de Tito, de Paulo Emilio, e os de Diocleciano, estabelecidos no logar em que ao presente se acha o mosteiro dos padres cartuxos em Roma, o qual ainda hoje se chama *Termini*, do nome *Thermes*, que os romanos davam a estes *banhos*, e que elles tomaram do grego *Therme*, que significa calor. Publio Victor na sua topographia de Roma diz, que havia n'esta cidade 856 *banhos*, assim publicos como particulares. V. *Cours d'architecture*, par Daviler, tom. II. *Dictionn. des antiquit. rom.* de A. Rich.

BANQUETA, s. f. do b. lat. *bancus*, fr. *banquette*, it. *banchetto*, hesp. *banqueta*, (archit.) pequena banca ou degrau, moldurado e dourado, sobreposto na frente dos altares, que ordinariamente tem 28 a 30 centimetros de altura, e pelo menos tem a mesma largura dos altares, sobre os quaes se collocam os castiçaes: —, passeio de pedra levantado na margem de uma estrada, caes ou ponte para facilitar o transito dos caminhantes: — (archit. mil.) pequeno degrau de pedra, terra, ou faxina acompanhando o parapeito de uma muralha pela parte interior, onde se collocam os soldados para descobrir e atirar aos inimigos.

BANZOS, s. m. pl. do lat. *pansus*, fr. *branches*, ing. *branchs*, as duas peças parallelas, em que estão encaixados os degraus das escadas de mão:—, as duas peças das serras braçaes, que acompanham a folha por ambos os lados.

BAPTISTERIO, s. m. do lat. *baptisterium*, gr. *baptisterion*, fr. *baptistere*, it. *battisterio*, ing. *the font in a church*, logar ou capella onde está a pia baptismal, que ordinariamente fica do lado esquerdo ao entrar da egreja; pequena egreja edificada ao pé de algumas cathedraes, para n'ella se administrar o baptismo. (archit. esculpt.) Em Roma junto da egreja de S. João de Latrão existe o *baptisterio de Constantino*, que se diz ser o mais antigo. Elle é de fórma octogona, e desce-se até ao meio por quatro escadas, havendo no centro uma bella urna de basalto esverdinhado; o pavimento é de marmore em divisões, e fechado com balaustrada, a cúpula é sustentada por tres ordens; a primeira de oito columnas de porphydo, a segunda de outras oito de marmore branco, e a terceira de oito pilastras.

O *baptisterio* de Florença é tambem octogono, decorado na parte interna de dezeseis columnas de granito, que sustentam a cúpula ornada de mosaicos de André Tasi, discipulo de Cimabue. O edificio tem 85 pés de diametro. A parte ex-

terna é revestida de marmore. As tres portas são ornamentadas de figuras e baixos relevos em bronze; a principal é de Lourenço Ghiberti, da qual Miguel Angelo disse, que *merecia ser a porta do paraiso.* V. Fleury, sobre a descripção dos *baptisterios* dos antigos.

BARBA, s. f. do lat. *barba,* fr. *menton,* it. *barbe,* hesp. *barba,* (pint. e esculp.) parte inferior e média do rosto, situada abaixo da bôca. A belleza da barba, diz Winckelmann, consiste no cheio da fórma arredondada; a covinha na barba sendo individual e accessoria em a natureza, nunca foi considerada como uma qualidade da belleza universal pelos artistas antigos, como o tem sido pelos escriptores modernos. E por isso esta covinha ou depressão não se vê nem na Niobe, nem em suas filhas, nem em Pallas de Albano, nem em Ceres sobre as medalhas, nem no Apollo do Vaticano, nem em Meleagro, etc. V. Winckelmann, tom. II, cap. IV, pag. 137.

BARBACÃ, s. f. t. arabe, do lat. *colluviarium,* fr. *barbacane,* it. *barbacan,* (archit.) setteira feita nos muros com escarpa, para esgôto das aguas: —, ameia ou muralha baixa para defender o fosso: —, ante-mural.

BARBARO, A, adj. do lat. *barbarus,* gr. *barbaros,* fr. *barbare,* (t. compl.) os gregos e romanos deram este nome a todos os povos que não fallavão a sua lingua; modernamente applica-se aos povos asiaticos, germanos e scandinavos, que se espalharam pelo imperio romano, e pelas nações civilisadas da Europa. Em termos d'arte, chamâmos *barbaro* a tudo que se afasta, ou é estranho ás regras fundadas em a natureza, e no bom gosto: são portanto obras *barbaras* as que têem por norte o capricho e gosto degenerado, que desde o seculo V até ao seculo XV, com raras excepções, dominou na pintura, esculptura e architectura.

BARBATE, s. m. do lat. *barbatus,* que tem barba, (archit.) córte ou entalho, chamado em fórma de bôca de lobo, na extremidade inferior dos paus ou guieiros do madeiramento, para n'esse córte se ajustar o frechal. V. *Barba.*

«Frechaes e *barbates.*» Oliv., *Advert. aos modernos,* pag. 150. V. *Entalho.*

BARDA, s. f. do arab. *bard,* cobertura. V. *Sebe.*

BARDILHO, especie de marmore. V. *Marmore.*

BARIM, (ant.) buril, instrumento de gravador. V. *Buril.*

BARRA, s. f. do fr. *barre,* b. lat. *varra,* it. e hesp. *barra,* ing. *bar,* (archit.) pedaço de ferro, cobre, prata, ou oiro sem lavor, comprido e delgado, que tem differentes nomes, segundo os usos e logares em que é collocado.

Barra de apoio ou encosto, é a banda de ferro chata, que guarnece uma descida de escada ou um balcão; é tambem uma simples *barra* de ferro, collocada a meio, que fecha uma janella de sacada.

Barra de lar é uma banda de ferro chata, que serve para sustentar a fornalha de uma chaminé.

Barra, (braz.) peça ou talim, que atravessa diagonalmente o escudo do alto do angulo esquerdo á parte direita, em direcção opposta á da banda.

BARRACA, s. f. do it. *baracca* ou do fr. *baraque,* lat. *tugurium,* ing. *barrack,* parecem ambos derivados do arab. *barr,* campo, e *carra,* habitar, (archit.) pequena casa feita de madeira ou de alvenaria ligeira, junto de grandes edificios em construcção, que ordinariamente serve de telheiro aos carpinteiros, canteiros e outros operarios, ou para guardar ferramentas, servindo de armazem no inverno.

Tambem se dá o nome de *barraca* a uma pequena casa (lat. *cásula)* com um só pavimento, ao rez do chão, construida com simplicidade.

Na arte militar chamam-se *barracas* a umas cabanas construidas no campo para as tropas. V. *Abarracamento, Abarracar.*

BARRACÃO, s. f. augment. de barraca, (archit.) barraca de grande dimensão.

BARRAL, s. m. sitio ou logar onde ha barro.

BARREIRA, s. f. do it. *barriera,* lat. *prothytum,* fr. *barrière,* hesp. *barrera,* ing. *barrier.* (archit.) 1.º Significa resguardo de estacas de madeira ou grade de ferro, collocada na

frente e lados de um palacio, ou qualquer edificio, para defender as paredes dos vehiculos, e as janellas da approximação e curiosidade dos passageiros.

2.º Pequena casa situada junto das portas das cidades, para recebimento dos direitos.

3.º Logar ou jazigo de que se tira o barro para modelação e outros usos.

BARRETE, s. m. do b. lat. *biretum*, it. *berreta*, fr. *bonnette*. hesp. *bonete*, ing. *bonnet*, (archit. milit. e civ.) obra na frente de um bastião composta de duas faces, formando um angulo saliente com um parapeito, e uma paliçada diante.

Barrete de clerigo, especie de abobada. V. *Abobada*.

Barrete de tubo, *(bonnet à la cauchoise)* circulo de folha de Flandres collocado na extremidade superior de um canudo de fogão, ou de uma chaminé, para evitar que ahi se introduza o ar ou a agua.

BARRILETE, s. m. it. *barletto*, hesp. *barrilete*, fr. *valet*, ing. *hold fast* (art. e offic.) instrumento de ferro, que tem a figura de um 7, com que os esculptores, entalhadores e marceneiros seguram e prendem no banco a madeira, em que pretendem lavrar ou esculpir alguma peça de marcenaria, de ornamentos, imagens ou estatuas. V. *Banco*.

BARRISTA, s. dos dois g., (esculp.) a pessoa que trabalha ou modéla em barra: o estudo e exercicio da plastica, em que se deve adestrar e familiarisar o esculptor. Toma-se ás vezes o termo para deprimir o artista, negando-lhe o talento e os estudos indispensaveis para exercitar a estatuaria, sem se lembrarem esses detractores, que Praxiteles chamou mãe da esculptura á plastica, ou exercicio de modelar. V. Plinio, liv. xxxv, cap. xii.

BARRO, s. m. do fr. ant. *bar*, *bart*, barro, lodo, (esculp.) especie de argilla, chamada plastica, (do gr. *plastikos*, derivado de *plassô*, afeiçoar, amoldar) propria para o uso da modelação: o barro é mais gorduroso, por ter mais quantidade de mica do que de carbonato de cal, e por isso é melhor para unir e empastar. V. *Argilla*.

BARROCO, adj. dos dois gen. do fr. *baroque*, ing. *a rough*, penedo alto e escabroso; perola irregular e imperfeita. Em termos d'arte significa obra irregular, tosca ou exagerada.

BARROTADO ou BARROTEADO, p. p. de barrotear e adj. seguro com barrotes.

BARROTAR ou BARROTEAR, v. a. do fr. *poser des solives*, (archit.) assentar barrotes.

BARROTE, s. m. diminut. de *barra*, do lat. *tignum*, it. *trave*, fr. *solive*, hesp. *barrote*, (archit.) trave curta de differentes comprimentos e grossuras, mas de ordinario tem entre 2 e 4 metros de comprido por 10 centimetros de largo; serve para segurar os madeiramentos, e para assentar sobre elles os solhos.

BARROTINS, s. m. pl. diminut. de barrotes, (archit.) barrotes curtos, escoras, pontaletes para sustentar as vigas das pontes de madeira, e dos navios.

BASA. V. *Base*.

BASALTO, s. m. do lat. *basaltus*. Plinio diz ser termo ethiopico: — (esculp.) especie de pedra ou de marmore negro ligeiramente acobreado, duro, e compacto como o ferro, de um grão fino e doce ao tocar. Os naturalistas distinguem o *basalto* em muitas especies, espalhadas em diversas partes do globo, comprehendendo a Europa; os esculptores antigos, mórmente os egypcios, serviam-se d'elle para as suas obras, algumas das quaes ainda existem, e o extrahiam das pedreiras do Egypto e da Ethiopia. O *basalto* é a pedra de toque de que se servem os ourives.

BÁSCULO, s. m. do fr. *báscule*, lat. *cratitia porta*, it. *altaleno*, hesp. *báscula*, (archit.) especie de ponte levadiça, ou esgôto dobrado, que se levanta e abaixa por meio de um eixo, que o atravessa ao comprimento.

Chama-se tambem *báscule* a uma peça de madeira unida a outra para a sustentar, como se vê no patamar de escada. *Báscule* é igualmente uma peça de ferro chata, de uma fechadura, que torneia sobre uma cavilha para abrir ou fechar os dois ferrolhos de uma porta.

BASE, s. f. do lat. e gr. *basis*, fr. e ing. *base*, hesp. *basa*, apoio (archit.)

diz-se de todo o corpo que sustenta outro a que serve de apoio, mas particularmente se applica á parte inferior da columna e do pedestal.

As *bases* são differentes segundo as differentes ordens, assim:

Base da ordem Toscana, tem apenas um tóro;

Base da Dorica, alem do tóro, tem um astrágalo, que foi acrescentado pelos modernos;

Base da Jonica, tem um grosso tóro, com duas escocias, separadas por dois astrágalos, de que falla Vitruvio;

Base da Corinthia, tem dois tóros, duas escocias e dois astrágalos;

Base da Composita é a que tem um astrágalo de menos que a Corinthia;

Base da Attica ou Atticurga, assim chamada, porque os athenienses foram os primeiros que a executaram, é a que tem dois tóros e uma escocia, e é propria debaixo das columnas jonica e corinthia.

Base continuada é a que tem o perfil seguido, e continuado sobre toda a largura da fachada de um edificio.

Base de frontão é a cornija sobre uma linha recta, opposta ao angulo formado pelas cornijas rampantes do frontão. V. *Frontão.*

Em pintura chama-se *base* á superficie inferior sobre a qual os pés de uma figura são postos direitamente. Em esculptura póde-se dizer o mesmo a respeito do plintho, ou terraço, em que devem assentar os pés das estatuas.

Em agrimensura chama-se tambem *base* a uma linha recta lançada e medida sobre o terreno com a maior exactidão possivel, para sobre ella se construir uma serie de triangulos, a fim de determinar a situação dos objectos.

Em geometria chama-se *base* á parte mais baixa de uma figura, ou áquella que é opposta ao vertice: n'um triangulo póde-se tomar indifferentemente por base qualquer de seus lados.

BASEAMENTO, s. m. do lat. e gr. *basis*, base, planta do pé, (archit.) corpo grande e massiço, em que assenta um edificio, que ordinariamente deve ser simples, e mais largo que alto. «O celebre mausoléu de Artemisa era composto de quatro corpos, de planta perfeitamente quadrada, que formavam um todo pyramidal: sobre o primeiro e segundo *baseamento*, a que se subia por dezeseis rampas, estava o primeiro corpo de quarenta e quatro arcadas, etc.» Cyryllo, *Convers.* 4.ª, pag. 78. V. *Envasamento.*

BASEAR, v. a. firmar, assentar, apoiar como sobre base.

BASILICA, s. f. do lat. *basilica*, paço regio, gr. *basilikos*, real, fr. *basilique*, it. e hesp. *basilica*, dizem que *basilica* era o nome de um edificio, em que archonte, ou primeiro magistrado, ministrava justiça em Athenas. Entre os romanos eram edificios sumptuosos, contendo grande sala, porticos, naves, galerias e tribunal, em que os reis pessoalmente exerciam a justiça. V. Vitruvio, liv. v., c. I. Deu-se depois este nome a esses ou outros edificios soberbos, em que concorriam os commerciantes, e gente do povo, para fazerem as suas compras e negocios, servindo tambem para tribunal de justiça.

Finalmente applicou-se o nome de *basilica* a esses magnificos edificios, que se destinaram para servirem de egrejas aos christãos, e tem continuado a dar-se esta denominação a todas as egrejas de fundação real.

As antigas *basilicas* pagãs de Roma erão: a *Alexandrina*, edificada por Alexandre Severo, perto do campo de Marte; a *Antoniana*, a *Argentaria*, a de *Caius* e de *Lucio*, a de *Fulvia*, a de *Julia*, a de *Marciana*, a de *Mattidia*, a de *Neptuno*, a de *Opimia*, a de *Paulina*, a de *Pompeo*, a de *Porcianna*, a *Sempronienna*, a de *Sicinius*, que foi transformada em *basilica* christã, e a de *Trajano*, na praça publica.

As *basilicas* christãs de Roma são:

A de *Santa Ignez*, edificada por Constantino;

A de *Constantino* com o nome de *basilica* de Santo Salvador;

A da *Cruz*, a de *S. João de Latrão*, a de *S. Lourenço*, e as de *S. Pedro* e *S. Paulo*, todas fundadas pelo mesmo imperador Constantino;

E finalmente, a *basilica* da Santa Virgem, que, segundo se crê, fôra edificada pelo papa Callixto I.

A *basilica* de S. Pedro do Vaticano é sem duvida a maior, e a mais famosa das que hoje existem. Seria longo o querer aqui fazer a sua descripção, que se póde muito bem ver em differentes obras, e principalmente na guia de Roma por Vasi e Nisi; apenas diremos em resumo as medidas que o dr. Burton refere d'esta admiravel e portentosa *basilica:* diz elle, que o comprimento do interior da egreja é de 609 pés, de parede a parede, a largura da nave 91 pés, e a sua altura ao tôpo da abobada 152. Sobre o pavimento, que é composto de grandes peças de marmore de singular belleza, dispostas em varias figuras, estão marcados os comprimentos dos principaes templos da Europa, incluindo esta *basilica,* e são os seguintes:

	Palmos	Pés
S. Pedro do Vaticano ...	837	609
S. Paulo de Londres....	710	521
Sé de Milão.....	606	439
S. Paulo em Roma.....	572	415
Santa Sophia, Constantinopla.....	492	356

O projecto da basilica de S. Pedro do Vaticano pertence ao papa Paulo V; Julio II collocou-lhe a primeira pedra em 1506, e foi terminada no pontificado de Urbano VIII em 1616; Bramante foi quem deu os desenhos da egreja, que foram modificados por outros architectos. Miguel Angelo deu-lhe o plano definitivamente seguido. Bernini ajuntou-lhe o peristylo, e Vignola fez os pequenos domos de acompanhamento.

«Em Portugal tambem nos podemos lisonjear de possuir a bella basilica e palacio de Mafra, devida ao genio magnifico e grandioso do Senhor D. João V; e ventura foi para este monarcha achar um architecto tão abalisado e proprio para esta grande empreza como foi João Frederico Ludovici.»

«O Senhor D. João o V, diz Cyrillo Wolkmar Machado, quiz fazer de Mafra um segundo, e talvez melhor Escurial, edificando tambem por voto o sumptuoso palacio, collegio e convento, que ali admirâmos. A fachada tem 1:000 e mais palmos de extensão, e é flanqueada por dois soberbos pavilhões. No meio d'ella está a *basilica,* ou capella real, dedicada a Nossa Senhora e a Santo Antonio. Entre esta egreja e os pavilhões estão as duas entradas do palacio, a da parte do norte conduz ao pavilhão ou quarto de El-Rei, e a da parte do sul, ao da Rainha. Cada entrada tem um atrio magnifico, decorado com arcadas e columnas da ordem dorica, aonde os coches que entram podem dar volta e demorar-se ali a coberto. A cúpula da egreja, as elevadissimas torres, e as bellas estatuas chamam a attenção do expectador admirado.

«O Bramante, Buonarrota, Peruzi, Raphael, Paladio, e outros quinhentistas tinham felizmente desterrado a maneira gothica, e restaurado o bello estylo dos gregos. Este gosto estava ainda muito em uso, bem que um pouco alterado pelas liberdades de Borromini e de outros grandes homens, a quem todos queriam imitar. O architecto de Mafra, Frederico, seguiu o gosto do seculo, tomando porém liberdades assás discretas e moderadas; se nas torres e na cúpula usou superficies curvas como o Borromini, foi de um modo tão feliz, que ellas contentam igualmente os olhos e a intelligencia dos conhecedores. Quando quiz ser imitador soube escolher bem os seus modelos: a bellissima egreja de Santo Ignacio, inventada por Dominichino, lhe forneceu a idéa para o interior da *basilica.* No adro e fachada soube dar, em ponto mais pequeno, uma grande idéa do Vaticano, e ao desenhar as torres teve em vista as de Santa Ignez da praça Navona, e parece que as excedeu, pois quem as avista de longe crê ver dois elegantissimos obeliscos, que dominam todo aquelle edificio colossal.

«As ordens de architectura são regulares, nobres, elegantes e pouco alteradas. Na Jonica moderna da fachada seguiu o auctor a modinatura de Vignola, á excepção das bases e da facha dos denticulos, em que imitou a do Collocio, e acrescentou alguns ornatos ao capitel de Scamozzi. Deu ao entablamento a quinta parte de toda a columna, segundo o systema de Palladio.

«Na ordem superior, que é a composita, tambem seguiu o Vignola, tro-

cando sómente os logares do oviculo e gola reversa. Esta ordem decora tambem as torres, e todo o circuito da egreja; mas quando chega ao frontão faz uma discreta mudança em toda aquella magestosa peça, apresentando em vez dos dentellos, lisos modilhões, os quaes não sáem á frente da corôa, mas occupam sómente a metade do seu *soffito*, cousa de que ha um exemplo antigo no frontispicio de Nero, imitado em parte por Palladio e Scamozzi.

«Seria superfluo e enfadonho fazer uma analyse de todas as ordens, bastará dizer que a dorica dos atrios poderia sustentar-se ao pé das boas cousas antigas. Ella imita em todas as molduras e nas geraes proporções o que Vignola extrahiu do theatro de Marcello. É muito para notar a excessiva e escrupulosa attenção que os grandes homens têem dado a todas estas cousas, e o pouco caso que fazem d'ellas aquelles que nem são grandes nem pequenos.

«A basilica de Mafra é muito rica de esculpturas, tendo mais de sessenta grandes estatuas, e muitos baixos relevos de Giusti, Mayne, Rusconi, e outros homens famosos. Ha tambem ali boas pinturas de Trevisani, Vieira, Corrado, Massucci, Conca, Solimena, Pedro Bianchi, Quilhard, Ignacio de Oliveira, e outros muitos.» V. *Collec. de Mem.* por Cyrillo Wolkmar Machado, pag. 163.

É de saber que esta famosa basilica levou treze annos a edificar, porque tendo-se-lhe lançado a primeira pedra no dia 17 de novembro de 1817, foi sagrada no dia 22 de outubro de 1730, continuando ainda a construcção do resto do edificio.

BASTÃO, s. m. do b. lat. *bastonus*, do gr. *baston*, fr. *baton*, it. *bastone*, ing. *stich*, hesp. *baston*, páu redondo, (archit.) moldura redonda em fórma de bastão. V. *Bocel*.

BASTIÃO, s. m. do fr. *bastion*, do ant. *bastir*, hoje *batir*, edificar, (archit. milit. e civ.) obra avançada fóra do corpo da praça com dois flancos, e duas faces, e unida pelos dois lados á cortina.

«Mas é todo feito este *bastião* ou baluarte de tijolo cozido mui pequeno, e com muy pouca cal composto, em todos seus largos muros e repairos.» Hollanda, da fabr. que fallece a Lx.ª, p. 8.

Em architectura civil, *bastião* designa um pavilhão coberto em terraço no angulo ou canto de um edificio, como se vê no castello de Caprarole.

BASTIDORES, s. m. pl., do fr. *coulisses*, it. *scenari*, (archit.) peças moveis compostas de paus ou travessas forradas de panno, e pintadas em fórma quadrilonga, que servem nos theatros: — *métier á broder*, peça engradada composta de quatro travessas, em que se estira o panno, que se ha de bordar.

BASTIÕES ou BESTIÃES, s. m. pl. (archit. esculpt.) significa: 1.º, obra avançada de fortificação (V. *Baluarte, Bastião)*; 2.º, pequenas casas de campo e de prazer, situadas nas proximidades das cidades. (V. *Baccalarias)*; 3.º, relevos e lavores feitos em pedra, mas principalmente lavrados em prata e outros metaes. Dizem que a origem do nome vem do de tres irmãos ourives, e excellentes artifices, que se chamavam *Bastioens*.

BATALHA, s. f. do lat. *batalia*, it. *bataglia*, fr. *bataille*, hesp. *batalla*, ing. *battle*, (pint.) peleja entre dois exercitos; nome adoptado pelos artistas para designarem um quadro, cujo assumpto é um combate ou peleja marcial. Este genero de composição demanda grande fogo e movimento, attitudes fortes nas figuras, e um pincel livre e vigoroso. Chama-se *pintor de batalhas* ao que se dá particularmente a este genero de pintura: são n'elle conhecidos os nomes de Courtois ou Bourguignon, Parocel, Martin e outros.

BATE-ESTACAS. V. *Macaco*.

BATENTE, s. m. do it. *battante*, lat. *valvæ*, fr. *battant*, hesp. *batient*, ing. *folding*, (archit.) diz-se de cada uma das partes de uma porta ou janella, que se abre em duas. Applica-se tambem ás barras ou cintas de ferro montantes, que com as travessas formam a *batente* de uma porta de ferro. lat. *scapi cardinales*, Vitruv. Algumas vezes tambem se toma *batente* por aldraba: Bento Pereira.

BATER-MOEDA. V. *Cunhar moeda*.

BATIBANDA. V. *Platibanda*.

BAZAR, s. m. vocabulo persico, que significa mercado, armazem (archit.) Na India, e em outras terras do oriente, especialmente na Persia, os *bazares* são edificios publicos, ou estações de mercadorias, umas vezes cobertos com telhados, outras vezes descobertos, divididos em armazens ou andares, em que se vendem hortaliças, peixe, mantimentos, e todas as qualidades de productos; e até ahi mesmo vendem os escravos. O *bazar* de Tauro, na Armenia, comprehende 15:000 lojas ou armazens. Modernamente na Europa dá-se este nome a casas ou lojas de venda de objectos antigos de toda a especie, como quadros, louças, vidros, etc.

BAZE, s. f. V. *Base.*

BAZEAR, v. a. V. *Basear.*

BEDAME, s. m. V. *Badame.*

BEIÇO, s. m. do gr. *piezó* ou *piazó*, chupar, espremer, ou do lat. *passus*, separado, aberto, p. p. de *pandor*, ou *labrum*, fr. *levre*, it. *labbro*, ing. *the lip*, parte exterior da bôca que cobre os dentes, e que se divide em duas porções, a do *beiço* superior, e a do *beiço* inferior, (archit. e esculp.) significa a parte de cima do tambor ou capitel corinthio, ou composito, que toca no ábaco. Dá-se tambem este nome ao perfil da parte superior, ou rebordo de um vaso, ou outro objecto de arte, que termina em fórma do beiço inferior do homem. V. *Bôca.*

BEIJOIN, s. m. do lat. *benzoin*, arab. *bengi*, (pint.) balsamo ou resina aromatica, pouco colorida, propria para verniz.

BEIRA, s. f. do fr. *berge*, lat. *ora*, it. *orlo*, hesp. *borde*, ing. *edge*, borda, extremidade, (archit.) significa em geral o termo de qualquer objecto corporeo; mas applica-se em geral ás abas ou extremidades dos telhados. V. *Aba.*

BELLAS ARTES, s. f. pl. do lat. *artes liberales*, fr. *arts libéraux*, it. *arti liberali*, ing. *the liberal arts*. Esta expressão comprehende todas as artes, que tem por fim deleitar os sentidos pela cultura do bello, taes são as artes do desenho, pintura, esculptura, architectura e gravura, a poesia, a musica, a dansa. A maior parte das nações civilisadas tem creado e estabelecido diversas academias e escolas, para cultivar, animar e aperfeiçoar as bellas artes. V. *Academia.*

BELLEZA, s. f. do it. *bellezza*, derivado do lat. *bellus*, fr. *beauté*, ing. *beauty*, bello; vocabulo abstracto, que pertence á linguagem da metaphysica: elle exprime a noção abstracta e generica de uma qualidade que compete a todos os objectos da natureza ou da arte, a que chamâmos *bellos*. V. Cyrillo, *Convers. IV.*

BELLO, A, adj. do lat. *bellus, a, um*, gr. *phalós*, brilhante, fr. *beau*, vocabulo concreto, que pertence á linguagem das bellas artes. Os philosophos têem disputado muitissimo ácerca da natureza do *bello*, sem jamais o poderem definir, porque, como se sabe, as idéas simples são indefiniveis, como é a idéa do *bello:* uns dizem com Wolfio e Leibnitz, que *bello é tudo que nos agrada, e o que nos desagrada é feio*, confundindo assim a causa com o effeito, isto é, a *belleza* com o *prazer:* outros pretendem que a *belleza consiste na variedade, unidade, regularidade, ordem e proporções;* mas isto é querer explicar uma cousa abstracta por outra que o é ainda mais. O padre André, jesuita, apesar dos elogios de Diderot, não creio que explique melhor no seu opusculo o que ella seja, porque em substancia diz o mesmo que os outros, explicando o escuro pelo mais escuro, ou idem per idem. Porém se a belleza podesse ser definida, nenhum a teria explicado melhor que Cicero, quando disse, que a *belleza do corpo consiste em uma proporção exacta dos membros, unida a um suave colorido.* O vocabulo *bello* applica-se a tantas cousas de natureza, e especies tão differentes na sua essencia, que não é possivel com uma só definição, ou antes descripção, abranger todos os objectos bellos considerados em si mesmos, ou *objectivamente*, porque ha effectivamente distincção entre *bello physico, bello moral, bello natural*, etc. Todavia se nos limitarmos a considerar o *bello* em relação ao effeito que elle produz sobre nós, ou *subjectivamente*, póde-se dizer, que o *bello* é não sómente aquillo que agrada, mas aquillo que encanta, *o que excita os sentimentos de amor ou de admira-*

ção. Este vocabulo, pois, parece ter sido desde o seu principio applicado a objectos que encantam a vista, e depois d'estes tem-se estendido a outros objectos, que nos subministram algum prazer. O *Diccionario da academia de França* define o *bello* assim: «Objecto cujas proporções, fórmas e cores agradam á vista, e geram a admiração». O estudo do *bello* em todos os tempos tem sido materia de interessantes investigações, e objecto de uma sciencia especial, a que Baumgarten deu o nome de *Esthetica.* Os principaes auctores que têem tratado do *bello* são: Platão, principalmente no *Phedro* e no *Banquet;* Plotin *(Ennéad. I,* liv. VI); o padre André *(Essai sur le beau);* Crousaz *(Traité du beau);* Hutcheson *(Origine des idées de beauté et de vertu);* Hogart, Alison, Burke e Dugald Stewart *(Essais sur le beau et le sublime);* Jouffroy *(Cours de esthétique);* em allemão, Baumgarten, Kant e Hégel. V. *Esthetica.*

«*Bello-ideal,* expressão propria das bellas artes para designar a obra do genio, da inspiração e do enthusiasmo.

«O *bello,* que o orgão das vista nos transmitte, está nas fórmas e na côr, no movimento ou no repouso das fórmas, na variedade ou na uniformidade das cores; e não é positivo senão quando satisfaz as intenções do creador, se conforma ao seu fim, e se accorda com as nossas mais íntimas emoções.

«*Hoc generatim pulchrum est, quod tum naturae suae, tum nostrae convenit.*

«A symetria, as proporções, a graça, os ornamentos e o brilho das cores são os attributos do *bello.* A *symetria* suppõe uma igual repartição de forças; ella suppõe o accordo, a *balança.* As *proporções* suppõem esse termo medio, que dista muito da exageração; é a harmonia com as necessidades do individuo, e com as relações que o ligam ás outras creaturas da mesma natureza, ou de natureza differente, mas destinadas a viver em contacto entre si. A *graça* é a promptidão, a agilidade, e a facilidade dos movimentos, a ausencia do trabalho e constrangimento. Os *ornamentos* são as provas de desenvolvimento e de riqueza.

«O *bello positivo* está em a natureza, ou na sua imitação, notavelmente na pintura e na esculptura. O *sublime do bello* acha-se nas obras dos artistas que melhor comprehenderam as intenções do creador; é lá que existe o *ideal* da belleza... o dominio das *bellezas* relativas é vasto, porém não exclue a existencia do *bello positivo.* Aquellas são a parte das gradações da organisação, e do desenvolvimento; esta é a parte do homem moral, do homem creado á imitação de Deus, do homem sobre quem o pensamento e o sentimento exercem uma influencia determinada pela intenção do creador.

«Em architectura o *bello* é muitas vezes mais relativo que positivo; elle tem por fim e regra a solidez e a commodidade, e depende dos costumes, do clima, das localidades e da destinação da obra. Comtudo, mesmo em architectura, o *bello relativo* se liga ao *bello positivo* pela symetria e as proporções; elle póde fallar á alegria pelos ornamentos, á tristeza pelas sombras, e ás necessidades do descanso e do repouso pela sua grandeza, e pelo seu caracter de solidez; elle emfim tem apoio nas leis immutaveis da natureza, pela applicação das linhas, e dos principios geometricos.» A. Raczynski, *L'art moderne en Allemagne,* introducção, tom. I, pag. 6 a 9.

Terminemos o artigo com as palavras de Winckelmann sobre o *bello ideal:* «A natureza tem seus defeitos: o mais bello corpo é raramente isento d'elles; ha partes que se podem achar muitas vezes, ou suppor mais perfeitas em outros corpos. Em conformidade d'esta experiencia, o artista intelligente procede como um jardineiro industrioso, que enxerta n'uma vara garfos de melhor qualidade. A abelha forma o mel do succo de muitas flores. A idéa da *belleza* dos mestres gregos não se restringia só ao *bello* individual: os gregos procuravam reunir o *bello* de muitos corpos bellos... A escolha das bellas partes, e suas relações harmoniosas em uma figura produziram a *belleza ideal,* que por consequencia não é uma idéa metaphysica.» Winckelmann, tom. II, liv. IV, cap. I, pag. 45.

BELVEDER, s. m. do it. *belvedere,*

bella vista, lat. *locus editus*, fr. e ing. *belveder;* significa:

1.º Torre ou pavilhão elevado, que remata um edificio, ou casa de campo: é notavel o famoso pavilhão do Vaticano feito por desenhos de Bramante. N'este *belveder* existe entre outras a celebre estatua de Apollo, que d'elle tomou o nome.

2.º Pequena casa ou gabinete na extremidade de um jardim ou parque, para gosar de algum ponto de vista agradavel. V. *Mirante.*

BEMPARECIDO, A, adj. formoso, gentil. V. *Bello.*

BERÇO, s. m. do lat. *arcus*, fr. *berceau*, fr. ant. *bers*, cesto, it. *volta*, hesp. *boveda*, ing. *vault*, (archit.) abobada cylindrica em fórma de berço. V. *Abobada e suas especies.*

BESANTE, s. m. do lat. *bysantium*, cidade de Constantinopla onde se bateu uma moeda de oiro chamada *besante*, (braz.) a dita peça é redonda e chata como moeda, que não é marcada, com que ornaram os escudos os cavalleiros que tinham feito a jornada da Terra Santa.

BESTIÃES, s. m. pl. V. *Bastiões.*

BETUMAR, v. a. do lat. *bituminare*, fr. *bituminer*, segurar, prender, fazer pegar com betume; encher de betume alguma falha ou cavidade nas obras de pedra ou madeira.

BETUME, s. m. do lat. *bitumen*, fr. *bitume*, ing. *bitumen*, exhalar cheiro; nome generico applicado a substancias combustiveis: umas são liquidas ou viscosas *(naphtha)*, alcatrão; outras são solidas *(asphaltus)*, betume; a côr é morena ou negra; no estado solido ou secco o betume é friavel, e electrisa-se pela fricção; como as resinas, derrete-se pelo calor e arde, espalhando fumo espesso e odorifero. Ha varias especies de betume; os principaes são: o *asphalto*, chamado *betume glutinoso*, a *naphta*, o *petroleo* ou oleo de pedra, etc. O betume, porém, de que se faz uso nas obras de architectura e esculptura é de duas sortes: o primeiro, composto de pez e de pó de pedra, serve para segurar e prender as pedras entre si, e para betumar e encher as juntas dos mesmas pedras; o segundo, composto sómente de cêra e pó de pedra, é muito claro; porém menos forte e adherente que o do pez, que tem côr alourada: do de *cêra* se servem principalmente os esculptores para taparem e encherem algumas falhas ou cavidades que apparecem no marmore, e para unirem e segurarem pequenas partes, em que muitas vezes dividem as suas obras.

BEXIGAS DE TINTAS. V. *Tubos.*

BIANGULADO, A, adj. que tem dois angulos.

BIANGULAR, adj. dos dois gen., que comprehende dois angulos.

BIBLIOLITHOS, s. m. pl. do gr. *biblion*, livros, e *lithos*, pedra; pedras calcareas e schistosas, que divididas em laminas delgadas parecem-se com folhas de livro, tendo n'ellas como estampadas folhas de arvores.

BIBLIOTHECA, s. f. do gr. *biblion*, livro, *ethéké*, deposito, lat. *bibliotheca*, it. *biblioteca*, hesp. *libreria*, (archit.) logar em que se guardam e conservam livros. As condições necessarias para uma boa bibliotheca reduzem-se a que o edificio seja voltado ao nascente, as salas tenham grande pé direito, sejam bem ventiladas e livres de humidade, e que a uma boa distribuição de casas e gabinetes com os corredores de independencia, e commodidades necessarias, para conter as differentes especialidades, haja no interior do edificio uma grande sala illuminada pelo alto e convenientemente decorada, tendo em volta um balcão sustentado por columnas, pilastras ou misulas. As bibliothecas são antiquissimas. Nehemias foi o primeiro entre os hebreus que construiu uma bibliotheca: as mais notaveis são a de Alexandria, fundada por Ptolomeu Philadelpho, que continha 700:000 volumes, a de Pergamo, a Palatina e outras: os barbaros destruiram-nas na edade media, devendo-se aos monges a guarda, conservação e augmento dos restos da litteratura, que foi restaurada, e grandemente enriquecida pela invenção da imprensa. Nos tempos modernos multiplicaram-se as bibliothecas na Allemanha, França, Italia, Inglaterra e Hespanha. Em Lisboa ha, entre outras livrarias, a bibliotheca publica fundada por alvará de 27 de fevereiro de 1796, pela

Rainha a Senhora D. Maria I, e que hoje se acha estabelecida no extincto convento de S. Francisco da Cidade.

BICA, s. f. do lat. *canalis*, fr. *tuyau*, it. *canale*, hesp. *encanado*, ing. *pipe*, (archit.) canudo de metal, pedra, madeira ou louça, por onde passa o ar ou a agua de um logar para outro. V. *Biqueira*, *Garganta*, *Tubo*.

BICO D'ASNO, do fr. *bic d'asne*, (grav. e archit.) buril de duas faces para uso da gravura: —, utensilio de marceneiro e carpinteiro: —, buril proprio a fim de fazer entalhes de cirurgia para extrahir balas.

BICO DE MOCHO, s. m. do lat. *bucca*, bôca, fr. *bec de corbin*, it. *becco*, ing. *bill*, (archit.) pequeno filete que forma a borda ou extremidade de uma cornija, a que tambem se chama *mocheta pendente*. Dá-se igualmente o nome de *bico* á massa de pedra, que forma um angulo saliente nas extremidades dos pilares das pontes, e que lhes servem de contrafortes, e de dividir a agua e os gelos.

BICUDO, A, adj. do lat. *punctus*, fr. *pointu*, it. *acuto*, ing. *pointed*, ponteagudo, que forma bico ou angulo: — (braz.), ave que tem o bico de esmalte, differente da côr do escudo.

BILHETE, s. m. b. do lat. *billetus*, do fr. *billet*, it. *biglietto*, hesp. *billete*: — (braz.), *bilhetes*, quadrilongos em fórma de carta de jogar, que se gravam nos escudos.

BIQUEIRA, s. f. derivado do gr. *rheo*, derramar, (archit.) canal ou tubo de barro cozido, ou folha de ferro por onde se dá saída ás aguas, que cáem nos telhados, e são recebidas nos aljerozes dos edificios, e d'ahi passam ao campo ou á rua. V. *Gárgula*.

BISEL, s. m. do hesp. *bizel*, fr. *biseau*, ing. *kissing crust*, (archit. e grav.) córte ou chanfro na extremidade de uma peça de madeira, córte ou fio do cinzel ou buril com angulos obliquos.

BISSECÇÃO, s. f. (geom.) V. *Bipartição*.

BISSECTRIZ ou BISSECÇÃO, s. f. (geom.) linha que divide o angulo em duas partes iguaes.

BISTRE, s. m. trigueiro, do lat. *fuligo cocta et diluta*, fr. *bis*, it. *fulligine stemperata*, nome proprio da ferrugem das chaminés infundida em agua filtrada, formando uma côr acastanhada clara, de que se servem os artistas para desenharem a aguarellas. Muitos desenhadores, architectos e pintores têem substituido pelo bistre a sepia e a tinta da China.

BITÓLA, s. f. do hebr. *bath* ou *beth*, unidade das medidas de capacidade entre os judeus: —, padrão, norma, modelo. Os mestres e apparelhadores usam ordinariamente de uma regua com certa graduação de medidas, a que chamam *bitóla*, que lhes serve para regularem os trabalhos de um edificio.

BITUMAR, v. a. V. *Betumar*.

BITUME, s. m. V. *Betume*.

BLÁO, adj. m. do fr. *bléu*, lat. *cœruleus*, it. *turchino*, hesp. *anil*, ing. *blue*; (braz.) de côr azul. Nas gravuras ou desenhos indica-se esta côr com traços horisontaes.

BLAZONADO ou BRAZONADO, A, p. p. de blazonar ou brazonar, e adj. desenhado, pintado ou esculpido conforme as regras do brazão.

BLAZONAR ou BRAZONAR, v. a. do fr. *blasoner*, (braz.) desenhar, pintar ou levantar em relevo o escudo de armas, segundo as regras do brazão ou armaria.

BOBADA. V. *Abobada*.

BOCA ou BOCCA, s. f. do b. lat. *bucca*, gr. *buó*, encher, fechar, e *khéo*, encerrar, conter, fr. *bouche*, it. *bocca*, ing. *mouth*, (pint. e esculp.) cavidade interna das faces, situada na parte inferior do rosto, por onde sáe a voz, e se recebem os alimentos; orgão do gosto, composto de labios, dentes, gengivas e paladar. A bôca é, conjunctamente com os olhos, a mais bella parte do rosto. Todos sabem que o beiço inferior deve ser mais cheio que o superior, d'onde nasce essa inflexão sensivel, que dá á barba um arredondamento mais completo. Em uma das bellas estatuas de Pallas, conservada na villa Albani, o beiço inferior avança insensivelmente para mostrar melhor o ar de gravidade, que convem a esta deusa. Nas figuras humanas do antigo estylo os beiços são fechados; mas nas figuras divinas de um e outro sexo não são inteiramente fechados. Nas estatuas de Venus, os

beiços são meio cerrados, para exprimir por este meio o mavioso desejo e o amor; esta mesma nota é applicavel a algumas figuras heroicas. Em algumas cabeças do estylo antigo, o bordo dos beiços é traçado por uma linha viva, em outras este mesmo bordo tem uma elevação insensivel, e parece cortada com instrumento, etc. Winckelmann, tom. II, cap. IV, pag. 137.

BOCAL, s. m. do lat. *bucca ou margo*, fr. *bocal*, it. *boccale*, hesp. *almarraxa*, ing. *vessel made of glass*, (archit.) é uma pedra em que se abre um buraco ou cavidade, redonda ou oval, seguindo o diametro ou a fórma de um poço, collocada na altura de um apoio ou encosto para formar a ultima fiada da sua borda.

BOCEL, s. m. do fr. *bossel*, (archit.) moldura estreita e redonda, á maneira de uma vara ou bastão, que de ordinario circumda a parte inferior da columna.

BOCELADO, A, p. p. de bocelar, e adj. feito em fórma de bocel, moldura bocelada.

BOCELÃO, s. m. augm. de bocel (archit.) moldura redonda muito grossa. V. *Tóro*.

BOCELAR, v. a. do fr. *bosseler*, (archit.) formar ou moldar o bocel de uma columna, e por ampliação applica-se o termo ao trabalho de ornar com molduras algum vaso, ou outra peça de decoração.

BOCELINHO ou BOCELINO, s. m. dimin. de bocel; (archit.) moldura redonda muito estreita ou delgada, que cerca a parte superior da columna, que toca no capitel.

BOCETA, s. f. do b. lat. *buxetta*, fr. *boite*, it. *scatola*, hesp. *caxa*, ing. *a box*, (grav.) pequena caixa de gravador, e é de tres especies e usos: 1.º, para fazer morder a agua forte; 2.º, para preparar o cobre destinado á gravura a agua tinta; 3.º, para guardar os instrumentos.

BOCETE, s. m. tambem se escreve bossete, do fr. *bossete*, ing. *boss*, (archit.) florão ou outro ornato em fórma circular, que cobre as intersecções dos artezões, como pregando-os ao tecto, substituindo-o ás vezes por um *pendente*, e outras apresentando um *escudete*.

BOCETO, s. m. o mesmo que esboceto. V. *Bosquejo, Esboceto*.

BOEIRO ou BUEIRO, s. m. do lat. *canalis*, (archit.) canal artificial por onde corre agua, ou se evapora o fumo.

BOENS, s. m. pl. (archit.) balizas, marcos para dividir as terras.

BOFETE, s. m. do fr. *bouffet*, it. *buffetto*, hesp. *bufête*, ing. *a cupboard*, significa: 1.º, aparador com gavetas para o serviço da mesa; 2.º, caixa em que se mettem os canudos do orgão; 3.º, mesa especial e portatil, que se abre e fecha, propria para sobre ella os engenheiros poderem desenhar no campo. «Quando sobre o *bofete* precisâmos desenhar e arranjar a planta». Moreira, *Regr. de desenho*, pag. 119.

BOLA, s. f. do lat. *globus*, fr. *boule*, it. *palla*, hesp. *bola*, ing. *bowl*, (archit.) corpo espherico de pedra, marmore ou metal, que se applica nas decorações de architectura: bola ou esphera de remate, que se colloca no alto de uma torre, sobre a lanterna de um zimborio ou domo: usa-se tambem na parte baixa das rampas, sobre pedestaes de jardins, etc.

BOLEADO, A, p. p. de bolear, e *adj.* arredondado, em fórma de meia cana.

BOLEAR, v. a. arredondar, tornear, fazer redonda qualquer linha, superficie, ou corpo de madeira, de pedra, ou de outra materia.

BOLO D'ARMENIA ou ARMENIO, s. m. do fr. *bol*, terra argillosa e avermelhada, que entra na composição do apparelho proprio para douradura.

BOLSA, s. f. do gr. *byrsa*, lat. *bursa*, fr. *bourse*, it. *borsa*, ing. *purse*, saquinho para trazer dinheiro, (archit.) edificio publico composto de um ou mais porticos, com salas bem dispostas, em que se juntam os negociantes e banqueiros em certos dias e horas para tratarem de seus negocios e transacções commerciaes. As primeiras bolsas foram estabelecidas em Amsterdam, Veneza e Londres. Em França foram estabelecidas as primeiras bolsas em Lyão e Tolosa no anno de 1549; a de Amsterdam e a de Londres são consideradas como os mais bellos edificios d'este gene-

ro. A nossa bolsa do Porto é tambem digna de notar-se.

BOMBA DE ESCADA, (archit.) vão ou espaço em fórma quadrilonga, ou de ellipsoide, occupado por uma escada principiando no primeiro pizo e terminando por uma claraboia ou lanterninho, que dá luz e ar á mesma escada.

BOMBAS, s. f. do lat. *bombus*, fr. *bombe*, it. e hesp. *bomba*, ing. *bomb* ou *pump*, globo de ferro ôco, cheio de polvora, que rebenta com o fogo: —, machina para elevar agua e fluidos, composta de um cylindro e de duas valvulas, que se abrem e fecham alternadamente pelo movimento do embolo.

BOM GOSTO. V. *Gosto*.

BONÉCA, s. f. figurinha pequena com que brincam creanças:—(archit.) *Bonecas do arco* são os chapuzes que se pregam ao meio dos comprimentos das escoras principaes dos simples dos arcos, v. e t.

BONÉCO, s. m. pequena figura de homem, com movimentos ou sem elles, feita de madeira, cortiça ou outra materia. V. *Manequim*.

BOQUILHA, s. f. *diminut.* de bôca, do hesp. *boquilla*, (archit.) encaixe, abertura praticada nos caixilhos de portas e janellas, e em outras peças de madeira, para as travar e unir entre si.

«Uma (moldura) de cabeira... outra de *boquilha*...» Oliveira. *Advert. aos modern.*, p. 91.

BORAX, s. f. do arab. *baurach*, lat. *chrysocolla*, fr. e ing. *borax*, it. *borace*, hesp. *borrax*, especie de sal mineral, que se acha em lagos na Persia e India. Emprega-se na preparação do crystal, dos esmaltes e das cores applicadas sobre o vidro, ou sobre porcelana; serve tambem de soldar o oiro aos outros metaes.

BORDA, s. f. do lat. *ora*, hesp. *borde*, fr. *bord*, it. *orlo*, ing. *edge*, termo generico que exprime a extremidade de uma qualquer cousa: — (archit.), em termo d'arte significa a extremidade, ou orla de uma bacia de tanque, ou de jardim, a *borda* do bocal de um poço, a *borda* talvez ornada de um vaso de marmore ou bronze, etc.

BORDADOR, A, m. ou f. o que ou a que borda.

BORDADURA, s. f. do lat. *margo*, ing. *border*, (pint., esculp. e archit.) geralmente fallando, é o que termina, orna ou enfeita as extremidades de uma cousa. Em especial, entende-se por *bordadura* o ornato de um caixilho, de uma moldura, em que se colloca um desenho, estampa ou quadro, que não é só um objecto decorativo, é tambem cousa necessaria para terminar ou circumscrever a composição, e marcar o limite do observador: assim tambem se applica este termo ás *bordaduras* em tapessarias, algumas das quaes têem sido desenhadas pelos mais habeis pintores.

Em architectura chama-se *bordadura* ao perfil ou moldura, que orna um baixo relevo, ou uma almofada de divisão. Applica-se tambem este nome ao alinhamento formado nas ruas e vias publicas, que terminam os lados de uma calçada. Usa-se igualmente na jardinagem para designar as divisões ou repartimentos, que de ordinario são feitos de buxo e de outras plantas.

BORDAMENTO, s. m. p. us. (pint. e esculp.) ornatos embutidos em madeira ou metaes: bordados em relevo, ou sem elle, applicados a diversas obras; e os mesmos pintados ou feitos a côres, ou sem ellas, em varias peças.

BORDAR, v. a. ornar as margens de uma obra d'arte, de um caminho, ou recamar de oiro um vestido, etc.

BORNEADO, A, p. p. de bornear e *adj.* (archit.) alinhado, desempenado, posto em direitura.

BORNEAR, v. a. do lat. *inspicere*, fr. *bornoyer*, it. *prender la mira*, ing. *to aim*, hesp. *bornear*, (archit.) observar com um só olho, fechando o outro, o paramento de uma pedra, parede ou muro, para reconhecer se estão perfeitamente planos: —, collocar estacas de distancia em distancia, para verificar se as obras traçadas seguem uma linha direita.

BORRACHA, s. f. V. *Gomma elastica*.

BORRADOR, s. m. (pint.) livro ou caderno de desenhos toscos e imperfeitos, em que os artistas lançam as primeiras linhas, ou fazem os seus apontamentos: —, official ou brochan-

te de tintas lisas, Cam., Oit. 6. «Todos foram, senhora, uns *borradores* — De tua perfeitissima belleza.» Gomes da Cruz., *Car. Apolog.*, pag. 45. «Eu fallo do pintor conspicuo, e não do abjecto, humilde e *borrador*».

«Este primeiro desenho (do terreno), que chamam *borrador*, serve de guia para as operações que devemos fazer, e para ir assentando as diversas medidas que havemos de tomar depois.» Mor., *Regr. de Desen.*, p. 109.

BORRAINA, s. f. do hesp. *borra*, fr. *bourrer*, encher calcando. *Borrainas, (bourrelets)* assim chamam aos debruns ou pestanas, que se fazem nas bordas das pranchas de chumbo, com que se cobrem os terrassos para as unir sem soldadura; um d'esses debruns fica por baixo, o outro é arredondado ou arqueado com o maço, e recobre o primeiro. Usam-se d'estas *borrainas* sobre as extremidades de um cano de telhado, ou de chumbo, etc.

BORRÃO, s. m. do fr. *brouillon, pochade*, it. *straccia foglio*, ing. *busy body*, hesp. *borron*, (pint.) rascunho, primeiras linhas, embrião de um desenho, ou composição «o pintor não poderá deixar de *fazer mil borrões*».

BORRETEADO, A, p. p. de borretear, e *adj.* rascunhado, rabiscado com muitos traços ou emendas.

BORRETEADURAS, s. f. pl. (p. us.) grandes emendas accumuladas, traços multiplicados em diversos sentidos, de que o artista usa para lançar no papel as suas primeiras idéas, ou pensamentos de suas composições.

BORRETEAR, v. a. (p. us.) traçar muitas vezes um desenho, amiudar linhas, apagando umas e fazendo outras, para acertar a composição que o artista intenta fazer.

BOSQUEJADO, A, p. p. de bosquejar, e *adj.* delineado de improviso, sem correcção.

BOSQUEJAR, v. a. de *bosque* ou *bosco*, e des. do cast. *echar*, lançar, que equivale ao *schizzare* dos italianos, ao *esquisser* dos francezes, ao *adumbrare* dos latinos, e ao *to sketch* dos inglezes, (t. compl.) significa o delinear rapido, ou em prompto, o fazer um bosquejo sobre qualquer assumpto, para se julgar por elle se merece ser executado. Os artistas preparam-se para a execução de suas obras lançando diversas linhas, e fazendo varios bosquejos que exprimam o seu pensamento, para escolherem d'entre elles o que melhor effeito lhes póde produzir, a fim de procederem aos estudos convenientes á sua definitiva execução. Assim o pintor lança sobre o papel as linhas rapidas do desenho ou quadro, que se propõe pintar; o esculptor faz o mesmo, ou riscando sobre o papel, ou mesmo modelando em barro, em pequeno ponto, a estatua, grupo, ou baixo relevo; o architecto traça a primeira idéa do edificio, etc.

BOSQUEJO, s. m. do lat. *adumbratio*, ital. *schizzo*, ing. *sketch*, hesp. *escorche*, fr. *esquisse*, primeiros traços rapidos de um desenho, ou primeira idéa creadora de um projecto de architectura, de um sujeito ou assumpto de pintura ou de esculptura, feita sobre qualquer superficie para ser depois executada e levada á perfeição. *Bosquejo* não é o mesmo que esboço, porque este é já um trabalho preparatorio, tirado do bosquejo de uma pintura, esculptura, etc. V. *Esboço, Esboçar.*

BOSSA, s. f. do fr. *bosse* (anatom.) elevação natural que nasce da superficie dos ossos chatos; taes são as *bossas* frontaes, a occipital, etc.

BOSSAGE ou BOSSAGEM, s. f. do fr. *bossage*, it. *rilievo*, ing. *rustics*, (archit.) em geral é qualquer saliencia em obras de architectura; é toda a pedra ou madeira que sobresáe da sua superficie, ou seja lisa ou rustica.

BOTÃO, s. m. do fr. *bouton*, it. *bottone*, ing. *button*, (archit.) pequena peça redonda de ferro, ou outro metal, em fórma de botão simples ou ornatado, que serve para abrir as portas.

BOTARÉO ou BOTARÉU, s. m. do lat. *crisma*, Vitr. fr. *boutoir*, it. *sperone*, hesp. *botarel*, ing. *buttress*, (archit.) pilastras ou pilares de reforço collocados nas paredes para as sustentar; são o caracter essencial da architectura gothica: vêem-se alguns na sé de Lisboa, em Belem e na Batalha. V. *Arco botante, Gigantes, Pegões.*

BOVEDA. V. *Abobada.*

BRAÇADEIRA, s. f. do fr *étrier*,

it. *staffa*, ing. *a stirrup*, (archit.) assim se chama a toda a chapa de ferro de duas esquadrias, ou em fórma de braço, que serve para sustentar e fortificar um barrote pelo meio, ou para armar uma viga rachada, ou para collocar os barrotes ao comprimento dos lados de uma viga.

BRANCO, A, adj. do lat. *albus*, hesp. *blanco*, fr. *blanc*, it. *bianco*, ing. *white*, (pint.) aindaque os philosophos neguem que o *branco* seja côr, é certo que elle o é para os pintores, e a mais leve de todas as côres. Esta resulta da reunião das sete côres de que é composto um raio solar. V. *Espectro solar*. O *branco* significa a luz que illumina os objectos para serem bem vistos e apreciados. «A sombra do *branco*, diz Leonardo de Vinci, visto com o sol e a claridade do ar, tem uma côr que participa do azul, porque como o *branco* em si não é côr, senão disposição para qualquer côr, segundo a preposição que diz «a superficie de qualquer corpo participa da côr do seu objecto», segue-se que aquella parte da superficie branca em que não ferirem os raios do sol, participa da côr azul do ar, que é seu objecto. Ha differentes qualidades de *branco*; a saber: *branco de prata*, que é o mais superior que se usa na pintura, e é o oxydo de chumbo, preparado de modo que se torne o *branco* mais brilhante e ligeiro.

Branco de Hespanha, carbonato de cal, ou cré pulverisada, que se reduz a pães por meio da agua; usa-se como os lapis para riscar sobre quadros escuros, e serve tambem para a pintura a fresco.

Branco de Hamburgo, de Hollanda, de Veneza, de zinco, e outros, de que se faz uso na pintura a oleo. V. *Alvayade*.

BRANCO e PRETO ou NEGRO, (pint.) especie de pintura a fresco, de que se fazia uso antigamente para os ornamentos e grutescos. Consistia na preparação de um fundo negro feito de estuque, sobre o qual se applicava um emboço branco, que com a ponta de um ferro ía saindo, deixando ver por baixo o negro que lhe servia de sombra, imitando uma estampa. D'esta sorte são feitos os frescos de Polydoro de Caravagio; mas hoje não se usa d'esta especie de pintura, por ser de um effeito duro e pouco agradavel, aindaque seguro e duradouro.

BRANCURA, s. f. do lat. *albitudo*, fr. *blancheur*, it. *bianchezzio*, hesp. *blancura*, a côr branca, que apurada se chama alvura; é côr que procede de muita luz reflexa, e d'ahi vem que os corpos brancos reflectem mais luz que os outros, como succede nas paredes de uma casa pintada de branco.

BRANQUEADOR, s. m. o que branqueia, ou dá o branco nas paredes e casas.

BRANQUEAR, v. a. do lat. *dealbare*, fr. *blanchir*, it. *imbiancare*, hesp. *emblanquecer*, ing. *to whiten*, (pint. e archit.) dar côr branca com cal, gesso ou alvaiade; pintar de branco, limpar a prata, dando-lhe côr branca. Tirar á madeira as asperezas com a enxó, e a plaina para a branquear, alisando-a.

BRAZÃO ou BLAZÃO, s. m. (term. compl.) esta palavra é derivada de *braço*, ou do francez *blamer*, ou do allemão *blason*, que significa tocar trombeta: a rasão d'esta etymologia funda-se em que os que saíam ás justas e torneios annunciavam a sua vinda com a trombeta, e respondiam os arautos com os seus clarins, declarando depois em alta voz e explicando o *brazão* das armas dos ditos aventureiros, e é d'este officio dos arautos que deriva o nome de *arte heraldica*. Ésta consiste no conhecimento e explicação da armaria, cujos elementos se fundam na noticia e distincção do *escudo*, dos *esmaltes*, das *peças* e dos *moveis*. O *escudo*, ou campo sobre que são postas as armas, representa o antigo escudo, que é variavel na fórma, segundo os paizes a que pertence, e é dividido em quatro partes. Os *esmaltes* são os nomes dos metaes, que são dois, as côres que são cinco, e duas guarnições, que matizam o escudo. As *peças* honorificas ou figuras heraldicas são nove. Os *moveis* são os ornamentos interiores do escudo, etc. *Traité complet du blason*, de Borel d'Hauterive, 1846. *Dictionn. heraldique*, 1853. V. *Armaria*.

BRAZONAR, v. a. desenhar, pintar, esculpir ou gravar escudos de armas; descrevel-os ou decifral-os.

BRÉCHA, s. f. do allem. *brechen*, quebrar; rocha formada de fragmentos angulosos de diversas côres, ligados por uma pasta de côr differente: taes são as nossas *brechas* da Arrabida, e de outros pontos de Portugal. Ha differentes especies d'este marmore.

BREPHOTROPHIO, s. m. (archit.) hospital de meninos engeitados: estes dois termos latino e grego são de data moderna, e não se acham antes da epocha christã, em que se deu a liberdade áquelles que eram abandonados por seus paes; e é provavel que só depois do estabelecimento do christianismo se cuidasse n'esse asylo de meninos engeitados. V. *Dictionn. des antiquités romaines.*

BRICA, s. f. do fr. *briser*, ing. *break*, quebrar, (braz.) espaço no escudo, em que se designa a differença dos filhos segundos.

BRILHANTE, *adj. dos* 2 *g.* (pint.) cousa que resplandece e luz; applica-se á côr, á luz, ou ao effeito geral de um quadro. A luz *brilhante* é a consequencia feliz das combinações do pintor.

BRILHANTES, *(toques)* fr. *reveillon*, luz viva que realça os tons, e é despertadora da vista dos espectadores. V. *Despertador.*

BRILHO, s. m. de *brilhar*, esplendor, luzimento: — (pint.) os quadros pintados de novo têem muito *brilho*, que muitas vezes lhes prejudica o effeito, mas se as côres são harmoniosas, o tempo as torna doces e suaves. Os quadros de Rubens têem muito *brilho.*

BRITADO, A, p. p. de britar, e adj. quebrado.

BRITAR, v. a. do *brouter*, it. *partire*, ing. *to break*, quebrar pedra em pequenos bocados para se calçarem as ruas no systema de macadam.

BROCA, s. f. do fr. *brequin*, lat. *terebra*, gr. *peiró* ou *tariere*, e *kéo*, abrir com violencia, (esculp.) instrumento de aço e ferro terminando em fórma de lança, que se introduz na parte inferior das armas de madeira apropriadas, de que os esculptores se servem para abrir furos redondos nas obras de marmore, contornando com ellas as partes fundas, auxiliados com os badames. V. *Badame, Armas de broca, Brocatello.*

BROCAR, v. a. fazer furos com a broca; trabalhar á mão com este intrumento.

BROCATELLO, s. m. especie de marmore de diversas côres, principalmente amarella e roxa; é denominado *brocatello de Hespanha*, porque vem de uma antiga pedreira na Andaluzia.

BROCHA, s. f. do lat. *peniculum*, fr. *brosse*, it. *penello*, (pint.) é um composto de cabellos de cabra ou de cabrito; pincel grande, cujos pellos são iguaes, e não terminam em ponta como os pinceis. As primeiras côres applicam-se com *brochas;* os trabalhos mais delicados são feitos com os pinceis. Os esculptores tambem usam de brochas e pinceis na modelação. Os architectos usam de pinceis para as suas aguarellas.

BROCHANTE, s. m. o artezão que mõe as tintas, e pinta de liso as superficies, as portas, as janellas e outros objectos triviaes. V. *Borrador.*

BROCHAR, v. a. a acção de applicar as brochas, e pintar de côres lisas.

BRONZAGEM, s. f. do fr. *bronzage: — bronzagem de medalhas*, (grav.) operação pela qual se dá ás medalhas de cobre, ou de metaes inferiores, a apparencia ou côr de bronze. Tem por fim uniformar-lhes a côr, e impedir que a natural se altere irregularmente como é facil, ficando as medalhas manchadas, e com aspecto de sujas.

Ha varias receitas e processos para dar a referida côr ás medalhas de cobre e outras; ordinariamente faz-se uma mistura de pó fino de sanguinea, ou lapis vermelho *(oxydo de ferro)*, plombagina, e alcool forte; e com esta mistura um pouco espessa se pintam as medalhas varias vezes, e por todos os lados, até ficarem bem cobertas. Deixam-se seccar por um ou dois dias, conforme o tempo, e depois com escova um pouco aspera sacode-se-lhes a camada de tinta secca, e em seguida, com a mesma ou outra escova menos aspera, escovam-se as medalhas até o fundo ficar lustroso. *Frederico A. de Campos.*

BRONZAR. V. *Bronzear.*

BRONZE, s. m. do lat. *æs, eris*, do gr. *brontaó*, trovejar, fr. *bronze*, it. *bronzo*, hesp. *bronce*, ing. *brass*, (esculp,) liga do cobre com o estanho,

contendo quasi sempre muitos outros metaes, taes como zinco, ferro e chumbo. A liga do cobre e do estanho, que é muito mais duro e fusivel que o cobre, emprega-se na fabricação dos canhões, dos sinos, das estatuas, das medalhas, etc. Distinguem-se nas artes muitas especies de *bronze*, segundo a côr, ou seja natural ou seja artificial, como é o *bronze verde antigo*, o *bronze florentino*, o *bronze artistico*, etc.

As armas dos egypcios e dos antigos gregos eram de bronze ou latão. Entre os romanos o bronze tomou o caracter monumental, religioso e artistico: as suas leis, tratados de paz e de alliança, e todos os utensilios do culto eram gravados ou feitos em *bronze*, ou em cobre, assim como o eram os seus monumentos, as suas estatuas e baixos relevos, etc.

Perdeu-se nos tempos barbaros a arte de fundir em bronze, e tornou á vida com o renascimento das artes. Primaticio e Bemvenuto Cellini no seculo XVI fundiram de um só jacto grandes estatuas; Urbano VIII levantou de *bronze* o baldaquino de S. Pedro. Em 1684 a França adoptou o uso do *bronze;* Louvois estabeleceu as fundições do arsenal debaixo da direcção dos irmãos Kellers, d'onde saíram grandes monumentos publicos, e as melhores obras modernas em *bronze;* a antiga estatua equestre de Luiz XIV, collocada na praça das Victorias (1692), a de Pedro o Grande em S. Petersburgo (1767), a columna da praça Vendôme (1806), a de Julho na da Bastilha (1839), as portas da egreja da Magdalena (1840), a estatua colossal da Baviera para Munich (1850). E em Portugal saíu do nosso arsenal da Fundição a famosa estatua de el-rei D. José I, tambem fundida de um só jacto em 1775 pelo brigadeiro Bartholomeu da Costa, sendo feito o modelo pelo distincto estatuario Joaquim Machado de Castro, meu respeitavel mestre.

BRONZEADO, A, p. p. de bronzear, e adj. guarnecido ou reforçado com bronze, ou pintado imitando a sua côr.

BRONZEADOR, s. m. (pint.) o artezão industrioso que imita a côr e os tons do bronze sobre objectos de chumbo, madeira, gesso, barro, etc.

BRONZEAR, v. a. do it. *bronzare*, fr. *bronzer*, hesp. *broncear*, ing. *to paint dark-brown*, dar a côr do bronze a uma qualquer materia de metal, madeira, gesso, etc. Os processos seguidos para este fim consistem igualmente em cobrir o objecto que se quer *bronzear* de uma demão preparatoria, applicando sobre as partes salientes o chlorureto de antimonio, do deutosulphurico de estanho (oiro massiço), ou a limagem de bronze, ou de cobre amarello reduzido em pó impalpavel (oiro em concha).

BRONZISTA, s. m. o que finge bronze. V. *Bronzeador.*

BRUNIDOR, s. m. o que brune e lustra qualquer cousa: o instrumento com que se brune ou tira o lustro. V. *Dente de lobo.*

BRUNIDURA, s. f. a acção e effeito de polir, lustrando alguma cousa.

BRUNIR, v. a. do fr. *brunir*, it. *brunire*, lat. *levigare*, ing. *to burnish*, o pintor lustra algumas partes ou accessorios do quadro; o esculptor póle e lustra nas suas estatuas aquelles accessorios que julga convenientes, sem destruir o effeito da arte; o gravador manda polir, ou elle mesmo póle e limpa a chapa de cobre de todas as asperezas e defeitos.

BRUNO, A, adj. do lat. *fuscus*, it. *bruno*, p. us. (pint.) côr sombria e escura.

BRUTESCO, s. m. do lat. *brutus*, cousa tosca ou bruta, (pint. esculp.) ornamentos caprichosos, compostos de plantas, e brutos ou figuras de monstros, que os pintores e esculptores representam e applicam em differentes obras: *bastiões* ou *bestiães*, significam quasi o mesmo; mas deve applicar-se este termo antes aos ornatos e lavores em metaes. V. *Bastiões, Grutescos.*

BUEIRO. V. *Boeiro, Canciro.*

BURELADO, A, *adj.* (braz.) escudo que tem dez fachas, cinco de metal, e cinco de côr.

Buril curvo, *bute-avant*, (grav.) instrumento de que se servem os gravadores em madeira, para desbastar, ou vasar as pranchas de madeira.

Buril-escopro, ou *lingua de gato*, *burin-échoppe*, ou *lang de chat*, é um

buril chato, canellado ao meio á maneira de goiva, terminando em fórma oval, que serve para desbastar, e fazer sobresahir os objectos das pranchas de madeira.

BURIL, s. m. do hesp. *buril*, lat. *cœlum*, fr. *burin*, it. *bolino*, ing. *burin*, (grav.) instrumento de aço com a ponta cortada transversalmente e aguçada de modo que possa cortar e gravar no metal: é o principal e o mais antigo instrumento do gravador. Diz-se que o gravador tem um *buril* firme, largo, fino, doce, ligeiro, facil, espirituoso, etc., para indicar a maneira por que elle usa d'este instrumento, e o caracter particular e dominante do seu trabalho. Ha varias especies de *buris*.

BURILADA, s. f. (grav.) golpes, rasgos de buril no metal para ensaiar o oiro ou prata na pedra de toque. Estampa de boas *buriladas;* bons traços, bons rasgos, e bem expressivos, dados com franqueza e magisterio.

BURILADO, A, p. p. de burilar, e *adj.* traçado, gravado a buril.

BURILAR, v. a. (grav.) acção de gravar com o buril. V. *Gravar*.

BUSSOLA, s. f. do lat. *bussola* ou *búxola*, it. *bussola*, fr. *boussole*, ing. *a compass*, hesp. *brújula*, (mathem. e archit.) instrumento mathematico, que serve para observar a direcção da força magnetica da terra, e especialmente a indicar o norte: d'elle fazem tambem uso os architectos civis e militares. É composto de um semicirculo de metal, e ás vezes de um circulo inteiro, graduado, com uma agulha nautica, e uma regua movel, sobre o diametro do dito circulo. Serve para medir distancias e alturas accessiveis e inaccessiveis. V. *Nivel*. V. *Regras de desenho*, por A. I. Moreira, Lisboa, 1793.

BUSTO, s. m. do it. e hesp. *busto*, lat. *statua dimidia*, fr. *buste*, ing. *bust*. (esculp. e pint.) em esculptura é a parte superior de uma figura, até ao peito, sem braços, ordinariamente collocada sobre uma peanha ou base. Os latinos tambem lhe chamam *Herma*, do grego *Hermes*, Mercurio, porque a sua imagem era muitas vezes representada d'este modo entre os athenienses. Em pintura chama-se igualmente *busto* a um retrato de meio corpo, ou a uma pessoa que está retratada até á cintura.

BUSTUARIO, s. m. (esculp. p. us.) o esculptor que só modéla ou esculpe bustos.

BUXO, s. m. do lat. *buxus*, gr. *puxos* ou *pyxos*, it. *buxo*, fr. *buis*, ing. *the box-tree*, arbusto, cuja madeira é de côr amarella, compacta e muito estimada no uso das artes e industria; d'ella se servem os esculptores para obras delicadas, assim de figuras e imagens, como de ornamentos; d'ella fazem os instrumentos ou paus para modelar em barro e cera, e d'ella se servem os gravadores para as suas gravuras em madeira.

BYZANTINO, A, *adj.* (architectura *byzantina;* estylo *byzantino.*) V. *Architectura*.

C

CABANA, s. f, do arab. *cabbana*, barraca, choupana, gr. *kapáné*, do b. lat. *capana* ou *cásula*, fr. *cabane*, it. *capanna*, ing. *cottage*, (archit.) pequena casa de fórma quadrada ou redonda, coberta ordinariamente de côlmo, onde se abrigam pastores, pescadores, etc. A *cabana* foi a primeira obra de architectura, e a primeira habitação dos homens selvagens, e, nos paizes civilisados, a dos pobres.

CABEÇA, s. f. do lat. *caput*, gr. *kephalé*, fr. *tête*, ing. *head*, hesp. *cabeza*, (term. compl.) parte superior do corpo humano, que contém os principaes orgãos da vida e dos sentidos, e o principal centro do systema nervoso, o cerebro e o cerebello. Ella é sustentada pelo pescoço, e divide-se em cranco e face. A fórma da cabeça humana é superiormente espherica e achatada, e mais apertada inferiormente; mas esta fórma é variavel, segundo a edade, os individuos e as differentes raças de que se compõe a especie humana. V. *Angulo facial*.

Em linguagem da arte diz-se absolutamente *cabeça* de homem, *cabeça* antiga, em marmore, em bronze, em pintura, em desenho, em gravura. O estudo da *cabeça* humana é um dos primeiros e mais necessarios aos que se applicam ás artes do desenho: ella é a raiz e a base, de que todos os auctores se servem para o

estudo das proporções: divide-se em quatro partes iguaes; a primeira desde o alto do craneo á raiz do cabello da testa; a segunda até ao principio do nariz entre os olhos; a terceira até á ponta do nariz; e a quarta até ao fim da barba. V. *Proporções.*

Em architectura chama-se *cabeça* da nave á parte anterior de uma nave; *cabeça* do arco á face saliente e anterior da pedra que fecha ou serve de remate a um arco ou abobada.

Em anatomia chama-se *cabeça* á extremidade de certos ossos compridos, como o húmero e o femur.

CABECEIRA, s. f. do hesp. *cabezera,* lat. *absis,* it. *tribuna,* fr. *chevet,* ing. *bolster,* (archit.) cabeça principal; parte mais retirada no interior de uma egreja, no fundo do altar mór. É ordinariamente circular e mais elevada que o resto da egreja. Nas margens do Rheno, em França, acham-se egrejas com duas *cabeceiras* oppostas uma á outra, taes são as cathedraes de Worms, Spira, etc. V. *Absis.*

Chama-se tambem *cabeceira* á peça dos leitos, que póde ter differentes fórmas, aonde fica ou se acosta a cabeça, e bem assim ás pedras tumulares, de pequenas dimensões, postas a prumo, sobre a cova ou campa dos finados, com epitaphios ou emblemas apropriados. As empenas das casas dão o nome de *cabeceira,* assim como ás tábuas emmalhetadas.

CABO, s. m. do b. lat. *cápulus* ou *manubrium,* fr. *manche,* it. *cápolo,* ing. *handle,* hesp. *cabo,* (term. compl.) extremidade de algum corpo ou logar.

Peça de madeira, marfim ou metal, em que se introduz parte da mesma peça, ou o espigão de algum instrumento: *cabo* do pincel, do maço, do buril. Chama-se tambem *cabo* a uma corda grossa, que tem varios usos principalmente na arte de edificar.

CABOUCO, s. m. V. *Cavouco.*

CABOUQUEIRO, s. m. V. *Cavouqueiro.*

CABRESTANTE, s. m. do lat. *machina tractoria,* fr. *cabestan,* it. *argano,* ing. *capstane,* hesp. *cabrestante,* (archit.) machina que tem muito uso para levantar pedras de grandes dimensões.

CAÇANTE, adj. dos 2 g. (braz.) *animal caçante,* que se representa nas armas de modo que parece estar caçando. *Nobil. portug.,* p. 218.

CACHO DE UVAS, s. m. do lat. *acinum,* fr. *grappe,* it. *grappo,* ing. *bunch,* hesp. *racimo,* (pint.) expressão de que se serviu Ticiano para ensinar a seus discipulos o bom effeito, que deve produzir uma discreta distribuição das massas de claro e escuro; e é, que não só os objectos isolados, mas ainda os grandes grupos, devem ser dispostos de modo que n'elles se achem bem ordenadas as grandes massas de luz e de sombra, com as cadencias e gradações das meias tintas, como se observa nos *cachos de uvas,* cujos bagos do lado da luz fazem a massa de claro, e os do lado opposto, a massa de sombra. Esta comparação singela e natural, tendo passado em proverbio entre os pintores, d'elle fez um preceito Du Fresnoy no seu *Poema de arte graphica*:

Fertur Titianus ubique
Lucis et umbrarum normam appellasse racemum.

CACHORRADA, s. f. (archit.) peças de pedra ou madeira, collocadas em distancias iguaes, que sustentam ou figuram sustentar as cimalhas e frizos dos edificios.

CACHORRADO, A, adj. (archit.) sustido, especado ou seguro com cachorros.

CACHORRO, s. m. do lat. *mutulus,* fr. *corbeau,* it. *corbello* ou *modiglione,* ing. *corbel,* hesp. *cachorro,* (archit.) peça saliente de pedra ou pau, que serve de sustentar as traves do madeiramento, ou de ajudar a supportar o peso superior de uma cimalha, ou de uma varanda, ou janella de sacada; nas casas ordinarias fazem os cachorros o mesmo effeito que as cabeças, os topos das vigas, saídas da parede; nos grandes edificios chamam-se *modilhões,* e são ornados de cabeças de animaes, d'onde talvez lhes vem o nome de *cachorros,* que Vitruvio diz produzirem em os frizos o mesmo effeito que os triglyphos.

CACO, s. m. do lat. *quasso, ere,* quebrar, fr. *tesson,* it. *rottame,* ing. *skull,* hesp. *tiesto,* pequeno bocado de telha, de vaso ou de louça quebrada, que se junta com a argamassa para fortificar e encher as paredes.

CADAFALSO, s. m. V. *Andaime, Tablado.*

CADEIA ou CADÊA, s. f. do gr. *káthema*, lat. it. e hesp. *catena*, fr. *chaine*, ing. *chain*. Diz-se em geral de muitas cousas presas e unidas entre si. Em archictectura *cadeia* significa um pilar, formado de pedras cortadas, levantado a prumo n'uma parede de argamassa, ou para a fortificar, ou para servir de apoio ás vigas do edificio. *Cadeia de ligação* se chama tambem ao complexo de pedras lavradas, que serve para ligar os dois lados do angulo do edificio, formado pela parede da frente e pela da empena. *Cadeia de ferro* é o aggregado de muitas barras de ferro, presas entre si, que se introduz na grossura dos edificios para os fortalecer: —, instrumento de agrimensor ou medida de engenheiro composta de muitos anneis de ferro, que serve para medir grandes superficies.

CADEIA PUBLICA. V. *Prisão.*

CADEIRA, s. f. do gr. *kathedra*, lat. *cathedra*, fr. *chaire*, it. *cattedra*, hesp. *cathedra*, ing. *pulpit*, (archit. e esculp.) tribuna sagrada de pedra ou madeira, ornada de architectura e esculptura collocada nos templos e egrejas, onde se préga o Evangelho, e se doutrina o povo: —, cáthedra, tribuna elevada em fórma de cadeira, redonda ou quadrada, com docel ou sem elle, onde se assentam e dão lições os professores publicos. V. *Pulpito.*

CADINHO, s. m. do lat. *catinus*, vaso, gr. *khéo*, derreter, fundir, fr. *creuset*, it. *crogiuolo*, hesp. *crisol*, ing. *crucible*, (esculp.) vaso em que se fundem metaes, usado pelos ourives, ornatistas de metaes, fundidores, etc.

CAES ou CAIS, s. m. do lat. *callis*, fr. *quai*, it. *spiaggia*, ing. *kei*, (archit.) margem de um rio ou de um porto, revestida de um grosso muro de pedra, lavrada, ou de alvenaria, tanto para suster as terras, como para conter as aguas em seu leito ou bacia, taes são os caes de Lisboa e de Belem.

CAIBROS, s. m. p. do lat. *camurus*, fr. *petit solive*, it. *trave*, ing. *joist*, (archit.) peças de madeira, barrotes ou varas de castanho, pregados nos quatro cantos do tecto; peça de madeira que vem do frechal á cumieira, sobre a qual assentam as ripas.

CAIEIRA, s. f. fabrica ou forno de cal, em que se calcinam as pedras que a constituem.

CAIEIRO, s. m. o que faz cal, ou o rapaz que dá aos alveneos o serviço de argamassa.

CAIXA ou CAXA, s. f. do lat. *capsa*, derivado do gr. *kapsa*, fr. *cage*, it. *casse*, ing. *a box*, (term. compl.) boceta, cofre, peça de madeira ou de outra materia que tem fórmas variadas, e serve para conter objectos e para differentes usos: em architectura é um refendimento, ou rebaixo quadrado, contendo um ornato, de que se usa nas divisões do tecto da cornija dorica, ou entre os modilhões do tecto das cornijas corinthia e composita. Nos repartimentos das abobadas e tectos das salas e apartamentos as *caixas* têem diversas fórmas e differentes ornamentos.

CAIXA ou CAIXAS SEDENTARIAS, s. f. pl. (esculp.) usam-se nos laboratorios de esculptura, não só para se assentarem os artistas quando o genero de trabalho lh'o permitte, como tambem para servirem de supplemento aos cavalletes, em que modelam ou esculpem: ellas tem de ordinario 66 centimetros de comprimento, 48 de largo e 22 de grosso; outras têem só 10 ou 16 de grosso; nas quatro faces da sua grossura têem uma abertura da largura da mão, para serem facilmente levadas de um para outro logar.

CAIXA D'AGUA. V. *Reservatorio.*

CAIXA D'ESCADA, fr. *cage de escalier*, espaço entre quatro paredes rectas, ou entre uma volta circular que encerra uma escada, ou outra divisão de apartamento. V. *Bomba d'escada.*

CAIXA D'ORGÃO, fr. *buffet d'orgue*, peça exterior de madeira, que resguarda o orgão.

CAIXILHO, s. m. do lat. *cancelli*, fr. *chassis*, it. *invetriata*, ing. *frame*, (archit.) moldura de madeira ou metal, que serve de suster e guarnecer os vidros, os quadros, os desenhos, as laminas, etc.

CAIXILHO DOBRADO. V. *Moldura, Contra-caixilho.*

CAIXOTÃO, s. m. augment. de

caixote, (archit.) cavidade quadrada e ornatada, de que se usa nas divisões e decorações de grandes tectos.

CAL, s. f. do lat. *calx*, do gr. *khalix*, fr. *chaux*, it. *calcina*, ing. *lime*, cal, oxydo de calcio, uma das terras alcalinas: — (chim.) pedra calcarea, calcinada, cozida ao fogo, a qual se dilue com a agua, e se mistura com areia para fazer argamassa.

Cal viva é a que sáe do forno.

Cal derretida, ou *caldeada*, é a que se conserva em tinas de agua.

Cal extincta, ou *derramada*, é a que não tendo sido caldeada, se reduz a pó, e que não póde servir em obra.

Cal hydraulica é a que endurece promptamente debaixo de agua.

A melhor cal é a que se faz de pedras duras, tal como o nosso *lioz*, e que se caldeia ao saír do forno. Conhece-se bem quando é pesada, sôa como louça, e levanta facilmente um fumo espesso. As paredes dos alicerces ou fundamentos fazem-se com boa cal misturada com areia.

«Compõe-se (a *cal*) de pedras proprias para serem calcinadas, porque nem de toda a pedra se póde fazer *cal*. As summamente brandas são inuteis; as que são algum tanto duras fazem *cal* inferior e parda, e as que são excessivamente rijas, não admittem calcinação alguma, etc. A cal da nossa pedra lioz, sendo aguada com agua doce e pura, e não tendo as falsificações que fazem os contratadores, é a melhor *cal* do mundo.» Negreiros, tom. II. (ms.) V. *Areia*.

CALABOUÇO. V. *Prisão*.

CALÇADA, s. f. do lat. barbaro *calceata*, com a mesma significação; levantamento de terra que se faz á borda de um rio, de um tanque, a meio de um pantano, ou paul, para conter a agua, ou para servir de caminho aos passageiros: applica-se tambem á parte abaulada das ruas e caminhos, feitos de pedra, para darem um transito facil ás pessoas e aos vehiculos. As ruas devem ser largas, espaçosas, e ter nas margens os necessarios regos e canos de esgoto.

O estudo das pontes e calçadas forma uma especialidade.

CALCADO, p. p. de *calcar*, e *adj.* apertado, imprimido; desenho passado de um papel para outro, ou para a téla, chapa ou outra qualquer superficie, por meio de aperto ou impressão.

CALCAR, v. a. do lat. *calcare*, *graphio lineamenta describere*, fr. *piler*, ing. *to beat*, it. *contra stampare*, (des. pint. e grav.) acção de imprimir sobre o papel, téla, chapa de metal, ou outra superficie os principaes traços de um desenho ou estampa, o que se consegue de tres modos: 1.º, esfregando o reverso do desenho com pó de lapis vermelho ou preto, e collocando-o sobre outro papel limpo, ou sobre a chapa de cobre envernizada, ou sobre a parede, se procede a calcal-o por meio de um ponteiro de metal ou de marfim; 2.º, usando de um papel oleado, ou do chamado *papel vegetal*, que transmitte claramente o desenho que se deseja calcar; 3.º, applicando em cima de um vidro o desenho, sobrepondo-lhe um papel branco, em que se desenham os traços do original que se pretende transportar; a este modo de calcar se chama propriamente *elucidar*. V. *Elucidar*, *Estrezir*.

Os gravadores, desenhadores e pintores a fresco servem-se d'estas differentes maneiras de *calcar*.

CALÇAR, v. a. do lat. *consternere*, fr. *paver*, it. *lastricare*, ing. *to pave*, (archit.) cobrir com pedras as ruas e os passeios, nivelando-os e igualando-os para darem bom pizo: —, ajuntar uma alça ou calço a uma pedra ou tábua, etc., para que fique firme e bem calçada.

CALCAREA. V. *Calcareo*.

CALCAREO, sub. do lat. *calx*, cal. Os geologos dão este epitheto a todas as rochas essencialmente compostas de *cal carbonatada*, e chamam *formação calcarea* ao conjuncto de todos os calcareos que se têem depositado desde os tempos historicos, e ainda hoje se depositam nas cavidades da terra, ou no fundo de certas aguas. Os calcareos mais importantes são: 1.º, os *marmores*, que são muito variaveis, e empregam-se na estatuaria, na decoração e ornamentação dos edificios e dos moveis; 2.º, o *calcareo lithographico*, que tem para a lithographia a mesma applicação que

as chapas de cobre para a gravura; 3.º, o *calcareo* grosseiro, vulgarmente chamado pedra de cal; 4.º, o *calcareo* de greda ou giz, com o qual se prepara o branco de Hespanha, etc. De quasi todos estes calcareos ha abundancia em Portugal.

CALCAREO, A, *adj.* do lat. *calcarius, a, um,* terra ou pedra calcarea, que exposta á acção do fogo se reduz a pó ou cal, que referve com os acidos.

CALCE ou CALÇO, s. m. do fr. *cale,* it. *cala,* ing. *a wedge,* hesp. *calzo,* cunha de madeira ou de outra materia, que se applica a uma peça para a segurar e firmar bem.

CALCINAÇÃO, s. f. do lat. *calcinatio,* (chim.) acção de converter em cal um carbonato calcareo por meio de fogo forte.

CALCINAR, v. a. cal, do lat. *calx* e *cinis,* cinza, fr. *calciner,* it. *calcinare,* ing. *to calcine,* converter a pedra e seus derivados em cal pelo fogo violento.

CALCO ou CALQUE, s. m. (des. pint. grav.) desenho calcado e transportado ou passado a outra superficie sobre o desenho original.

CALCOGRAPHIA. V. *Chalcographia.*

CALDEAÇÃO, s. f. do fr. *échandage,* acção de caldear a cal, ou de a misturar ou amassar com areia:—, pôr o ferro em braza para o remoldar, ou unir com outro.

CALDEAR, v. a. applica-se a varias cousas, que se põem de molho em agua ou outro liquido, para as derreter ou para lhes dar tempera; assim dizemos: *caldear a cal (calcem macerare),* para a derreter ou para a misturar com areia; «a agua d'este rio é singular para *caldear* ferro e aço.» Brito, *Geograph. da Lusitan.,* fl. 6, col. 4.

CALHA, s. f. do lat. *incile,* fr. *rigole,* it. *canaletto,* ing. *a trench,* (archit.) abertura que se faz na terra para construir as paredes do alicerce: —, pequeno canal estreito aberto na terra, feito de telha ou madeira para conduzir aguas.

CALIBRE, s. m. do arab. *calib,* que significa molde, (archit.) é o perfil recortado em madeira, folha ou cobre, com que se correm as molduras e cornijas em gesso ou estuque. V. *Cercea, Molde.*

CALIÇA, s. f. do lat. *rudus vetus,* fr. *platras,* it. *calcinazcio,* ing. *rubble or rubbion,* (archit.) pedaços de cal argamassada, ou de gesso, que cáem das ruinas de edificios, e se applicam a alguns usos na edificação.

CALOTTA, s. f. diminut. de *cale,* especie de barrete usado antigamente pelos homens e mulheres. Em architectura é uma parte de abobada espherica ou espheroide, que se usa no meio das grandes abobadas e tectos, para os fazer parecer menos altos. Em geometria, chama-se *calotta espherica* á zona de uma base, ou á parte da superficie da esphera, ou do cylindro, comprehendida entre dois planos parallelos.

CALVARIO, s. m. do lat. *calvarium,* fr. *calvaire,* (pint. e esculp.) elevação formada de modo que possa representar o monte Calvario, onde se plantou a cruz do Salvador, junto da qual se costuma figurar uma caveira, por ser ahi que eram justiçados os criminosos. Quasi todos os santos crucifixos têem a representação do monte Calvario: *Calvaria loca.*

CAMADA, s. f. do fr. *couche,* it. *posta,* ou *letto,* hesp. *camada,* ing. *a bed,* multidão de cousas sobrepostas n'outras em sentido horisontal; *camada* de tinta, de argilla, etc. V. *Demão.*

CAMAFEU ou CAMAFEO, s. m. do hesp. *cameo* ou *camafêo,* do b. lat. *camens,* fr. *camaien,* it. *cammèo,* ing. *brooch,* (pint., esculp. e grav.) antigamente significava uma pedra gravada: hoje não só significa isso em primeira accepção, mas designa tambem um baixo relevo em pintura de uma só côr, ou duas, em que os claros e as sombras são graduados por meio dos differentes tons das mesmas tintas, sobre um fundo de oiro, de azul, etc.

O *camafeu* propriamente dito, derivado, segundo alguns, do hebreu *camehuia, onix,* ou de *kamaa,* relevo, é uma pedra fina, gravada em relevo, apresentando na sua contextura muitas camadas sobrepostas de diversas côres, de que o artista se aproveita para obter effeitos varia-

dos. Para este fim escolhem-se principalmente as bellas *sardonias*, que vem do oriente.

CAMARA, s. f. do lat. *cámara*, fr. *chambre*, it. *camera*, ing. *a bed chamber*, hesp. *camara*, (archit.) apartamento abobadado do edificio, ou casa de dormir. V. *Alcova*.

CAMARA, s. f. termo que se applica a edificios, em que funccionam diversos tribunaes ecclesiasticos, civis, commerciaes e politicos, e assim dizemos *camara apostolica*, *camara dos pares*, *dos deputados*, etc. Estes edificios tendo seu caracter e destinação propria, requerem do architecto uma boa escolha no desenho especial, e decoração conveniente a cada um d'elles.

CAMARA CLARA, ou LUCIDA, (pint.) é um apparelho de optica, que servindo para traçar a imagem de um objecto, se compõe, ou de um prisma quadrangular, tendo um angulo recto e um angulo de 135°. *(Ch. de Wollaston)*, ou de um prisma triangular de angulo recto, e de uma lamina de vidro de faces parallelas *(Ch. d'Amici)*. Os raios do objecto de que se quer obter a imagem encontram logo o prisma, onde elles são refractados ou reproduzidos na sua entrada, e na saída, depois vão bater a lamina, que os reflecte em uma direcção, que permitte receber a imagem sobre uma folha de papel, onde póde traçar-se com o lapis.

A camara clara foi ideada por Wollaston, modificada por M. Amici, professor em Modena, e ultimamente aperfeiçoada por mr. Vicente Chevalier. Sendo de accommodada construcção, é tambem de facil transporte. Ella tem a vantagem de poder servir em todos os dias, e é sufficiente a luz que entra pela janella de um quarto, para esclarecer os objectos que se pretendem desenhar.

CAMARA ESCURA, ou NEGRA, (pint.) é um apparelho de optica destinado a produzir sobre um quadro a imagem real de um campo de vista mais ou menos extenso. Compõe-se de uma caixa fechada, que tem na frente um tubo movel, no qual se acha encaxada uma lente convergente. Os raios que partem de um objecto situado na frente da lente vão pintar no fundo da caixa a imagem inversa d'esse objecto. Esse fundo é feito com uma chapa de vidro não polida, por trás da qual se póde tirar uma contra-prova da imagem. Para mais commodidade mette-se na caixa um espelho, com a inclinação de 45 graus. Os raios da luz ahi reflectem depois, e traçam a imagem na face superior. A caixa é guarnecida nos lados de uma tampa, a fim de deixar na obscuridade a lamina que recebe a imagem. O tubo é movel, porque a imagem não se produz sempre no mesmo logar, a qual variando segundo a distancia dos objectos, ou approxima-se, ou retira-se a lente até que a imagem fique perfeitamente clara. Uma outra disposição, mais commoda, consiste em metter fóra da caixa um espelho, e na abertura uma lente; os raios reflectidos sobre o espelho atravessam a lente, e formam a imagem sobre a tábua propria do desenhador. A *camara escura* forma uma das peças essenciaes da daguerreotypo. Attribue-se a invenção da *camara escura* a Baptista Porta, que deu uma descripção d'ella na *Magia naturalis* (Anvers, 1587). Parece comtudo que Rogerio Bacon já a conhecia.

CAMARIM, s. m. diminut. de *camara*, fr. *chambrette*, hesp. *camarin*, (archit.) pequena camara: de ordinario se diz do pequeno espaço adornado por detrás do altar, em que se colloca alguma imagem; gabinete, aposento retirado para differentes usos.

CAMAROTE, s. m. diminut. de *camara*, fr. *loge de comédie*, (archit.) pequeno gabinete, ou aposento fechado, d'onde se vê a representação de qualquer espectaculo: ha de ordinario tres ordens de camarotes, como se observa no theatro de S. Carlos: —, cubiculo ou divisão de madeira em que se dorme a bordo dos navios.

CAMARTELLO, s. m. do lat. *malleus*, fr. *marteau de tailleur de pierres*, ing. *hammer*, hesp. *camartillo*, (archit. e esculp.) instrumento de ferro, calçado de aço, com a fórma de um parallelogrammo, encabado, de que usam os cavouqueiros e canteiros para desbastarem ou descarregarem as pedras da maior grossura.

CAMBA ou CAIMBA, s. f. do rad. *cam*, celt., lat. gr. *curvo*, e gr. *kampté*, arquear, fr. *jante*, hesp. *camba* ou *cãiba*, (archit.) pequena peça curva de madeira, que compõe a cambota. V. e. t.

CAMBIANTES, s. m. pl., toma-se tambem como adj. do b. lat. *cambium*, e de *ans*, *tis*, mudanças, (pint.) variedades de côres em um só objecto,—em uma roupagem,— nos ares de um quadro, etc.: —, objecto de furta côres, acatasolado, iriado. «Os *cambiantes* se fazem de muitos modos; um d'elles é fazer os altos de macicote, e a meia tinta de rosado, e os escuros de lacra.» Filip. Nunes, *Art. da pint.*, pag. 59, 63, ou 70.

CAMBOTAS, s. f. pl. do lat., it. *curvas*, fr. *courbes*, ing. *curbs*, hesp. *corbas*, paus curvos, ou cerceas dos arcos, seguras por outras peças grossas de madeira, que compõem os simples dos arcos ou das abobadas. V. *Simples*.

CAMERA. V. *Camara* e *Camaras*.

CAMERA-LUCIDA. V. *Camara clara*, ou *lucida*.

CAMERA-OBSCURA. V. *Camara escura*, ou *negra*.

CAMPA, s. f. do gr. *keimai*, jazer, lat. *lapis sepulchralis*, fr. *tombe*, it. *tomba*, (archit.) pedra sepulchral rasa e comprida com inscripção, ou sem ella, com que se cobrem, ou fecham as sepulturas.

CAMPAÍNHA, s. f. do lat. *campanula*, fr. *clochette*, it. *campanella*, hesp. *campanilla*, (archit.) quer dizer gôta. V. *Gôta*.

CAMPANA e CAMPANADO, adj. da fórma de sino. V. *Capitel corinthio* e *composito*.

CAMPANARIO, s. m. do hesp. *campanario*, lat. *turris campanaria*, fr. *clocher*, ing. *a steeple*, it. *campanile*, (archit.) construcção levantada de pedra ou madeira, em fórma quadrada, redonda ou pyramidal, em que se suspendem os sinos, formando parte de uma egreja, ou esteja ligado a ella, ou seja isolado. O *campanario* edificado sobre bons alicerces é elevado de pedra e argamassa, em fórma de torre, tendo sobreposta uma flecha, ou uma agulha; chama-se-lhe tambem *torre de egreja*.

CAMPAR, v. a. do hesp. *campar*, fr. *briller*, it. *brillare*, ing. *to shine*, (pint.) sobresaír, brilhar; diz-se do effeito que produzem as côres vivas e brilhantes sobre fundos, ou outros objectos escuros.

«Em geral os fundos dos seus quadros (de Bento Coelho) são assás escuros, e as figuras *campão* por mais ou menos claras, segundo os pavimentos em que estão.» Cyrillo, *Mem.* p. 86.

CAMPIR, v. a. do it. *campire*, de *campo*, chão, fundo, (pint.) fazer os pertos, os longes, o horisonte e os céus em algum quadro. «Do modo que se ha de guardar no *campir* do painel.» Filip. Nunes, *Art. da pint.*, p. 60 a 67.

CAMPO, s. m. do lat. *campus*, deriv. do gr. *gaia* ou *ghé*, terra, campo, e *póa*, herva; espaço de terra lavradia, plana, sem muros nem sébe (t. comp.). Em architectura não só significa o solo, sobre que se póde edificar, mas qualquer espaço liso e unido preparado para sobre elle se applicarem ornamentos, molduras, etc. Em pintura e esculptura toma-se pelo *fundo* do quadro, ou do baixo, ou meio relevo; em gravura e desenho tem a mesma accepção.

Em optica chama-se *campo* da visão, *campo* da luneta ou lente, á extensão dos objectos que o olho, ou a lente póde comprehender, cuja extensão depende da grandeza do fóco, e da abertura do oculo. V. *Fundo*. V. Leonardo de Vinci.

Campo, (braz.) logar em que se assentam as peças.

CANA ou CANNA, V. *Canal*.

CANAL, s. m. do gr. *khános*, lat. *canalis*, fr. *canal*, it. *canale*, ing. *kennel*, ou *gutten*, abertura, nome generico de algumas molduras ou ornamentos em fórma de canal, que se abre nos capiteis: *canal de bocíro* ou *lagrimal*, é o tecto de uma cornija, que fórma a mucheta pendente.

Canal de voluta é a face das circumvoluções contida por um listel; taes são tambem os *canaes* dos triglyphos no friso dorico, etc.

CANAL, s. m. tubo artificial feito de pedra, madeira, ferro ou chumbo por onde passa agua, que póde ser aberto em beneficio da salubridade, da agricultura ou do commercio, de onde resultam tres generos de *canaes*,

isto é, *canal de desseccamento, canal de irrigação, canal de navegação.* As represas servem de grande auxilio para este genero de obras. O *canal* de Languedoc, que communica dois mares, é obra muito consideravel, e tem mais de cem represas.

Herodoto, Plinio e outros historiadores fallam de um antigo *canal* que no Egypto communicava os dois mares, isto é, o mar Roxo, e o Mediterraneo, que foi ultimamente acabado pelos Ptolomeus.

CANALISAÇÃO, s. f. acção de fabricar canaes; systema de communicação em um paiz, por meio de canaes.

CANALISAR, v. a. (archit.) abrir canaes, fazer um rio navegavel, abrindo-lhe canaes.

CANÇAR ou CANSAR, v. a. do lat. *lassare,* fr. *lasser;* it. *allassare,* ing. *from,* (t. compl.) enfastiar, trabalhar em qualquer obra de bellas artes com tal excesso, e sem fructo pela muita repetição, que a deixa sem vida e sem substancia. V. *Lamber.*

CANCELLA, s. f. do lat. *cancello, are, de cancelli,* fr. *herse,* it. *saracinesca,* ing. *port-cullis,* (archit.) porta de grades, com travessas de madeira, que se colloca em certas partes e corredores de edificios, para vedar as entradas.

CANCELLO, s. m. do lat. *cancello,* vem de *canna* e *celo,* fechar com canas, (archit.) grade de madeira ou de metal bronzeado ou doirado, com que se cerram e fecham os portaes nobres; alguns *cancéllos* são formados de ornamentos e esculpturas de bom gosto, e entre nós se applicam especialmente a fechar a capella em que está depositado o Santissimo Sacramento, como se vê na parochial dos Martyres de Lisboa e em outras.

CANDELABRO, s. m. do lat. *candelabrum,* de *candela,* véla, e *labrum,* borda, beiço, fr. *candélabre,* it. *candelabro,* ing. *chandelier,* (archit. e esculp.) termo que pertence á arte ornamental. Grande candieiro, ou antes tocheiro antigo, de 2 a 3 metros de alto, destinado a sustentar uma lampada, ornado de esculpturas, e feito de madeira, pedra ou bronze, com que os antigos decoravam os templos, os palacios, e os banhos publicos. O museu do Vaticano possue uma rica collecção d'estes *candelabros.* Chama-se tambem *candelabro* a uma grande lampada, feita no gosto antigo, com muitas vélas em roda, de que se usa sobre as mesas das casas de jantar, etc. V. *Lampada.*

Em architectura dá-se este nome a um remate em fórma de grande balaustre, que se colloca em volta de um zimborio, ou sobre o portal de uma egreja.

Ha em Allemanha um monumento de pedra, que tem 10 metros de altura, conhecido com o nome de *candelabro de Thuringia,* levantado em 1811 ao pé de Altenbourg pelo duque de Saxe-Gotha, em memoria da primeira egreja allemã, fundada n'este logar por S. Bonifacio. V. *Zimborio.*

CANELAR, v. a. do hesp. *acanalar,* lat. *striare,* (archit.) abrir as caneluras, talhar e esculpir os canaes ou estrias sobre o fuste de uma columna, de uma pilastra, ou sobre a face de uma mocheta, etc.

CANELURA, s. f. do hesp. *acanaladura,* lat. *striatura,* fr. *cannelure,* it. *scanalature,* ing. *channelling,* (archit.) pequena cavidade em arco de circulo, que se abre a prumo em volta do fuste de uma columna, ou sobre a face de uma pilastra. As *caneluras* fazem-se mais ou menos ricas, a saber:

Caneluras da ordem dorica, que são em *arestas vivas,* por não terem separação entre si.

Caneluras de lados, são separadas por filetes, ornadas ás vezes por uma pequena varinha, ou a meio sobre as arestas.

Caneluras chatas são formadas á maneira dos lados de um polygono.

Caneluras ornadas são cheias de varios ornatos em todo o comprimento do fuste, ou por intervallos.

CANETA, s. f. dimin. de cana, pequena cana, do hesp. *canete,* fr. *porte-crayon,* it. *matitatojo,* ing. *a pencil-case,* instrumento de prata, latão, ou outro metal, em fórma de tubo oitavado de 14 a 16 centesimos de comprimento, em cujas extremidades se introduzem os lapis de desenhar, e se apertam por meio de dois anneis moveis.

CANO, s. m. do gr. *khános*, abertura, lat. *tubus*, fr. *tuyau*, ing. *a pipe*, it. *doccia*, (archit.) cylindro ôco feito de barro cozido, madeira, pedra, ou metal, por onde corre agua, ar, etc.

Cano de esgôto ou de *telhado*, lat. *fistula*, fr. *tuyau de descente*, ou *cuvette*, é o cano que recebe agua dos telhados ou das cozinhas.

Cano de latrina, it. *canale*, fr. *chaussée d'aisance*, é o que conduz as immundicies das cloacas.

CANOSINHO, diminut. de cano, fr. *goulette*.

CANTÃO, s. m. do fr. *canton*, gr. *kantós*, circulo de ferro, (braz.) são na armaria os quatro espaços quadrados da superficie do escudo entre os quatro braços da cruz firmada.

CANTARIA, s. f. de *canto*, esquina, e des. *aria*, pedras lavradas e cortadas segundo as regras da estereotomia para serem applicadas ás differentes partes dos edificios: —, regra e pratica de lavrar as pedras de cantaria.

CANTEIRO, s. m. tem a mesma origem de cantaria, do hesp. *cantero*, lat. *lapicida*, fr. *marbrier*, ing. *a stone-cutter*, (archit.) official que desbasta, corta e aperfeiçoa as pedras, depois de lhe serem traçadas pela aparelhador, segundo as medidas e proporções convenientes.

CANTIL, s. m. (archit.) instrumento que serve para abrir regos, e ranhuras nas tábuas, ou mesmo nas pedras destinadas á edificação e aos moveis.

CANTOEIRA, s. f. de *canto*, esquina, (archit.) peça de ferro em fórma de esquadro, que serve para unir e firmar bem os cantos ou esquinas dos edificios.

CANTONADO A, adj. (braz.) escudo que tem alguma peça nos cantos.

CAPA, s. m. do b. lat. *capa*, fr. *cape*, it. *cappa*, ing. *a spanish cape*, (pint. e esculp.) demão de tinta que se dá em alguma superficie: camada de betume sobre pedra, etc. V. *Demão*.

CAPARROSA, s. f. do lat. *cupri rosa*, it. *capparosa*, fr. *couperose*, ing. *copperas*, (chim.) sulphato de ferro, sal de côr verde esmeralda, composto de ferro e acido sulphurico, que se acha nas minas metallicas: tem differentes usos nas artes. «Tres onças de galhas e duas de *caparrosa*.» Filip. Nun., *Arte de pint.*, p. 74. v.

A *caparrosa* branca ou sulphato de zinco é empregado como seccante nas côres a oleo.

CAPATA. V. *Sapata*.

CAPELLA, s. f. do gr. *kuphella*, lat. *sacellum*, fr. *chapelle*, it. *cappella*, hesp. *capilla*, ing. *a chapel*, (archit.) pequena egreja, ou altar particular, em uma basilica ou grande egreja. A capella do noviciado dos jesuitas é uma das mais regulares, e a mais linda capella de París.

A *capella* de S. João Baptista na egreja de S. Roque, hoje pertencente á santa casa da misericordia de Lisboa, é a mais bella e rica que possue esta cidade; ella foi feita em Roma por mandado do sr. rei D. João V, pelos desenhos de Vanvitelli, architecto famoso; é composta dos marmores, pedras e metaes mais preciosos, taes como agathas, lapis-lazuli, verde antigo, porfido, granito do Egypto, e outras, e de oiro, prata, bronzes doirados, etc.; os tres excellentes quadros de mosaico foram executados pelas pinturas de Agostinho Massucci. O do meio representa S. João baptisando a Jesus Christo no Jordão, o do lado da epistola, a Annunciação, e o do lado do evangelho, a descida do Espirito Santo; as esculpturas de marmore de Carrara foram feitas pelos modelos, e sob a direcção de Lourenço Mayni, coadjuvado por seu discipulo Alexandre Giusti, que as veiu assentar a Lisboa, e aqui ficou. Antes, porém, de ser a capella transportada, foi armada na egreja de S. Pedro em Roma, e sagrada pelo papa Bento XIV, que n'ella celebrou missa de pontifical no dia 15 de dezembro de 1744. Ha escriptores que orçam o custo d'esta capella em mais de tres milhões de cruzados.

CAPELLA DOS OLHOS. V. *Palpebras*.

CAPELLA MÓR ou PRESBYTERIO, logar de uma egreja, onde se colloca o altar principal, que é pela maior parte a meio, no fundo do templo. V. *Altar-mór*.

CAPIALÇADO, s. m. do hesp. *capialzado*, (archit.) curvatura de uma

abobada, curvidade que fórma o simples: — toma-se tambem como adj., *arcus species*, córte obliquo na parte superior das portas e janellas, para dar mais luz ás casas.

«Portal com sobre arco *capialçado.*» Oliveira, *Advert. aos modern.*, p. 149.

CAPITEL, s. m. do lat. *capitellum*, fr. *chapiteau*, it. *capitello*, ing. *the chapiter*, pequena cabeça, (archit.) é a parte superior, ou corôa da columna, em que descansa o architrave. Chamam-se *capiteis de moldura* ao *Toscano* e ao *Dorico*, por não terem ornamentos; e *capiteis* de *esculptura* a todos os outros que os têem.

Capitel Toscano é o mais simples, cujo ábaco é quadrado e sem moldura.

Capitel Dorico é o que tem o ábaco coroado de um talão e tres anneis debaixo do óvano.

Capitel jonico é o que se distingue por suas volutas e óvanos.

Capitel corinthio é o mais rico de todos, por ser ornado de duas ordens de folhas, de oito grandes e oito pequenas volutas postas defronte de um corpo chamado *tambor*.

Capitel composito é o que tem as duas ordens de folhas do corinthio, e as volutas do jonico.

Capitel attico é o que tem folhas refendidas na gola.

Capitel symbolico é o ornado de attributos de divindades; taes são os capiteis antigos, que têem trophéus, lyras, aguias, etc., e entre os modernos os que têem escudos de armas e outros emblemas, etc.

Ha tambem *capitel* de *pilastra*, *angular*, *dobrado*, *ornado*, *refendido*, *achatado*, *mutilado*, de *balaustre*, de *triglypho*, de *nicho*, de *lanterna*, etc.

CAPRICHO, s. m. do fr. e ing. *caprice*, it. *capriccio:* applica-se este vocabulo a toda a composição em pintura, esculptura ou architectura, que por um gosto chimerico, phantasioso e extraordinario se afasta das regras communs, e do bom gosto dos que as cultivam; taes são as obras de Borromini, de Callot e de outros auctores.

CARA, s. f. do gr. *kara*, lat. *facies*, fr. e ing. *visage*, it. *viso*, a parte dianteira da cabeça do homem, e de alguns animaes brutos, que se compõe de testa, olhos, nariz, faces, bôca e barba; diz-se tambem o *rosto* do homem, com significação mais lata.

«De tal materia (barro) uma *cara*
«Fabricou de rosto inteiro
«Para n'ella o meio rosto
«Formar com melhor acerto.
Vieira Lusit., *O insigne pintor*, p. 494.

«*Cara* de Phocion, *Cara* de Ariadne.» Noticia do palacio da academia imp. das bellas artes do Rio de Janeiro. Exposição de 1859, p. 53 e 60.

CARAÇA, s. f. augment. de cara, (pint. e esculp.) cara grande e feia, ou disforme. V. *Mascara*.

CARACHESCO, A, adj. deriv. de Carache, (pint.) estylo e modo de pintar no gosto dos *Caraches*, quatro pintores bolonhezes, que foram, Luiz, Agostinho, Annibal, e Antonio, que estabeleceram a celebre academia do seu nome, distinguindo-se entre todos Annibal, auctor da bella galeria de Farnesio. «Pincel *carachesco.*» Vieira Lus., o *ins. pint.*, p. 104.

CARACOL, s. m. do gr. *kéras*, corno, lat. *limax*, fr. *limaçon*, it. *chiocciola*, ing. *a winding stair-case*, (archit.) escada de caracol. V. *Escada*.

CARACTER, s. m. do lat. *character*, gr. *karassó*, fr. *caractere*, it. *carattere*, ing. *character*, signal ou distinctivo pelo qual se differençam os homens, e as cousas entre si. Em termo de arte, significa as qualidades que constituem a essencia de uma cousa, e que a distinguem de outra: *caracter* dos objectos, *caracter* das paixões. Cada especie de objecto pede uma nota ou signal differente de distincção, a pedra, a madeira, as aguas, as arvores, etc. Cada animal demanda um toque differente, que exprima fielmente seu *caracter;* o mesmo nú das figuras humanas tem suas notas de distincção. De Piles, *cours de Peint.*

«Cada peça deve ter em particular o *caracter* que lhe convem; assim o arsenal deve ser mui differente do templo, e a relação do theatro.» Cyrillo, Convers. 4.ª *sobre a pint., esculp. e archit.*, p. 43, 44.

CARACTERISAR, v. a. distinguir, e dar a conhecer o caracter, a fórma, a essencia, e mesmo os accidentes dos sujeitos e das cousas.

CARAMANCHÃO, ou CARA-

MANCHEL, s. m. do arab. *carána*, ajuntar, unir, e *manzel*, pousada, fr. *tounelle*, ing. *an arbour*, (archit.) obra levantada de cannas ou ripas, argamassa ou pedra, em fórma de abobada de berço, coberta de verdura em um jardim. V. *Mirante*.

CARAMBANOS, s. m. pl. palavra castelhana, derivada do gr. *kruos* e *baion*, pequena quantidade de gêlo, ou do heb. *carar*, fazer muito frio, ou de *querahh*, que quer dizer *caramelo* ou *crystal*: — chamam-se em Hespanha *carambanos* aos pedaços de caramelo que pendem dos canos do telhado, ou das rochas: — (archit.) assim chamam aos ornatos feitos n'este sentido, que guarnecem arcos rusticos dos jardins, fontes, grutas, columnas maritimas: — os francezes chamam-lhes *glaçons*.

CARAMELOS, s. m. pl. V. *Carambanos*.

CARCERE, s. m. V. *Cadeia, Prisão*.

CARICAR, v. a. do it. *caricare*, exagerar, (pint. e esculpt.) representar em desenho, pintura ou esculptura qualquer sujeito, com fórmas e attitudes exageradas, ridiculas e talvez satyricas.

CARICATO, A, p. p. de caricar, e adj.

CARICATURA, s. f. do it. *caricatura*, (pint. e esculpt.) representação não só exagerada, mas ridicula e talvez satyrica de alguma pessoa, ou assumpto, com o fim de promover o riso, ou mesmo com o intento de escarnecer e deprimir os sujeitos representados.

A caricatura existia na antiguidade, como se mostra nas ruinas de Herculano e Pompeia; mas modernamente tem chegado ao maior excesso, e tomado proporções incriveis. Charlet, Philippon, Grandville, Bertail, e outros, são hoje os principaes artistas n'este genero.

Entre os celebres caricaturistas antigos ou estrangeiros é preciso citar sobre tudo Callot, o suisso Holbein, o inglez Hogarth, o escocez Cruikshank, o hespanhol Goya, etc., e não só em gravura, mas em esculptura se ha exercitado a caricatura, como se vê nas estatuas de Dantan Junior, collecção conhecida com o nome de *pantheon charivarico*.

CARICATURISTA, s. m. do it. *caricatura*, (pint., esculpt. e grav.) o artista que desenha, pinta, esculpe ou grava caricaturas.

CARMESIM, s. m. do arab. *carmesi*, (pint.) côr encarnada muito viva. Toma-se tambem como adj., *carmesinus, a, um*.

CARMIM, s. m. do it. *carminio*, derivado do arabe *kermes*, fr. *carmin*, ing. *carmine*, (pint.) materia colorante de um vermelho brilhante: é substancia solida, pulverulenta, de um bello encarnado, que se obtem precipitando o cozimento de cochonilha com pedra hume. É côr preciosa para os pintores, assim como para o colorido de flores artificiaes. A *laca carminada* obtem-se misturando a pedra hume n'um cozimento de cochonilha alcalisada. A preparação do *carmim* foi descoberta em Piza por um monge franciscano.

CARNEIRO, s. m. do b. lat. *carnarium*, fr. *charnier*, it. *cimitero*, ing. *a charnel-house*, (archit.) é uma galeria abobadada, na parte inferior das egrejas, onde se conservam as ossadas dos defuntos. V. *Cemiterio*.

CARNES, s. f. pl. do lat. *caro*, gen. *carnis*, fr. *chairs*, gr. *kréa*, ing. *flesh*, (pint.) os artistas entendem por este termo as fórmas carnosas das boas esculpturas, e tambem o colorido proprio das differentes especies de carnes do homem, da mulher e mesmo dos animaes.

«As obras de Phidias (diz Canova) são uma verdadeira *carne*, isto é, a bella natureza, como o são as outras eximias esculpturas antigas; porque o Mercurio de Belveder é *carne*, o Torso é *carne*, o Gladiador combatendo é *carne*, a Venus e uma outra d'este real museu, é *carne* muito verdadeira...» «Não acreditâmos que o estylo dos baixos relevos do templo de Minerva seja diverso. Elles têem todos as boas fórmas, e a *carnosidade*, porque os homens têem sido sempre compostos de *carne* flexivel, e não de bronze.» V. Carta de Canova sobre as esculpturas de Phidias. *Canova e suas obras*, por M. Quatremère de Quinci. París, 1834. V. *Colorido*. «*Carnes*, aindaque gothicas, tão estimaveis pelo bem acabado, como as de Alberto Durer.» Cyr., Mem., p. 50.

CARNOSO, e CARNUDO, adj. bem provido de carnes, o contrario de magro, (pint. e esculpt.) do lat. *carnosus* de *caro, carnis*, coberto de carne grossa. Entende-se pelo bom estylo antigo, seguido dos pintores e esculptores gregos, isto é, a imitação da bella natureza, as boas fórmas e a carnosidade, que se acha nas obras de Phidias e de outros grandes mestres.

CARPANEL, s. m. V. *Apainelado.*

CARPINTEIRO, s. m. do lat. *carpentum*, fr. *charpentier*, it. *carpentiere*, ing. *a carpenter*, hesp. *carpintero*, (archit.) o artezano ou official que trabalha em madeira, ou seja para construcções, ou para outros usos: ha differentes classes de carpinteiros, segundo as suas diversas applicações e serviços: — carpinteiro de casas — de assemblagem — de machado, etc. V. *Marceneiro.*

CARPINTERIA, s. f. obra de carpinteiro; —, officina em que trabalham carpinteiros.

CARRANCA, s. f. de *cara*, e *ringo, êre* lat. mostrar os dentes, ing. e fr. *grimace*, it. *morfia*, (esculp.) cara desforme e feia, de pedra ou bronze, que se costuma collocar nos tanques e chafarizes publicos, lançando agua pela bôca, ou servindo de modilhões nas grandes cimalhas de alguns edificios, como as vemos na do deposito do grande aqueducto das Amoreiras.

CARRANCADA, s. f. (esculp.) serie ou multidão de carrancas, postas em iguaes distancias. Cont. Vid. 14.

CARREGADO, A, p. p. de carregar, e adj. (fallando de cores) fr. *foncée*, côr escura e carregada, it. *color carico*, ing. *a deep colour:* — carregar uma côr, é tornál-a mais forte em tinta, etc., e não mais intensa em tom.

CARREGADO, A, adj. (braz.) peças que têem outra ou outras por cima. «Em campo vermelho, tres bandas negras, *carregadas* de arminhos». *Nobiliarch. portug.*, p. 287.

CARRETINHA ou CARRINHO, s. f. diminut. de carreta ou de carro, do b. lat. *birota*, fr. *brouette*, it. *carretto*, ing. *a wheel-barrow*, (archit.) carro pequeno de duas rodas, e tambem de uma só roda, que o operario move adiante de si, e serve de transportar diversos materiaes para as edificações.

Os francezes chamam *diable* a um carro puxado a braços, composto de duas rodas muito baixas, e uma lança, que serve de conduzir pedras e madeiras para edificios. O nome de *diable* lhe foi applicado por causa do muito estrondo, que faz, quando anda.

CARRO, s. m. do lat. *carrus*, fr. *char*, it. *carro*, ing. *chariot*, (archit.) machina de madeira, composta de leito, chaveiros, fueiros, pernas, rodas, eixo, etc., que serve para levar cargas, e de que se faz muito uso na arte de edificar.

Os *carros*, diz o sr. Julio Guerra, na sua *Guia do operario*, são uma antiga medida, que servia para ajustar os preços das madeiras grosseiras e de comprimentos diversos... Note-se que um *carro* puxado a bois póde transportar o peso de 46 arrobas, com muita facilidade, que é o termo medio entre 52 arrobas, com que se move lentamente, etc. V. a dita *Guia*, p. 124.

CARROÇA, s. f. carro grande de quatro rodas, com grades para conduzir pedras e materiaes.

CARTÃO, s. m. do it. *cartone*, derivado do lat. *charta*, fr. *carton*, ing. *paste-board*, papel grosso branco, ou de outras cores, mais ou menos preparado, segundo as applicações a que é destinado: — (pint. e archit.) desenho executado sobre papel forte ou sobre *cartão*, para servir de padrão ou modelo a diversas obras, taes como á pintura a fresco, á tapeçaria, ao mosaico, etc. Os desenhos dos *cartões* são das mesmas dimensões que devem ter as obras que se pretendem executar; os que são destinados á pintura a fresco, costumam ser desenhados a lapis, ou a simples traços; os *cartões* para mosaicos ou tapessarias são de ordinario pintados a tempera, com a devida exacção e degradação de cores, para servirem de guia aos operarios: —, as tapeçarias de Flandres, de Gobelins, são feitas sobre os *cartões* de Rubens, e de Julio Romano. Os *cartões* de Raphael são em grande estimação.

Os *cartões* de architectura *(épures)* são folhas de Flandres, ou folhas de

cartão recortadas, de que os apparelhadores se servem para traçar o perfil das cornijas e de outras molduras.

CARTEIRA, s. f. especie de banca sustentada em quatro pés, com a face em mais ou menos declive, de que usam os artistas, para sobre ella desenharem.

CARTELA, s. f. diminut. de carta, do hesp. *cartela*, it. *cartella*, (archit.) ornamento de que se servem os architectos, em fórma de folha de papel, collocada a meio de um friso ou pedestal, para n'ella gravarem alguma inscripção; ou mesmo para servir de simples ornato.

CARTILAGEM, s. f. do lat. *cartilago, inis*, formado de *caro, carnis*, carne, e do gr. *kreas*, e *tutuóo*, endurecer, fr. e ing. *cartilage*, it. *cartilagine*, (anat.). As *cartilagens* são corpos esbranquiçados, elasticos, menos duros que os ossos, e mais que as outras partes do corpo. Umas servem para as articulações, outras têem diversos usos, ou formam por si mesmas outras partes, como as azas do nariz, e a concha da orelha. V. *Articulação*.

CARTILAGINEO, A, ou CARTILAGINOSO, A, adj. (anat.) que procede da natureza das cartilagens, ou é formado por ellas.

CARTUXO, s. f. do fr. *cartouche*. V. *Cartela*.

CARVÃO, CARVÕES, s. m. do lat. *carbonis*, fr., ing. e it. *carbone*, madeira que tendo perdido por uma combustão incompleta as substancias volateis, se ha convertido em materia negra, susceptivel de reaccender-se; chama-se *carvão* vegetal ou animal, segundo é a origem de um ou de outro d'estes reinos.

O *carvão de urze* tem especial applicação no desenho. As obras desenhadas a *carvão* são hoje em dia muito estimadas; e é linguagem usada entre os artistas o dizer-se: Os *carvões* de fulano são bons, ou merecem estimação. V. *Urze*.

CARYATIDES, s. f. pl. do gr. *karyatides*, lat. *caryatides*, it. *cariatidi*, hesp. *cariatides*, (pint. e esculpt.) figuras de mulher, que substituem as columnas e as pilastras, sustentando em suas cabeças um entablamento: empregam-se tambem para o mesmo effeito figuras de homens, a que chamam persas, ou figuras persicas. V. em *Vitruvio*, liv. I, cap. I, a origem d'estes nomes.

CASA, s. f. do lat. *casa*, choupana, ou *domus*, edificio para habitação, fr. *maison*, ing. *house*, it. *caza*, (archit.) toma-se ou por um só apartamento, ou collectivamente pela habitação ordinaria de uma familia, que consta de varias peças, como saleta, sala, alcovas, casa de jantar, gabinetes, corredores, cozinha, despensa, etc.

CASA DE CAMPO, (archit.) edificio situado fóra da cidade, em logar delicioso, composto de quartos junto de jardins, arvores, etc., a que Vitruvio chama *ædes pseudo-urbanæ*.

CASA DA MOEDA, estabelecimento, com as commodidades necessarias para se esculpirem e cunharem moedas e medalhas.

CASAL. V. *Granja*.

CASÃO, s. m. augment. de casa, casa de dimensão extraordinaria, que póde ter varias applicações.

CASA-REAL. V. *Palacio*.

CASARIA, s. f. agrupamento de casas.

CASCA, s. f. do gr. *khaskó*, lat. *cortex*, fr. *écorce*, *bousin*, ing. *rind*, it. *corteccia*, envoltorio brando das pedras e marmores. V. *Samoco*, *Desamocar*.

CASCALHO, s. m. do lat. *quassus*, p. p. de *quatio, ere*, quebrar, e *calculus*, pedra Vitr. *cœmenta marmorea*, fr. *recoupe* ou *écaille*, ing. *waste*, it. *scheggia*, lascas ou rachas que saltam dos marmores e pedras quando se lavram, e servem para aplanar os terrenos.

CASCAS, s. f. pl. (archit.) ornamentos do capitel jonico antigo.

CASCATA, s. f. do it. *cascata*, quéda, de *cascare*, caír, derivado do lat. *cado, ere*, fr. e ing. *cascade*, hesp. *cascada*, (archit. e esculp.) é toda a quéda de agua natural, como a do Tivoli, ou artificial como a do jardim de Versailles; ha tambem a de rampa doce, a de apparador, a de quédas graduadas. Algumas d'estas *cascatas*, alem de conchas, buzios e outros objectos naturaes, são fechadas de peças architectonicas, e com estatuas, sereias, rios, etc. A *cascata* do Treve collocada na rua del Lavatore del

Papa, em Roma, é d'este genero, e mui digna de attenção. Em Lisboa deve notar-se a do passeio publico do Rocio, a da quinta da sr.ª Infanta regente em Bemfica, a de Caxias, e outras.

CASCATEIRO, s. m. o artezano, ou official que trabalha em cascatas.

CASÉBRE, s. m. de *casa* e *pobre*, fr. *tandis*, ing. *a paltry house*, barraca, choupana, casa pequena, suja e mal reparada.

CASERNA, s. f. do lat. *casa* ou *casula*, ing. e fr. *caserne*, it. *casine*, (archit.) grande edificio, especialmente feito e destinado para aquartelar tropas em guarnição, distribuido em corredores e quartos, para os soldados e officiaes.

CASTANHO, A, adj. de *castanha*, côr de castanha, (archit.) as varas ou paus de castanheiro são com preferencia empregados em madeiramentos, pela sua longa duração. V. *Madeira*.

CASTELLO, s. m. do lat. *castellum*, fr. *chateau*, it. *castello*, ing. *castle*, hesp. *castillo*: — (archit.) antigamente era uma fortaleza cercada de fossos e muralhas com torres ou bastiões: nos tempos feudaes, ou na edade media era paço ou casa nobre, fóra da cidade ou villa, para habitação de reis e senhores: modernamente dá-se o nome de *castello* a uma fortaleza regular, e algumas vezes a uma casa nobre, mais ou menos grandiosa, com alguma similhança de torres, etc. Entre os francezes diz-se *Castello do Louvre, de Saint Cloud*, etc.

CASTELLO DE AGUA, edificio especial para receber as aguas destinadas a prover uma cidade, um parque, etc.

CASTRA, s. f. V. *Claustro*.

CATACOMBA. V. *Catacumbas*.

CATACUMBAS, s. f. pl. do lat. *catacumbæ*, gr. *kata*, em baixo, e *kumbos*, cavidade ou gruta, (archit.) tumulos subterraneos, em que não póde deixar de intervir a architectura. *Càtacumbas* são os cemiterios subterraneos em fórma de grutas, que se encontram nas vizinhanças de Roma e Napoles, e mesmo em París, como são as de S. Sebastião, a tres leguas de Roma, onde os christãos se escondiam durante as perseguições da primitiva Egreja, e onde enterravam os corpos dos martyres.

CATACUSTICA, s. f. do gr. *katacouô*, escutar, (phys.) sciencia que tem por objecto os sons reflexos, ou a parte da acustica, que considera as propriedades dos echos, sciencia que deve ser conhecida dos architectos. V. *Acustica*.

CATADIÓPTRICA, s. f. de *katá*, e *dioptrica*, (opt.) sciencia que tendo por objecto os effeitos reunidos da luz reflexa e da refracta, é absolutamente necessaria aos pintores.

CATAFALCO, s. f. do it. *catafalco*, fr. *catafalque*, ing. *a funeral decoration*, andaime, estrado:—(archit.) decoração architectonica, elevada n'uma egreja para collocar o caixão do defunto, a quem se pretendem dedicar grandes honras funebres. Consiste esta decoração ordinariamente em um estrado ou ossada de madeira, com ornamentos de architectura, pintura e esculptura, com ricas tapeçarias, luzes e fogaréus funerarios. Ha occasiões em que o corpo não está presente, e então o *catafalco* toma o nome de *cenotaphio*. Póde citar-se para exemplo o *catafalco* erigido em Florença para obsequiar a Miguel Angelo. V. *Cenotaphio*.

CATAVENTEADO, A. V. *Grympado, a*.

CATAVENTO, s. m. de *catar*, buscar, e *vento*, lat. *ventilogium*, fr. *girouette*, ing. *a fane*, it. *bandeurola*, (archit.) Assim como o architecto é obrigado a reparar e evitar o ar demasiado nas differentes casas e apartamentos de qualquer edificio, assim tambem precisa de estabelecer meios para ventilar e rarefazer o ar indispensavel á vida. Os *cataventos* são um dos meios de refrescar as casas, elles têem o officio de chaminés claras, que passam aos terraços na Asia, e servem para se introduzir o fresco nas casas; ao longe parecem torres, e fazem um effeito muito agradavel.

Tenreiro c. 1. Godinho e Cast. 2, f. 123. «Tem no meio das casas umas chaminés com *cataventos*, para as refrescar». Tambem se chama *catavento* a uma figura ou emblema de metal movel posto no alto das torres, e no

cume de alguns edificios, para conhecer por elle a direcção do vento.

CATHEDRAL, s. f. e adj., do gr. *cathédra*, cadeira, sé, (archit.) nome que se dá á principal egreja de uma diocese, em que o bispo tem a sua sé. Esta denominação só usada na egreja latina, não remonta alem do seculo x; anteriormente chamava-se *egreja principal*, ou sómente *egreja*. As egrejas cathedraes gosam n'esta qualidade de diversas prerogativas, e o seu capitulo representa o antigo presbyterio. V. *Presbyterio*.

Quasi todas as cathedraes da meia edade são construidas no estylo gothico, o que as distingue das basilicas (v. est. t.), que pela maior parte são de origem romana, ou construidas no estylo romano. Não só em França, mas em outros paizes, e mesmo em Portugal, as *cathedraes* mais bellas, são, como disse, no estylo gothico. Entre outras é muito notavel a sé de Evora, que é do mesmo estylo, á excepção da capella mór, que é no romano. Veja-se *Histoire pittoresque des cathedrales, églises, basiliques, temples*, etc., par une société d'archéologues. París, 1851.

CATHETO, s. m. do gr. *kathétos*, perpendicular. Chama-se assim em geometria a uma linha recta que cáe perpendicularmente sobre outra. Os *cathetos* de um triangulo rectangulo são os dois lados que comprehendem o angulo recto. Em optica chama-se *catheto de incidencia* á linha recta levada de um ponto claro e radiante perpendicularmente ao plano do espelho reflectido; *catheto de reflexão*, á perpendicular levada do olho, ou de um ponto qualquer de um raio reflectido sobre o plano de reflexão. Em architectura é a linha que se suppõe atravessar a prumo o meio de um corpo cylindrico, como uma columna, um balaustre, a que ordinariamente se dá o nome de *axe*. No capitel jonico chama-se *cátheto* á linha que cáe a prumo, e passa pelo meio do olho da voluta.

CATÓPTRICA, s. f. do gr. *katoptron*, espelho, de *kata*, contra, e *optomai*, ver. Parte da optica que trata das leis relativas á reflexão da luz, cujo estudo é essencial aos pintores. V. *Camara obscura*.

CAULÍCOLOS, s. m. do lat. *caulis*, talo, e *colo*, habitar:—(archit.) são os pequenos talos que sáem do capitel corinthio, e que parecem sustentar as oito volutas.

CAVA ou CAVEA, s. f. lat. *cavea*, ou *hypogæa*, fr. *cave*, hesp. *cava*, ing. *a cellar*, it. *cantina*, (archit.) logar ou casa subterranea, e ordinariamente abobadada, abaixo do rez do chão, onde se guardam vinhos, cerveja, azeite e outros licores. A melhor *cavea* é a que se conserva quasi secca, e tem para isso o ar necessario: *cavea* de egreja é o logar subterraneo e abobadado, destinado ás sepulturas. Em anatomia chama-se *cavea* a duas veias que levam ao coração o sangue de todas as partes do corpo.

CAVADA, i. e. vasada a madeira para n'ella se gravar. V. *Oco, ôca*.

CAVADO, A, p. p. de cavar, e adj. tirar terra ou pedras cavando; (archit. e grav.) terra extrahida por meios convenientes para fazer as cavas ou logares ôcos e subterraneos.

Cavado de trapeira, (fermette) vão para se formar uma trapeira, ou aguafurtada.

CAVALLARIÇA ou CAVALHARIÇA, s. f. do hesp. *caballariza*, fr. *écurie*, (archit.) estrebaria, logar para recolher cavallos: deve ser feita em sitio secco, arejado e voltado ao nascente. São do desenho de M. Mansard as magnificas cavallariças do rei em Versailles.

CAVALLETE, s. m. do it. *cavalletto*, lat. *canterius*, fr. *chevalet*, ing. *shore*, (pint., esculpt. e archit.) em geral é uma armação ordinariamente de madeira, que serve para sustentar qualquer cousa, e para facilitar o trabalho:

Cavallete de pintor é uma peça ligeira, feita de madeira, que tem $2^{m},30$ de altura, pouco mais ou menos, composta de tres réguas grossas que lhe servem de pés, formando um angulo agudo, em cujo vertice gira um parafuso que os prende, comprehendendo a que lhe serve de escora ou rabo; as duas reguas da frente têem alguns furos ou buracos ao comprimento, em que se applicam cavilhas para sobre ellas descansarem os quadros.

Cavallete de esculptor é uma espe-

cie de banco de 1m,22 de alto, pouco mais ou menos, tambem composto de tres pés, em esquadria, seguros superiormente n'uma grossa tábua quadrada, de 0,55 centimetros de lado, tendo a meio um buraco redondo, sobre o qual gira um pau fixo, ou eixo n'outra tábua tambem quadrada, pouco maior que a primeira, sobre a qual colloca o esculptor o barro, gesso ou cêra em que trabalha, — os pés do cavallete são presos por travessas na parte inferior, e na parte immediatamente superior ao assento dos pés, em distancia de 0,22 centimetros, ha outra tábua, que os prende, a qual tem a meio uma cavidade em que recebe um pequeno balde, ou tijela para agua, necessaria ao exercicio da modelação.

Cavallete de andaime é uma peça com degraus, em que se atravessam tábuas, que servem para os artistas, pintores ou esculptores poderem trabalhar em logares elevados.

Chama-se tambem *cavallete* ás peças de madeira travadas entre si, sobre outras a prumo, para sustentar as vigas de um pavimento ou tecto.

CAVAR, v. a. do lat. *cavo, are,* abrir a terra para cavas: —, abrir a madeira, o cobre, o aço com o buril.

CAVETO, s. m. diminut. de *cavo,* do lat. *cavus,* cavado, (archit.) especie de moldura reintrante de um quarto de circulo, que se applica sobre as cornijas, e fazem d'ellas uma parte.

Os operarios chamam-lhe *góla direita* quando está na situação natural, e *góla reversa* quando ella é irregular.

CAVILHA, s. f. do lat. *clavus,* fr. *cheville,* it. *cavicchia,* ing. *peg,* (archit.) haste redonda ou conica de madeira ou ferro, da figura de um prego, com que se unem duas ou mais peças de madeira, como os barrotes, as vigas, etc.

CAVILHAR, v. a. pregar cavilhas.

CAVILHETA, diminut. de cavilha, pequena cavilha.

CAVOUCO, s. m. do lat. *cavo,* e *ouco,* (archit.) buraco que o cavouqueiro faz em pedreira com o picão, e algumas vezes enche de polvora, para com a explosão facilitar a extracção da pedra: —, excavação subterranea d'onde se extrahe a pedra para edificar, a ardosia e o marmore; chamam tambem a estas ultimas ardosieiras, marmorarias, e ás primeiras chamam pedreiras. V. *Pedreiras.*

CAVOUQUEIRO, s. m. o official que trabalha nos cavoucos ou nas pedreiras.

CAVO. V. *Cavado.*

CAVOUCAR, v. a. excavar a terra ou pedras, minar, abrir cavoucos.

CEGAR, v. a. do lat. *cæco, are,* tirar a vista, fazer cego; por extensão diz-se tambem: *cegar* a ardosieira, a marmoraria, a pedreira, isto é, entupil-a, entulhal-a.

CÉGO, A, adj. do lat. *cæcus, a, um,* o que não tem vista, (esculp.) assim chamam os cabouqueiros, canteiros e estatuarios aos jazigos das pedreiras, que se acham entulhados ou entupidos. *Jazigo cego, pedreira cega.*

CELLA, s. f. do lat. *cella,* de *celo, are,* esconder, ou do gr. *kleió,* fechar, (archit.) cubiculo, aposento de um religioso; qualquer casa pequena: —, cubiculo de uma penitenciaria.

CELAGEM, s. f. do hesp. *celage,* burilagem ou gravatura.

CELATURA, s. f. (p. us.) arte de gravar ou abrir ao buril. V. *Gravura.* «Ensinavam os moços a debuxar... serve esta arte á esculptura, *celatura* e architectura. Filip. Nunes, *Arte da pintura,* p. 6.

CELLEIRO, s. m. do lat. *cellarius,* fr. *cellier,* it. *celliere,* ing. *a cellar,* (archit.) logar baixo ou subterraneo, menos fundo que as cavas, ou entresolho, que fica entre estas, e o rez do chão, em que se guardam os cereaes: elle deve ser fresco, mas livre de humidade, para a sua boa conservação.

CELLULA, s. f. diminut. de cella, do lat. *cellula,* it, *cella,* fr. *cellule,* ing. *a cell,* hesp. *celdilla,* (archit.) pequeno quarto ou aposento de um religioso: —, um dos cubiculos que compõem o dormitorio, e nos conventos dos padres cartuxos, um pequeno quarto ou loja ao rez do chão, acompanhado de um jardim. Chamam-se tambem *cellulas* aos pequenos quartos isolados, em que se acham encerrados os presos nas penitenciarias.

CELLULAR, adj. dos dois gen.

do lat. *cellula,* (archit.) chama-se regimen ou systema *cellular* áquelle em que os presos estão encerrados isoladamente em cellulas separadas. Este systema de prisão foi seguido primeiro nos Estados Unidos, passando depois para França, Inglaterra, Belgica, Suissa, onde ha muitas prisões d'estas.

CEMITERIO, s. m. do lat. *cœmiterium,* gr. *koimeterion,* dormitorio, de *koimaó,* dormir, fr. *cimetière,* it. *cimiterio,* hesp. *cimenterio,* ing. *churchyard,* (archit.) logar ou campo espaçoso e bem arejado, destinado a enterrar e conservar os mortos, cercado de muros, contendo sepulturas rasas, pedras de cabeceiras, obeliscos e mausoleus com figuras, emblemas e inscripções.

CENACULO, s. m. do lat. *cœnaculum,* fr. *cenacle,* it. *cenacolo,* ing. *the room where,* (archit.) casa de jantar entre os antigos romanos, que de ordinario era situada no andar mais alto do edificio; (t. relig.) sala em que Jesus Christo celebrou a ultima ceia. Era tambem, entre os grandes, uma casa destinada a dar de comer aos pobres; ainda existem restos de uma tal casa em Roma perto de S. João de Latrão. V. *Diction. des antiq. rom.*

CENOTAPHIO, do gr. *kenos,* vasio, e *táphos,* sepulchro, (archit.) a que os latinos chamavam *sepulchrum inane,* monumento sepulchral, tumulo vasio, que se erige em memoria de alguma pessoa enterrada em outra parte, ou de quem se não achou o cadaver.

CENTIMETRO, s. m. medida linear, centesima parte do metro, que equivale a quatro linhas e meia, pouco mais ou menos.

CENTRAL, adj. dos dois gen. do lat. *centralis,* (geom.) cousa ou ponto que está no centro.

CENTRO, s. m. do lat. *centrum,* que vem do gr. *kentron,* (geom.) ponto central, que occupa precisa e exactamente o meio de um circulo, ou de qualquer figura: —, *ponto de gravidade,* (mechan.) ponto em que um corpo ou corpos se acham em equilibrio: —, *ponto de movimento,* ponto em volta do qual um corpo livre gira, ou póde girar.

CEPILHAR. V. *Acepilhar.*

CEPILHO, s. m. do hesp. *cepillo,* fr. *riflard,* (archit.) plaina pequena ou rabote, com que se alisam e aplainam madeiras, especie de escopro ou gradim largo. V. *Garlopa, Gradim.*

CÊPO, s. m. do lat. *cippus,* ou *truncus,* fr. *tronc,* it. *ceppo,* ing. *block,* (esculp.) tóro, tronco de madeira, cortado da arvore, que serve para segurar angulos, e para fazer molduras, de que tambem se fazem imagens, e obras de esculptura. «O outro *cepo* poz-lhe a regra, lançou-lhe as linhas, desbastou-o, e tomando já o maço e o escopro, já a goiva e o buril, foi-o afeiçoando em fórma humana.» Vieira. *Serm. da 3.ª dom. de quar.* V. *Cippo.*

CERA, s. f. do lat. *cera,* gr. *kéros,* cera e molle, derivado do gr. *kaio,* queimar, porque se derrete ao lume, fr. *cire,* it. e hesp. *cera,* ing. *wax,* (esculp.) substancia inflammavel, quem se acha diffundida pelos vegetaes, e no pollen das flores, do qual forma um dos principios constituintes. Mas a *cera* que se obtem em grande quantidade, e de que se faz uso nas artes, e especialmente na esculptura, é a que fabricam as abelhas, e empregam na construcção dos favos, onde depositam a sua provisão de mel, e criam a nova prole. A *cera* empregada na modelação deve-se juntar terebinthina e azeite, em mais ou menos quantidade, conforme o pedir a estação fria ou quente em que se fizerem trabalhos d'esta natureza. V. *Diction. univ.*

CERAMES, s. m. pl. do gr. *kéramos,* (hist. ant. e esculp.) vasos de barro de que os antigos gregos se serviam á mesa; por amplificação do sentido, vaso de oiro ou prata, etc.

CERAMICO, A, s. e adj. m. e f., como substantivo significa na historia antiga, e entre nós, fabrica de tijolos e de objectos de barro ordinarios; (esculp.) como adjectivo applica-se á arte ceramica, e vasos, do gr. *kéramos,* barro ou argilla de oleiro; nome applicado em nossos dias á arte que tem por fim a fabricação das louças, faianças e porcelanas, em sentido generico. Os etruscos principalmente levaram esta arte nos tempos antigos a uma grande perfeição. Na edade media até ao seculo XIV foram quasi ignorados os seus processos. A Italia

fabricou depois essas bellas faianças e louças envernisadas conhecidas pelo nome de *majolicas*, e de barro vidrado. Bernardo de Palissy, no seculo XVI, inventou em França os *rustiques figulines*, ou esses bellos barros esmaltados. Mas sómente do seculo XVIII é que data a invenção do barro ou faiança ingleza, e de porcelana europea. Os inglezes communicaram esta ultima invenção aos chinezes; mas as obras da China acharam quasi ao mesmo tempo, na França e na Saxonia, uma grande concorrencia. A porcelana de Saxe perdeu a sua antiga reputação, mas as manufacturas de Sèvres têem conservado sempre a sua superioridade. São em muita estima tambem as faianças finas e rijas, e as porcelanas das fabricas de Creil e de Montereau. V. *Traité des arts céramiques*, 1844, 2 v. em 8.º

CERAMOGRAPHICO, A, adj. (ant.) vaso ceramico de barro pintado.

CÊRCA, s. f. do lat. *septum*, fr. *enclos*, ing. *an inclosure*, it. *chiudenda*, (archit.) espaço de terreno, muralha ou jardim fechado, ou cercado por muro de madeira, pedra ou tijolo. Applica-se especialmente a um muro alto, feito de pedra e argamassa, para cercar o terreno de um mosteiro na parte posterior, ou lateral do mesmo.

CERCADURA, s. f. de *cercar*, (archit. e pint.) é em geral tudo o que termina, ou orna as extremidades de alguma cousa. Toma-se: 1.º, pelo circuito da praça no desenho, *Fortes*, 1,323; 2.º, pela orla ou margem de um desenho, pintura ou estampa, decorada com ornamentos e molduras; 3.º, pela margem do escudo ou da moeda.

«Lhe armasse uma *cercadura* larga quasi quatro dedos.» Vieira Lusit., *O ins. pint.*, p. 40.

CERCEA, s. f. do it. *cerchia*, (archit. e esculp.) superficie, molde ou córte exacto de qualquer objecto: «Da mesma sorte, entrei a delinear os logares das vigotas, *cerceas* e ferros.» Mach. de Cast., *Descrip. analyt.*, p. 118, 119.

CERCEAR, v. a. cortar cerce, rente ou pela raiz: *cercear* cortando com exacção pelos contornos, ou perfis de um desenho, assentar uma ou mais folhas de papel, unidas e colladas, ou uma folha de Flandres ou de zinco, sobre as superficies de um modelo, para lhe tirar uma cercea, ou molde exacto.

CERCEO ou CERCIO, A, adj. do lat. *circe*, it. *cerchio*, cousa circular, perfilada ou cortada com exactidão sobre algum desenho ou molde.

CEROPLASTICA, s. f. do gr. *céros*, cera, e *plastiké*, arte de modelar, (esculp.) modernamente tem-se dado este nome ao exercicio de modelar em cera de cores retratos, e outros objectos naturaes, exercicio que fôra conhecido dos antigos, e de novo foi e é cultivado na Italia e na França, e que tem prestado uteis serviços ás artes e á sciencia, mórmente á anatomia pathologica; Julio Zumbo, Galli, Dupont, e outros artistas são notaveis n'este ramo da esculptura.

CESTO, s. m. do lat. *corbula*, it. *corba*, fr. *panier*, ing. *a basket*, (archit.) é um ornamento de architectura em fórma de cesto alto, cheio de flores e de fructos, que serve de coroar as columnas ou pilastras de um jardim. Os marcos, termos, ou Hermes, as figuras persicas, ou caryatides, e outras que sustentam qualquer cousa, ordinariamente têem cestos de flores e fructos á cabeça, e por isso alguns lhe chamam *caniferæ* ou *cistiferæ*. V. *Abobada* em aza de cesto.

CHAFARIZ, s. m. dizem uns que este termo vem do arab. *sehrige*, querem outros, que fôra palavra que nos deixaram os mouros, e que significa *fonte publica, alta, e de bicas*, (archit.) em todo o caso é certo ser um deposito de agua para servir de abastecimento a uma cidade, villa ou povoação. O modo por que ella se distribue, e a fórma do deposito e elegancia d'esse monumento aquatico, pertence á architectura, que o traça e executa segundo o gosto do artista, que d'elle se incumbe. V. O *chafariz* do largo das Necessidades, o da rua Formosa, e outros. V. *Fonte*.

CHALCOGRAPHIA, s. f. do lat. *calcographia*, (grav.) arte de gravar em cobre. Entende-se por este vocabulo a arte de gravar em cobre a talho doce, e mesmo em outros metaes. Tambem por elle se designa o

estabelecimento em que tal arte tem exercicio.

CHALCÓGRAPHO, s. m. do lat. *calcographus*, gr. *khalkós*, cobre, e *graphó*, eu gravo, gravador em cobre e outros metaes, a talho doce. É mais usado dizer-se — gravador em talho doce.

CHAMINÉ ou CHEMINÉ, s. f. do fr. *chéminée*, lat. *caminus*, gr. *kaminos*, forno, it. *cammino*, hesp. *chimenea*, ing. *a chimney*, (archit.) logar ou casa em que se colloca a fornalha ou fogão para aquecer ou fazer a comida; ella compõe-se de ordinario de uma abertura feita no grosso da parede, do fogão ou fornalha, escarpa de dois pilares, panno ou parede em talude, e de um cano ou tubo, para conduzir o fumo. Ha *chaminés* isoladas e de differentes especies: a *chaminé* á romana, de que falla Scamozzi, tem o fogão e o canudo mettidos na grossura da parede, sendo a architectura do panno saliente, como o é a do palacio Farnesio. Ha *chaminés* á ingleza e á prussiana. V. Rumford no seu *Essai sur la construction des chéminées*.

CHANFRADURA, s. f. córte em chanfro.

CHANFRAR, v. a. do fr. *échancrer* ou *délarder*, lat. *obliquare*, (archit.) fazer chanfros, formar as faces de qualquer superficie de pedra, madeira ou metal, de modo que fique bem faceada: e assim diz-se — é preciso *chanfrar* o fusto da columna, convem *chanfrar* os cantos de uma base ou plintho, etc.

CHANFRO, s. m. de *chanfrar*, córte ou face de qualquer superficie, *dilardement*.

CHÃO, s. m. terra, terreno, campo, do lat. *terra* ou *solum*, chão para edificar, *area*, Vitr. lat. *solum*, fr. *rez-de-chaussée*. V. *Area*, *Solo*, *Terreno*.

CHAPA, s. f. do lat. *lamina*, fr. *planche*, ing. *a plate*, hesp. *plancha*, (grav.) é uma folha delgada de cobre ou aço, nivelada, lisa e preparada, em que se grava ao buril qualquer objecto de arte, para d'ella tirar estampas.

CHAPAR, v. a. (grav. p. us.) 1.º, significa o mesmo que estampar de liso, ou de relevo, em branco, como figuras, ornatos, sellos, etc.; 2.º, tem a significação de chapar ou cunhar moeda. Couto, 6, 7, 1: «Esta moeda mandou *chapar*, e cunhar de uma parte, etc.»; 3.º, significa, tambem, guarnecer de argamassa, gesso ou cimento as volutas, e outras obras mais acabadas dos edificios. V. *Cunhar*.

CHAPÉU, s. m. do fr. *chapeau*, (archit.) significa em geral a ultima peça de madeira de nivel ou horisontal, que termina ou serve de remate a uma parede ou panno de madeira, e assim diz-se *chapéu de trapeira*, *chapéu de escada*, etc.

CHAPUZ, s. m. do fr. ant. *chappuiz*, (archit.) pedaço de madeira que se junta, como supplemento, em alguns logares do madeiramento das casas, ou se introduz nas paredes para n'elle se fixar um prego, ou outra cousa.

CHARNEIRA, s. f. do fr. *charnière*, lat, *cardo*, *inis*, hesp. *charnela*, ing. *turning-joint*, gonzo, (archit.) é uma peça de serralheria, formada de duas partes, feitas de ferro, latão ou outro metal, que se encravam uma na outra, juntando-se entre si por meio de uma cavilha, que as atravessa de modo que pódem mover-se em redondo, sem se separarem, voltando uma sobre outra; chama-se tambem fixa, ou macho-femea.

CHAROAR, e seus derivados. V. *Axaroar*.

CHAROLA, s. f. do lat. *tensa*, fr. *brancard* ou *charier*, it. *barella*, ing. *a kind of litter*, (archit.) significa: 1.º, andor em que se levavam as imagens nas procissões; 2.º, nicho para imagens, accepção que ainda tem na que se acha collocada, e costuma collocar-se na frente, e a meio dos córos de alguns conventos; 3.º, corredor semicircular entre o altar mór e o corpo da egreja, como se vê na sé de Lisboa: na primeira e terceira accepção, é termo hoje desusado.

«Lembrança da *charóla* pô-la parte de dentro, onde ha de estar o sacrario.» Hollanda.

CHATO, A, adj. do gr. *platus*, lat. *planus*, fr. *plat*, it. *piatto*, ing. *flat*, plano, que tem a superficie lisa, e sem relevo algum, (archit., pint. e esculpt.).

Em architectura, significa qualquer corpo ou superficie plana, perfeitamente lisa e igual.

Em pintura toma-se por um estylo de pintar, em que transparece pouco estudo nos effeitos do claro-escuro. «O estylo... tinha muito de gothico, quero dizer, secco, magro, mesquinho, *chato*, etc.» Cyr., *Coll. de mem.*, p. 56.

Em esculptura entende-se da falta de relevo que se nota nas obras de arte, principalmente nos modelos copiados do natural, por falta de vulto regular e necessario para se tornarem bellos e carnosos. V. *Carnosos*.

CHAVE, s. f. do lat. *clavis*, gr. *kleis*, de *claudere*, gr. *kleió*, fechar, fr. *clef*, it. *chiave*, hesp. *clave*, ing. *kei stone*, (archit.) instrumento de metal para abrir e fechar as fechaduras.

Chave da abobada é a ultima cunha ou pedra do meio, que firma e segura um arco, uma plata-banda, ou uma abobada, ella é mais ou menos ornada, conforme a ordem de architectura a que pertence.

Chave-passante é a que, atravessando a architrave e o friso, forma uma bossagem ou elevação, que lhe interrompe a continuidade.

Chave saliente ou em *bossagem*, é aquella cujo paramento excede o nú ou vivo das outras cunhas ou pedras.

Chave pendente é a que n'uma abobada, ou um arco, excede o vivo da aduela no seu comprimento.

Em algumas egrejas gothicas estas *chaves pendentes* são de um volume extraordinario, executadas com muita delicadeza e capricho, contendo muitos ornatos transparentes e ôcos.

Chave commum, fr. *passe-partout*, é o quadro feito de cartão grosso, cujo fundo se abre para receber differentes desenhos.

Passe-partout chamam tambem os francezes a uma serra sem armação, que divide as pedras brandas.

CHAVETA, s. f. diminut. de chave, do lat. *clavicula*, fr. *clavette*, it. *chiavetta*, ing. *key*, (archit.) pequeno bocado de ferro chato e estreito, que serve para apertar cavilhas, e tem outros usos na carpinteria e serralheria, e em obras de edificações.

CHEFE, s. m. do fr. *chef*, cabeça, (t. de braz.) é a parte superior, e a cabeça do escudo.

CHERUBIM, s. f. do lat. *cherubinus*, do hebr. *cherub*, pl. *cherubim*, puro, bello; espirito celeste do segundo coro da primeira jerarchia, (pint., esculpt. e archit.) chamam assim ás cabeças de meninos com azas, que os pintores e esculptores representam em seus quadros e baixos relevos. Os architectos tambem as applicam como ornamentos, principalmente nas chaves ou remates dos arcos das egrejas.

CHILIÓGONO. V. *Kiliógono*.

CHIMERA, s. f. do lat. *chimæra*, do gr. *khimaira*, (esculp.) monstro fabuloso, que se finge ter cabeça e peito de leão, ventre de cabra, e o rabo de dragão, de que se serviram os esculptores e architectos godos como de modilhões e gargulas, mas este ornamento está hoje em desuso.

CHINEZA, (pint.) V. *Pintura*.

CHIPOLIM, s. m. do fr. *chipolin*, (pint.) maneira antiga de pintar a colla, usando de grande numero de aprestos, e de muitas camadas de verniz, alisando tudo com pedra pomes, o que tornava muito cara a pintura. Este modo de pintar caíu em desuso.

CHIRÓNOMIA, s. f. do gr. *chéir*, mão, e *nomos*, regra, (ant.) arte de gesticular, ou parte da mimica, que ensina a mover as mãos com graça, e a fazer-nos entender as cousas sem, ou com o auxilio da palavra. V. Quint., *Instit. orat.*, 1-11-17. Lorio, *Mimica del Antichi*, p. 369. O conhecimento d'estas regras não deve ser ignorado pelos pintores e esculptores. V. *Mimica*, *Pantomima*.

CHIRÓNOMO, s. m. o que professa ou ensina a chironomia.

CHOUPANA, s. f. alteração do fr. ant. *capane*, cabana, do b. lat. *capana*, de *caupona*, taverna, it. *capanna*, ing. *cottage*, (archit.) pequena casa coberta de colmo, cabana de pastores, casa humilde para habitação de pobres. V. *Cabana*.

CHROMATICO, A, adj. e subs. do lat. *cromaticus*, do gr. *khrôma*, côr, matiz, sciencia das cores, a que chamâmos colorido. V. *Colorido*.

Esta palavra indicava entre os antigos um dos tres generos de musica de que usavam. Hoje dá-se tambem este nome de *chromatica* a uma serie de sons, procedendo por meios tons, descendo ou subindo.

CHRYSÓLITHA, s. f. do gr. *chrysos*, oiro, e *lithos*, pedra, (min.) pedra

preciosa, de côr de oiro, misturada com verde.

CHUMBADA, s. f. (esculp.) pedaço de *chumbo* em fórma pyramidal ou de parallelogrammo atado a um fio, de que usam os esculptores e estatuarios para aprumar as figuras, ou acertar os pontos nas medidas, que dos modelos passam para desengrossar as estatuas de pedra.

CHUMBAR, v. a. soldar com chumbo liquido a pedra que recebe o espigão: —, unir com chumbo as peças de pedra entre si, etc.

CHUMBARIA, s. f. a acção de chumbar: —, logar ou officina em que trabalham os operarios, ou chumbeiros.

CHUMBEIRO, s. m. mineiro que lavra minas de chumbo, ou artezano que o derrete, amolda, e faz d'elle diversos trabalhos.

CHUMBO, s. m. do lat. *plumbum*, metal simples, brando, acinzentado, ductil e oxydavel, menos sonoro, e elastico de todos os metaes, que tem muitos e variados usos nas artes, ou seja em barra ou liquido. Serve na arte da edificação para coberturas, terrassos, gargulas, canos, bacias, etc.

CIFRA e CIFRAS, s. f. do b. lat. *cyphra*, deriv. do arab. *sifra*, fr. *chiffra*, it. *cifera*, ing. *cypher*, nota arithmetica, (archit.) entrelaçamento de letras floreadas em baixo e alto relevo, pintadas ou embutidas, que servem de ornamento na architectura, na serralharia, na mercenaria, e na jardinagem. Modo de escrever enigmatico.

CIMACIO ou CIMAÇO, s. m. do lat. *cymatium*, gr. *kymation*, fr. *cimaise*, it. *cimazio*, ing. *wave*, segundo Vitruvio, uma onda, (archit.) é uma moldura ondeada em seu perfil, concava no alto e convexa no baixo. Chama-se tambem *doucine*, *garganta* ou *gola direita*, porém é mais ordinario o nome de cimalha, por ser a ultima moldura, e o *cimo* de uma cornija.

Cimacio toscano é um ovano, ou quarto de redondo.

Cimacio dorico é um caveto.

Cimacio lesbio toma-se por um talão, segundo Vitruvio. V. *Talão*.

CIMALHA, s. f. (archit.) posto que este vocabulo venha da mesma origem que *cimacio*, tem comtudo uma significação mais ampla e complexa, porque se entende em geral da parte superior que termina e corôa qualquer edificio, e é composta de differentes molduras.

CIMBRE ou CIMBRIO, s. m. do cast. *cimbra*, fr. *cintre*, *center*, it. *centina*, (archit.) armação de madeira arqueada, que serve de molde ao arco de pedra ou abobada, que sobre elle se construe. «As quaes obras, por serem de madeira, podemos dizer que foram *cimbres* das outras de pedra.» Barros, *Dec.* 1, 1. 7. 2. V. *Simples do arco*.

CIMEIRA, s. f. do fr. *cimier*, (braz.) figura ou ornato, que se põe em cima do capacete, na parte mais alta das armas.

CIMEIRO, A, adj. que está no cimo, (archit.) viga, barrote ou trave principal, que está no cume ou ponto mais alto do telhado, ou cobertura da casa.

CIMENTAR, v. a. pegar, unir as pedras com cimento ou argamassa; fundar, consolidar os alicerces do edificio.

CIMENTO, s. m. do lat. *cœmentum*, do it. *cemento*, (archit.) especie de argamassa composta de pó de tijolo e de cal, de que se usa nas construcções. O *cimento romano* é producto da calcinação de certos calcareos argillosos, e uma especie de betume ou argamassa, e excellente cal hydraulica. Depois de ter sido caldeada, ficando em massa pouco consistente, adquire em um quarto de hora, tanto debaixo de agua, como ao ar, uma grande solidez, que se augmenta depressa com o tempo, de sorte que no fim de alguns dias toma a dureza das melhores pedras calcareas. A pedra para *cimento* foi primeiramente descoberta em Inglaterra, e achada em França, na borda ou margem do mar de Bolonha, e depois em Pouilly na Borgonha.

CINABRIO, s. m. ou f. do lat. *cinnabaris*, gr. *cinnabari*, fr. *cinabre*, it. *cinabro*, ing. *sinoper*, (pint.) combinação de enxofre com azougue, de que resulta o bello vermelhão, que tem grande uso na pintura. O vermelhão da China é muito estimado pelos artistas.

CINTA, s. f. do lat. *cinctus, a,* cingido, p. p. de *cingo, ere,* cingir, (archit.) orla, faxa ou annel da parte inferior ou superior de uma columna:—, á que está no alto da columna chamam tambem *colarinho,* e a uma e outra se dá em geral o nome de *filete.*

CINTAS, s. f. pl. chamam-se assim a umas faxas ou orlas, que cercam e seguram algumas peças de architectura, ex.: *cintas de muralhas, ceintures de murailles,* são as que as circumdam n'um espaço de terreno: *cintas de forno, cintures de fourneau,* são bandas de ferro chato ou quadrado que cercam os fornos das fornalhas de cozinha, para segurar os estuques, e as paredes que as constituem: —, chamam-se tambem a umas tábuas grossas que se pregam nos madeiramentos dos telhados, para melhor os segurar, e a uns azulejos ou pedras que cingem os edificios. «A segunda claustra está ornada com suas *cintas* de azulejo fino.» *Benedict. Lusit.,* t. I, 397.

CINTEL, s. m. (archit.) instrumento de madeira, composto de duas réguas compridas, tendo n'uma de suas extremidades, cravado um ponteiro em fórma de eixo, com que se descrevem grandes circulos.

CINZAS, s. f. pl. do lat. *cinis, eris,* cast. *ceniza,* (pint.) chamam-se assim aos restos da combustão da maior parte das substancias empregadas no fogo. As *cinzas azues,* de que usam os pintores, são o oxydo de cobre precipitado da dissolução do sulphato d'este metal pela cal, conservada em agua, que lhe dá uma côr azulada. Ha tambem *cinzas* esverdeadas, que se applicam em certos generos de pintura.

CINZEL, s. m. do lat. *cædere,* no supino *cæsum,* cortar, hesp. *cincel,* fr. *ciseau,* it. *scarpello,* ing. *chisel,* (t. comp.) instrumento de ferro calçado de aço, temperado em sua extremidade cortante, de que usam artistas e artifices para differentes trabalhos; uns são nas duas extremidades calçados de aço para soffrerem a pancada do maço do mesmo metal; outros são encravados em cabos de madeira rija, para serem batidos com maços da mesma especie. É este um termo generico applicavel aos diversos instrumentos dos artistas, principalmente esculptores e gravadores, postoque tenham nomes differentes e especiaes por que se distinguem. «O estatuario toma o maço e o *cinzel* na mão, e começa a formar um homem». Vieira, 3, col. 419.

CINZELADOR, s. m. o artista que lavra e esculpe obras de relevo com o cinzel: —, applica-se especialmente a ourives, lavrantes e outros.

CINZELADURA, s. f. do fr. *ciselure,* acção de cinzelar:—(grav. e esculp.) primeiros golpes de escopro que se applicam nas extremidades das pedras antes de se lhes fazerem os paramentos.

CINZELAR, v. a. do lat. *cædere,* cortar: —, esculpir, lavrar obras delicadas d'arte com o *cinzel.*

CINZELINHO, diminuit. de *cinzel:* —, pequeno *cinzel,* do fr. *ciselet,* it. *scarpellino.*

CINZENTO, A, adj. de côr de cinza, ou de chumbo acinzentado.

CIPPO, s. m. do lat. *cippus,* fr. *cippe,* hesp. *cipo,* tronco de pau, (archit.) columna truncada entre os antigos, sem base nem capitel, ou uma pedra quadrangular com inscripções que, principalmente entre os romanos, servia de demarcar os campos, e os caminhos. O cippo tambem depois serviu de pedra tumular, debaixo da qual estavam sepultados ou eram sepultados os cadaveres; alguns d'estes *cippos* ou columnelos sustentavam o busto ou o retrato da pessoa sepultada, emblemas, vasos, etc. Nos tempos modernos, mórmente em Roma, executou Canova muitos d'estes pequenos monumentos.

CIRCO, s. m. do lat. *circus,* (archit. ant.) logar destinado entre os romanos para os jogos publicos, como o *stadio* entre os gregos: elle era de planta oblonga, terminando uma de suas extremidades em um semi-circulo, sendo a outra extremidade opposta fechada por edificios; a meio do seu comprimento havia um muro, que o dividia em duas partes, ornado de estatuas, de altares e de obeliscos; o *circo* era cercado de muralhas, e n'uma de suas extremidades havia casas ou lojas em que se guardavam animaes ferozes, destinados aos combates. O primeiro *circo* que houve em

Roma foi edificado por Tarquinio o Antigo, n'um valle entre o monte Aventino e o monte Palatino, e media 145 metros de comprimento, depois foi engrandecido por differentes imperadores; era cercado na parte externa de columnatas e de galerias. Alem do grande *circo*, havia em Roma mais oito muito notaveis. V. *Amphitheatro.*

CIRCULAR, adj. dos dois g., do lat. *circularis*, que tem a fórma de circulo, ou a elle pertence: —, que gira, e se move em circulo.

CIRCULO, s. m. do lat. *circulus*, fr. *cercle*, it. *circhio* ou *circolo*, ing. *circle*, (geom.) figura plana terminada por uma linha curva, cujos pontos todos estão em igual distancia de um ponto interior chamado *centro;* a curva que limita ou fecha o circulo chama-se *circumferencia*, as rectas tiradas do centro a diversos pontos da circumferencia são todas iguaes, e tem o nome de *raios.* Uma recta tirada do circulo, e que termina de uma parte e de outra a circumferencia, chama-se *corda*, e quando a corda passa pelo centro, toma o nome de *diametro.*

Muitas são as considerações e theoremas que dizem respeito ao circulo, e podem ver-se nos tratados de geometria.

CIRCUMFERENCIA, s. f. do lat. *circum*, em roda, e *fero* levar, (geom.) linha curva que fecha o circulo ou periphería: —, o contorno arredondado de qualquer corpo. V. *Circulo, Ellipse.*

CIRCUMSCREVER, v. a. do lat. *circum*, e *escrever*, traçar, desenhar, restringindo os traços a limites dados.

CIRCUMSCRIPÇÃO, s. f. do lat. *circumscriptio, onis*, o que limita e abrange a circumferencia de qualquer cousa ou objecto.

CIRCUMSCRIPTO, A, p. p. de circumscripto, traçado, limitado ou restricto a certos pontos dados: assim ha polygono *circumscripto* a um circulo; circulo *circumscripto* a um polygono; hyperbole *circumscripta*, etc.

CIRCUMVOLUÇÃO, s. f. do lat. *circumvolvo, ere, ŭtus*, (geom.) numero de voltas em torno de um centro commum, (archit.) Assim se chama á linha espiral da voluta jonica, e da linha curva que descreve a helice da columna torcida.

CISTERNA, s. f. do lat., it. e hesp. *cisterna*, fr. *citerne*, ing. *cistern*, (archit.) logar subterraneo, em que se recolhem e conservam as aguas pluviaes e outras: —, estes reservatorios são construidos de pedra e abobadados, tendo alguns d'elles pilares para segurança dos arcos. A Hollanda e a Syria não poderiam subsistir sem *cisternas*, por serem paizes muito seccos e paludosos. Aos antigos não foi desconhecido o uso das *cisternas*, cujas aguas quando são bem conservadas, devem ser preferidas a quaesquer outras. Admira-se sobretudo a grande e bella cisterna de Constantinopla, abobadada e sustentada por 212 columnas.

CIZELAR. V. *Cinzelar.*

CIZEL. V. *Cinzel.*

CLARABOIA, s. f. do fr. *claire voie*, (archit.) é a abertura redonda ou oval feita no alto de um zimborio, sendo ordinariamente envidraçada ou coberta de uma lanterna, para dar a conveniente luz ao edificio.

CLARA D'OVO, s. do lat. *ovi clarum*, fr. *aubin*, ing. *the white*, (pint.) humor transparente, viscoso e adherente, que cerca a gemma do ovo, a que se dá o nome de *albumina:* —, é por si só um verniz muito forte, que os pintores de imagens algumas vezes applicam sobre suas obras, misturando-lhe tres partes de agua commum, para lhe moderar a força.

CLARO-ESCURO, s. m. do it. *chiaro-scuro*, fr. *clair-obscur*, chamam-se desenhos ou quadros de *claro-escuro* os que só constam de preto e branco; (des. e pint.) nas artes plasticas, e principalmente em desenho e pintura, dá-se este nome á *imitação do effeito que produz a luz espalhando os claros sobre as superficies que ella toca, e deixando em sombra aquellas que não chega a tocar.* Rembrand sacrificou tudo em seus quadros á magia do *claro-escuro;* Corregio, Ticiano e Van-Dyck offerecem modelos acabados n'esta parte da arte.

O conhecimento das regras de physica, pelas quaes a luz, partindo de um fóco, cáe, espalha-se e reflecte sobre os corpos, constitue a sciencia

do *claro-escuro*, que se comprehende na sciencia geral da optica.

O pintor dispondo os objectos de um quadro, para obter effeitos de luz e de sombra harmoniosos e agradaveis; o esculptor e o architecto dispondo as massas para conseguir os mesmos fins; cada um na sua especialidade deixa entender que o estudo do *claro-escuro* a todos é de summa importancia:

«Os quaes, depois apurando
Vão, até que resolvendo
Os apontados contornos,
O *claro-escuro* lhe expressão.»
Vieira Lus., O *Ins. pint.*, p. 226.

«E que cada objecto em particular conserve o verdadeiro caracter da sua natureza, dando-lhe um vulto apparente pela boa intelligencia do *claro-escuro*, e da união das cores.» Cyr., *Conv.*, 2.ª, p. 5.

CLAROS, s. e adj. do lat. *clarus, a, um*, de *kel*, rad. do gr. *kelios*, o sol, e *radio, ere*, raiar, do gr. *araioó*, rarefazer, fr. *jour*, (des. e pint.) chamam-se em pintura *claros* ás partes mais esclarecidas e luminosas, que reflectem mais luz, e são compostas de cores mais brilhantes. V. *Despertador*.

CLAUSTRO, s. m. do lat. *claustro* de *claudo, ere*, encerrar, fechar, ou *peristylium*, fr. *cloitre*, ing. *cloister*, it. *chiostro*, (archit.) logar fechado: —, portico de quatro lados, tendo ao centro um pateo descoberto, ajardinado, ornado de um poço ou fonte; ou então disposto em fórma de cemiterio. Tal é o *claustro* dos padres capuchos em Roma, feito pelo desenho de Miguel Angelo, que é um dos mais regulares n'este genero.

CLOACA, s. f. do lat. e it. *cloáca*, fr. *cloaque*, hesp. *albanal*, ing. *sink*, (archit.) cano ou aqueducto construido para receber aguas e immundicies de uma casa ou edificio publico, o qual deve ser collocado, e feito de modo que não incommode, nem prejudique a saude dos seus habitantes.

COBALTO, s. m. do allem. *kobalté*, metal oxydavel, difficil de fundir-se, esbranquiçado, magnetico, e que se faz azul pela fusão com o vidro: —, serve para pintar de azul as porcelanas, o vidro, e tem outros usos nas artes.

COBERTA, s. f. (archit.) cobertas do telhado, telhas que servem de bicas.

COBERTURA, s. f. (archit.) entende-se não só por este vocabulo o madeiramento do alto de um edificio, ou o seu cumulo, do lat. *tectum;* mas tambem de tudo que serve para o cobrir, como telhas, ardosias, folhas de chumbo, zinco, cobre ou outra materia que recobre o madeiramento, lat. *tegmen*.

COBERTOR, s. m. o que serve para cobrir qualquer espaço de madeiramento, pavimento, patamar, etc.

«*Cobertor* em que pega o degrau.» Oliveira, *Advert. aos moder.*

COBRE, s. m. do lat. *cuprum*, gr. *kypros* e *hyprion*, metal da ilha de Chypre, mas que se encontra em todas as partes do mundo, (grav.) é avermelhado quando está puro, e pertence á secção dos metaes ducteis e facilmente oxydaveis. D'elle usaram os antigos para fazerem utensilios, vasos, ornamentos e estatuas, e os modernos servem-se d'elle para os mesmos usos, e para fazerem chapas proprias para o estudo e exercicio da arte de gravura, e para a cunhagem da moeda, etc. V. *Cunhos, Cunhar*.

COBRE-JUNTAS, do fr. *couvre-joint*. V. *Fasquia*.

COCHE, s. m. do fr. *coche*, tábua grossa engradada, de fórma quadrada, que serve de levar argamassa para obras de edificação.

COCHEIRA, s. f. do lat. *cella rhedaria*, fr. *remise*, it. *remessa*, hesp. *cochera*, ing. *coach-house*, (archit.) casa terrea ou lageada dentro de um pateo, ou em outro logar ao rez do chão, em que se guardam trens, coches e outros vehiculos. V. *Estrebaria*.

COCHONILHA, s. f. diminut. do lat. *coccus*, grã, gr. *coccinos*, de côr escarlate, fr. *cochenille*, it. *cocciniglia*, (h. n.) insecto pequeno que se cria na America n'um arbusto chamado *figueira da terra*, da qual se extrahe a tinta escarlate, o carmim, e a laque acarminada. «Huma migalha de preto e outra de *Cochonilha*.» Fil. Nun., *Arte da pint.*, p. 79, v.

COGULHADO, adj. (archit.) ornado de cogulhos.

COGULHOS, s. m. pl. do lat. *har-*

paginetuli, fr. *entortillement*, hesp. *cogollo*, ing. *chrockets*, (archit.) são ornatos redondos enfeitados com folhas em fórma de repolhos, que se põem nas arestas dos coruchéus, pinaculos, etc.

COLARETE, s. m. (archit.) moldura composta de um astragal e um filete V. *Astragal.*

COLARINHO, s. m. do fr. *colarin*, hesp. *colarino*, (archit.) moldura quadrada e estreita, como uma lista que ordinariamente se põe no alto da columna.

COLHÉR, s. f. do lat. *cochlear*, gr. *kókhlós*, concha, fr. *cuiller* ou *cuillére*, it. *cucchiajo*, ing. *spoon*, (t. comp.) utensilio de mesa, instrumento de ferro, ou outro metal usado pelos artifices, nos seus misteres: assim *colhér* de chumbar, de fórma redonda e cabo comprido, é a de que usam os canteiros, e outros operarios para derreter chumbo: —, de pedreiro ou alvenéu, chata, de fórma oblonga, tirante á figura de uma sola de sapato, com um cabo curto para applicar a argamassa e cal onde convenha.

COLHERIM, s. m. diminut. de *colhér*, de que usam os pintores para apparelhar o panno, e os estucadores para trabalhar com o estuque, e tem a mesma fórma da *colhér* dos alvenéus.

COLLA, s. f. do gr. *kolla*, lat. *colla* ou *gluten*, fr. *colle*, ing. *glue*, materia glutinosa, que serve para pegar, juntar e unir um ao outro o papel, a madeira, o panno, etc.

Usa-se da colla de Inglaterra, que é tida por melhor, para pintar a tempera.

COLLA D'OVO. V. *Clara d'ovo*— *Verniz.*

COLLAMENTO, s. m. fr. *encoller*, dar uma demão de colla.

COLLAR, v. a. fr. *maroufler*, fazer uso da *colla*, unir ou pegar com *colla*: —, pintar a *colla* ou a tempera. V. *Pintar.*

COLLATERAL, COLLATERAES, adj. dos dois g. do lat. *collateralis*, (archit.) lados iguaes de um edificio qualquer, mas principalmente de uma egreja, *alæ Ecclesiæ*. Tambem se diz: quadro *collateral* da mão direita; *capellas collateraes*. V. *Ala.*

COLLEGIO, s. m. do lat. *collegium*, de *colligo, ere*, ajuntar, fr. e ing. *college*, it. *collegio*, (archit.) edificio grande e vasto com as necessarias accommodações para n'elle se ensinarem á mocidade as letras, as artes e sciencias, e deve para esse fim conter sala de reunião geral, capella, casas para aulas, ditas para professores, para o prefeito, quartos para os pensionarios e domesticos, e mais officinas necessarias. O collegio romano feito em Roma pelos desenhos de Barthelemy Amannato é um dos mais notaveis, tanto pela belleza de architectura, como pelas suas accommodações.

COLOMBINO ou COLUMBINO, A, adj. côr de garganta de pombo, de furta-côr, cambiante.

COLOMBRINO, A ou COLUBRINO, A, do lat. *colubrinus*, de *coluber*, cobra, adj. em voltas serpeadas, ou á maneira de cobra: —, traço ou linha ondeada, ou *colubrina.*

« . . . e de trazer um traço ondeado ou *colubrino*, que designava as fimbrias, etc.» Mach. de Castro, *Analyse grafic. orthod.*, p. 15.

COLORIDO, A, p. p. de colorir, e adj. tambem se toma como subs. em logar, ou como synonymo de *côr*: — do lat. *colorum ratio*, fr. *coloris*, it. *colorito*, ing. *colouring*, (pint.) é uma parte da pintura, que comprehende o conhecimento de todas as cores naturaes e artificiaes, estas para empregar, aquellas para imitar: —, por meio d'este conhecimento, o pintor dá aos objectos que quer representar as cores, as luzes e as sombras que lhe convem; e assim diz-se: um *colorido vigoroso, brilhante, forte, precioso:* um quadro bem ou mal *colorido*. V. *Côres.*

COLORIDOR, s. m. Franc. de Hollanda. V. *Colorista.*

COLORIR, v. a. do lat. *colorare*, fr. *colorier*, it. *colorire*, ing. *to varnish*, (pint.) fazer uso das cores, misturando-as, e combinando-as de modo que imitem a natureza: — pintar com as cores convenientes.

COLORISTA, s. m. do lat. *color*, e des. *ista*, *miscendi coloris peritus*, fr. *coloriste*, ing. *colourist*, (pint.) pintor que entende bem o colorido. Ticiano, Rubens, Corregio, Van-Dyck Paulo Veronez são considerados como os melhores *coloristas.*

COLOSSAL, adj. dos dois g. do lat. *colossalis*, de grandeza desmarcada, e talvez espantosa por excesso de suas dimensões.

COLOSSO, s. m. do lat. *colossus*, gr. *colossos*, que tem a mesma significação, estatua ou qualquer monumento de uma extraordinaria grandeza. A maxima parte das construcções dos egypcios e dos assyrios eram *colossaes*, e notavelmente as sphynges, a estatua sonora de Memnon, as estatuas dos reis no templo de Thebas.

Entre os gregos o famoso colosso de Rhodes, que tinha de altura 70 covados (pouco mais ou menos 33 metros), por entre as pernas do qual podia passar um navio á véla. Entre os romanos é tambem conhecida a estatua de Nero e de Cómmodo, ambas de altura de 100 pés romanos ou 33 metros; a primeira d'estas deu o nome ao vasto circo chamado *colossêo* ou *colisêo*. Nos tempos modernos, póde-se citar como *colosso* a estatua de S. Carlos Borromeu, ao pé de Milão, o Hercules ou S. Christovão de la Wilhelmshæhe junto a Cassel, o monumento em bronze do Kreutzberg, perto de Berlim, e a estatua *colossal* da Baviera, ultimamente elevada junto a Munich.

COLUBRINO, A. V. *Columbrino*.

COLUMNA ou COLUNA, s. f. do lat. *columna*, derivado de *columen*, viga mestra do tecto, sustentaculo, apoio, fr. *colomne*, it. *colonna*, ing. *column*, especie de pilar de fórma redonda, composto de base, fuste e capitel, que serve para sustentar, ou ornar edificios.

A *columna* é differente segundo as ordens a que pertence, e deve tambem ser considerada conforme ás suas relações da materia, construcção, fórma, disposição e uso.

Columna em relação ás ordens:

Columna Toscana é a que ordinariamente tem sete diametros de altura, comprehendendo a base e o capitel, e é a mais curta e simples das ordens.

Columna Dorica é a que de ordinario tem oito diametros de altura, com base e capitel, e estes um pouco mais ricos de molduras que a toscana.

Columna Jonica é a que tem nove diametros, distinguindo-se das outras por ter volutas no capitel, e por uma base que lhe é particular.

Columna Corinthia, que é a mais rica e esvelta, tem dez diametros, e o capitel é ornado de duas ordens de folhas com caulicolos, d'onde sáem pequenas volutas.

Columna Composita é a que tambem tem dez diametros, e duas ordens de folhas no capitel, como a corinthia, com as volutas angulares da jonica.

Quando dissemos que estas eram ordinariamente as proporções que todos os architectos seguiram nas *columnas*, quizemos notar que alguns dos mais distinctos architectos tomaram ás vezes a liberdade de as variar na execução de grandes edificios, obrigados pela distancia do ponto de vista ou pela sua posição relativa. Bastará citar o architecto Perrault, que deu ás columnas corinthias do peristylo do Louvre dez diametros e um terço de altura com base e capitel, á base um modulo e duas partes de altura, ao fuste dezesete modulos, comprehendendo os dois filetes de suas extremidades, e ao capitel dois modulos e dezoito partes.

Columna em relação á materia:

Columna de ar chama-se á que é ôca, ou ao vacuo redondo ou oval de uma escada de caracol, formada em helice pela parte interior.

Columna de agua é a formada de um grosso jorro de agua, que saíndo da base impetuosamente vae tocar no tambor do capitel que é ôco, e caíndo faz o effeito de uma columna de crystal liquido, como se vê em uma pequena columna na quinta de Aveiro perto de Lisboa; este mesmo effeito se dá na agua contida no tubo de uma bomba, expellindo-a com força até parar no seu reservatorio.

Columna diaphana é a *columna* feita de materia transparente, como vidro, crystal, alabastro, etc.

Columna fusivel é a fundida em molde de materia propria, como de crystal, bronze, ferro e outros metaes.

Columna metallica é a que é feita de metal fundido, ou seja de ferro, bronze ou cobre.

Columna hydraulica é aquella cujo fuste parece de agua, sendo formada

de muitas toalhas que sáem em distancias iguaes em roda do fuste, por meio de um tubo collocado no seu centro; taes são as pilastras do arco de triumpho d'agua em Versailles.

Columna moldada é a feita de materiaes fundidos ou misturados de pedras, com argamassa de saibro, ou de cimento, e outros materiaes, que se endurecem, e podem depois ser polidos.

Columna preciosa é a feita de pedra ou de marmores raros, como de lapis-lazuli, de aventurina, de jaspe e outras: taes são as *columnas* da capella de S. João Baptista na egreja de S. Roque em Lisboa.

Columna de conchas é a formada de um caroço de pedra, ou de um miolo, revestido de conchas e petrificações em divisões, e servem taes *columnas* para ornar grutas e fontes.

Columna em relação á sua construcção:

Columna de assemblagem é a que, sendo feita de fortes peças de madeira assembladas, grudadas e cavilhadas, fica ôca, e é torneada, e algumas vezes tem caneluras, como são as *columnas* da maior parte dos retabulos de altar entalhados em madeira.

Columna incrustada é a que se forma de pedaços de marmores raros, como de agatha, jaspe oriental e de outros, massiçados e pegados n'um caroço de pedra, de tijolo ou de tufo.

Columna de alvenaria é feita de argamassa, misturada e guarnecida com gesso de estuque e algumas vezes sem esse guarnecimento.

Columna de tambores é feita de muitas fiadas de pedra, que de ordinario tem cada uma menos que o diametro da *columna*.

Columna em troncos é feita de dois, tres, ou quatro pedaços de pedra ou marmore differente dos tambores, porque são mais altos que a largura do diametro da *columna*.

Columna variada é formada de differentes materiaes, como de marmore, pedra, etc., dispostos em tambores de differente altura, d'onde os mais baixos servem de faixas, e excedem o nú do fuste.

Columna em relação á fórma:

Columna cylindrica é formada á imitação dos pilares gothicos, sem augmento, nem diminuição da sua grossura.

Columna colossal é de uma altura e grossura extraordinaria, aindaque proporcionada em suas partes, para se ver no meio de alguma praça, como são a de Trajano que mede 12 pés e um 8.º de diametro sobre 100 pés de alto com base e capitel, a de Trajano, e a Antonina em Roma, que é maior, e mede 168 pés até ao capitel, alem de 7 pés do seu pedestal, que se acha enterrado.

Columna lisa é a que não tem caneluras, nem outros ornamentos no seu fuste, que é igual e unido.

Columna massiça é aquella que é muito curta, e tem menos da altura da ordem, como são os pilares das egrejas gothicas.

Columna gothica é todo o pilar redondo feito sem regra, tendo pouca altura em relação ao seu diametro.

Columna irregular é a que não só é desproporcionada, mas tem ornatos sem gosto, nem escolha.

Columna rustica é a que tem bossagens unidas ou rusticas.

Columna engrossada é a que ao terço da sua altura têem uma grossura proporcionada, como têem quasi todas as *columnas* modernas.

Columna diminuida é a que não tem augmento em sua grossura, e cuja diminuição começa desde o principio do fuste, taes são quasi todas as columnas antigas gregas e romanas.

Columna composta é a que nos seus ornatos e composição differe das ordens estabelecidas, e que póde comtudo ser bella, segundo o genio e gosto do architecto.

Columna hermetica é formada de uma cabeça, e de um busto de homem, collocada sobre um pilar quadrado em fórma de termo.

Columna pastoril é imitada de um tronco de arvore, com os seus nós, e cortiça.

Columna em balaustre é formada á similhança de balaustre.

Columna canelada ou *estriada* é a que tem caneluras ou estrias em todo o seu comprimento, ou sómente nos dois terços.

Columna coloritica é a que é ornada de flores ou folhagens em seu fuste.

Columna torcida é a que tem o fuste contornado em fórma de caracol, com seis circumvoluções, que é ordinariamente a proporção corinthia: foi Vignola o primeiro que deu regras para a traçar.

Ha tambem *columnas serpentina, maritima, de baixo relevo, de fuso, aspera, fingida,* etc.

Columna em relação á sua disposição:

Columna solitaria é a que está collocada só ao meio de uma praça publica para servir de monumento.

Columna isolada é a que está inteiramente separada de qualquer corpo.

Columna nichada é a que está metade saliente, e a outra metade está, ou suppõe-se embebida no paramento de um muro ou parede.

Columna angular é a que está posta no angulo de algum edificio.

Columna duplicada é a que está unida com outra de sorte que se introduzam ao menos no terço do seu diametro.

Columna attica é a que tem suas faces quadradas iguaes, e é acompanhada com uma *columna* no angulo de uma fachada.

Columnas parelhas são as que se collocam duas a duas, cujas bases e seus capiteis se approximem, quanto possivel, sem comtudo se tocarem.

Columnas grupadas são as que se põem tres a tres sobre um mesmo sóco, ou pedestal.

Diz-se tambem *columna inferior, superior* e *media,* segunda a posição que occupam n'um edificio.

Ha tambem *columnas flanqueadas, encostadas, ligadas, acantonadas, cerradas, raras,* cuja significação é de facil conhecimento.

Columna em relação ao seu uso:

Columna astronomica é a que encerra uma escada de caracol, pela qual se sobe até ao tambor do capitel, sobre este é collocada uma esphera armillar, para observar os astros, como a que existe em París, da ordem dorica, que por ordem de Catharina de Medicis foi edificada para as observações de Oronce Finé, astronomo celebre.

Columna bellica é a que, entre os romanos, se levantava diante do templo de Jano.

Columna chronologica é aquella sobre que se gravava qualquer inscripção historica, segundo a ordem dos tempos.

Columna crucifera é a que tem sobre o capitel uma cruz.

Columna funeraria é a que em seu fuste tem emblemas de saudades, e sobre o capitel uma urna mortuaria.

Columna genealogica é a que contém em seu fuste armas, escudos ou retratos de uma familia.

Columna gnomonica é a que sobre o fuste tem traçadas as linhas horarias, indicadas pela sombra de um ou mais ponteiros.

Columna heraldica é a que no fuste tem as armas de todas as allianças da pessoa, em honra da qual ella foi elevada.

Columna itineraria é a que, sendo collocada ao centro de uma encruzilhada, indica os differentes caminhos, e as distancias dos principaes logares.

Columna milliaria era, entre os romanos, uma *columna* elevada a meio do caminho, d'onde se contava por meio de outras *columnas* milliarias, collocadas á frente das grandes estradas, a distancia das cidades do imperio.

Columna phosphorica, ou porta-luz, é a que é levantada sobre um escolho, ou na extremidade de um molhe, para servir de pharol a um porto.

Columna rostral é a que é ornada de pôpas, e esporões de navios, em memoria de alguma victoria naval.

Columna estatuaria é a que se eleva para se lhe collocar uma estatua.

Columna triumphal é a que os antigos levantavam em honra de um heroe.

Columna zophorica é a que, em logar de ter qualquer estatua, tem a figura de um animal, como são as duas *columnas* que sustentam o leão de S. Marcos, em Veneza, porque o leão forma as armas da republica.

Ha tambem *columnas staticas, symbolicas, sepulchraes, limitrophes, historicas, hebraicas,* e outras, que se podem ver nas obras que tratam d'esta materia.

COLUMNAR, adj. dos dois g., que tem a fórma de uma *columna.*

COLUMNARIO, A, adj. que tem, ou é composto de *columnas*.

COLUMNATA, s. f. do lat. *columna, peristylium*, fr. *colonnade*, it. *colonnata*, ing. *colonade*, (archit.) chama-se assim a um peristylo, portico, ou outra peça de architectura, em fórma de galeria ou circular, como é o do pequeno parque de Versailles, composto de trinta e duas *columnas* jonicas.

Columnata polystylo é a que consta de um numero de *columnas* tão grande, que se não póde contar n'uma vista d'olhos, como é a *columnata* da ordem dorica da praça de S. Pedro em Roma, que tem 284 *columnas* de mais de quatro pés e meio de diametro.

COLUMNELLO, s. m. dimin. de *columna*. (archit.) Pequena *columna* truncada, de fórma variada, que, ou serve de marco de limite, ou de decoração junto aos portaes, ou como padrão destinado a differentes usos.

COMIADA. V. *Cumiada*.

COMMISSURA, s. f. do lat. *committere*, estar unido, ligado. Em architectura dão este nome alguns auctores antigos á união ou junctura de duas ou mais pedras. Em anatomia chama-se assim ao ponto em que duas partes se reunem, como é a *commissura* dos labios, e a das palpebras, fallando dos angulos d'estas partes do corpo humano.

COMMODO, A, adj. do lat. *commodus*, (archit.) apto, proprio, conveniente. Diz-se este terreno, este sitio é *commodo* para uma fabrica. Esta casa é *commoda*, tem bons quartos e aposentos.

COMMUA, s. f. V. *Latrina*.

COMMUNICAÇÃO, COMMUNICAÇÕES, s. f. do lat. *communicationis*, (archit. civ. e milit.) serventia de um palacio ou parte d'elle com outro, ou de uma casa ou aposento entre si, por meio de corredores ou passagens feitas para esse fim: —, fóssos profundos para se passar de um forte a outro, etc.

COMPARTIMENTO, s. m. do lat. *distributio*, fr. *compartiment*, it. *distribuzione*, hesp. *compartimiento*, ing. *compartment*, (archit.) disposição e accordo symetrico de muitas figuras formadas de linhas rectas ou curvas: taes são as que servem á distribuição de um tecto, de vidraças, de jardins, etc.

COMPASSAR, v. a. medir alguma cousa a compasso, dar proporções regulares a uma estatua, a uma pintura, a uma columna.

«Quem *compassou* de teu gentil semblante as mimosas feições, as rosas, lyrios.» V. *Luc.* 9, 5.

«A sua experiencia *compassou* as alturas.» Vieira, *Serm.*, t. II, p. 138.

COMPASSO, s. m. do lat. *circinus*, e da b. lat. *compassus*, formado de *cum*, com, e *passus*, passo, it. *compasso*, fr. e hesp. *compas*, ing. *compasses*, instrumento composto de duas pernas, que se movem uma sobre a outra por meio de uma charneira, que lhe forma a cabeça, e serve em todas as artes para tomar e dar medidas, traçar circulos e curvas. Ha d'elles differentes especies; a saber:

Compasso simples, que tem duas pontas direitas e iguaes.

Compasso com lapis, ou tira linhas.

Compasso de tres pernas para tomar angulos e triangulos.

Compasso de reducção, para reduzir um desenho de grande para pequeno, ou de pequeno para grande.

Compasso de proporção, de que se usa na geometria, para divisão de linhas. Estes compassos pequenos são de latão com pontas de aço.

Ha tambem *compassos* grandes, de apparelhador e de esculptor, feitos de madeira e ferro, etc.

V. *Geométrie du compas*, traduit par M. Carette, 1828. V. *Bussola*.

COMPLEMENTAR, adj. dos dois g., relativo ao complemento. Em geometria é o angulo, que é preciso ajuntar a um angulo agudo para formar um angulo recto. Em architectura a *complementar* do arco é a parte do arco que, juntando-se ao mesmo, forma com elle um angulo de noventa graus

COMPOR, v. a. do lat. *componere*, collocar, formar um todo de varias partes (t. comp.). Em obras de espirito e de imaginação o *compor*, não só significa a escolha acertada dos objectos, ou a invenção d'elles, mas tambem a discreta disposição dos mesmos de um modo conveniente e vantajoso, de que resulte uma boa com-

posição; e assim diz-se: *compor* um livro, um quadro, uma estatua ou baixo relevo, o plano de um edificio, etc.

COMPÓRTAS, s. f. pl. (archit.) portas que sustêem as aguas do dique, fosso ou açude, e as solta, abrindo-as, para lhes dar passagem. V. *Adufa.*

COMPOSIÇÃO, s. f. do lat. *compositio*, fr. e ing. *composition*, it. *composizione*, hesp. *compostura*, boa escolha das partes, e discreto modo de as reunir, para formarem um todo completo e perfeito. Em bellas artes é a combinação dos pensamentos que concorrem para a *composição* de qualquer assumpto: —, é a poesia da pintura, e a parte mais propria para descobrir o talento do artista; é a arte de os representar e dispor de modo que exprimam bem e com decoro os objectos achados pela invenção. O que é, com as devidas relações, applicado á esculptura e á architectura.

COMPÓSITA, s. f. do lat. *compositus, a, um*, p. p. de *compono, ere*, compôr, (archit.) *ordem composita*, uma das cinco ordens em que se divide a architectura, e é assim chamada, porque foi pelos romanos composta das ordens gregas jonica e corinthia. V. *Ordens.*

COMPOSTA, s. f. (archit.) É preciso não confundir em architectura a ordem *composta*, e a ordem *composita*, por serem cousas totalmente differentes.

Ordem *composta* é uma composição arbitraria e caprichosa, differente das que são reguladas pelas cinco ordens; é, ou póde ser considerada como uma sexta ordem, e a *composita*, como se disse, é composta das duas ordens jonica e corinthia.

COMPRIMENTO, s. m. do lat. *compromissum*, fr. *longueur*, it. *lunguezza*, ing. *length*, (geom.) uma das tres dimensões dos corpos. V. *Dimensão.*

CONCAVIDADE, s. f. (*con*, do gr. *kénos*, ôco, e cavidade), lat. *concavitas*, ing. *concavity*, it. *concavità*, (geom.) espaço ôco da superficie interior de um corpo.

CONCAVO, A, adj. do lat. *concavus*, ôco, vasado, o contrario de convexo; (archit.) superficie interior de um corpo orbicular, como é a de uma abobada espherica, a que os operarios chamam: *cavado, curvo, arqueado.*

CONCENTRICO, A, adj. do lat. *concentricus*, (geom.) diz-se dos circulos, ou curvas que têem um centro commum.

CONCERTAR, v. a. do lat. *reficere*, fr. *arranger*, it. *riparare*, ing. *to repair*, (archit.) reparar, tornar a compor o que estava destruido, restabelecer um palacio, ou uma casa, renova-la, etc.

CONCERTO, s. m. de *concertar*, acção de pôr em ordem, reparação de cousa quebrada ou destruida, (archit.) reparação maior ou menor de um predio, ou de qualquer obra d'arte, principalmente das que pertencem ás de edificação.

CONCHOIDE, s. f. do gr. *conché*, concha, (geom.) linha curva que se approxima sempre de uma linha recta, sem jamais a tocar, de que os architectos se servem para traçar o contorno da columna, e que dizem ser inventada por Nicómedes, geometra grego. V. *Asymptota.*

CONCURRENTE, s. f. (geom.) é a linha que tende a encontrar-se. V. *Linhas.*

CONDUCTOR, s. m. do lat. *conductor*, fr. *conducteur*, it. *conduttore*, (archit.) termo moderno adoptado para designar o ajudante empregado sob as ordens de um architecto, ou engenheiro, para vigiar sobre a execução de trabalhos e obras publicas.

CÓNE, s. m. do gr. *kónos*, pinha, (geom.) solido ou corpo pyramidal que tem o plano circular, e termina em ponta ou bico.

Cóne truncado chama-se ao que é cortado na parte superior em sentido parallelo á sua base.

Cóne inclinado é o que não tem o vertice a prumo sobre o centro da base.

CONFIGURAÇÃO, s. f. do lat. *configuratio, onis*, (des.) fórma exterior dos corpos, que os faz conhecer e distinguir. «...assim este modelo produz a *configuração* da estatua.» Mach. de C., *Descrip. anal.*, p. XXVIII.

CONFIGURAR, v. a. do lat. *configuro, are*, representar a fórma ou figura de algum cousa; entende-se principalmente do corpo humano.

CONHECEDOR, A, s. m. ou f., do fr.

connoisseur, it. *conoscitore*, (t. comp.) pessoa instruida nas regras e preceitos necessarios para julgar com acerto de um quadro, estatua, gravura ou desenho: não é pois o mesmo que amador, porque este póde sê-lo sem conhecimento sufficiente para poder julgar das obras de bellas artes. V. *Amador, a.*

CONICO, A, adj. (geom.) em fórma de pinha, que pertence ao *cóne*, ou que tem a fórma de *cóne*.

CONJUGADOS, AS, adj. dos dois g., reunidos, acompanhados, (geom.) diametros *conjugados* são dois diametros de uma curva quando um é sempre parallelo ás cordas que o outro divide em duas partes iguaes. Ha tambem hyperbole, oval e axe *conjugados*.

Pedras conjugadas, (grav.) são pedras gravadas, em que as cabeças estão representadas sobre o mesmo perfil.

CONSERVADOR, s. m. do lat. *conservator*, a pessoa com habilitações necessarias para saber conservar pinturas, medalhas, livros, manuscriptos e outros objectos preciosos.

CONSERVATORIO. s. m. fr. *conservatoire*, (archit.) edificio com as salas, aulas e outras accommodações necessarias a um estabelecimento destinado ao ensino da mocidade, que se dedica principalmente á musica e ás artes e officios.

CONSTIPAR, v. a. do lat. *constipo, constipare, entupir*, fazer cerrar os poros do corpo: *constipar* o verniz dado sobre um quadro, tornando-se resequido e esbranquiçado, com o que lhe faz perder a viveza das côres.

CONSTRUCÇÃO, s. f. do lat. *constructio, onis*, fr. e ing. *construction*, it. *construzione*, hesp. *construccion*, acção de construir, fabricar, dispor as partes de um edificio; mas com especialidade se diz da construcção de uma nau, etc.

CONSTRUCTOR, s. m. do lat. *constructor*, architecto naval, que traça e dirige a construcção de navios.

CONSTRUIDO, A, p. p. de construir, e adj. edificado, fabricado.

CONSTRUIR, v. a. do lat. *construo, ere*, fr. e it. *construire*, hesp. *construir*, ing. *to build*, amontoar, edificar; (archit. civ., nav. e mil.) fabricar, dispor os fundamentos e as partes de um edificio, de uma casa, de um palacio: applica-se tambem a obras de fortificação, e á fabrica e construcção de navios.

CONTAS, s. f. pl. do lat. *globoli*, fr. *patenôtres*, ing. *chaplets*, (archit.) ornato miudo com fórma de perolas redondas, ou contas, que se applicam em algumas cimalhas e frizos, etc. V. *Perola*.

CONTORNADO, A, adj. (braz.) applica-se ás figuras de animaes, que em vez de terem a cabeça voltada para o lado direito do escudo, a tem voltada para o lado esquerdo.

CONTORNAR, v. a. do it. *contornare*, lat. *figuræ ambitum delineare*, fr. *contourner*, ing. *to draw the contours*, hesp. *contornear*, dar a uma figura qualquer, e a qualquer obra de arte o contorno que deve ter; assim o desenhador traça e *contorna* com o lapis sobre o papel os seus desenhos, o pintor *contorna* com o pincel sobre a téla as figuras, e mais objectos da sua composição, o esculptor *contorna* com o escopro sobre o marmore as fórmas da estatua, ou baixo relevo, o gravador *contorna* com a ponta ou com o buril, sobre a chapa de cobre ou aço, o desenho que pretende gravar, o architecto *contorna* o edificio, a columna, o vaso e os ornatos que decoram o mesmo edificio. V. *Perfilar*.

CONTORNO, s. m. do lat. *ambitus*, fr. *contour*, it. e hesp. *contorno*, ing. *the contours*, linha ou linhas que circumscrevem, ou terminam uma figura, ou as partes d'ella: *contorno* de uma columna, de uma estatua, etc. Os *contórnos* devem ser ligeiros, lançados com graça, principalmente na figura humana; devem ser correntes, correctos e ondeados, similhantes á chamma ou á serpente, segundo o preceito da arte:

> ... *Ignis flammantis ad instar,*
> *serpenti undantes flexu.*
>
> Du Fresnoy, *De art. graph.*

«porque não ha objecto algum, cujos *contórnos* e fórmas não se componham de figuras, e de linhas geometricas, simples ou compostas». Cyr., Conv., VI, pag. 65.

CONTORSÃO, s. f. do lat. *contorsio* ou *contortio, onis*, fr. *contorsion*, it. *contorsione*, ing. *contortion*, (pint. e esculp.) movimento violento que torce os membros, e os musculos dos animaes, e principalmente do homem: attitude forçada e desagradavel, que os bons artistas devem evitar, sem comtudo deixarem algumas vezes, e em poucos casos, de mostrar o esforço de que é capaz o ente animal. É sempre necessario seguir a verdade, e não caír no exagerado, excesso em que Miguel Angelo, apesar da sua grande sciencia, algumas vezes caíu, ultrapassando os limites do bello verosimil com o seu estylo fero.

CONTRA-ARMINHOS, s. m. pl. (braz.) campo negro ou de saibro com salpicos brancos.

CONTRABALANÇAR, v. a. V. *Abalançar, Equilibrar.*

CONTRABANDA, s. f. (braz.) peça que se lança no escudo ao contrario da banda. «Uma flor de liz de oiro em *contrabanda*». *Nobiliarch. Lusit.*, pag. 252.

CONTRABOTANTE, s. m. do lat. *erysma*, ing. *buttress*, (archit.) V. *Arco botante.*

CONTRACAIXILHO, ou CONTRAVIDRAÇA, ou CAIXILHO DOBRADO, s. m. do lat. *compages*, fr. *contre-chassis*, ou *chassis-doubles*, (archit.) caixilho guarnecido de vidro, panno ou papel, collocado defronte de outro, para tornar os quartos ou apartamentos mais fechados, e evitar que entre ar demasiado, ou luz excessiva, o que não só se usa em casas particulares, mas nos laboratorios dos esculptores, e de outros artistas.

CONTRACÇÃO, s. f. do lat. *contractio*, movimento pelo qual um membro ou musculo se contrahe ou encolhe.

CONTRA-CHEFE, s. m. (braz.) a nona peça honrosa, ordinaria, formada pelo espaço de campo de differente esmalte, que fica entre o lado inferior do escudo, e a linha recta parallela a esse lado. *Linha do chefe*, chama-se ao lado inferior, ou base do escudo.

CONTRACOTICADO, A, adj. (braz.) que tem no escudo a cótica ou banda lançada da esquerda para a direita.

CONTRACRUZAR, v. a. (des. e grav.) deitar linhas ou traços em direcção inversa a outros traços ou linhas já cruzados entre si. V. *Cruzar.*

CONTRACTURA, s. f. (arch.) diminuição que ordinariamente se faz a uma columna desde o terço até ao alto do fuste; *contractura*, segundo Vitruvio. V. *Diminuição.*

CONTRACUNHAR, ou RECUNHAR, v. a. do fr. *frapper la monnaie avec un nouveau coin*, (grav.) cunhar com diverso cunho peça já cunhada. A nova marca ou impressão é destinada a substituir totalmente a primitiva, quando o novo cunho abrange toda a extensão da peça; todavia nunca o apaga completamente, ficam sempre vestigios sensiveis da anterior, pelos quaes se conhece que a dita peça foi *recunhada.* Deve entender-se que n'esta operação, e em similhante caso, sempre se empregam dois cunhos, e não um só, embora ordinariamente se falle no singular. Quando porém se pretende marcar as moedas, para lhes legalizar ou assignar novo valor, emprega-se um só, e pequeno cunho com um emblema ou numero gravado. Este pequeno cunho denomina-se *carimbo*, e diz-se então que a moeda foi carimbada.

CONTRACUNHO, s. m. (grav.) impressão em sentido contrario ao da gravura do cunho, feita com este em materia ductil (chumbo, couro, metal fusivel, etc.) na mesma prensa em que deve servir. Ambos elles estão fixos: o cunho á base do parafuso ou pequena columna da machina, com o qual se move em sentido vertical; e o *contracunho* por baixo d'elle; de maneira que, de cada vez que se faz descer o cunho, ajusta este perfeitamente com o *contracunho.* Querendo sellar, mette-se o papel entre o cunho e o *contracunho*, e aperta-se ou bate-se-lhe com o cunho por meio da alavanca. A impressão fica em relevo de um lado, e em fundo do outro lado. *Frederico A. de Campos.*

CONTRA-EIXO, s. m. do fr. *contre-rivure*, (archit.) pequena chapa de ferro batida, que se mette entre a madeira e um eixo de ferro.

CONTRA-ESCARPA, s. f. (archit. mil.) talude ou declive do muro ex-

terior do fosso que olha para a praça. Estende-se tambem este nome á estrada coberta e á sua explanada.

CONTRAFACÇÃO ou CONTRAFEIÇÃO, s. f. do fr. *contrafaçon*, (jurid.) «delicto de que se tornam culpados os que fazem imprimir um livro em prejuizo do auctor, ou do livreiro, a quem o auctor cedesse o seu direito de propriedade ou privilegio». *Ferreira Borges:*—, (t. comp.) imitação fraudulenta que alguem faz das obras de outrem, e da mesma obra produzida por esta falsa industria, que é condemnada pelas leis: —, imitação, ou copia de obras de bellas artes, principalmente de pintura, com o fim de fingir, ou fazer acreditar serem essas obras da mão de algum auctor mais ou menos antigo.

CONTRAFACTOR, s. m. o que contrafaz, arremeda, e falsifica as obras alheias.

CONTRAFAIXA ou FAXA, s. m. (braz.) faixa dividida em duas meias faixas de dois esmaltes differentes.

CONTRAFAIXADO, adj. m. (braz.) escudo dividido em duas semifaixas, de côr ou esmalte diverso.

CONTRAFAZER, v. a. (de contra e fazer) do it. *contraffare*, imitar, arremedar, falsificar as obras de outrem.

CONTRAFECHO, s. m. (archit.) é a pedra em fórma de cunha, ou chave de um arco, ou platibanda, que é posta immediatamente á direita, ou á esquerda do fecho. V. *Abobada.*

CONTRAFEITO, s. m. (archit.) é uma capa de tábuas grossas ou tabuões, sobre a qual vae outra de tijolo secco ou argamassado por cima da curva da cambota para se apoiarem as aduélas do arco. O que não serve nos arcos grandes, porque n'estes se usa de uma serie de linhas atravessadas de madeira e juntas, em que se sustentam as aduelas, e a que se dá o nome de *cochins.*

CONTRAFIXA, s. f. do fr. *contrefiche*, (archit.) peça de madeira collocada obliquamente para fortificar, e escorar o madeiramento do telhado.

CONTRAFLOREADO, adj. m. do fr. *contre-fleuré*, (braz.) escudo que tem florões alternados e oppostos de sorte que a côr corresponde ao metal, e o metal á côr.

CONTRAFORTE, s. m. do fr. *contre-fort*, ou *éperon*, hesp. *contrafuerte*, ing. *spur*, (archit.) é um grosso pilar de alvenaria, com que se sustenta a parede de apoio de um terraço, a que tambem se chama em portuguez *gigante.* V. *Botaréu.*

CONTRA-LUZ, s. f. do lat. *lumen adversum*, fr. *contre-jour*, it. *lume falso*, ing. *false-light*, (archit., pint. e esculp.) luz opposta e contraria ao bom effeito das obras de bellas artes, e mórmente das de pintura: é phrase commum entre os artistas o dizer, que um quadro, ou uma estatua está *contra-luz*, que se não póde por isso gosar e apreciar a sua belleza, porque a luz lhe é contraria e desfavoravel.

CONTRAMOLDE, s. m. fôrma ou desenho inverso ao typo que se pretende obter: querendo, por exemplo, fazer uma peanha de barro, toma-se um *contramolde* de madeira, com o desenho inverso recortado, e passando-o sobre o barro fresco, obtem-se a peanha desejada. V. *Molde, Fôrma.*

CONTRA-MURO, s. m. do lat. *murus duplicatus*, fr. *contre-mur*, (archit.) é um muro pequeno ou dobrado, construido defronte de outro para o fortificar e resguardar de algum damno: não só se construem contra paredes medias, mas entre chaminés, fornos, forjas, poços, latrinas, etc.

CONTRAPANTES, adj. m. (braz.) assim se chama no escudo a dois animaes rapantes um defronte do outro.

CONTRAPASSANTES, adj. m. pl. braz.) assim chamam a dois animaes figurados um acima do outro, caminhando em direcções oppostas.

CONTRA-PILASTRA, s. f. do fr. *contre-pilastre*, (archit.) é uma pilastra collocada defronte de outra, dentro de uma galeria ou portico, para sustentar os arcos dobrados das abobadas.

CONTRAPONTADO, adj. m. (braz.) escudo que tem as pontas oppostas umas ás outras.

CONTRAPOR, v. a. pôr contra, ou uma cousa defronte da outra, variar as linhas e attitudes das figuras de um quadro, ou de um baixo-relevo, a planta e os ornamentos de um edificio, etc. V. *Contrastar.*

CONTRAPOSIÇÃO, s. f. acção de pôr duas ou mais figuras, ou cousas, em opposição, para as comparar: — variedade e differença de linhas e attitudes das figuras, ou objectos que formam a composição de um quadro, de um baixo-relevo, de um edificio, etc. V. *Contraste.*

CONTRAPOSTA, s. f. (braz.) diz-se de duas espadas, settas, etc., postas uma ao pé da outra em sentido contrario, uma com a ponta para baixo, e outra para cima.

CONTRAPROVA, s. f. do lat. *contra-typus,* fr. *contr'eprouve,* it. *contraprova,* (des. e grav.) chama-se assim a um desenho ou estampa, que se tira sobre um outro desenho a lapis, ou sobre uma estampa impressa de fresco, pondo-lhe em cima uma folha de papel molhada, fazendo-os passar pelos rolos de uma imprensa de talho doce, de modo que os traços são os mesmos, mas ás avessas, i. e., o que está n'um á direita fica no outro á esquerda.

CONTRAPROVAR, v. a. do lat. *contra-typum mandare,* it. *contrastampare,* tirar uma contraprova sobre um desenho, ou sobre uma prova de gravura impressa de fresco.

CONTRAQUARTEADO, adj. m. (braz.) chama-se assim ao escudo cujos quarteis são divididos cada um em outros quatro, fazendo ao todo dezeseis quarteis. Tambem se diz do mesmo quartel, que é dividido em outros quatro.

CONTRAQUARTEL, s. m. (braz.) quartel de um quartel do escudo.

CONTRARETABULO, s. m. *contre-rétable,* (archit.) é o fundo da decoração de um altar, sobre o qual se applica ou colloca um quadro, ou um baixo-relevo, e contra o qual algumas vezes se encosta o tabernaculo, i. e., o pavilhão que cobre o sacrario, em que está o Santissimo Sacramento.

CONTRASTAR, v. a. *contra,* e lat. *sto, are,* ter-se em pé, combater, oppôr-se, contrariar. Ainda que este vocabulo seja considerado synonymo de contrapôr, parece comtudo que em bellas artes se toma o vocabulo *contrastar* em um sentido mais amplo, e extensivo do que o de *contrapôr.* Geralmente fallando, entende-se que uma boa composição em qualquer ramo de bellas artes, principalmente em pintura e esculptura, deve apresentar contrastes naturaes e agradaveis, não offerecendo repetições desnecessarias ou inverosimeis. Assim as figuras devem *contrastar* umas com outras pela differença de suas attitudes e movimentos, e entre si pela opposição de seus membros: devem *contrastar* pela diversidade dos affectos e das paixões, pela composição dos grupos, e finalmente pelas massas de claro-escuro, variedade de colorido, etc. Em architectura deve o edificio *contrastar,* não só pela diversidade dos ornamentos e parte decorativa, mas, quando seja possivel e conveniente, pela parte distribuitiva de que constar o mesmo edificio, segundo a sua destinação e circumstancias.

«Para o heroe, e para as principaes figuras, escolham-se attitudes, cujos membros sejam grandiosos, amplos, e desiguaes nas suas posturas, de maneira que os de diante *contrastem* com os de trás.» Du Fresnoy., *N. Acad. de pint.,* p. 36.

CONTRASTE, s. m., opposição reciproca de partes pela qual se fazem valer entre si, e consiste: 1.º, na posição diversa de objectos juntos, e de cada um entre si; 2.º, nas massas de claro-escuro e variedade de colorido; 3.º, na diversidade dos sentimentos, dos affectos e das paixões. V. *Contrastar.*

«Do baixo-relevo de Meleagro, e de varias pinturas de Herculano, consta que elles (os antigos) sabiam bem grupar, quando lhes convinha, mas não gostavão de confusão; tambem conheciam o *contraste* ou contraposição, como os poetas e oradores conheciam a *antithese,* mas faziam-a natural, como nascida do seu assumpto, e não como filha de um grande esforço do genio, como fazem muitos artistas de agora, para os quaes o *contraste* é tudo e desculpa tudo.» Winckelmann. Cyrillo, *N. Acad. de pint.,* p. 83.

CONTRA-TALHE, s. m. do fr. *contre-taille,* (grav.) o *contra-talhe* consiste em cruzar com segundos ou terceiros talhes os primeiros que se deram sobre a chapa, ou seja em sentido obliquo ou em quadrado. V. *Cruzar* e *Contracruzar.*

CONTRATELAR, v. a. e adj. (pint.) pegar ou collar um panno so-

bre uma téla para a fortalecer, o que ordinariamente se faz para conservação de quadros arruinados e antigos.

CONTRA-TERRAÇO, s. m. do fr. *contre-terrasse*, (archit.) terraço levantado ao lado de outro terraço.

CONTRATIRAR, s. m. do fr. *contretirer*, (des. e grav.) é quasi o mesmo que calcar: ha varios processos para tirar desenhos e quadros. V. *Calcar*.

CONVENÇÕES, s. f. pl. do lat. *conventio, onis*, fr. e ing. *convention*, it. *convenzione*, termo generico que se applica ás bellas artes; por elle se entende o accordo, muitas vezes tacito, do espectador intelligente, approvando nas obras de imitação e de gosto os meios que o artista é obrigado a empregar pela necessidade, admittindo algumas ficções ou abstracções para conseguir o melhor effeito de suas obras. Portanto são *convenções* de arte a grandeza ou pequenez das figuras, o modo de as representar com diversas fórmas e attributos, e em differentes materias, o ponto em que devem ser observadas, o modo de distribuir a luz, a escolha das côres, etc.

«Chegando mesmo em certas occasiões a preferir as regras de *convenção* aos mais inalteraveis preceitos da arte.»

(Nota) — «Nas *convenções*, porém, deve haver grande prudencia theorica e discernimento judicioso».

Mach. de Cast., *Descrip. analyt.*, p. 130.

CONVENIENCIA, s. f. do lat. *convenientia*, fr. *convenance*, it. *convenienza*, ing. *convenience*, em geral é a relação das partes essenciaes de um sujeito, ou assumpto. Assim n'um edificio deve haver *conveniencia* entre suas proporções, grandeza, fórma e riqueza, ou simplicidade; e a categoria, representação e opulencia do dono ou proprietario, que o edifica. N'um quadro de composição deve haver *conveniencia* entre as relações do sujeito, e circumstancias do tempo, dos costumes, da edade e da dignidade das pessoas, do logar da scena, etc. O mesmo com as devidas differenças se deve applicar ás obras da estatuaria, e das outras artes de imitação.

CONVENTO, s. m. do lat. *conventus*, de *convenio, ire*, ajuntar-se, (archit.) reunir-se; casa de religiosos ou religiosas, que vivem em commum. V. *Mosteiro*.

CONVERGENCIA, s. f. do lat. *convergentia*, (geom.) posição de duas ou mais linhas que tendem a juntar-se n'uma só: —, é o contrario de *divergencia*.

CONVERGENTE, adj. dos dois g. do lat. *convergens, tis*, (geom.) diz-se das linhas rectas que se dirigem para o mesmo ponto, ou das curvas hyperbolicas da terceira ordem, cujos ramos tendem um para o outro, dirigindo-se para o mesmo lado.

CONVEXIDADE, s. f. do lat. *convexitas, atis*, (geom.) é a superficie exterior de um corpo redondo, o opposto á de concavidade.

CONVEXO, A, adj. do lat. *convexus, a, um*, (geom.) diz-se da face exterior de um corpo redondo, a que os praticos dão o nome de abaulado, fr. *bombé, renflé*. V. *Abaulado*.

COORDENADAS, s. f. pl. (geom.) são duas linhas rectas consideradas em sua disposição relativa, servindo a determinar a direcção de uma curva. Determina-se esta direcção trazendo cada ponto da curva a duas rectas perpendiculares uma sobre a outra: a uma chama-se *axe das abscissas*, a outra *axe das ordenadas*. V. *Linhas*.

CÓPA, s. f. do lat. *cúpa*, fr. *coupe*, it. *tazza*, ing. *a cup*, (archit.) vaso largo ou taça, aparador, abobada do forno.

COPÁDA, s. f. de copo, (archit.) parte espherica e saliente da base das columnas.

COPAL, s. m. do mexic. *copaltê*, nome generico das resinas, gomma ou resina, que se tira de uma arvore de Ceylão, que tem uso nas artes para fazer verniz *(verniz copal)*.

COPIA, s. f. do lat. *copia*, fr. *copie*, it. e hesp. *copia*, ing. *copy*, (t. comp.) desenho, quadro, estatua, gravura, modelo copiado ou executado por outra gravura, estatua, modelo, quadro ou desenho. Quando é o proprio auctor que faz a copia, chama-se-lhe *réplica*, e esta, aindaque feita pelo mesmo punho, sempre mostra menos liberdade e franqueza do que o original; comtudo ha *copias* tão

exactas e perfeitas que chegam a confundir-se com os originaes, tal foi a que executou André del Sarto do quadro de Raphael, representando o pontifice Leão X, copia que chegou, passados annos, a illudir Julio Romano, que havia trabalhado no mesmo quadro!

COPIADOR, s. m. o que copia desenhos, pinturas, esculpturas, gravuras: —, livro em que se copiam cartas, etc. V. *Copista.*

COPIAR, v. a. do lat. *exemplar effingere,* fr. *copiare,* ing. *to copy,* copiar, trasladar, tirar copia de qualquer obra de bellas artes.

COPIAR-SE, v. r., (t. comp.) repetir-se em todas as obras; não as saber variar, modificar ou innovar segundo a natureza e a arte. V. *Amaneirar.*

COPISTA, s. m. do lat. *servilis imitator,* fr. *copiste,* it. *copista,* ing. a *copier,* o artista que se limita unicamente a fazer, ou a executar copias, que não tem o genio ou o talento da invenção.

COR, s. f. contracção do lat. *color,* fr. *couleur,* ing. *colour,* it. *colore,* hesp. *color,* impressão que fazem sobre o orgão da vista os raios da luz reflectidos da superficie dos corpos; modificação dos raios da luz, que excita em nós as sensações, que nos fazem distinguir os objectos e chamar-lhes brancos, vermelhos, amarellos, etc. Chamam-se *côres primitivas* ás sete côres do espectro ou prisma solar: *roxa, anilada, azul, verde, amarella, alaranjada, vermelha.* Chamam-se-lhes tambem *côres simples,* porque d'ellas se podem conseguir differentes matizes, e infinitas gradações. Diz-se que duas côres são *complementares* uma da outra todas as vezes que ellas têem o branco por mistura. Chamam-se côres *compostas* as que são produzidas pela mistura de dois ou tres raios. Póde-se por meio da mistura e degradação das côres *primitivas,* obter uma infinidade de gradações e de tons. M. Chevreul formou em 1851 um *circulo chromatico,* composto de 612 matizes com tres côres primitivas. Outros dizem, que se podem obter até 819 combinações. Quanto ás côres variagadas, ou do *iris,* ellas devem essa propriedade á maneira por que as superficies recebem os raios luminosos, porque mudam ou variam de reflexo com a posição do objecto, e por conseguinte com o angulo segundo o qual esses raios vem a tocal-o.

CORDA, s. f. do lat. *chorda,* gr. *kordé,* fr. *corde,* it. *corda,* hesp. *cuerda,* ing. *corde.* Em geometria entende-se por toda a linha recta que une as extremidades de um arco de circulo. Em architectura, *corda do arco,* ou sustentante, é a que serve de base a uma porção de circulo. V. *Hypothenusa.*

Em anatomia chamam-se *cordas* aos tendões. *Corda de tripa,* são fios de linho, estopa ou lã, torcidos entre si, de que se fazem cordas de differentes grossuras, que têem diversas applicações, mesmo na arte de edificar. V. *Cabo.*

CORDÃO, s. m. do fr. *cordon,* de *corde,* corda, it. *cordone,* (archit.) moldura redonda, que se usa nas cornijas interiores dos apartamentos, e que algumas vezes são ornadas com flores e fructos. V. *Bocel, Bocelão.*

CORDÃOSINHO, s. m. dimin. de cordão, (archit.) moldurasinha redonda, com differentes applicações.

CORDEAR, v. a. (archit.) medir alguma cousa com corda. «*Cordear* e designar o edificio de Santo Antão.» Telles, *Hist. de companhia,* t. II, p. 21, col. 2.

CORDEL, s. m. (archit.) corda delgada de que usam os operarios para alinhar paredes, muros e outras obras, tomar medidas, e marcar as linhas para se cortarem as madeiras; *cordel almagrado,* ou tinto de almagre para assignar as linhas. V. *Fita.*

CORES, s. f. do lat. *colores,* (pint.) dá-se em pintura este nome ás substancias colorantes, simples ou misturadas, de que se faz uso para colorir os objectos. Os pintores empregam cinco *côres fundamentaes* com as quaes se formam todas as outras e suas differentes gradações e matizes, e são: o *branco,* o *amarello,* o *vermelho,* o *azul* e o *preto.* A escolha e preparação das drogas que entram na composição das côres é cousa de muita importancia, tanto para conseguir o bom effeito do quadro quando sáe das mãos do artista, como para evitar que

elle se altere consideravelmente no tempo futuro; pelo que convem que haja a melhor escolha e discrição sobre este ponto de tanto interesse para o credito do artista.

Chamam-se *côres transparentes* aquellas que deixam ver a côr sobre a qual ellas se applicam para lhe dar a tinta que lhe é propria. Chamam-se *côres locaes* aquellas que imitam fielmente as *côres* dos objectos naturaes, e que servem para os distinguir e caracterisar. Dizem-se tambem *côres tenras, amigas, ferozes, fundidas:* o tom, a harmonia, a união, a amizade das *côres*. V. *Colorido.*

CORINTHIO, A, adj. (archit.) capitel *corinthio,* ordem *corinthia,* a quarta, e a mais rica ordem de architectura, inventada em *Corintho.* V. *Ordem* e *Capitel.*

CORNELINA, s. f. do lat. *corneolus,* tão duro como corno, gr. *corallion,* coral, pela côr, ou de *carneolus,* côr de carne, variedade de agata calcedonia, de côr vermelha variante: é ordinariamente meio transparente, e muito procurada, sendo de côr igual; é susceptivel de polimento muito vivo, e emprega-se para gravar sinetes, e para outras gravuras em ôco. Vem do Brazil em grande quantidade, ignorando-se d'onde os antigos a extrahiam para as suas gravuras, de que ainda ha consideraveis collecções.

CORNIJA, s. f. do lat. *coronis,* gr. *korónis,* it. e ing. *cornice,* hesp. *cornija* ou *cornisa,* fr. *corniche,* cumieira, remate, coroamento, (archit.) é a terceira parte do entablamento. V. *Entablamento. Cornija* é o nome que se dá a varias molduras salientes, que coroam um corpo, como as de um pedestal, ou de outros objectos, mas principalmente se applica ás diversas ordens de architectura, onde é collocada a *cornija* sobre o friso do entablamento.

Na ordem *Toscana* tem a *cornija* menos molduras, sem ornatos; na *Dorica* é ornada de cachorros, ou de denticulos; na *Jonica* é algumas vezes ornada com molduras cortadas em denticulos; na *Corinthia,* que tem mais molduras, são estas muitas vezes cortadas com modilhões, e algumas vezes tambem com denticulos; na *Composita* ha denticulos, molduras recortadas, e canaes debaixo do tecto *(soffito.)*

Cornija de coroamento é a ultima que termina uma fachada que se chama *entablamento,* e sobre a qual descansa o esgoto, ou cano de um telhado ou cobertura, a que Vitruvio chama *extrema subgrundatio.*

Cornija em chanfro é a que não tem molduras.

Cornija continuada, ou *seguida* é a que em toda a sua extensão não é cortada por algum membro de architectura.

Cornija cortada é, pelo contrario, a que tem interrupções, e não é seguida.

Cornija circular é a que gira interior ou exteriormente em volta de um salão ou zimborio.

Cornija rampante é a de um frontão angular.

Cornija architravada é a que se confunde com a *architrave,* supprimindo o friso. É raro executar-se esta *cornija* sobre as ordens. Acha-se um exemplo antigo do tempo de Constantino, com uma *cornija* sustentada pelas columnas corinthias no portal da egreja de Notre-Dame das Donas em Avinhão, etc.

CORNIOLA, s. f. V. *Cornelina.*

CORO ou CHORO, s. m. do lat. *chorus,* do gr. *khorós,* fr. *chœur,* it. e hesp. *coro,* ing. *choir,* (archit.) parte da egreja onde se ajuntam os padres para rezarem e cantarem os officios divinos; o côro ordinariamente é collocado na entrada do templo, sobranceiro á nave em frente do altar mór; ou por detrás d'este, no fundo da capella mór ou abside, segundo o gosto romano: d'este desenho temos bons exemplos no côro da egreja de S. Vicente de Fóra, e no da egreja do extincto convento de S. Domingos de Bemfica. V. *Abside.* Sobre os coros das egrejas conventuaes, parochiaes ou cathedraes da edade media. V. *Diction. raison. d'archit. franc.,* de M. Viollet-le-Duc, t. III, p. 226.

COROA, s. f. do lat. *corona,* gr. *koroné,* fr. *coronne,* it. e hesp. *corona,* ing. *crown,* (archit.): 1.º, significa um plano que termina por duas circumferencias concentricas; 2.º, um ornamento de esculptura representando um symbolo da dignidade real

e dos grandes homens; 3.º, o membro mais forte de uma cornija, a que Vitruvio collectivamente dá o nome de *corona*, para designar toda a cornija; 4.º, finalmente a cabeça de uma estaca, que é muitas vezes coroada de uma lança.

COROAMENTO, s. m. (archit.) Assim se chama em architectura a todo o ornamento que serve de remate a qualquer decoração de architectura, como estatua, vaso, cornija, frontão, balaustrada, etc.

COROAR, v. a. do lat. *corono, are,* (archit.) Pôr corôa, collocar o remate do edificio, a cornija, a estatua, o grupo.

COROLLITICA, adj. f. de *corolla* (archit.) columna ornada de folhas e flores em espiral ao redor do fuste, ou por corôas e festões, de que os antigos se serviam para elevar estatuas e os arcos de triumpho.

CORONIDE, s. f. do lat. *coronis,* (archit.) corôa, remate, complemento, cornija. *Agiol. Lus.*, t. 2, p. 659.

CORPO, CÓRPOS, s. m. do lat. *corpus, oris,* gr. *kroós,* carne, e *poió,* fazer: substancia material, extensa, solida, divisivel, etc. (t. comp.) Em anatomia *corpo* é o tronco, que comprehende a columna vertebral, o peito e a bacia; chama-se tambem *corpo* á parte principal de cada osso, e de cada musculo, o *corpo* do femur, o *corpo* do sphenoide, etc. Em desenho, pintura e esculptura tambem se diz *corpo* da figura e da estatua, etc.; e dá-se o nome de *meio corpo,* principalmente em esculptura, á imagem de vulto, que termina na cintura, e é maior que o busto. Em architectura *(œdium membrum)* é toda a saliencia que excede o nú ou superficie de uma parede ou muro, como um plintho, ou outra qualquer decoração.

Corpo de casas é um edificio comprehendido entre duas paredes de face, e é *simples* quando consta de uma só peça, e quando tem duas, entre suas paredes, chama-se *corpo dobrado.*

CORPORATURA, s. f. do lat. *corpuratura,* Vitruv. (ant.), a configuração do tronco do corpo humano, a corpulencia, a fórma ou vulto exterior.

CORRECÇÃO, s. f. do lat. *correctio, onis,* fr. e ing. *correction,* it. *correzione,* hesp. *correccion,* acção de corrigir. É, principalmente, na pintura e esculptura, a exacta representação dos contornos, e do systema anatomico da figura, tirada de bom modelo. A *correcção* do desenho depende do conhecimento das proporções e das fórmas, e estas do estudo da anatomia. Ticiano nem sempre era correcto em seus desenhos: Poussin e outros pintores desenhavam correctamente; mas nenhum pintor póde comparar-se a Rafael na *correcção* do desenho.

CORRECTAMENTE, adv. com exactidão, precisamente, sem erro.

CORREDIÇAS, s. f. pl. do lat. *cancelli ductiles,* ou *canales,* fr. *coulisses,* it. *canali,* ing. *gutters,* hesp. *correderas,* (archit.) toda a peça de madeira, ou de metal com sulcos ou entalhes, sobre os quaes se faz correr uma porta, ou vidraça para se fechar ou abrir: a mesma porta, janella, etc., que corre sobre esses sulcos.

Corrediças de theatro, bastidores. V. *Bastidores.*

Em anatomia é uma das articulações. V. *Articulações.*

CORREDOR, s. m. do it. *corridore,* lat. *transitus,* fr. e ing. *corridor,* hesp. *corredor,* galeria, (archit.) é um passadiço entre uma ou duas ordens de quartos, para os fazer communicaveis e independentes. Os *corredores* são principalmente necessarios nos hospicios, nas communidades e outros estabelecimentos, que demandam grande numero de quartos, e de pequenos apartamentos: elles devem ser, quanto possivel, largos e claros.

CORREGER, v. a. (ant.) V. *Corrigir.*

CORREGESCO, A, adj. (pint.) estylo de pintar imitando o de Corregio, e assim diz-se pincel *corregesco,* pintura *corregesca.* «N'esta havia menos vigor masculino, e mais graça feminil, que nas do pincel *corregesco*» *Cyr. Conv.*, t. III, p. 9.

CORRER, v. a. do lat. *curro, ere,* fr. *courir,* ou *curre,* ing. *to run,* it. *córrere,* (archit.) correr com o edificio. *Correr molduras,* isto é, usar das ferramentas proprias para fazer as molduras que decoram as salas, di-

videm os taboleiros e outros logares que são emoldurados.

CORRESPONDENCIA, s. f. acção, e effeito de corresponder: —, accordo das partes entre si, connexão, symetria, etc. V. *Acôrdo, Symetria.*

CORRIGIR ou CORREGIR, v. a. do lat. *corrigo, ere,* emendar, tirar os erros, reformando o desenho, a pintura, etc.

CORRIMÃO ou CORREMÃO, de *correr* e *mão,* (archit.) peça de madeira, pedra ou metal collocada ao comprimento, e aos lados das escadas, para que as pessoas que sobem ou descem, o façam com segurança, correndo a mão por ella.

CORTADOR, s. m. (grav.) instrumento cortante de aço com dois chanfros, de que se servem os gravadores para cortar metaes, e para fazer punções.

CORTAMÃO, s. m. do lat. *norma,* fr. *equerre,* it. *squadra,* hesp. *escuadra,* ing. *rule,* (archit.) instrumento de metal, madeira ou outra materia, formado de dois braços em angulo recto, que serve para tirar esquadrias ou meias esquadrias, e que tem muito uso entre artistas e artezanos.

CORTAR, v. a. do lat. *curto, are,* fr. *couper,* it. *tagliare,* ing. *to cut,* separar, abrir com instrumento cortante, talhar; termo que tem muitas significações nas artes: em architectura e em esculptura diz-se: *cortar* bem uma pedra para servir no edificio; cortar bem a madeira e a pedra para a imagem ou estatua: em gravura diz-se: Callot *cortava* muito bem o cobre, isto é, gravava com propriedade, franqueza e com igualdade, segundo o forte ou o fraco.

Cortar bem o gesso, fazendo molduras e ornamentos á mão.

CÓRTE, s. m. de cortar, do lat. *sectio,* desenho geometrico da secção vertical de um edificio, que tem por fim descobrir a distribuição do interior de um qualquer edificio. V. *Planta* e *Alçado.*

Córte de pedras é a arte de talhar ou cortar as pedras, conforme as suas applicações. V. *Stereotomia.*

Córte falso é a direcção de uma junta de cabeça em uma aduela, obliqua a respeito do arco ao qual ha de ser perpendicular para a boa edificação.

CÓRTES, s. m. pl. Chamam-se *córtes* ás faces inclinadas das juntas das pedras de um arco.

Tambem se dizem *córtes* as faces que o esculptor manda fazer na madeira ou pedra, quando começa o trabalho de uma imagem, estatua, ou grupo, segundo as suas fórmas e attitudes, e o mesmo se applica aos trabalhos de ornamentos, etc.

CORTINA, s. f. do lat. *cortina,* fr. *courtine* ou *rideau,* ing. *a courtain,* it. e hesp. *cortina,* (archit.) em architectura civil é uma fachada de edificio comprehendida entre dois pavilhões: e em architectura militar é o lanço da muralha entre os flancos de dois baluartes.

CORUCHÉU, s. m. do fr. *couvre-chef,* de *couvre,* cobre, e *chef,* cabeça ou *epier,* ing. *spire,* (archit.) remate pyramidal de um edificio, e principalmente na architectura da edade media, que rematava as torres e campanarios. Na Batalha é ainda chamado o *coruchéu* da cegonha, destruido por um raio, que hoje cuidam de concertar. V. *Acoruchado.*

«Com particular cuidado
Fez de Corsica os Cabeços,
Que desde longe parecem
De edificios coruchéus.

Vieira Lusitano, *O insig. pint.,* p. 144.

COSMORAMA, s. m. do gr. *cosmos,* mundo, e *orama,* vista, isto é, representação, ou quadro do mundo inteiro, especie de diorama, estabelecido em Paris em 1808 pelo abbade Gazzera, sabio piemontez, com o fim de formar uma collecção de quadros, representando os sitios e os monumentos mais notaveis de todas as partes do universo. O *cosmorama* formou-se em 1832 e constava então de 260 quadros; hoje acha-se muito augmentado, e generalisado o seu uso. V. *Diorama.*

COSTUMES, s. m. do lat. *consuetudines,* de *consuetudo,* o conhecimento dos *costumes,* proprios de cada epoca, de cada paiz e de cada individuo, tem uma importancia incontestavel, tanto para as artes como para a historia. Elle comprehende: 1.º, tudo que tem relação com os usos, *costumes,* vestuarios, armas, physionomia e modo de viver de cada povo; 2.º, tudo que tem relação com a chronologia,

a ordem dos tempos, e com a verdade de acontecimentos conhecidos e comprovados. Paulo Veronez, e grande parte da escola veneziana, caíu na falta da observancia das leis do *costume*. Por *costumes* em geral se devem tambem entender os *bons costumes (mores)*, que o verdadeiro artista deve observar em suas composições, fugindo de representar factos indecentes e obscenos, que possam escandalisar os olhos de seus espectadores. Consultem-se, entre outros, a Maillot, *Recherches sur les costumes*, París, 1804, 3 v.; a Lacroix et Ferdderé, *l'Histoire complete des costumes de l'Europe*, 10 v. 1852-1854, e a outros. «Elle cortezão parece pelo *costume* dos trajos.» *Ulisipo*, 2, sc. 1. V. *Usos*.

COSTURA, s. f. do lat. *consutum*, fr. *couture*, it. *cucitura*, ing. *sewting*, (archit.) juncção de duas ou mais tábuas, ou pranchas de chumbo sobre um tecto.

COTA, s. f. a mesma raiz (archit.) nota, marca, indicação das medidas de qualquer edificio.

COTAR, v. a. do lat. *quotare*, de *quotus, a, um*, fr. *coter*, it. *notare*, ing. *mark*, (archit.) marcar com as cotas, ou algarismos as medidas de desenhos de um edificio: —, o aterro ou elevação dos planos, e outras indicações necessarias.

CÓTICA, s. f. do fr. *cotice*, (braz.) peça similhante á banda, mais estreita do que ella, e lançada como ella através do escudo.

COTICADO, adj. m. (braz), diz-se do escudo ou da peça que tem cóticas de varias côres. «Em escudo ovado uma asna azul, *coticada* de negro.» *Nobiliarch. Portug.*, p. 260.

COTOVÊLO, s. m. do lat. *cúbitus*, fr. *coude*, it. *cubito*, ing. *elbow*, hesp. *cobdo* ou *codo*, medida antiga, (anat. e archit.) Em anatomia, o cotovelo no corpo humano é formado pela apophyse olecranea na parte posterior da articulação do braço com o antebraço. Em architectura é um angulo obtuso na extensão de uma parede, ou muro de frente ou medio, considerado por fóra, e uma curva, visto por dentro. Vitruvio chama aos cotovelos *ancones*. Assim tambem se usa d'esta palavra fallando em voltas tortuosas de rios, mares, ruas, etc.

COTOVÊLOS DE ABOBADA, (archit.) palavra que exprime os angulos ou curvaturas que formam as abobadas, á maneira do cotovelo ou dobradura que faz o braço com o antebraço no corpo humano.

COUCEIRA, s. f. do lat. *calx, cis*, calcanhar, couce, (archit.) peça de pedra ou madeira, que se colloca de baixo da porta, entre suas hombreiras, excedendo o nú da parede, em fórma de degrau, *lapis liminaris*.

COURAÇA ou COIRAÇA, s. f. aug. de coura, do fr. ant. *coirasse*, hoje *cuirasse*, armadura de peito e espaldar; eram de couro cobertas de laminas ou malhas de ferro, de metal, de seda, em muitas dobras, ou acolchoadas. Hoje é armadura do peito e das costas, feita de aço á prova de bala, e forrada por dentro com acolchoados. Tambem se chamava *couraça*, na fortificação antiga, ao corredor com parapeito, para dar entrada e passagem abrigada dos tiros.

COVA para cisterna: —, excavação para alicerces de casas.

CÓXIA, s. f. do fr. *coursie* ou *coursier*, it. *corsia*, passagem ou lados da nave das egrejas: —, corredor ou galeria estreita para dar passagem nas platéas dos theatros: —, corredor largo com camas a uma e outra parte nos hospitaes.

COZINHA, s. f. do lat. *culina*, it. *cucina*, hesp. *cocina*, fr. *cuisine*, ing. *kitchin*, (archit.) é a casa em que se preparam os alimentos, que de ordinario é collocada no pizo inferior abobadado, e em tudo deve ser proporcionada á grandeza do palacio, do edificio, ou do estabelecimento a que é destinada. Deve constar de uma chaminé, fogão, forno, lavatorio, alem de uma banca de pedra ou madeira para uso do cozinheiro.

CRÁCA, s. f. do fr. *creux*, ôco, (archit.) canelura, meia cana das columnas estriadas. V. *Estria*.

CRANCELIM, s. m. (braz.) parte da corôa com flores, posta em banda pelo meio do escudo.

CRANEO ou CRANIO, s. m. do lat. *cranium*, do gr. *kranion*, de *kárénon*, cabeça, caixa ossea de fórma oval, composta de oito ossos. V. *Cabeça*.

CRASTA, s. f. (ant.) V. *Claustro*.

CRAVAÇÃO, s. f. acção de cravar: —, o trabalho de cravar e engastar pedras preciosas.

CRAVA-ESTACAS, fr. *sonnette.* V. *Macaco.*

CRAVAMENTO, s. m. a operação de cravar estacas no terreno, e diz-se *cravamento de estacas.*

CRAVAR, v. a. pregar, fixar; (archit.) cravar, segurar telhas, ou tijolos com cal, argamassa, ou betume.

CRAVEIRO. V. *Palmo.*

CRAVO, s. m. do lat. *clavus,* de *claudo, ere,* fixar, fechar; prego, cravo. Em termo de estatuario, de ornatista ou canteiro, é uma especie de prégo, que apparece na pedra ou marmore calcareo de côr negra e dura, como pederneira, onde, chegando o escopro ou outro instrumento, lança fogo.

CRÉ, s. m. do lat. *creta,* fr. *craie,* giz, especie de carbonato, que se diz nascer e haver abundancia na ilha de Creta, e que se usa nos apparelhos de pintura. V. *Grêda.*

CREADOR, s. m. do lat. *creator, oris,* o que deu o ser a alguma cousa. «Creador da peça». Machado de Cast. V. *Inventor.*

CREAR, v. a. do lat. *creo, are,* fazer nascer, dar existencia. V. *Inventar.*

CRESCENTE, adj. dos dois g. do lat. *crescens, tis,* p. a. de *cresco, ere,* crescer; (pint.) que vae crescendo e augmentando em volume.

CRESCENTE, adj. e s. (archit.) na architectura arabe é o nome que se dá ao arco maior do que o semicircular.

CRESCER, v. a. do lat. *cresco, ere,* derivado do gr. *kraira,* altura, cabeça; (pint.) applica-se ás tintas, que com o tempo se vão augmentando em altura e corpo, como observâmos n'alguns quadros antigos.

CRESPIR ou CRISPIR, v. a. do lat. *crispo, are,* (pint.) ondear, fazer aspero ou crespo: —, salpicar as paredes com broxa para imitar pedras de varias côres.

CRISTA, s. f. do lat. *crista,* gr. *kroos,* carne, e *stáo,* estar direito, fallando da crista de gallo, fr. *crite,* ing. *cop,* it. e hesp. *cresta* (archit.). Assim se chama por analogia á parte mais elevada do telhado das casas, composta de telhas curvas. *Crista* a que tambem se dá o nome de aresta ou espigão: — (braz.) peça de ferro em fórma de *crista,* que orna o alto do elmo ou capacete. V. *Grimpa.*

CRISTAL ou CRYSTAL, s. m. do lat. *crystallum,* gr. *kryos,* gêlo, e *stelló,* contrahir, quartzo limpido de Hany, pedra ou especie de vidro muito transparente, a que vulgarmente chamam *pedra de rocha,* sobre a qual, e da qual se fazem gravuras, seguindo os mesmos processos que se seguem na gravura de pedras finas.

CRISTALLISAÇÃO ou CRYSTALLISAÇÃO, s. f. (chim.) acção e effeito de crystallisar: —, o processo por que se opera a cristallisação.

CRISTALLISAR ou CRYSTALLIJAR, v. a. reduzir a crystaes, congelar em fórma de crystal.

CRISTALLOLOGIA ou CRYSTALLOLOGIA, s. f. do lat. *cristallum,* e gr. *logos,* discurso, tratado, sciencia dos crystaes.

CRU, adj. m., *crua,* f. do lat. *crudus, a, um,* cru, aspero, secco, fr. *crú,* it. e hesp. *crudo,* ing. *creu* (pint.). *Tom cru,* que não se une, nem se confunde e harmonisa com o tom que lhe fica proximo; *côr crua,* côr viva, muito inteira. Diz-se que a luz ou a sombra é *crua,* quando os grandes claros não são separados dos grandes escuros pelas meias tintas e passagens. V. *Secco, Duro.*

CRUEZA, s. f. do lat. *cruditas, atis,* (pint.), qualidade do que é cru, aspero, etc. V. *Dureza.*

CRUSTA, s. f. codea, do lat. *crusta,* fr. *croute,* it. e hesp. *crosta,* ing. *crust,* (pint.) aberturas, eivas ou regos, que se vêem em quadros antigos, aos quaes, caíndo-lhes a tinta a bocados, como codea ou escamas, ameaçam proxima ruina.

CRUZ, s. f. do lat. *crux, cis,* fr. *croix,* it. *croce,* hesp. *cruz,* ing. *cross,* (archit.) instrumento composto de duas peças que se cruzam em angulos rectos, e que era o antigo patibulo dos malfeitores, e sobre ella quiz morrer para nos remir do peccado o nosso Divino Redemptor Christo Jesus. O imperador Constantino, abraçando a fé catholica, prohibiu o supplicio da cruz, em honra do Divino Salvador.

As fórmas da *cruz* têem variado a,

saber: a *cruz latina* † que é a mais conhecida e cujo braço horisontal é mais pequeno do que a haste vertical; a *cruz grega*, + cujos quatro braços são iguaes, cortando-se em angulos rectos; a *cruz* de Malta ou de Jerusalem, ✠ que como a grega tem os braços iguaes, com a differença de haver as extremidades em fórma de *cruz* de brazão e chanfradas; a *cruz de Santo André*, X em fórma de aspa ou X romano.

A *cruz* considerada como peça de brasão é a primeira, e a mais distincta entre as peças honorificas.

A *cruz latina* serve de remate ás egrejas e outros monumentos sagrados, ás campas e mausoléus, etc.

A *cruz de Santo André*, pela fórma de dois paus diagonalmente cruzados, serve na arte da edificação de segurar e prender a parte culminante de um tecto, de fortificar um lanço de parede em madeira, etc., *cruz decussata*.

CRUZAMENTO. V. *Encruzamento*.

CRUZAR, v. a. dar, ou pôr em fórma de cruz, (des. e grav.) é lançar linhas, traços ou riscos iguaes e parallelos sobre um plano, e deitar outros traços ou riscos em direcção contraria ou inversa, de modo que formem entre si angulos rectos. Este exercicio é proprio de desenhador, que de ordinario desenha com lapis ou penna sobre o papel, e ainda mais do gravador com o buril ou á ponta secca sobre o cobre ou aço. V. *Contracruzar*.

CRUZEIRO, s. m. fr. *croisée*, ing. *window*, it. *crociata*, hesp. *crucero*, (archit.) parte da egreja a meio da nave principal, e do altar mór, onde forma o encruzamento com os dois lados ou naves; se todas as quatro partes ou braços são iguaes chama-se cruz grega, e quando são mais curtos os braços lateraes, chama-se cruz latina, que é o plano mais geralmente adoptado nas nossas egrejas.

Chama-se tambem *cruzeiro* a uma grande cruz de pedra, que se põe nos adros de algumas egrejas, em praças publicas e estradas.

CRUZETA, s. f. dimin. de cruz, do it. *zanche*, (archit.) molduras de um ornamento de porta ou janella de sacada, que volta em seus angulos acima do prumo da base.

Cruzeta, peça de madeira formada de duas réguas, uma perpendicular e fixa, sobre uma base grossa, e outra horisontal e movel, que encaixa sobre a primeira, tendo esta furos a espaços, para n'ellas se suspender a segunda, em logar e altura conveniente, com uma fita nos extremos, onde se penduram as estampas ou desenhos, que servem de exemplares aos estudantes. Estas *cruzetas* collocam-se sobre as bancas, ou carteiras em que se desenha.

Cruzetas são tambem os gessos de coberturas ao lado das trapeiras.

CRYPTA, s. f. lat do gr. *kriptos*, escondido: (archit.) termo que não dá uma idéa exacta do objecto que representava entre os gregos e romanos. A *crypta* antiga assimilhava-se muito ao nosso *claustro*, porque era uma galeria comprida e estreita, ao rez do chão (e não subterranea, como ordinariamente se entende), fechada por paredes nos dois lados, recebendo luz por uma quantidade de janellas abertas em uma das paredes lateraes, que a seguiam por ambos os lados: eram levantadas estas galerias algumas vezes como edificios publicos para commodidade do povo nos campos de pessoas ricas (Senec. de Ira, III, 18), como dependencias de grandes casas, ou passeios unidos a um theatro (Suet. Cal. 58); mas ordinariamente eram unidas a um portico, ou columnata aberta, como se deprehende de muitas inscripções. (Muratori, *Inscript.* p. 481, 4; *Reines, Syntagm. inscript.* II, 28.) Estas *cryptas* davam ao povo um commodo agradavel quando havia calor, ou mau tempo *(Antiq. rom.* e *greg.)*.

Crypta, pelo andar do tempo veiu a applicar-se nos primeiros seculos do christianismo aos logares occultos e subterraneos para onde se recolhiam os christãos a celebrar seus mysterios. O mesmo nome se dá ás capellas ou egrejas subterraneas e abobadadas, collocadas em algumas das cathedraes, etc. «Aquellas covas não pareciam carceres de captivos forçados, mas representavam os cemiterios, e *cryptas* antigas, aonde os santos martyres em Roma voluntá-

riamente se recolhiam. » Telles, *Chron. da comp.* 1, 2, 34. V. *Catacumbas.*

CRYPTO-PORTICO, s. m. do lat. *crypto-porticus,* (archit.) portico ou entrada para uma *crypta,* galeria, ou gruta occulta ou subterranea.

CUBERTURA, s. f. V. *Cobertura.*

CUBICAR, v. a. considerar a fórma dos corpos em sentido cubico. *Cubicar* uma grande massa ou pedra para avaliar os metros que mede.

CUBICO, A, adj. palmo *cubico,* medida *cubica,* isto é, considerada por todas as faces.

CUBICULO, s. m. do lat. *cubiculum,* diminut. de *cubile,* quarto de dormir, fr. *petit chambre,* (archit.) significa: 1.º, um pequeno quarto ou apartamento, em que ha um leito ou um sofá para dormir; 2.º, pequena cella ou dormitorio em casa de religiosas, e nos conventos dos cartuxos um pequeno aposento ao rez do chão, junto de um jardim.

CUBO, s. m. do lat. *cubus,* gr. *kúbos,* dado, (geom.) corpo solido, regular, composto de seis faces quadradas, iguaes entre si, e cujos angulos são todos rectos, a que tambem se dá o nome de *hexedro.*

CUCURECHÉO, s. f. do fr. *couvre-chef,* cobre a cabeça, capacete, (archit.) chave de uma abobada; —, lanterna, segundo corpo ou torresinha de uma cupula, por onde entra a luz.

ÇUJAR, e seus derivados. V. *Sujar.*

CUMIEIRA, s. f. do gr. *akme,* ponta, ou do lat. *culmen,* cimo, cume, tôpo, (archit.) a parte mais alta do tecto das casas, peça comprida de madeira posta horisontalmente para servir de apoio ás extremidades superiores dos caibros. (Barros, 2. 171.) V. *Asna.*

CUMIEIRA DE CHUMBO, fr. *bourseau,* (archit.) toalha ou prancha de chumbo, que cobre a juncção que forma o cume com a mansarda em uma cobertura, fr. *bresis* ou *brisis.*

CUNEIFORME, adj. dos dois g. e s. do lat. *cuneiformis,* que tem a configuração de cunha, (anat.) dá-se este nome: 1.º, ao osso sphenoide; 2.º, ao osso pyramidal do carpo; 3.º, á apophyse basilar do osso occipital; 4.º, aos tres ossos da segunda fileira do tarso, chamados o *grande,* o *medio* e o *pequeno cuneiforme.*

CUNHA, s. f. do lat. *cuneus,* gr. *kónos,* fr. *coin,* it. *conneo,* ing, *corner,* (archit.) pedaço de madeira, de ferro ou de outra materia dura, em fórma de plano inclinado, terminando em angulo agudo n'uma das suas extremidades, que serve para rachar lenha, fender pedra, para separar, apertar ou levantar qualquer cousa, e tem outros usos na arte da edificação.

Cunha de arco, ou de *abobada,* fr. *voussoir* ou *voussure,* (archit.) pedra que forma com outras a volta do arco ou da abobada; umas d'estas pedras têem a cabeça igual, isto é, da mesma altura, e outras têem-a desigual, como as quadradas, e as que têem o comprimento na grossura da parede.

Cunha de resalto, fr. *voussoir à crossettes,* a pedra que volta ao alto para ligar com outra que assenta de nivel.

Cunha de braços ou *ramos,* é a que, sendo bipartida, faz ligação com os pendentes de uma abobada de aresta. V. *Saimel, Aduéla, Feixo, Juntas, Leitos, Intrados, Estrados, Cabeça* ou *Face,* isto é, as seis faces *(panneaux)* de que consta uma *cunha* de abobada.

CUNHADOR, s. m. o que grava e cunha moeda ou medalhas. V. *Gravador.*

CUNHAL, s. m. pedra ou pedras, que formam o angulo do edificio, ou o mesmo angulo ou esquina, do lat. *angulus,* fr. e ing. *angle,* it. *angolo,* hesp. *rincon.* V. *Angulo.*

CUNHAR, v. a. — moedas ou medalhas, é produzir impressão completa dos cunhos *averso* e *reverso* em lamina metallica, pela força de uma ou de muitas pancadas, em prensa de cunhagem.

Para *cunhar* ou sellar papeis, emprega-se um só cunho, e as impressões fazem-se em prensa de pequena força com auxilio de contra cunho, quando o sello é de relevo.

CUNHO, s. m. derivado de *cunha,* (grav.) corpo de metal gravado ordinariamente em fundo, destinado a produzir impressões em relevo, por meio de choque ou de simples pressão, em machina denominada *de cunhar.*

Os *cunhos* de moeda e de medalhas são feitos de aço, gravados immediatamente a buril, e com pequenos punções de letras, ornatos, emblemas, etc., tambem feitos de aço, em relevo e temperados. N'estes *cunhos* a superficie gravada e a opposta devem ser parallelas, e do lado da primeira torneia-se uma pequena parte em fórma circular, e portanto cylindrica, cuja secção, parallela á base, determina a grandeza e fórma da moeda ou medalha. Se o *cunho* deve conter busto ou quaesquer figuras, gravam-se estas, ou immediatamente em fundo no proprio *cunho*, ou em peças distinctas e em baixo relevo, isto é, fazem-se punções: estes, depois de temperados, cravam-se ou imprimem-se a martello, ou por meio de prensa, na peça de aço destinada para *cunho*.

Para estas duas especies, *moedas* e *medalhas*, gravam-se dois *cunhos* *averso*, ou face principal, e *reverso*, ou face opposta. Torneados, temperados e polidos, sendo de moeda, fixam-se os *cunhos* na machina de cunhar com as gravuras encontradas, mette-se-lhes de permeio uma lamina circular de metal, a qual é abraçada por uma argola tambem circular de aço, que abraça igualmente a parte cylindrica de ambos os *cunhos*, põe-se a machinha em movimento, e com uma só pancada ou forte pressão, fica a laminha cunhada ou impressa em ambas as faces.

Ha pouco se cunharam trinta chapas em um minuto.

Para cunhar medalhas não se fixam os *cunhos* á machina: collocam-se convenientemente um sobre o outro com intermedio da lamina metallica dentro da argola de cunhagens que abraça esta, e tambem a parte torneada e mais estreita dos dois *cunhos;* e depois faz se trabalhar a prensa, isto é, dando-lhe tres ou mais choques. Não fica, porém, a medalha cunhada, fica apenas com um embrião dos relevos, mórmente se a gravura é funda e grande o diametro.

O metal encrua com os choques, fica muito duro: torna-se macio recozendo-o, isto é, aquecendo-o ao rubro. Recomeça-se a operação, e a mesma se repete cinco, dez, vinte e mais vezes, conforme a altura do relevo e o módulo ou diametro da medalha. A medalha que precisar ir vinte vezes á prensa, levará pelo menos sessenta pancadas ou choques, para ficar cunhada. *F. A. de Campos.*

CUPOLA ou CUPULA, s. f. do lat. *tholus*, gr. *kupellon*, it. *cupola*, fr. *coupole*, hesp. *copa*, ing. *cupula*, (archit.) abobada espherica, em fórma de taça ou cópo reverso, que domina um edificio circular. A *cupula* differe do domo, porque este designa principalmente a parte exterior, e aquella indica antes a parte interior ou concava. As *cupulas* mais elevadas são a do Pantheon em Roma, construida antes de Jesus Christo, e que mede mais de 45 metros; a de S. Pedro de Roma, construida em 1580 por Bramante, Miguel Angelo e Vignola, e tem de altura 43 metros; e a de Santa Genoveva em París. V. *Domo.*

CURIOSO, A, adj. do lat. *curiosus, a, um*, de *curo, are*, cuidar, ter grande desejo de ver, de aprender, de saber, fr. *curieux*, it. *virtuoso*. Tambem se toma como substantivo; e n'este sentido se diz que um sujeito é *curioso* de pintura, de esculptura, de gravura, de musica, etc. «...e aos *curiosos* d'ella (pintura).» Filip. Nun., *Prol.* 1. «*Curioso* de pinturas e illuminações.» Cyr., *Mem.*, 45. V. *Amador.*

CURVA, s. f. V. *Linha.*

CURVADURA, s. f. do lat. *curvatura*, acção de curvar, arqueamento.

CURVAMENTE, adv. com fórma curva, de feição curva. D. F. Man., *Epan.*

CURVAR, v. a. do lat. *curvo, are*, de *curvus* (V. *Curvo*), fazer curvo, tomar a fórma ou figura de arco, arquear.

CURVATURA, do lat. *curvatura*, logar onde alguma cousa se curva, dobra ou torce: —, parte curvada ou arqueada, *curvatura* do braço, da perna, da abobada, etc.

CURVIDADE, s. f. do lat. *curvitas, atis*, estado, disposição e fórma de uma cousa curva.

CURVILINEO, A, adj. (geom.) nome dado a superficies e a figuras formadas por linhas curvas, como o circulo, a ellipse, o triangulo espherico, etc. *Angulo curvilineo*, angulo formado por linhas curvas.

CURVISSIMO, A, adj. de curvo, muito curvo.

CURVO, A, do lat. *curvus*, parece derivado do gr. *kurtos*, curvo, curvado, de *gyros*, circulo, dobrado em fórma de arco columbrino, sinuoso, que faz seio: linhas curvas e sinuosas concorrem para a belleza das fórmas.

CUXIA. V. *Coxia*.

CYCLOMETRIA, s. f. do lat. *cyclo*, e do gr. *metron*, medida, (geom.) arte de medir os circulos e os cyclos.

CYLINDRO, s. m. do lat. *cylindrus*, do gr. *kylindros*, de *kilindéó*, girar, volver: solido, determinado por tres superficies, uma d'estas convexa e circular, e as duas outras planas e parallelas entre si. Chama-se *cylindro recto* áquelle em que a recta que junta os centros dos dois circulos, é perpendicular aos planos d'esses circulos; em todos os outros casos, o *cylindro* chama-se *obliquo*. Um *cylindro* recto ou obliquo póde ser considerado como um prisma, cujas bases são polygonos de um numero infinito de lados. Os *cylindros* são de muita utilidade nas artes mechanicas e ainda nas artes de gosto.

CYMALHA, s. f. ant. (archit.) V. *Cimalha*.

CYZICENES, s. f. (archit. ant.) Assim chamavam os gregos ás salas magnificas em que comiam, ornadas de architectura e esculptura, voltadas ao norte, e sobre jardins; e davam-lhe este nome em memoria de Cyzico, cidade famosa pela magnificencia de seus edificios, situada em uma ilha sobre o mar de Marmora, por outro nome Propontide, defronte da qual se tira o marmore chamado Cyzico. As salas *cyzicenes* entre os gregos correspondiam ás dos romanos chamadas *triclinia* ou *cœnaculum*.

D

DACTYLIOGLYPHO, s. m. do gr. *daktylios*, annel, e *graphein*, descrever, gravador em pedras preciosas.

DACTYLIOLOGIA, s. f. (ant.) do gr. *daktylios*, annel, e *logos*, tratado: parte da archeologia, que trata do conhecimento das pedras preciosas gravadas em anneis e n'outros objectos.

DACTYLIOTHECA, s. f. (ant.) collecção de anneis, joias ou pedras gravadas. Entre os romanos, Scauro, genro de Sylla, parece haver formado a primeira collecção d'este genero. Entre os modernos, Lourenço de Medicis teve o primeiro gabinete de pedras gravadas. Ha tambem collecções nos gabinetes de París, de Vienna e de Berlim, etc.

DACTYLO, s. m. (ant.) medida linear dos gregos de pouco mais de meia pollegada.

DADO, s. m. do arab. *daddo*, lat. *tessera*, it. e hesp. *dado*, fr. *dé*, ing. *die*, pequeno cubo de osso ou marfim com que se joga: — (archit.), por similhança da fórma se chama *dado* ao tronco ou corpo do pedestal, que sustenta uma figura ou uma columna, ou quando é posto sobre uma base, e coroado por uma cornija, do lat. *truncus*. Serve tambem para elevar uma figura ou um vaso, sendo collocado sobre o capitel de uma columna ou de uma pilastra; o *dado* tem differentes proporções e usos variados. V. *Neto*.

DAGUERROTYPO, s. m. machina inventada por *Daguerre*, francez, por meio da qual se fixam as imagens da camara escura. Compõe-se de uma camara escura, disposta de modo que possa receber as imagens sobre uma chapa de metal preparada para este effeito. A chapa é de cobre prateado, coberta de uma demão muito ligeira de iodoro ou de bromureto de prata, que se obtem, expondo-a, em um banho, á evaporação espontanea de algumas partes de iode ou de bromureto. Esta chapa, assim preparada e collocada na camara escura, passados alguns segundos, é impressionada pelos raios que emanam dos objectos dispostos diante da objectiva, reproduzindo-se ahi a sua imagem, etc. V *Tratado pratico de photographia sobre papel, sobre chapa e sobre vidro*, por Aubrés, 1851. V. *Camara escura*.

DARDO, s. m. do lat. *jaculum*, gr. *ardis*, ponta de frecha, deriv. de *arassó*, rasgar, fr. *dard*, it. e hesp. *dardo*, ing. *dart*, (archit.) ornamento em fórma de ponta de flecha, que os antigos pozeram, como symbolo de amor, entre os ovanos, que tem a fórma de coração. Os *dardos* em fórma de lança

applicam-se para guarnecer as grades e defender a entrada de jardins, pateos, etc. V. *Flecha, Epistylio, Ovano.*

DEBRUAR ARMAS, (braz.) orlar, pôr orla ou debrum.

DEBUXADOR, ORA, s. m. ou f. a pessoa que debuxa ou cultiva a arte de debuxar.

DEBUXANTE, adj. dos dois g. (des.) debuxador.

DEBUXAR, v. a. do arab. *dabaja*, hesp. *dibujar*, delinear, traçar o perfil em papel ou sobre tábuas de buxo. «...ensinavam os moços a *debuxar em tábuas de buxo.*» Filip. Nun., *Art. da pint.* V. *Desenhar.*

DEBUXAR-SE, v. r. (des. e pint.) retratar-se em desenho ou pintura. «*Debuxou-se-lhe* na imaginação maravilhoso quadro».

DEBUXO, s. m. hesp. *dibujo*, desenho, delineação de um objecto feito a lapis ou á penna, sobre papel ou cartão, ou sobre prancha ou tábua debuxo. V. *Desenho.* «...assentar as principaes linhas do *debuxo.*» Heit. Pin., *Da vida sol.* cap. XI, p. 198.

«Quatro *debuxos* sómente
Levava dos mais correctos.»
Vieira Lus., pag. 52.

«*Debuxo*, simples expressão de linhas, que representa a figura dos objectos.» Leit. Ferr., *Arte de conceitos.*

DECÁGONO, A, adj. *deca*, pref. *dez*, e gr. *gonio*, angulo, (geom.) que tem dez angulos e dez lados: figura *decágona.*

DECALCAR, v. a. do fr. *decalquer*, (des. e grav.) tirar a contraprova de um desenho ou de um quadro para desenhar, pintar ou gravar. V. *Calcar.*

DECALQUE, s. m. do fr. *decalque*, contra prova que se tira de um desenho ou quadro. V. *Calque.*

DECÁMETRO, s. m. do gr. *deca*, dez, e *metro*, medida de extensão, que contém dez metros e corresponde a trinta e cinco pés, dez pollegadas e oito linhas portuguezas.

DECANGULAR, adj. dos dois g. (geom.) que tem dez angulos.

DECASTYLO, s. m. do gr. *decastylos.* (archit.) monumento ou edificio que tem dez columnas na fachada.

DECÊMPEDA, s. f. do lat. *decempeda*, (antig.) medida romana de dez pés, para medir terras e dar as proporções dos edificios.

DECENCIA, s. f. do lat. *decentia*, de *decens, tis*, p. a. de *deceo, ere*, ser decente, estar bem, (t. comp.) Ainda que o termo pareça synonymo de *decoro*, tomado no sentido generico em que o tomam alguns artistas, comtudo alguns auctores modernos o entendem para significar com especialidade a regra invariavel, que o artista deve observar nas suas composições, de concorrer para a boa moral e pratica das virtudes, não offendendo jamais os olhos e o coração dos espectadores pela representação de historias *indecentes*, figuras ou objectos torpes e deshonestos. V. *Decoro.*

DECEPAMENTO, s. m. Em t. de arte é o costume barbaro de desmembrar as figuras humanas, fazendo o *decepamento* das extremidades e partes principaes das estatuas, como aconteceu nas guerras dos barbaros do norte, quando invadiram o imperio romano, de que resultou a mutilação e perda de braços, mãos, pernas e outras partes de estatuas antigas de grande belleza, taes como a do braço direito do Laocoonte, que foi restaurado por Miguel Angelo, as mãos da Venus de Medicis, etc.

DECEPAR, v. a. cortar, desmembrar, separar. V. *Mutilar, Truncar.*

DECIMETRO, s. m. decima parte do metro, medida de extensão, equivalente a quatro pollegadas e tres linhas.

DECINTAR ou DECINTRAR. V. *Descintar* ou *Descintrar.*

DECLIVE, adj. dos dois g. do lat. *declivis, e*, fr. e ing. *glacis*, (archit.) inclinação doce e suave: —, o opposto de talude; cornija em *declive* ou *declive* de cornija, isto é, uma doce inclinação sobre a cimalha para facilitar o esgotamento das aguas; diz-se tambem *declive* de terreno.

DECLIVIDADE, s. f. do lat. *declivitas, atis*, pendor, inclinação suave do terreno.

DECLIVIO, s. m. inclinação gradual de um terreno ou de outro qualquer plano inclinado.

DECOLORIDO ou DESCOLORIDO, A, adj. dos dois g. (pint.) que perdeu a côr, desmaiado, com pouca

ou nenhuma côr: —, quadro que desmereceu as côres. *Taborda.*

DECORAÇÃO, do lat. *exornatio*, it. fr. e ing. *decoration*, hesp. *decoracion*, (arch., pint., esculp.) complexo de differentes ornatos com que se adorna e enriquece um objecto. As columnas, pilastras, cimalhas, frontões, estatuas, baixos relevos, festões, etc., compõem a *decoração* da fachada de um templo, de um palacio ou edificio publico. Os quadros, os ornamentos entalhados e dourados, os vasos de flores, as armações, etc., constituem a *decoração* de uma sala.

Chamam-se especialmente *decorações* a essas representações pintorescas, que se fazem em grandes festividades publicas, e sobretudo nas peças de theatro, para variar as scenas. (V. este termo.) Este genero de *decoração* demanda um genio fecundo, que saiba crear palacios magnificos e encantados, templos famosos, logares aprazíveis, cheios de pompa e de riquezas, com escolha de ornamentos de um gosto variado e exquisito. É para isto necessario conhecer bem a architectura, a perspectiva e a optica, e possuir a arte de distribuir convenientemente as luzes, a que chamam *illuminações pintorescas*, para tornar claros e brilhantes os objectos, fazendo sobresaír a frescura das côres, a transparencia das columnas, das figuras e de outros objectos decorativos. V. *Theatro.*

DECORADOR, s. m. do lat. *scenæ instructor*, vel *scenographus*, fr. *decorateur*, ing. *decorator*, it. *decoratore*, hesp. *decorador*, (pint., esculpt., archit.) nome genericamente dado aos pintores, esculptores, architectos e ornamentistas, que se encarregam da direcção e execução das decorações, principalmente theatraes, de festividades publicas e solemnes, de pompas funebres, etc. Os antigos conheceram e praticaram as decorações theatraes, mas perdido este ramo das bellas artes na edade media, foi restaurado no seculo XV por Balth. Peruzzi, italiano. Depois d'elle, distinguiram-se neste genero Bibiena, Berain, Servandoni, e nos tempos mais modernos Ciceri, Bouton, Pilastre, Cambom e outros. O cavalheiro Servandoni, Vicente Baccarelli e João Carlos Bibiena estiveram tambem em Portugal, e aqui deixaram algumas obras excellentes, e ensinaram a arte a alguns portuguezes, que deixaram grata lembrança dos seus talentos, taes como Lourenço da Cunha, Simão Caetano Nunes, Jeronymo de Andrade e outros famosos architectos *decoradores*. V. Cyr., *Collec. de mem.*

DECORAR, v. a. do lat. *decoro, are, de decor*, decoro, (pint., arch. e esculp.) ornar, adornar convenientemente os templos, os palacios, os theatros, as casas.

DECÓRO, s. m. do lat. *decor* ou *decorum*, de *deceo, ere*, ser decente, decoroso; applica-se tanto ás bellas letras como ás bellas artes e consiste na congruencia e conformidade das acções, da linguagem, dos costumes, com o caracter das pessoas, e com as circumstancias de tempo e logar. «Observe o pintor, diz Leonardo de Vinci, o devido *decoro*, isto é, a conveniencia da attitude, dos trajos, do sitio e das mais circumstancias das cousas que quizer representar; um rei tenha o ar magestoso, e esteja n'uma scena bem ornada, e os circumstantes mostrem reverencia e admiração; mas com as pessoas e assumptos baixos seja tudo pelo contrario. As attitudes de um menino, de um velho, de um moço e de uma mulher, sejam todas diversas e apropriadas cada uma a seu actor.»

«Mas propriamente o quê eu chamo *decoro* na pintura é que aquella figura ou imagem que pintâmos, se ha de ser triste ou aggravada, que não tenha ao redor jardins pintados nem caças, nem outras graças e alegrias; mas antes que pareça que até as pedras e as arvores, e as alimarias e os homens sentem e ajudão mais sua tristeza.» F. de Holl., da *Pint. ant.*, p. 67.

«E que será sempre muito mais louvado de quem o entender é fazer poucas figuras, pouco rumor de paizagem, muito pouco edificio, e porém este pouco feito de maneira e com tal proporção e *decoro* que valha mais que todo aquel'outro muito sem comparação, porque este é o fazer do gravissimo mestre e avisado: e aquel'outro de obreiro aprendiz.» F. de Holl., da *Pint. ant.*, p. 69.

DEFORMAR, v. a. do lat. *deformo, are,* desfigurar, afeiar, alterar as proporções, fazer perder a fórma e a belleza natural.

DEFORME, adj. dos 2 gen., do lat. *deformis,* desfigurado, afeiado, contrafeito. V. *Afear.*

DEFUMADO, A, p. p. de defumar, e adj. (pint.) pintura ou quadro ennegrecido pelo tempo, ou pela má qualidade das tintas.

DEFUMAR, v. a. expôr alguma cousa ao fumo, (pint.) ennegrecer: quadro velho que está negro pelo tempo, ou pela má qualidade das tintas com que foi pintado, ou tambem porque sendo moderno o defumaram para parecer antigo, contrafazendo-o. «Porém os seus quadros (de Vander Kabel) presentemente parecem *defumados,* em rasão das más côres que usou, talvez para fazer maior interesse.» Taborda, *Regras da arte da pint.,* p. 57. V. *Contrafacção, Contrafazer.*

DEGRADAÇÃO, s. f. *de* pref. lat. *gradatio* ou *gradus,* grau, graduação, (pint.) é o augmento ou diminuição das luzes, das sombras e da grandeza dos objectos, que entram na composição de um quadro, feita segundo as regras da perspectiva linear e aerea. As *degradações* da luz devem ser insensiveis, e imperceptiveis as tintas e a passagem de uma grande luz a uma luz mais doce, que vae sempre enfraquecendo, e bem assim das grandes sombras ás sombras menos fortes, que diminuem por degraus, e que se perdem insensivelmente e se confundem: os claros não devem precipitar-se de repente nas sombras, nem as sombras perderem-se de repente nos claros; esta diminuição deve fazer-se successivamente por degraus, e é a isso que os pintores chamam *degradação* e não *gradação,* como se acha o art. *gradation* no diccion. de Trevoux.

DEGRADAR, v. a. (pint.) graduar o tamanho, as luzes e as côres dos objectos como meio de dar-lhes relevo e vulto, para mostrar as distancias, para indicar os planos em que estão, e para dar idéa do mesmo ar que os cerca, o qual, posto que invisivel, modifica sensivelmente a sua apparencia.

DEGRAU, s. m. do lat. *gradus,* fr. *degré* ou *marche,* it. *grado,* hesp. *grada,* ing. *degrée,* (archit.) espaço ou pizo em que assenta o pé para subir ou descer uma escada de qualquer casa ou edificio, que póde constar de mais ou menos *degraus,* e estes podem ser de marmore, pedra ou madeira: chama-se direito o degrau contido entre duas linhas parallelas; anguloso, quando tem mais largura n'uma extremidade do que na outra; chanfrado, se a parte dianteira é formada em chanfro. V. *Escada.* «Degraus de ingrauxidos», do hesp. *engauxidos,* i. e., angulosos ou obliquos. Oliv., *Adv. aos moder.,* p. 28.

DELAMBIDO, A, p. p. de delamber-se, e adj. fr. *leché* ou *caressé,* (pint.) desenhado ou pintado com nimio trabalho, que torna a obra fraca e de pouco valor. V. *Lambido.*

DELGADO, A, adj. *de* pref. disjunct. e lat. *liqueo, ere,* dissolver-se, cousa que tem pouca grossura, ou que tem corpo tenue e magro. Diz-se que tal artista pinta ou modéla figuras delgadas, que uma extremidade é magra e delgada, que tem pouca grossura, que não tem bastante carne. V. *Magro.*

DELICADEZA, s. f. finura, primor, elegancia. Diz-se em termo de arte, Rafael, ou outro auctor, tinha uma grande *delicadeza* de expressão.

DELICADO, A, adj. do lat. *delicatus,* delicado, deriv. de *delicia,* apurado, fino, primoroso: o que não só se applica á pintura, mas a outras bellas artes. Diz-se — Corregio tinha um pincel *delicado:* esta imagem de marfim é *delicada:* aquella gravura ou desenho é *delicado.*

DELINEAÇÃO, s. f. do lat. *delineatio,* fr. e ing. *delineation,* it. *delineazione,* hesp. *delineacion,* descripção: acção de descrever por meio de simples *linhas* ou *traços* a configuração dos objectos, assim naturaes como artificiaes, que se nos offerecem á vista ou á imaginação: já se vê que a arte graphica ou *delineação* é mui extensa e generica, e que o seu exercicio é commum ao desenhador, ao pintor, ao esculptor, ao architecto, ao gravador e a outras artes, porque todas, mais ou menos, se fundam na sciencia e conhecimento dos differen-

tes ramos do desenho e suas applicações. V. *Desenho.*

DELINEADOR, ORA, s. m. ou f. do lat. *delineator*, o que traça, perfila ou representa em linhas alguma obra ou objecto; o que o desenha a simples traços.

DELINEAMENTO, s. m. configuração, desenho em linhas, ou perfil de alguma obra d'arte.

> «Mas se lhe agradam já tanto
> Aquelles *delineamentos*,
> Que será quando os galantes
> Matizes das côres tenham?»
> (Vieira Lus., *Insig pint.*, p. 85.)

V. *Delineação.*

DELINEAR, v. a. do lat. *delineo, are*, fr. *dessiner*, ing. *to delineate*, it. *disegnare*, hesp. *delinear*, traçar, perfilar, desenhar alguma obra a simples linhas.

DELINEATIVO, A, adj. (p. us.) o que debuxa ou desenha a simples traços, o que sómente perfila qualquer objecto natural ou artificial.

DEMÃO, ÃOS, s. f. do lat. *manus*, fr. *main*, ing. *hand*, it. e hesp. *mano*, (archit. e pint.) camada de tinta que se applica sobre madeira, panno, metal, etc., e diz-se: primeira demão, segunda e terceira demãos, e ultima ou extrema demão, que indica o acabamento e perfeição da obra. V. *Mão.*

«...e se posibel for ante q̃ a obra não steja acabada não deve de ser vista de algũa pesoa, mas depois della cõ a *strema mão* ser acabada então seja ella p.ª a poder ver o mundo todo.» F. de Holl., *Dialogo de tirar ao natur.* 8.

DEMARCAÇÃO e seus derivados, V. *Agrimensura, Agrimensor.*

DEMOLIÇÃO, s. f. do lat. *demolitio, onis*, it. *demolizione*, fr. *demolition*, ing. *demolishing*, hesp. *demolicion*, (archit.) acção e effeito de demolir um edificio, ou pela sua má construcção e estado de ruina, ou porque assim o manda a auctoridade competente, para evitar o perigo do desabamento. Chama-se *Demolições* aos materiaes que d'ellas resultam, e que convem aproveitar para novas edificações, taes como pedras, tijolos, ferros, chumbo, etc.

DEMOLIDOR, s. m. do lat. *demolitor*, o que derriba o edificio.

DEMOLIR, v. a. do lat. *demolio, ire*, fr. *demolir*, ing. *to demolish*, it. *demolire*, hesp. *demoler*, destruir (archit.) derribar, deitar abaixo um edificio, ou para o reedificar, ou para aproveitar os materiaes que d'elle restam, a fim de fazer novo edificio. Tambem vem do lat. *diruere.*

DENEGRIDO, A, p. p. de denegrir, e adj. ennegrecido.

DENEGRIR, v. a. V. *Ennegrecer.*

DENTADURA, s. f. do lat. *dens*, dente, (anat.) as duas ordens de dentes engastados nos dois bordos dos ossos maxillares: — (archit.), ornamento em fórma de dentes, que commummente se emprega nas cornijas: —, os dentes das rodas de qualquer machina, ingenho.

DENTE, DENTES, chamam os carpinteiros a uns entalhos, que se fazem na extremidade das tábuas, para as unir entre si. V. *Entalho.*

DENTEAR, v. a. (archit.) fazer dentes, repartil-os, principalmente em obras d'arte. V. *A dentes.*

DENTE DE LOBO, *dent de loup*, dente canino do lobo ou do cão, ou brunidor de que usam alguns artifices para brunirem suas obras, principalmente os douradores.

DENTELO, s. m. do it. *dentello*, (archit.) o mesmo que denticulo.

DENTICULAR, adj. (archit.) que tem a fórma de dentes.

DENTICULO, s. m. do lat. *denticulus*, diminut. de dente, fr. *denticule*, ing. *dentels*, (archit.) são pequenos entalhes em fórma de dentes, com que se ornam as cornijas. Vitruvio dá a cada denticulo de largura metade de sua altura, e aos pequenos intervallos que os separam um terço menos que a largura dos mesmos *denticulos.*

Dá-se o nome de *denticulo* tambem á mesma moldura em que elles se entalham. O *denticulo* é affectado á ordem jonica, porque regularmente é usado só na corinthia. Vignolã foi um dos que o usou na dorica, uso que não tem sido muito adoptado por parecer mesquinho.

«Vitruvio concede ás columnas corinthias que ás vezes se lhe ponhão ornamentos da cornija Jonica; e ás vezes da ordem Dorica se lhe accommodem.» F. de Holl., *Pint. ant.*, p. 82.

DENTILHÕES, s. m. pl. aug. de dent. (archit.) dentes maiores ou mais grandiosos do que os ordinarios: —, esperas ou dentes grandes de pedra, que se deixam saídos das paredes para servirem de continuação ás obras. V. *Espera.*

DEPENDENCIA, s. f. do lat. *accessio*, it. *dependenza*, fr. *dependance*, ing. *dependency*, (archit.) toma-se pela parte ou partes de um edificio, ou obra de arte subordinadas a um todo; assim os corredores, os pateos, as cozinhas, etc. são *dependencias* de uma hospedaria; as quintas, as tapadas, os quartos do jardineiro, dos guardas, etc. são *dependencias* de uma casa de campo.

DESABAMENTO, s. m. do fr. *éboulement*, a acção ou effeito de caír ou arruinar, abatimento. V. e. t.

DESABAR, v. a. (archit.) arruinar, desmoronar-se a parede, o edificio: tambem se usa em sentido moral e neutro, e como verbo ref. *desabar-se.* «Da fortuna as montanhas se *desabam.*» Boc. V. *Abater.*

DESAGUADEIRO, ou DESAGUADOURO, s. m. (archit.) valla, sangradoiro para escoar as aguas e desalagar as terras; porta ou canal aberto para dar saída á agua.

DESAMOUCAR (pedra). V. *Descodear.*

DESAPLUMADO, A. V. *Desaprumado, a.*

DESAPLUMAR. V. *Desaprumar.*

DESAPOIAR, v. a. fr. *renverser la base*, (archit.) tirar a base, o apoio, o sustentaculo.

DESARMAR, v. a. do lat. *dissolvere*, fr. *desmonter*, it. *demontare*, ing. *to take, to pieces*, tirar as armas, desguarnecer, ou desfazer o que estava armado ou feito; (archit.) desarmar uma escada, um madeiramento, ou outra parte do edificio, para a fazer de novo, ou para a concertar. V. *Descozer.*

DESASSEMBLAR, v. a. do fr. *desassembler*, lat. *disjungere*, it. *distacare*, ing. *to take sunder*, despegar, desunir ou separar as partes de um objecto de arte, principalmente feito de madeira.

DESBALIZADO, A, p. p. de desbalizar, e adj. (archit.) sem balizas, não demarcado, não balizado.

DESBALIZAR, v. a. tirar as balizas, cortal-as.

DESBASTADO, A, p. p. de desbastar, desengrossado, alliviado da grossura superflua. «As pedras primeiro são quebradas, e *desbastadas* ao picão, e depois lavradas...» Heit. Pinto, c. I, *da Tribulação*, p. 121.

DESBASTADOR, ORA, s. m. ou f. que tem por officio desbastar, v. g., o canteiro desbastador de obras de esculptura ou da estatuaria.

DESBASTAMENTO, s. m. a acção e effeito de desbastar. V. *Desbaste.*

DESBASTAR, v. a. do fr. *dégrossir, digauchir*, (esculp.) tirar, deitar fóra a parte mais grossa e inutil de um cepo ou tronco, affeiçoando-o de modo que possa d'elle executar-se uma imagem ou outro lavor. Vieira. Desbastar uma pedra, ou pedaço de marmore, e por meio de medidas approximal-o em grossuras e proporções, segundo o modelo, para se esculpir uma estatua, um grupo, ou outra obra de esculptura.

DESBASTE, s. m. acção e trabalho de desbastar, de tirar a grossura inutil, de fazer menos basto.

DESBETUMAR, v. a. tirar o betume, separar duas partes que se achavam unidas.

DESCALÇAR, v. a. do fr. *déchausser*, lat. *ablaqueare*, it. *scavar*, ing. *to dig*, perder os calços ou apoios; minar os fundamentos de um muro ou de um caes, o que acontece pela força e embate das ondas.

DESCARGA DA ESCORA. É a flexa com duas escoras lateraes que a sustentam. Estas pequenas escoras pregam no topo da flexa e nas extremidades da escora a que pertence a flexa. V. *Simples do arco.*

DESCARNADO, A, p. p. de descarnar, e adj. falto de carne, magro, secco. Assim é costume designar a qualquer figura humana ou de animaes, ou a qualquer membro de architectura, que não tem a sua devida e regular grossura; e a este modo de desenhar, ou representar os objectos chamam maneira ou estylo *descarnado* e secco. V. *Magro.*

DESCENTE, s. m. baixa; (archit.) são *descentes* as abobadas inclinadas pelas rampas das escadas; diz-se

tambem a *descente* de uma cava; em lat. *fornix declivis.*

DESCIMBRAMENTO, s. m. (archit.) o acto de descimbrar.

DESCIMBRAR, v. a. do lat. *auferre,* fr. *decintrer,* it. *disfare,* (archit.) tirar os simples, cimbres ou moldes, que serviram para formar e encostar a elles os arcos ou abobadas.

DESCIMENTAR, v. a. (archit.) tirar ou desfazer os cimentos, arruinar os alicerces.

DESCINTAR ou DESCINTRAR. V. *Descimbrar.*

DESCOBRIR, v. a. do lat. *mudare,* fr. *découvrir,* it. *scoprire,* hesp. *descubrir,* ing. *to uncover,* (t. comp.) tirar o que escondia alguma pessoa ou cousa; *descobrir* o telhado ou a ardosia de uma casa; *descobrir* os longes na pintura; *descobrir* uma estatua, desbastando e tirando a capa de pedra que a encobria em certo modo.

DESCODEAR (a pedra). V. *Dessamoucar.*

DESCOMPASSAR, v. a. desproporcionar, ultrapassar os limites e as medidas convenientes e regulares.

DESCOMPASSO, s. m. sem compasso, falto da conveniente medida, desordem.

DESCORADO, A, p. p. de descórar, e adj. do lat. *decoloratus, a,* desmaiado, perdida a côr, quadro *descórado.*

DESCORAR, v. a. do lat. *decolorari,* fr. *décolorir,* ing. *to descolour, taraish,* it. *scolorire,* hesp. *descolorar,* (pint.) tirar ou diminuir a côr de um quadro, tornar-se pallido.

DESCOZER, v. a. do lat. *dissolvere,* fr. *découdre,* hesp. *desclavar,* ing. *to unsew,* it. *schiodare,* (archit.) despregar, desunir ou separar de outra uma peça do edificio, ou para examinar o seu estado, ou para concertar ou emendar algum defeito ou ruina. «*Descozer* a frontaria da egreja.» Oliv., *Adv. aos mod.,* p. 141.

DESCUBRIR, v a. V. *Descobrir.*

DESDOURAR ou DESDOIRAR, v. a. tirar ou extrahir o oiro do objecto dourado, deslustrar.

DESEMPENAR, v. a. (archit.) tirar o empeno a uma tábua; examinar se um sobrado, ou outra peça ou superficie de madeira, pedra ou metal está *empenada* ou curva, e pelos meios convenientes tornal-a plana; *desempenar,* e pôr em perfeita esquadria essa peça ou parte do edificio.

DESENCAIXAR, v. a. tirar alguma cousa do logar em que encaixa ou se move, desarticular osso, tiral-o do seu encaixe. V. *Encaixar.*

DESENCAIXE, s. m. o mesmo que desencaixamento.

DESENCAVILHAR, v. a. tirar a cavilha ou espiga, que unia e prendia duas peças entre si. V. *Encavilhar.*

DESENGROSSAR, v. a. do lat. *emaciare,* fr. *dégrossir,* it. *sgrossare,* ing. *to form,* (esculp.) desbastar, adelgaçando e fazendo em tosco a fórma da imagem ou estatua, seja em madeira ou em marmore.

DESENHADOR, ORA, s. m. ou f. do it. *disegnatore,* lat. *designandi peritus,* fr. *dessinateur,* ing. *a designer,* hesp. *debujador,* o debuxador, o artista que professa ou ensina a arte do desenho. Rafael e Miguel Angelo são os maiores desenhadores, depois da resurreição das artes.

DESENHAR, v. a. do lat. *designo, are,* it. *disegnare,* fr. *dessiner,* ing. *to delineate,* hesp. *designer,* ou *debujar,* traçar ou representar com o lapis, com a penna, ou com o pincel, mas sem côres, figuras, animaes, plantas, edificios ou outros quaesquer objectos. *Desenhar* pelo, ou do natural, do antigo, de phantasia.

DESENHO, s. m. do it. *disegno,* lat. *diagramma* ou *graphidos scientia* fr. *dessin,* ing. *design,* hesp. *debujo,* arte de representar por meio do lapis, da penna ou do pincel, sem côres, todos os objectos naturaes ou artificiaes que se nos offerecem á vista ou á phantasia: arte primitiva, que precedeu á pintura, á esculptura, á architectura e á gravura, que é o fundamento e a base d'ellas, e que por isso se denominam *Artes do desenho.*

Sendo pois o *desenho* a base e fundamento das bellas artes, o seu estudo é essencialmente necessario ao pintor, ao esculptor, ao architecto e ao gravador, e deve preceder a todos os outros estudos especiaes dos differentes ramos da arte.

Na idéa de *desenho* deve entrar não sómente a parte material, que

consiste na justeza das medidas e regularidade das fórmas, mas tambem tudo o que tem relação com a attitude, o movimento, a expressão, o equilibrio e ponderação dos corpos, a proporção e a anatomia dos membros.

Quanto aos diversos modos ou processos de *desenho*, notam-se principalmente tres; a saber: *desenho a lapis*, — *a esfuminho* e — *á penna*. *O desenho a lapis* é feito com uma especie de pedra branda natural ou artificial, a natural é, ou o lapis preto de Hespanha ou de Italia, ou o plumbino (mina de chumbo), que é mais usado nos desenhos architectonicos, ou o vermelho de Hollanda (oxydo vermelho de ferro), hoje pouco usado; ou com os lapis pretos artificiaes *(crayons)*: o *desenho a esfuminho* é feito com o pó de lapis muito brando artificial, auxiliado com o mais rijo; o *desenho á penna* é executado com as guias das azas de corvo ou pato, e é desenho *sui generis*, de que ordinariamente só usam alguns gravadores. Ha tambem *desenho lithographico* feito sobre pedra; *desenho a pastel* executado com lapis de diversas côres; *desenho a aguarellas* feito com pincel em logar de lapis, a tinta de Nanquim, a sepia e a côres, desenho que em rigor pertence á classe de pintura.

Quanto á execução distinguem-se os *bosquejos (esquisses* ou *croquis)*, os *desenhos perfilados* sem sombras, os *sombreados* a traço, a granido ou a esfuminho; *estudos dos gessos*, ou do antigo, do modelo vivo *(academias)*; de *cartões*, com as figuras ou objectos do tamanho em que devem ser pintados; o *desenho linear* ou artistico, que representa com simples traço os objectos da natureza, ou as obras da arte, e divide-se em *desenho linear á vista*, que se executa a lapis ou á penna, sem o auxilio de instrumentos; e *desenho linear graphico*, que se faz com a régua, o compasso e com outros instrumentos, o qual demanda conhecimentos geometricos; e que por isso se chama tambem *desenho geometrico*. Para bem o executar, traçando com exactidão os objectos é indispensavel o uso do pantographo, o diagrapho, o panotraço e outros.

Quanto ao melhor methódo do ensino do *desenho*, ha dois systemas a seguir, que até certo ponto parecem oppostos, o primeiro consiste em copiar desenhos ou estampas como exemplares do primeiro estudo; o segundo quer que os discipulos comecem, depois dos principios geometricos, a copiar por modelos de relevo: o juizo prudencial guiado pela experiencia persuade a escolher o meio termo entre estes dois systemas differentes. As obras elementares que podem, entre outras, ser consultadas são: *Pensamentos sobre a educação de um pintor*, por Guilherme Schadow. *Arte moderna em Allemanha*, pelo conde Athanazio Raczynski, t. I, París, 1836. *Science du dessin*, por L. Vallée, 1832. 2.ª edição. *Perspective linéaire simplifiée*, par m.me *Adele de Breton*, 1828. *Les méthodes classiques*, de M. Dupuis, de Thénot. *Parallèle des diverses méthodes de dessin*, por M. Ch. Normand, 1833.

DESENHO-MODELO ou DESENHO-MESTRE, s. m. do fr. *épure*, (archit.) desenho em perfil ou a traço, pela maior parte reduzido por uma escala, e cotado, e algumas vezes de tamanho natural, que os architectos e engenheiros fazem para servir de guia e modelo aos carpinteiros, alveneos, canteiros, e a todos os operarios, que se empregam na execução e assemblagem das differentes partes e peças de que consta um edificio em projecto. Estes desenhos *(épures)* costumam fazer-se nos telheiros sobre uma superficie bem plana, ou sobre uma parede preparada para esse fim. É necessario para bem os traçar sobre o papel conhecer a theoria das projecções; e saber a *stereotomia* ou geometria descriptiva; para isso é tambem necessario saber manejar com destreza os instrumentos graphicos, taes como o compasso, a régua, o esquadro, etc.

DESENTUPIR, v. a. do lat. *aperire*, fr. *déboucer* ou *curer*, ing. *to unstop*, hesp. *destapar*, (archit.) abrir uma porta ou janella que estava fingida, ou cheia de argamassa ou pedra; desobstruir um poço, um cano ou um esgoto: —, limpar molduras e ornamentos, desembaraçal-os de algum corpo estranho *(dégorger)*.

DESENVERNIZAR, v. a. tirar o verniz a uma chapa de cobre ou aço, a um quadro ou outro objecto.

DESENVOLVIMENTO, s. m. do lat. *explicatio*, fr. *développement*, it. *sviluppamento*, hesp. *desenvolvimiento*, estudos em grande ponto que o artista faz, desenvolvendo as idéas expressas nos seus primeiros desenhos ou modelos feitos em pequeno ponto. Taes são para os pintores os cartões, para os esculptores os grandes modelos, por que devem executar-se em marmore, ou fundir-se em bronze as suas estatuas ou grupos, para o architecto os grandes desenhos, ou os desenhos-modelos de cada uma das partes de que consta o edificio *(épures)*.

DESFEIAR, v. a. V. *Afeiar*.

DESFIGURAR, v. a. mudar a figura e belleza das feições, desfeiar as fórmas de uma estatua, de uma pintura.

DESFORME, adj. V. *Deforme*.

DESHARMONIA, s. f. desacordo, desafinação de qualquer obra, ou peça de bellas artes. V. *Acôrdo, Harmonia*.

DESHARMONISAR, v. a. desafinar, desacordar os tons, proporções e fórmas em obras de bellas artes. V. *Acordar, Afinar*.

DESLADRILHAR, v. a. tirar, levantar os ladrilhos, os tijolos que estão assentes no pavimento de uma casa, ou de outro logar.

DESLOCAR, v. a. tirar do seu logar, desarticular, deslocar um braço, uma perna. V. *Estropear*.

DESLUSTRAR, DESPOLIR, v. a. do lat. *obscurare*, fr. *ternir*, ou *dépolir*, ing. *to tarnish*, it. *escolorirse*, fazer perder o lustre, o brilho natural ou artificial a qualquer obra de bellas artes. V. *Fuscar*.

DESMAIAR, v. a. do lat. *exanimare*, desfallecer, esbranquiçar-se perdendo as côres a um quadro.

DESMANCHAR, v. a. (archit. e pint.) desfazer o que estava feito; desconjuntar, deitar a baixo a casa, o edificio. V. *Demolir*. Tirar as manchas ou nodoas, fazer saír as tintas antigas e combinar diversas côres na palheta para lhe dar as convenientes modificações.

DESMANCHO, s. m. acção e effeito de desmanchar o que estava feito ou composto (archit. e pint.); *desmancho* de uma fortaleza, de um edificio, de uma casa ou parede. *Desmancho*, mistura, combinação discreta das côres para obter os variados e indefinidos tons na arte da pintura; do lat. *permixtio*, it. *mischianza*. «No tecto da escada fingi uma especie de varanda octogona pintada na concavidade, ou uma meia esphera, que era notavel pelo *desmancho* da superficie.» Cyr., *Coll. de Mem.*, p. 307.

DESMORONAR, v. a. minar, destruir pouco a pouco o edificio, a casa, etc.

DESORNAR, v. a. (archit.) tirar ou despir da conveniente decoração; supprimir ou omittir os ornatos proprios n'um edificio, ou em qualquer logar que a arte manda ou aconselha a decorar e a ornar.

DESPENSA, s. f. do lat. *cella penaria*, fr. *dépense*, ing. *buttery*, it. *dispensa*, hesp. *despensa*, (archit.) casa ou dependencia de um predio, em que se guardam as provisões e viveres necessarios para mantença de uma familia, a qual casa deve ser proxima da cozinha, com as condições de ser clara, alta, fresca e arejada.

DESPERFILAR, v. a. do lat. *lineamenta lenire*, (des. e pint.) adoçar os perfis do desenho ou da pintura, para que não sejam duros; desvanecer a seccura dos contornos de uma figura, para tornár suaves e medulosas as carnes: *desperfilar* n'outro sentido significa descontornar, alterar, estropiar os perfis e os contornos dos objectos desenhados ou pintados.

DESPERTADORES, adj. dos 2 gen. e s. *toques*, do fr. *réveillon*, tinta *despertadora* é aquella parte da pintura de um quadro tocada de luz viva, que faz acordar a que é surda: —, são as massas de sombra, as passagens, e as meias tintas, que despertam a vista do espectador.

DESPINTAR, v. a. (pint.) desfigurar a côr de um quadro, desfazer e quasi apagar as tintas originaes. «Por engano do amor proprio se pinta e *despinta* o mesmo objecto.» Vieira. V. *Desmaiar*.

DESPOSIÇÃO. V. *Disposição*.

DESPREGAR, v. a. do lat. *refigere*, e *replicare*, fr. *déclouer*, *de-*

ployer, ing. *to unnait*, it. *schiodare*, tirar o prégo ou joia que prendia a capa ou roupagem; —, desfazer as dobras, rugas ou prégas dos vestidos ou pannejamentos. «Lança-lhe os vestidos: aqui *desprega*, ali arruga, acolá recama, e fica um homem perfeito e talvez um santo, etc.» Vieira, *Serm.*

DESPROPORÇÃO, s. f. do lat. *disproportio, onis*, it. *desproporzione*, falta ou desvio das proporções estabelecidas, segundo as regras e as conveniencias das artes: como seria, p. ex.; collocar uma estatua de pequena dimensão na frontaria de um grande templo e em logar elevado; dar a uma columna dorica dez diametros de altura, quando só deve ter oito, etc.

DESPROPORCIONAR, v. a. tirar a devida proporção, não seguir a igualdade e relações convenientes que as partes devem ter com o seu todo, e as mesmas partes devem guardar entre si.

DESQUILIBRAR, v. a. saír do prumo, pender para uma ou outra parte, faltar ás leis da estatica.

DESSAMOUCADO, A, p. p. de dessamoucar, e adj. tirado o samouco ou codea da pedra.

DESSAMOUCAR, v. a. tirar o samouco, a codea, ou o envoltorio das pedras, quando sáem da pedreira.

DESSEMELHANTE, adj. dos 2 gen. não similhante, differente, diverso.

DESSEMELHAR, v. a. fazer dessemelhante no rosto, nas fórmas, nas feições, nos trajos, «as barbas crescidas não *dessimilhavam* os amos dos creados.» *(Guia de creados.)*

DESTACADO, A, p. p. de destacar. e adj. do fr. *détaché*, (pint.) separado, despegado; e diz-se que tal figura está bem *destacada*, ou sobresaída do quadro, que o braço parece *destacado* do fundo ou sobresaído do painel.

DESTACAR, v. a. do fr. *détacher*, (pint.) separar, despegar, fazer sobresaír as figuras ou os objectos do fundo do quadro, *destacal-os* de modo que pareçam de vulto. É gallicismo já hoje adoptado por alguns doutos.

DESTELHAMENTO, s. m. acto de tirar as telhas.

DESTELHAR, v. a. tirar as telhas, descobrir o tecto ou telhado de um edificio.

DESTEMPERAR, v. a. do lat. *dissolvere*, fr. *temperer*, (pint.) diluir, misturando e moderando as forças das tintas.

DESTINGIR, v. a. do lat. *diluere*, fr. *déteindre*, it. *scolorare*, tirar ou fazer perder as tintas ou as côres a um panno ou quadro.

DISTINGUIR-SE, v. r. perder ou desapparecer a tinta ou a côr.

DESVÃO, s. m. do cast. *desvan*, (archit.) vão por baixo do telhado da casa: —, quarto de uma casa immediato ao tecto: — sotão, aguas furtadas. «Os *desvãos* dos paços, que he cousa tão carregada...» Resende, *Chron. de D. João II.*

DETALHAR, v. a. do fr. *détailler*, (archit.) termo novo, mas já usado pelos nossos architectos e engenheiros. Diz-se em termo de arte *detalhar* as partes de um edificio, separal-as para melhor as desenhar, e pôr em obra.

DETALHE, s. m. do fr. *détail*, lat. *enumeratio*, hesp. *detalle*, it. *particularita*, ing. *particulars*, (pint. e archit.) termo que designa objectos que podem ser supprimidos sem prejudicar o todo da composição, taes são em um quadro os ornamentos, as plantas, alguns accessorios. Em architectura tem significação mais ampla, porque se entende não só das partes accessorias de um edificio, mas da divisão e separação de partes essenciaes d'elle; e alguns o fazem extensivo á mesma despeza especificada dos materiaes.

DEVISA, s. f. V. *Divisa.*

DIADEMA, s. m. do gr. *deó* e *demó*, cingir, ligar: faixa branca de linho finissimo, de lã ou de seda, e mais tarde bordada de oiro, ornada com diamantes, perolas e pedras preciosas, com que cingiam a fronte os reis antigos. Na Grecia o diadema era muito estreito: Alexandre adoptou-o mais largo, como os reis da Persia, cujas extremidades caíam sobre as espaduas. Os reis de Roma tambem usaram de *diadema*.

DIADEMADA, adj. f (braz.) aguia ou outro animal que tem um pequeno circulo em roda da cabeça.

DIAGONAL, s. f. do lat. *diagona-*

lis, (geom.) linha tirada de um angulo a outro angulo opposto, em uma figura rectilinea e quadrilatera, passando pelo centro d'ella.

DIAGRAMMA, s. m. do gr. *diagramma*, desenho, de *diagrapho*, descrever, (geom.) nome que os gregos davam a todas as construcções de linhas, que serviam de demonstrar uma proposição.

DIAGRAPHO, s. m. do gr. *diagraphó*, traçar linhas. Instrumento aperfeiçoado por M. Gavard, e por elle publicado em 1831; tem por fim reduzir e apresentar em pequeno ponto a imagem de qualquer objecto muito maior; e traçar, por meio de um movimento contínuo, toda a especie de figuras rectilineas e curvilineas. Este instrumento aperfeiçoado faz o mesmo effeito que o pantographo. V. *Pantographo*.

DIAMANTE, s. m. do lat. *adamas, antis*, it. e hesp. *diamante*, fr. *diamant*, ing. *diamond*, pedra preciosa de extraordinaria transparencia, e mais rija, pura, pesada, brilhante e estimada de todas as materias conhecidas. De uma ponta de diamante se servem os vidraceiros para cortar os vidros com que envidraçam portas, janellas e clara-boias.

DIAMETRO, s. m. do lat. *diametrus*, gr. *diá*, através, entre, e *metron*, medida, (geom.) linha recta que, passando pelo centro do circulo e terminando por uma e outra parte na sua circumferencia, o divide em dois semicirculos iguaes. *Diametros conjugados* são dois diametros de uma curva, quando um é sempre parallelo ás cordas, que o outro divide em duas partes iguaes.

DIASPRO, s. m. do it. *diaspro*, *dia*, pref. e *iaspis*, jaspe, jaspe de varias côres.

DIASTYLO, s. m. do gr. *diá*, pref. entre e *stylos*, columna, (archit.) intercolumnio, que, segundo Vitruvio, tem tres diametros ou seis módulos entre duas columnas.

DIBUXAR. V. *Debuxar*.

DIBUXO. V. *Debuxo*.

DIÉDRO, adj. e s. m. (geom.) angulo formado por dois planos que se encontram: chama-se tambem *angulo de duas faces*, *angulo plano*.

DIEDROGONÓMETRO, s. m. instrumentro proprio para medir angulos *diédros*, i. e., formados por duas superficies planas.

DIGLYPHO, s. m. do gr. *diglyphos*, que tem duas gravuras, (archit.) é uma especie de triglypho imperfeito, cachorro ou modilhão, com duas estrias, gravuras ou canaes redondos ou angulosos, inventado por Vignola, e que Boffrand imitou no friso do entablamento do hospital dos engeitados em París.

DIMENSÃO, s. f. do lat. *dimensio, onis*, fr. ing. e hesp. *dimension*, it. *dimensione*, (archit. e geom.) extensão de um corpo susceptivel de ser medido; a *dimensão* comprehende o comprimento, a largura e a profundidade ou espessura. Um edificio deve considerar-se em todas as suas *dimensões*. *Dimensão geometrica* é o grau de uma potencia ou equação: *dimensão*, quantidade que entra como factor na composição de um termo algebrico.

DIMINUIÇÃO (da columna). V. *Contractura*.

DINTEL, s. m. do hesp. *dintel*, lat. *limen superius*, fr. *linteau*, ing. *lintel*, (archit.) padieira, verga de madeira ou pedra, que atravessa e fecha a parte superior das portas e janellas, assentando sobre as hombreiras.

DINTEL DE FERRO, s. m. (archit.) barra de ferro quadrada que se embebe na mocheta de um arco á régua para apear as cunhas ou partes que o compõem.

DINTORNO, s. m. do lat. *interior delineatio*, it. e hesp. *dintorno*. Toma-se pela delineação das partes de uma figura ou de outro objecto contidas dentro do contorno. Assim os olhos, as sobrancelhas, as faces e outras partes interiores e intermedias do corpo humano são chamadas *dintornos*, a respeito dos contornos que circumscrevem as fórmas exteriores dos corpos. V. *Lineamentos*,

DIOPTRICA, s. f. do gr. *dia*, através, e *optomai*, ver lat. *dioptrica*, parte da optica que explica as leis e effeitos da refracção da luz; sciencia da propriedade dos vidros concavos e convexos. V. *Optica* e *Refracção*.

DIOPTRICO, A, adj. que diz respeito á *Dioptrica*.

DIORAMA, s. m. do lat. *dies*, dia e do gr. *orama*, vista, quadros ou vistas pintadas sobre télas transparentes de grande dimensão, estendidas sobre um plano recto vertical. O *diorama* consiste na illusão da optica produzida pelas variações da luz natural ou artificial, que reproduz a claridade do dia, a obscuridade da noite, o resplendor do sol, e os effeitos dos corpos claros e luminosos. Para conseguir estes effeitos alumia-se o quadro ora por diante, ora pelas costas, modificando a côr e intensidade da luz com o auxilio de vidros, diversamente coloridos. O *diorama* é um aperfeiçoamento do *panorama*, inventado por MM. Daguerre e Bouton em 1822.

DIPTERO, s. m. do gr. *dis*, duas, e *ptéron*, aza, (archit.) templo que tem duas alas ou ordens de columnas, e era *octostylo*, isto é, tinha oito columnas em frente, e outras oito na parte posterior. Tal é o templo que temos em Evora. «Tambem em Portugal existe em Evora uma parte do templo de Minerva Diana, edificado por Sertorio, de ordem corinthia, e muito elegante, é uma das ruinas mais preciosas que nos restam.» Cyr., *Mem.*, p. 160.

DIQUE, s. m. do arab. *daique*, lat. *moles*, e segundo outros, do allem. *diik*, que tem a mesma significação, fr. *dique*, it. *argile*, hesp. *dique*, ing. *bank* ou *mole*, nome commum a toda a construcção feita de pedras, terra, madeira, estacas e fachinas, destinada a sustentar a força das aguas em margens de rios, ou para impedir as inundações. O córte de um *dique* tem ordinariamente a fórma de um trapezio, a base chama-se *pé* ou *sapata*, é mais larga que a summidade, chamada *corôa;* os lados são os *flancos*. A corôa deve elevar-se pelo menos um metro acima da altura das aguas. São hoje muito notaveis os *diques* da Hollanda e da Lombardia.

DIRECTRIZ, adj. e s. f. (geom.) é uma linha recta ao longo da qual se faz correr outra linha, ou uma superficie para descrever uma figura plana ou solida.

DISCORDANCIA, s. f. disconformidade, desacordo, falta de harmonia, desunião das partes que constituem um todo. V. *Desacordo*, *Desharmonia*.

DISPOR, v. a. do lat. *dispono*, *ere*, (t. comp.) accommodar, pôr em ordem: —, é uma das partes da composição, relativa a cada um dos ramos de bellas artes. Assim o pintor *dispõe* as figuras, os grupos e os objectos que entram na composição do quadro; o architecto *dispõe* as partes do edificio, segundo a área que tem, e as casas ou divisões precisas; o estatuario *dispõe* a figura, as estatuas, os grupos, do modo que lhe parece mais vantajoso para o bom effeito e facilidade da execução.

DISPOSIÇÃO, s. f. do lat. *dispositio*, *onis*, fr. e ing. *disposition*, hesp. *disposicion*, it. *disposizione*, arranjamento e collocação das differentes partes de um todo (t. comp.). A disposição é pôr em boa ordem as idéas achadas pelo genio da invenção, a fim de compôr com magisterio a scena de um painel; o que é applicavel a todas as bellas artes filhas do desenho. V. *Dispôr*.

DISTANCIA, s. f. do lat. *distantia*. Em geometria é o caminho mais curto de um ponto a outro, cuja *distancia* se mede pela linha recta; a *distancia* de um ponto a uma outra linha ou a uma superficie, mede-se pela perpendicular tirada d'esse ponto a essa linha ou superficie. Em architectura e perspectiva ponto de *distancia* é aquelle d'onde é preciso considerar uma elevação de architectura ou de qualquer objecto para bem perceber e apreciar o seu todo. A experiencia corroborada pela sciencia tem feito conhecer que para se verem bem esses objectos verticaes debaixo para cima, deve-se buscar o angulo de 45 graus, isto é, que o espectador se colloque a uma *distancia* d'esse objecto que seja igual á sua altura. V. *Perspectiva*.

DISTRIBUIÇÃO, s. f. do lat. *distributio*, *onis*, acção e effeito de distribuir, dividir, repartir entre muitos (t. comp.). *Distribuição* e *disposição* parecem synonymos; mas, rigorosamente fallando, não o são, porque o termo *disposição*, toma-se em sentido mais generico, do que o de *distribuição:* em architectura a disposição consiste, propriamente fallando, no

arranjamento das partes do edificio em relação ao seu todo, tanto a respeito do plano, como dos jardins, cocheiras e outras accommodações em sentido geral; mas a *distribuição* entende em cada uma das peças de que constam as partes do edificio; na boa commodidade das casas, das camaras, dos gabinetes, dos corredores, etc., e por isso tem este termo uma significação mais restricta. O que igualmente se deve applicar tanto á pintura como á esculptura, guardadas as devidas differenças, segundo a especialidade de cada uma das artes.

Fallando da pintura, diz M. de Piles: «Quando se diz uma bella *distribuição*, comprehende-se a dos objectos e a das luzes; quando se ouve fallar de uma, é preciso especificar a outra, e dizer: *Eis-ali uma bella distribuição de objectos, e de luzes bem distribuidas.*

DISTRIBUIR, v. a. do lat. *distribuo, ere,* dividir, repartir, dar a cada um sua parte. Fazer uma conveniente accommodação, e uma bem combinada repartição das partes de uma composição ou seja de pintura, esculptura ou architectura. *Distribuir* as figuras, as casas, os ornatos, as massas de claro escuro, etc.

DITRIGLYPHO, s. m. (archit.) é o espaço entre dois triglyphos sobre um intercolumnio dorico. V. *Triglypho.*

DIVERGENCIA, s. f. do lat. *divergentia,* (geom. e opt.) duas ou mais linhas ou raios de luz, que partindo de um ponto commum se vão afastando cada vez mais um do outro.

DIVERGENTE, adj. dos 2 g. do lat. *divergens, entis,* (geom. e opt.) Chama-se assim á linha, por opposição á *convergente,* que partindo de um mesmo ponto se vae apartando cada vez mais uma da outra; assim os lados de um angulo são *divergentes.*

DIVERGIR, v. n. do lat. *vergo ere,* vergar, dobrar, *e di.* pref. (geom. e opt.) partir de um mesmo ponto commum desviando-se para diversas partes.

DIVERSIDADE, s. f. do lat. *diversitas, atis,* fr. *diversité,* it. *diversita,* hesp. *diversidad,* ing. *diversity,* (pint.) a *diversidade* ou variedade é uma parte da composição e da expressão, que necessariamente deve concorrer para que um quadro possa merecer a attenção das pessoas entendidas. Como a natureza é infinitamente rica pela variedade dos objectos, e nos offerece a cada passo innumeraveis modelos de imitação, é indispensavel que o artista saiba escolher entre elles os mais convenientes para diversificar o ar, as attitudes e as paixões dos personagens que entram na composição de um quadro, para que, sem se afastar nem offender a unidade da acção, cada uma d'essas figuras e objectos represente o seu papel por um modo natural, novo e agradavel, sendo que usado com o judicioso criterio que demanda, póde tornar digno de grande estima um assumpto, que apesar de ser muito conhecido e tratado por muitos auctores, chame comtudo as vistas e a attenção pela diversidade e novidade de attitudes, de expressão e de caracteres.

DIVIDIMENTO, s. m. (archit.) repartimento, divisão das casas e dos quartos. «Tapumes e *dividimentos.*» *Adv. aos mod.* p. 89.

DIVISA, s. f. do lat. barb. *divisa:* —, com a mesma significação, (braz.) faxa que só tem ametade da sua largura ordinaria: —, insignia, signal distinctivo de dignidade; (pint. e esculpt.) expressão ou mote breve e caracteristico, muitas vezes acompanhado de uma figura symbolica, pintada ou esculpida em baixo relevo. A figura forma o corpo da *divisa,* a letra ou mote é a alma ou espirito d'ella. Assim o pelicano tirando o sangue do proprio peito para alimentar seus filhinhos, com a letra «*pela lei e pela grei*», era a *divisa* de el-rei D. João II. A esphera acompanhada do mote «*talent de bien faire*» era a *divisa* do infante D. Henrique. V. *Armaria, Emblema, Symbolo.*

DIVISORIO, A, s. m. e f. e tambem adj. do lat. *divisus, a, um,* (archit.) são expressões muito usadas pelos architectos e mestres de obras; muro *divisorio,* parede *divisoria,* ou tomado substantivamente, uma *divisoria.*

DOBRADIÇA, s. f. do lat. *cardo,* fr. *gonde,* it. *cardine,* hesp. *gozne,*

ing. *kinge*, (archit.) gonzo, macha-femea sobre que dobram ou giram as portas e janellas: —, tábua que se atravessa de um a outro banco da platéa, quando ha grande concurso no theatro.

DOBRAS (roupas), s. f. pl. do lat. *flexus*, fr. *pli*, it. *piega*, hesp. *pliegue*, ing. *plait*, voltas de um panno sobre si mesmo (pint. e esculp.). Devem-se estudar as dobras ou prégas dos differentes tecidos. As dobras devem ser grandes, naturaes, faceis, correntes e modulosas.

Rafael é um dos grandes mestres que se deve estudar mesmo na boa ordem das pregas ou *dobras*. V. *Pannejamentos*.

DOCE, adj. dos 2 g., do lat. *dulcis*, que causa impressão agradavel no paladar; (pint.) suave, brando. Applica-se principalmente ao bom effeito que n'um quadro produz a suavidade das passagens dos claros aos escuros, e das côres brilhantes ás graves, de modo que não haja desharmonia, desacordo ou dureza que nos desagrade.

DOCEL, s. m. do lat. *umbella*, fr. *dais*, it. *soglio*, hesp. *palio*, ing. *canopy*, (archit. e esculp.) obra de architectura e esculptura feita de bronze, de ferro, de pedra ou madeira, que serve para cobrir e coroar um altar, um throno, um pulpito, etc. Quando o *docel* é sustentado por columnas, então toma o nome de baldaquino. V. *Baldaquino*.

DOÇURA, s. f. o abstracto de doce, que geralmente se applica a tudo que tem esta qualidade, mas em especial ás obras de pintura, em que se louva a suavidade do claro-escuro e do colorido.

DODECAEDRO, s. m. do gr. *dodéco*, doze, e *edra*, base, (geom.) um dos cinco solidos regulares; é formado por doze pentagonos regulares iguaes. V. *Polyedro*.

DODECÁGONO, s. m. do gr. *dodéca*, doze, e *gonia*, angulo, (geom.) polygono que tem doze angulos e doze lados; quando os angulos e os lados são iguaes entre si, o *dodecágono* é regular, e póde então ser inscripto ou circumscripto no circulo; a somma d'esses angulos interiores é igual a vinte angulos rectos. Este nome em termos de fortificação significa uma praça cercada de doze bastiões.

DOIRAR, e seus derivados. V. *Dourar*, *Dourador*, etc.

DOMO, s. m. do lat. *domus*, it. *duomo*, egreja cathedral, fr. e ing. *dome*, hesp. *domo*, casa, termo usado pelo chorographo Gaspar Barreiros, em logar de sé ou egreja cathedral:—, (archit.) é uma especie de cume: —, em fórma de espheroide, com que se cobre uma egreja ou outro qualquer edificio; é em geral o correlativo de *cupula*. Construe-se de madeira e recobre-se com ardosias ou chumbo, sobrepondo-lhe ás vezes um lanterninho, que tem no alto uma cruz ou uma flecha. Os *domos* mais famosos e notaveis são construidos de pedra, como é o de S. Pedro de Roma, o de S. Paulo de Londres e o de Santa Sophia em Constantinopla.

A cupula é a parte concava do *domo*, que é convexo ou espherico. Em algumas cupulas podem ter logar a pintura e a esculptura ornamental. O nosso pintor historico e escriptor Cyrillo Wolkmar Machado, descrevendo as pinturas que fizera nos tectos do palacio de Mafra, diz:

«A sala contigua contém a genealogia da casa real. Sobre oito columnas corinthias se levanta uma especie de *Domo*, que representa o ferreo templo do Destino. Este deus fabuloso mostra escripta no livro dos seus decretos irrevogaveis, aos regios ascendentes da casa de Bragança, a gloria a que os seus successores devem ser elevados, e principalmente aquella que, para felicidade da nação portugueza, estava reservada ao senhor D. João IV, e mais ainda ao amabilissimo principe, de quem felizmente somos vassallos. Á vista de tão magnificas predições, todos elles exultam de prazer. Hugo Capeto, extasiado, levanta os braços e os olhos ao céu para lhe render as graças. O conde D. Henrique e D. Affonso I observam ainda o livro, e cheios de respeito, adoram a Providencia... em um painel entre as janellas, D. João o IV, devia ser conduzido ao throno pela Justiça e pela Felicidade. Nos quatro medalhões das sobre-portas, D. Affonso VI está entre as estatuas

da Tristeza e da Infelicidade. D. Pedro II entre as da Justiça e Fortaleza corporal. D. João o V entre a Religião e a Magnanimidade; e o senhor D. José entre a Magestade e a Politica». Cyr., *As honras da pint., esculp. e archit.*, p. 118.

DÓRICO, A, adj. V. *Ordem dorica.*

DORMITORIO, s. m. do lat. *dormitorium*, fr. *dortoir*, it. e hesp. *dormitorio*, ing. *dormitory*, (archit.) logar proprio para se recolherem a dormir os religiosos, ou os collegiaes que frequentam os estudos. Os *dormitorios* são de duas especies: uns consistem em grandes casas, guarnecidas de mais ou menos leitos, a que chamam camaratas: outros, que são os mais antigos, e mais usados nas communidades, consistem em corpos simples formados em alas ou galerias, ao lado das quaes se fabricam pequenos quartos ou cellas. O centro do dormitorio, que serve de corredor a todos os quartos ou cellas, recebe luz alta, ou por meio de janellas abertas nas duas extremidades da galeria, ou tambem por janellas nas paredes de lado, dispostas em logares convenientes, e nos espaços entre as mesmas cellas.

«... e o *dormitorio* dos rapazes para poderem receber ensino de trabalho e de boa educação». Cyr., *Collec. de Mem.*, p. 168.

DORSO, s. m. do lat. *dorsum*, ant. *dossum*, o revez, as costas de alguma cousa, (anat.) as costas, a parte posterior do corpo humano ou dos animaes desde o pescoço (ultima vértebra cervical) até aos rins. *Dorso* da mão, — do pé, a parte convexa d'estas duas extremidades. Alguns confundem *dorso* com *torso*, tendo este termo significação diversa e mais extensa. V. *Torso.*

DOURADURA, s. f. do lat. *auratura*, fr. *dorure*, it. *doratura*, hesp. *doradura*, ing. *gilding*, operação pela qual se cobre de uma folha ou camada de oiro mais ou menos grossa a superficie dos objectos, a que se quer dar o brilho d'este metal. Douram-se os metaes, a madeira, a argilla, ou barro cozido, a porcelana, o gesso, o marmore, o vidro, e muitas outras materias. A douradura de metaes tem differentes processos; o mais antigo é o do mercurio, que hoje se acha substituido pela corrente galvanica. A douradura sobre madeira faz-se a oleo ou a tempera, e segue os mesmos processos sobre a argilla, pedra, gesso, etc. Faz-se d'este modo: recobrem-se os objectos de uma camada de alvaiade a oleo de linhaça; dá-se-lhe depois um mordente (composto dos residuos de todas as tintas), e de oleo fervido, e quando o mordente está quasi secco, applica-se-lhe o oiro em folhas muito delgadas com um pincel chato de pello muito fino; e emfim dá-se sobre o oiro uma ligeira demão de verniz de espirito. A douradura brunida consegue-se esfregando a peça com oiro em pó, por meio de uma boneca ou rolha de cortiça, ou mesmo com o dedo pollegar até que a camada tenha a grossura conveniente, e depois faz-se o brunido com agua de sabão.

DOURAR, v. a. do lat. *inaurare*, fr. *dorer*, it. *indorare*, hesp. *dorar*, ing. *to gild*, applicar o oiro sobre alguma cousa ou objecto, ou em folhas delgadissimas ou em pó e por dissolução. V. *Douradura.*

DRACÓGRYPHO, s. m. (braz.) animal fabuloso de que se usa na armaria, tem a figura de meio dragão e meio aguia, ou antes, de meio grypho.

DRAGA, s. f. do fr. *drague*, lat. e it. *pala*, ing. *grams*, (archit.) machina que serve para limpeza dos rios: é similhante a uma nora, tendo em logar de alcatruzes baldes de ferro presos a duas correntes do mesmo metal, por meio dos quaes se levanta areia ou cascalho do fundo do mar ou dos rios. Ha *dragas* de mão, á maneira de pás curvas, de manivella, e movidas a vapor.

DRAGAGEM, s. f. a acção ou effeito que produz a *draga.*

DRAGÃO, s. m. do lat. *draco*, dragão. *Sangue de dragão*, resina que se usa na pintura para composição do verniz. É tirado do arbusto da India chamado dragoeira, tem uma côr muito vermelha e grande solubilidade.

DUODECAEDRO. V. *Dodecaedro.*

DUODECAGONO. V. *Dodecágono.*

DUREZA, s. f. do lat. *duritia*, rijeza, aspereza, fr. *dureté*, ing. *hard-*

ness, it. *durezza*, hesp. *dureza*, é o abstracto de *duro*, e diz-se *dureza* de desenho, de colorido, e de qualquer obra de bellas artes, em que não apparece a suavidade e a doçura da execução e da expressão.

DURO, A, adj. do lat. *durus, a, um*, rijo, aspero, fr. *dur*, ing. *hard*, it. e hesp. *duro*, diz-se do desenho, em que os perfis ou contornos são muito fortes e carregados, ou as sombras recortadas, sem a suavidade das meias tintas, o que igualmente se applica a todas as bellas artes e especialmente á pintura, em que não ha a devida degradação das côres aereas e locaes.

E

ÉBANO, ou ÉBENO, ou EVANO, s. m. do hebr. *eben*, ou do gr. *ébenos*, que significa pedra, porque o *ébano* é madeira tão rija e pesada como pedra, e muito adaptada a receber o mais bello polimento, lat. *ébenus*, fr. *ébène*, it. e hesp. *ebano*, ing. *ebony*. Ha ebano de tres côres differentes, negro, vermelho e verde, mas o negro sendo bom, leva vantagem a todos, porque é compacto, macisso, limpo, sem veias, liso e macio ao tacto como marfim, e tão negro e solido que deitado na agua se vae logo ao fundo como ferro. D'esta bella madeira foi feita a estatua de Diana no famoso templo de Epheso, como diz Plinio, o que prova quanto era estimada entre os estatuarios antigos esta madeira; e ainda que esteja menos usada entre os modernos, comtudo tem grande applicação nas artes decorativas. O *ebano* negro procede das ilhas de Madagascar e de S. Mauricio. O *ebano* de côres vem dos Alpes e de Bignone.

EÇA, s. f. do lat. *cenotaphium*, fr. *cenotaphe*, it. e hesp. *cenotafio*, ing. *mausoleum*, (archit. e esculp.) tumulo honorifico de madeira, ornado de esculpturas e inscripções, sobre o qual se colloca o caixão, quasi sempre vasio, mas em que algumas vezes se deposita o cadaver da pessoa, quando se lhe fazem officios funebres. V. *Catafalco, Mausoléu, Tumulo*.

ÉCFORA, s. f. do lat. *écphora*, Vitr. (archit.) saliencia ou avançamento da cimalha, ou de um membro architectonico, tomado desde o eixo do solido sobre que descansa até um dos seus extremos. V. *Saliencia*.

ECHEA, ECHEAS ou ECHEIAS, s. f. do lat. *echêa, echeia, orum*, Vitr. (archit.) vasos de bronze que se collocavam nos theatros antigos, para que auxiliassem as vozes, a fim de se perceberem mais claramente.

ECHINO, s. m. do gr. *ekinos*, casca de castanha, (archit.) é a moldura principal do capitel dorico, ou qualquer outra moldura, formada de quarto de circulo; d'aqui vem a analogia que ha entre a casca de castanha e a capa que contém o ovano. V. *Ovano*.

ECHO ou ECO, s. m. do gr. *ékhos*, som, reflexão do som por um corpo duro, em virtude da qual o som se repete ao ouvido depois de ter sido já entendido; esta reflexão se executa sempre em uma direcção tal que o angulo de reflexão é igual ao angulo de incidencia. Se a superficie reflexante está collocada p. m. ou m. a 170 metros da pessoa que falla, o tempo que leva entre o primeiro som e o echo, é de um segundo, porque o som percorre p. m. ou m. 340 metros por segundo (archit.). Alem dos echos naturaes, ha tambem os echos artificiaes, de que os architectos se servem dando ás abobadas certas fórmas determinadas para repercussão da voz, como se experimenta em algumas egrejas gothicas, principalmente na de Milão, que passa por uma das mais harmoniosas. Em uma das casas da basilica de Mafra ha uma de fórma elliptica que representa e repercute as palavras, e chama-se *casa dos echos*.

ECHO DE LUZ, s. m. (pint.) *Echos de luz*, massas secundarias de luz, subordinadas á luz principal e distribuidas no quadro, de modo que vão gradualmente chamando a vista do espectador, sem comtudo eclipsar a luz principal, nem offender e desacordar a unidade do effeito, e são chamados assim pela similhança que tem com a voz que vae repetindo por intervallos com mais ou menos clareza o som principal.

ECHOMETRIA, s. f. do gr. *ékhos*, som, e *metron*, medida, (archit. hydr.) a arte de construir edificios, e prin-

cipalmente abobadas, para espalhar e multiplicar os sons. V. *Acustica.*

ECHÓMETRO, s. m. do gr. *echoemetro*, régua propria ou escala graduada para medir a duração dos sons, e para achar seus intervallos e relações.

ECLUSA, s. f. do lat. *e* ou *ex* por fóra, e *clausus*, fechado, fr. *écluse*, it. *chiusa*, hesp. *represa*, ing. *sluice*, (archit.) repreza feita sobre um rio, ou sobre um canal para reter ou deixar correr as aguas. Por este nome entende-se tambem uma bacia construida entre duas calhas ou partes de canal de differentes niveis, a qual bacia é destinada a fazel-as communicaveis: ao interior de uma *eclusa* d'este genero chama-se *peneira*, ás paredes d'ella *almofadinhas;* a *eclusa* é fechada nas duas extremidades com portas que se podem levantar ou abaixar á vontade, ou abrir lateralmente por meio mechanico. A agua passa logo por meio de valvulas da peneira superior para a bacia até que esta fique no mesmo nivel. Abrem-se depois as valvulas das portas situadas na outra extremidade para restabelecer o nivel da bacia ao nivel da peneira inferior.

A invenção das *eclusas*, deve referir-se ao seculo XV, e ao merito de dois italianos naturaes de Viterbo, de que se ignora os nomes. Leonardo de Vinci reproduziu esta mesma operação para conseguir a juncção dos dois canaes de Milão. As *eclusas* têem sido muito aperfeiçoadas n'estes ultimos tempos. V. *Canal, Comportas.*

ECOMETRIA. V. *Echometria.*

ECONOMIA, s. f. do gr. *oékos*, casa, e *nemó*, distribuir, lat. *œconomia*, Quintil., fr. *économie*, it. e hesp. *economia*, ing. *economy* (t. comp.). Como termo de arte toma-se em dois sentidos: 1.º, no orçamento, ou bem calculada despeza necessaria para se levar a effeito a construcção de qualquer edificio ou de outra qualquer obra de arte; 2.º, na ordem, disposição judiciosa e harmonia das partes entre si com respeito á unidade do objecto, rejeitando o inutil e superfluo, fazendo valer e sobresaír o principal, sem faltar aos accessorios precisos, distribuindo tudo com regularidade, gosto e simplicidade, e finalmente fazendo o mais e o melhor com os menos meios possiveis, porque é n'isso que consiste a bem entendida *economia — multa paucis.*—V. *Orçamento.*

ECTYPO, s. m. do gr. *ektypon*, medalha de relevo, lat. *ectypum*, (grav. e esculp.) a imagem ou figura de relevo, ou em medalha.

EDIFICAÇÃO, s. f. do lat. *œdificatio, onis*, (archit.) acção de edificar, construcção, fabrica de um edificio.

EDIFICADOR, ORA, s. m. ou f. do lat. *œdificator, oris*, o que, ou a que edifica, ou manda edificar casas, palacios, etc.

EDIFICAMENTO, s. m. edificação, acção de construir, fabricar.

EDIFICAR, v. a. do lat. *œdifico, are*, de *œdes*, a casa, e *facio, ere*, fazer, *œdes*, vem do gr. *hedó*, assentar, fr. *édifier*, it. *edificare*, hesp. *edifiar*, ing. *to edify*, (archit.) construir, levantar casas, fabricar, ou fazer edificios e obras de architectura, proprias para habitação e commodidades da vida civil ou militar.

EDIFICIO, s. m. do lat. *œdificium*, fr. *édifice*, it. e hesp. *edificio*, ing. *edifice*, (archit.) casa, palacio, fabrica mais ou menos apparatosa, mas com as commodidades necessarias para os usos da vida civil ou militar.

EFFEITO, s. m. do lat. *effectus*, s. e p. p. de *efficio, ere*, executar, e pref. *e facio, ere*, fazer:—, o que se segue de alguma causa, e é produzido por ella; v. g., bom ou mau effeito; fr. *effet*, it. *effetto*, hesp. *effecto*, ing. *effect*, impressão que produz á primeira vista, e na imaginação uma obra de arte; antes mesmo de se fazer d'ella aprofundado exame. Posto que o termo se applique ordinariamente a obras de pintura, comtudo é termo commum a todos os ramos de bellas artes, e assim diz-se:—, é um quadro de grande *effeito*, um grupo, uma gravura de bello *effeito:* —, as prégas são largas e produzem bom *effeito;* bello *effeito* de luz, ou de claro escuro, etc. «Augmentar muito mais o *effeito* visivo». Machado, *Analyse grafic, orthod.*, p. 6, 56.

«Desagradaveis *effeitos* que n'ella produz a illuminação esgazeada e inconstante.» Idem, *Descripç. Analyt.*, p. 117.

EFFIGIADO, A, p. p. de effigiar, e adj. representado em effigie. «Ficou n'ella ao vivo *effigiada* sua imagem». *Agiol. Lusit.*, p. 233.

EFFIGIAR, v. a. do lat. *effigio, are,* (pint. esculp. e grav.) retratar principalmente em vulto, em relevo.

EFFIGIE, s. f. do lat. *effigies,* fr. e it. *effigie,* hesp. *efigie,* ing. *effigies,* (pint. esculpt. e grav.) imagem, retrato, figura verdadeira de alguma pessoa; ainda que o termo se applique principalmente ao retrato feito em vulto ou relevo, applica-se tambem ao que é pintado ou gravado e mereça em verdade este nome, que não é em rigor synonymo de retrato, porque tem uma significação mais especial e restricta, mais relevante, mais authentica e mais religiosamente conservada; e assim é pratica dizer-se, e o diz um dos nossos classicos «a sacra *effigie* de Christo», um crucifixo, *Seg. cerco de Diu,* fol. 289 — a vera *effigie* de Santo Ignacio. É tambem termo muito proprio e usado na gravura de medalhas e de moeda. A moeda tem o cunho com a *effigie* do nosso soberano, do nosso imperador, etc.

EGREJA, s. f. do lat. *ecclesia,* gr. *kaleô,* chamar, convocar; congregação dos fieis catholicos, fr. *église,* it. *chiesa,* hesp. *iglesia,* ing. *church,* (archit.) edificio, egreja consagrada ao exercicio publico do culto catholico: os protestantes têem edificios para o seu culto, a que chamam *templos.*

Egreja simples, consta de uma só nave e de côro.

Egreja de duas ordens de capellas.

Egreja de tres naves, como são as egrejas gothicas.

Egreja de cruz grega, é a que tem os quatro braços da cruz iguaes em comprimento.

Egreja de cruz latina, é aquella que tem a nave mais comprida que as outras partes, como são a maior parte das egrejas modernas, sem exceptuar as gothicas.

Egreja redonda, é a que tem a planta circular, como é a do Pantheon em Roma, a do Bom Successo em Belem, e outras.

Ha tambem *egrejas subterranea, conventual, parochial, collegial, cathedral, metropolitana, patriarchal* e *pontifical,* que pertence ao papa, como é a de S. Pedro em Roma.

Todas estas differentes egrejas são acompanhadas de sacristia, thesouro, cartorio, capitulo, torres, sinos, e de um, dois ou tres portaes, e as parochiaes têem de mais a pia baptismal.

As egrejas gregas, diz Fleury, eram fabricadas por modo differente do que o são presentemente: ellas eram totalmente separadas dos edificios profanos; a entrada era por um portal para um peristylo, isto é, um pateo quadrado, cercado de galerias cobertas, tendo a meio uma ou mais fontes, para se lavar o rosto e as mãos, antes de orar. No fundo havia um vestibulo duplicado, para onde se entrava por tres portas, para a basilica ou egreja, junto da qual, pela parte de fóra, havia dois edificios, um para o baptisterio, e o outro para a sacristia ou thesouro. O comprimento da basilica era dividido em tres partes, por meio de duas fileiras de columnas, formando a nave do meio e uma galeria de cada lado. Pouco adiante do fundo, para a parte do oriente, estava o altar, e por detrás d'este o santuario; adiante do altar, em alguma distancia, estava uma balaustrada aberta, no espaço, entre a balaustrada e o altar, estava o côro. Á entrada do santuario ou do côro, construia-se uma tribuna elevada, para ahi se fazerem as leituras publicas. Algumas vezes se construiam duas, para não encobrir o altar, etc. Fleury, *Mœurs des chrétiens.*

EIXO, s. m. do lat. *axis,* gr. *axon,* de *agúo,* impellir, fr. *essieu,* it. *asse,* hesp. *eje,* ing. *axel-tree,* pedaço de madeira, ferro ou aço, que passa pelo centro de uma roda ou de outro qualquer corpo, e serve para o apoiar e fazer-lhe dar voltas ou girar. — (archit.), linha que se suppõe atravessar perpendicularmente o meio de um corpo cylindrico, como o de uma columna. No capitel jonico é tambem a linha que cáe a prumo, e passa pelo meio do olho da voluta. A linha que passa pelo meio dos dois encontros nas pontes chama-se *eixo* ou *directriz.* V. *Axe, Cátheto.*

EIRADO, s. m. deriv. de *área,* terreiro, gr. *hypœtra,* (archit.) logar co-

berto ou descoberto sobre o tecto de um edificio ou casa, ou em logar alto e separado, para tomar o fresco ou o calor do sol no inverno. «*Soalheiro* ou *eirado*». Oliveira, pag. 171. V. *Terrado*, e *Terrasso*.

ELECTROGRAPHIA, s. f. (phys.) tratado sobre a electricidade.

ELECTROTYPIA, s. f. (phys.) arte de reproduzir typos, medalhas, bustos, retratos por meio da electricidade.

ELEGANCIA, s. f. do lat. *elegantia*, de *eligo, ere*, escolher, fr. *elegance*, it. *eleganza*, hesp. *elegancia*, ing. *elegancy*. É uma parte do desenho, que consiste na arte de saber escolher e representar com graça e belleza todas as fórmas e accidentes relativos a objectos de bellas artes. Assim, é costume dizer-se *elegancia* do desenho, — do colorido, — da architectura, — da esculptura, — dos ornamentos, etc.

«Elegancia de expressões». Mach., *Descripç. Anal.*, pag. 8.

ELEGANTE, adj. dos 2 gen. do lat. *elegans, tis*, escolhido, selecto, culto: pintor *elegante*, contornos *elegantes*, edificio *elegante*.

ELEGIDO, supino de eleger, «como teve *elegido* o logar para a fortaleza». Barros. Levantado com escolha.

ELEGIMENTO, s. m. effeito e trabalho de eligir, levantar, (archit.) escolher e assentar os alicerces. «Nos alicerces que se fizerem para tanques, etc., se devem fazer os massames geraes, os quaes assentando as pedras dos seus *eligimentos*, em fundamento muito fixo». Negreiros, *Curs. de archit. civ.* (ms.)

ELEGIR, v. a. escolher levantando o edificio; elegir alicerces, levantar fundamentos.

ELEVAÇÃO, s. f. do lat. *elevatio, onis*, acção e effeito de elevar, fr. e ing. *elevation*, it. *elevazione*, hesp. *elevacione*, (archit.) é a representação em desenho da fachada ou frontispicio de um edificio, que se chama *orthographia*, quando esse desenho é geometrico, isto é, quando as partes que o compõem são levantadas ou elevadas em sua verdadeira grandeza; chama-se tambem *elevação geometrica*. *Elevação perspectica* é o desenho de um edificio, cujas partes lateraes apparecem em escorço. V. *Scenographia*.

ELEVAR, v. a. do lat. *extruere*, fr. *élever*, hesp. *levantar*, it. *innalzare*, ing. to *raise*, (archit.) applica-se á elevação ou acto de levantar um edificio, um obelisco, uma columna, etc.

ELLIPSE, s. f. do lat. *ellipsis*, gr. *elleipsis*, omissão, falta, (geom.) figura resultante da secção feita na superficie de um cone por um plano que lhe corta todas as arestas.

ELLIPSOIDE, s. f. (geom.) solido formado pela revolução de uma meia ellipse em roda do seu eixo.

ELLIPTICO, A, adj. (geom.) que tem a fórma oval ou a figura de ellipse.

ELUCIDAÇÃO, s. f. dilucidação: em termo d'arte significa a acção e effeito de passar um desenho á luz sobre um vidro ou panno fino e transparente.

ELUCIDAR, v. a. do lat. *elucido, are*, dilucidar, passar á luz um desenho sobre vidro, panno ou papel transparente. V. *Lúcido*.

ELUDÓRICA, adj. (pint.) pintura eludorica ou composta de oleo e de agua, processo pouco conhecido. V. *Pintura*.

EMBARCADOURO, s. m. do fr. *embarcadere*, hesp. *embarcadero*, (archit.) pequena construcção em fórma de caes ou dique, feito na extremidade de um canal ou bacia para abordarem os botes, a fim de se poder embarcar e desembarcar commodamente.

EMBASAMENTO. V. *Envasamento*.

EMBEBER, v. a. do lat. *imbibo, ere*, absorver, embutir, encaixar (archit.). V. *Encaixar*, *Entalhar*.

EMBELLECER, v. a. do fr. *embellir*, fazer bello.

EMBELLEZAR e seus deriv. V. *Aformosear*.

EMBLEMA, s. m. do lat. *emblema*, gr. *emballó*, ajuntar, inserir, ou de *blemma*, aspecto, symbolo, (pint. e esculp.) quadro composto de uma ou mais figuras, representando um pensamento moral, é propriamente uma metaphora; assim a cobra com o rabo na bôca, formando um circulo, é *emblema* da eternidade: um velho alado,

tendo nas mãos uma fouce, e uma ampulheta, é *emblema* do tempo. O emblema distingue-se da *divisa*, porque esta é acompanhada de alguma expressão breve ou mote caracteristico. Ha um famoso poema latino de emblemas, por Alciato, *Emblematum libellus*, que tem sido muitas vezes reimpresso e traduzido em francez. V. *Divisa*.

EMBLEMAR, v. a. indicar, significar alguma cousa ou algum objecto por meio de signaes ou emblemas.

EMBLEMATÓGRAPHO, s. m. auctor ou desenhador de emblemas. Acad. dos singulares.

EMBOCADURA, s. f. a acção de embocar, (archit.) *embocadura da ponte:* construem-se algumas vezes margens para regular a corrente das aguas por baixo de uma ponte, sendo d'este modo canalisada uma parte das margens; chama-se a esta parte *embocadura da ponte*.

EMBOÇAMENTO, s. m. do lat. *arenatum*, fr. *crepi*, it. *calcinnaccio*, hesp. *capa*, (archit.) acção ou trabalho de applicar a primeira camada de cal ou argamassa nas paredes.

EMBOÇAR, v. a. do lat. *arenato inducere*, it. *intonacare*, ing. *to roughcast*, (archit.) chapar uma parede ou muro com a primeira camada de cal ou argamassa.

EMBOQUILHAR, v. a. (archit.) fazer encaixes com feitio de boquilhas em portas, janellas e outras peças de madeira. V. *Boquilha*.

EMBRAÇADEIRA, s. f. cinta ou cintas de couro crú por detrás da rodela ou escudo, por onde se enfia o braço para o segurar, (archit.) aro de ferro para segurar a cabeça da estaca quando a cravam a macaco:—, tudo que serve para segurar e dar ponto de apoio aos movimentos naturaes dos braços, ou artificiaes dos instrumentos, que se empregam na arte da edificação.

EMBRECHADO, A, p. p. de embrechar, e adj. formado ou ornado a modo de gruta, com pedrinhas, buzios, conchas, etc. «Salão espherico *embrechado* por toda a parte com a riquissima e luzidissima pedraria das estrellas». Bern., *Flor.* 2 e 3, B. 12, § 2.º

EMBRÉCHADOS, s. m. pl. pedacinhos de louça, de crystal, vidros, pedrinhas e conchas, com que se fazem grutas nos jardins e se ornam as paredes.

EMBRECHAR, v. a. formar e ornar de embréchados.

EMBRYÃO, s. m. do lat. *embrio, onis*, do gr. *embryon, bryó*, germinar, e *en* ou *entos*, dentro, germen fecundado, que começa a desenvolver-se no utero ou no ovo. O germen toma o nome de *embryão*, quando as suas fórmas começam a ser visiveis, fr. *pochade*. Por analogia costumam os nossos artistas chamar *embryão* aos primeiros traços ou linhas com que formam ou dão a conhecer qualquer figura, composição ou objecto d'arte; principalmente o applicam aos esboços de pintura, e aos dos esculptores que dão ao barro, modelando as fórmas ou configuração imperfeita dos objectos que querem representar. «As artes e manufacturas estão ainda em *embryão*». Vieira, *Palav.*, fl. 191. «... mesmo no *embryão* que da imagem ali expressou». Machado de Castro, *Anal. graf.*, pag. 16. V. *Borrão*.

EMBRYONADO, A, p. p. de embryonar, e adj. formado como embryão.

EMBRYONAR, v. a. de embryão, desenvolver a primeira fórma da germinação: —, lançar os primeiros traços ou dar as fórmas em tosco da figura humana, de uma composição ou de outros objectos d'arte.

EMBUTIDOR, s. m. o artifice que faz embutidos e obras de marchetaria com figuras e ornatos.

EMBUTIDURA, s. f. do lat. *cavitas*, it. *incassatura*, hesp. *encaxadura*, ing. *a joint*, acção ou obra de embutir ou fazer embutidos.

EMBUTIR, v. a. do lat. *committere*, it. *incastrare*, fr. *emboiter*, hesp. *encaxar*, ing. *to joint*, engastar, de *boite*, caixa, (esculp.) introduzir em caixas ou cavidades de madeira, pedra ou metaes, figuras, emblemas ou ornatos de relevo, ou sem elle, mas com differentes côres, para poderem sobresaír e agradar, como vemos em alguns altares, retabulos e outras peças de egreja dos seculos XV, XVI e XVII. V. *Encrustar*.

EMMADEIRAMENTO, s. f. fazer

o assentamento das vigas ou varas sobre as paredes e toda a ossada ou madeiramento de uma casa, de um edificio; (archit.) formar o madeiramento ou ossada de uma casa, ou de um edificio, assentando, travando, ligando e assemblando todas as peças das differentes salas, casas e officinas de que se compõe, de modo que fiquem com a devida solidez e segurança, segundo as regras da arte.

EMMADEIXAR, v. a. fazer madeixas, distribuir ou formar o cabello sobre a cabeça em grupos, dispondo-os com ordem e graça. V. *Madeixa.*

EMMALHETAR, v. a. do lat. *includere,* fr. *enchasser,* it. *incassere,* hesp. *encaxar,* ing. *to inclose,* (archit.) unir, ajuntar peças de madeira por meio de malhetes. V. *Encaixe.*

EMOÇÕES, s. f. pl. do lat. *emotio, onis,* tirar do seu logar, fr. *emotion,* it. *emozione,* hesp. *emocion,* ing. *stirring,* alteração, agitação, movimento do corpo, nos humores e no animo:— (term. comp.), termo trazido do francez, e, entre nós, modernamente adoptado na linguagem das artes para significar o abalo, a alteração ou movimentos que produzem no animo dos artistas certos sujeitos ou assumptos, segundo a natureza dos seus sentimentos. D'aqui a esthetica, e d'esta a verdadeira theoria da arte fundada do sentimento. V. *Butler Baumgarten.*

«Nous avons vu que le beau s'addresse toujours à nos *emotions,* et à nos sentimens.» *L'Art moderne en Allemagne,* tom. I, introduc., pag. 6 a 9.

«*Schnorr* é eminentemente allemão. A poesia romantica é a que parece merecer-lhe mais attractivo... parece antes excitar-se ás *emoções* fortes, e ás manifestações energicas, do que ser d'ellas dominado...» Idem.

«*Henri Hess* é, por suas disposições naturaes, destinado a ser o pintor do Evangelho. Eu vejo dominar n'elle as *emoções* doces, o amor ás impressões ternas e intimas, o sentimento religioso.» Idem, tom. II, pag. 146 a 150.

EMMOLDURAR, v. a. metter ou resguardar em moldura uma estampa, desenho, gravura, pintura ou esculptura.

EMPANADA, s. f. deriv. de *empanado,* panno de linho ou de algodão fino, algumas vezes encerado, estendido e pregado em uma grade, que se colloca nas janellas para modificar ou adoçar a luz. Usa-se tambem de papel oleado ou de outros tecidos transparentes para o mesmo fim.

EMPARELHAMENTO, s. m. do lat. *copulatio,* acção e effeito de emparelhar. Em bellas artes é a união de dois corpos iguaes; é a approximação de duas estatuas ou dois quadros, ou duas figuras iguaes ou de caracter similhante: é principalmente termo de architectura, para significar o modo de approximar quanto possivel as columnas, de sorte que não se penetrem as bases e os capiteis.

EMPARELHAR, v. a. do lat. *copulare,* fr. *appareiller,* it. *accoppiare,* hesp. *emparejar,* igualar juntando duas estatuas, dois quadros, com certas disposições de igualdade. Em architectura significa collocar duas columnas ou pilastras com a maior approximação possivel. As ruinas de Palmyra nos servem hoje de demonstrar até á evidencia, que o *emparelhamento* de columnas das differentes ordens não é uma invenção moderna, como se acreditava; e com muita rasão Perrault, em as notas de Vitruvio, liv. III, cap. II, diz «que depois de se terem descoberto as *columnas parelhas,* todos as têem estimado e adoptado em suas obras; Bramante, Miguel Angelo, Serlio, Palladio, Scamozzi, de Lorme, Jean Gougeon, le Mercier, Mansard e outros grandes architectos modernos.

EMPASTAMENTO, s. m. acção e effeito de empastar. V. *Empaste.*

EMPASTAR, v. a. fazer pasta ou pegar papel com massa sobre fôrmas, para extrahir d'ellas figuras, mascaras, ornamentos, etc., a que chamam obras de pasta ou em pasta.

EMPASTAR, v. a. do lat. *glutinare,* fr. *empater,* it. *impastare,* hesp. *empastar,* ing. *to make clammy,* (pint. e esculp.) em pintura significa o modo de applicar as tintas em um quadro com tanta abundancia, discrição e franqueza, que a obra pareça feita á primeira e de uma só vez; tambem se toma pela applicação judiciosa das côres em seu devido tom e logar, mas

que não receberam ainda ulteriores modificações.

Em esculptura significa a boa união das fórmas, por meio de inflexões doces e suaves, o cuidadoso modo de alisar as grandes massas, ou sejam de musculos ou de roupagens, fazendo desapparecer quaesquer desigualdades, e conservando-lhes tal unidade de superficies e toques tão modulosos e macios, que agradem á vista dos espectadores; e é modo ordinario de fallar entre os esculptores, tratando d'esta parte pratica da modelação, o dizer que um rosto está muito bem executado, que as carnes estão muito tenras e o barro bem *empastado:* o mesmo se applica ás obras feitas em marmore, e ainda em bronze. Por extensão se applica este termo ás obras de desenho e gravura na parte que diz respeito ao claro-escuro. «Estes (paineis) são pintados com grande *empaste* e bellas tintas». Cyr., *Mem.*, pag. 86. «A raspa, ou groza, alem de facilitar e adiantar muito o trabalho, dá nas carnes um toque muito mais gracioso e de melhor *empaste*». Mach., *Descrip. Anal.*, pag. 171.

EMPASTE, s. m. (pint. e esculp.) a acção, effeito ou trabalho de empastar as tintas, as obras de esculptura, e ainda as massas de claro-escuro no desenho e na gravura. V. *Empastar.*

EMPEDRADO, A, p. p. de empedrar, e adj. calçado com pedra: —, (braz.) toma-se pela faxa em fórma de muralha.

EMPEDRAR, v. a. do lat. *pavimentare*, fr. *paver*, it. *lastricare*, hesp. *empedrar*, ing. *to pave*, (archit.) calçar ou cobrir de pedras as ruas, os lados das praças, os pateos, as cocheiras, etc., usando ordinariamente de pedras calcareas sobre camadas de terra, unidas com cascalhos e batidas a maço, de sorte que não se desunam. Não se usa só de pedra calcarea para calçar, mas tambem se usam o grés, o basalto, a lava, etc. «O forno em que se coze a cal deve ser feito de pedras lavradas, como as com que se *empedram* os poços.» Negreiros, *Engenh. civ. port.*, p. 12 (ms.).

EMPENA, s. f. (archit.) lados que fecham em angulo, ou fazem o vertice do frontão de um edificio: fallando vulgarmente e em termos communs, são as duas peças de madeira que segurando os extremos do pau de fileira, vão fixar-se nos frechaes ou cantos da casa, para dar vasão ás aguas que cáem aos lados do telhado. V. *Tacaniça, Frontão.*

EMPOSTA. V. *Imposta.*

EMPREITEIRO, s. m. do lat. *conductor*, fr. *entrepreneur*, it. *imprenditore*, hesp. *emprendedor*, ing. *an undertaker*, (archit.) ainda que o termo tomado em geral se applique a qualquer pessoa que se encarrega por empreitada da execução de alguma obra, mediante um preço convencionado, todavia, é especialmente entendido pela pessoa que toma a responsabilidade de executar edificios, pontes, calçadas e outras obras publicas e particulares, pertencentes á arte de edificar, sob a direcção de um architecto. Os *empreiteiros*, segundo as leis francezas, são classificados na ordem dos commerciantes. Em Portugal ficam obrigados á lei dos contratos, e aos regulamentos de obras publicas, que estabelecem as instrucções para as arrematações, e as clausulas e condições geraes para as empreitadas. V. portarias de 8 e 19 de março de 1861, que regem taes emprezas no ministerio das obras publicas, commercio e industria.

EMPREZA, s. f. do lat. *susceptio*, fr. *entreprise*, it. *impresa*, hesp. *empreza*, ing. *enterprise*, (t. comp.) obra, acção difficil e arriscada: —, especulação mercantil, etc.

Representação symbolica das façanhas ou virtudes heroicas dos varões illustres. Alguns auctores portuguezes, com o padre Antonio Vieira, fazem synonymo de *Divisa*, o termo de *Empreza*. V. *Divisa.*

ENCABEÇADO, A, ou ENCABEIRADO, A, adj. dos 2 g., tábua ou tábuas ao comprido, que encaixam em outras transversaes. «Fôrro de esteira ordinario *encabeirado*, digo, um de aba, outro de cordão, se o tem.» Oliv., *Adv. aos mod.*, p. 91.

ENCADEAR, v. a. do lat. *constringere*, fr. *enchainer*, it. *incatenare*, hesp. *encadenar*, ing. *to chain*, (archit.) ligar, segurar com cadeias; os architectos costumam segurar os edificios com cadeias de ferro, que são

umas vergas compridas e grossas que se mettem de uma parede ou muro a outro, para os unir entre si.

ENCAIXAR, v. a. do lat. *imbebere*, fr. *emboîter*, it. *imbevere*, hesp. *encajar*, (archit.) metter uma peça de madeira, pedra ou metal em caixa ou cavidade correspondente: por extensão *encaixar* um braço ou perna de madeira no logar da connexão para se mover e articular.

«... e a outra é no *encaixar* e na fórma do pescoço ou garganta de figura.» Holl. *Dialogo*, p. 21 (ms.).

ENCAIXE, s. m. do lat. *cavitas*, fr. *emboîture*, it. *incassatura*, hesp. *encaje*, ing. *a joint:* é termo adoptado nas bellas artes, e applica-se não só á connexão ou junctura de partes ou peças de madeira e de pedra que compõem obras de architectura e esculptura, mas toma-se tambem como termo equivalente á collocação, movimento ou articulação dos membros. «Para seguir: Despejo de pouca obra, formosura bem escolhida, decoro... bons pannos, bom *encaixe* de pescoço, mãos tão boas como o rosto...». Holl. *Arte de pint.*

ENCAIXILHAR, v. a. do lat. *includere*, fr. *encadrer*, (archit.) metter qualquer quadro, baixo-relevo, estampa, ou outro objecto em caixilho ou moldura. V. *Moldura.*

ENCANADO, A, p. p. de encanar, e adj. conduzido por um canal (agua, rio, etc.), (archit.) columna *encanada* ou estriada. V. *Estria.*

ENCANAMENTO, s. m. acção e effeito de encanar, cano, aqueducto. V. este termo.

ENCANAR, v. a. (archit.) formar canos, fazer conduzir a agua por meio de canaes.

ENCARACOLAR, v. a. enroscar, enrolar em fórma de caracoes, fallando do geito dos cabellos. V. *Annelar.*

ENCARNAÇÃO, s. f. do lat. *incarnatio, onis*, fr. e ing. *carnation*, it. *carnagione*, hesp. *carnacion*, (pint. e esculp.) é a parte do colorido que imita a carne, ou todas as partes nuas do corpo ou corpos humanos, representados em quadros ou em vulto, as quaes carnes sendo feitas com esmero, segundo a natureza e as regras da arte, se chamam bellas *encarnações.*

As carnes são susceptiveis de uma infinidade de gradações, de tons, de ligeiros accidentes, que demandam muito estudo da natureza, e um tacto fino e delicado para as saber conhecer e imitar com vantagem. O artista sabio examina o effeito que produzem os accidentes da luz sobre o rosto, mais ou menos agitado, por exemplo, de um mancebo gentil, a differença que apresenta sobre o peito, sobre os braços e sobre outras partes do corpo, vê e observa se a pelle é fina, transparente, mais ou menos colorida pelo sangue que corre debaixo do epiderme; e é por este difficil estudo e imitação do colorido e pela exacção e correcção das fórmas que elle se constitue um perfeito pintor. Ticiano, Corregio, Wandyck, e alguns outros podem servir de guia aos que desejam adquirir a arte de pintar boas *carnes* ou *encarnações* bellas e frescas.

Em esculptura é tambem usado e applicado este termo para exprimir o colorido ou *encarnação* que se dá ás imagens do culto catholico. Ha, pois, duas especies de *encarnação*, uma chamada de *polimento*, outra de *pincel*, e é facil de conhecer que posto sejam muito apreciaveis as *encarnações* das imagens, ellas comtudo não têem as mesmas circumstancias e difficuldades a vencer como têem as *encarnações* dos quadros.

ENCARNADO, A, p. p. de encarnar, do lat. *encarnatus*, e adj. da côr de carne, avermelhada, côr de carne viva. Algumas vezes se toma como subst. O *encarnado*, isto é, a côr. V. *Côres.*

ENCARNADOR, ORA, s. m. e f. (pint. e esculp.) o pintor ou a pintora que encarna figuras ou imagens.

ENCARNAR ou INCARNAR, v. a. (pint. e esculp.) dar côr de carne ás figuras dos quadros e ás de vulto. V. *Encarnação, Encarnações.*

ENCASCAR, v. a. (archit.) do fr. *crepir*, formar as paredes ou paramentos dos muros com tijolos quebrados e cacos para os igualar e alisar, a fim de serem rebocados.

ENCASQUE, s. m. a acção ou trabalho de encascar uma parede ou muro: as desigualdades das pedras produzem um *encasque* mais ou menos

profundo, e por isso mais ou menos dispendioso.

ENCAUSTICA, s. f. do gr. *encausticos*, queimado, preparado com fogo (porque ao fogo se derrete a cêra destinada a esta preparação); composição com que se revestem as paredes, os tectos, os pavimentos, etc. ou para os defender da humidade e de qualquer alteração, ou para formar uma camada propria, a fim de receber toda a especie de pintura. (Pint. e esculp.) A pintura feita por modo de *encaustica* foi muito conhecida e praticada pelos antigos. Plinio, que escreveu a tal respeito, nos diz que ella fôra empregada pelo tempo de Polygnoto, no principio do quarto seculo antes de J. C. Praxiteles deu-lhe maior perfeição, mas o processo d'este ramo da arte desappareceu, e por seculos ficou ignorado; e posto que no seculo XIII Giotto e outros artistas se persuadissem ter descoberto o segredo, é certo que permaneceu ignorado até que o sabio archeologo francez, M. de Caylus, achou a sua composição em 1752, quasi ao mesmo tempo em que M. Bachelier, pintor notavel, chegava ao mesmo conhecimento. Depois d'esta descoberta, a *encaustica* alcançou grandes aperfeiçoamentos e foi adquirindo bons resultados, substituindo a pintura a fresco, em muitos monumentos publicos.

«É igualmente tida como *encaustica* uma preparação de cêra, de que se impregna o marmore de uma estatua, com o auxilio de um rescaldo de mão, para a preserverar de musgos, ou sómente para lhe dar uma tinta mais doce do que a grande alvura do marmore. Alguns esculptores modernos têem usado de uma preparação de cêra e de essencia de terebinthina ligeiramente dada em frio sobre uma peça de gesso, communicando-lhe algum lustro proprio do marmore e tornando-a menos susceptivel de ser damnificada pelo pó, pelo fumo, e pelo contacto de outros corpos.»

«Da parte de Canova não havia processo particular para dar aos marmores, em que executava suas esculpturas, uma preparação especial de côres emprestadas pela pintura. Sabe-se comtudo por grande numero de exemplos, que referimos na nossa obra de Jupiter Olympico, que os antigos punham frequentemente em obra estes processos. Mas Canova não usou jamais d'elles. Elle não tinha sobre isto algum segredo particular. Sómente empregava, segundo a occorrencia, o processo da *encaustica*, que preservera o marmore das injurias do ar ou da humidade, e este processo é hoje tão commum que não merece a pena de o declarar». Canova e suas obras por M. Quatremère de Quinci. París, 1834, p. 71.

ENCAUSTICO, A, adj. diz-se das pinturas, esculpturas, ou outras peças em que se empregam os processos da encaustica. É mesmo uso achado nas letras gregas e latinas, fallando dos artistas que exercitaram esse processo, o dizer-se: Nicias, pintor *encaustico;* obra *encaustica*. V. *Pintura*.

ENCAVADO, A, p. p. de encavar, e adj. (grav.) que tem cavidade, ôco.

ENCAVAR, v. a. fazer cavado ou ôco.

ENCAVILHAR, v. a. metter nos furos as cavilhas para unir ou segurar entre si as peças de madeira ou de outra materia.

ENCAVO, s. m. ôco, ou concavo, gravura em encavo. V. *Gravura*.

ENCAZAMENTO, s. m. encaixe, acto ou trabalho de metter no encaixe a peça correspondente, *encazamento* ou encaixe dos ossos.

ENCAZAR, v. a. encaixar, pôr no encaixe as peças correspondentes ás cavidades ou caixas que os devem receber, encazar os ossos nas suas cavidades naturaes.

ENCHER, v. a. do lat. *implere*, fr. *remplir*, it. *empiere*, hesp. *henchir*, ing. *to fill* (archit.). Occupar qualquer vão, ou logar vasio com differentes materias para o fazer solido e duravel, v. g., *encher* o vacuo de um muro com pedras e argamassa, o interior das paredes de tabique ou taipa com terra e barro; os vãos dos madeiramentos com pedaços de paus e outros fragmentos para tornar mais solidos esses vãos.

ENCHIMENTO, s. m. do lat. *repletio*, fr. *remplage*, it. *riempimento*, hesp. *henchimiento*, ing. *a filling*, (ar-

chit.) trabalho e acção de encher os vacuos das paredes, dos fôrros e de outras partes dos edificios, com pedras, tijolos, madeiras, barro, terra, etc.

ENCHÓ. V. *Enxó.*

ENCOLLAR, v. a. do lat. *linteo gluten inducere*, fr. *maroufler*, (pint.) dar um apparelho, ou demão de colla para tapar os fios e as desigualdades do panno, ou as asperezas da madeira, a fim de lhe applicar as côres.

ENCOLHER, v. a. retirar, retrahir encurtando: — (esculp.), termo usado pelos esculptores, fallando da contracção on diminuição das figuras ou outras obras modeladas em barro, que diminuem o volume ou encolhem á proporção do que seccam.

ENCONTROS, s. m. pl. do lat. *illisus*, fr. *heurt*, it. *scorsa*, acção de encontrar com alguem, ou com alguma cousa (archit.). Toma-se pelos pontos mais levantados de uma rua, caminho ou ponte. Nas pontes são os lados ou massiços, que as sustentam e terminam, e em que se apoiam os arcos extremos, e se destroem os esforços lateraes dos arcos ou abobadas.

«A segurança dos edificios, abobadas e cupulas singelas ou dobradas, consiste nos *encontros*, e que estes tenham as grossuras e alturas competentes». Negreiros, p. 26. (ms.)

ENCRAVAÇÃO, s. f. acção ou effeito de encravar, estado do terreno ou predio encravado nos predios de outrem, ou de outros.

ENCRAVAR, v. a. do lat. *inserere*, it. *inserire*, (archit.) fazer entrar um predio no terreno de outrem, ou outros possuidores. Fazer entrar uma casa ou apartamento em outro. A camara de uma menina está ordinariamente *encravada* na camara de sua mãe. As partes de uma abobada estão *encravadas* em uma outra. Os barrotes de um pavimento são *encravados* nos entalhes ou caixas de uma viga.

ENCRUSTAR, e seus deriv. V. *Incrustar.*

ENCRUZADO, A, p. p. de encruzar, e adj. cruzado. Peças de madeira, pedra ou metal, que se cruzam: traços ou linhas encruzadas, ou que têem a direcção em fórma de cruz.

ENCRUZAMENTO, s. m. acção ou effeito de encruzar. V. *Cruzamento.*

ENCRUZAR, v. a. Pôr ou collocar as cousas ou os objectos de arte em fórma de cruz. V. *Cruzar.*

ENCRUZILHAR, v. a. V. *Encruzar.*

ENCYPRÓTYPO, A, adj. do gr. *en*, em, *cypros*, cobre e *typos*, typo, (grav.) gravado immediatamente em cobre, ou sobre cobre.

ENDECÁGONO. V. *Hendecágono.*

ENDENTAR. V. *Adentar.*

ENDIREITAR, v. a. do lat. *eligere*, fr. *dresser*, it. *dirizzare*, hesp. *levantar*, ing. *to raise up*, (archit.) Elevar um corpo a prumo, — uma estatua, obelisco, — columna, altar; —, uma pedra, fazendo-lhe os paramentos em esquadria, tornando as faces direitas e parallelas; —, um alinhamento levantando a parede na mesma direcção; — uma peça de madeira, esquadrando-a, e pondo-a em estado de perfeição para ser convenientemente applicada; —, as alas ou alamedas de um jardim, etc.

ENFARINHADO, A, p. p. de enfarinhar, e adj. (pint.) coberto ou pintado com leves demãos de alvaiade, nos logares claros, de modo que torna a pintura esbranquiçada, ou *enfarinhada*, e por conseguinte fria, e sem vigor.

ENFARINHAR, v. a. (pint.) fazer as pinturas esbranquiçadas, similhantes a farinha.

«Este pintor (Feliciano de Almeida) quizera imitar os pintores gothicos sem dar relevo, ou força aos seus objectos, *enfarinhando* muito os claros com alvaiades, e usando de sombras imperceptiveis». Cyr., *Mem.*, p. 80.

ENFERMARIA, s. f. do hesp. e it. *infermaria*, fr, *infermerie*, lat. *valetudinarium*, ing. *infirmary*, (archit.) edificio ou parte d'elle especialmente destinado ao tratamento de doentes, ou dependente de algum estabelecimento publico. Os conventos, as ordens terceiras, os collegios, as cadeias, etc., têem suas *enfermarias*, em que os doentes são tratados por facultativos particulares. Uma *enfermaria* permanente deve ser espaçosa, alta e clara, compor-se de um certo numero de casas, e dependencias accessorias, deve ter facil accesso, ser

separada das outras partes do edificio, situada ao éste ou sul, bem ventilada, provida de agua, de casa para banhos, etc. A tudo isto, e a outras condições hygienicas tem de attender o architecto que se encarregar de projectar e dirigir uma tal obra.

ENFIADA, s. f. serie de cousas enfiadas, como paus, pedras, etc. V. *Fiada.*

ENFIAR, v. a. passar um fio de linha ou seda pelo buraco de uma agulha, (archit.) Pôr em fileira, ou enfileirar na mesma linha, uma estacada, uma parede de alvenaria ou de cantaria, *enfiando as pedras* em linha recta.

ENGANA-VISTA, illusão, s. f. do fr. *trompe l'œil,* (pint.) certa classe de quadros da natureza morta, cujos objectos são pintados com tal verdade e mestria, que produzem uma illusão completa.

ENGATAR, v. a. do fr. *cramponner,* prender com gatos de ferro, ou de outro metal. «Pedras *engatadas* em ferro». Barros, 4 Dec. fol. 137. «Pedras *engatadas* umas nas outras.» Godinho, *Viag. da India,* p. 177.

ENGENHEIRO, s. m. do fr. *ingénieur,* lat. *machinarius,* it. *ingegniere,* hesp. *ingeniero,* ing. *engineer,* architecto militar, pessoa douta que traça e dirige obras d'arte, com o auxilio do desenho e das mathematicas applicadas. Em França, e modernamente n'outros paizes dividem-se os engenheiros em differentes classes, segundo os trabalhos a que se applicam ou de que são encarregados; a saber: engenheiros militares, civis, de aguas e florestas, geographos, hydrographos, de marinha, de minas, de pontes e calçadas, de obras hydraulicas, mechanicas, etc.

ENGENHO ou INGENHO, s. m. do lat. *ingenium,* fr. *genie,* it. *ingegno,* hesp. *genio,* ing. *génius,* faculdade da alma para discorrer e inventar com promptidão e acerto: espirito elevado e talentoso que concebe, inventa e trabalha com facilidade; homem de feliz *engenho* para as *bellas artes.*

ENGENHO, s. m. do lat. *ingenium* ou *machina,* machina, engenho artificioso, que serve para augmentar ou regular as forças moventes. V. *Machina.*

ENGESSADOR, ORA, s. m. ou f., a pessoa que engessa, ou dá demãos de gesso.

ENGESSADURA, s. f. trabalho ou serviço de engessar, de branquear com gesso.

ENGESSAR, v. a. branquear com gesso, fazer uso do gesso liquido para o empregar em tectos, paredes e outras superficies.

ENGRA, s. f. o mesmo que angulo ou canto, termo vulgar, adoptado não só pelos praticos, mas por alguns litteratos, para designar a fórma engenhosa dos corpos de architectura, e mesmo de pintura. V. *Angulo.*

«A volta que apanha de *engra* a *engra*». Olivr., *Adv. aos mod.,* p. 44.

«Antonio Pimenta Rolim pintou tectos nos palacios e egrejas de Lisboa usando de industria para não dar conta das *engras* nos corpos de architectura». Cyr., *Mem.,* p. 182.

ENGRAÇADO, A, p. p. de engraçar, e adj. do lat. *lepidus,* fr. *gracieux,* it. *grazioso,* hesp. *gracioso,* ing. *graceful,* (term. comp.) agradavel, gracioso, contornos *engraçados,* painel *engraçado.*

ENGRAÇAR, v. a. dar graça aos objectos d'arte para que possam attrahir as vistas dos espectadores. V. *Graça.*

ENGRADAR, v. a. e seus derivados, metter em grade, pregar a téla na grade, para se poder apparelhar antes de proceder-se á pintura, etc.

ENGROSSAMENTO (de uma columna), do fr. *renflement d'une colonne;* é um pequeno augmento no primeiro terço da columna, a qual diminue insensivelmente até ás duas extremidades, engrossamento a que Vitruvio chama *entasis,* isto é, augmentação.

ENLABUSAR, v. a. do lat. *colorem inducere,* fr. *barbouiller,* it. *schiccherare,* hesp. *tiznar,* ing. *to daub,* dar côr lisa e pouco limpa, sujar as tintas, misturando-as sem intelligencia: *enlabusar* côres se diz por desprezo de uma pintura inferior e má.

ENLEITADA, adj. pedra de bom leito, isto é, pedra que naturalmente

tem bom assento. Negreir., tom. v, pag. 6 (ms.). V. *Leito, Pedra.*

ENLOUSADO, A, p. p. de enlousar, e adj. coberto ou forrado com lousas.

ENLOUSAR, v. a. cobrir com lousas as sepulturas, forrar as paredes e os pavimentos com lousas.

ENNEAGONO, s. m. do gr. *ennéa*, nove, e *gonos*, angulo, (geom.) figura de nove lados e nove angulos:—, praça de nove bastiões.

ENNEGRECER, v. a. do lat. *nigrescere*, fr. *noarcir*, it. *annerire*, hesp. *tisnar*, ing. *to black*, (pint.) denegrir, obscurecer. Entende-se pelos quadros que, ou pela má qualidade das tintas, ou por descuido dos artistas, e a inevitavel acção do tempo, se têem feito negros, e perdido por isso grande parte do seu valor e estimação.

ENNEGRECIDO, A, p. p. de ennegrecer, e adj. denegrido, obscurecido, fallando de obras d'arte, especialmente de quadros e pinturas.

ENROCAMENTOS, s. m. (archit. hydr.) pedras toscas de grandes dimensões, que servem de alicerce nas obras hydraulicas, para sobre ellas se construir um dique, etc., ou para defender os fundamentos das pontes ou estacadas da força de grandes correntes de aguas.

ENROLAMENTO, s. m. do lat. *volutatio*, ou *helix*, fr. *enroulement*, it. *spira*, (archit.) entende-se pela linha espiral que serve de enrolar os modilhões, as misulas e outros ornamentos.

ENSARILHAR, v. a. o mesmo que sarilhar, (esculp.) é expressão de que usam os esculptores quando querem notar o defeito ou irregularidade das feições de um rosto, em que, v. g., os olhos não correspondem á direcção da linha da bôca, nem esta á do nariz, etc. V. *Feições.*

ENSECADEIRA, s. f. (archit.) tapume ou anteparo construido provisoriamente em volta de uma edificação debaixo de agua, para evitar, quanto ser possa, a entrada da agua dentro do mesmo recinto, a fim de se poder edificar em secco. As ensecadeiras ou são feitas de madeira ou de barro, terra, etc. V. *Guia do engenheiro*, pag. 120.

ENSEMBLAR. V. *Assemblar.*

ENSOLHAR, e seus deriv. V. *Assoalhar, Solhar.*

ENSURDECER, v. a. do lat. *exsurdare*, fr. *assourdir*, it. *assordare*, ing. *to deafen*, (pint. e grav.) em pintura significa diminuir a vivacidade da luz e a decisão dos detalhes nas meias tintas de um quadro; em gravura, abater os reflexos, *ensurdecer* um talho.

Ha diversas fórmas de *entalho;* a saber: entalho em fórma de dentes (do fr. *adents)*, com que se ligam as peças de madeira, e são de differentes especies: *quadrado, a meia madeira, a rabo de andorinha.*

1.º *Quadrado*, é o que se faz cortando em esquadria metade da grossura da extremidade de duas peças de madeira, applicando uma sobre outra; este entalho tambem se faz por meio de macho e malhete.

2.º *A meia madeira*, ou em fórma de serra, é o que se faz a meio fio ou em haste dentada. Este *entalho* póde ser *cavilhado* e *cintado* de ferro (fr. *boulonne et freté)*, e tem por fim unir muitas peças entre si, conforme a sua grossura, atravessando-lhes cavilhas e pondo-lhes arcos de ferro. Póde tambem ser de *espiga*, feito com macho e malhete.

3.º *A rabo de andorinha*, é o que se faz a fio de madeira por meio de machos, cujas extremidades são mais largas do que o seu cólo; e chama-se assim, porque esta especie de macho assimilha-se ao rabo de uma andorinha.

ENSURDECIDO, A, p. p. de ensurdecer, e adj. que perde a vivacidade, abrandando em luz e côr.

ENTABLAMENTO, s. m. do lat. *tabulatum*, pavimento ou tecto: Vitruvio e Vignola chamam-lhe *ornamento*, fr. *entablement*, it. *il colmo*, hesp. *entablamiento*, ing. *entablature*, (archit.) *entablamento* é a ultima ordem de pedras salientes collocadas no alto das paredes de um edificio, formando a sua coroação e servindo ao mesmo tempo para sustentar o madeiramento da cobertura. O termo de *entablamento* designa com especialidade a parte dos edificios que fica por cima das pilastras ou das columnas, e que comprehende o architrave, o friso e a cornija tomadas colle-

ctivamente; é necessario que a solidez se ache no architrave, a graça no friso e a ligeireza na cornija. O *entablamento* é algumas vezes sobreposto por um attico ou por uma balaustrada. Chama-se *entablamento de coroação* ao que coroa uma parede ou torneja um tecto, e *entablamento recortado* ao que avança sobre uma columna ou uma pilastra. As proporções e o caracter dos ornamentos são determinados pela especie da ordem a que pertence o entablamento. V. *Ordem.*

ENTABOAMENTO, s. m. cobertura de tábuas, acção de as juntar e unir, principalmente para fazer os pavimentos das casas.

ENTABOAR, v. a. (archit.) cobrir de taboado.

ENTALHA, s. f. de entalhar, talha, córte ou abertura que se faz na madeira para com mais facilidade entrar o machado ou outra ferramenta.

ENTALHADO, A, p. p. de entalhar, e adj. significa: 1.º, a parte ou partes de um todo, que se unem ou ajuntam por meio de faces ou córtes, de modo que seja imperceptivel a sua união, e assim diz-se que a obra está bem *entalhada;* 2.º, a mesma peça esculpida ou trabalhada em madeira, gesso, pedra ou metal por meio de ferros e instrumentos proprios, segundo as differentes materias em que é entalhada.

ENTALHADOR, s. m. artista que entalha e esculpe, principalmente em madeira, ornamentos e outras obras decorativas em relevo. «Era empregado como *entalhador* e abridor de relevo». Cyr., *Mem.*, pag. 246.

ENTALHADURA, s. f. acção ou effeito de entalhar, entalho.

ENTALHAMENTO, s. m. (esculp.) lavor ou peça de madeira de talha, obra em relevo de folhagens e ornatos de differentes especies.

ENTALHAR, v. a. do lat. *incidere*, it. *intaccare*, fr. *entailler*, hesp. *entallar*, ing. *to notch*, (esculp.) esculpir em madeira e ordinariamente em relevo, ornatos e outras obras decorativas. Tambem se applica ao que abre em pedra ou metal, ou grava ao buril obras da mesma natureza de ornamentos.

ENTALHO, s. m. do lat. *incisura*, fr. *entaille*, it. *intaccatura*, hesp. *entalle*, ing. *to notch*, (esculp.) trabalho de entalhar, córte, chanfradura, face ou concavidade feita em qualquer peça de madeira, para n'ella se unir ou juntar com outra peça ou parte de um todo, ou de qualquer obra de arte.

ENTASIS, s. m. do lat. *entasis*, acrescentamento ou grossura, (archit.) Vitruvio dá o nome de *entasis* ao ventre ou inchação que formam algumas columnas no seu primeiro terço, cujo diametro é, ou parece, maior do que o imoscapo, de que resulta um contorno desagradavel no fuste da columna. V. *Engrossamento.*

ENTHUSIASMO, s. m. do gr. *enthousiasmos*, lat. *enthusiasmus*, fr. e it. *enthousiasme*, exaltação da alma, emoção extraordinaria, inspiração, propria dos poetas, dos oradores e dos artistas. Este movimento exaltado da alma, que fez dizer a Ovidio *est Deus in nobis*, e que tão necessario é ao homem de genio, de imaginação e de sentimento, quando concebe a invenção de um objecto d'arte, deve, passado o fogo da emoção, ser temperado pelas leis da prudencia, que nascem da reflexão e do senso intimo, que sabe aproveitar com descripção os vôos d'essa excitação do animo.

ENTOAÇÃO, s. f. do lat. *modulatio*, fr. e ing. *intonation*, it. *intonazione*, hesp. *entonacion*, (mus.) acção e effeito de entoar, isto é, de emittir com mais ou menos intensidade os tons da escala diatonica, ou seja pela voz ou por instrumento; quando se dá exactamente o tom exigido ha *entoação* justa; no caso contrario, a *entoação* é falsa. Por extensão e analogia se applica o termo ás artes do desenho, que devendo em suas producções agradar á vista pela justeza das proporções, união, accordo e harmonia dos tons, assim como os da musica agradam aos ouvidos, tem sido por isso adoptado pelos artistas como synonymo de harmonia. V. *Accordo, Harmonia, Tom.*

ENTOADO, A, p. p. de entoar, e adj. pronunciado, cantado, accordado em tom.

ENTOAR, v. a. cantar ajustado ao

tom musical: —, proporcionar, accordar, harmonisar as obras de bellas artes, os desenhos, pela justeza e exactidão das fórmas, intensidade da luz e das massas, e gradação das côres. V. *Harmonisar*.

ENTRADA, s. f. termo geral para denotar o sitio por onde se entra em algum logar, e que comprehende a porta e a passagem: *entrada* de palacio, que contém a parte architectonica e decorativa de toda a fachada de um palacio, etc. V. *Adito, Vestibulo*.

ENTRECAMBADO, A, (braz.) assim se diz do leão rompente *entrecambado* de oiro e vermelho; embaraçado, mettido um no outro, ou uma côr em outra.

ENTRECOLUMNIO, s. m. do lat. *intercolumnium*, fr. *entre-colonne*, it. *inter-colonnio*, ing. *inter-columnation*, espaço ou intervallo entre duas columnas: (archit.) estes intervallos devem convir á solidez, commodidade e belleza dos edificios; não devem, pois, ser tão espaçosos, que possa a solidez, ainda apparente, soffrer algum damno ou desaire, nem tão approximados, que se embarecem e tornem inuteis; a igualdade dos entrecolumnios concorre para a sua belleza, e devem por isso ser proporcionados á altura e á grossura das columnas. O *entrecolumnio* tira a proporção do diametro da columna, e varía, segundo Vitruvio, na seguinte proporção: um diametro e meio, dois diametros, dois diametros e meio, tres diametros, tres diametros e meio, ou algum tanto mais (V. *Pycnostylo, systylo, eustylo, diastylo* e *aræostylo.)* Vitruvio reprova a excessiva approximação ou pequeno intervallo do *pycnostylo* e a muita distancia do *aræostylo*.

ENTRECORTAR, v. a. (archit.) cortar, dividir, cruzando as diversas partes de um todo.

ENTRECÓRTE, s. m. (archit.) intervallo entre duas abobadas espheric as, ficando uma acima da outra, e trazendo origem da mesma parede. Tambem se chama *entrecorte* ao que se pratíca nos angulos dos edificios para os adoçar, e para facilitar as voltas dos trens e vehiculos.

ENTREFORRO, s. m. (archit.) espaço que ha entre o forro de uma casa e o cume, cobertura ou telhado da mesma.

ENTRELAÇAMENTO, s. m. (archit.) acção ou effeito de entretecer molduras ou ornamentos.

ENTRELAÇAR, v. a. (archit.) entrelaçar, unindo ornatos, emblemas, molduragens, etc.

ENTREMODILHÕES, s. m. (archit.) espaço ou intervallo entre dois modilhões. V. *Modilhão*.

ENTREPILASTRAS, s. m. (archit.) intervallo entre as pilastras, que segue as mesmas regras que os entrecolumnios.

ENTRESOLHO, s. m. do lat. *intertignatio*, it. *soffita*, espaço entre o chão e o solho da casa: —, sobreloja ou pequeno andar situado na altura do rez do chão, e algumas vezes em outro andar, para servir de gabinete ou guarda roupa, casa de banho e de outros misteres. A altura dos *entresolhos* regula pouco mais ou menos pelo terço da altura do andar. V. *Mezanino*.

ENTRETALHO, s. m. (grav.) talho fino feito ou passado entre dois outros talhos mais grossos, que serve para representar e exprimir corpos brilhantes ou transparentes, como aguas, metaes, estôfos de seda, espelhos etc. Na gravura em madeira tambem se dá o nome de *entretalhos* aos que o são mais grossos em certos logares do que no resto de seu comprimento.

ENTRETELA, s. f. (pint.) panno novo que se mette entre a téla antiga para a fortalecer.

ENTRETELAR, v. a. do fr. *entoiler*, interpôr ou metter de permeio um panno novo n'uma téla velha para a fortalecer.

ENTRIANGULADO, A, adj. triangular, que tem a fórma ou figura de triangulo.

ENTULHAR, v. a. do lat. *ruderare solum*, fr. *encombrer*, it. *incombrare*, ing. *to encamber*, (archit.) recolher em tulhas, encher os fossos e outros logares vasios, de restos de edificio, de pedras miudas, cacos, pedaços de gesso, terra, etc.

ENTULHO, s. m. do lat. *rudera*, fr. *decombres*, it. *rottame*, hesp. *descombraduras*, (archit.) o que serve de

entulhar, encher com fragmentos e restos de materiaes de algum edificio arruinado.

ENVASAMENTO, s. m. do gr. *embasis*, lat. *basis continua*, fr. *embasement*, it. *imbasamento*, hesp. *emvasamiento*, (archit.) base continuada, que serve de sustentar um edificio, a que Vitruvio chama *stereóbata;* é tambem um corpo ou uma sobre base, ordinariamente simples, larga e sem ornatos, que serve de sustentar pedestaes de columnas ou de estatuas equestres ou pedestres.

ENVERNIZAR, v. a. do it. *vernicare*, do lat. *oblinire*, ou *sandaraca illinire*, fr. *vernix*, ou *vernisser*, ing. *to vernish*, (pint.) dar verniz em algum quadro para o tornar mais brilhante, avivando-lhe as côres; assentar verniz ou envernizar uma chapa de cobre para se começar a gravar. V. *Verniz*.

ENVIDRAÇAR, v. a. (*en*, pref. *vidraça*, e *ar*, des. inf.), (archit.) pôr vidraças, ornar ou guarnecer de, ou com vidraças, simples ou de côres com desenhos ou pinturas, como se vêem em algumas egrejas antigas, taes como a da Batalha.

ENXADREZAR, v. a. (braz.) repartir, dividir em quadrados como os do taboleiro de um jogo de xadrez.

ENXALÇOS, ou ENXALSOS. V. *Sobre-arco, Verga*. «Enxalsos ou sobre-arcos.» Olivr. *Adv. aos mod.*, p. 27.

ENXELHAR. V. *Silhar*.

ENXELHARIA. V. *Silharia*.

ENXÓ, s. f. do lat. e it. *ascia*, fr. *hache*, hesp. *hacha*, ing. *ax*, instrumento de ferro cortante com a fórma de um esquadro, de que se servem os carpinteiros, marcineiros e outros operarios para desbastarem a grossura das madeiras.

ENXOVIA, s. f. do lat. *infimus et tenebrosus carcer*, fr. *cachet*, it. *prigione obscura*, hesp. *calaboço*, ing. *dungeon*, (archit.) logar nas cadeias publicas, subterraneo e escuro, cercado de grossas grades de ferro, em que estão encerrados os facinorosos.

EPISCENIO, s. m. (archit. ant.) segundo a interpretação de Perrault, era a segunda e terceira ordem da fachada de architectura, chamada *scenium* nos theatros antigos.

EPISODIO, s. m. do lat. *episodium*, gr. *epeisodion*, acção incidente e subordinada á acção principal de um poema, de um quadro, etc. Tal é nos *Lusiadas* a apparição do gigante Adamastor (cant. v). Tal é no quadro da Transfiguração (de Rafael) o endemoninhado, que compõe um dos grupos, que estão no baixo da montanha. Os *episodios* sendo accessorios da acção principal, devem nascer d'ella, servir-lhe de explicação, acrescentando-lhes movimento e variedade, sem jámais sair do caracter da acção principal, nem ultrapassar as leis da verosimilhança.

EPISTYLIO, s. m. do lat. *epistylium*, gr. *épi*, sobre, e *stylos*, columna, (archit.) architrave, ou viga principal collocada horisontalmente sobre os capiteis de uma ou mais columnas, de modo que forme um leito continuado sobre o qual descanse a construcção que corôa o edificio. Quando o architrave era de madeira chamava-se-lhe *trave*, quando de pedra ou marmore *epistylio*, posto que este termo possa geralmente applicar-se com igual exactidão ás duas especies de architrave. (Vitruv, III, 5, 8. Varrão, *de r. r.* III, 5, 11.) V. *Architrave*.

EPTAGONO, s. m. do gr. *epta*, sete, e *gónia*, angulo, (geom.) figura de sete angulos e sete lados; (archit. mil.) praça fortificada com sete baluartes.

EQUESTRE. V. *Estatua*.

EQUIANGULO, A, adj. do lat. *æquus, a, um*, igual, e *angulus, i*, angulo, (geom.) nome que se dá em geometria ás figuras que têem angulos iguaes. Um rectangulo, um triangulo equilateral, e em geral todos os polygonos regulares são *equiangulos*. Diz-se que dois triangulos são *equiangulos entre si*, quando os angulos do primeiro são iguaes a si mesmos e aos angulos do segundo.

EQUIDISTANTE, adj. dos 2 g., do lat. *æque*, igualmente e distante, nome dado em geometria a dois pontos igualmente distantes de um terceiro. Todos os pontos da circumferencia do circulo são *equidistantes*.

EQUILATERAL, adj. dos 2 g., do lat. *æquus*, igual, e *latus, eris*, lado, nome que se dá ás figuras geometricas que têem lados iguaes. Todos

os polygonos regulares são *equilateraes*. Dois polygonos são *equilateraes entre si*, quando tem os lados iguaes um ao outro, e collocados na mesma ordem.

EQUILATERO, A, adj. do lat. *æque*, igualmente, e *latus, eris*, lado, (geom.) que tem lados iguaes aos de outro.

EQUILIBRAÇÃO, s. f. acção e effeito de pôr em equilibrio.

EQUILIBRAR, v. a. pôr em equilibrio, desenhar ou modelar figuras ou grupos, segundo as leis da estatica; *equilibrar* uma figura segundo as regras da ponderação, isto é, que se lhe procure o centro de gravidade; *equilibrar* uma composição de qualquer ramo de bellas artes, de modo que os grupos ou partes componentes guardem uma certa harmonia e equilibrio visual. V. *Abalançar*.

EQUILIBRIO, s. m. do lat. *æquilibrium*, de *æque*, igualmente, e *libra*, balança. Palavra equivalente á phrase, com que se affirmaria existirem forças iguaes e contrarias (Sílvestre Pinh., *Prel. philos.)*. Igualdade de peso nos pratos da balança, posição a prumo do fiel da balança ou de corpo que póde librar, pender para os lados: a igualdade de peso entre dois corpos graves. Um corpo posto sobre um plano horisontal só póde ficar em *equilibrio* quando a vertical do seu centro de gravidade passar pelo interior de sua base. As regras do *equilibrio* formam o objecto de um ramo da mechanica, que se chama *estatica;* os artistas devem estudal-o, assim como devem consultar Leonardo de Vinci sobre o *equilibrio* das figuras. Elle diz, entre outras cousas, o seguinte:

«Se a figura planta sobre um pé só, o hombro do lado que plantar deve estar mais baixo que o outro, e a cova das claviculas deve caír sobre o centro do pé em que estribar. O mesmo se ha de verificar por todos os lados em que se veja a figura, estando com os braços não muito apartados do corpo e sem peso algum sobre a espadua, ou na mão, nem tendo a perna ociosa muito atrás nem muito adiante.» Vinci, p. 95.

« Se a planta da figura é sobre a perna direita, far-se-ha que dobre para dentro a perna esquerda, ficando o pé algum tanto inclinado para fóra; a espadua do dito lado esquerdo ficará mais baixa que a direita.» Idem, p. 96.

« Quando o homem ou outro animal se move com velocidade ou lentidão, sempre aquella parte que está sobre a perna que sustenta o corpo, será mais baixa que a outra.» Idem.

EQUIVALENTE, adj. dos 2 g., do lat. *æquivalens, entis*, valer, ter força ou valor igual a outro, (geom.) superficie ou figura equivalente é a que tem a mesma extensão de outra, sem ter a mesma fórma.

EQUIVOCO, s. m. do b. lat. *æquivocum*, fr. *equivoque*, it. e hesp. *equivoco*, ing. *equivocation;* expressão ou termo *equivoco*, é o que tem dois ou mais sentidos debaixo da mesma phrase ou palavra synonyma ou homonyma. Por extensão se chama tambem *equivoca* a figura cujas posições, movimento, fórmas e expressão não são certas e definidas, d'onde resulta duvida sobre o caracter e mais partes constitutivas do sujeito, sobre a sua veracidade, assim na fórma como na materia. Taes *equivocos* deve evital-os o professor douto e avisado.

ERECÇÃO, s. f. do lat. *erectio, onis*, fr. *erection*, it. *erezione*, hesp. *ereccion*, (archit.) a acção de levantar ou elevar em linha recta: —, fundação, instituição de algum estabelecimento publico ou particular.

ERECTO ou ERIGIDO, A, p. p. de erigir, e adj. elevado, levantado a prumo; que se erigiu ou elevou em memoria ou consagração de alguem ou de alguma cousa.

ERIGIR, v. a. do lat. *erigere*, fr. *eriger*, ing. *to erect*, it. e hesp. *erigir*, levantar, elevar, (archit. e esculp.) *erigir* uma columna, um mausoléu; *erigir* um monumento, uma estatua equestre ou pedestre á gloria de algum heroe. O termo *erigir* applicado aos monumentos não significa sómente levantar e construir, elle contém em si a idéa de dedicação ou consagração; *levanta se*, construe-se uma torre, um palacio, *erige-se* um templo, um arco triumphal, uma columna votiva, etc.

ERMIDA, s. m. do lat. *ædicula*, fr. *ermitage*, it. *ermitorio*, hesp. *er-*

mita, ing. *hermitage*, (archit.) pequena egreja ou capella, pela maior parte de um só altar, situada em logar ermo e descampado. «Fez (João Frederico Ludovici) a sua *ermida* em Bemfica, notavel, ainda que em ponto pequeno». Cyr. *Mem.* p. 177.

ESBARBADO, A, p. p. de esbarbar, e adj. aparado, tirado ou limpo de asperezas. «Chapa *esbarbada*, tijolo *esbarbado*.» Olivr., *Adv. aos mod.*, p. 80.

ESBARBAR, v. a. tirar as barbas ou as asperezas do gesso e do tijolo, ou mesmo das chapas de cobre para gravar, tirando-lhes as desigualdades e rebarbas das extremidades.

ESBARRO, s. m. linha ou superficie inclinada, ou em declive.

ESBATER, v. a. do lat. *batuo, ere*, bater, deriv. do gr. *patassó*, dar golpes ou pancadas com martello ou maço, (esculp. e pint.) termo vulgar entre artistas: toma-se, 1.º, no sentido de dar relevo a uma obra de esculptura: *esbater* um baixo relevo, isto é, usar do maço e dos ferros proprios para o fazer apparecer e sobresaír de uma pedra ou peça de madeira, disposta para esse fim; *esbater* uma moldura, um ornamento para o applicar em logar competente. 2.º *Esbater* a pintura por meio do claro-escuro, para a fazer sobresaír a ponto de illudir, e parecer obra de vulto.

ESBATIMENTO, s. m. o effeito e acção de esbater obras de esculptura e de pintura.

ESBELTAR, v. a. dar boa attitude, e fórmas esbeltas a uma figura ou seja em desenho, pintura ou esculptura: adelgaçar os membros, para os tornar mais elegantes e bem proporcionados.

ESBELTO, A, adj. do it. *svelto*, delgado, de estatura elegante, delicado. É mais usado que *esvelto*. V. *Esvelto*.

ESBOÇAR, v. a. do it. *abbozzare*, lat. *designare*, fr. *ébauchir*, deriv. de *bose*, que em fr. ant. significava *pau*, madeira. Equivale a desbastar a madeira para entalhar e esculpir, fazendo o esboço da obra (pint., esculp. e grav.). Fazer esboço de um quadro, de um baixo relevo, de uma estatua ou grupo. O *esboçar* do esculptor consiste em dispor o modelo da sua obra em barro ou cêra, mais ou menos acabado, e em fazer depois os desbastes necessarios para a acabar com perfeição, traspassando-a do modelo ao marmore ou á madeira. O *esboçar* do pintor é desenhar ou traçar as linhas do seu quadro, segundo o pensamento ou bosquejo da obra, metter-lhe as côres principaes para o ir estudando progressivamente até o concluir. O *esboçar* do gravador consiste em preparar a chapa, traçar-lhe os contornos principaes, e as maiores massas de sombra, a agua forte, como já se disse, é o processo mais ordinario para *esboçar* a gravura.

ESBOCÊTO, s. m. diminuit. de esboço, pequeno desenho, quadro, ou modelo em barro ou cêra, para estudo das obras em grande.

«Annibal Carache empregou oito annos consecutivos de trabalhos incriveis, para pintar a galeria de Farnesio: fez para este fim uma prodigiosa quantidade de estudos, de cartões, de figurinos, e de *esbocêtos* a oleo.» Cyr., *Conv. 6.ª*, p. 16.

ESBOÇO, s. m. de *esboçar*, fr. é *bauche*, (pint., esculp. e grav.) principaes linhas e côres com que o artista forma o seu quadro; disposição das massas, e do effeito geral do mesmo. Alguns artistas ha que se contentam com um simples desenho a aguarella, ou um cartão, a simples contorno, para lhes servir de guia na execução do quadro. O *esboço* do esculptor consiste igualmente nas fórmas geraes do seu modelo feito em barro, ou vasado em gesso, e na execução d'elle esboçando a obra, segundo os preceitos da arte. Convem pois que não se confunda, como fazem a maior parte dos diccionaristas, o termo de *esboço*, com o de bosquejo. V. *Bosquejo*.

ESBORCINAR, v. a. parece corrupção de esboçar. Quebrar ou desfazer as feições do rosto, ou destruir os membros relevados. «Os idolos *esborcinados*». Pinheiro, 1. 93.

ESCADA, s. f. do lat. e it. *scala*, de *scando, is*, subir, ou do gr. *skelos*, fr. *escalier*, hesp. *escalera*, ing. *staircase*, (archit.) degraus de madeira unidos por dois bancos ou varaes, que constituem a *escada portatil* ou *de mão*: serie de degraus fixos de madei-

ra, tijolo ou pedra, para subir e descer. É opinião dos architectos, diz Baldinucci, que a situação da *escada* é a cousa mais difficil, que se faz no edificio. Ella demanda tres vãos ou aberturas; a 1.ª é a porta por onde se entra e sobe, que deve ser bem collocada na frente do edificio; a 2.ª são as janellas que lhe devem dar a luz necessaria; e a 3.ª abertura é aquella por onde se entra na grande sala, e se dá communicação para os apartamentos mais bellos, e para os logares mais ornados e apraziveis. As *escadas* terão todas as condições possiveis de perfeição, se forem claras, espaçosas e faceis de subir: para as tornar claras, é necessario que a luz seja forte, alta, e que se espalhe com igualdade. Quanto á sua largura basta que sejam proporcionadas á qualidade do edificio, de modo que nem pareçam demasiadamente largas, nem muito estreitas, não devendo comtudo ter menos de 1^{m},30, a fim de que possam subir ou descer duas pessoas sem se incommodarem: os degraus nem devem ter menos de 12 centim. de altura, nem mais de 20; e a largura, ou pizo nada menos de 30 centim. Quanto á fórma, as escadas são: ou *insuspensas*, isto é, que têem os degraus seguros nas duas extremidades com paredes parallelas ou concentricas; ou *suspensas*, isto é, em *caracol;* podem ser *rectas, ellipticas, circulares*, ou emfim *mixtas;* isto é, semicirculares, acordando-se com as linhas rectas. Entre as escadas circulares, notam-se as escadas de *parafuso* ou em *helice*, vulgarmente chamadas de *caracol*, e as escadas de braço *(á gousset)* escadas ligeiras de madeira ou ferro fundido, empregadas nos armazens, e n'outros logares pelo pouco espaço que occupam.

ESCADARIA, s. f. (archit.) serie ou continuação de degraus em um ou em differentes lanços proprios de edificio sumptuoso.

ESCADINHA, s. f. diminut. de escada; —, escada de pequena dimensão.

ESCALA, s. f. do lat. *scala*, medida graduada, (pint. esculp. e archit.) linha que ordinariamente se põe ao baixo dos desenhos para os medir, dividida em partes iguaes, que se chamam *graus*, tendo cada um a representação ou valor de um palmo, um pé, um módulo, ou um metro, etc., e cada uma d'estas medidas se subdivide em partes menores; o palmo, e o pé em pollegadas e em linhas, o módulo em partes, o metro em decimetros, o decimetro em centimetros, o centimetro em millimetros. Chama-se *escala de reducção* áquella que serve para reduzir um desenho ou modelo de pequeno para grande, ou de grande para pequeno.

O mesmo processo modificado se segue na execução de um desenho em perspectiva; sendo então a *escala* de dois modos, a 1.ª chamada *escala de frente*, cujas linhas sendo iguaes e traçadas sobre a linha horisontal, ou da terra, serve para medir o primeiro plano, ou a base do desenho em perspectiva; a 2.ª chamada *escala fugitiva*, ou de *degradação*, é traçada n'uma linha perpendicular á primeira, cujas divisões sendo desiguaes, conforme as regras da perspectiva, determinam a extensão real das partes do desenho fugitivas e escorçadas em apparencia, seguindo essas mesmas regras.

A *escala*, em termos architectonicos, deve ter o tamanho ou a extensão de medida proporcionada ao fim do seu uso. A *escala* para o desenho de um predio póde ser de um decimo de palmo para uma braça de dez, ou como 1 para 100. A medida ou padrão das *escalas* deve ser regulada pelas leis que vigoram no paiz em que se faz qualquer edificação. Cuido que o metro é hoje adoptado em todos os paizes.

ESCALENO ou SCALENO, adj. do lat. *scalenus*, gr. *skalénos*, coxo, (geom.) *triangulo escaleno*, que é o que tem os tres lados desiguaes: — (anat.) *musculos escalenos*, são situados aos lados do pescoço.

ESCALINATA, s. f. do it. *scalinata*, (archit.) dois, tres ou mais lanços de escadas em ordem n'um edificio, ou monumento publico; é palavra tomada do italiano, e assim como tomámos *columnata* de columna, podemos tomar *escalinata* de escada, e já se acha usada na *Collec. de mem.*

«Com columnas de verde antigo ao meio, e duas *escalinatas* aos lados

que conduziam a tres galerias cobertas de abobadas». *Collec. de mem.*, por Cyr., p. 189. «N'esta qualidade (Reynaldo Manuel) concorreu para a factura da *escalinata* e pedestaes da estatua equestre pelos annos de 1775». Id., p. 201.

ESCANTILHÃO, s. m. do gr. *canthos*, canto do olho, segundo Roquefort, fr. ant. *échantillon*, lat. *exemplum*, it. *mostra*, ing. *pattern*, pedaço cortado para amostra; modelo, padrão, para regular certas medidas e proporções nos differentes misteres das artes e officios, segundo as leis do paiz.

ESCAPARATE, s. m. do lat. *scapus, i*, haste, (archit.) corpo roliço e delgado como o de columna; fuso ou esteio das escadas de caracol, etc. Toma-se tambem por manga de vidro, ou cousa cylindrica e transparente, que serve para resguardar objectos d'arte.

ESCAPO, s. m. do lat. *scapus*, fr. *escape*, (archit.) adoçamento em porção de circulo, que se faz no fusto da columna, em seu nascimento na base, e na sua juncção com o capitel. Chama-se tambem *cymacio dorico, caveto, chanfro*. Esta moldura, que nasce entre o fusto da columna, na base e no capitel, pertence ao fusto. V. *Adoçamento, Apophyge*.

ESCAPOLA, s. f. (archit.) especie de prego de ferro de differentes dimensões com a cabeça voltada para cima, que se fixa na parede para n'elle se suspender alguma cousa: —, espaço que medeia entre a ultima parte do envasamento de um cunhal até á aresta da primeira pedra do mesmo cunhal.

ESCAQUEADO, ou ESCAQUETADO, adj. (braz.) diz-se do escudo ou peça distribuida ou dividida em escaques. V. *Enxadrezado*.

ESCAQUES, s. m. pl. do it. *scacco*, xadrez, (braz.) quadrados á similhança dos do taboleiro do xadrez, de côres alternadas. Na armaria é a setima peça honrosa diminuta da segunda ordem, formada por divisões do escudo em rectangulos de metal e côr. Não póde haver no mesmo escudo nem mais de 40 nem menos de 9.

ESCARABOCHO, s. m. do it. *scarabocchio*, linhas incertas, borrões, toscos apontamentos de desenhos.

«M. de la Motte, que gostava mais dos *escarabochos* ou garatujas da Ponte Nova de París, que dos quadros de Rafael, tinha um gosto de verdadeira besta.» Cyr., *Conv. 4.ª*, p. 19.

ESCARÇÃO. V. *Arco em aza de cesto, ou de Escarção*.

ESCARPA, s. f. do it. *scarpa*, fr. *escarpe*, ing. *scarp*, lat. *declivitas*, gr. *keras*, talude, (archit. mil.) é um muro em talude desde a raiz do edificio até ao cordão que forma um lado do fosso. *Contra-escarpa*, é o muro opposto ao outro lado do mesmo fosso.

ESCARVA, s. f. de escarvar, do fr. *écart*, it. *traviamento, scarto*, hesp. *escarva*, ing. *a ramble*, (archit.) é o encave ou juncção das extremidades de duas peças de madeira empregadas na construcção de algum edificio. A *escarva* é simples quando as duas peças de madeira se tocam em quadrado; e *composta* quando as peças se talham por uma assemblagem comprida.

ESCARVOADO, A. V. *Escarvoar*.

ESCARVOAR, v. a. (des.) esboçar ou desenhar a carvão, apontar ou fazer composições com carvão. V. *Carvão* e *Carvões*.

ESCAVAÇÃO. V. *Cavouco, Escavações*.

ESCAVAÇÕES ou EXCAVAÇÕES, s. f. pl. do lat. *excavatio, onis*, do gr. *chavos*, vasio; cava, cavouco, excavado. (t. comp.) É innegavel que as excavações feitas desde tempos remotos têem contribuido grandemente para o adiantamento da historia e progresso das bellas artes. As ruinas de Thebas, as de Memphis no Egypto, as de Carthago, as do Parthenon em Athenas, e outras, offerecem abundante colheita ás observações do genio e da sciencia. As cidades de Herculanum e de Pompeia d'onde a principio tiraram uma estatua de Hercules, outra de Cleopatra, depois outras sete estatuas que excitaram a admiração publica, os marmores de Africa, e em seguida um templo de fórma redonda com vinte e quatro columnas e outras tantas estatuas, e emfim muitas outras antiguidades de todo o genero, e até pinturas a

fresco, provam o muito interesse e utilidade que d'estas e de outras excavações se hão tirado para o aperfeiçoamento das bellas artes.

ESCOCIA. V. *Scocia.*

ESCODA, s. f. de *escodar*, instrumento em fórma de martello achatado, com dentes nas duas extremidades, usado pelos canteiros para afagar e alisar pedras já desbastadas e trabalhadas com os ponteiros, e outros ferros. As pedras bem escodadas offerecem uma especie de fôsco, que faz sobresaír as partes relevadas e brunidas.

ESCODAR, v. a. do lat. *excudo, is, ex.* prep. *e cudo, is,* bater, ferir, cunhar, — afagar e alisar a pedra com a escôda.

ESCOLA, s. f. do lat. *schola,* deriv. do gr. *skholé,* estudo, fr. *école,* it. *scuola,* hesp. *escuela,* ing. *school,* edificio com as necessarias accommodações, em que se ensinam as letras, as artes e as sciencias: — (t. comp.) pl. escolas, aulas em que se aprende o desenho, a pintura, a esculptura, a gravura e outras artes liberaes.

Entre as escolas de pintura distinguem-se a Romana, a Florentina, a Veneziana, a Lombarda, a Genoveza, a Napolitana, a Allemã, a Flamenga, a Hollandeza, a Franceza, a Hespanhola, etc.

Escolas do gosto — «Colbert, ministro de Luiz XIV, estabeleceu excellentes *escolas* de desenho, de geometria, do *gosto* e preceitos da invenção.» Cyr., *Conv. 6.ª*, p. 45.

ESCOLA POLYTECHNICA. A de Lisboa foi creada pelo decreto de 11 de janeiro de 1837, e a do Porto pelo decreto de 16 do mesmo mez e anno.

ESCOLAS. V. *Academias.*

ESCOLHA, s. f. acção de escolher, gosto, discernimento, (t. comp.) assumpto, sujeito de boa *escolha;* bella *escolha* de attitudes, de pannejamentos. Em todas as bellas artes o discernimento e bom gosto do artista leva-o a fazer *escolha* acertada do que ha de mais delicado, de mais bello e pittoresco em a natureza, de mais proprio e accommodado aos fins da sua composição em qualquer ramo das bellas artes.

ESCONSO, A, adj. do lat. *scissum, de scindo, ere,* cortar, talhar, (archit.) peça ou obra de faces ou córtes inclinados, e em declive: —, sala que não é bem quadrada, ou que não tem iguaes os lados oppostos: «*Casa esconsa*». Oliv., *Adv. aos mod.*, p. 150. Tambem se toma como subst.: o angulo *esconso,* ou quina irregular do edificio.

ESCOPRO, s. m. do lat. *scalprum,* hesp. *escoplo,* (esculp.) instrumento de ferro temperado de aço, em fórma de pá lisa na extremidade cortante, de que usam os esculptores e estatuarios para alisar e esculpir em marmore.

ESCÓRA e ESCORAS, s. f. do fr. ant. *escaras,* estaca, lat. *asser, eris,* estaca, ripa, e *ora, æ,* borda, extremidade, (archit.) linha de madeira posta de um a outro ponto da curva da combota, para sustentar as cercias dos simples do arco das abobadas; a estas linhas chamam *escoras de boneca.* V. *Boneca, Cambota.*

ESCORAMENTO, s. m. (archit.) a acção e effeito de escorar.

ESCORAR, v. a. suster ou sustentar com escoras; *v. n.* suster-se em escoras, estribar-se.

ESCORÇAR, v. a. do lat. *contrahêre,* it. *scorciare,* (pint. e persp.) encurtar, contrahir, diminuir em comprimento, segundo as regras da perspectiva. V. *Recursar.*

ESCORÇO, s. m. do it. *scorzio,* lat. *contractura,* encurtamento ou diminuição. (pint.) É a representação perspectica de um objecto, debaixo de um ponto de vista tal, que a successão dos planos, por meio da qual conheceriamos a sua extensão, se rouba a nossos olhos. Ou é o aspecto que apresenta uma figura, ou uma parte de figura, que não se vê em todo o seu desenvolvimento. O *escorço* é formado por um objecto que se offerece á vista de frente e longitudinalmente, de sorte que elle desenha assim uma imagem mais curta do que desenharia se elle fosse apresentado transversalmente. Na pintura de tectos e cupulas, os *escorços* são a principal condição da composição dos sujeitos que devem ser vistos de baixo. O quadro que offerece um grande modelo neste genero é o do *Juizo final,* de Miguel Angelo; Corregio é tambem

reconhecido como um dos que melhor entendeu a arte dos *escorços*. Os principios d'ella estão consignados nas regras da perspectiva. Póde-se consultar a tal respeito a *Science de la portraiture*, de J. Cousin.

«Quando se cuidou em fazer a estatua equestre, o marquez estribeiro mór, que era excellente picador, pedia desenhos a Francisco Vieira, este fez alguns, que não contentaram plenamente ao marquez, porque os *escorços* no desenho sempre pareceram aleijões a picadores». Cyr., *Coll. de Mem.*, p. 265.

É regra da arte evitar os *escorços violentos*.

ESCUDÊTE, s. m. dimin. de escudo, do lat. *laterculus*, it. *scudo*, (archit.) ornato de metal, ordinariamente empregado como florão sobre o qual se fixa uma aldraba, ou botão n'uma porta. Pequeno escudo de familia.

ESCUDO, s. m. do lat. *scutum*, gr. *skutos*, ou *skytos*, couro, porque d'este eram feitos os antigos escudos: arma defensiva de differentes fórmas e materias, pintados de differentes côres, e ornados de diversas figuras, e de symbolos distinctivos: nos escudos era costume pintarem-se as armas da pessoa, as emprezas e divizas: d'aqui veio o chamar-se escudo ás armas das familias. V. *Armaria*.

ESCULPIDO, A, p. p. de esculpir, e adj., lavrado, entalhado, gravado em pedra, madeira ou metal.

ESCULPIDOR. V. *Esculptor*.

ESCULPIR, v. a. do lat. *sculpere*, it. *scolpire*, (esculp.) lavrar, levantar ou entalhar com os instrumentos proprios figuras humanas ou de animaes, ou de ornamentos, em madeira, pedra, e metaes.

ESCULPTURADO. V. *Esculpido*.

ESCULTOR ou ESCULPTOR, s. m. do lat. *sculptor*, fr. *sculpteur*, it. *scultore*, hesp. *escultor*, ing. *sculptor*, o artista, que por meio do desenho, e de materia solida, como o barro, a cêra, a madeira, a pedra ou o bronze, imita os objectos palpaveis da natureza, principalmente a figura humana; e exercita todas as outras partes da arte, o qual para o conseguir com acerto, e gosar o bem fundado credito de esculptor, alem do genio ou engenho natural com que deve ser chamado a exercer esta bella arte, precisa fazer muitos estudos sobre o antigo e a natureza. Elle deve conhecer profundamente o desenho, e sufficientemente a architectura civil, exercitar-se continuamente no estudo, dando-se ao laborioso processo de todas as partes mechanicas da arte nos seus differentes ramos. Deve entender os livros, amar a poesia, conhecer a historia nas suas differentes partes, a philosophia, e outros ramos das sciencias subsidiarias. V. Mach. de C., *Discurso sobre as utilid. do desenho*, p. 24, e seg.

ESCULTURA ou ESCULPTURA, s. f. do lat. *esculptura*, fr. *sculpture*, it. *scultura*, hesp. *escultura*, ing. *sculpture*, arte de modelar em barro, cêra, estuque, ou de esculpir em madeira, pedra, marfim ou de fundir em metaes, estatuas, baixos relevos e outras obras em vulto. A esculptura comprehende a *estatuaria*, e a *esculptura de ornamentos*, que é inseparavel da architectura; e divide-se em esculptura de *todo o vulto*, de *alto relevo*, de *meio relevo*, e de *baixo relevo*: alem da *estatuaria* e da esculptura propriamente dita, comprehende a parte principal, que é a *plastica* ou a arte de modelar, a *moldagem*, a *ciselagem*, e mesmo algumas vezes a arte de *fundir*. V. *Fusoria*.

A arte da esculptura é antiquissima, mas a sua origem é duvidosa; comtudo sabe-se pelo cap. xxxv do Genesis, que Rachel roubára a Labão, seu pae, os deuses ou idolos que depois lhe foram restituidos; — que Moysés, contemporaneo de Cécrope, 1.º rei de Athenas, quebrára as tábuas da lei, quando viu o bezerro de oiro feito pelos hebreus; o que prova que estes conheciam a arte de esculptura, assim como a conheciam os egypcios, os persas, os assyrios e outros povos antigos; mas a arte não fez grandes progressos entre elles, porque as suas estatuas, aindaque proporcionadas e colossaes, careciam de vida e de expressão. A verdadeira esculptura, pois, nasceu na Grecia, e attribue-se a Dédalo a primeira invenção da arte, o que é contestado por varios escriptores. Os gregos cultivaram ao mesmo tempo a estatuaria e a esculptura ornamental, inven-

taram a *toreutica,* que consiste em formar uma estatua com partes separadas.

Os esculptores começaram a trabalhar em barro ou argilla, e em cêra, materias muito brandas e flexiveis; passaram depois a trabalhar em madeira e marfim, e ultimamente em pedra e marmore. Desde Pericles até ao seculo de Augusto, floresceram Phidias, Myron, Scopas, Praxiteles, Lysipo, e outros, cujas obras immortaes ainda até hoje ninguem excedeu. Os romanos, discipulos dos gregos, nunca os poderam igualar, e a arte de esculptura alguns progressos fez no tempo de Augusto e de Adriano, porém foi decaíndo e definhando, de modo que pereceu no terceiro seculo da era vulgar.

Resurgiu na edade media, mas com passos tão lentos, que as suas obras pareciam-se com as que se fizeram na infancia da arte. Os esculptores gothicos deram-se mais aos desvarios da sua imaginação do que ao estudo da natureza. Ghiberto, Donato e outros no seculo XV; Miguel Angelo, no pontificado de Leão X, e João Goujon, em París, no tempo de Francisco I, foram os restauradores da arte. Nos seculos XVII e XVIII floresceram em França, Puget, Girardon, Couston, Bouchardon, Falconet, que tiveram por successores Lemaire, Pradier e outros. Em Allemanha Thorwaldsen e Schavanthaler; em Italia Canova e Tenerani; em Inglaterra Gilber e Flaxman; em Hespanha Alvarez; em Portugal Almeida, Machado de Castro e outros.

Depois do ultimo seculo, inventaram-se alguns processos mechanicos com os quaes se tem conseguido executar algumas obras de esculptura. Entre outras, a moldagem dos objectos em fôrmas ôcas; o processo de M. Amedeu Durand para esculpir ou gravar em ôco sobre madeira, e outras materias; as machinas de M. Sauvage, proprias para reduzir ou augmentar a dimensão das estatuas, etc.

Para o estudo da arte, e historia d'ella, vejam-se: 1.º, *Leçons sur la sculpture,* de Flaxman; 2.º, as obras de Winckelmann; 3.º, Cicognara, *Histoire de la sculpture* (em italiano); 4.º, Emeric David, *Recherches sur l'art statuaire,* etc.

ESCULTURESCO, CA, adj. objecto ou cousa esculpida, que tem relação com a esculptura ou arte estatuaria, obra de vulto, cuja concepção e execução por boa merece essa qualificação de *esculturesca;* (esculp.) «para suspender-se a execução do segundo anjo, que intentei introduzir na representação *esculturesca* do Ineffavel Mysterio». Mach. de Castro, *Analyse Graf.,* p. 27 e 38. «E tanto a *Acção* como a *Fabula esculturesca* teriam, como, na *Epica,* a sua devida unidade, perfeição e harmonia». *Id. Descrip. Anal.,* p. 12.

ESCURECER, v. a. do lat. e it. *obscurare,* fr. *obscurcir,* hesp. *oscurecer,* ing. *to obscure,* v. a. Tirar a luz, offuscar, eclipsar, (pint.) dar sombras n'um desenho; escurecer as partes em que não incide a luz no quadro.

ESCURO, s. m. do lat. *obscuratio,* fr. *obscurité,* it. *oscurità,* hesp. *oscuridad,* ing. *dark,* (pint.) objecto privado de luz, em que a côr participa mais do escuro do que do claro. N'este sentido diz-se que um quadro é muito *escuro,* que um tom *escuro* convem a um sujeito triste, que as tintas *escuras* contrastam, ou dão valor aos tons brilhantes, etc. V. *Claro-escuro.*

ESCURO, A, adj. do lat. *obscurus, a, um,* não illuminado, falto ou privado de luz; que tem côr morena ou pouco brilhante.

ESCUSO, A, adj. do lat. *absconsus, a, um,* p. p. de *abscondo, is,* esconder, occultar (archit.). Logar retirado ou *escuso,* corredor *escuso,* i. e., particular, que não é de serviço publico, porta *escusa,* quarto ou escada escondida, retirada, *escusa.*

ESCUTA, s. f. do fr. *écoute,* lat. *specula,* it. e hesp. *tribuna,* ing. *to hearken,* (archit. civ. e mil.) tribuna fechada com rotulas, ou grades miudas, que se usa nas escolas, nas salas de audiencia, nos theatros, d'onde se póde ouvir, sem ser visto. Tambem se applica o termo a uma pequena galeria, feita a espaços n'uma praça de guerra, para observar e embaraçar os trabalhos do inimigo. V. *Lanterna.*

ESFERA ou ESPHERA, s. f. do lat. *sphera,* gr. *phairá,* globo, corpo

redondo, (geom.) corpo solido, cujos pontos da superficie estão todos em igual distancia do centro, e é resultado da revolução de um semi-circulo sobre o seu eixo:—, globo, machina movel em que está marcado o globo terraqueo, ou os signos e constellações celestes, a que estão adaptados circulos astronomicos, que representam o curso do sol na ecliptica: a primeira chama-se terrestre, a segunda celeste:—(braz.) na armaria é movel que representa a *esphera* armillar.

Esfera armillar é um instrumento redondo, composto de muitos circulos de ferro ou de bronze, que representam a disposição dos céus, e que serve de remate a uma columna; tal é a esphera que corôa a columna torcida collocada ao meio da praça do Pelourinho em Lisboa.

ESFEROIDE ou ESPHEROIDE, s. f. do lat. *spheroides*, gr. *sphaira*, esphera, e *eidas*, fórma, (geom.) solido que se considera formado pela revolução da ellipse sobre um dos seus eixos.

O contorno de um domo, diz d'Aviller, deve ter ametade de um *espheroide*, porque deve ser mais alto que meia esphera, a fim de que, visto de baixo offereça uma bella proporção.

ESFINGE. V. *Esphinge*.

ESFOLADO, (anat.) s. m. do gr. *phloiós* ou *phloós*, casca, pelle; phloió, esfolar, tirar a pelle, fr. *écorche*, it. *scorticato*, ing. *or flead*, (pint. e esculp.) nome que se dá aos modelos anatomicos em gesso, e aos desenhos de figuras despidas da pelle, cujos musculos se vêem descobertos. O estudo do modelo *esfolado*, ou sem pelle, é um dos mais necessarios aos pintores, e aos esculptores. Podem-se consultar n'este genero os desenhos gravados de Tortebat, de Salvage, de Gerdy, os gessos de Miguel Angelo, de Hondon, o *Mercurio* de João de Bologna, e o *Hercules*, de Lelli.

O *esfolado* anatomico de Hondon, esculptor francez. *Noticia do palacio da academia imperial do Rio de Janeiro*. Exposição de 1859, p. 65 e 97.

ESFUMADO, A, p. p. de esfumar, e adj. feito ou desenhado com esfuminho.

ESFUMAR, v. a. (des. e pint.) significa em desenho, unir, incorporar e adoçar as partes sombreadas por meio de lapis applicado com o esfuminho. Tambem significa, em pintura, misturar, confundir com as côres certas partes para evitar a dureza, que se póde seguir se não forem *esfumadas*.

«Mesmo nas partes mais confusas, e *esfumadas*, sem deixar por isso alguma dureza na pintura.» Cyr., *Conv. 6.ª*, p. 28.

ESFUMINHO, s. m. (des.) rolo de papel grosso, ou de anta, cortado em ponta n'uma e n'outra extremidade para esfumar.

ESGAZEADO, A, p. p. de esgazear, e adj. desmaiado na côr, reflectido com luz desagradavel e incerta.

«E livrar a sua obra dos estranhos e desagradaveis effeitos, que n'ella produz a illuminação *esgazeada* e inconstante.» Mach. de Castro, *Descrip. Anal.*, p. 117.

ESGAZEAR, v. a. do arab. *algazel*, a gazella (pint. e esculp.) Desmaiar, desvanecer a côr por effeito da luz incerta e inconstante, que produz em um quadro, estatua, ou outra obra d'arte, uma vista ingrata e desagradavel.

ESGOTAMENTO, s. m. acção de esgotar. V. *Esgôto*.

ESGOTAR, v. a. do lat. *exhaurire*, it. *votare*, (archit.) operação pela qual se tira e extrahe a agua de algum terreno ou logar, ou para n'elle se fazerem edificações, ou para outros usos.

ESGOTO, s. m. esgotamento, do lat. *exhaustio*, it. *votamento*, (archit.) operação hydraulica, na construcção das pontes, diques, eclusas, etc., nas minas e na abertura de poços, para o que se applicam differentes utensilios, ou machinas. Uma das operações d'este genero mais admiraveis é o esgôto ou esgotamento do mar de Harlem, tentado em nossos dias.

ESGRAFIAR, v. a. do it. *sgraffiare*, fr. *égratigner*, arranhar, p. us. (pint.) Pintar a fresco em branco e preto, cuja pratica está abandonada. V. *Pintura a fresco*.

ESMALTADOR, s. m. artifice que pinta obras de esmalte.

ESMALTAR, v. a. do lat. *malthare*, fr. *émailler*, it. *smaltare*, hesp. *esmaltar*, ing. *to enamel*, (pint.) ap-

plicar o esmalte a obras ou peças de barro ou de metal, vitrificando-lhes a superficie e matizando-as com varias côres.

ESMALTE, s. m. do lat. *malthea*, fr. *émail*, it. *smalto*, hesp. *esmalte*, ing. *smalt*, especie de cimento: —, verniz vitroso, que não é outra cousa mais que um vidro opaco ou transparente, sem côr ou com ella, que se applica pela fusão sobre diversas louças, a faiança e os metaes, especialmente sobre o oiro, a prata e o cobre. Os *esmaltes* compõem-se principalmente de silice, de oxydo de chumbo e de oxydo de estanho; e é com o oxydo de estanho que se lhe dá o aspecto branco de leite opaco, que os distingue sobretudo da faiança. A coloração dos esmaltes faz-se por meio das mesmas substancias que servem para os outros vidros coloridos; sendo sómente a dóse mais forte em geral.

A arte do esmaltador parece não ser muito posterior á descoberta do vidro: os antigos a exercitaram com grandes resultados. Nas excavações da cidade de Thebas encontraram-se louças esmaltadas de diversas côres. Ainda hoje se vêem em muitas cidades do Egypto edificios construidos de tijolos esmaltados, extrahidos das ruinas de cidades antigas. Comtudo só no seculo III da nossa era appareceu o esmalte applicado sobre o metal.

A arte do esmaltador floresceu na idade media, particularmente na Italia, em França e em Castel-Durante. Pelo meiado do seculo XVI, Bernardo de Palissy elevou esta arte a um alto grau de perfeição: João Toutin, artifice de Chateaudun, em 1630, se tornou celebre por suas bijouterias esmaltadas. O conde de Laborde publicou a *Notice des émaux du Louvre*, 1853.

Esmalte, na arte de *brazão*, é synonymo de côr; contam-se cinco esmaltes, o encarnado, o azul, o verde, o roxo e o preto. V. *Brazão*. *Diction. univ. des scienc., des let. et des arts*, par Bouillet. París, 1859.

ESMERALDA, s. f. do lat. *smaragdus*, gr. *smaragdos*, brilhante, fr. *émeraude*, ing. *emeralde*, (min.) pedra preciosa, transparente e muito distincta pela bella côr verde, que a torna estimavel: é composta de silica, de alumina e de glycina; a melhor acha-se no Brazil e no Perú.

EMERIL ou ESMERIL, s. m. do lat. *smyres*, gr. *smyris*, fr. *émeri*, it. *smeriglio*, hesp. *esmeril*, ing. *emeri*, variedade de oxydo de ferro ou pedra dura acinzentada, que reduzida a pó serve para alisar as pedras preciosas, os metaes e o crystal.

ESPAÇAR, v. a. do lat. *spaisir*, *distinguere*, fr. *espacer*, it. *separare*, ing. *to distance*, (archit.) deixar igual distancia entre dois corpos collocados em seguimento, entre os pilares ou balaustres de uma varanda, etc.

ESPAÇO, s. m. do lat. *spatium*, gr. *spizein*, fr. *espacement*, it. *distanza*, ing. *space*, (archit.) distancia igual entre dois ou mais corpos.

ESPALTO, s. m. ant. (pint.) côr escura, transparente e doce, hoje em desuso na pintura: tambem lhe chamam negro de *espato* ou betume de Judea. V. *Asphalto*.

ESPARAVE. V. *Pavilhão*.

ESPATULA, s. f. do lat. *spatula*, (pint. e esculp.) instrumento de madeira, marfim ou aço, em fórma de faca mais ou menos redonda em sua extremedidade, de que se servem os pintores para desfazer e misturar as tintas, e os esculptores para os seus trabalhos em barro, gesso ou estuque.

ESPATULETA, s. f. dimin. de espatula, com os mesmos usos, principalmente na arte de esculptura. «Do bronze, o qual não póde o cinzel domar e correr por elle com o mesmo desembaraço e senhorio com que as *espatuletas* operam no estuque. Machado de Castro, *Descr. Anal.*, pag. 243.

ESPECAR, v. a. do lat. *fulcire*, fr. *etayer*, it. *puntellare*, hesp. *apuntatar*, ing. *to prop*, (archit.) apoiar, sustentar com espeques uma parede ou uma casa, um tecto ou um pavimento que ameaça ruina.

ESPECTRO, s. m. do lat. *spectrum*, *i*, de *specio*, *is*, ver: visão intellectual, phantasma. Em physica chama-se *espectro solar* á imagem oblonga e colorida do sol, que se produz pela passagem de seus raios através de um prisma na camara escura, decompon-

do-se a luz branca do sol em sete raios de differentes côres pela ordem seguinte: *encarnado, alaranjado, amarello, verde, azul, anilado, roxo.* As sete côres chamadas *do prisma, do espectro,* ou do *arco-iris,* formam-se das tres côres primitivas: *encarnada, amarella* e *azul.* Das sete cores do espectro podem, pela refrangibilidade, nascer uma infinidade de outras. Deve-se a Newton a descoberta do *Espectro.* V. *Côres.*

ESPECULÁRIA, s. f. do lat. *speculum, i,* parte da perspectiva que trata dos raios reflexos da luz. F. Nunes, *Art. da pint.* V. *Catoptrica.*

ESPELHO, s. m. (archit.) ornamentos ovaes que se entalham nas molduras cavadas e que algumas vezes são ornados de florões.

ESPELHO, s. m. do lat. *speculum, i,* de *speculor, aris,* ver, contemplar, fr. *miroir,* it. *specchio,* hesp. *espejo,* ing. *glass,* corpo de vidro polido capaz de reflectir os raios da luz. (t. comp.) «O rosto é o *espelho* da alma; os olhos descobrem o seu segredo.» S. Jeronymo. É conselho de bons auctores, que os artistas devem usar de um espelho para n'elle verem os defeitos da sua obra. «Não ha juiz como é o *espelho,* vendo-se n'elle uma figura bem feita, adquirirá outra tanta graça; ao contrario, se está defeituosa, o parecerá muito mais». Alberti, *Trat. da pint.,* tom. II. Sabido é que os erros se conhecem muito melhor nas obras alheias do que nas proprias... e tendo logo em seu estudo um *espelho* plano, olhará com frequencia o que vae pintando; e como se lhe representará trocado, parecerá de outra mão, e poderá julgar com melhor acordo seus erros». Vinci, § 274.º, pag. 121. V. *Oculo, Luneta.*

ESPEQUE, s. m. do lat. *paxillus* ou *fulcrum,* poste, estaca, fr. *etaie,* it. *pantello,* hesp. *puntal,* ing. *prop,* pau ou outra peça em fórma de estaca, com que se escora ou sustenta um tecto, uma parede, uma casa, etc.

ESPERA, s. f. do lat. *expectatio,* fr. *attente,* it. *aspettazione,* ing. *toothing:* (archit.) chamam-se *pedras de espera* áquellas que sáem ou avançam na extremidade de uma parede ou muro, para ligarem e prenderem com as outras pedras da continuação da obra ou do edificio. Os esculptores, entalhadores e marceneiros chamam *espera* a uma espiga quadrada que ha n'uma das cabeceiras do banco de trabalhar, em que se seguram as tábuas quando são aplainadas. V. *Banco.*

ESPHERA, ESPHEROIDE. V. *Esfera, Esferoide.*

ESPHINGE, s. f. do lat. *sphinx, gis,* do gr. *sphingo,* apertar, fr. e ing. *sphinx,* it. *sphinge,* hesp. *esphinge,* (archit. e esculp.) monstro imaginario, figura ou estatua representando um monstro. Ha *esphinge egypcia* e *esphinge grega.* A *esphinge egypcia* tem corpo de leão com cabeça de homem ou mulher. A *esphinge grega,* segundo a fabula, é um monstro com cabeça e seio de mulher, corpo de cão, garras de leão, azas de aguia e a cauda armada de uma lança aguda. Habitava sobre um rochedo nas proximidades de Thebas, e propondo aos passageiros um celebre enygma, devorava aquelles que o não podiam adivinhar. A cabeça das esphinges é algumas vezes sustentada por um busto humano ornado de dois seios; o corpo é ordinariamente deitado e as pernas estendidas. A maior parte dos monumentos egypcios apresentam a imagem da esphinge, que entre elles era o emblema da prudencia, da sabedoria e da força.

As esphinges têem grande applicação em architectura; empregam-se em fórma de remate nos acroterios, nas extremidades de uma balaustrada, de uma parede de terrasso ou de uma rampa de escada, etc.

ESPIGA, s. f. do lat. *spica,* fr. *épi,* it. *spiga,* (archit.) significa differentes cousas: 1.ª, a assemblagem ou reunião das armas em volta da ponta ou bico que forma essa connexão ou entalho; 2.ª, as pontas e ganchos de ferro que se põem sobre as balaustradas, os muros de segurança para servirem de os defender; 3.ª, disposição de ladrilhos n'um pavimento em fórma de bicos; 4ª., especie de dique de alvenaria, ou de faxina, construido ao comprimento de um rio para o impedir de entrar sobre as terras marginaes.

ESPIGÃO, s. m. augment. de es-

piga, do fr. *ruellée*, (archit.) chama-se assim aos angulos formados pelos encontros das aguas dos telhados sobre as tacaniças. V. *Tacaniça*.

ESPIRA, s. f. do lat. *spira*, gr. *speira*, (geom. e archit.) volta ou contorno em fórma de espiral. Em architectura é a base de uma columna, quando o perfil d'esta é serpeado.

ESPIRAL, adj. dos 2 g., do lat. *spiralis*, fr. e ing. *spiral*, it. *spirale*, hesp. *espiral*, (geom.) linha curva que faz muitas revoluções successivas, que partem de um ponto fixo chamado *pólo* ou *centro*, afastando-se d'elle cada vez mais, sendo todos os pontos dispostos regularmente em relação a esse ponto dado.

A *espiral* differença-se da *helice*, porque n'esta as *espiras* em volta são todas iguaes, como no parafuso, emquanto que na *espiral* a curva vae sempre afastando-se cada vez mais do centro, como na corda de um relogio, e tambem porque as voltas da *espiral* são todas no mesmo plano.

Distingue-se em geometria a *espiral de Archimedes*, a de *Pappus*, a *logarithmica*, a *parabolica* ou *helicoide*, etc.

ESPIRITUOSO, adj. do lat. *ingeniosus*, fr. *spirituel*, it. *ingegnoso*, hesp. *espiritual*, ing, *ingenious*, (pint. e grav.) em pintura e desenho chama-se toque *espirituoso* ao que é feito com vivacidade, e que n'um só traço manifesta o caracter do objecto, e o effeito que lhe é proprio e natural; e é sobretudo applicado a pequenas figuras, nas paizagens, na gravura e ainda nos pequenos esbocetos e modelos de esculptura.

ESPLANADA, s. f. do lat. *planities, ou solatium*, fr. e ing. *esplanade*, it. *spianata*, hesp. *esplanado*, (archit. civ. e mil.) logar, ou espaço unido e descoberto na frente de um edificio:—, planicie alta de onde se logra bella perspectiva, ou onde ha jardim para recreio, etc.: —, o terreno que forma a contra-escarpa ou caminho coberto: terreno de nivel entre o declive da contra-escarpa, e os primeiros edificios.

ESPORÃO, s. m. do lat. *rostrum*, fr. *éperon*, it. *sprone*, hesp. *espolon*, ing. *spur*, (archit. civ. e mil.) pilar de alvenaria ou outra parte solida que se construe exteriormente para fortificar o revestimento, e poder resistir ao avanço das terras. Em fortificação é um angulo saliente feito no meio das cortinas ou diante das portas para as defender. V. *Contraforte*.

ESQUADRAR, v. a. (archit.) traçar, riscar ou cortar uma pedra ou outra qualquer peça em angulo recto, fazendo para este effeito uso do esquadro ou esquadria.

ESQUADRIA ou ESQUADRO, s. f. ou m. do lat. *esquadra* ou *norma*, (archit.) instrumento de ferro, cobre ou madeira composto de duas reguas unidas perpendicularmente por uma de suas extremidades, que serve para traçar angulos rectos.

ESQUADRIAR. V. *Esquadrar*.

ESQUADRO, s. m. V. *Esquadria*.

ESQUAQUELLADO, A, adj. (braz.) enxadrezado; v. g., em campo de prata tres faixas negras *esquaquelladas* de oiro.

ESQUAQUES, s. m. pl. o jogo do xadrez; (braz.) quadrados em xadrez, de côres alternadas. É corrupção italiana de *xaque*, rei no jogo do xadrez. V. *Escaques*.

ESQUARTEJADO, A, p. p. de esquartejar, e adj. dividido em quatro partes (escudo esquartejado).

ESQUARTEJAR, v. a. fazer em quartos um corpo, dividi-lo, reparti-lo.

ESQUARTELADO, A, p. p. de esquartelar, e adj. diz-se na armaria d'aquelle escudo, que está dividido em quatro quarteis, e isto em cruz, porque sendo em aspa, diz-se: *dividido em aspa*.

ESQUARTELADURA, s. f. (braz.) divisão do escudo em quarteis.

ESQUARTELAR, v. a. (braz.) dividir em quatro partes ou quarteirões. V. *Esquartejar*.

ESQUELETO, s. m. do gr. *skélétos*, lat. *sceletus*, it. *schelétro*, hesp. *esqueleto*, ing. *skeleton*, arido, secco, isto é, *cadaver dessecado*, de que só restam os ossos; nome que se dá em anatomia á armação ossea, sobre a qual se pegam ou se apoiam todas as partes moles que compõem o corpo dos animaes vertebraes. Da fórma do esqueleto dependem as fórmas geraes do corpo e as de suas partes diversas. Divide-se o esqueleto em tres partes

principaes; cabeça, tronco e extremidades: o do homem adulto compõe-se de um grande numero de ossos, pela maior parte duplicados, e sempre symetricos: contam-se ao todo cerca de 250 ossos. O estudo do esqueleto e de todas as partes que o compõem, deve ser familiar aos artistas, por isso que forma a primeira parte da anatomia, indispensavel aos estudos das bellas artes do desenho.

ESQUIÇA, ESQUISSO, ou ESQUIZO, s. m. do it. *schizzo* ou *schizzi*, lat. *adumbratio*, fr. *esquisse*, hesp. *escorche*, ing. *sketch*, (pint. esculp. e archit.) pequeno desenho ou modelo imperfeito, que exprime a idéa ou projecto de uma obra d'arte, concebida e já borreteada ou rascunhada pelo auctor.

«Faça-se um *esquisso*, bosquejo ou rascunho da historia que se quer tratar». Cyr., *N. acad. de pint.*, p. 45.

«Um *esquisso* a oleo, feito de improviso no decurso de tres horas». *Exposição da acad. das bellas artes ds Lisboa no anno de 1843*, p. 7.

«*Esquizo*, logo como a idéa está determinada e escolhida como se quer pôr em obra, far-se-ha e pôr-se-ha logo em *desenho*, e *primeiro* que se esta faça ainda em sua perfeição se faz o *Esquizo* ou modelo d'elle. *Esquizo*, são as primeiras linhas ou *traços*, que se fazem com a pena, ou com o carvão dados com grande mestria e depressa, os quaes traços comprehendem a idéa e invenção do que queremos fazer, e ordenam o desenho, mas são linhas imperfeitas e endeterminadas, nas quaes se busca e acha o desenho e aquillo que é nossa tenção fazermos». F. de Hollanda, *Art. da pint. ant.*, c. 16, p. 33 (ms.). V. *Bosquejo*.

ESQUIÇADO ou ESQUISSADO, p. p. de esquiçar, e adj., bosquejado, a.

ESQUIÇAR ou ESQUISSAR, v. a. do it. *schizzare*, lat. *adumbrare*, fr. *esquisser*, ing. *sketch*, (pint. esculp. e archit.) fazer um pequeno desenho ou modelo imperfeito que manifeste o projecto ou pensamento de uma obra d'arte, concebida e já feita em borrão.

«No principio ajude-o o mestre a *esquiçar*». Cyr., *Conv. 6.ª*, p. 78.

«Quando quizeres compor, pensa, lê, *esquissa*, modéla e pede conselho aos amigos». Cyr., *N. acad.*, p. 59.

ESQUISSETO, s. m. diminut. de esquisso, pequenino desenho ou modelo imperfeito de obra ou projecto do que se intenta executar em ponto maior.

«*Esquisseto* feito de improviso». *Expos. da acad. de bellas artes*, 1843, p. 7.

ESTACA, s. f. do lat. *sto, as*, estar em pé, firme, do gr. *stego*, suster, defender, (archit.) pau que se crava na terra para diversos usos; pau verde de carvalho ou de outra qualidade propria, para fazer estacaria em terreno falso, sobre que se possa edificar solidamente.

ESTACADA, s. f. cêrca fechada com estacas; quantidade de estacas unidas e dispostas em ordem para sobre ellas se edificar alguma obra.

ESTACADO, s. m. o mesmo que estacada, liça, cerca, caneiro.

ESTACAR, v. a. (archit.) firmar, segurar, pôr estacas.

ESTACARIA, s. f. grande numero de estacas, logar onde se põem ou juntam muitas estacas.

Estacas conjugaveis se chamam as estacas unidas de modo que formem parede.

ESTADIO, s. m. do lat. *stadium*, do gr. *stadion*, (archit.) logar ou espaço em que se faziam jogos e se corria o páreo, etc., que segundo Vitruvio era um espaço a descoberto de 125 passos. O *estadio*, como medida itineraria, tinha geralmente 600 pés gregos ou 185 metros, mas este comprimento tem variado conforme a medida do pé nos differentes paizes. O *estadio* era uma arena estreita e oblonga, terminando por um semicirculo em uma das suas extremidades, e na outra por uma linha recta, havendo ás vezes aos lados os logares destinados para os espectadores observarem os athletas nos differentes exercicios da carreira, da luta, etc.

Havia tambem *estadios* cobertos, cercados de porticos e columnas, que serviam para os mesmos exercicios quando o tempo era desfavoravel ou invernoso. V. *Palestra*.

ESTALEIRO, s. m. armazem terreo em que se concertam e fabricam navios: — barraca, ou telheiro em

que se guardam madeiras de construcção, e trabalham carpinteiros e canteiros em preparar e acabar differentes partes dos edificios: — (esculp.) chama-se tambem *estaleiro* a uma armação de pedaços de viga fixa na terra com estacas, formando uma especie de pedestal ou accessorio, em que os esculptores assentam as pedras, para d'ellas se fazerem estatuas e outras obras d'arte. Mach. de Castro, *Descrip. anal.*, p. 148, 152.

ESTAMPA, s. f. do fr. *estampe*, hesp. *estampa*, ing. *a stamp*, lat. *imago æri incisa*, it. *stampa*, (grav.) qualquer obra ou imagem feita de traços cruzados em materia solida, e que se applica com especialidade a imagens ou figuras impressas sobre papel ou estôfo, por meio de uma chapa de cobre, madeira, aço, etc. O termo de *estampa* applica-se igualmente ás producções da gravura a agua forte, a buril, em madeira negra, a lapis, etc. Tiram-se *estampas* sobre couros ou pelles, sobre tecidos de seda, pergaminho, setim e mesmo sobre a cortiça das arvores, e sobre o gesso. A arte de imprimir *estampas* foi inventada por um artifice de Florença, chamado Marcos Finiguerra no seculo xv. As *estampas* mais antigas que se conhecem são *uma imagem de S. Christovão*, (1423) e uma de *S. Bernardo* (1454). O livro mais antigo acompanhando o texto de *estampas* é um tratado de medicina de Pierre d'Abano, de 1472.

As *estampas* são muito uteis para nos fazer conhecer o genio, o gosto e o estylo dos grandes mestres, e para encaminhar aquelles que seguem a mesma carreira. «Depois que se inventaram as estampas, alguns artistas, mesmo de primeira ordem, se servirão ás vezes d'ellas. Miguel Angelo gostou tanto de uma invenção de Heemskerk, que a pintou. André del Sarto serviu-se das de Alberto Durer. Muitos habeis pintores do tempo do Parmasão pintavam pelas suas *estampas*.» Cyr., *Nov. Acad.* pag. 89.

ESTAMPADOR, A, s. m. ou f. o artifice ou a pessoa que sabe e exercita o mister de estampar.

ESTAMPAGEM, s. f. o exercicio ou serviço de estampar.

ESTAMPAR, v. a. do lat. *imprimere*, fr. *estamper*, it. *stampare*, hesp. *estampar*, ing. *to emboss*, (grav.) imprimir gravuras, imagens, desenhos gravados a agua forte ou a buril em chapas de madeira, cobre, aço, etc.

ESTAMPARIA, s. f. officina de estampar, casa em que se exercita esta parte mechanica da arte de gravura.

ESTAMPAR-SE, v. r. (grav.) imprimir-se, retratar-se, ficar gravado ou impresso.

ESTAMPEIRO, s. m. (ant.) impressor de estampas ordinarias ou de chitas, papel, etc.

ESTAMPILHA, s. f. dimin. de estampa, do lat. *ectypa*, fr. *estampille*, (grav.) pequena lamina ou chapa de cobre em que se abrem letras, notas de musica, etc., para se estamparem em papel: —, sêllo, com o retrato em relevo da pessoa reinante, fixado nas cartas e papeis que se remettem pelo correio para se conhecer que estão franqueados. (Legisl. mod.)

ESTANHAR, v. a. cobrir ou formar alguma cousa com estanho.

ESTANHO, s. m. do lat. *stamnum*, fr. *étain*, it. *stagno*, hesp. *estanno*, ing, *pewter*, (min.) Jupiter dos alchimistas, metal esbranquiçado como a prata, flexivel e brando, dando estalos quando o dobram; é o mais leve de todos os metaes, e tem muitas applicações nos usos domesticos. Entre as diversas minas de estanho que apparecem na Europa, na America e nas Indias, o mais bello e fino é o que vem de Inglaterra.

ESTATICA, s. f. do lat. *statica*, gr. *staô*, estar firme, fr. *statique*, it. *statica*, hesp. *estatica*, ing. *staticks*, (archit.) uma das partes da mechanica, que tem por objecto as leis do equilibrio das forças que movem os corpos; divide-se em duas partes: uma d'estas considera o equilibrio nos corpos solidos, outra o equilibrio nos liquidos e no gaz; a primeira tem mais particularmente o nome de *estatica*, a segunda o de *hydrostatica*. É excellente o *Tratado elementar de estatica* de Monge; os *Elementos de estatica* de M. Poinsot; e as *Lições de estatica* de M. Garnier.

Estudo é este necessario para ter conhecimento dos pesos das pedras,

terras, volumes e outros materiaes para lhes proporcionar as forças moventes, a fim de as transportar e levantar.

ESTATUA, s. f. do lat. e it. *statua*, de *statuo, is*, collocar, erigir, ou de *stoas*, estar firme, fr. e ing. *statue*, hesp. *estatua*, (esculp.) figura isolada em todo o vulto, modelada, esculpida ou fundida, representando um homem ou mulher, uma divindade ou outra imagem. A execução de nma estatua em marmore ou em pedra demanda, primeiro a composição do modelo, em materia branda, como barro ou cera, i. e., exercicio da plastica; é esta a parte mais importante do trabalho; depois, approximando-a ás fórmas do modelo, um artifice pratico desbasta e desengrossa a pedra; e ultimamente o artista acaba e termina a sua obra com os instrumentos proprios. As estatuas fundidas em bronze comprehendem, afóra a composição do modelo, a formação do molde ou fôrma, feita sobre o modelo, fôrma que de ordinario é feita em areia fina ou em argilla, e ultimamente a fusoria, que pertence ao fundidor.

Estatua pedestre é uma estatua em pé ou levantada, como é a da rainha D. Maria I, collocada na bibliotheca publica, obra do nosso insigne estatuario Joaquim Machado de Castro.

Estatua equestre é a que representa um homem a cavallo como a de El-Rei D. José I na praça do Commercio, obra do mesmo auctor.

Estatua curul é a que representa um homem n'um carro, como se vê nos circos e nos hypodromos antigos.

Estatua hydraulica é a que serve de ornamento a uma fonte, como a *Naiade* no passeio publico.

Estatua colossal é a que excede muito a grandeza do natural, como é o colosso de Rhodes.

Estatua persica é toda a figura que serve de columna a um entablamento.

Estatua caryatica é a estatua de mulher que tem a mesma applicação. V. *Caryatides*.

ESTATUADO, A, adj. (ant.) posto, collocado como estatua.

ESTATUÁRIA, s. f. do lat. *statuaria*, i. e., *ars*, arte estatuaria: arte estatuaria ou do estatuario, que consiste em compor, modelar e executar em pedra ou marmore estatuas e outras obras do grande genero em esculptura.

ESTATUARIO, s. m. do lat. *statuarius*, (esculp.) tal é o nome que se dá ao esculptor que faz estatuas, assim como á arte de as compor e executar. A *estatuaria* é a parte mais importante da esculptura. V. *Esculptor*.

ESTATUARIO, A, adj. do lat. *statuarius, a um*, (esculp.) proprio para fazer ou esculpir estatuas; marmore *estatuario*, proprio em qualidade para estatuas; columna *estatuaria*, ou que sustenta uma estatua.

ESTATUASINHA ou ESTATUINHA, s. f. de estatua: —, a mesma significação, em ponto mais pequeno.

ESTATUETA, s. f. dimin. de estatua, pequena estatua.

ESTEIO, s. m. do lat. *fulcrum*, fr. *étai*, escora, it. *pantello*, hesp. *puntal*, ing. *stay*, (archit.) peça de madeira que serve para sustentar uma parede, um tecto, um edificio, etc. Os *esteios* são sempre collocados entre dois leitos ou platafórmas, umas vezes horisontalmente, outras vezes perpendicularmente, ou inclinados segundo a direcção das paredes que se devem sustentar. Os *esteios* direitos de grande dimensão chamam-se *pontaletes*, os lateraes chamam-se *contrafortes*.

ESTERZIR. V. *Estrezir*.

ESTHÉTICA, s. f. do gr. *aisthésis*, sentimento, faculdade de sentir: theoria do bello, philosophia da arte, que comprehende a eloquencia, a poesia e as bellas artes (Silvestre Pinheiro). O termo é moderno, postoque muito antigas sejam as investigações da philosophia sobre este interessante objecto. Em 1750, Baumgarten, philosopho allemão, publicou a primeira obra sobre este assumpto com o titulo de *Esthetica*. A *esthetica* trata do bello em geral, e do sentimento que elle faz nascer em nós; inquire se elle é puramente relativo ou se depende de regras absolutas; faz a applicação dos principios que estabelece sobre a arte em geral a cada uma das artes em particular. Acha-se philosophicamente tratada esta sciencia nas obras indicadas no artigo

bello, e applicadamente acha-se em Diderot, Lessing, Winckelmann, Cicognara e outros. V. *Bello*.

ESTILO ou ESTYLO, s. m. do lat. *stylum* ou *stylus*, do gr. *stylos*, ponta, ponteiro; propriamente significa columna, agulha: (term. comp.) os antigos chamavam assim a um pequeno ponteiro de metal, agudo em uma extremidade e achatado na outra, de que se serviam para escrever; com a ponta escreviam sobre tabellas enceradas, e com a extremidade chata apagavam as letras que haviam escripto, d'onde veiu a expressão *vertere stylum*, voltar o ponteiro, por dizer *corrigir*.

Usa-se, por analogia, do termo *estylo*, fallando das obras litterarias e artisticas, pela maneira de escrever, pelo caracter particular que em suas obras imprime cada escriptor; e n'este sentido costuma dizer-se: estylo de Camões, de Vieira, de Bernardes, etc. Distinguem-se tres generos de estylo: *estylo simples, estylo mediocre, estylo sublime*. As qualidades geraes convenientes a todo o genero de estylo são: a pureza, a propriedade, a precisão, a clareza, a naturalidade e a conveniencia. Nas bellas artes toma-se o termo de *estylo* pelo modo ou maneira particular de compor e executar de cada artista; quanto á composição, diz-se: *estylo sublime, nobre, mediocre, simples;* quanto á execução: *estylo fero, polido, natural*, etc.; fallando da architectura, e mesmo da esculptura e pintura, diz-se: *estylo antigo, bysantino, gothico, da renascença*, etc.

Alguns dos nossos artistas escriptores tomam ás vezes o termo de *maneira* no mesmo sentido que o de *estylo*. «E não obstante ser a sua *maneira* ás vezes um pouco magra.» Cyr., *Mem.*, pag. 254.

«A sua *maneira* de pintar era fera e terrivel.» Tab., *Regr. da arte da pint.*, pag. 44.

Tambem alguns escriptores chamam estylo aos instrumentos e paus de modelar em cêra e barro, e aos que servem a pintores de imagens e estofadores. «E com alguma agua e um *estylo de pau* se lhe irá tirando todo o barro.» P. Ignacio de Vasc., *Artef.*, pag. 60.

«E abrindo a pintura com um *estylo de pau* ou de prata... fazei um ferro, como punção.» Fil. Nun., *Art. da pint.*, pag. 99.

ESTÍPITE, s. m. do lat. *stipes, itis*, tronco de arvore, (archit.) columna abalaustrada ou inversa.

ESTIRADOR, s. m. tábua delgada bem nivelada e lisa, de 66 a 70 centimetros de comprido por 55 a 60 de largo, com uma travessa movel na extremidade superior, que descansa no pavimento, para firmeza e segurança da mesma tábua, sobre a qual assentam o papel os que se applicam aos estudos de desenho pelo antigo ou pelo modelo vivo. Alguns usam de pasta em logar de estirador.

ESTOFADOR, s. m. o artifice que sabe e exercita a arte de estofar.

ESTOFAR ou ESTOFFAR, v. a. (pint.) guarnecer de estofo; fazer e abrir com ponteiro nas roupas das imagens ornamentos apropriados sobre oiro brunido.

ESTOFO ou ESTOFFO, s. m. (pint.) applicar oiro brunido sobre os pannejamentos das imagens, cobril-o depois de differentes côres, e ultimamente abrir sobre ellas, com um ponteiro de metal, diversos ornamentos, que descobrem o oiro que fica por baixo.

«Porém, como (as estatuas) saíão de sua casa pintadas e *estofadas*, sempre agradavam muito aos devotos.» Cyr., *Mem.*, pag. 258.

ESTOJO, s. m. do lat. *theca*, fr. *étui*, it. *stuccio*, hesp. *estuche*, ing. *a case*, (archit.) pequena caixa ou boceta chata com repartimentos, em que os architectos e desenhadores guardam os instrumentos proprios da arte, isto é, compassos, toca lapis, tira linhas, etc.

ESTRADA, AS, do lat. e it. *strada* ou *via*, fr. *chemin*, hesp. *camino*, ing. *way*, (archit.) caminhos publicos calçados com pedras para uso de viandantes, de animaes e de vehiculos.

ESTRADO, s. m. do lat. *stratum* ou *tabulatum, i*, (archit.) suppedaneo de madeira, pouco elevado, n'uma casa ou apartamento, para sobre elle se collocar um throno, etc.

ESTREBARIA. V. *Cavalhariça*.

ESTREGIR. V. *Estrezir*.

ESTREMA, s. f. de estremar, (ar-

chit.) pedra ou marco de terras. *Estremas* de duas herdades: —, limite divisorio de predios.

ESTREZIR, v. a. do lat. *transigo, is,* ou *transjicio, is,* furar, traspassar, (des. e pint.) traspassar um desenho de um para outro papel ou superficie, picando-o e applicando-lhe pó de lapis ou de carvão, ou usando de papel transparente ou de um ponteiro sobre os contornos do desenho que se quer traspassar, sendo este primeiro banhado de pó de lapis pelo reverso. V. *Calcar, Elucidar.*

ESTRIA, s. f. do lat. *stria, striatura,* do gr. *terein,* furar, excavar, (archit.) rego, meia canna da columna; a cada uma d'estas meias cannas com seu listel dá-se o nome de *estria.*

ESTRIAR, v. a. abrir meias cannas ou estrias nas columnas.

ESTRIBO. V. *Botareu.*

ESTRONCA, s. f. do lat. *fulcrum,* fr. *étrésillon,* it. *pantello,* ing. *prop,* (archit.) peça de madeira posta entre duas partes da parede ou contra uma prancha, por uma extremidade e uma estaca pela outra, a fim de impedir o movimento ou o desabamento de terras, de uma casa, de um pavimento, etc. V. *Harpéu.*

ESTROPEADOR, A, s. m. e f. o que ou a que estropia, desenhando, modelando ou pintando sem correcção e grosseiramente.

ESTROPEAR, v. a. do *strephó, strepéiu,* torcido, fr. *estropier,* it. *stroppiare,* deslocar, aleijar uma qualquer obra de arte, ou seja em desenho de figura, de architectura ou de ornamentos. Desenhar uma figura sem proporções e muito incorrecta, é *estropeal-a;* traçar um capitel sem as devidas dimensões, com traços incertos e sem caracter é *estropeal-o.*

ESTRUCTURA, s. f. do lat. *structura,* (archit.) maneira de construir em relação á solidez ou á belleza do edificio. Tambem se applica ao corpo humano, nas partes e mechanismo que o compõe.

ESTUCADOR, s. m. artifice ou artista que trabalha e modela em estuque, executando não só molduras e ornamentos, mas tambem figuras em baixo e alto relevo.

ESTUCAR, v. a. (esculp.) fazer uso do estuque em obras de arte.

ESTUDO, s. m. do lat. *studium:* chama-se assim á attenção que voluntariamente se presta a analysar um objecto todo o tempo que é preciso para bem facilmente o reconhecermos. (Silv. Pinh., *Prelec. philos.*) Toma-se tambem pela casa ou aula em que se dá lições, ou pelo gabinete ou casa particular, em que algum professor ou artista estuda bellas artes e executa obras da sua profissão.

ESTUFA, s. f. do lat. *vaporiarum,* fr. *poele,* it. *stufa,* hesp. *estufa,* ing. *stove,* (archit.) especie de caixa ou forno de barro cozido, ou de louça vidrada, de folha ou de ferro fundido, e de fórmas variadas e ornatadas, para aquecer as casas e apartamentos: este meio de aquecimento não foi desconhecido da antiguidade. As *estufas,* a que depois se chamou *caloriferos,* trazem sua origem dos paizes do norte.

ESTUQUE, s. m. do lat. *marmoratum opus,* ou *albarium opus,* it. *stucco,* allem. *stuck,* fragmento, porque o *estuque* se faz das pedras quebradas; (archit. e esculp.) composição feita de cal fina, de pó de marmore, de gesso e areia fina com a colla de Flandres dissolvida. Esta composição é susceptivel de receber brilho, e toma com o tempo a consistencia de pedra. Emprega-se ordinariamente o estuque branco, mas póde receber differentes côres. Os romanos conheceram e usaram do estuque em suas obras. Em Portugal foi conhecido e muito usado depois do meado do seculo XVIII, no tempo do marquez de Pombal, que estabeleceu em 1766 uma aula de estuques, dirigida por João Grossi, milanez. V. Cyr., *Mem.,* p. 269.

ESTYLOBATO, s. m. do gr. *stylos,* columna, e *basis,* base ou sócco, lat. *stylobates,* (archit.) especie de envasamento com base e cornija, formando um pedestal continuo, que sustenta muitas columnas.

ESVELTAR. V. *Esbeltar.*

ESVELTEZA, s. f. proporção alta, airosa e elegante, (pint., esculpt. e archit.) termo adoptado para significar em qualquer das producções das

tres artes, a bella proporção das fórmas, a agilidade e elegancia de uma figura, de uma estatua, de um portico, ou de outra parte da architectura: gosto contrario ao estylo pesado, tosco ou baixo.

ESVELTO, A, adj. alto, elegante, bem proporcionado. V. *Esbelto.*

ESVERDEADO ou ESVERDINHADO, A, adj. de côr verde ou que tira a côr verde.

ESVERDINHAR, v. a. pintar de côr verde ou esverdeada.

ETHOLOGIA, s. f. do lat. *ethologia*, gr. *étheos*, costume, e *logos*, discurso, tratado ou discurso sobre os costumes do homem moral; similhança ou representação d'esses costumes.

ETHÓLOGO, s. m. o que pinta ou representa usos, costumes, paixões.

EURYTHMIA, s. f. do gr. *eurythmia*, (archit.) bella proporção; segundo Vitruvio, é a belleza das proporções da architectura. Toma-se em geral pela harmonia magestosa dos membros e partes de uma obra de arte. V. *Symetria.*

EUSTYLO, s. m. do gr. *en*, bem, e *stylos*, columna, (archit.) a melhor maneira de espaçar as columnas, segundo Vitruvio, que é de dois diametros e um quarto, ou quatro módulos e meio. V. *Columna.*

EVALADIO. V. *Valadio.*

EVANO. V. *Ebano.*

EVOLUTAS, s. f. pl. (geom.) linhas curvas, pelo desenvolvimento das quaes se podem formar outras curvas. V. *Voluta.*

EXAGERAÇÃO, s. f. do lat. *exaggeratio, onis*, encarecimento, excesso. Toda a *exageração* é contraria ao bom gosto, e por consequencia deve evitar-se em todas as producções de bellas artes. Póde haver *exageração* nas fórmas e nos incidentes, isto é, nas proporções e contornos, na expressão dos affectos, nas côres e nos tons, etc.

«L'exageration, diz Chateaubriand, en tout annonce la faiblesse. Rien n'est beau que le vrai; le vrai seul est aimable.» Comtudo ha occasiões em que os pintores e esculptores se vêem obrigados a exagerar as figuras, os objectos e as côres, quando as grandes distancias em que esses objectos e figuras devem ser observados fazem desapparecer a *exageração*, e tornam por conseguinte conveniente e necessario esse artificio.

EXAGERAR, v. a. do lat. *exaggero, as, are*, pôr em montão, amontoar, encarecer, dar maior vulto e grandeza ás cousas, ou aos objectos que se representam. V. *Exageração.*

EXAGONO. V. *Hexagono.*

EXASTYLO. V. *Hexastylo.*

EXCAVAÇÃO, s. f. do lat. *excatio*, it *scavamento*, (archit.) cavidade feita n'um terreno, cavouco para os fundamentos de um edificio. V. *Alicerce.*

EXCAVAR, v. a. do lat. *excavo, as*, (archit.) cavar, fazer ôco, abrir cabouco.

EXCENTRICIDADE, s. f. do lat. *ex*, fóra, e *centrum*, centro, (geom.) chama-se assim em geometria á distancia que separa do centro cada um dos focos da ellipse.

EXCENTRICOS, AS, adj. do lat. *excentricus, a, um*, (geom.) chama-se assim a dois circulos ou a duas espheras, que, aindaque encerrados um no outro, não tem o mesmo centro, por opposição aos circulos *concentricos*, que só tem um mesmo centro.

EXECUÇÃO, s. f. do lat. *executio, onis*, (t. comp.) acção, modo de executar. Em termo d'arte significa habilidade, facilidade, maneira de executar obras de bellas artes. N'este sentido diz-se que um quadro, um modelo, uma gravura tem bella *execução*; que a *execução* de tal professor é facil, boa, excellente, etc.

EXECUTAR, v. a. do lat. *exequor, eris*, de *ex*, e *sequor, eris*, seguir, imitar, etc. Dar execução, acabar uma obra, executal-a com primor, com perfeição.

EXECUTOR, A, adj. o que ou a que executou, ou executa e desempenha obras d'arte.

EXÉDRA, s. f. do gr. *ex* e *edra*, assento, (archit.) sala ou casa grande guarnecida de bancos, em que se assentavam philosophos, oradores e outros litteratos nas suas conferencias. Perrault entende por esta pala-

vra *exedra*, em Vitruvio, um gabinete de conversação ou pequena academia, em que se juntavam e conferiam homens de letras: esta academia ou era coberta ou exposta ao ar livre, como diz o mesmo Vitruvio, tendo ás vezes a fórma de abside circular, o que se prova por um desenho tirado de um baixo relevo da villa Albani. V. Winck., *Mon. ined.*, pag. 185.

EXERGO, s. f. do fr. *exergue*, gr. *ex*, fóra, e *ergon*, obra, pequeno espaço por baixo do typo de uma medalha, ordinariamente no reverso, em que é costume pôr data, inscripção ou divisa. Á mesma inscripção se applica o nome de *exergo*. V. *Medalhas*.

EXHIBIÇÃO. V. *Exposição*.

EXPLANADA. V. *Esplanada*.

EXPOSIÇÃO, s. f. do lat. *expositio, onis*, o acto de expôr, patentear, pôr á vista:

1.º Modo por que um quadro, uma estatua, ou outra obra d'arte deve ser collocada, em relação á luz, e ao logar de onde deve ser vista para produzir agradavel effeito.

2.º Posição e maneira por que um edificio deve ser exposto em relação ao sol e aos ventos. A melhor *exposição*, segundo Vitruvio, é a de ter os angulos oppostos aos ventos cardeaes do mundo.

3.º *Exposição* das obras de bellas artes ao juizo do publico, pratica usada pelos artistas gregos, que todavia, até certa epocha, não foi seguida pelas nações modernas. Mansard foi o primeiro que deu impulso ás *exposições* modernas de pintura e esculptura, feitas na galeria do Louvre em 1699. Desde 1737 as *exposições* têem continuado regularmente todos os annos. A exemplo da França, têem as outras nações tambem usado d'este meio para o augmento e progresso das artes. V. *Exposições* da Acad. real. de bellas artes de Lisboa e da sociedade promotora das bellas artes em Portugal.

EXPOSITOR, ORA, s. m. e f. o artista ou pessoa que expõe publicamente na sala para isso destinada ás obras de arte ou da industria.

EXPRESSÃO, s. f. do lat. *expressio, onis*, de *exprimo, is*, espremer, exprimir, (t. comp.) todas as bellas artes dependem da expressão da verdade e do sentimento, principalmente a pintura e a esculptura. Alguns auctores a comprehendem no desenho, mas ella deve constituir uma parte separada. Desenhar e exprimir, diz um auctor, são cousas muito differentes. *Expressão* é a representação verdadeira e natural das cousas, sobretudo dos movimentos da alma e das paixões.

Diz-se commummente que o desenho e ocolorido são o corpo da pintura, e a *expressão* é a alma. A *expressão*, diz M. de Piles, é a pedra de toque do espirito do pintor. A *expressão*, diz Mengs, não se limita sómente ás paixões de alma, mas ella deve observar-se em tudo o mais que entra em qualquer composição, como os pannejamentos, o campo, a architectura, as arvores, os ares, etc.

Rafael, Julio Romano e o Dominiquino são excellentes na *expressão*. As principaes qualidades da *expressão* são a justiça e a verdade, o natural, a nobreza, a vivacidade, a finura.

EXPRESSAR, v. a. do lat. *expresso, as, are*, espremer; declarar, manifestar o conceito, pensamento ou sentimento por palavras ou gestos, por fórmas, por linhas e côres, como fazem as bellas artes.

« Cuja formosura *expressou* com seu pincel ». Arraes, p. 17.

EXPRESSIVO, A, adj. do lat. *expressus, a, um*, p. p. de *exprimo, is*, exprimido, expressado por palavras e por figuras desenhadas, pintadas ou esculpidas. Assim é linguagem corrente entre os artistas: esta cabeça é *expressiva*, esta estatua ou quadro é bello e bem *expressivo*.

EXPRIMIR, v. a. do lat. *exprimo, is*, apertar, espremer; declarar, representar, expressar a verdade por meio da palavra ou da linguagem muda das bellas artes do desenho, isto é, da pintura e da esculptura.

EXTRADOS, s. m. do lat. *facies exterior fornicis*, (archit.) é a superficie convexa exterior de uma abobada, que é regular, como a superficie concava interior, que se chama *intrados*. V. *Intrados* ou *Aduela*.

EXTRADOSSEO, A, adj. do lat. *ex utraque parte laboratus*, (archit.) é a superficie exterior de uma abo-

bada, que não é rustica, mas que tem as extremidades das pedras igualmente cortadas; d'este modo fica a superficie exterior inteiramente de nivel.

EXTREMIDADES, s. f. pl. do lat. *extremitas, atis,* (des., pint. e esculp.) os anatomicos chamam ao braço, ante-braço e mão *extremidade* superior, e á coxa, perna e pé *extremidade* inferior. É sentimento geral de todos os artistas doutos, que as *extremidades* das figuras devem ser tanto ou mais bem procuradas e estudadas que as outras partes do corpo, porque n'ellas se póde bem conhecer a correcção e sciencia do desenhador.

É preceito da arte que as *extremidades* raras vezes se devem esconder, e ainda quando isto for preciso, se lhes deve indicar o vulto por meio de algumas dobras; mas os pés devem sempre apparecer.

> Præcipua extremis rare internodia membris
> Abdita sint: sed summa pedum vestigia nunquam.
>
> Du Fresnoy, De art. graph.

O nosso insigne pintor Francisco Vieira Lusitano, partindo para Roma, soffreu uma tempestade tão horrorosa no golfo de Leão, que obrigou aos passageiros e tripulantes a recorrerem ao céu com humildes supplicas e promessas, fazendo elle, por essa occasião, um voto á Santa Virgem, verdadeira estrella do mar, de nunca pintar imagem sua sem lhe encobrir os pés, em honra e memoria de sua virginal pureza, voto que, salvo do perigo, fielmente cumpriu, sacrificando assim o preceito da arte a este rigoroso dever religioso. As imagens, pois, da Santa Virgem pintadas por elle depois do voto todas têem os pés cobertos com a tunica, mas de tal sorte que sempre lhes indicava o vulto das *extremidades.* No quadro de Santo Antonio ajoelhado diante da Senhora, que está na egreja de S. Roque, é notavel o modo discreto de que usou para lh'os encobrir, pintando em seu logar duas cabeças de serafins, que logrando este fim, auxiliam tambem a composição d'este bello quadro. Sabemos d'este voto por tradição communicada pelo mesmo Vieira ao seu amigo e co-artista J. Machado de Castro, de quem o ouvimos, e temos a honra de ser discipulo.

EX-VOTO, s. m. do lat. *em cumprimento de voto,* (pint. e esculp.) expressão que designa as offertas votivas e os quadros que as representam. Desde tempos immemoriaes se fizeram constantemente essas promessas e votos, nascidos da gratidão e reconhecimento de um povo, ou de um individuo, quando se achava livre de alguma calamidade publica, ou perigo imminente por intervenção e protecção divina. Os mesmos pagãos, como consta da historia, eram promptos em dar testemunhos de sua religiosa devoção no cumprimento de seus votos. Entre os christãos, e principalmente entre os catholicos, chamam-se quadros votivos (ou *ex-voto)* os que são destinados a preencher este fim religioso, e não só quadros, mas estatuas, grupos e monumentos consagrados a Deus, á Santissima Virgem e aos Santos, como testemunhos de sua devoção e do publico cumprimento dos seus votos e promessas.

F

FABRICA, s. f. do lat. *fabrica,* qualquer officina; e muitas vezes é synonymo de manufactura, (archit. e pint.) edificio nobre e consideravel em que se applicam grandes materiaes, como é uma egreja, um palacio, que se dizem de bella *fabrica.* Toma-se tambem pela construcção e estructura, não só do edificio, mas ainda das estatuas, e do corpo humano e seus membros: *a fabrica do homem, do corpo humano, do olho, do ouvido,* etc. Em pintura dá-se o nome de *fabrica* a toda a especie de edificios ou de ruinas, que servem de ornar o fundo de um quadro de historia ou de paizagem.

FABRICADOR, s. m. do lat. *fabricator,* (archit.) edificador, constructor, e ainda architecto. «Architecto, principal *fabricador.*» Oliv., *Adv. aos mod.,* pag. 22. V. *Architecto.*

FABRICAR, v. a. do lat. *fabrico,*

as, are, (archit.) construir, edificar com arte; *fabricar* estatuas, edificios, casas, castellos, navios, etc. «Deus *fabricou* o mundo.» Vieira. *Fabricar* moeda, cunhar. V. *Acunhar* e *Cunhar.*

«De tal materia uma cara
Fabricou de rosto inteiro.
O Ins. pint., pag. 494.»

Ha differença entre fabricar simplesmente ou edificar com gosto e arte.

FABRIL, adj. dos 2 g., do lat. *fabrilis, le,* o official que exercita as artes mechanicas ou fabris, como carpinteiro, alvenco, canteiro, ferreiro e outros artifices, que insinuados e dirigidos pelo architecto, pintor, estatuario ou outros artistas, trabalham na execução de differentes obras, debaixo dos seus desenhos e modelos. V. *Artes fabris e liberaes.*

FABULA, s. m. do lat. *fabula* ou *fabella,* de *fari,* fallar, narrar: é termo, umas vezes synonymo de *mythologia* (V. este t.), outras designa a narração de uma acção fingida, destinada á recreação e á instrucção, debaixo do véu de allegoria.

FABRICAÇÃO, s. f. do lat. *fabricatio,* trabalhos de fabricante ou manufactureiro.

FABRICANTE, s. m. do lat. *fabricans, antis,* manufactor, manufactureiro: o que por meio de machinas converte materias primas em objectos de outra fórma ou qualidades.

FABULAR, v. a. do lat. *fabulo, as, are:* contar ou compôr fabulas.

FABULOSO, A, adj. do lat. *fabulosus, a, um,* fingido, allegorico, feito ou composto de fabulas.

FACA, s, f. do lat. *falcula,* dimin. de *falx, cis,* fouce, fr. *couteau,* it. *coltella,* hesp. *cuchillo,* ing. *a knife,* instrumento de aço cortante ou de outra materia, com cabo feito de diversas maneiras, segundo o uso a que é destinado. (pint. e grav.) Os pintores usam de uma faca de aço sem córte, muito flexivel, de volta redonda na extremidade, com que passam as tintas da pedra, em que são moidas, para a palheta, e n'esta as misturam e combinam entre si: os gravadores em madeira tambem usam de uma faca de aço para differentes usos; os esculptores servem-se de uma espatula ou faca de marfim ou de madeira de buxo para com ella limparem os paus de modelar.

FACE, s. f. do lat. *facies,* fr. e ing. *face,* it. *faccia,* parte anterior da cabeça, a que vulgarmente chamam rosto, a qual tem a fórma de uma ellipse ou oval, mais estreito para baixo e mais largo para cima, aonde se reune com o craneo: ella é a séde dos orgãos importantes da vista, do cheiro, do gosto, da masticação e da voz: a *face* exprime os desejos, as paixões, o prazer, a dor, a alegria, a tristeza, tomando então o nome de semblante, ou melhor, de physionomia. V. *Physionomia.* A face ou o rosto divide-se em tres partes. V. *Cabeça, Proporções.*

Em geometria dá-se o nome de *face* aos planos que compõem a superficie de um polyedro; d'este modo as *faces* de um cubo são os seis quadrados que o limitam. A *face* sobre que descansa o solido é a base.

FACEAR. V. *Facejar.*

FACEJAR, v. a. (archit.) peças de madeira ou pedra, que tem faces e lados em esquadria, para se applicarem a algum edificio ou a outros usos.

FACETA, s. f. dimin. de face, pequena face ou superficie plana e lisa de madeira, pedra, etc.: —, pequena moldura chata. Os anatomicos chamam *faceta* a uma pequena porção circumscripta da superficie de um osso.

FACETAR, v. a. cortar em facetas.

FACHA, s. f. do lat. e it. *ascia,* fr. *hache,* hesp. *hacha,* ing. *a battle-axe,* (ant.) machadinha no meio de um feixe de varas, que os lictores levavam, precedendo o consul e o dictador, e diz-se *facha de armas.*

FACHADA, s. f. do lat. *frons, tis,* fr. *façade,* it. *facciata,* hesp. *fachada,* ing. *front,* (archit.) face principal, frontaria ou frontispicio de um edificio; quando este tem muitas faces, distinguem-se por fachada anterior, posterior e lateraes: quando se diz simplesmente *fachada,* entende-se a da frente ou a principal. Muitos auctores ha que têem escripto sobre

a decoração e systema das *fachadas;* entre outros póde consultar-se *Le Cours d'architecture* de Blondel.

FACIAL, adj. dos 2 g. do lat. *facialis, le,* (anat.) que pertence á face ou tem relação com ella. V. *Angulo facial.*

FACILIDADE, s. f. do lat. *facilitas, atis,* (t. comp.) significa em bellas artes a promptidão em conceber e a liberdade em desenvolver e executar qualquer assumpto ou obra de arte: — a fecundidade do genio, a ligeireza do toque, que é fructo de prolongado estudo, e da mão sabia e consummada do artista. N'este sentido se diz, que a obra é *de um pincel, de um cinzel ou buril facil,* para exprimir o contrario de um trabalho penoso, cansado e languido.

FACULDADE GRAPHICA. V. *Artes do desenho.* Machado de Castro, *Disc. sobre as utilid. do desenho.*

FAIANÇA. V. *Ceramica.*

FAIXA ou FAXA, s. f. do lat. *fascia,* fr. *bande,* it. e hesp. *benda,* ing. *band,* (archit.) moldura chata e comprida, de pouca largura, tal como as *faxas* que formam o architrave: — (braz.) a terceira peça honrosa formada de differente esmalte no meio do escudo, entre duas linhas parallelas, tiradas horisontalmente de um a outro lado. V. *Banda, Cotiça.*

FALDÃO ou FRALDÃO, s. m. augment. de fralda, (ant.) parte da antiga armadura que cobria o corpo do cavalleiro da cintura para baixo.

FALSAR, v. a. do lat. *falso, as, are,* falsificar, (archit.) falsar ou falsear a base da columna, isto é, dar de si por falta de bom leito ou por descuido no assentamento da base.

FALSO, A, adj. do lat. *falsus, a, um,* enganoso, contrafeito, (t. comp.) é termo algumas vezes usado pelos architectos e pintores: os primeiros chamam *córte falso* á direcção de uma junta ou uma aduela, obliqua em relação ao arco, ao qual ha de ser perpendicular, para sua boa construcção; os segundos chamam *côr falsa* ou *luz falsa,* quando não é boa e conveniente a tinta ou o tom applicado ao quadro, ou quando este não está collocado no verdadeiro ponto em que deve ser observado, ou se acha recebendo luz contraria áquella em que o artista dispoz o mesmo quadro.

FANTASIA ou PHANTASIA, s. f. do lat. *phantasia,* do gr. *phantazia,* de *phainó,* brilhar, luzir; *phantozomai,* imaginar, imaginação, facilidade imaginativa. Em bellas artes entende-se pela composição phantastica, nascida da imaginação caprichosa dos artistas, sempre mais ou menos fundada nos objectos da natureza. D'aqui as producções singulares do genio, como os ornamentos de capricho, as caricaturas, os grutescos, etc., por onde é costume dizer-se, que tal artista é pintor de *phantasias.*

FANTASIAR ou PHANTASIAR, v. a. imaginar, representar, pintar, modelar, esculpir phantasias.

FANTASMASCOPO ou TÓSCOPO, s. m. do gr. *phantasma* e *skopeó,* vejo; machina de optica d'onde sáe um phantasma brilhante e de cores variadas.

FANTASMAGORIA ou PHANTASMAGORIA, s. f. do gr. *phantasma,* phantasma, e *agora,* assembléa, arte de representar espectros ou phantasmas por meio de illusões opticas: —, espectaculo em que se fazem apparecer essas figuras e phantasmas.

FAROL ou PHAROL, s. m. do lat. *phanalium,* gr. *phainarion,* fr. *fanal,* grande lampeão collocado na gavea do navio ou na pôpa do mesmo, (archit.) torre alta na extremidade de um molhe ou na dianteira do mar sobre algum escolho ou rochedo, d'onde se descubram os navios ao largo, e possam estes, guiados pela luz exposta, chegar ao ponto desejado: alguns pharoes ha que são decodos pelas ordens de architectura.

FARPÃO, s. m. augment. de farpa, dardo ou rojão com ferro farpado; setta grande: — (braz.) farpa de metal ou côr, que se mette na brica do escudo differençado.

FASCES ou FEIXES. V. *Facha.*

FASQUIA, s. f. do arab. *faskhia,* lat. *ambrices,* fr. *latte,* it. *assicella,* hesp. *lata,* ing. *lath,* (archit.) pedaço de tábua estreita e longa, que tem differentes usos nas edificações.

FASQUIAR, v. a. do lat. *ambrices sternere,* ing. *to lath,* usar ou applicar fasquias ou separadas com inter-

vallos, ou juntas e unidas. Os tectos e as paredes para serem estucadas, devem primeiro ser *fasquiadas.*

FAVORECER, v. a. do lat. *favor, oris,* fr. *flatter,* (pint. des. e esculp.) applica-se o termo ao costume que têem alguns retratistas de fazer mais bellos os retratos do que realmente são, favorecendo e emendando alguns defeitos naturaes.

FAVORECIDO, A, p. p. de favorecer, e adj. que recebeu favor ou auxilio; retrato *favorecido,* em que se emendam ou disfarçam alguns defeitos do original, para tornar a peça retratada menos defeituosa ou mais bella e agradavel.

FECHADURA, s. f. do lat. *sera,* it, *serratura,* fr. *serrure,* hesp. *cerradura,* ing. *lock,* (archit.) machina de ferro, cobre ou madeira, que se applica a portas, gavetas, cofres, etc., que os abre e fecha com chave, por meio de móla e lingueta.

FECHAMENTO, s. m. de fechar, do lat. *clausura,* fr. *fermeture,* it. *chiusura,* ing. *windows,* (archit.) tem muitas significações em construcção: entende-se ordinariamente pela ultima pedra com que se fecha uma abobada, mas applica-se no *fechamento* de um *arco,* de uma *platibanda,* de uma *fiada* de pedra, etc.

FECHAR, v. a do hesp. *fechar,* fr. *fermer,* it. *chiudere,* ing. *to shut,* lat. *fio, is,* ser feito, (archit.) cerrar, rematar, acabar. *Fechar* o arco da abobada, pôr-lhe a ultima pedra; *fechar* a casa, o muro, a porta, etc.

FECHO, s. m. do lat. *sepimentum,* fr. *cloture,* it. *chiusura,* hesp. *clausura,* ing. *inclosure,* tudo o que serve para fechar, v. g., ferrolho: —, remate, conclusão. *Fecho da abobada chefe,* (archit.) é a pedra que lhe serve de remate, ou a parte mais elevada da abobada aonde vae terminar um extremo da *flexa.* V. *Flexa.*

FEIÇÕES, s. f. pl. do lat. *facio, is,* fazer, ou antes, de *facies, ei,* face, apparencia, fórma, feitio, (pint. e esculp.) toma-se pelas partes do rosto ou face, olhos, nariz, bôca e barba, a que chamam *feições do rosto.*

«Mandou vir um pintor de fama, por nome Antonio Maciel, para nos ficar por seu meio conhecimento do rosto e *feições* do santo.» Fr. Luiz de Sousa, *V. do Arc.,* 1, 5, c. 5, 207.

FEIO ou FÊO, adj. V. *Disforme.*

FEITIO, s. m. do lat. *opera,* it. *lavoro,* trabalho feito pelo artezano ou artifice. *Feitio,* do lat. *ornamentum, i,* (archit.) ornatos e fórmas differentes que se empregam em obras de arte. *Ricos feitios,* bustos e figuras de gesso ordinarias. Vieira, 7, 341. *Feitio,* mão de obra, independente do seu peso, ou valor intrinseco. V. *Mão de obra.*

FEITO, s. m. V. *Acção. Feito principal, Acção* ou *Feito.* M. de Castro, *Descrip. anal.,* p. 4. *Exp.,* p. 10.

FEITURA, s. f. do lat. *factura, æ,* (t. comp.) trabalho, obra, execução d'arte. «O homem é *feitura* de Deus». *Feitura* do edificio, etc.

FENDA, s. f. do fr. *chassure,* eiva, racha, abertura estreita na madeira, metaes e outros corpos. *Fendas* que se formam sobre os terrassos ou nos canos de chumbo e zinco, por effeito do gêlo, ou de outras causas, e que se tapam com solda.

FEREZA, s. f. do lat. *feritas,* ferocidade, braveza. Usa-se d'este termo nas artes para exprimir a muita força e vigor nas cousas e nos accidentes, e assim diz-se: *fereza,* enthusiasmo de composição, *fereza* de côres, de toque. Julio Romano dava muita força e *fereza* aos seus quadros. «O estylo de *fereza* que domina n'uma obra de arte».

FERO, A, adj. do lat. *ferus, a, um,* ferino, bravo. Chamam-se côres *feras* ás côres vivas e brilhantes. A maneira de Miguel Angelo era *fera* e terrivel. Ás vezes póde tomar-se quasi por synonymo de grande maneira, quando não passar os limites de uma bem entendida liberdade.

FERRADURA, s. f. do lat. *ferrum,* circulo de ferro que se prega nos cascos das bestas e bois, e tem outras significações, (archit.) terrasso circular de duas rampas, com leve declive: — escada com duas rampas de fórma circular, imitando o feitio de uma ferradura: — fórma de arco ou abobada mais elevada que a semicircular.

FERRAGENS, s. f. pl. do lat. *ferramentum,* fr. *ferrure,* it. *ferratura,*

hesp. *herrage,* ing. *iron-work,* todas as qualidades de ferros necessarios nas obras de edificação e suas dependencias.

FERRAMENTA, s. f. do lat. *ferramenta, orum,* fr. *ferrement,* it. *ferramento,* hesp. *herramienta,* ing. *instrument of iron.* Nome collectivo que exprime com diversas denominações todos os instrumentos de ferro e aço necessarios aos artistas e artifices, para desempenharem e fazerem as differentes obras das suas artes e misteres.

FERRO, s. m. do lat. *ferrum,* fr. *fer,* it. *ferro,* hesp. *hierro,* ing. *iron,* (chim.) metal de côr acinzentada clara, duro, malleavel, e que se converte em aço sendo cimentado e aquecido com carvão, susceptivel de diversos graus de oxydação e de formar muitos saes; é o mais abundante e util de todos os metaes. Alem de armas, ferramentas e utensilios, fazem-se de ferro moveis, pennas de escrever, ornamentos e esculpturas.

Ferro (estatuas em). «Leygeben (Godefroy), nascido em 1630 na Silesia, e fallecido em Berlim em 1683, era empregado no serviço do eleitor de Brandebourg, em 1668. Fazia estatuas, bustos e animaes em *ferro* com muita arte. Conta-se entre as suas obras mais notaveis em *ferro batido,* o grande eleitor montando o Pégaso, e matando a hydra. Este grupo via-se no castello em um gabinete dos objectos de arte, e tinha de altura quinze pollegadas, pouco mais ou menos. Esta obra me pareceu inferior á sua reputação e á que os artistas de Berlim fazem de seu auctor. Suas obras eram procuradas não só na patria, mas tambem em Inglaterra e por toda a parte». *Arte mod. em Allem.,* t. III, p. 7.

FERRO DE LUVA, s. m. é uma peça formada de tres partes, as dos lados terminam na parte inferior em meia cauda de andorinha e a do centro tem uma argola, aonde engata uma talha que deve suspender a pedra. Esta machina tão necessaria para as construcções, deve ser atravessada por uma cavilha grossa para se conservar unida, tendo um botão em uma extremidade e um parafuso e porca na outra, para não escapar.

FERROLHO, s. m. do lat. *pessulus,* fr. *verrou,* ou *verrouil,* it. *chiavistello,* hesp. *cerrojo,* ing. *bolt,* lingueta de ferro, que corre horisontalmente por dentro das armellas das portas, que fecha embebendo-se na armella opposta ou na hombreira; a significação do termo estende-se a tudo que fecha a modo de *ferrolho.* Ha *ferrolhos* de todos os tamanhos e fórmas, proprias para segurar com firmeza uma porta.

FESTÃO, s. m. do lat. *encarpus,* fr. *feston,* (pint., esculp. e archit.) ornamento composto de flores, de fructos e de folhas entrelaçadas e suspendidas em grinaldas. Entre os pagãos punham-se festões nas portas dos templos e em todos os logares em que se queriam fazer manifestações de alegria publica. Os primeiros christãos ornavam com festões as portas das egrejas e os tumulos dos santos. Os festões pintados ou esculpidos são um dos principaes ornamentos da architectura. Algumas vezes se compõem de instrumentos de caça, de musica e de differentes attributos.

FESTONADAS, s. f. augm. de festão (pint., esculp. e archit.) grandes festões, naturaes ou artificiaes em pintura ou esculptura, para servirem de ornamento a obras de architectura.

«... elle (V. Baccarelli) o pintou e executou todo o tecto, á excepção das *festonadas* de flores, que foram feitas pelo Serra... e são primorosas.» Cyr., *Mem.,* p. 181.

FEZES, s. f. pl. do lat. *fæces,* fr. *feces,* bôrra, sedimento, a parte mais pesada do liquido que assenta no fundo: —, escoria, dos metaes; *fezes de oiro,* de que se usa, depois de moidas, para se fazerem seccar as tintas. V. *Seccante.*

FIADA, s. f. cousa direita ou tirada por um fio, (archit.) diz-se de uma carreira ou serie de pedras de cantaria da mesma altura, posta a nivel, ou de rampa na construcção de uma parede, da parte de um monumento, ou de outra obra d'arte: e chama-se primeira, segunda, terceira, quarta *fiada,* etc., para significar a primeira, a segunda, a terceira e a quarta ordem ou fileira de pedras.

FICÇÃO, s. f. do lat. *fictio, onis,* de *fingio, is,* fingir. Em litteratura e em bellas artes entende-se por toda a invenção e composição fabulosa. V. *Fabula, Allegoria.*

FICTICIO, A. adj. do lat. *fictitius, a, um,* de *fingo, is, fingir,* fingido, imaginario, fabuloso.

FIDELIDADE, s. f. do lat. *fidelitas, atis,* it. *esatezza,* fr. *fidelité,* ing. *fidelity,* observancia da fé dada, exactidão, lealdade, (pint. e esculp.) significa em bellas artes a verdade de imitação, ou a exacta conformidade das fórmas, do caracter e da expressão dos objectos da natureza.

A escrupulosa *fidelidade* deve principalmente observar-se na representação das plantas, das flores, dos insectos e de tudo que tem relação com a historia e sciencias naturaes. Mas no genero nobre a nimia *fidelidade* é nociva, e deve evitar-se, porque n'este genero a *fidelidade* consiste em apanhar e reproduzir as fórmas, os caracteres, os sentimentos, a expressão e a vida dos sujeitos representados; tendo sempre em vista a *fidelidade* da historia, os costumes, as conveniencias e convenções da arte. Machado de Castro, na *Descripção analytica,* diz que Francisco Vieira Lusitano excedeu muitos dos que lhe precederam na expressão e *fidelidade* dos caracteres, p. 8 e 9.

FIGURA, s. f. do lat. it. e hesp. *figura,* fr. e ing. *figure,* de *fingo, is,* dar fórma ou feição a qualquer cousa (t. comp.) Em geometria *figura* toma-se pela fórma que tem qualquer porção de superficie: o triangulo, o quadrado, o circulo são *figuras;* e tambem o são as fórmas irregulares. Em bellas artes, *figura* designa a representação do corpo humano, ou o dos animaes, em desenho, pintura, esculptura ou gravura. Um vulto com *figura* humana. *Figuras* ou *imagens fundidas* em metaes, *esculpidas* em pedras *entalhadas* em madeira, ou *tecidas* em tapizes», Vieira. *Figuras abertas* em estampas de buril; *pintadas* em quadros, paineis com tintas; *esgrafiadas,* feitas a *encaustico; lavradas de barro, de,* ou *em* cêra, gesso, etc.

Figura principal é a que fórma o sujeito de um quadro, ou outra de qualquer composição, e por isso deve occupar o melhor logar e distinguir-se pela sua attitude, colorido e mais circumstancias.

É phrase usada entre os artistas o dizer-se: *Desenhador* ou *pintor de figura* ou *figuras.*

Em termos de brazão, *figura* quer significar todas as peças que entram n'um brazão.

FIGURADO, A, p. p. de figurar, e adj. representado ou circumscripto por uma fórma ou figura; desenhado, pintado, esculpido, gravado em *figuras.*

FIGURAR, v. a. do lat. *figuro, as, are,* representar, compôr a figura ou imagem de qualquer modo, ou em qualquer materia.

FIGURARIAS, s. f. pl. gestos, movimentos, ademanes. V. estes termos.

FIGURATIVO, A, adj. representativo de alguma cousa, typico, symbolico.

FIGURILHA, s. m. pessoa de pequena estatura e de pouco porte, ou seja natural ou representada em desenho, pintura ou esculptura.

FIGURINHAS, s. f. pl. diminut. de figura, do lat. *imaguncula,* it. *figurina,* fr. *figurine,* (pint. e esculp.) imagens ou figuras de pequena dimensão, que ornam os desenhos ou quadros de paizagens, e outras composições: imagens ou pequenas figuras em barro cozido, gesso ou metal. «Francisco da Silva... pintou ruinas de architectura, paizagens e lindas *figurinhas*». Cyr., *Mem.,* 184.

FIGURINO, s. m. (t. mod.) diminut. de figura: (des., grav., pint. e esculp.) 1.º, desenho ou gravura, em pequeno ponto, de homem ou mulher, designando os uniformes, os trajos, os costumes, e enfeites, segundo as leis ou as modas, etc.; 2.º, pequenas figuras pintadas a oleo, ou modelos em vulto de cortiça, madeira, cêra, ou outra materia, com movimentos ou sem elles, de que se servem os artistas para estudarem os seus quadros e outras composições.

«Annibal Carache, para pintar a galeria de Farnesio, fez uma prodigiosa quantidade de estudos, de cartões, de *figurinos,* etc.» Cyr., *Cart. 6.ª,* p. 16.

FIGURISTA, s. dos 2 g., a pessoa

que desenha ou pinta figuras humanas.

«Dizendo que entre muitos *figuristas* fôra um dos melhores». Cyr., *Mem.*, p. 96.

FILETADO, A, adj. (braz.) diz-se do chefe, palla, faxa, etc., debruada de um filete de differente esmalte do que se nota no seu corpo e no do escudo. V. *Faxa.*

FILETE, s. m. do lat. *filum, i,* fr. *filet,* it. *lista,* hesp. *hilo,* ing. *ridge,* (archit.) pequena moldura quadrada e liza, que coroa, ou acompanha outra moldura maior. V. *Listel.*

FIMBRADO, A, adj. do lat. *fimbriatus, a, um,* (braz.) franjado. Uma banda de prata *fimbrada* de vermelho. *Nobiliarch. Portug.*, p. 271.

FINGIR, v. a. do lat. *fingo, is,* figurar uma cousa tão exacta e perfeitamente, que pareça natural e verdadeira (pint. e esculp.). O pintor *finge* homens, animaes, flores, arvores, que parecem naturaes e verdadeiros. O esculptor e o estatuario *fingem* ou formam imagens de vulto, e estatuas tão primorosas que parecem ter vida e movimento.

FINEZA e FINURA, s. f. o ser fino ou ter pouca grossura, qualidade fina, delicada, (t. comp.) delicadeza, subtileza, finura no manejo de negocios. Em termo de arte, e fallando da parte executiva da pintura, gravura ou esculptura, é mais proprio o dizer-se a *finura* do traço, do buril, do pincel, do que *fineza* dos instrumentos d'arte, etc.

FINO, A, adj. do fr. *fin,* allem. *fein,* delgado, não grosso, astuto, sagaz, fino em tratar negocios. Em termo de arte diz-se pincel *fino,* delicado, buril, cinzel *fino* e apurado. Pedras *finas, argillas finas,* etc.

FIO, s. m. do lat. *filum* ou *filus,* fr. *fil,* it. e hesp. *filo,* ing. *thread,* pêllo, cabello, etc., fibra de vegetal, como linho, algodão, filamento: fio, linha, ou veia que se descobre nas pedras e outros mineraes. V. *Lezim.*

Tambem se diz *fio* da madeira, considerando-a no seu comprimento.

Não só ha fios ou fibras naturaes nos vegetaes, como no linho, algodão, seda, etc., mas tambem os ha artificiaes nos metaes, por meio da fieira, como no oiro, prata, no ferro, no cobre e no chumbo, e se chamam fios metallicos: o vidro póde tambem produzir fios por meio do fogo. V. *Vidro.*

FIO (dar) amolar, afiar. V. estes termos.

FIRMADO, A, p. p. de firmar, feito firme, estavel, escora estavel; alicerce bem solido e *firmado,* (braz.) cruz *firmada* no escudo, i. e., que as quatro partes da cruz chegam até o fim, e a orla de escudo, de maneira que entre ellas e o fim do escudo se não veja nada do campo descoberto. *Nobil. Portug.*, p. 226.

FIRMAR, v. a. do lat. *firmo, as, are,* (archit.) fazer firme, fixo, segurar, firmar uma trave, *firmar,* assentar com segurança um sobrado, uma escada, etc.

FIRME, adj. do lat. *firmus, a, um,* gr. *herma* ou *hirma,* base, assento firme, (pint. e gr.) tem relação com o manejo do pincel ou do buril. Assim é costume o dizer-se que um quadro está pintado com pincel *firme;* que uma gravura está executada com um buril *firme,* para exprimir o effeito que produz a firmeza da mão, e a exacção de vista do artista.

FIRMEZA, s. f. estado firme, solido, seguro (pint. e grav.). Diz-se *firmeza* de pincel, *firmeza* de buril, *firmeza* de toque, para manifestar a bella qualidade de um quadro, de uma gravura, de um desenho, que se revela pela livre segurança da execução, que depende em parte da firmeza da mão e agudeza da vista do artista, e em parte da sciencia, muita pratica do desenho e da pintura.

FISIONOMIA. V. *Physionomia.*

FITA, s. f. do lat. *vitta* ou *tœnia,* fr. *ruban,* it. *fetta* e *fetuccia,* hesp. *cinta,* ing. *ribband,* (archit.) ornamento que se usa e applica sobre as varinhas, e nas caneluras, ou seja em baixo relevo ou entalhadas em cordão, imitando uma fita enrolada: — (braz.) liga ou cordão com que se atam e seguram algumas peças nos escudos e timbres, a que chamam *torçal á hespanhola.*

FIXA, s. f. do lat. *fibula,* fr. *fiche,* it. *arpione,* hesp. *gozne,* ing. *hinge,* (archit.) peça de metal para suspender e mover portas, janellas e postigos: fixa de macha-femea, a parte que entra na madeira.

FIXAR, v. a. do lat. *figere*, fr. *ficher*, it. *ficcare*, hesp. *hincar*, ing. *to pitch*, (archit.) fazer entrar a argamassa nas juntas das pedras com a fixa; cravar, enterrar, segurar, pregar, fincar.

FLAMMANTE, adj. dos 2 g., do lat. *flammans, antis*, de *flammo, as*, arder; chammejante, (pint.) contornos ondeantes ou chammejantes, i. é, desenhados á maneira da chamma, mas sem excesso. Os pintores e esculptores do seculo XVIII, tomando muito á letra o preceito de Du Fresnoy sobre contornos, adoptaram um estylo de desenhar amaneirado, persuadidos que n'elle consistia a graça, o movimento e a alma de suas figuras e composições; e Hogarth, no seu *Tratado de belleza*, acabou de os confirmar n'esse erro, que passou de geração em geração, até que no primeiro quartel do seculo XIX, restaurados os estudos sobre o antigo e sobre a natureza, feitos com ajustada critica, volveram idéas mais sãs, e sentimentos mais puros ácerca do desenho, e a linha de belleza tão preconisada é para cada parte da figura a que offerece a natureza em um modelo bem escolhido e proporcionado. V. *Belleza, Linha.*

FLANCO, s. m. do lat. *latus*, fr. *flanc*, it. *fianco*, hesp. *flanco*, ing. *flank*, (anat.) lado, região lateral do abdomen, contido entre as costellas falsas e a crista illiaca. Nos *flancos* estão: o figado á direita, o baço á esquerda, os rins a um e outro lado. (archit.) Em architectura civil significa o lado mais pequeno de um pavilhão de face ou de angulo, que se junta ao corpo principal do edificio.

FLANQUEADO, A, p. p. de flanquear, e adj. posto nos lados, feito ou fortificado nos flancos; passeio *flanqueado* por duas ruas ou estradas, torre *flanqueada*.

«O senhor D. João V quiz fazer de Mafra um segundo e talvez melhor Escurial, edificado tambem por voto, o sumptuoso palacio, collegio e convento que ali admirâmos. A fachada tem 1:000 e mais palmos de extensão, e é *flanqueada* por dois soberbos pavilhões». Cyr., *Mem.*, pag. 163.

FLANQUEAR, v. a. do lat. *munire latere*, fr. *flanquear*, it. *fiancheggiare*, hesp. *flanquear*, ing. *to flank*, (archit.) consiste em dar mais ou menos vulto ou saliencia a um pavilhão. Póde dizer-se que uma pilastra inteira flanqueia melhor um angulo ou esquina do edificio do que uma pilastra dobrada.

FLECHA, s. f. do allem. *flitz*, gr. *phláo*, lat. *sagitta*, fr. *fleche*, it. *saetta*, romper, fender. V. *Frecha.*

FLORÃO, s. m. augment. de flor, do fr. *fleuron*, hesp. *floron*, ing. *flourish*, redondo ou circular, (archit. e esculp.) especie de ornamento, imitado das flores, que serve para decorar frisos, soffitos e outros logares, e serve tambem para botão de porta ou cadeia de fechadura, fr. *cul-de-lampe.*

FLOREADO, A, p. p. de florear, e adj. ou *floreteado, a*, adj. (braz.) diz-se da cruz de segunda ordem cujos pontas terminam em flor de liz.

FLOREAR, v. a. fazer flores, (des. e pint.) ornar ou decorar com flores.

FLOREIOS, s. m. pl. (archit., esculp. e pint.) ornatos compostos ou entrelaçados com flores, vaso, moldura ou tarja ornamentada com flores, quasi sempre artificiaes.

> Nem as folhagens do vaso,
> E nem da orla os *floreios*.
>
> V. Lus., *O ins. pint.*, pag. 41.

FLORES, s. f. pl. do lat. *flos, oris*, fr. *fleur*, it. *fiore*, ing. *flower*, (pint.) a pintura de flores é uma das cousas mais agradaveis da natureza; a diversidade quasi infinita de suas especies e fórmas, o colorido brilhante e variado que apresentam, não podem deixar de attrahir o espirito observador e convida-lo á sua imitação: para bem o conseguir, convem ter conhenhecimentos da botanica, dar-se ao estudo do desenho, proprio d'esta especialidade, e ao exercicio de colorir com verdade, precisão, paciencia, frescura e toque ligeiro as diversas especies de flores, que tanto concorrem para aformosear a natureza, e dão um grande lustre e valor ao artista, que bem as retrata e imita.

Ha nas *flores* uma linguagem symbolica; e, ou se considerem sós ou

agrupadas com certa escolha, servem para exprimir um pensamento, um sentimento secreto e silencioso: assim, a *rosa branca* exprime o amor; o *lyrio* a pureza, a *digital* o trabalho, a *dalia* a abundancia, etc. Os antigos conheceram a linguagem das flores, e foi muito acolhida nos tempos da cavallaria, e ainda hoje é muito usada no Oriente. M. de Hammer deu, na sua obra intitulada *Mines de l'Orient* (tom. I e II), a explicação dos emblemas orientaes. M.me Ch. de Latour publicou a *Langage des fleurs* (París, 1844).

Houve entre os pintores portuguezes alguns que se distinguiram na pintura de flores, taes foram Victorino Manuel da Serra, José Francisco Ferreira de Freitas, que foi professor da academia real das bellas artes, e outros; notavel foi tambem um celebre portuguez, por nome Constantino, que em París apresentou *flores* em cêra, com perfeição tal, que os francezes lhe chamaram o *rei dos floristas*. Archivo pittoresco.

FLORISTA, s. dos 2 g., pessoa que faz flores em desenho, pintura ou esculptura: — pintor de flores.

FÓCO, s. m. do lat. *focus*, fr. *foyer*, it. *focobare*, hesp., *hogar*, ing. *hearth*, (archit.) é a parte horisontal de uma chaminé contida entre as hombreiras e a chapa de ferro ou fundo da chaminé:—(geom.) em geometria *foco* é o ponto da parabola, ellipse ou hyperbole, onde concorrem os raios, que, mediante certa lei, se reflectem de todas as partes d'estas curvas:—(opt.) em optica é o ponto onde se concentram os raios da luz solar reflectidos por um espelho concavo ou refrangidos por uma lente: — (chim.) em chimica é a parte de um fornilho onde se colloca o combustivel.

FOGAREU, s. m. do lat. *focarius*, (archit.) ornamento de pedra em fórma de pedestal redondo ou pyra, terminando em chammas de fogo, com que se decoram os angulos superiores das egrejas, e póde significar a fé, a devoção e o sacrificio.

FOGO, s. m. do lat. *focus* ou *ignis*, fr. *feu*, it. *fuoco*, hesp. *fuego*, ing. *fire*, elemento conhecido, que tem differentes applicações e processos na pratica das artes. Toma-se tambem pelo espirito ardente e fogoso, pelo genio inflammado do artista; e assim é expressão vulgar o dizer-se, que um pintor, um estatuario, e mesmo um architecto, tem um grande *fogo* de imaginação; que um quadro, uma estatua, um baixo-relevo, um edificio, tem uma invenção engenhosa, animada e poetica; que as figuras e todos os objectos são compostos com muita arte, que tem vida e movimento, e que são executados com muito fogo e intelligencia.

FOGOSO, A, adj. abrasado, ardente, qualidade que deve achar-se nas producções das bellas artes, contidas sempre nos limites da rasão e do bom gosto: é tambem expressão auctorisada pelos professores e artistas o chamar a uma composição viva e *fogosa*, a uma estatua ou a um quadro dizer que é de cinzel ou pincel *fogoso*.

«Com *fogoso buril* amor lhe debuxa a imagem no peito.» Nauf. de Sepulveda.

FOLHA, s. f. do lat. *folium*, fr. *feuille*, it. *foglia*, hesp. *hoja*, ing. *leaf*, ornamento em pintura ou esculptura, que se emprega nas decorações: ha *folhas* naturaes, como as de louro, carvalho, oliveira, etc., e imaginarias ou artificiaes, como são as imitadas do acanto e outras. V. *Papel*.

FOLHA de papel, — de cartão, — de madeira, (tábua serrada a dois ou tres fios), folha de Flandres, — de ferro, — de zinco, — de prata, — de couro; todas estas folhas são applicaveis a differentes usos nas artes fabris e liberaes.

FOLHAGEM, s. f. (pint. e esculp.) ajuntamento ou grupo de ramos com folhas, ou sejam naturaes ou artificiaes, pintados ou esculpidos com arte nas decorações architectonicas, nos brazões de armas, nos desenhos, etc.

FOLHAME, s. m. o mesmo que folhagem. (Agiol. Lus.)

«Cujas paredes foram ornadas com uma ordem de paineis grandes em cima, e outra ordem de paineis pequenos em baixo, havendo entre uns e outros almofadas de *folhames*, imitando os bronzes dourados.» Cyr., *As honr. da pint.*, pag. 126.

FOLHEADO, A, p. p. de folhear, e adj. guarnecido de folhas, embutido com folhas de madeira, etc.

FOLHEAR, v. a. guarnecer de folhas, assentar ou embutir folhas de madeira sobre alguma peça da mesma materia: folhear de novo, do fr. *feuiller*.

FONTE, s. f. do lat. *fons, ontis,* fr. *fontaine,* it. e hesp. *fontana,* ing. *fountain,* origem, nascente de agua: (archit. e esculp.) em termo de arte chama-se fonte a todo o systema hydraulico que tem por fim o provimento de agua necessaria para satisfazer não só ás necessidades, mas tambem ao goso e prazer de uma população. Ha *fontes simples* e *compostas,* mais ou menos vastas e ornamentadas, e até *fontes monumentaes,* que aformoseiam e enriquecem as grandes cidades. Roma possue as mais bellas n'este genero, e notavelmente são muito apreciadas a da praça Navona, as do Vaticano, do Treve, decoradas de bellas esculpturas, etc. París póde lisonjear-se de possuir as da praça da Concordia, a dos Innocentes e outras. E Portugal póde gloriar-se de possuir a *fonte de Bernini* existente em Bellas na quinta dos senhores de Pombeiro, onde se notam as estatuas d'este famoso artista.

FONTE BAPTISMAL. V. *Pia baptismal.*

FORÇA, s. f. da b. lat. *fortia, æ,* de *fortis, te,* forte: faculdade, fallando-se da causa, (t. comp.) vigor, energia, valentia de acto ou acção. Em termo d'arte significa a valentia do desenho, sem caír na exageração, a valentia das fórmas, a do colorido, a do toque, e a dos rasgos vigorosos da mão habil do pintor, do estatuario, do gravador, que em suas obras imprime o cunho da *força* e da grandeza, sem ultrapassar os limites da rasão, e os exemplos dos grandes mestres.

FÓRMA, s. f. do lat. *forma, æ,* gr. *horoma,* vista, apparencia, disposição ou feição exterior de um corpo, (t. comp.) Este termo, que significa propriamente a configuração do corpos, tem muitas accepções: os philosophos o consideram como synonymo de *essencia;* os logicos chamam *fórma* á disposição regular de um argumento; os legistas e os industriaes o tomam em differentes sentidos.

Na linguagem de bellas artes applica-se principalmente á figura humana, e diz-se: a belleza das *fórmas,* a justeza das *fórmas,* o sentimento das *fórmas,* que é commum a todos os ramos do desenho, especialmente á pintura e á esculptura.

«A materia de qualquer composto, não é activa senão pela rasão da *fórma.*» Bern., *Ult. fins, Disc.* 2, p. 335.

«Era preciso finalmente o soccorro da pintura, para representar as *fórmas,* como o da musica para exprimir os sons.» Cyr., *Conv.* 5.ª, p. 109.

FORMA, s. f. tem a mesma raiz que o antecedente: —, (esculp.) peça organisada de partes, ou molde concavo, feito de gesso, barro, cêra ou outra materia, no qual se vasa o gesso liquido, a cêra ou o metal, para d'elle se extrahirem estatuas, retratos, baixos relevos, ou outras obras de arte. V. *Tacello.*

Sobre a differença de significação de *fôrma* e *fórma.* V. Mach. de Castro, *Descrip. anal.,* p. 51 (nota).

FORMAÇÃO, s. f. do lat. *formatio, onis,* o acto de formar ou de fazer fôrmas, (esculp.) este termo tem o duplo significado, que se póde applicar á fórma ou configuração dos objectos, ou á materia, organisação e machinismo das fôrmas.

FORMADO, A, p. p. de formar, e adj. feito em fôrma, moldado ou tirado com fôrma, ou extrahido d'ella: —, disposto em fórma, configurado.

FORMADOR, s. m. do lat. *formator, oris,* (esculp.) o artifice que professa e exercita o mister de tirar e vasar fôrmas, feitas sobre os modelos que os artistas lhe entregam para esse fim.

O mechanismo das fôrmas foi conhecido dos gregos; e diz-se que Lysistrato Sicyonio, esculptor, e irmão do celebre Lysippo, fôra o primeiro que usou de *fôrmas;* Vasari attribue o invento a André Verrocchio, mas a opinião infundada d'este não póde destruir a de Plinio, que nos dá aquella noticia.

FORMÃO, s. m. (esculp.) instrumento que tem a extremidade cortante chata e mais ou menos larga, e a outra embutida em cabo; d'este in-

strumento usam os esculptores em madeira, para desbastarem as suas imagens, ou outras obras de arte; e tem quasi o mesmo uso que os escopros largos na esculptura em pedra.

FORMAR, v. a. significa em primeiro logar tirar *fôrma* ou *fôrmas* de obras de esculptura, i. é, exercitar o officio ou mister de formador, moldando, formando e vasando modelos de esculptura; e em segundo logar significa dar *fórma*, figura ou configuração a qualquer objecto, seja em desenho ou em vulto.

FORMIGÃO, s. m. *muro de formigão*, (archit.) mixto composto de cal e saibro pouco humedecido e calcado entre tábuas como a taipa, formando uma pedra ou lage artificial tão compacta, rija e polida, que parece pedra natural: emprega-se na construcção de platafórmas, revestimentos de parapeitos e n'outras obras, mesmo nas construcções hydraulicas. V. *Guia do operario*, p. 132.

«Revestido de muros de pedra e cal, ou de *formigão*.» *Method. Lusit.*, p. 17.

Formigão, segundo Negreiros, deve fazer-se na fórma seguinte:

«Um cesto de terra e outro de cascalho miudo, ou de areia grossa, por uma vez; e por outra vez, um cesto de terra e outro de caliça mal pizada, isto é, se for a terra barrenta ou preta, que se for saibrenta, não precisa caliça; e esse material liado com mato e bem maçado, é muito forte, consistindo a sua principal fortaleza em ser bem maçado.» Negreiros, *Engenh. civil. portug.*, t. 5, p. 29, (ms.) V. *Vallado*.

FORMOSURA ou FERMOSURA, s. f. do lat. *formositas, atis*, fr. *beauté*, ing. *beauty*, (t. comp. e abs.) belleza, elegancia de fórmas. Em concreto entende-se de tudo aquillo cujas fórmas são regulares e ordenadas com justa proporção. Applica-se aos homens, aos animaes e ás cousas inanimadas, v. g., *formoso* homem, *formoso* cavallo, *formoso* edificio, cidade *formosa*. D. Francisco de S. Luiz, *Ensaio sobre alg. synonimos*, p. 232, t. I.

«Ha na *fermosura* e na musica certos lineamentos ou debuxo da rasão, cujo officio e louvor é pôr em sua conta todas as cousas: e como a *fermosura* e a musica constam de ordem e proporção, por esta sombra do racional deleitam mais ao homem, pois n'elles sente occulto parentesco, e lhe sabem á sua origem, assim que tudo o que deleita é por beneficio da rasão». Bern., *Nova Floresta*, t.v, p. 113. *Fermosura*.

FORNALHA, s. f. do lat. *fornax, acis*, fr. *fourneau*, it. *fornace*, hesp. *hornaza*, ing. *furnace*, (archit.) logar no edificio destinado a conter uma especie de forno, sempre quente pelo fogo, que sirva para fundir diversos metaes na forja, e os vidros e vidraças de uma fabrica.

Fornalha de cozinha é uma pequena banca á maneira de forno, feita de pedra e cal, e coberta de tijolo, com um esquentador para fazer cozer á parte as comidas, sem embaraçar a chaminé da cozinha. Os pintores em esmalte tambem tem pequenas fornalhas proprias a fazer um fogo de reverbéro para derreter o esmalte.

FÓRNICE, s. f. do lat. *fornix, icis*, (p. us.) abobada ou arco de porta. V. *Abobada*.

FORNILHO, s. m. diminut. de forno, (archit.) forno pequeno, o fóco da forja, que tem differentes usos nas artes dependentes da fusoria e metallurgia.

FORNO, s. m. do lat. *fornus*, fr. *four*, it. *forno*, hesp. *horno*, ing. *bakehouse*, (archit.) obra de pedra e cal, ou de barro, de diversas fórmas, para accender o fogo e cozer pão e outras substancias, ou mesmo fundil-as.

FORQUILHADO ou ENFORCADO, adj. m. do fr. *enfourchement*, (archit.) angulo de abobada forquilhado.

FORRAR, v. a. do arab. *farra*, forrar o vestido, (archit.) pôr capa exterior a algum corpo, revestir as paredes, os pavimentos ou os tectos de salas, casas e apartamentos com folhas de marmore, metal, madeira, papel, etc.

FORRO, s. m. a mesma raiz, (archit.) a capa ou revestimento interior, ou exterior dos edificios e das casas, e diz-se o *fôrro* de marmore, pedra, madeira, papel ou panno com que se acham cobertas as casas: os *forros* de azulejo, pedra ou lousa das paredes.

Forro de esteira se chama ao que

se faz de estuque, ficando o tecto lizo.

«Fórros com prumadas e perxinas.» Oliv., *Adv. aos mod.*, p. 96.

FORTALECER, v. a. reforçar, fazer mais solido. V. *Fortificar.*

FORTALEZA, s. f. uma das quatro virtudes cardeaes: — (archit.) nome generico que se dá a toda a praça fortificada pela natureza ou pela arte. V. *Fortificação.*

FORTALEZA, (braz.) movel da armaria, onde se representa uma muralha redonda, ou de seis lados com uma torre ou torreão no meio, e quatro guaritas em roda.

FORTE, adj. dos 2 g. do lat. *fortis, te,* chamam-se em desenho contornos *fortes,* áquellas que são decisivos e grandiosos, em pintura ás partes em que as côres são mais carregadas, em esculptura ás fórmas vigorosas, e que offerecem ondulações grandes, mas sem exageração. V. *Fortaleza.*

FORTIFICAÇÃO, s. f. do lat. *fortificatio, onis,* (archit. mil.) obra interior ou exterior, para defender uma praça.

FORTIFICAR, v. a. do it. *fortificare,* lat. *munire,* fr. *fortifier,* hesp. *fortificar,* ing. *to fortify,* (archit. mil.) dispor todas as partes de uma praça, de um qualquer logar, para o constituir em estado de defensa. V. *Fortificação.*

FOSCO, A, adj. frouxo (t. de doir.) Assim chamam os doiradores áquelles espaços ou logares em que o oiro não é brunido ou lustrado: os *fôscos* servem para melhor sobresaírem as partes brunidas.

FÓSSA, s. f. (anat.) cavidade natural nas differentes partes do corpo dos animaes, principalmente na cabeça, cuja entrada é mais vasada do que o fundo, como as *fossas* nasaes, situadas na espessura da face, as *fossas* orbitarias, as temporaes, etc.

FOSSO, s. m. do lat. e it. *fossa,* fr. *fosse,* hesp. *hoyo,* ing. *hole,* (archit.) toda a cavidade profunda que se faz na terra para differentes usos: 1.º, para cisterna d'agua; 2.º, para cloaca; 3.º, para plantar arvores em um jardim; 4.º, para dar luz ás casas estabelecidas nas *cavas,* aos subterraneos de um castello, e mesmo para lhe defender a entrada, e dar passagem á agua; 5.º, para conservar a cal demolhada; 6.º, n'uma fundição para collocar os moldes e fôrmas de figuras, de ornamentos, de sinos, de canhões, etc. V. *Cava.*

FRAGMENTO, s. m. do lat. *fragmentum,* porção, pedaço de cousa quebrada, (t. comp.) *fragmento* antigo, parte de uma estatua, pedaço de um baixo relevo, de um capitel, de um friso. *Fragmento* de um quadro: —, porção de um manuscripto que resta da obra inteira.

FRALDÃO, s. m. augm. de fralda, (ant.) parte da antiga armadura que servia de cobrir o corpo da cintura para baixo.

FRANCHADO ou FRANXADO, A, adj. do lat. *frango, is, fractus,* quebrar, (braz.) dividido diagonalmente em duas partes iguaes da direita para a esquerda.

FRANCO, A, do lat. *francus,* livre; em termo de arte exprime o modo facil, livre e judicioso com que o artista trabalha, e que o distingue de outros que trabalham a medo, e sem a franqueza precisa; e assim é uso frequente de reconhecer n'esta parte o merito de um professor, dizendo que tem um pincel *franco,* um cinzel, um buril *franco.*

FRANJADO, A, p. p. de franjar, e adj. ornado de franjas, (braz.) dizse do estandarte e bandeira que tem franja, seja ou não de differente esmalte. Tambem se applica o termo a algumas peças exteriores do escudo, v. g. á tiara do papa, que é ornada de dois pendentes.

FRANJAR, v. a. guarnecer ou ornar de franjas.

FRANQUEZA, s. f. do fr. *franchise,* denota a propriedade de uma execução livre e sabia, adquirida pela muita pratica e estudo, e assim é modo de exprimir esta propriedade dizendo que n'esta ou n'aquella obra ha *franqueza* de desenho, *franqueza* de colorido, e em geral liberdade e facilidade de execução em qualquer ramo d'arte. V. *Facilidade.*

FRECHA, s. f. corrupção do it. *freccia,* ou do allem. *flitz,* arma de arremeço mais antiga que se conhece, e que ainda é usada na Asia, na Africa, na America e nas povoações selvagens da Oceania.

Em geometria chama-se *frecha* ou *flexa* á linha perpendicular levantada a meio da corda de um arco de circulo, ou de uma curva symetrica que termina no arco e na curva. Em architectura religiosa, a *frecha* é a parte pyramidal, em pedra, ferro ou madeira, que remata as torres ou os sinos das egrejas, e que é ainda sobreposta por uma cruz ou um gallo. As primeiras *frechas* d'este genero trazem origem do seculo XI.

FRECHA, s. f. (braz.) *frecha* ou setta movel da armaria, que representa esta arma antiga de guerra: chama-se *empenada* quando o esmalte de suas pennas é differente do da haste.

FRECHAL, s. m. do lat. *tignum*, it. *trave*, (archit.) peça de madeira por meio da qual se forma um pavimento, collocando-a sobre as vigas, ou sobre as paredes. A grossura dos *frechaes* é de meio palmo em quadro ou de tres quartos, i. é, 0,75.

FRENTE, s. f. do lat, *frons, ontis*, (archit.) a testa, a parte dianteira do rosto, de um edificio, etc. V. *Fachada, Frontispicio.*

Frente, (braz.) assim chamam a todo o animal quadrupede que se representa mostrando os dois olhos e as duas orelhas, exceptuando o leão, por não ser a sua postura de frente, mas de lado.

FRESCANTE, adj. dos 2 g. (pint.) o que pinta a fresco.

FRESCO, s. m. temperatura fresca, ar *fresco*, (pint.) pintura feita com tintas moidas em agua, sobre reboco fresco. V. *Manual de pintura.*

«Pintou (Pedro Alexandrino) com admiravel facilidade a oleo, a tempera, a *fresco.*» Cyr., *Mem.*, p. 120. V. *Pintura.*

FRESCURA, s. f. do lat. *vis*, fr. *fraicheur*, it. *freschezza*, hesp. *frescura*, ing. *freshness*, (pint.) qualidade do colorido, que nasce da harmonia dos tons, doces e luminosos, delicados e brilhantes, bem similhantes aos que a natureza produz na maior parte das flores: —, pintura que tem a verdade e a vivacidade das côres.

FRESTA, s. f. do lat. *fenestra*, fresta, janella estreita, etc., gr. *phainó*, apparecer, dar luz, (archit.) abertura apertada na parede para dar luz, muito menor que a janella, e maior que a setteira, sendo aberta com talude, para que possa esclarecer melhor as casas ou andares subterraneos. Fr. Luiz de Sousa constantemente usa d'este termo para designar as janellas esguias e ponteagudas da architectura gothica

FRESTADO, A, adj. do lat. *fenestratus, a, um*, (archit.) que tem fresta ou frestas, (braz.) ornado ou guarnecido com peças dispostas como grades ou gelosias.

FRESTÃO, s. m. augm. de fresta, (archit.) é uma abertura esguia, maior e mais alta que as ordinarias.

FREXAL. V. *Frechal.*

FRIEZA, s. f. frialdade, frouxidão, falta de calor, de energia; — de engenho e de gosto nas obras de bellas artes, ou de bellas letras; applica-se principalmente á falta de expressão de affectos e de vida ou de calor no colorido.

FRIO, A, adj. sensação produzida pela falta de calorico no corpo. Significa em bellas artes a falta de calor, de actividade e de vida nas suas differentes producções, principalmente na expressão dos affectos e na verdade e brilho do colorido. A expressão é *fria* quando não excita emoções na alma do espectador; o calorico é *frio*, quando é fraco, quando não attrahe o espectador pela frieza das côres e dos tons dominantes. As côres *frias* são as que procedem do azul, do verde; os tons *frios* são os descórados, os esverdeados, os cinzentos, e os tons pallidos de todas as côres, ainda d'aquellas que sendo levadas a um justo grau de intensidade, seriam quentes e vigorosas.

FRIZA, s. f. (archit.) camarote de ordem inferior, pouco acima do pavimento nos theatros.

FRIZAGEM, s. f. (archit.) espaço sobre uma cimalha ornamentado de baixos relevos, mais ou menos historiados. «... fazendo logo acima da cimalha uma *frizagem* em baixos relevos». Cyr., *Honr. da pint.*, p. 121.

FRIZO, s. m. do lat. *fregium*. gr. *zoophorus*, it. *fregio*, fr. *frise*, (archit.) espaço que separa a architrave da cornija, na parte superior do entablamento de um edificio ou monumento, que é frequentemente ornado

de esculpturas, ou inscripções; dá-se tambem o nome de *frizo* ás fachas pintadas ou esculpidas, que guarnecem interiormente a parte superior de um edificio.

O *frizo* tem differentes denominações, a saber:

Frizo liso, que é o unido e sem ornamentos.

Frizo ornado, é o que tem esculptura seguida, ou em ramos correspondentes ás columnas e pilastras, ou a meio dos entre-columnios.

Frizo convexo, é o que tem o contorno curvo, e que é traçado sobre a base de um triangulo equilatero. Vitruvio lhe chama *zophorus pulvinatus* por ser similhante a um travesseiro.

Frizo rustico, é o que tem o paramento em fórma de bossagem rustica, como o *frizo* da ordem toscana de Palladio.

Frizo florído, é o que consta de folhagens imaginarias, como o *frizo* corinthio do frontispicio de Nero em Roma.

Frizo historico, o que é ornado de um baixo relevo continuo, representando historias e sacrificios, como os *frizos* do arco de Tito, e da praça de Nerva em Roma. Tambem se chama *frizo* historiado ao que tem uma inscripção, como o *frizo* do Pantheon em Roma.

Frizo symbolico, o que é ornado de emblemas e attributos, como é o corinthio de um templo edificado pela parte posterior do capitolio em Roma.

Frizo ou *moldura de almofada,* é o que se vê entre a moldura e a cornija de uma sobre-porta, a que Vitruvio chama *frizo hypertiron.*

Frizo de fôrro, é uma almofada mais comprida que larga na assemblagem de um fôrro de apoio ou de revestimento.

Tambem ha *frizos* de ferro, de jardim, de estrado, etc.

FRONTAL, s. e adj. dos 2 g. do lat. *frontalis, le,* de *frons, ontis,* testa, fronte, (archit.) parede delgada formada de barrotes em diversas direcções, enchendo os intervallos de tijollos, pequenas pedras e argamassa, com rebôco, de que se fazem os repartimentos interiores das casas. Em anatomia chama-se *frontal* ao osso coronal, que forma a testa. Ha tambem arteria e veia *frontal.* «*Frontaes* abarrotados». Oliv., *Adv. aos mod.,* p. 127.

FRONTÃO, s. m. do lat. *frons, ontis,* fronte ou face dianteira, (archit.) é uma especie de empena abatida, que corôa ou remata as ordens, termina as fachadas e serve de ornamento sobre as portas, janellas, nichos, altares, etc. A melhor e mais bella proporção de sua altura é a de ter approximadamente a quinta parte da largura da base. Vitruvio lhe chama *fastigium.*

O *frontão* é ordinariamente triangular, e consta de tres partes: 1.ª, a cimalha que lhe forma a base; 2.ª, os dois lados que o fecham em angulo superiormente, chamados *empenas;* 3.ª, o espaço intermedio ou *tympano,* que pela maior parte é ornado de esculpturas. O *frontão* parece dever a sua origem á fórma triangular e ordinaria da tacaniça, assim feita para o escoamento das aguas lateraes do telhado. V. *Tacaniça.*

Frontão aberto, chama-se ao que tem o tympano ôco para deixar passar a luz, como é o do portico do capitolio.

Frontão triangular, é o que é formado por um triangulo isoscele, cujo angulo opposto á hypothenusa ou base é obtuso. Chama-se tambem *frontão* bicudo ou quadrado.

Frontão espherico, é o que consta ou é feito de um arco de circulo. Tambem lhe chamam *frontão* cintrado ou redondo.

Frontão circular, differe do *cintrado* em ser a base o diametro do circulo que o forma.

Frontão de lanços, é o que tem a cornija superior formada em tres partes ou lanços cortados.

Frontão sem base, é aquelle que tem supprimida a cornija horisontal, voltando sobre duas columnas ou pilastras pela elevação de um arco em logar do entablamento, como se acha nas alas da nave da egreja de S. Pedro em Roma, de que Serlio achou exemplo n'uma porta corinthia em Foligny na Umbria.

Frontão gothico, é uma especie de empena da fórma de um madeiramento muito elevado, umas vezes

cheio, outras vezes ôco, como se vê em todas as fachadas dos templos e egrejas de architectura ogival, etc.

Os monumentos e edificios gregos e romanos, e muitos monumentos modernos têem *frontões* muito notaveis, que de ordinario apresentam baixos-relevos, que enchem todo o espaço do tympano, medalhões ornados de figuras, de ornamentos pintados, etc.

É sobre todos muito digno de attenção e estudo o do templo de Minerva em Athenas, o do Pantheon de Agrippa em Roma, em París o de Santa Genoveva, o da Magdalena, o da camara dos deputados, etc.

FRONTARIA, s. f. (archit.) a parte dianteira ou fronteira do territorio, da cidade, da casa, etc.

FRONTISPICIO, s. m. do lat. *frontispicium*, (archit.) frente principal de um edificio publico, fachada de um monumento, de uma egreja, de um palacio, por onde tem a entrada principal. V. *Fachada.*

FRUCTOS, s. m. pl. do lat. *fructus*, (pint. e esculp.) ornamentos de pintura e esculptura compostos de diversos fructos, com que se fazem grinaldas, festões e outras decorações nos edificios e festividades publicas.

FUGARÉO. V. *Fogaréo.*

FUGITIVAS, *(Côres)* adj. pl. do lat. *fugitivus, a, um,* que passam rapidamente, (pint.) applica-se este termo para designar os effeitos da perspectiva linear e aerea, por meio da qual os objectos em um quadro diminuem de vulto e de côres á proporção que se affastam da vista, o que depende da degradação e da ligeireza das tintas. Ha côres que se chamam *fugitivas*, por serem proprias para este effeito, como o branco e o azul celeste.

FUGIR, v. a. do lat. *fugio, is,* (pint.) diz-se dos objectos de um quadro, que parecem naturalmente afastar-se dos olhos pela diminuição da sua grandeza e da sua variedade de côres.

FUNDAÇÃO, s. f. do lat. *fundatio, onis,* (archit.) entende-se por este termo o conjuncto de obras ordinarias e necessarias para segurar e assentar os fundamentos de um edificio, taes são a excavação de terreno, e, quando é preciso, a estacaria para o tornar solido. V. *Alicerce.*

FUNDAMENTAR, v. a. (archit.) estabelecer, fabricar sobre fundamentos seguros e solidos.

FUNDAMENTO, s. m. do lat. *fundamentum, i,* (archit.) alicerce, base. Entende-se pelo complexo de construcções feitas abaixo do rez do chão, que sustentam o resto do edificio. Collocam-se os fundamentos na fundação por diversos modos, a que se dão differentes nomes; a saber: *fundamentos sobre terra firme ou sobre rocha, sobre rocha com encaixes, sobre pedras perdidas, sobre pilares, continuados.* V. *Alicerce.*

Ha tambem fundações e fundamentos hydraulicos, em que se podem seguir dois systemas: o antigo consiste sobretudo no uso de *diques* com machinas, para dissecar o terreno; o novo systema consiste no uso do *beton* (argamassa) por meio de immersão. O *beton* é argamassa feita com a cal e cimento, misturados com pedra ou cascalho.

Fundamentos immersos são, como fica dito, os que se construem debaixo de agua.

FUNDAR, v. a. do lat. *fundo, as,* de *fundus, i,* solo, terreno, (archit.) lançar os alicerces excavando primeiro o terreno, para sobre elle e sobre os primeiros trabalhos preliminares assentar os fundamentos do edificio.

Tambem se toma em termo mais generico, dizendo: fundou el-rei uma cidade, um monumento, um hospital, um collegio, etc.

FUNDIÇÃO, s. f. do lat. *fons, tis,* de *fondre,* fr. *fonte,* it. *getto,* hesp. *derretidura,* ing. *melting,* estabelecimento ou arsenal em que se fazem fundições: —, o acto de fundir obras em ferro, bronze ou outros metaes.

A arte da fundição é antiquissima; ella foi conhecida e praticada pelos egypcios e os gregos. As primeiras estatuas fundidas datam do seculo VII antes de Jesus Christo; mas a arte veiu a perder-se, até que se restabeleceu na epocha da renascença; e, depois de varias alternativas, só no seculo XVII chegou ao seu aperfeiçoamento. Louvois estabeleceu em 1685, debaixo da direcção de J. B.

Keller, a celebre fundição do arsenal para as estatuas de bronze. Os progressos da industria metallurgica têem multiplicado em nossos dias as fundições de differentes metaes, especialmente as de ferro.

Alguns auctores consideram a fusoria como fazendo parte da arte estatuaria, mas em verdade ella pertence a outra provincia, ou forma por si mesma uma parte separada; e postoque o estatuario, auctor do modelo que se tem a fundir, deva sempre entender e presidir aos trabalhos dos retoques e da cinzelação do metal, é certo que a parte mechanica d'este acto pertence ao fundidor.

Ha dois modos de fundir em metal estatuas ou quaesquer obras: o primeiro consiste em formar o modelo sobre as ceras com *potéa* (composição de varios barros e outros mixtos); o segundo é feito sobre areia.

No primeiro modo forma-se sobre a estatua, que se quer fundir em bronze, um molde similhante ao que se faz para formar figuras em gesso: applica-se pelo interior da fôrma uma camada de cêra de grossura igual á que deve ter o bronze, e enche-se o mais de um cimento á prova de fogo: as peças d'este primeiro molde levantando-se, deixam ver uma estatua modelada em cêra, cujo centro ou macho é de cimento. O esculptor faz depois os retoques e reparos n'este modelo; sobre este se applicam muitas demãos de *potéa* até que adquira a competente grossura, e é a esta que se chama fôrma ou molde de *potéa:* segue-se a isto cobrir-se esta fôrma de uma capa de argamassa, tambem resistente ao fogo, refractaria, e tão forte, que possa resistir ao peso e á acção do metal em fusão: ultimamente se faz a fundição, escoando a cera e correndo o bronze, que vae occupar os logares vasios da cera; sendo necessario n'esta ultima operação abrir caminhos ao bronze, para que possa ao mesmo tempo introduzir-se nos logares vacuos do molde, e ao ar, para que possa saír obrigado pela sua dilatação e pelo peso da materia em fusão. Chama-se portanto fundição de um só jacto aquella que produz a figura ou grupo de uma só peça. Tal foi a da nossa estatua equestre de el-rei D. José I, collocada na praça do Commercio de Lisboa, e fundida em 15 de outubro de 1774.

O outro modo de fundir exige menos preparativos. «Forma-se sobre o modelo um molde de areia, amassada e lisa, de maneira que tenha toda a consistencia e a flexibilidade necessaria para conservar a fórma do modelo: approxima-se-lhe e põem-se sobre uma chapa as peças d'este molde, que é preciso dividir em mais ou menos numero de partes, a fim de que ellas deixem livre o modelo; estabelece-se depois no centro um caroço ou macho, tão conforme como for possivel ás cavidades da parede da fôrma, e no intervallo, deixado entre esta parede e o macho, faz-se correr a materia derretida; depois, como se pratica na fundição em cera, abrem-se os respiradouros e os gitos, e repara-se a obra de bronze fundida». Machado de Castro, *Descripç. Anal.*, cap. IX.

FUNDIDOR, s. m. o artifice que trabalha em fundição de metaes.

FUNDIR, v. a. do lat. *fundo, is, ere,* vasar, derramar, derreter metaes. *Fundir estatuas,* vasar ornamentos em metal. *Fundir côres.* Em pintura costuma applicar-se este termo para significar a discreta mistura das tintas, pela qual se consegue a doçura e a boa degradação das sombras e das luzes; e n'este sentido se diz: *fundir os azues com os claros; côres bem fundidas,* i. é, bem unidas e combinadas; diz-se tambem: *este pintor tem uma admiravel força de côres,* i. é, que as une com tal arte e cuidado, que ellas não são mais do que uma composição de muitas.

FUNDO, s. m. do lat. *fundum,* fr. *fond,* it. *fondo,* hesp. *hondon,* ing. *bottom,* (t. comp.) a parte baixa de todos os corpos que têem tres dimensões distinctas: o fundo de um fôsso, de uma cava, de um alicerce. Em bellas artes designa os objectos que ficam por traz de outros, como um terraço, as nuvens, os edificios, ou mesmo uma ou mais figuras, e que as fazem sobresaír.

Diz Richardson, que as figuras de um painel e os seus *fundos* devem compor massas de luz e de sombra,

que, mesmo de longe, sejam gratas á vista. A experiencia nos faz ver, diz L. de Vinci, que todos os corpos estão cercados de sombras e de lumes; é por isso necessario que o pintor acommode aquella parte que é illuminada, de modo que o *fundo* seja ou termine em cousa escura, e ao contrario, que a parte do corpo assombreado termine em cousa clara.

Tambem se chamam *fundos* aos planos em que assentam as composições em baixo relevo, ao que serve de assento ás medalhas, aos retratos e á moeda. *Fundo* é o termo generico, e por isso tem uma significação mais extensa do que o de campo, o que é facil de conhecer, quando dizemos *fundos* brancos ou azulados, e não campos brancos, etc. V. *Campo.*

FUNERARIAS. V. *Columnas.*

FURAR, v. a. do lat. *foro, as,* de *foris, is,* porta, entrada, (pint. e esculp.) em pintura entende-se pela má composição dos grupos, que, não tendo boa liação entre si, deixam ver a uma e outra parte o fundo do quadro; entende-se tambem pela indiscreta distribuição das massas de côres, que, não tendo a devida gradação, parece que umas são *furadas* ou confundidas com outras. Em esculptura entende-se pelo trabalho de escurecer certas partes, excavando-as e furando-as com os ferros proprios para receberem o preciso grau de sombra ou de escuro.

FUROR, s. m. do lat. *furor, oris,* agitação violenta, transporte de espirito. Em termos d'arte entende-se pelo enthusiasmo e estro poetico e pictorico, de que o artista deve ser dotado, para bem exprimir as paixões da alma; mas este furor ou enthusiasmo, diz um auctor grave, ha de ter uma medida tal, que não toque no fogo da impaciencia, nem no gêlo da extrema regularidade.

FUROS, s. m. de *furar,* acto de furar, buraco feito com instrumento agudo; em pintura toma-se umas vezes pelo defeito de composição, ou desharmonia das tintas; outras pelos toques escuros e decisivos que o artista emprega em certos logares para o melhor effeito do seu quadro. Em esculptura toma-se sempre no segundo sentido, em que o artista emprega a broca, o bedame e outros instrumentos para escurecer e furar certos logares, o fim de receberem a sombra conveniente.

FUSADO, A, e adj. em fórma de fuso, (braz.) cheio de fusos, uma ordem ou fileira de fusos.

FUSÃO, s. f. do lat. *fusio, onis,* fr. *fonte,* it. *getto,* hesp. *derretidura,* ing. *melting,* (chim.) derretimento de metaes e outras substancias solidas, mistura e composição de metaes, segundo as obras a que se destinam.

Fusão de tintas, (pint.) mistura discreta de tintas, boa consonancia das côres. V. *Fundir côres, Harmonia.*

FUSO, s. m. do lat. *fusus,* pequeno instrumento de madeira rija, que tem cêrca de 15 centimetros (é arredondado em todo o comprimento, bicudo n'uma das extremidades) de que se usa para fiar: —(geom.), 1.º, porção de uma superficie espherica comprehendida entre dois grandes semi-circulos; 2.º, solido que forma a revolução de uma curva ou seja em roda de um axe, ou seja em volta da sua ordenada, ou em volta da sua tangente na extremidade:—(braz.), chama-se *fuso* á decima terceira peça honrosa diminuta formada de quatro lados, á maneira de lisonja, porém mais comprida e mais estreita.

FUSORIA, s. f. do lat. *fusoria,* a arte de fundir em metaes.

FUSTE, s. m. do b. lat. *fustis,* fr. *fut* ou *scapus,* vara, (archit.) é o vivo ou o tronco de uma columna, não comprehendendo a base e o capitel. Alguns lhe chamam *talo* ou *haste,* e Vitruvio *escapo.*

FYSIONOMIA. V. *Physionomia.*

G

GABINETE, s. m. do fr. *cabinet,* b. lat. *cavinetum,* diminut. de *cavinum,* radical *cavus, a, um,* concavo, fundo, it. *gabinetto,* hesp. *cabinete,* ing. *closet,* (archit.) camarim: apartamento separado ou casa reservada com commodidade propria para estudo particular: peça ou parte de uma galeria, decorada com gosto, e guarnecida de armarios, aparadores e outros moveis, para conservar es-

tampas, quadros, gravuras, medalhas, bronzes e outras antiguidades. V. *Galeria, Museu.*

GÁIO, A, adj. do lat. *vividus,* gr. *gaó,* rir, alegrar-se. Applica-se este termo ás côres, e dizem-se *gaias* as que são vivas, brilhantes, ligeiras, que attrahem a vista e satisfazem o entendimento dos espectadores. *Verde-gaio,* paizagem *gaia,* alegre.

GALARIA. V. *Galeria.*

GALERIA, s. f. do it. *galeria,* allem. *wallen,* e ant. *walerie,* passeiar, fr. *galerie,* hesp. *galeria,* ing. *gallery.* Significa, em geral, a parte de qualquer edificio, muito mais comprida do que larga, coberta ou abobadada, com janellas altas, decorada de columnas, pilastras, ou sem ellas, applicada a differentes usos, mas toma-se particularmente como logar destinado a conter quadros, estatuas, bustos, baixos-relevos, desenhos, gravuras e outras obras d'arte.

As *galerias* mais celebres são as do Vaticano, em Roma; a de Pitti, em Florença; a do Louvre, em França; a de Dresde, a de Berlim, a de Madrid e outras. A galeria da academia real das bellas artes de Lisboa conta 366 quadros de differentes escolas. V. *Catal. prov.,* Lisboa, 1872.

GALGAR, v. a. imitar o galgo na velocidade ou no direito do corpo, quando corre em linha recta; (archit.) levantar, alçar, endireitar: *galgar* a parede, rematar o lanço d'ella, *galgar* a regua de modo que fique direita.

GALILÉ, s. m. ant. (archit.), cemiterio em que se enterravam pessoas nobres nos conventos dos padres benedictinos. Nos mosteiros mais graves da dita ordem havia, defronte da porta principal da egreja, um sitio com paredes e arcos levantados, em que os defuntos nobres se enterravam. A este sitio (a que hoje respondem os alpendres das egrejas ordinarias) chamavam *Galilé* ou *Galiléa.* Na Galilé de Santo Thyrso achâmos enterrada grande parte da nobreza antiga de Portugal. *Benedict. Lusit.,* t. 2, fol. 44.

GALVANISAR, v. a. (phys.) electrisar qualquer corpo por meio da pilha galvanica ou do Volta, que a descobriu.

GALVANISMO, s. m. (phys.) electricidade desenvolvida pelo contacto de substancias heterogeneas, sem percussão nem fricção.

GALVANOPLASTICA, s. f. de *galvanismo,* e do gr. *plassô,* afeiçoar, modelar, arte que consiste em precipitar, pela acção de uma corrente galvanica, um metal em dissolução n'um liquido sobre outros objectos, ou seja para os aformosear ou para os preservar das influencias da atmosphera, ou seja para lhes tomar a fórma por impressão. Esta arte comprehende a *galvanoplastica propriamente dita,* que se refere ás estatuas, aos baixos-relevos, ás medalhas, etc.

GALVANOTYPICA ou ELECTROTYPICA, processo que se refere aos *clichés,* ás pranchas gravadas, e em geral a todos os objectos que são destinados a transportar seus typos sobre outros corpos pela pressão; —, a *douradura* e a *prateação galvanica;* —, emfim todos os depositos que se applicam á superficie dos corpos com qualquer fim que seja.

GAMBOTTA. V. *Cambota, Cimbre, Simples.*

GANCHINHO, s. m. diminut. de gancho, do lat. *ansa,* fr. *cramponnet,* it. *rampino,* ing. *little crampiron,* gancho pequeno que serve para prender os ferrolhos sobre as portas ou janellas, ou para suster os ferrolhos e fechinhos nas fechaduras. V. *Gatinho.*

GANCHO, s. m. do lat. *uncus,* fr. *crampon,* it. *rampone,* hesp. *escarpia,* ing. *cramp-iron,* pedaço de ferro ou de bronze chato, dobrado ou curvo em angulo, que serve para ligar ou segurar uma cousa a outra, e são de differentes sortes; *ganchos para ligar pedras,* firmando-as com chumbo, *gancho chato,* para unir uma peça de madeira a outra. V. *Gato.*

GANZÉPE, s. m. abertura ou furo de *ganzépe,* que se faz nas peças de madeira para encaixar outras, sendo o encaixe mais largo em baixo do que em cima. V. *Encaixe.*

GARBO, s. m. do lat. *galbeum,* fr. *galbe;* applica-se o termo á fórma elegante de qualquer objecto de arte, por exemplo, de um zimborio, de um vaso, de um ornamento, e mesmo do

contorno de uma cabeça ou figura humana; e diz-se que um ou outro objecto é bem desenhado, que tem bom ou bello *garbo*.

GARFILA ou GARFILLA, s. f. de *gravar*, e *fio*, orla da moeda ou de medalha.

GARGANTA, s. f. do fr. *gorge*, do ant. fr. *gargate*, (archit.) especie de linha concava mais larga e menos profunda do que a *scocia*, que serve para molduras de quadros, ombreiras e outras partes da architectura. *Garganta de chaminé* é o reboco circular interior por trás do panno da chaminé, e póde ser recto a prumo, circular,, ou de outras fórmas.

GÁRGULA, s. f. do lat. *fistula*, hesp. *gárgola*, (archit. e esculp.) abertura ou buraco por onde corre a agua de uma fonte ou de uma cascata. São tambem pequenos ductos ou canos nas cimalhas das cornijas, por onde correm as aguas dos telhados ou dos tectos dos edificios. As *gárgulas* são muitas vezes ornadas de mascaras, de cabeças de animaes, e principalmente de carrancas de leão: em lat. *stillicidia lapidea*. V. *Goteira*.

GARLÓPA, s. f. do fr. *varlope*, it. *pialla*, instrumento de carpinteiro e marceneiro, que serve para tirar as ultimas aparas nas madeiras, a fim de as unir bem entre si.

GARRA, s. f. do gr. *arassó*, romper, rasgar, d'onde vem o lat. *rapio*, *is*, *rapax*, etc., roubar, arrebatar, etc., unha da ave da rapina, e de feras: — (archit.) mão ou garra de leão, ou de outros animaes, que servem de ornamentar algumas peças de architectura.

GARRIDA, s. f. especie de malha de ferro circular e abaúlada, que se mette debaixo das grandes pedras, para as fazer rodar, dando-lhe o movimento de rotação.

GARRIDO, A, adj. (pint.) qualidade que se applica ás côres alegres, talvez sem a melhor escolha e harmonia, e é costume o dizer-se, que tem o quadro côres garridas, bonitas, mas sem o devido accordo.

GASTALHO, s. m. instrumento de carpinteiro e de marceneiro, que serve de apertar no banco a peça de madeira que se lavra. V. *Taleira*.

GATEAR, v. a. segurar, prender uma cousa a outra com gatos de algum metal.

GATO, s. m. do lat. *catus*, fr. *crampon*, (archit.) peça de ferro ou de bronze com pontas ou espigões, que entram nas pedras para as segurar com chumbo. V. *Gancho*.

GATO, (braz.) movel da armaria, que representa este animal de frente e passante, e ás vezes espantado.

GAVINETE. V. *Gabinete*.

GEÇOS. V. *Gessos*.

GEITO, s. m. movimento, gesto: do lat. *jacio*, *is*, *jactum*, *lançamento* apto, *postura* commoda. Os nossos classicos o empregaram muitas vezes com a significação de *attitude*, quando este vocabulo não era ainda adoptado em nossa linguagem. *Syn. da ling. port.*, 162.

«O *geito* bem talhado
O airoso meneo, e a postura.»
Camões—*Rimas*, Ode 10.

«Com um *geito* de gente que pasmava do que via.
Souz—*V. do Arceb.*, l. 6, c. 8.

«Beijar a mão ao fidalgo
Com gentilissimo *geito*.»
O Ins. pint., 26.

V. *Attitude*.

GELATINA, s. f. de *geleia*, do lat. *gelatina*, substancia organica azotada, que tem a propriedade de formar uma geleia com a agua fervendo sobre o tecido cellular dos animaes, particularmente sobre os ossos, os ligamentos, os tendões, as cartillagens, etc. É solida quando está pura, incolor, insipida, inodora, tendo alguma analogia com a mucilagem ou corpo mucoso vegetal, com a consistencia de colla. A *gelatina* tem usos variados; entre outros serve para tirar fôrmas de obras d'arte pela sua flexibilidade, a que não póde chegar o gesso, pela rapida sazão que o endurece.

GELOSIA, s. f. do lat. *transenna*, it. *gelosia*, (archit.) abertura de janella que se fecha por meio de reguas ou tiras de madeira estreitas, miudas e rectas, cruzadas diagonalmente de dentro para fóra, que serve para resguardar as cazas do sol, e para ver de dentro sem ser visto de fóra. Ha *gelosias* fixas e *gelosias* moveis, que permittem o abri-las ou fecha-las quando é necessario.

GEMMA, s. f. do lat. *gemma,* pedra preciosa: gommo que brotam as arvores: nome generico de alguns crystaes muito duros, transparentes e de côres vivas, como o topazio, a saphira, a esmeralda, etc.; é em geral o synonymo de *pedras preciosas.*

GENERICO, A, adj. do lat. *genus, eris,* genero, familia, casta: —, geral. É termo usado na linguagem da arte para designar o artista, principalmente pintor, que trabalha e se distingue em differentes ramos e especialidades da arte: assim dizemos de um pintor de historia, que tambem pinta retratos, paizagens, etc., que elle é pintor *generico.*

GENERO, s. m. do lat. *genus, eris,* do verbo ant. *gero, is,* gerar, gr. *génos,* raça; (pint.) nas bellas artes distinguem-se differentes generos, segundo as idéas e sentimento do artista, ou segundo a fórma por que as suas obras se apresentam. Em pintura, entre outros generos, distingue-se o *historico,* o de retratos, o de paizagens, o de marinhas, o de flores, e o de scenas domesticas, a que, talvez com menos propriedade, se chamam *quadros de genero.*

Para se conhecer melhor a differença que ha entre a pintura historica e a pintura de *genero,* transcreveremos aqui o que a tal respeito diz o conde A. Raczynski, na sua *Historia da arte moderna em Allemanha:*

«O ideal é a esphera em que a pintura historica bebe suas inspirações: o sublime é o alvo que ella deve buscar. Os sujeitos graves e serios constituem especialmente o seu dominio; comtudo ella não exclue, nem o agrado nem a graça contidas nos limites do gosto, da reserva e dos sentimentos inteiramente delicados e nobres; isto é confirmado com a *Aurora,* de Guido, e com a *Galathéa,* de Rafael. Uma das qualidades mais necessarias de um quadro historico é o estylo, e pelo estylo eu entendo a magestade unida á simplicidade e á grandeza. A composição e a execução, o sujeito e todas as partes do quadro, devem apresentar uma harmonia e uma homogeneidade perfeitas. A exageração da força, que é sempre uma caricatura, e a exageração da graça, que é sempre momice, devem igualmente evitar-se; porque ainda mesmo que o sujeito seja uma ficção, uma allegoria, um mytho, o pensamento do pintor de historia não deve jamais cessar de ser verdadeiro, elevado, obediente á reflexão, e profundamente sentido. O pintor de cada epocha pertence a todas as epochas, assim como á sua; elle é independente da moda, elle a domina, como o fazem as paixões e as grandes virtudes.

«O *genero* toma a natureza do facto; a sinceridade, a ingenuidade, o traço, o espirito, no sentido em que os francezes recebem commummente este termo, os caprichos da moda, o gosto do publico, eis-aqui as condições e os sustentaculos do *genero.* Tire os sujeitos da vida privada ou represente factos que entram no dominio da historia, elle os considera debaixo de um ponto de vista menos elevado, mais em harmonia com as disposições pouco poeticas, que se encontram sempre na muito grande maioria do publico, e com as exigencias do gosto dominante, e será sempre uma narração familiar e espirituosa. Esta definição fará comprehender quanto deve ser muitas vezes difficil o determinar a categoria em que um quadro deve ser considerado. Todas as vezes que um pintor historico se desvia das condições da pintura historica para seguir as do *genero,* o seu quadro toma um caracter incerto: todas as vezes que o *genero* a respeito de inspiração ou de execução, se eleva a regiões mais altas, adquire tambem mais ou menos analogia com a pintura historica. Nunca é permittido á *historia* o ser trivial ou grutesca, e o *genero* deve sobretudo guardar-se de ser frio e fastidioso.

«Finalmente, o *genero* e a *historia,* por uma infinidade de casos, são e serão distinctos, mas tambem em muitos casos serão ou poderão confundir-se. Tudo se liga em a natureza, e mesmo quando os anneis extremos d'esta cadeia sejam mais dissimilhantes, aquelles que formam o meio abraçam sempre a vista mais exercitada e a attenção mais cuidadosa.» *Hist. da art. mod.,* t. I, p. 180.

GENIO, s. m. do lat. *genius,* do

gr. *géneo*, eu produzo, talento inventivo, inspiração, fogo divino que nas sciencias e nas artes conduz o espirito humano por meios faceis aos fins que se propõe. Assim Homero, Virgilio, Camões foram homens de *genio* na poesia. Phidias, Miguel Angelo, Machado de Castro, Apelles, Rafael e os Vieiras foram homens de *genio* na esculptura e na pintura, e assim nas outras sciencias e artes. O *genio* nasce com o homem, é um dom do céu, que Deus distribue como lhe apraz; cultiva-se com o estudo e com o exercicio continuado, consultando sempre a natureza e a arte.

Nascitur, ut vates, naturae munere Pictor,
Ne quisquam attrectans calamos obstante Minervâ.
Picture.

GENIOS, s. m. pl. (pint. e esculp.) figuras de meninos alados, com attributos diversos, que servem como partes ornamentaes para representar as virtudes, as paixões, etc., como os que são pintados pelo insigne Rafael na galeria do palacio Chigi em Roma, e como os que o nosso Pedro Alexandrino pintava tão engraçados e encantadores,

GEODÉSIA, s. f. do lat. *geodæsia*, gr. *ge*, terra, e *daiô*, dividir, ramo da geometria pratica, que tem por fim medir e dividir as terras ou as superficies, de que os agrimensores e architectos devem ter conhecimento theorico e pratico. V. *Traité de géodésie* de Puissant, de Francœur, e o *Nouveau traité géométrique de l'arpentage*, de M. A. Lefèvre.

GEÓMETRA, s. m. do lat. *geometra, æ, geometres, e*, homem versado na geometria, que a sabe, a exercita ou mesmo a ensina.

GEOMETRAL, adv. V. *Geometrico.*

GEOMETRIA, s. f. do lat. *geometria, æ, geometrice, es; ge*, terra, e *métron*, medida; sciencia que ensina a medir a extensão, considerando-a nas suas tres relações: linha, superficie e corpo. Esta sciencia é o fundamento de todas as artes do desenho, e principalmente das que dizem respeito á construcção. A *geometria* divide-se em *geometria elementar e analytica;* esta subdivide-se em *trigonometria* e em *geometria analytica* propriamente dita. A *geometria descriptiva* tem por objecto a construcção pratica da extensão por meio das *projecções*. V. este termo e o de *Stereotomia*. Podem-se ver os *Eléments de géométrie* de Clairaut, de la Croix, de Legendre, etc.

GEOMETRICO ou GEOMETRAL, adj. (archit.) diz-se do plano de qualquer edificio, feito sobre uma escala com as proporções exactas de todas as suas partes, em comprimento, largura, grossura de paredes, etc.

Esta expressão se applica aos córtes, perfis e alçados, delineados do mesmo modo.

GEORAMA, s. m. do gr. *gé*, terra, e *orama*, vista; representação em relevo, n'uma escala maior ou menor, da vista de uma parte da terra. Expoz-se ha annos em París um grande *georama*, que tinha a fórma de um globo, do centro do qual os espectadores abrangiam com a vista a totalidade da terra em sentido contrario, desenhada nas paredes interiores do mesmo *georama*.

GEROGLIFICO. V. *Hieroglyphico*, etc.

GESSAL, s. m. mina de gesso, logar de onde se extrahe o gesso.

GESSAR, v. a. banhar ou pintar com gesso uma qualquer superficie, gessar ou apparelhar um tecto ou uma parede, dando-lhe demãos de gesso.

GESSEIRO, s. m. o que trabalha em gesso. V. *Formador, Moldador.*

GESSETE, s. m. tiras ou pequenas pontas compostas de gesso, com que se riscam e marcam desenhos de ornamentos e se fazem outras especies de delineações.

GESSO, s. m. do lat. *gypsum, i*, gr. *gypsos*, que se deriva de *ge*, terra, e *epsô*, cozer, fr. *platre* ou *gypso*, it. *gesso*, ing. *parget stone*, especie de rocha em que domina o sulphato de cal. Ha muitas qualidades de gesso. O mais importante e o mais estimado para a industria é o *gesso* grosseiro, que contém de 6 a 12 por cento de carbonato misturado com sulphato, e é ordinariamente conhecido com o nome de *pedra de gesso*. Quando se mistura com a colla de pelle, o *gesso* se reduz a pó e forma uma massa,

que se chama *estuque*. O *gesso* chamado *plastico*, porque serve para modelar, obtem-se do sulphato de cal calcinado em fórma de pó branco, peneirado, e misturando-o com agua serve para fazer fôrmas, moldar figuras ou vasa-las nas fôrmas, ou para outros objectos de arte. Misturado com a colla forte constitue o estuque que recebe o polimento e lustro do marmore.

GESSOS, s. m. pl. em linguagem d'arte entende-se pelo termo de *gessos* os modelos genuinos das bellas estatuas, baixos relevos e outras obras antigas, formadas ou moldadas sobre os originaes, e vasados em gesso n'essas matrizes por habeis formadores, que pela sua exactidão se podem reputar as proprias obras originaes executadas por seus auctores. N'este sentido se diz o gesso de uma estatua, de um busto, de um baixo relevo antigo. Os *gessos* do Apollo de Belvedere, do Laocoonte, da Venus, etc., para exprimir a sua authenticidade.

Ainda ha um seculo eram raros os modelos em gesso do antigo, porém, n'estes ultimos tempos se tem propagado de tal sorte os modelos classicos, que não só as academias, mas ainda artistas e pessoas curiosas têem obtido boas collecções de *gessos* para seu particular estudo. É indubitavel que o estudo dos bellos *gessos* antigos forma uma parte essencial do ensino do desenho em todas as academias, e que é por elle e n'elle que o estudante deve aprender a conhecer e a imitar as bellas fórmas, as fórmas ideaes do antigo, para depois passar a estudar o modelo vivo. V. *Antigo*.

«Preparou-se tambem uma sala para n'ella se desenharem *gessos* e estampas de figura e ornato». Cyr. *Mem.*, p. 27.

«De André Gonçalves com Manuel Dias, póde fazer-se um imparcial parallelo: se aquelle soube muito bem aproveitar-se das estampas, este não foi menos habil em desfructar os *gessos*». Mach. de Castro, *Descripç. anal.*, p. 293.

GESTICULAÇÃO, s. f. do lat. *gesticulatio, onis*, acção de fazer movimentos e gestos, de gesticular.

GESTICULADOR, s. m. do lat. *gesticulator, oris*, a pessoa que faz gestos, movimentos, ou que exercita a arte mimica.

GESTICULAR, v. a. do lat. *gesticular, aris*, fazer gestos, attitudes ou exercer a mimica.

GESTO, s. m. do lat. *gestus, ûs*, nome que se dá aos movimentos exteriores do corpo, por meio dos quaes exprimimos nossos sentimentos, desejos, esperanças, temores, movimentos de que se compõe a linguagem da acção, a mimica, a pantomima, etc., estudo que tão util e necessario é ás artes da imitação. O *gesto* póde ser natural ou convencional, como é o dos surdos-mudos. O estudo do *gesto* constitue uma arte, na qual se distingue o *gesto* oratorio e o *gesto* theatral. V. *Acção, Attitude, Geito, Mimica, Pantomimica*.

GIGANTE. V. *Botaréu*.

GIGANTESCO, A, adj. agigantado; (pint. e esculp.) figura de muito maior grandeza do que a proporção natural, e ordinariamente falta do estylo e caracter ideal, que constitue o genero colossal. V. *Colosso*.

GINGLIMO. V. *Articulações*.

GIRÃO, s. m. do fr. *giron*, lat. *gyrus*, cercadura, barra de côres diversas nas roupas: — (braz.), a setima peça honrosa diminuta da armaria, formada a modo de pyramides que se levantam do contrachefe e tocam com os seus vertices a linha vertical do escudo.

GIRÃO, s. m. (braz.) pedaço de panno cortado em triangulo. «Cortando el-rei um *gyrão* do vestido.» *Nobiliarch. portug.*, p. 285. Escudo com *gyrões*. Aquelle que está dividido em seis, oito ou dez partes triangulares, com as pontas unidas no centro do escudo.

GIS ou GIZ, s. m. do fr. ant. *giz*, allem. *schieffer*, fr. m. *craie*, lat. e it. *creta*, ing. *chalk*, ardosia, schisto, greda branca ou schisto macio, de que se servem alguns artifices, principalmente alfaiates para dar traços sobre o panno; de que ás vezes tambem se servem os artistas para delinear ou traçar as suas composições em ponto grande. Os gravadores em madeira tambem o utilisam.

GISAR ou GIZAR, v. a. tra-

çar linhas, dar traços, delinear com giz.

«Com agilidade activa
Foi *gizando* os fundamentos,
Lançando as linhas primeiras
D'aquelle jocoso invento.»

O Insp. pint. 83.

GITO, s. m. do lat. *jactum*, supino de *jacio, is*, lançar, atirar, arremeçar, etc., fr. *jet*, jacto: cano que communiça o metal fundido da bôca do vaso ao molde ou fôrma.

GLORIA, s. f. do lat. *gloria, æ*, gr. *klos*, gloria, ou *kleó, kleió*, glorificar, e *horos*, alto; bemaventurança celeste: — honra, reputação merecida, fama alcançada por façanha ou por obra de engenho e talento; (pint. esculp. e archit.) em pintura chama-se uma *gloria* á representação do céu aberto e resplandecente, em que se vêem as tres pessoas da Santissima Trindade, os anjos, os santos, etc. Tambem se dá este nome á aureola dos santos. Em esculptura a *gloria* não só se póde configurar em alto relevo, com o grupo da Santissima Trindade, com os anjos e bemaventurados, mas algumas vezes se representa com os raios luminosos, tendo a meio um triangulo com caracteres hebraicos. Ambas estas configurações servem de ornamento á architectura, que as emprega ordinariamente na parte superior do altar mór das egrejas.

Chama-se, emfim, *gloria* a uma decoração scenica, suspensa na parte superior da bôca do theatro, com movimento proprio a fazel-a descer e subir.

GLYPHOGENEO, s. m. mordente novo.

GLYPHO, s. m. do lat. *glyphis, idis*, de *glypho, is*, esculpir, etc., gr. *glyphó*, eu gravo; (archit.) pequeno canal aberto em semicirculo ou em fórma angular, que serve de ornamento em architectura. V. *Triglypho.*

GLYPTICA, s. f. do gr. *glyphó*, eu gravo, é a arte de gravura em pedras finas, assim em relevo, como em ôco ou cavado. As gravuras em ôco chamam-se entalhos, as de relevo, camafeus.

Quanto á composição, o camafeu segue as mesmas regras que o baixo relevo. O entalho não é em verdade mais do que a fôrma, ou a matriz de um baixo relevo, que serve ordinariamente de sinete. A glyptica comprehende a arte de gravar em aço os ponções e os cunhos de medalhas.

As pedras gravadas e as medalhas são monumentos da antiguidade, que estão em grande estima entre os sabios e os amadores. A cornalina, a calcedonia, o jaspe, a agatha, a onyx, o lapis-lazuli, a malachita, a stealites, a turqueza, a saphira, são pedras sobre que ordinariamente se grava.

A origem da *glyptica* remonta aos egypcios, a quem os etruscos e depois os gregos transmittiram seus processos mechanicos. Entre estes ultimos chegou a perfeição da arte a um grau tão subido, que se tornou inimitavel no gosto, delicadeza e nas mais finas particularidades. Os romanos succederam aos gregos no gosto e execução da arte, e é em Italia que se acham ainda hoje as melhores gravuras em pedras finas. Os antigos serviam-se das pedras gravadas para amuletos, sinetes, anneis, e algumas vezes para braceletes, colchetes, etc. Os gravadores antigos não nos deixaram memoria dos processos por elles empregados, e apenas se sabe que houveram conhecimento do torno, do ponteiro, e serviam-se de uma especie de broca: empregavam tambem o pó do *diamante*, o esmeril, o schisto da Armenia.

Os melhores tratados sobre a *Glyptica*, são os de Vettori, de Mariette, de L. Natter. Alem d'isso ha um grande numero de collecções de pedras gravadas. V. *Dactyliotheca* e *Glyptotheca.*— J. Stosch, Bracci, e hoje MM. de Clarac e Sillig. e outros, têem descripto e classificado todas as que apresentam algum interesse para o estudo da historia ou da arte. M. Ch. Lenormant as têem reproduzido pelos processos de M. Ach. Collas, no seu *Trésor de numismastique et de glyptique.* (1834-50, 13 vol. in fol.)

GLYPTOGNOSIA, s. f. (do gr. *glyphó*, eu gravo, e *gnosis*, conhecimento), conhecimento artistico das pedras preciosas e da sua gravura.

GLYPTOGRAPHIA, s. f. (do lat. *glyptographia, æ*, gr. *glypho*, eu gravo, e *graphó*, eu descrevo) sciencia das pedras gravadas, assim em rela-

ção á natureza, propriedade e accidentes d'essas pedras, como dos sujeitos que representam, epochas da historia e da arte a que ellas pertencem, etc.

GLYPTOTHECA, s. f. (do gr. *glypta*, cousas gravadas, e *theké*, deposito) collecção de pedras gravadas. Os antigos lisonjeavam-se de recolher as obras da arte antiga, formando collecções d'este genero que chegavam a depositar em seus templos. Entre os modernos, Petrarca foi o primeiro que abriu este exemplo: em nossos dias é conhecida a galeria dos antigos do Louvre, em Paris, e a Glyptotheca de Munich, fundada pelo rei de Prussia em 1808. N'este anno, o rei começou a comprar as mais bellas obras de esculptura dos antigos, com o fim de dotar o seu paiz com um museu que offerecesse ás artes modernas os melhores modelos, e que contribuissem á gloria e á riqueza do paiz. Esta collecção abrange todas as epochas da esculptura antiga; está disposta chronologicamente em uma serie de salas magnificas, separadas no meio por duas grandes peças ou divisões quadradas, dedicadas aos *frescos* de Cornelio. Podem-se considerar estas duas salas como o berço da pintura moderna a *fresco*, como o desenvolvimento e applicação em grande dos primeiros e felizes ensaios, de que a casa Bartholdi, da villa Massimi, e outros logares de Roma têem subministrado o exemplo. Foi preciso um concurso de circumstancias, como o que fez conduzir á ruina muito grandes casas e familias de Italia, para se tornar possivel a compra de tantas obras primas da arte, etc. *Arte moderna em Allemanha*, tom. 2, 106.

GNOMON, s. m. do gr. *gnómon*, que quer dizer *indicador:* instrumento que serve para medir a altura do sol, e para marcar as horas, indicando o comprimento e a direcção da sombra projectada. É ordinariamente formado por uma agulha ou estylo, uma columna ou uma pyramide verticalmente levantada sobre uma superficie plana e horisontal, em um ponto de uma linha recta traçada sobre esta superficie, que representa o meridiano do logar. Este termo é usado, mas com pouca exactidão, como synonymo de *Quadrante solar*.

GNOMONICA ou GNOMOA, s. f. do lat. *gnomonica, æ*, sciencia dos *gnomons*, e arte de traçar os quadrantes solares, processos que se acham descriptos no *Manual de gnomónica*, de M. Bouterau (collecção Roret).

Esta sciencia, segundo Vitruvio, é necessaria ao architecto para traçar em frente das paredes de face ou da empena, ou sobre corpos isolados, os quadrantes de todas as especies, como se vêem nos muros de face do pateo do collegio dos padres jesuitas, em Leão.

Com o nome de *Gnomonica*, comprehende-se o conhecimento e o uso de diversos instrumentos mathematicos para dispor os edificios segundo as regiões do céu e os aspectos do sol.

GNOMONICO, A, adj. do gnomon ou pertencente á arte gnomonica.

GOIVA, s. f. do b. lat. *guvia*, fr. *gouge*, (esculp.) instrumento de ferro calçado de aço, de differentes tamanhos e grossura, em fórma de meia cana na extremidade cortante, sendo a outra encabada em pau, de que os esculptores, entalhadores e outros gremios se servem para os trabalhos e obras em madeira.

GOIVETE, s. m. diminut. de goiva; (esculp.) goiva pequena.

GOLA, s. f. do lat. *gula*, fr. *gorge*, pescoço, garganta; (archit.) moldura sinuosa formada de dois arcos de circulo, de modo que a convexidade de um fica opposta á convexidade do outro. Quando a convexidade do arco superior é mais saliente, chama-se-lhe á moldura *gola direita*, ou simplesmente *gola:* quando a convexidade do arco inferior é mais saliente, chama-se-lhe *gola reversa* ou *revessa;* tambem lhe dão o nome de talão. Estas *golas* tem grande applicação nas molduras de quadros. V. *Cimacio*.

GOLFÃO, s. m. do lat. *nenuphar, alga palustris*, genero de plantas aquaticas, que nascem nas lagôas: — (braz.), movel da armaria, que representa as folhas d'esta planta.

GOLFINHO, s. m. (corrupção do lat. *delfin*, cetaceo pequeno que nada velozmente: — (braz.), movel da armaria que representa este peixe direito com a cauda para cima.

GOMMA, s. f. do lat. *gummi* ou *gummus, i,* gr. *kommi,* fr. *gomme,* it. *gomma,* hesp. *goma,* ing. *gum,* (chim.) humor viscoso que suam algumas arvores, que se secca e congela, e que é differente segundo suas especies; a saber: *Gomma arabica,* incolor, e que se emprega, dissolvendo-a em agua, na pintura de aguarellas e de miniatura. *Gomma-guta,* é resinosa, que se desfaz em uma bella côr amarella, e se applica aos mesmos generos de pintura. *Gomma-elastica* (vulgarmente *borracha),* producto do dessecamento de um succo esbranquiçado que se extrahe, por incisão, de muitas plantas e arvores da America meridional, e que sendo deitado em moldes de terra, se põe a seccar ao sol, e quando se julga ter sufficiente grossura, quebra-se o molde; e d'esta sorte fica a gomma-elastica similhante á fórma de uma pêra ou borracha pequena. São muitos os usos da *gomma-elastica,* taes como o de apagar os traços do desenho, amaciar o papel e fazer balas elasticas, fabricar instrumentos de cirurgia, etc. *Gomma-laque* ou *laca,* do arab. *lak,* especie de resina extrahida das flores de differentes arvores da India, que se offerece em fórma de pequenos grãos e de differentes côres; e concorre para se fazer a laca tão necessaria na arte da pintura. V. *Laca.*

GONIOMETRIA, s. f. (math.) arte de medir os angulos.

GONIÓMETRO, s. f. do gr. *gonia,* angulo, e *metron,* medida; instrumento para medir os angulos diedros dos crystaes naturaes.

GONZO, s. m. do lat. *gomphus,* ou *cardo,* fr. *gond,* it. *cardine,* hesp. *gozne,* ing. *hinge,* (archit.) bocado de ferro dobrado, cujo cano é fixado ou chumbado na ombreira de uma porta, e cujo bico entra no olho da peça de ferro que se une á porta para a suster. V. *Macha-femea.*

GORGETA, s. f. (esculp.) instrumento de ferro calçado de aço, da fórma e comprimento de um escopro, porém mais estreito e delgado, de que se servem os esculptores e ornatistas para os trabalhos de marmore e pedra.

GOSTAR, v. a. do lat. *gusto, as,* gr. *gonesthai,* provar, sentir e discernir pelo gosto os sabores, saborear. (t. comp.) Gostar, ter ou tomar gosto de alguem, ou de alguma cousa, em sentido physico ou moral: *gostar* de uma estatua, de uma pintura, ou de qualquer obra de arte: *gostar* de ouvir uma peça de musica, um discurso, etc.

GOSTO, s. m. do lat. *gustus, ûs,* de *gusto, as,* gr. *gheussis,* gosto, *gheuó,* provar, fr. *gout,* it. e hesp. *gusto,* ing. *taste,* um dos cinco sentidos, que nos faz perceber e distinguir os sabores pelo orgão principal da lingua: (t. comp.) em litteratura e bellas artes o *gosto* é a faculdade de apreciar e de sentir as bellezas ou os defeitos que se acham nas obras do entendimento humano, que por isso é termo quasi synonymo de *juizo, discernimento.* A applicação judiciosa d'essa faculdade constitue o *bom gosto* ou o *gosto falso.* O *gosto* tem variado segundo as epochas, e nos differentes povos, com a idéa que se formava da belleza. V. *Belleza.* D'aqui vem a impossibilidade de estabelecer sobre elle regras fixas e absolutas. É porém geralmente reconhecido que em bellas artes existe uma idéa do bello, ou pelo menos que, em materia de *gosto,* todo o objecto deve ser julgado em presença do modelo que se quizer representar, e em harmonia e accordo das partes com o seu todo. Em tudo o mais que não pertence em rigor á classe de bellas artes, o *gosto* é absolutamente arbitrario.

O *bom gosto* natural é uma qualidade tão rara como precisa; mas é certo que o *gosto* adquire-se e desenvolve-se pelo estudo dos grandes modelos, e pela convivencia com os grandes genios.

O *verdadeiro gosto,* diz Mengs, que mais se approxima á perfeição, é aquelle que escolhe em a natureza o melhor e o mais util, rejeitando o menos util, e conservando tudo o essencial de cada cousa.

O *grande gosto* consiste em escolher as partes grandes, tanto do homem, como de toda a natureza, occultando as partes subordinadas e pequenas, onde não são absolutamente necessarias.

O *gosto mediocre* é o que exprime

o grande e o pequeno da mesma maneira, de que resulta que o todo se torna mediocre e quasi sem gosto.

O *gosto pequeno* exprime distinctamente todas as cousas minimas, pelo que o todo se torna pequeno.

O *gosto bello*, finalmente, é quando se exprime tudo o mais bello da natureza, etc.

Convem pois fazer outra reflexão, e é, que se dá differença entre o *gosto* e a *maneira*. O *gosto* consiste, como disse, na escolha; a *maneira*, porém, é uma especie de bugio ou de ficção. Mengs, t. I, p. 26, 31.

A sciencia do *gosto*, fundada sobre o conhecimento do bello, chama-se *esthetica*.

É necessario ler sobre este artigo: *Reflexions sur le goût*, de Rollin; *Fragment sur le goût*, de Montesquieu; *Les cours de belles-lettres*, de H. Blair; *Les lettres sur le bon goût dans les arts*, de Lacurne de Saint-Palaye e as obras de Mengs.

GÔTA, s. f. do lat. *gutta*, hesp. *gota*, fr. *goutte*, it. *goccia*, ing. *drop*, (archit.) ornato de fórma redonda, quadrada ou conica, á similhança de campainha, figurando gotas de agua, que em numero de seis se esculpem debaixo do triglypho da ordem dorica. Tambem lhe chamam *campainha*, *borla*, *lagrima*, e Leão Baptista Alberto lhe chama *prégo*.

GOTEIRA, s. f. do lat. *gutta*, hesp. *gotera*, (archit.) canal que serve de recolher as aguas pluviaes, que escorrem das telhas de um edificio, e as conduz fóra das paredes da frente. Ellas se fazem de madeira ou pedra, ou tambem de chumbo, zinco ou folha branca. Antigamente dava-se maior importancia á fórma das goteiras. Na edade media offereciam figuras exoticas de homem ou de animaes. V. *Gárgula*. Nos edificios do renascimento foram substituidas por figuras, vasos ou ornamentos amisulados. Hoje usa-se de fórmas muito mais simples nas *goteiras*, sendo algumas apenas uns canaes para dar saída ás aguas pluviaes.

Em anatomia dá-se o nome de *goteira* a todo o encaixe ou rainura concava sobre a superficie de um osso.

GOTEIRÃO, s. m. augment. de goteira, (archit.) canal de grandeza extraordinaria, que serve a conduzir para fóra as aguas da chuva.

GOTEIRINHAS, s. f. diminut. de goteira, pequeno cano que tem os mesmos usos.

GOTEJADOR, s. m. V. *Lagrimal*.

GOTHICO, A, adj. nome vulgar que se dá a todas as obras de arte da edade media, e principalmente ás de architectura, designadas com o titulo de *estylo ogival*. Distingue-se o *velho gothico*, que é o resultado das diversas modificações introduzidas na architectura antiga pelos povos barbaros, de que existem os principaes monumentos em Allemanha, Inglaterra, nos Paizes Baixos e em o norte da França, e *gothico moderno* ou *gothico propriamente dito*, que tambem se chama architectura *sarracena*, por ser nascida da mistura da architectura arabe e mourisca com o velho gothico e o estylo bysantino; e por consequencia é um erro auctorisado com o tempo, o dizer-se que os godos fossem os inventores d'esta segunda especie de architectura.

Divide-se tambem a *architectura gothica* em relação ás raças ou nações, ou em relação á sua execução. Debaixo do primeiro ponto de vista ha o *gothico do norte* subdividido em *gothico bretão* ou *inglez*, *gothico flamengo*, e *gothico allemão*, que comprehende o *saxo*, o *tudesco* e o *lombardo*. O *gothico do meio dia* (de especies muito variadas), e, emfim, o *gothico asiatico*, em que se distingue o *syrio*, o *arabe*, o *sarraceno* e o *mourisco*.

No ponto de vista da arte, distingue-se sobretudo o *gothico floreteado* ou *floreado*, que vigorou do IX ao XI seculo; *gothico rosado* e *afusado* (a *rosa* é a disposição dos vidros em corôas achatadas, e chama-se *fusos* á reunião de um grosso fusto principal, e ás numerosas columninhas em fórma de fusos), o *gothico ondulado* e *ornado de pennas*, i. é, carregado de folhagens, ondulações e chaves pendentes (desde Luiz VIII até Carlos VI); o *gothico flamigero* e o *gothico florido*, desenvolvimento exagerado do precedente; este genero dominou desde Francisco I, e

durou até Henrique II. Por este tempo appareceu o estylo do renascimento que dissipou o estylo *gothico*.

Ha opiniões muito variadas sobre a origem da architectura gothica. Parece cousa incontestavel que o velho *gothico* é de origem septentrional. Os bosques eram os unicos templos dos povos do norte, e os troncos, os ramos, a folhagem, as massas de sombra cortada por alguns intervallos da luz, lhe offereciam os typos de tudo que toca á primeira vista em uma cathedral, e ainda nos edificios profanos da edade media, a substituição da ogiva ao simples arco romano, as flechas enlaçadas, as paredes abertas, etc. Quanto ao *gothico* moderno, uns dizem ter apparecido em Sicilia no VIII ou IX seculo; outros o antecipam ao XI seculo. Elle faz honra tanto ao genio arabe, como á Asia anterior, notavelmente á Syria, mais ou menos modificada pelo islamismo.

Na primeira hypothese, a ogiva espalhou-se na Europa em consequencia das conquistas arabes na Hespanha, na Sicilia e no sul da França. Na segunda hypothese, sua introducção entre os christãos teria seguido as duas ou tres primeiras cruzadas. Murphy, Langley, Hall, S. Hawkins, inglezes, publicaram trabalhos notaveis sobre a origem, regras e historia da architectura gothica. Podem-se tambem consultar os desenhos de Sopp. e os de Tollet (París, 1840), assim como a *Histoire de l'architecture au moyen-âge*, de M. de Caumont (Caen, 1837).

A esculptura *gothica* seguiu os mesmos passos da architectura. A mais antiga nos apresenta figuras toscas, curtas, angulosas, sem expressão nem movimento; nos tempos mais proximos ao renascimento das artes, as figuras são mais esveltas, as fórmas menos duras e deixam perceber algum sentimento e expressão.

A pintura *gothica*, no seu começo, seguiu as mesmas fórmas rudes, a desproporção e o mau gosto contemporaneo. A ignorancia da perspectiva linear e aerea, a impertinente minuciosidade de detalhes, a nimia applicação nos accessorios, sem gosto, nem elegancia.

Estes defeitos são bem sensiveis nos antigos quadros da escola allemã; mas deve-se entretanto confessar que por meio de passos lentos e um reflectido progresso, muitos d'esses quadros, ainda que *gothicos*, tanto nos processos, materias e mechanismos da pintura, como pela composição do desenho e colorido, se distinguem por um acabamento precioso, e por uma certa finura de execução, que lhe sustentam o credito e lhe conservam elevado preço no mercado. V. *Diction.* de Bouillet.

Quanto a Portugal, póde dizer-se que o estylo *gothico* acha-se mais ou menos disseminado nas provincias septentrionaes do reino, onde a monarchia teve o berço, e se levantaram os mais antigos edificios nacionaes, de que já existem poucos vestigios.

Bem conhecidos são os restos do convento do Carmo, em Lisboa, o mosteiro de Belem, as sés do reino, e sobre todos o magnifico convento da Batalha, ácerca do qual diz um nosso escriptor: «O brazão da architectura *gothica* em Portugal, e o mais singular entre os edificios grandiosos das Hespanhas, é o real mosteiro de Santa Maria da Victoria, chamado vulgarmente da *Batalha*. É o padrão magnifico levantado á honra da religião, ao valor portuguez e á independencia e gloria nacional pelo defensor da patria, o monarcha cavalleiro, D. João, o primeiro do nome, e o decimo na serie dos nossos reis».

No mosteiro de Belem apparece uma architectura, pelas fórmas algum tanto differentes do mosteiro da Batalha, mas é necessario sempre advertir que essas differenças, ou antes modificações, não sáem do systema ogival, que se estabeleceu desde o seculo XII e durou até ao seculo XVI, tempo em que renasceu a architectura classica.

O mosteiro de Belem, que alguns dos nossos artistas e archeologos dizem ser feito no estylo *manuelino*, é como os outros mosteiros da epocha, apenas com algumas differenças e com os ornamentos e emblemas respectivos ao rei fundador, differenças, porém, que não lhe podem estabelecer os necessarios principios para

se chamar e classificar como um novo estylo.

As differenças entre o *gothico* do Carmo, da Batalha e de Belem devem referir-se aos annos de 1385 ou 1387 em que foram desenhados os dois primeiros mosteiros, e o anno de 1500, em que se principiou o de Belem.

«É certo, porém, que D. João I no principio do seculo XV, quando as artes fóra de Italia começavam apenas a ser conhecidas, fundou o convento da Batalha, edificio *gothico* sim, mas lindo no seu genero, e de grande magnificencia». Cyr., *Honras da Pint.*, p. 100.

«João Nunes em Sevilha fazia paineis, com bellos pannos, e colorido vivissimo, bordaduras delicadas e carnes, ainda que *gothicas*, tão estimaveis pelo bem acabado, como as de Alberto». Cyr., *Mem.*, p. 50.

GRAÇA, s. f. do lat. *gratia*, mercê, favor voluntario, auxilio divino, (t. comp.) ar agradavel, movimento airoso, encanto. Em bellas artes toma-se por uma certa elegancia de fórmas, de expressão e de tons que se dão ás cousas, que as tornam agradaveis. Uma figura póde estar perfeitamente desenhada e magistralmente colorida, sem comtudo offerecer essa *graça* de que fallâmos. Póde ser bella, sem ser graciosa: *vultu pulchro magis quam venusto*, como de Nero dizia Suetonio. A *graça* foi quem elevou Apelles acima de todos os pintores da antiguidade, e deu a Rafael a preferencia sobre todos os pintores modernos. *(De Piles.)*

A *graça* póde e deve achar-se em todas as obras de bellas artes. Ella é commum ao architecto, ao esculptor e ao pintor; deve achar-se em todos os sujeitos, assim nos mais tristes como nos mais alegres, nos velhos como nos moços, nas mulheres como nos meninos, e ainda nos brutos e seres inanimados.

«A *graça*, diz um auctor, é differente da belleza, porque, consistindo esta na perfeição do corpo, a *graça* consiste na perfeição da alma. Ella se patenteia á vista pelos movimentos; mas para estes serem graciosos é preciso: 1.º, o *dote natural da alma*, que póde e costuma ser de diversas qualidades; 2.º, que as *fórmas do corpo se acordem perfeitamente com as qualidades do seu espirito*; 3.º, *que haja uma educação conveniente.*»

«A *graça*, diz Lessing, é a belleza em movimento.» V. *Belleza.*

GRACIOSIDADE, s. f. do lat. *graciositas, atis*, cousa dotada de graça, obra de arte executada com graça, *graciosidade* de expressão, de toque, etc.

GRACIOSO, A, adj. do lat. *gratiosus, a, um*, que tem graça, engraçado, agradavel; qualidade inherente ás pessoas ou cousas que têem graça, e por isso tem uma significação mais extensa e lata, porque se applica a tudo que toca agradavelmente os nossos sentidos e imaginação. E assim dizemos um sitio ou logar agradavel e *gracioso*, uma paizagem *graciosa*, um quadro *gracioso*, uma figura *graciosa*, contornos *graciosos*, etc.

GRADAÇÃO, s. f. do lat. *gradatio, onis*, (pint., esculp. e archit.) disposição gradual com que os pintores e esculptores grupam suas figuras, de modo que as principaes se tornem mais relevadas, e as outras vão gradualmente diminuindo, e enfraquecendo de expressão e de luz, á proporção que se afastarem da acção.

Os architectos são obrigados tambem a seguir a *gradação* das massas em suas composições. É regra geral que, havendo de se levantar n'um edificio ou monumento umas ordens sobre outras, que se colloque em primeiro logar a toscana ou a dorica, em segundo a jonica e a corinthia, e emfim a attica, se assim exigir a altura do edificio. V. *Degradar.*

GRADADO, A, p. p. de gradar, e adj. feito como por degraus ou com grades:—(braz.) na armaria significa o escudo ou peça cheia de grades, e tambem se applica ao castello, torre ou porta, quando tem uma grade mourisca ou corrediça.

GRADE, s. f. do lat. *crates, is*, do gr. *kratéo*, fortalecer, fechar, (archit. e pint.) armação formada de peças de madeira ou ferro, cruzadas ou entrelaçadas, com que se fecham janellas, portas e outros logares. As *grades*, principalmente de ferro, são

ornamentadas e servem para fechar o côro das egrejas de religiosas, as capellas do Santissimo, etc.

Em pintura chama-se *grade* á armação feita de madeira, em que o pintor manda estender e pregar ou fixar a tela, em que se propõe pintar.

GRADARIA, s. f. (archit.) serie de grades, paus, estacaria encravada em terrenos humidos, arenosos e soltos para se edificar sobre ella com segurança.

GRADICULA, s. f. diminut. de grade, do lat. *craticula*, it. *graticola*, (des. e pint.) methodo de reduzir ou augmentar um desenho ou um quadro por meio de quadrados. Traça-se sobre o modelo que se pretende copiar, e sobre o papel ou tela destinada a receber a copia quadrados iguaes, de dimensões proporcionadas, e por elles se faz uma copia exacta, conforme ao original. Se se pretende uma copia da mesma grandeza, os quadrados devem ser iguaes, se menor ou maior que elle, os quadrados deverão ser tambem proporcionalmente de maiores ou menores dimensões.

Para copiar paizagens do natural usa-se de uma *gradicula* de arame, fixa sobre a terra que serve de ponto ás observações do artista. V. *Pantographo*.

GRADICULAR, v. a. fazer uso da gradicula.

GRADIN, s. f. do fr. *gradine*, (esculp.) instrumento de aço em fórma de escopro, com dentes na extremidade cortante, de que usam os esculptores para amaciar as asperezas que deixa o trabalho do ponteiro, descobrindo as fórmas e empastando as massas, para que possam sobresair e produzir o seu effeito.

GRADINADA ou GRADINATA, s. f. (esculp. e archit.) significa o rasgo e franqueza com que o esculptor usa do gradin; e assim como se diz uma pincelada, costumam os esculptores dizer uma *gradinada* ou *gradinata*. Em architectura entende-se por uma serie ordenada de pequenas columnas ou balaustres, que guarnecem o lanço de uma varanda ou escada.

GRADINAR, v. a. (archit.) fazer uso do gradin nos trabalhos de marmore ou de pedra.

GRAFILADO, adj. (ant., grav.) gravado ou lavrado ao buril.

GRAFILHA, s. f. (ant., grav.) lavor de buril ou tambem *filagrana*.

GRAFIO, s. m. (grav.) especie de ponteiro ou buril. V. *Graphio*, *Esgraphiar*.

GRAFOMETRO. V. *Graphometro*.

GRAMINHO, s. m. do hesp. *gramil*, instrumento de que se servem os carpinteiros, marceneiros e outros artifices para traçar linhas rectas na madeira.

GRAMMA, s. f. fr. *gramme*, a 24.ª parte da onça, peso do centimetro cubico de agua distillada, na temperatura do gêlo que se derrete. É a unidade dos pesos no systema metrico francez. *Kilogramma*, *decagramma*, *centigramma*, etc.

GRAMPO, s. m. instrumento de apertar os objectos de madeira por meio de rosca ou parafuso.

GRANDE, adj. do lat. *grandis*, *e*, (t. comp.) qualidade physica ou moral: —, alto, elevado, volumoso, estenso: —, eminente, notavel, importante, insigne. Em bellas artes, *grande* genero (o historico), *grande* machina, *grande* estylo, e tambem *grande* maneira. *Grande* machina é uma composição vasta, variada pelo numero das figuras, pelo effeito das massas e pela grandeza das suas dimensões. Taes são os tectos, os quadros de batalhas, de marchas triumphaes, etc., que ordinariamente são machinosos ou de *grande* machina. *Grande* genero se chama ao historico, porque é aquelle que demanda maior somma de estudos e de requisitos. *Grande* estylo é o que se approxima do sublime. V. *Estylo*.

GRANDE, s. m. *grande*, nas bellas artes é o que, nascendo do genero mais elevado, ou do *grande* genero, se distingue pela sciencia, vigor e facilidade da execução. *Grande* é o que, unindo a simplicidade á unidade do effeito, produz uma obra grande e magestosa, rejeitando a multiplicidade das partes, das acções, dos ornamentos, dos accessorios e de tudo que é contrario ao *grande*. *Grande* é o que respira simplicidade na composição, na distribuição, nas attitudes, nos movimentos, na expressão, no desenho, no colorido. *Grande*, finalmen-

te, é o patrimonio de alguns espiritos privilegiados, que, procurando o *grande*, o acham e o fazem apparecer tambem no pequeno, segundo o pensamento de Mengs.

GRANDIOSIDADE, s. f. o abstracto de grande, o genero grandioso, (p. us.) grandeza.

GRANDIOSO, A, adj. do lat. *grandis, de,* magnifico, magestoso, etc., qualidade que tem differente significação, do adj. *grande,* tomado na accepção physica, porque *grande* entende-se intrinsecamente pela quantidade, grandeza ou extensão do objecto, e *grandioso* é sempre tomado na linguagem das artes do desenho, na mesma significação do *grande,* considerado substantivamente. Assim na pintura, como na esculptura e na architectura é grandioso tudo o que é conforme á simplicidade, unidade e magestade de cada uma das producções d'estas artes. V. *Grande,* subs.

GRANIDO, A, p. p. de granir, e adj. feito ou desenhado a *granido,* sombra *granida* ou feita a pontos.

GRANIR, v. a. (des. e grav.) desenhar a pontos ou em pontos, fazendo desapparecer os traços nas partes sombreadas do desenho, ficando a ver-se só o *granido.* Este termo applica-se tambem á gravura feita a pontos ou pontilhada.

GRANITO, s. m. do it. *granito,* (hist. nat.) rocha massiça e crystallina, composta de feldspatho, de quartz e de mica, unidos entre si por massas granulosas, mais ou menos adherentes e de differentes côres variaveis. O *granito* é a mais antiga das rochas plutonicas, que occupa partes consideraveis de superficie do globo, e forma uma das fiadas mais importantes da sua crusta solida. Encontram-se massas immensas, e não em camadas, principalmente no Egypto, na Hespanha, na Italia, França, Inglaterra, Russia, Portugal e outros paizes.

Os *granitos* são excellentes pedras para construcção. Os antigos monumentos do Egypto são fabricados do granito das cataractas do Nilo. Em França, Allemanha, Suecia e outros paizes, principalmente em Inglaterra, ha estabelecimentos em que se cortam, polem e affeiçoam os granitos para differentes usos. D'elles se fazem columnas, pilastras, vasos, fontes, etc. Quem observar as numerosas construcções de Braga, Porto, Guimarães, Vizeu, etc., terá admirado as columnas, estatuas e outras magnificas decorações nos templos e nos palacios feitas do nosso granito. V. *Relatorio da exposição universal de Londres em 1862* por J. A. C. das Neves Cabral.

GRANJA, s. f. do lat. *granum,* fr. *grange,* it. *capanna,* ing. *a barn,* (archit.) edificio simples destinado a recolher o trigo e outros fructos: predio rustico que se cultiva para lucrar.

GRANJARIA, s. f. um ou mais predios rusticos que se grangeiam e se cultivam.

Os monges na edade media, principalmente desde o seculo XI, fabricaram grande numero de *granjas,* ou no recinto das abbadias, ou nos campos, como se póde ver na *Architectura monastica.* Ordinariamente tinham a fórma quadrilonga, e compunham-se de tres naves, separadas por duas ordens de pilares ou de postes, que sustentavam uma enorme cobertura. MM. Verdier e Cattois, na sua excellente obra de *L'architecture monastique ao moyen âge,* offerece entre outras a bella granja monumental da abbadia de Maubuisson, que pertence á primeira metade do seculo XIII. Modernamente a *granja* é uma construcção de alvenaria, ou de madeira, ou de taipa, quasi sempre de figura oblonga, com janellas ao norte e ao meio dia, em que se sacode o trigo e se atam os cereaes e as forragens, em que deve haver uma eira, um espaço reservado para metter as sacas depois da debulha, e um alpendre ou logar para trabalhar a coberto na descarga dos carros, etc. V. *Dictionn. raison.* de Viollet-le-Duc, tom. VI, pag. 43.

GRÃO ou GRAU, s. m. do lat. *gradus, ûs,* radical celt. *rad, red,* passo, graus, graduação: —, divisão de escala. Em geometria é a 360.ª parte da circumferencia de um circulo. O grau (°) se subdivide em 60 partes ou minutos (′), o minuto em 60 segundos (″), o segundo em 60 terços (‴), etc. Toda a circumferen-

cia do circulo, suppondo-a dividida em graus, designa-se a grandeza de um angulo pelo numero de graus e de subdivisões de graus que contém o arco que lhe serve de medida. Assim um angulo de 30 graus é um angulo que, collocado no centro de um circulo, intercepta entre seus lados um arco de 30 graus. Esta mesma palavra se emprega na astronomia e na geographia.

GRAPHICO, A, adj. do gr. *grapho*, escrever: applica-se a tudo que tem relação com a arte de representar os objectos por meio de linhas ou de figuras, e em geral ás artes do desenho, etc. Entende-se tambem em relação á arte de escrever, como por exemplo quando se diz *signaes graphicos* de uma lingua, em logar de dizer: os caracteres, a escriptura d'essa lingua. *Pedras graphicas* são as que apparecem escriptas ou gravadas. V. *Glyptica*. Em geometria chama-se *operações graphicas* ás operações que consistem em resolver os problemas por figuras geometricas, traçadas sobre papel. Estas operações, postoque não sejam rigorosamente exactas, dão comtudo a solução mais prompta, e ministram a primeira approximação em um grande numero de questões astronomicas, e ainda nos problemas de numeros.

«A faculdade *grafica* ou *delineação*», Mach. de C., *Discurs.*, p. 5.

GRAPHITE, s. m. (h. n.) mineral combustivel, cinzento, que serve para fazer lapis, etc.; ferro carbonado, a que vulgarmente se chama plombagina.

GRAPHO, s. m. do lat. *graphium*. Ovid., o estylo ou ponteiro com que os antigos escreviam em tábuas ordinariamente enceradas.

GRAPHOLITO, s. m. (h. n.) nome com que se designa algumas vezes o schisto ardosia, que se assenta nas paredes, tectos e outros logares, em laminas ou folhas.

GRAPHOMETRO, s. m. do gr. *graphó*, escrever, e *metron*, medida. Instrumento composto de um meio-circulo, dividido em 180 graus, com bussola, alidada e laminas, que serve para levantar planos, tomar angulos, distancias, alturas e alinhamentos.

GRAVADO, A, p. p. de gravar, e adj. aberto, esculpido com buril ou outro instrumento em chapa ou superficie de madeira, pedra, cobre ou aço.

GRAVADOR, s. m. do fr. *graveur*, lat. *cœlator, oris*, it. *intagliatore*, hesp. *grabador*, ing. *engraver*. O artista que sabe e professa a arte de gravura em talhe doce sobre cobre ou aço, ou em pedras finas, e em medalhas, ou em madeira, o qual, para gosar o bem estabelecido credito de artista, precisa ser um habil desenhador, conhecer e até praticar as artes da pintura, da esculptura e da architectura, não só pela intima relação que as bellas artes guardam entre si, mas porque, tendo de passar á gravura copiando os quadros, as estatuas e os edificios, necessita conhecer bem cada uma d'estas variadas especies de objectos para bem os entender, representar e gravar, devendo por consequencia possuir o conhecimento da historia da arte e dos differentes processos d'ella.

GRAVADURA. V. *Gravura*.

GRAVAR, v. a. do fr. *graver*, lat. *sculpere*, gr. *graphein*, it. *intagliare*, hesp. *grabar*, ing. *to engrave*, escrever: radical *hheir* mão, abrir ao buril, esculpir em chapa de metal, pedra ou madeira.

GRAVATURA. V. *Gravura*.

GRAVURA, s. f. do fr. *gravure*, arte, que formando uma das do desenho, consiste em traçar figuras ou desenhos sobre materias ou corpos duros, quasi sempre para serem reproduzidos pela impressão; e ás reproducções que d'ella resultam chama-se *estampas*. V. *Estampa*. As materias sobre que ordinariamente se grava em metaes (preferindo o cobre ao aço), são madeira, pedra, vidro, pedras finas. A respeito d'esta ultima especie de gravura. V. *Glyptica*.

Alem da *gravura propriamente dita*, que tem por principal objecto a reproducção das obras d'arte, taes como quadros, desenhos, estatuas, baixo-relevos, etc., ha a *gravura* de musica, a *gravura* de letras, a *gravura linear* para a architectura, e as figuras de mathematica e de physica; a *gravura* das cartas geographicas, a *gravura* de tinturaria, etc.

Considerada em relação aos processos empregados pelos gravadores,

distingue-se: 1.º, a *gravura em ôco ou de encavo*; 2.º, a *gravura em relevo;* 3.º, a *gravura em baixo-relevo.*

I *Gravura em ôco ou encavo.* Executa-se sobre metal ou sobre vidro, e comprehende muitos processos, a *gravura a buril,* a *gravura a agua forte,* etc.

1.º A *gravura a buril* ou a *talho doce,* executa-se com a *ponta secca* ou com o *buril.* A ponta secca é uma tira ou ponteiro de aço temperado, aguçado, redondo, de que se usa como de uma penna para cortar o metal só com a pressão da mão. O buril é tambem uma hastea de aço temperado, com 4 facetas em fórma quadrada ou em losanja, aguçado em bizel, e cortante n'um de seus angulos. A chapa que recebe os traços é de cobre ou de aço. O trabalho faz-se immediatamente sobre o metal nú.

2.º A *gravura a agua forte* opera-se tambem sobre a chapa de cobre bem lisa e polida. O gravador dá na chapa uma camada de verniz, e com um ponteiro de aço, traça o desenho com força, para que saíndo o verniz, se veja o cobre nos logares em que está o desenho, depois deita-lhe em cima agua forte, que não póde morder sobre o verniz, mas sim nos logares descobertos. Na *gravura sobre vidro,* usa-se do acido florhydrico, em logar de agua forte.

3.º Na *gravura á maneira negra,* ou *meia tinta,* os processos e os resultados são inversos dos dois methodos precedentes; porque em logar de preparar a chapa polindo-a, pelo contrario prepara-se de modo que apresente um fundo negro, e coberto de uma grã avelludada e igual, traçando sobre ella o desenho; depois, em vez de buril para formar os traços e as sombras, usa-se de um brunidor para tirar os objectos da obscuridade, distribuindo-lhe gradualmente, e pouco a pouco as luzes que lhe convêm.

4.º A gravura chamada a *pontelhé,* compõe-se de pontos dispostos por ordem, que se alcançam pela agua forte, dando depois o buril a massa e o desenvolvimento ás sombras e ás meias-tintas, etc.

5.º A *gravura a lapis ou a agua tinta,* é uma modificação da agua forte, em que se empregam diversos processos, sendo sempre a agua forte o principal agente, etc. A *gravura de côres,* é uma imitação dos desenhos coloridos a aguarella, e segue o mesmo processo que á gravura a agua tinta, com a differença de ser necessario para este fim, que se multipliquem as chapas, para que cada uma tenha uma côr.

II *Gravura em relevo,* que é a mais antiga de todas, exercita-se ordinariamente em madeira de buxo, e algumas vezes tambem em cobre ou aço, e póde ser de um só talho, traçando o artista o desenho á penna sobre a superficie de madeira bem preparada; e ha tambem a gravura em *muitos talhos* ou *claro escuro,* em *camafeu,* que só se differença da precedente em ser necessario fazer uso de muitas chapas para um desenho, quando se pretende reproduzil-o em diversas cores; e ha finalmente a gravura de *vinhetas* sobre cobre ou aço, que abrange a gravura de sellos, estampilhas, etc.

III Gravura em baixo relevo executada em pedras finas, que se denomina glyptica. V. este termo.

Attribue-se a invenção das estampas tiradas da gravura em metal a Marcos Fin guerra, ou antes ao acaso, porque este artifice florentino achou este segredo sem o procurar. V. *Estampa.*

A gravura a agua forte attribue-se a Mazzuoli, chamado o *Parmasão,* e os allemães a attribuem a Alberto Durer.

Póde ver-se o *Tratado de gravura a agua forte e ao buril* de Abraham Bossi (París, 1758). Delescamps (1836), e o *Traité complet de la gravure en tous genres,* na collecção de manuaes de Roret. V. *Dictionnaire* de Bouillet.

GRAXO, A, adj. do it. *grasso,* lat. *crassus, a, um,* crasso, gordo, grosso; oleo *graxo,* tem applicação na pintura, principalmente na de imagens de vulto. V. *Regraxar, Regraxo.*

GREDA, s. f. do lat. *creta, æ,* da ilha d'este nome, hoje Candia, onde ha abundancia de *greda,* — terra branda e macia, esbranquiçada, ou especie de calcareo tenro. V. *Calcareo.*

GREGA, s. (archit.) o ornamento

chato usado principalmente em frisos, composto de uma serie de linhas rectas e parallelas, entrelaçadas, formando differentes quadrados e outras fórmas regulares.

GREGO, A, s. e adj. do lat. *græcus, a, um,* a lingua, o costume, o estylo dos grègos.

GRÉS, s. m. do fr. e hesp. *grés,* lat. *silex,* it. *selce,* ing. *brown-freestone,* (archit.) rocha composta de pedra areienta, ou de saibro quartzoso, de que ha quatro especies differentes e de côres variadas. São uteis não só para edificar, mas para calçar as ruas e estradas, amolar ferramentas de aço, para rodas de moagem, para filtrar agua, etc. Manufacturam-se do *grés* telhas, canos e outros objectos.

GRIDELEM ou GRIDELIM, adj. dos 2 g., do fr. *gris do lin,* (pint.) objecto, corpo ou superficie que tem a côr do linho, que é *gridelem.*

GRIFO. V. *Grypho.*

GRILANDA, (ant.) s. f. do fr. *guirlande.* V. *Grinalda.*

GRILHAGEM, s. f. de grilhão, (archit.) cadeia grossa de anneis de metal, ou seja bronze ou ferro, com que se separam e fecham os terrenos e os jardins, e vedam as entradas e saídas de outros logares publicos ou particulares.

GRILHÃO, s. m. do gr. *gripos,* redes, laços, (archit.) haste de anneis ou cadeia mais ou menos grossa, que tem differentes applicações em architectura e nos usos domesticos.

GRIMPA, s. f. do fr. *grimper,* subir, ou do lat. *gyrare,* girar, volver, (archit.) chapa de metal com differentes fórmas, e ordinariamente com a figura de um gallo, flexa ou palma, que se colloca no mais alto de uma torre, ou no cume de um palacio, para se conhecer a direcção dos ventos. V. *Frecha.*

GRIMPAR, v. a. collocar no cume, elevar, pôr como grimpa.

GRINALDA, s. f. do it. *ghirlanda,* lat. *gyrus,* gyro, roda, da gr. *ghyfoi,* gyro, circulo, e *eilein,* cingir, (archit.) ornamento circular composto de flores, de fructos entrelaçados com fitas, de que se usa para decorar os frisos, e outros logares convenientes.

GRIS, adj. dos 2 g., do fr. *gris,* lat. *cinereus,* cinzento, (pint.) côr composta do branco e preto. D'esta côr se servem os artistas para pintar a claro-escuro varios ornamentos, baixos relevos e outras obras V. *Camafeu.*

GRISALHO, A, adj. (pint.) acinzentado, côr tirante a branco cinzento. Cabello *grisalho,* tunica *grisalha.*

GROSSURA, s. f. o abstracto de *grosso,* espessura, corpulencia.

GROTESCOS, AS, adj. V. *Grutescos, as.*

GROZA, s. f. do lat. *grosa,* (esculp.) instrumento de ferro e aço com fórma de faca em ambas as extremidades, direitas ou curvas, com as superficies asperas, de que usam os esculptores para gastar e empastar as superficies das suas obras, ou sejam de madeira ou de pedra.

GROZAR, v. a. gastar, empastar, igualar com groza.

GRUPAR, v. a. do fr. *gruper,* juntar, reunir com arte duas ou mais figuras, duas ou mais columnas, duas ou mais arvores ou diversos objectos de que resulte um todo agradavel. V. *Agrupar.*

GRUPO, s. m. do fr. *groupe,* lat. *globus,* it. *groppo,* ing. *group,* nó, montão, reunião de muitas cousas accumuladas, ou apinhadas, mas de sorte que produzam bom effeito.

Grupo de figuras, de animaes, de arvores, de flores, de fructos, de estatuas, do columnas, etc. Figuras *grupadas,* ou *agrupadas.* Póde haver muitos *grupos* n'um só quadro, ainda que Annibal Carrache queria que não passassem de tres.

Os *grupos,* diz du Fresnoy, devem ser separados uns dos outros, havendo entre elles algum vacuo para evitar a confusão.

Agglomerata simul sint membra, ipsæque figuræ.

Stipentur, circumque globos locus usque vocabit.

Ne malè dispersis dum visis ubique figuris.

Dividitur, cunctisque operis, fervente tumultu.

Partibus implicitis, crepitans confusio surgat.— De *Art. graph.*

GRUTA, s. f. lat. *grus architectonica,* fr. *grue,* hesp. *grua,* ing. *crane,* roldanada, guindaste.

GRUTA, s. f. do it. *grotta*, lat. *crypta*, gr. *kruptc*, fr. *grotte*, ing. *grotto*, logar subterraneo, (archit.) caverna entre montes e rochedos. As *grutas* artificiaes são edificios rusticos que se fazem nos jardins, imitando as *grutas* naturaes, em que apparecem crystaes, petrificações, coraes, escumas do mar, conchas, etc. Os italianos chamam *grutas* a algumas egrejas subterraneas, como a *gruta do Vaticano*. V. *Crypta*.

GRUTESCOS, s. m. pl. (pint. e esculp.) ornamentos imaginarios e caprichosos, misturados com pequenas figuras de homens e animaes, assim chamados, porque foram achadas estas sortes de pinturas nas grutas subterraneas de Roma por João de Udina, nas ruinas do palacio de Tito, que Rafael imitou nas lojas do Vaticano em Roma, e que Miguel Angelo esculpiu nos tectos do capitolio. Vitruvio chama *harpagenituli* aos repartimentos, folhagens e espiraes dos *grutescos*. Tambem se toma este termo como adj. dos 2 g. V. *Brutesco*.

GRYPHICO, A, adj. de fórma ou figura de grypho.

GRYPHO, s. m. do lat. *gryphus*, do gr. *gryps*, gen. *grypos*, especie de aguia, (archit.) animal fabuloso e mysterioso, com a parte superior de aguia, e a inferior de leão. Acha-se especialmente nos frisos de architectura antiga, como no templo de Antonino e Faustina, porque era consagrado ao sol, e os antigos acreditavam como guarda fiel de thesouros e cousas preciosas, motivo por que eram tambem considerados como velando na conservação das cinzas funerarias.

GUACHE, s. f. do it. *guazzo*, hesp. *guaza*, cousa aguada, (pint.) especie de pintura em que se empregam côres destemperadas em agua, misturadas com gomma, e reduzidas a corpo, usando d'ellas como na pintura a oleo, o que faz distinguir a *guache* da aguarella. A *guache* conserva o brilho e transparencia das côres, e por isso é muito applicavel á paizagem; o seu uso é muito antigo, e precedeu o da pintura a oleo. O mesmo fresco é uma especie de *guache*, se por elle se deve entender toda a pintura de côres destemperadas em agua. Todos os quadros anteriores ao seculo xv (diz um escriptor) poderiam chamar-se *guaches*, e debaixo d'esta denominação poderiam comprehender-se todas as especies de pintura, a tempera, a colla e a gomma, desde as decorações de theatro até ao retrato em miniatura. V. Catalogo da escola imperial do Rio de Janeiro, exposição de 1859, sala n.º 8. Desenhos *guaches*, pasteis e miniaturas, pag. 78.

GUARDA CHAPIM, s. m. (archit.) grade de madeira, ferro ou bronze que fecha o patim de uma escada.

GUARDA FOGO, s. m. (archit.) parede que se levanta entre dois predios para que o fogo se não communique quando se dê esse sinistro n'um d'elles. Tambem se toma por qualquer encosto, parapeito ou balaustrada collocada na extremidade de pontes, terraços e outros logares, para evitar o precipicio dos transeuntes. V. *Guardas das pontes*.

GUARDA PÓ, s. m. (archit.) sobrecéu ou fôrro de tábuas delgadas posto entre o telhado e o tecto das casas, para evitar a introducção do pó e da agua; sobre este fôrro se pregam as ripas ordinariamente com intervallos de 20 centimetros.

GUARDA RAIO, s. m. (archit.) conductor electrico, disposto de modo conveniente sobre um edificio, para o livrar dos estragos do raio, dirigindo-o para fóra do mesmo edificio.

GUARDAVENTO, s. m. (archit.) porta falsa ou anteparo de madeira, liso ou ornamentado, collocado interiormente diante das portas das egrejas e de outros logares, para resguardo das vistas e para tolher a corrente do ar.

GUARDAS DA FECHADURA, são as pequenas peças interiores da fechadura; a saber: a roda, o restolho, a cruzeta, onde entram as partes do palhetão da chave para com as molas abrir e fechar.

GUARDAS DA PONTE, s. f. pl. são os parapeitos ou peitoril, e as grades de ferro ou bronze que impedem de caírem os passageiros. V. *Cortina*.

GUARNECEDOR, s. m. o artifice que desenha, pinta ou modela guarnições ou ornatos.

GUARNECER, v. a. do fr. *garnir*, prover de ornatos, adornos e commodidades artificiaes uma casa, sala ou outro objecto: —, revestir e branquear as paredes de uma casa depois de haverem sido rebocadas.

GUARNECIMENTO, s. m. (ant.) ornamento, guarnição, adorno.

GUARNIÇÃO, s. f. de guarnecer, ornatos desenhados, pintados ou relevados; ornamentos de casas, de portas, janellas e chaminés.

GUARNIR e seus deriv. V. *Guarnecer, Guarnecimento*, etc.

GUÈCHE ou GUEICE, s. m. do arabe *gaice*, lodo, terra barrenta, adubos feitos com barro misturado com pequenos paus e palhas, (especie de taipa) de que usam na Asia e Africa para fazerem muros, casas, etc.

GUILHERME, s. m. do hesp. *guillame*, instrumento de carpinteiro similhante a uma plaina, que corta só pelo meio.

GUILLÓCHES, s. f. do fr. *guillochis*, (archit.) ornamento em fórma de fita, composto de duas linhas sempre parallelas, em todos os contornos, e entrelaçados algumas vezes enriquecido de rosas e florões, que se applica sobre as faces, plintos, platebandas e soffitos.

GUINCHO, s. m. machina para elevar pesos, de que devem estar providos os constructores e architectos, para com ella suspenderem, elevarem e collocarem a conveniente altura as suas obras nos edificios.

GUINDAR, v. a. do fr. *guinder*, elevar pesos por meio de uma machina chamada guindaste.

GUINDASTE, s. m. do lat. *grus architectonica*, fr. *chambran*, de guindar, engenho de levantar pesos, que se compõe de differentes peças.

GUINDASTE, s. m. do fr. *guindal*, lat. *tolleno*, it. *altanelo*, machina de levantar pesos; consta de uma roda debaixo de um bailéu, sustido por escoras de pião, sobre o qual anda a roda de uma roldana, chamada grua, por cima do bailéu, e que faz mover a aza ou véla latina.

GUIRLANDA, s. f. V. *Grinalda*.

GYMNASIO, s. m. do lat. *gymnasium*, gr. *gymnos*, nú, derivado de *gymnazo*, exercitar, e *gymnasion*, logar de exercicio, (archit.) edificio publico entre os gregos e romanos, em que os mancebos se exercitavam na luta, entrando nos combates nús, ou apenas meio vestidos com uma pequena tunica. Estes edificios eram construidos com magnificencia, e achavam-se n'elles todas as commodidades que se desejavam: casas cobertas, e outras expostas ao ar, columnatas, passeios arborisados, banhos, jogos, logares de conversação, etc. Vitruvio, que nos falla d'estes edificios, emprega em os descrever um capitulo inteiro da sua obra (vol. 2.º). Em França e n'outros paizes dá-se ainda hoje o nome de *gymnasio* aos estabelecimentos em que se exercita a gymnastica.

GYMNASTICA, s. f. arte que ensina os exercicios do corpo.

GYNECEU, s. m. do lat. *gynæceum*, gr. *gyné*, mulher, e *oikos*, casa. (archit.) Na Grecia era a parte do edificio reservada para habitação das mulheres. Postoque Vitruvio dê a entender que o *gyneceu* era situado na frente do edificio, é quasi certo que os seus apartamentos eram na parte superior, ou andar nobre, ou na parte mais interior, e resguardado do edificio, separado por corredores da habitação dos homens. V. *Dictionn. des antiq.* A. Rich.

GYPSO. V. *Gesso*.

GYRÃO, s. m. (braz.) «Cortando el-rei um gyrão do vestido.» *Nobiliarch. portug.*, p. 285. Escudo com gyroes. Aquelle que está dividido em seis, oito ou dez partes triangulares com as pontas unidas no centro do escudo.

H

HABITO, s. m. V. *Roupagem, Veste*.

HANGAR. V. *Angar*.

HARMONIA, s. f. do lat. *harmonia, æ*, gr. *harmos*, fr. *harmonie*, it. *armonie*, hesp. *harmonia*, ing. *harmony*, justa proporção, symetria, união, (t. comp.) termo derivado da musica, que se applica a todos os ramos das artes do desenho, para significar a união, o acordo, e as relações das partes com o seu todo. Assim dizemos: que um quadro tem *harmonia* de côres; que os grupos ou as

partes de uma composição guardam *harmonia* entre si; que se dá *harmonia* na distribuição das partes do edificio, nas massas, etc. V. *Acôrdo.*

«*Harmonia* do corpo humano entre suas partes». Vieira, p. 404.

«*Harmonia* de grupos.» Mach. de Cast., *Descrip. analyt.*, p. 8.

HARMONIZAR, v. a. pôr em harmonia, acordar, afinar.

HARPÃO ou HARPÉU, s. m. do lat. *retinacula ferrea*, gr. *harpazó*, agarrar, fr. e hesp. *harpon*, ing. a *harping-iron*, (archit.) banda de ferro chata, direita ou curva, que serve para ligar e prender as peças de um tabique, de um lanço de madeira, etc. Os antigos faziam os *harpéus* de cobre e calçavam-os com chumbo para ligar as pedras.

HASTE e HASTEA, s. f. do lat. *hastile*, fr. *hampe*, it. e hesp. *asta*, ing. *the stafty*, (archit.) bocado de pau redondo e comprido, que tem differentes usos na arte de edificar, e n'outras artes e gremios. V. *Cabo.*

HECTO, (prefixo grego, de *hekaton, cem)*, entra na nomenclatura dos novos pesos e medidas; ex. *hectolitro, hectogramma, hectare, cem litros, cem grammas, cem ares.*

HECTÓMETRO, s. m. cem metros, medida linear franceza igual a 307 pés, 10 pollegadas e $1\frac{1}{2}$ linha.

HECTOMPEDON, s. m. (archit.) templo de cem pés: tal era o de Minerva, em Athenas, que tinha ao justo 100 pés gregos.

HÉLIA, s. m. (anat.) contorno exterior circular da orelha do homem.

HELICE, s. f. do lat. deriv. do gr. *helix*, spiral, (archit.) pequenas volutas ou caulicolos, que entram na composição do capitel corinthio, a que chamam orelhas. V. *Linha helice, Escada em helice.*

HELICIANO, A, adj. que tem relação com o contorno exterior da orelha humana.

HEMICICLO ou HEMICYCLO, s. m. do gr. *hémi*, ametade, e *kiklos*, circulo, semicirculo, (archit.) traçado de um arco, ou de uma abobada, formada por um semicirculo perfeito, que se divide em tantas partes iguaes, quantas são as em que se pretende repartir a abobada, advertindo que a chave que serve para a fechar, deve ser de uma só pedra collocada ao meio. Tambem se applica o nome de *hemicyclo* em geral a qualquer amphitheatro que tiver a figura de semicirculo.

HEMICYLINDRO, s. m. meio cylindro, columna verticalmente cortada pelo meio do seu comprimento.

HEMISPHERIO, s. m. do gr. *hemi*, ametade, e *sphœra*, esphera, ametade de um globo, cortado por um plano que passa pelo centro.

HENDECAGONO, s. m. (geom.) do gr. *hendéka*, onze, é o polygono composto de onze lados e de onze angulos.

HEPTAGONO, s. m. (geom.) do gr. *hepta*, sete, e *gonia*, angulo, é o polygono composto de sete lados e de sete angulos. V. *Polygono.*

HERALDICO, A, adj. pertencente a armas e brazões. *Arte heraldica*, a sciencia dos brazões. Columna *heraldica.* V. *Columna.*

HERMA ou HERMES, s. f. do gr. *erein*, fallar, (esculp. e arch.) os gregos deram este nome a Mercurio, por ser o mensageiro ou interprete dos deuses; chamaram tambem *herma* ou *hermes* ás cabeças ou bustos de Mercurio, ou de outras divindades ou homens notaveis, sobrepostos em pedestaes ou pyramides reversas, e que foram reproduzidos não só em marmore, mas tambem em bronze e pedra, e applicados a differentes usos. Havia tambem *hermes* duplicadas ou com duas cabeças, e depois, mudando de fórmas, fizeram algumas com braços e tronco até á cintura, como se póde ver em algumas medalhas e pedras antigas que representam a estatua de Pallas.

Os antigos collocavam as *hermes* nos templos, nos gymnasios, nos jardins, nos circos, nas encruzilhadas. As que serviam como de marcos nos caminhos e estradas não tinham algumas vezes mais do que a fórma quadrangular terminada em pinha, sem cabeça na parte superior. O uso das *hermes* era principalmente adoptado em Athenas mais do que n'outras cidades, porque não só as pessoas particulares as collocavam ás portas das suas casas, mas o povo enchia com ellas as praças e os porticos, para immortalisar por esses monumentos os cidadãos benemeritos,

que se haviam distinguido nas armas, nas letras ou na gerencia e governo da republica. Chegou mesmo a haver em Athenas uma rua chamada *rua das hermes,* pelo grande numero de *hermes* com que era ornada. Os romanos, seguindo o exemplo dos gregos, decoraram de estatuas, principalmente de *hermes,* os tumulos, os palacios, as casas de campo, e outros logares publicos e particulares. A *hermes* duplicada, ou de duas caras, achada n'uma excavação em Roma, no anno de 1742, servia naturalmente de decoração n'alguma bibliotheca ou no gabinete de algum sabio. A rasão das duas cabeças n'um só busto parece achar-se na união e similhança de sentimentos de duas personagens, como se observa nas estatuas que têem a cabeça de Socrates e a de Alcibiades.

HERMAPHRODITO, A, adj. ou s. dos 2 g., a estatua que se representa com os caracteres e orgãos do sexo masculino e feminino.

HERMATHENA ou HERMETHENA, s. f. a união das duas cabeças ou attributos de Mercurio e de Minerva. Herme, Athenas (ant.).

HERMETAS, s. f. (archit.) columnas altissimas em que Hermes ou Mercurio Trismegisto, que vale o mesmo que tres vezes maximo, porque foi juntamente rei, sacerdote e sabio, etc., escreveu ou gravou muitos mysterios da divindade que aprendêra, usando de hieroglyphicos em logar de letras. A estas columnas ou padrões chamaram depois *hermetas,* e d'ellas vieram a aprender Pythagoras, Platão e Eudoxo, que peregrinaram n'aquellas partes (do Egypto), d'onde se recolheram a illustrar a Grecia. Bernardes, *Nov. Flor.,* t. II, p. 90.

HERMITAGEM ou HERMITAGIO, s. f. do lat. *eremus,* fr. e ing. *hermitage,* it. *eremo,* hesp. *hermita,* deserto, (archit.) toma-se por uma habitação com capella ou oratorio e jardim, edificada em logar solitario, longe do povoado, em que vive um ou mais hermitas, entregues aos exercicios da oração e da penitencia. Tambem se dá o nome de *hermitagem* a uma casa de campo, situada longe da cidade e no fundo de um parque, cercada de arvores e de flores, com todas as commodidades proprias para passar uma vida campestre, retirada dos cuidados e do bulicio das cidades. Na epocha em que se introduziu a moda dos parques agrestes ou jardins inglezes, uma cella de hermitagem e sua capella entraram como objecto obrigado na construcção das fabricas rusticas de que se compunham esses jardins.

HEXAÉDRO, s. m. (geom.) do gr. *hex,* seis, e *hedra,* base, isto é, que tem seis lados.

HEXAGONO, A, adj. (geom.) do gr. *hex,* seis, e *gonia,* angulo, polygono que tem seis angulos e seis lados. V. *Polygono.*

HEXASTYLO, s. m. do gr. *hex,* seis, estylos, columna, (archit.) Diz-se de um templo ou portico que tem seis columnas de frente, como é o portico do theatro de D. Maria II.

HIEROGLYPHICA, s. f. (archit. e esculp.) arte de traçar hieroglyphos.

HIEROGLYPHICO, A, adj. relativo aos hieroglyphos.

HIEROGLYPHO, s. m. do gr. *hieros,* sagrado, e *glypho,* esculpir, (archit. e esculp.) figura ou symbolo mysterioso, expresso pela representação da figura humana, de animaes, e de alguns caracteres escriptos, de que se serviam os egypcios, para encobrir todos os segredos da sua theologia e philosophia: *hieroglyphos* que elles gravavam e esculpiam nas abobadas, nas paredes, nas columnas dos seus templos e nos seus monumentos e obeliscos publicos.

HIPPÓDROMO, s. m. do gr. *hippo,* cavallo, e *dromos,* corrida, (archit.) praça oblonga em fórma circular pelos lados, e cercada de porticos e columnatas, em que se faziam corridas e exercicios a cavallo, entre os gregos e romanos. Havia differença entre o *hippódromo* grego e romano; porque este consistia n'um espaço de terreno em um jardim ou cidade, plantado de arvores, com diversas avenidas, e destinado aos exercicios equestres: e o grego era uma *arena para as carreiras* de cavallos e carros, por opposição ao *estadio,* que era destinado á carreira a pé. Muitas vezes juntavam aos gymnasios os hippódromos d'este genero,

em que os mancebos gregos aprendiam a arte de equitação; mas o verdadeiro hippódromo grego, em que se faziam as carreiras publicas, correspondia mais ao circo romano, aindaque tinham algumas notas de differença, principalmente na disposição dos assentos para os cavallos e os carros. V. *Dicc. des antiq. rom. e gr.*, A. Rich., p. 319.

HISTORIA, s. f. (do gr. *historia*, que vem de *histor*, sabio, perito) narração escripta de successos civis, militares, ecclesiasticos, artisticos, etc. Se a historia, no entender de Cicero, é como testemunho dos tempos, luz da verdade, vida da memoria, mestra da vida, e mensageira da antiguidade, todo o artista que aspira a merecer este nome, a deve estudar e saber, não só a historia geral, que se divide em differentes partes, mas a particular e domestica do seu paiz, e a especial das bellas artes.

A *historia* forma o primeiro ou o grande genero da pintura, que é entre todos o mais vasto e difficil. V. *Pintor de historia.*

HISTORIADO, A, p. p. de historiar, e adj. narrado ou descripto por historiador. Painel *historiado*, ou que representa successo historico, em que entram figuras humanas, etc.

HISTORIADOR, v. a. escrever ou narrar successos politicos, civis, militares, etc. *Historiar um painel*, ou quadro, i. e. representál-o com as figuras verdadeiras e expressivas, trajadas conforme o costume da epocha em que se deu o successo, e com a architectura, ornamentos e mais accessorios que lhe pertencem.

HISTORICO, A, adj. que é conforme ou relativo á historia, ou segundo as suas regras. Assim diz-se compendio *historico*, desenho, pintura, gravura *historica*, quando estas artes narram ou representam os successos, segundo a historia, e n'ella intervem figuras humanas e seus accessorios.

HODÓMETRO, s. m. do gr. *hodos*, caminho, e *metron*, medida, (archit.) nome do instrumento de medir o caminho decorrido, ou os passos que se têem dado.

HOLÓMETRO, s. m. do gr. *holos*, todo, e *metron*, medida, (archit.) instrumento com que se toma todo o genero de alturas.

HOMBRAL ou HOMBREIRA, s. f. do lat. *humerus*, hombro, (archit.) *hombreiras* de porta, são duas pedras compridas, quasi sempre de fórma quadrada, que postas perpendicularmente sustentam a verga, ou saimeis da porta ou portal.

HOMEM, s. m. do lat. *homo*, de *humus*, terra de que foi formado, gr. *homos*, fr. *homme*, it. *uomo*, hesp. *hombre*, ing. *a man;* individuo masculino da especie humana, composto de corpo e alma: (des., pint. e esculp.) O *homem*, a quem Aristoteles chama mundo pequeno *(microcosmos)*, é a obra mais perfeita e completa que saíu das mãos do Creador. O *corpo*, que forma um genero unico na ordem dos bimanos da classe dos mammiferos, é de uma organisação tão singular e complicada, que o estudo da sua estructura tem occupado, e occupa ainda, os homens mais abalisados nas sciencias naturaes e philosophicas: a *alma*, que o anima e vivifica, creada á imagem e similhança de Deus, é uma substancia delicadissima, nobre, immortal e eterna como Deus. É por isso a imitação do *homem* um dos objectos mais difficeis e complexos. Ella demanda um estudo profundo e dilatado sobre a sua natural organisação, e por consequencia torna-se essencial o conhecimento da anatomia e da physiologia, a par do da geometria; porque sem entender a rasão das fórmas e das proporções do corpo humano, impossivel é imitar bem a figura humana, ou seja em desenho, em pintura ou em esculptura. (V. *Anatomia, Proporções.)*

Leonardo de Vinci judiciosamente diz «que o pintor deve observar sempre duas cousas muito principaes, que são o *homem* e o pensamento do *homem*. Não basta, pois, que elle observe e conheça o homem physico, e o saiba bem entender, desenhar, pintar ou modelar, é tambem de summa necessidade que elle conheça o homem moral, porque sem este conhecimento não poderá exprimir as paixões, os affectos e os sentimentos que o dominam, e que devem manifestar, quanto possivel, o seu pensamento.» Portanto, se é difficil e muito difficil a

configuração do *homem*, muito mais o é representál-o como fallando e exprimindo suas idéas e pensamentos aos espectadores que o observam. Não se póde de certo conseguir este *desideratum* sem um estudo constante dos effeitos quasi infinitos que actuam no semblante, nas extremidades, e n'outras partes do corpo. A expressão da arte, diz um auctor grave, é uma imitação do estado activo e passivo da nossa alma e do nosso corpo, de nossas paixões e de nossos sentimentos, que encerra no sentido mais extenso a acção e a disposição do corpo; mas no sentido mais restricto, a significação d'esta palavra *(expressão)* parece limitar-se a esses caracteres formados pelos ares de cabeças e pelos traços da physionomia. (V. *Expressão, Esthetica.)*

HORIZONTAL, adj. dos 2 g., do lat. *horizontalis, e;* diz-se de tudo que é de nivel, que está parallelo á linha ou plano do horizonte. V. *Linhas horizontaes.*

HORIZONTE ou HORISONTE, s. m. do lat. e gr. *horizon*, que termina ou acaba: circulo da esphera que separa a parte visivel da que o não é; ou termo em que pára a vista do espectador, e onde parece unir-se o céu com a terra; a que tambem se chama *horizonte sensivel* ou *visivel* (pint.). É na linha *horizontal* ou do horizonte que o pintor estabelece o *ponto de vista*, que póde ser mais alto ou mais baixo, segundo a natureza do objecto, e conveniencias da composição. V. *Composição, Perspectiva.*

HOSPEDARIA, s. f. do lat. *diversorium*, fr. *hotellerie*, it. *osteria*, hesp. *osteleria*, ing. *an inn*, (archit.) casa grande, bem situada, composta de camaras, salas, corredores, cozinhas, casas de jantar, aparadores, armazens, cocheiras e outros commodos, com os competentes moveis para receber, accommodar e sustentar por preço convencionado os viajantes ou quaesquer pessoas que se detêem no logar em que é situada.

HOSPICIO, s. m. do lat. *hospitium, ii*, domicilio hospitaleiro (archit.) Toma-se na sua origem por uma pequena casa religiosa estabelecida para receber peregrinos em viagem. Hoje tem uma accepção mais lata, entendendo-se por elle qualquer casa, ordinariamente construida com simplicidade em fórma de galeria, para n'elle se receberem, não só os viandantes, mas ainda pessoas pobres e doentes. V. *Hospital.*

HOSPITAL, s. m. do lat. *hospitale*, fr. *hôpital*, it. *ospitala*, ing. *an hospital*, (archit.) casa ou edificio com as necessarias commodidades para tratar doentes pobres. A construcção dos *hospitaes* deve merecer ao architecto um estudo muito especial e reflectido, para que tenha todas as condições necessarias, e satisfaça a todas as conveniencias de um tal estabelecimento.

1.ª Deve ser situado em terreno secco e arejado, participando do norte e leste, não longe das grandes povoações, mas quanto possivel seggregado d'ellas.

2.ª A fórma do edificio póde ser parallelipipeda, ou ainda circular, segundo as circumstancias o exigirem, não tendo mais que dois andares, alem do rez do chão.

3.ª A ventilação deve ser cuidadosamente estabelecida, os canos de despejo bem construidos e de facil vasão.

4.ª As officinas, e principalmente as cozinhas e a pharmacia, devem ser commodamente estabelecidas, para facilidade do serviço; finalmente, deve o architecto que se encarregar do edificio ler e estudar o que a tal respeito se tem escripto e desenhado, principalmente desde o meiado do seculo XVIII. Póde consultar os obras de Chirol, Grosser, Mongez e outros.

HUMO ou HUMUS, s. f. do lat. *humus*, terra: camada de terra fertil que cobre todos os logares do globo, de que se nutrem os vegetaes. É materia de côr escura, fina, e nasce da decomposição dos vegetaes e dos animaes; tem muita applicação nas artes.

HYACINTHO, s. m. V. *Jacintho.*

HYALOGRAPHIA, s. f. arte de fazer uso do hyalographo: —, pintura feita por meio ou através de um vidro, ou com o hyalographo.

HYALOGRAPHO, s. m. do gr. *hyalos*, vidro, e *graphó*, descrevo: instrumento que serve para desenhar

a perspectiva, e para tirar as provas de um desenho.

HYDRAULICA, s. f. do gr. *hydor*, agua, e *aulos*, cano; parte da mathematica que ensina a encanar, levantar, dirigir e conter as aguas para differentes fins. Hoje chama-se *architectura hydraulica* a que se encarrega de construir portos, pontes, diques, canaes de navegação, etc. Podem consultar-se sobre esta sciencia: *L'Architecture hydraulique*, de Belidoro (1735); a *Nouvelle architecture hydraulique*, de Prony (1796); e a *Hydraulique à l'usage des ingénieurs*, de Aubuisson de Voisins (1840).

HYDRAULICO, A, s. m. e f. pessoa perita na hydraulica, engenheiro hydraulico.

HYDROARGAMASSA, s. f. argamassa composta de materiaes proprios para endurecerem e adherirem promptamente debaixo de agua.

HYDRODYNAMICA, s. f. *hydro*, pref. e *dynamica*, força, parte da mechanica que ensina a calcular as forças que determinam o movimento dos fluidos, e de fixar as leis do equilibrio e da pressão que os regem; chama-se hydraulica á applicação d'esta sciencia.

HYDROMETRIA, s. f. *hydro*, pref., e *metria*, medida, (phys.) arte de conhecer as propriedades physicas dos fluidos.

HYDROMETRO, s. m. instrumento para determinar o peso, a densidade da agua e de outros fluidos.

HYDROSTATICA, s. f. *hydro*, pref., e *statica*, conter, parte da mechanica que trata do equilibrio dos liquidos e dos gazes, que tem estreita relação com a hydrodynamica e com a hydraulica. A *hydrostatica*, fundada por Archimedes, adiantada por Stévin Pascal, Torricelli e Mariotti, foi muito aperfeiçoada por Newton, de Alembert, Clairaut e outros.

HYPERBOLE, s. m. em geometria é a superficie plana limitada por uma curva procedente de uma secção feita na pyramide conica, que fica parallela ao seu eixo. Em rhetorica é uma figura que serve para exagerar as cousas.

HYPERTHYRO, s. m. do gr. *hyperthyron*, (archit.) membro ou parte de ornamento, contendo um friso e uma cornija, sustentado por duas misulas, collocadas na parte superior da verga da porta nos templos e n'outros edificios grandes. Vitr. l. IV, 6, 4.

HYPETHRO, A, adj. (archit.) chamam tambem os architectos *hypethro* ou *hypethra* ás janellas collocadas sobre as portas principaes de um templo, como a que serve no Pantheon em Roma. Vitr. l. IV, 6, 1.

HYPETHRO, s. m. do gr. *hypaithros*, de *hypo*, debaixo, e *aithra*, ar, (archit.) templos ou edificios descobertos ou sem tecto. Os templos gregos só recebiam luz das portas, e para os tornar claros eram edificados a descoberto. Os edificios *hypetros* eram em geral os mais importantes e magnificos, mas a difficuldade de collocar um tecto sobre uma grande superficie motivou em parte esta disposição. O grande templo de Pestum offerece-nos ainda hoje um exemplo d'essa pratica dos antigos. Não havia comtudo exemplo similhante em Roma, quando Vitruvio escrevia. Vitr. l. III, 2.

HYPOCAUSTO, s. m. do gr. *hypo*, debaixo, e *kaió*, queimar, (archit.) fornos subterraneos em que se aquecia a agua de banhos ou estufas.

HYPOGÊO, s. m. do gr. *hypo*, de baixo, e *gê*, terra, (archit.) logares subterraneos mais ou menos decorados, em que se depositavam os mortos. Os egypcios que n'esta parte foram sem duvida os mais cuidadosos, ainda conservam suas mumias nos *hypogêos* de Thebas. Os gregos e romanos tambem os adoptaram.

HYPOTHENUSA, s. f. *hypo*, pref. e *teinó*, estender, (geom.) lado opposto ao angulo recto em um triangulo rectangulo. A *hypothenusa*, pois, é o maior dos lados de um triangulo rectangulo. O quadrado formado sobre a *hypothenusa* é igual á somma dos quadrados construidos sobre os dois outros lados. Diz-se que Pythagoras fôra o inventor d'este bello theorema.

HYPOTRACHELION, s. m. (archit.) é, segundo Vitruvio, o ponto de juncção do fuste da columna com o capitel, a que nós chamâmos friso do capitel, gola, garganta, colar, etc. V. este termo.

HYPSOMETRIA, s. f. do lat. *hypsometria,* arte de medir a altura de um logar, ou solo terrestre por nivelamentos, observações barometricas ou operações trigonometricas.

I

ICASTICO, A, adj. do gr. *eikon,* figura, que pinta com as palavras as imagens e os objectos: expressivo, imaginoso, pittoresco.

ICHNOGRAPHIA, s. f. do gr. *ikhnos,* traço, e *graphô,* escrever ou delinear, (archit.) plano geometrico ou planta horizontal de um edificio ou de uma fortaleza, etc.

ICHNOGRAPHICO, A, adj. traçado ou feito no estylo da *Ichnographia.*

ICONICO, A, adj. do lat. *icon,* gr. *eikôn,* imagem, (pint. e esculp.) retrato ao vivo, ou estatua feita ao natural. «Chamo *iconicas* imagens, porque era costume na cidade de Olimpia, d'onde se disseram jogos olimpicos, que aquelles que venciam tres vezes, lhes faziam retratos do tamanho do seu corpo e muito ao natural, a estas chamam *iconicas*», etc. «Para fazer o retrato bem ao vivo, e *iconico*». F. Nunes, *Art. de pint.,* f. 40, 110, ult. edic.

ICONISTA, s. m. (pint. e esculp.) artista que executa retratos em vulto e imagens.

ICONOCLASTAS ou ICONÓMACHOS, s. m. pl. *destruidores de imagens,* seita heretica.

ICONOGRAPHIA, s. f. do gr. *eikôn,* imagem, e *graphôn,* suff.: descripção de imagens, estatuas, pinturas, medalhas, e mais particularmente das obras e fragmentos notaveis de esculptura antiga. Depois do seculo XIII cultivou-se muito esta sciencia, e escreveram-se memorias e investigações muito importantes sobre este assumpto, de que apontâmos as principaes: *Illustrium imagines,* de Fulvio Orsini, Roma, 1569; *Veterum illustrium imagines,* de Bellorio, Roma, 1685; *Iconographia grega,* de Visconti, 3 vol.; *L'iconographie des contemporains,* de Delpech, Paris, 1824, in fol., etc.

ICONOGRAPHICO, A, adj. que tem relação com a iconographia.

ICONOLOGIA, s. f. do gr. *eikon,* imagem, e *logos,* discurso. (pint. e esculp.) É a linguagem das imagens, ou a significação das figuras allegoricas e seus emblemas, ou mais claro: é a arte de representar as imagens dos deuses da gentilidade, dos homens, das virtudes, dos vicios, das paixões, das cidades, reinos e imperios; das sciencias, das artes, etc., por meio de figuras, emblemas e attributos que os distinguam, não omittindo a expressão dos sentimentos que deve sobretudo traduzir-se bem claramente nas figuras iconologicas. Podem consultar-se a *Iconologia,* de Cesar Ripa (1764); a *Iconologia,* de Cochin (1796); a *Iconologie historique,* de Ch. Delafosse, Paris, 1768.

ICONOLOGICO, A, adj. representado por symbolos; symbolisado, expressado por figuras symbolicas.

ICONOLOGICO, s. m. o que pinta ou representa entes moraes por meio de fórmas sensiveis e allegoricas.

ICONÓPHILO, A, s. do gr. *eikon,* e *philos,* amigo: pessoa curiosa e amadora de imagens; intelligente e estudiosa de quadros, estatuas, estampas, etc.

ICOSAEDRO, s. m. do gr. *eikosi,* vinte, e *hedra,* base, (geom.) polyedro regular, de vinte faces, ou de vinte triangulos equilateros e iguaes.

IDEA, s. f. do lat. e gr. *idea,* de *eidô,* vêr, fr. *idée,* it., hesp. e ing. *to idea:* em rigoroso sentido philosophico quer dizer *simples representação de alguma cousa no espirito,* a noção que o espirito forma d'essa *cousa.* Em sentido mais lato e artistico quer dizer modelo, desenho, *pensamento,* projecto de uma obra d'arte, ou esta seja apenas imaginada e concebida no espirito, ou esteja delineada sobre papel ou representada em vulto. N'este sentido dizemos *idéa* da composição de um quadro, de uma estatua, de um baixo-relevo, de um edificio, monumento, etc.

«Forma o pintor *idéa.*» Vieira, tom. 1, p. 390.

Scamozzi escreveu sobre architectura uma obra que intitulou: *Idéa da architectura universal,* dividida em dez livros in fol.

IDEAL, adj. dos 2 g. Imaginario, produzido por effeito de um complexo de idéas, cujo typo bello e perfeito existe em a natureza, e, segundo este, o artista cria uma obra d'arte. V. *Bello-ideal.*

IDEALISMO, s. m. systema dos philosophos que negam a realidade dos objectos das idéas geraes; opposto ao realismo ou systema dos philosophos, que querem que os objectos d'estas idéas existam realmente com uma realidade independente de nossas concepções. Aos que seguem o primeiro systema chamam *idealistas* ou *nominalistas;* aos que seguem o segundo *realistas.*

Em bellas artes ha tambem dois systemas que dividem os artistas: os que adoptam seguir a arte conforme ao seu modo de ver e de sentir, ou *subjectivamente,* chamam-se *idealistas;* os que adoptam seguir a arte, segundo a verdade da natureza, ou *objectivamente,* chamam-se *realistas.*

IDEAR, v. a. Imaginar, projectar, traçar, desenhar, compor. «O livro que tenho ideado», Vieira, tom. 1, *Epist. ao leitor,* fol. 5.

IDEOGRAPHIA, s. f. do gr. *idéa,* e *graphô,* escrever, expressão do pensamento por meio de imagens desenhadas, pintadas ou esculpidas, ou tambem por uma inducção ou metaphora. Por meio da *ideologia* exprime-se a linguagem simples ou symbolica. Assim desenhando um gallo, ou o podemos considerar como tal simplesmente, ou como emblema da vigilancia, symbolicamente. Os egypcios em parte usaram d'estes signaes symbolicos nos seus hieroglyphos. V. *Hieroglypho.*

IDEOGRAPHICO, A, adj. que exprime e representa uma idéa. As cifras são nas sciencias exactas signaes *ideographicos.*

IGREJA. V. *Egreja.*

IGUALAMENTO ou IGUALAÇÃO, s. m. ou f. a acção de igualar.

IGUALAR, v. a. fazer igual, emparelhar as tintas, emparelhar os objectos, as massas na composição, aplanar, nivelar o terreno, o solo, o pavimento da casa, do edificio, etc. V. *Balançar.*

ILLUCIDAÇÃO. V. *Elucidação* e seus deriv.

ILLUMINAÇÃO, s. f. do lat. *illuminatio, onis,* effusão da luz do sol ou da chamma, (pint.) especie de pintura de côres representando pequenas figuras, flores e ornamentos, feitos em pergaminho, a modo de miniatura, com que se vêem enfeitados os livros e manuscriptos da edade media. Nos tempos modernos entende-se pelas côres desfeitas, a agua e a gomma com que se illuminam as estampas e cartas geographicas.

Severim de Faria (nota) diz: as *illuminações,* por pinturas de *illuminação.*

Fr. Bernardo de Brito... faz menção do seu retrato de *illuminação* antiga, etc. Taborda, *Arte de pint.,* p. 143.

ILLUMINADOR, s. m. (pint.) As obras primorosas illuminadas em pergaminho que existem em algumas biblias e outros manuscriptos antigos, não podem deixar de merecer a seus auctores o justo titulo de artistas *illuminadores,* como o foi em Portugal o nosso Francisco de Hollanda. As estampas ou lithographias illuminadas podem sel-o por um simples artifice.

ILLUMINAR, v. a. do lat. *illumino, as, are,* espalhar, dar luz, (pint.) fazer pinturas de illuminação, pôr as côres nas estampas, pôr illuminações, illuminar retratos, lithographias, mappas, etc.

ILLUMINURA, s. f. do fr. *enluminure,* (pint.) acção ou exercicio de colorir, ou miniar figuras e ornatos sobre marfim ou pergaminho com tintas a agua ou a gomma: *Illuminação.*

ILLUSÃO, s. f. do lat. *illusio, onis,* engano dos sentidos e da mente. As artes de imitação podem, em certos casos e circumstancias, produzir uma *illusão* completa; e é muitas vezes conveniente, e até necessario que a produzam, e causem surpreza aos expectadores, como se observa em pintura de fructos, flores, ornamentos e architectura tão bem representados e relevados, que parecem verdadeiros, assim nas côres como nas fórmas; mas é certo que o fim principal das mesmas artes é imitar a verdade, e não fazer a verdade; imital-a na sua natural simplicidade e magestade de um modo tal que instrua, deleite e

chame suavemente a attenção dos expectadores, sem que esta imitação chegue a uma completa illusão.

ILLUSTRAÇÕES, s. f. do lat. *illustratio, onis,* dar luz, esclarecimento, etc., (grav.) ornamentos coloridos dos manuscriptos antigos, quasi illuminações. Presentemente usa-se do termo *Illustrações,* para designar os desenhos de figuras ou ornatos gravados em madeira para instruir e illustrar o texto de obras litterarias ou de jornaes, intercalando esses desenhos nos mesmos textos.

IMAGEM, s. f. do lat. *imago, inis,* de *imitari,* imitar, gr. *mimeomai,* contrafazer, imitar: o hellenista Morin diz que este nome deriva do grego *ekmagheion,* simulacro de barro, de *ek,* e *massó,* amasssar, por terem sido feitos os primeiros simulacros de barro amassado, (pint., esculp. e grav.) figura, representação, similhança, ordinariamente de fórma humana, desenhada, pintada, esculpida, gravada ou fundida em metal.

«*Imagens* fundidas em metal, esculpidas em pedra, entalhadas em madeira ou tecidas em tapizes.» Vieira.

Por *imagem* entende-se commummente alguma figura ou objecto do culto. Os povos antigos mais ou menos civilisados todos tinham imagens dos seus deuses, a quem adoravam, exceptuando os mahometanos, e modernamente os protestantes, que proscreveram o seu culto. A Egreja catholica romana o tem sempre conservado, dando ás *imagens* o culto que lhes é devido, honrando-as e venerando-as de modo que a adoração d'ellas se refira aos seus originaes.

Os antigos, e principalmente os romanos, chamavam *imagens* aos retratos ou bustos de seus paes e maiores *(Imagines majorum)* que estimavam e tratavam com a maior veneração. Estes retratos eram de ordinario mascaras de cera, que reproduziam as feições dos defuntos, e que eram conservados por seus descendentes em caixas ou armarios collocados em volta do atrio de suas casas. Liv. III, 58, Suet., *Vesp.* 1.

Imagens chama-se as figuras do culto catholico, ou sejam em vulto ou mesmo em estampa; e ainda se dá o mesmo nome aos pequenos registos. Tambem o dão aos bustos de retratos feitos em cunhos. V. *Effigie.*

Em physica chama-se *imagem* á representação de um corpo, produzido pela reunião das faces luminosas emanadas d'esse corpo, e reflectidas ou refractadas por elle.

IMAGINAÇÃO, s. f. do lat. *imaginatio, onis,* fr. e ing. *imagination,* it. *immaginazione,* hesp. *imaginacion,* phantasia, faculdade que desperta na mente idéas acompanhadas de imagens e objectos mais ou menos vivos. Quando a *imaginação* é viva ou activa e ao mesmo tempo acompanhada de memoria feliz e de juizo são, cultivado pelo estudo e pelo gosto, póde e deve esperar-se que o artista dotado de tal *imaginação,* produza obras de genio que o acreditem. D'aqui vem o dizer-se que uma obra é rica de *imaginação,* que o artista deu prova de uma *imaginação* fecunda, quando a composição, a disposição, a expressão e as mais circumstancias de uma obra de arte manifestam essa *imaginação* viva, forte, discreta, como a teve Rafael, Miguel Angelo e outros. Pelo contrario diz-se obra pobre de *imaginação,* quando lhe faltam aquelles predicados que a constituem merecedora de louvor e acceitação.

IMAGINADOR, ORA, s. do lat. *imaginator,* o que ou a que concebe na phantasia, desenha na mente ou projecta imagens.

IMAGINAR, v. a. do lat. *imagino, are,* de *imago, inis,* imagem, phantasiar, afigurar na mente, idear, desenhar, projectar qualquer obra de arte.

IMAGINARIA, s. f. (esculp.) arte de fazer imagens em barro, cera, madeira, pedra e metaes (p. us.).

IMAGINARIO, s. m. esculptor que modela, esculpe e executa imagens (p. us.).

IMAGINATIVA, s. f. V. *Imaginação.*

IMBOCO. V. *Emboço* e *Esboço.*

IMITAÇÃO, s. f. do lat. *imitatio, onis,* o acto de imitar ou assimilhar uma cousa com outra, (t. comp.) em bellas artes entende-se pela reproducção das apparencias de um ser real, por meio ou modo artificial. Assim a reproducção artificiosa, da fi-

gura humana, ou seja em pintura ou em esculptura não póde deixar de ser mais ou menos incompleta, aliás não seria *imitação* sómente, seria uma nova creação d'esse mesmo ser, o que só é dado á omnipotencia de Deus, que formou o homem á sua imagem e similhança. Gen., c. v. Portanto a pintura por meio do desenho, das côres, do claro-escuro, reproduz a apparencia da figura ou imagem que toca o sentido da vista. A esculptura, reproduzindo a apparencia solida d'essa figura ou imagem, toca ao mesmo tempo os sentidos da vista e do tacto; mas como a uma e outra figura pintada ou esculpida falta a vida e o movimento, para que a imitação fosse quanto possivel approximada ao ser real e verdadeiro, houve o engenho de recorrer ao bello ideal e ao estudo do antigo, por meio do qual pôde rastejar de algum modo a perfeição da obra inimitavel da creação, como é o homem.

Cabe aqui lembrar o que diz Chateaubriand no t. II, l. VIII dos *Martyres*, fallando das imitações: «E preciso, diz elle, *imitar* muito os antigos e pouco os modernos; os primeiros podem seguir-se quasi ás cegas, mas não se devem seguir os passos dos segundos senão com cautela.

«Convem tambem notar que se dá grande differença entre a *imitação* e a copia, porque esta costuma ser, e é mesmo necessario que seja, exacta e servil, mas aquella póde e deve ser livre em muitas circumstancias, o que lhe dá um valor muito maior, se o imitador seguiu só a idéa em geral, o gosto e ainda o sentimento de outrem, mas revestiu-o com as suas idéas, e diversificou-o por novos accidentes, que o tornaram quasi novo ou mesmo lhe merceceram o meio titulo de invenção.»

IMITADOR, ORA, adj. o ou a que imita; s., pessoa que imita nas obras de arte o gosto, o estylo, o toque, o modo de ser de outro artista.

IMITANTE, adj. dos 2 g. p. de imitar; é de Camões: as perlas *imitantes* á côr da aurora. Lus. x, 102.

IMITAR, v. a. do lat. *imito, are*, do gr. *mimeomai*. Reproduzir a similhança, fazer uma cousa similhante a outra na fórma, ou mesmo nos accidentes.

IMOSCAPO, ou IMO-ESCAPO, s. m. do lat. *imo*, antes, e *scapus*, corpo da columna. Vitr. (archit.) é o diametro inferior da columna.

IMPASTAÇÃO, s. f. do lat. *impastatio, onis*, (archit. e pint.) mistura de muitas materias de differentes côres, ligadas por qualquer cimento, ou betume, que endurece com o ar, ou com o fogo; taes são as obras de argilla e as de marmores fingidos e de varias columnas e obeliscos antigos, algumas das quaes têem sido feitas por meio da fusão.

IMPASTAR, v. a. (archit. e pint.) fazer uso da massa de impastação, ou seja para louças, pavimentos de casas, ou para columnas e outras peças decorativas.

IMPOSTA, s. f. do lat. *in*, em cima, e *postis, is*, humbreira de porta, fr. *imposte*, it. *imposto*, ing. *impost*, (archit.) é uma especie de cornija, que corôa uma hombreira, ou pé direito, sobre a qual descansa a almofada ou primeira pedra de um arco, ou arcada. Esta fiada tem de ordinario uma saliencia composta de differentes molduras, segundo as ordens de architectura. Vitruvio dá ás impostas o nome de *incumbæ*.

Imposta arqueada, é a que corôa um pé direito e volve em archivolta, seguindo o contorno da aduela de uma arcada, ou que serve de coroar uma parede circular, como um nicho, a torre de um Domo, etc.

Imposta cortada, é a que fica interrompida por columnas ou pilastras excedendo muito do nú ou vivo da parede. A *imposta* corinthia da egreja de S. Pedro do Vaticano é d'esta maneira, que em verdade produz mau effeito, como diz D'Aviler.

Imposta mutilada, é a que tem diminuida a saliencia, para que não exceda o nú de uma pilastra, como é a fonte dos Santos Innocentes em París.

IMPRENSA, s. f. V. *Estamparia, impressão.*

IMPRENSADO, A, p. p. de imprensar, e adj. mettido, apertado na imprensa, estampado.

Medalha *imprensada*, isto é, cunhada. V. *Cunhar.*

IMPRESSADO, A. V. *Imprensar.*

IMPRESSÃO, s. f. do lat. *impressio, inis,* o acto de imprimir e seu effeito; toma-se tambem algumas vezes como synonymo de estamparia ou officina em que se imprimem ou tiram estampas. V. *Estamparia.*

IMPRESSO, A, adj. do lat. *imprimi,* p. p. de *imprimo, ere,* (grav.) imprimido, estampado.

IMPRESSOR, s. m. do lat. *impressor, oris,* o que imprime ou estampa. V. *Estampador.*

IMPRIMAÇÃO. V. *Imprimadura.*

IMPRIMADURA, s. f. (pint.) preparação ou apparelho da téla ou panno, ou da tábua com o primeiro banho, ou côres sobre que se pintam as figuras. F. Nunes, *Arte da pint.,* f. 67.

IMPRIMAR, v. a. (pint.) preparar, apparelhar a téla, tábua, pedra, lamina, com a pintura ou mão de tintas, sobre que se hão de pintar as figuras, ou assentar oiro. F. Nunes, *Arte da pint.,* f. 67.

Mr. Watin, pintor de imprimação e dourador, na sua introducção á *Arte de pintar liso,* nos dá uma verdadeira idéa do que ella seja. *Convers. sobre a pint., esculp. e archit.,* por Cyrillo Wolk., *Conv.* v, p. 125.

IMPRIMIR, v. a. do lat. *imprimo, ere,* apertar (grav.) apertar a chapa ou lamina para estampar ou extrahir a gravura, a imagem, o retrato. V. *Estampar.*

IMPRIMISSÃO, s. f. (ant.) V. *Impressão.*

IMPROMPTAR, v. a. do lat. *im,* e *promptar,* frequent. de *promere,* mover, apromptar, executar logo e com actividade qualquer obra de arte:

«Fizesse por elle os cunhos
Para *impromptar* os dinheiros.»
F. Vieira, *O Ins. pint.,* v. 326.

IMPROMPTO ou EMPROMPTO, (loc. adv.) logo, com promptidão. Borrão ou bosquejo feito de improviso, desenho improvisado ou repentino, primeiro modelo ou pensamento da figura ou de alguma obra d'arte.

«E os alumnos, moços de tenros annos, concorreram aos seus premios com producções, ou de *improm pto* ou de estudo». *Disc.* de F. de S. Loureiro, na acad. das bellas artes, p. 28 (1843).

«E como trazia *emprompto,* e como contadas polos dedos, todas as despezas que faiza.» Sousa, *Vida do arceb.,* l. I, c. 24.

IMPROPORÇÃO, s. f. cousa ou obra que não guarda as devidas relações em suas medidas. V. *Desproporção.*

IMPROPORCIONADO, A, adj. falto de proporção. Bernardes, *Nova Flor.,* t. IV, p. 320.

IMPROPORCIONAL, adj. dos 2 g. não proporcional.

IMPROPORCIONAR, v. a. (p. us.) não dar as proporções regulares e devidas, desproporcionar.

IMPROVISO, s. m. do lat. *improvisus,* desenho feito de improviso: —, pensamentos ou composições feitas á primeira, ou de improviso: —, de repente: —, *improm pto.* V. *Improm pto, ar.*

IMPULSO HORIZONTAL ou IMPULSO DA ABOBADA, (archit.) as abobadas resentem-se mais ou menos do peso vertical dos materiaes, e ainda mais soffrem no sentido horizontal, ou do interior para o exterior pela natureza da sua curvatura; a este esforço, a que devem resistir os encontros, para que não caia a abobada, chama-se *impulso horizontal* ou *de abobada.* V. *Encontros.*

INCARNAÇÃO, e seus deriv.

INCARNAR. V. *Encarnação,* etc.

INCAVADO, INCAVAR, INCAVO. V. *Encavar* e seus deriv.

INCERAÇÃO, s. f. do lat. *inceratio,* de *cêra,* cera, fr. *inceration,* incorporação ou mistura de cera com outra materia; reducção de uma substancia secca á consistencia da cera molle, pela mistura de algum liquido.

INCIDENCIA, s. f. do lat. *incido, is, ere,* e *cado, ere,* caír dentro ou em cima; (catoptrica) chama-se angulo de *incidencia* ao que é comprehendido entre um raio incidente sobre um plano e a perpendicular levantada ao ponto incidente. O angulo de *incidencia* é sempre igual ao de reflexão. *Captotrica.*

INCIDENTES, adj. dos 2 g., do lat. *incidens, tis,* (pint. e esculp.) chamam-se luzes *incidentes* áquellas que interrompem a luz principal de um

quadro, sem lhe fazer perder a harmonia. Chamam-se *incidentes* em composição a alguns episodios, ou actos secundarios, que nascendo da acção principal concorrem para melhor intelligencia, acordo e complemento de uma obra d'arte.

INCIDIR, v. a. (a mesma origem), diz-se dos effeitos da luz natural ou artificial sobre um quadro, uma estatua, ou outra obra d'arte. É modo de expressar muito usado pelos artistas o dizer que a luz *incide* bem sobre o quadro ou estatua.

INCISOR, s. m. do lat. *incisor, oris,* o que corta, (grav.) artista que exercita a gravura ou corta o metal; gravador. Repartiu a gravura das estampas pelos melhores *incisores* da Europa.» Cyr., *Mem.*, 290.

INCLINAÇÃO, s. f. do lat. *inclinatio, onis,* desvio da direcção perpendicular, (arch.) diz-se da posição mutua e encontrada de duas linhas, superficies ou corpos, que tendem a formar um angulo mais ou menos agudo. Vitruvio estabelece como regra, que os corpos superiores aos capiteis das columnas, devem ter alguma *inclinação* para a frente, fundando-se para isto nas regras da optica: as suas rasões são pouco fundamentadas, para se observarem como regras praticas na construcção dos edificios; e por isso apenas indicâmos aqui esta opinião, deixando a resolução d'ella aos professores de architectura.

Toma-se tambem o termo de *inclinação* em sentido moral, como synonymo de propensão ou disposição natural de um individuo para seguir a vida e carreira das artes ou sciencias.

INCLINAR, v. n. do lat. *inclino, as, are,* ter inclinação, pender; mostrar propensão para as artes, sciencias.

INCOLOR, adj. dos 2 g. sem côr, (pint.) diz-se de uma pintura, que ou tem um colorido tão fraco e desvanecido, que parece não ter côr, ou de um quadro que a tenha perdido pelo tempo, ou inferioridade das tintas.

INCOMMENSURAVEL, adj. dos 2 g. (geom.) que não tem medida commum.

INCORRECÇÃO, s. f. falto de correcção, incerto, sem as devidas proporções e fórmas. V. *Correcção.*

INCORRECTO, A, adj. do lat. *incorrectus,* não correcto, não emendado. V. *Correcto.*

INCRUSTAÇÃO, s. f. do lat. *incrustatio,* (anat.) acção de encrustar, de formar uma crusta sobre um corpo, (archit. e esculp.) toda a obra de architectura e esculptura em marmore, madeira, pedras preciosas, metaes, que se applica em logares abertos e entalhados para esse fim, e que se segura por meio de argamassa, betume, mastica, pernes, etc.: taes são os mosaicos, as pranchas de marmore unidas ou os ornamentos nos pedestaes, frisos, etc. Alguns esculptores, mesmo antigos, por um desvio do gosto, exprimiram as côres dos pannejamentos, e ainda a dos olhos das figuras. Vêem-se alguns bustos antigos, em que os olhos eram incrustados em prata.

INCRUSTADO, A, p. p. de encrustar, e adj. coberto de codea ou crusta, entalhado, embutido.

Cyrillo, descrevendo a obra de Runa diz: «Um hospital para militares invalidos, um palacete para habitação de sua alteza real, e no centro a egreja, cuja planta é uma cruz latina com remates semicirculares, é toda de pedra de côres, *incrustada* por dentro de finos marmores manchados de varias côres, etc.» Cyr., *Mem.*, 237.

INCRUSTAR, v. a. do lat. *incrusto, are,* cobrir de codea, crusta ou substancia espessa. Entalhar, embutir, ou fazer incrustações de marmores, metaes ou madeiras.

INCUSAS, adj. (numism.) medalhas defeituosas, que de um lado apparecem relevadas, e do outro sem relevo algum, antes excavadas, o que se deve attribuir a defeito de quem as bate e imprime, por falta de attenção, ou pela pressa empregada n'esta operação.

INDIGO. V. *Anil.*

INFLEXÃO, s. f. do lat. *inflexio,* fr. e ing. *inflexion,* it. *piegamento,* (geom.) chama-se em geometria ponto de *inflexão* de uma curva aquelle em que a parte concava se torna convexa, e vice-versa. Em optica a *inflexão* é o desvio dos raios luminosos

que passam de um meio a outro de mais ou menos densidade.

INFORME, adj. dos 2 g. (do lat. *informis)* sem fórma determinada, tosco, sem feitio, muito incorrecto. V. *Deforme.*

INFRAEXCAVAÇÃO, s. f. do lat. *infra,* inferior ou abaixo, e *excavatio, onis,* (archit.) cavidade produzida ordinariamente pela força das correntes de agua, junta ás bases dos pegões, em terrenos fracos e sem a necessaria preparação para lhe resistir, de que póde resultar a ruina do edificio. V. *Enrocamento, Excavação.*

INGRATO, adj. do lat. *ingratus,* desagradecido. Termo de que usam os artistas para significarem o sujeito ou o assumpto que lhes não offerece meios para fazer uma composição bella, desenvolvendo o seu genio e talentos, de sorte que a obra será sempre desagradavel e de pouco ou nenhum effeito. É pois phrase ordinaria entre os professores o dizerem que o ponto ou assumpto não se presta a um bom resultado. que é *ingrato,* e quasi impossivel de se tratar bem.

Tambem se usa do termo para exprimir a falta de connexão, ou difficuldades que se encontram na execução material dos trabalhos d'arte, assim em architectura como em esculptura, chamando-lhes trabalhos *ingratos,* os que são de difficil e pouco vantajoso resultado.

INIMIGAS, adj. pl. do lat. *inimicus, a, um,* (pint.) chamam-se côres *inimigas* as que por sua opposição, não se acordam, e por consequencia não podem unir-se sem offender a vista; taes são o azul e o vermelhão, côres *inimigas* que não podem deixar de produzir um tom duro e desagradavel. V. *Côres amigas.*

INSCREVER, v. a. do lat. *inscribo, ere,* (geom.) traçar uma figura dentro de outra, como uma ellypse, ou polygono em um circulo, de modo que os angulos ou curvas toquem a circumferencia. V. *Dintorno.*

Tambem significa insculpir, entalhar, esculpir, gravar letra, ou inscripção. V. *Esculpir, Gravar.*

INSCRIPÇÃO, s. f. do lat. *inscriptio, onis,* fr. *inscription,* it. *inscrizione:* palavras esculpidas, gravadas ou encrustadas junto á estatua, nas campasnas, medalhas e nos monumentos publicos ou particulares, para conservar a memoria das pessoas e dos successos.

INSCRIPTO, A, p. p. alatinado, e adj. esculpido, gravado, aberto ao buril, ou com o sinzel; traçado ou circumscripto geometricamente dentro de alguma figura geometrica.

INSCULPIR, v. a. do lat. *insculpo, ere,* cortar, gravar, entalhar ou encrustar letras dentro de uma fórma ou espaço limitado.

INSCULPTOR, s. m. (p. us.) o artifice que esculpe, grava ou entalha letra: abridor ou gravador de letras e inscripções.

INSCULPTURA, s. f. (p. us.) gravura de letras e inscripções.

INSERÇÃO, s. f. do lat. *insertio, onis,* fr. *insertion* ou *attache,* it. *segame,* hesp. *insercion,* ing. *string,* o acto de inserir ou implantar (anat., pint. e esculp.) chama-se *inserção* ao ponto ou logar em que se entrelaçam um ou mais musculos, uma ou mais partes de um corpo; como succede quando um musculo faz inserção sobre um osso ou sobre um ligamento. Estes pontos de *inserção* devem ser cuidadosamente estudados pelos desenhadores, pintores e esculptores, porque d'elles depende o bom effeito que devem produzir as fórmas dos membros segundo os movimentos em que são representados.

Em architectura chama-se *angulo de inserção* ao angulo que forma a tangente á curva de intradorso ou intrados, e a linha horizontal da imposta na origem do arco.

INSERIDO, A, p. p. de inserir, fixado ou implantado por uma extremidade, entrelaçado: musculo *inserido,* implantado.

INSERIR, v. a. do lat. *insero, ere,* implantar, inxerir.

INSIGNIA, s. f. do lat. *insignia,* fr. *enseigne,* it. *ensegna,* hesp. *insignia,* ing. *sign,* signal ou distinctivo que dá a conhecer a differença que ha de uma cousa ou pessoa a outra. Signal ou divisa de posto, officio de honra, dignidade e nobreza, etc. O artista deve conhecer bem esta parte da historia para observar a exacta representação das insignias e divisas

que devem acompanhar e fazer distinguir as personagens e figuras da sua composição.

INSPIRAÇÃO, s. f. do lat. *inspiratio, onis,* fr. e ing. *inspiration,* it. *inspirazione,* hesp. *inspiracion,* o acto de inspirar, ou de ser inspirado (t. comp.). A inspiração em bellas artes é inseparavel do genio: o artista que recebeu do céu este dom vive em uma esphera elevada, n'ella vê, concebe e produz obras fóra do commum, que pela sua novidade e belleza attrahem a attenção e o louvor dos intelligentes. V. *Genio.*

INSPIRAR, v. a. do lat. *inspiro, are,* soprar, introduzir, insinuar, fazer entrar no animo.

INSTITUTO, s. m. do lat. *institutum,* estabelecimento, regra, constituição ou modo de viver de algumas corporações religiosas: —, nome de alguns estabelecimentos scientificos, litterarios e artisticos; dá-se este nome ao *instituto de França,* decretado em 1794, organisado em 1795, e modificado em 1855, e consta de cinco academias; a saber: a franceza, a de inscripções e bellas letras, a das sciencias, a de bellas artes, e a das sciencias moraes.

No Cairo, em 1799, se formou um instituto com o titulo de *instituto do Egypto,* á similhança do de França, que pouco durou, e veiu a acabar com a perda do Egypto.

Varios estabelecimentos com o titulo de *Institutos* se têem creado na Europa e na America.

Em Portugal ha o instituto industrial, creado pelo decreto de 30 de dezembro de 1852, e reformado pelo decreto de 30 de dezembro de 1869, adjudicando-lhe o ensino commercial. Ha tambem no Porto uma escola industrial, creada pelo decreto de 1 de dezembro de 1853.

Ha mais o instituto agricola, fundado pelo decreto de 16 de dezembro de 1852, a que se juntou a escola veterinaria por decreto de 5 de dezembro de 1855, sendo reformado este ensino pelo decreto de 29 de dezembro de 1864.

INSTRUCTURA, s. f. (p. us.) construcção material ou mechanica, (archit.) estructura, edificação de alguma obra de architectura.

«Louvaram-lhe todos a *instructura* do palacio.» Barros, 2, 1, 2-1. V. *Estructura.*

INSTRUMENTOS, s. m. pl. do lat. *instrumentum,* em geral é tudo que serve de causa para produzir um effeito, ou facilitar o meio de obter um fim util ou agradavel; e em sentido mais restricto é tudo que serve para executar qualquer obra mechanica, artistica ou scientifica. Ha *instrumentos* agrarios, cirurgicos, mathematicos, artisticos, etc., a caneta, o pincel, a palheta, o escopro, o maço, o compasso, o esquadro, o buril, etc., são *instrumentos* do desenho, da pintura, da esculptura, da architectura e da gravura, etc.

INSULADO, A, adj. do lat. *insulatus, a,* ou *isolado, a,* (mais usado) p. p. de isolar, e adj. do fr. *isolé,* it. *isolare;* só, solitario, separado; é termo moderno, adoptado tambem na linguagem artistica para designar um objecto de arte desacompanhado, que representa por si mesmo, sem par, nem outro acompanhamento: —, edificio *isolado,* estatua *isolada,* que póde ser observada por todos os lados ou aspectos.

«Tinha um unico altar *insulado.*» Cyr., *Mem.,* p. 170.

«Especialmente nas figuras *insuladas.*» Mach. de C., *Desc. anat.,* p. 165.

INTERCOLUMNAR, adj. dos 2 g. que pertence ao intercolumnio. V. *Entrecolumnar.*

INTERCOLUMNIO, s. m. V. *Entrecolumnio.*

INTERESSANTE, adj. dos 2 g., que prende a attenção, importante; (t. comp.) geralmente se entende de uma pintura ou desenho, ou outra obra de arte rara e de grande valor. Essa obra torna-se *interessante* pela escolha do assumpto, pela composição, pelo colorido, pelo claro escuro, ou por outros predicados e accidentes que existam e prendam a attenção dos espectadores esclarecidos.

INTERMEDIO, A, adj. do lat. *intermedius, a, um,* cousa que está entre dois extremos, (archit. e pint.) cidadella, castello, casa ou predio *intermedio.*

Côres *intermedias,* isto é, degradações das côres principaes, côr media

ou de meia tinta que adoça dois tons oppostos.

INTERSECÇÃO, do lat. *intersectio, onis,* (geom.) ponto de *intersecção* é aquelle em que duas linhas se encontram e se cortam.

INTRADOS, s. m. (archit.), é a superficie interior ou concava de um arco ou de uma abobada: chamam-lhe tambem *intradorso.* V. *Aduela.*

INVENÇÃO, s. f. do lat. *inventio, onis,* de *invenio, ire,* achar, descobrir, encontrar uma das tres partes da rhetorica, que ensina a achar a materia do discurso: em bellas artes é uma parte da composição, que consiste em achar idéas, factos e sujeitos, de que possa formar-se uma obra bella e perfeita, capaz de chamar a attenção dos intelligentes. A *invenção* não tem regras, porque a arte de inventar não se communica, mas podem haver conselhos uteis, e sobre estes á parte essencial o genio, unido ao estudo, e a uma profunda meditação sobre as obras da natureza e da arte. V. *Composição.*

INVENTAR, v. a. do lat. *inventum,* sup. de *invenire:* achar, descobrir, cogitar achando um novo pensamento. *Inventar* um quadro — um grupo — uma obra de arte.

INVENTATIVO, A, adj. que inventa, ou tem genio de invenção.

INVENTIVA, s. f. engenho, talento, faculdade de inventar, invenção.

INVENTO, s. m. do lat. *inventum,* cousa inventada, obra nova, meios novos, *inventos* modernos.

INVENTOR, s. m. o que deu nova idéa, o que descobriu ou inventou alguma obra ou producção engenhosa, artistica ou scientifica.

INVERNIZAR. V. *Envernizar.*

IRIS, s. m. ou f. do lat. e gr. *iris.* Alem das significações vulgares, do *arco celeste,* da deusa Iris, *mensageira dos deuses,* da flor do lyrio, e de uma pedra preciosa; tem mais duas significações, que me levaram a consignal-as aqui: 1.ª, o *iris do olho,* (anat.) assim chamado pela variedade de côres na sua superficie anterior, que é uma divisão membranosa, circular, situada verticalmente por detrás da cornea, entre a camara anterior e a posterior do olho, tendo no meio a pupilla, sendo as côres ordinariamente correspondentes á dos cabellos; 2.ª, o *verde iris,* de que os pintores usam principalmente na miniatura; (pint.) extrahido das flores chamadas *flammes* ou *iris de Allemanha.*

IRREGULAR, adj. dos 2 g. do lat. *irregularis,* o que é contrario ás regras da arte, ás proporções e á symetria. É *irregular* um plano quando os angulos e os lados não são iguaes: é *irregular* a elevação do edificio quando se não guarda a igualdade nas alturas e larguras das paredes, no rasgamento das portas e das janellas, etc.

É *irregular* a columna quando não tem o numero de metros estabelecido pelos grandes mestres: é *irregular* a figura humana, quando não segue as proporções que a arte tem adoptado, fundada nas leis da natureza.

ISABEL, adj. do fr. *isabella,* (pint.) côr entre branco e amarello e côr de carne.

ISÓDOMOS, adj. do gr. *isos,* igual, e *domos,* pedra, (archit.) genero ou modo de edificar adoptado pelos architectos gregos, no qual todas as pedras eram cortadas em esquadria e da mesma altura, de sorte que ao assentarem-se eram as fiadas todas regulares e iguaes. V. Vitruvio, cap. II, 86. Plin., H. N., cap. XXXVI, 51.

ISÓGONO, A, adj. do gr. *isos,* igual, e *goni,* angulo, que tem angulos iguaes: nome que se dá aos crystaes que têem angulos iguaes.

ISOLADO, A. V. *Insulado.*

ISOSCELES, adj. do gr. *isos,* igual, e *skelos,* perna, quer dizer em geometria um triangulo que tem dois lados iguaes. V. *Triangulo.*

J

JACINTINO, A, adj. do lat. *hyacintinus,* da côr do jacintho, flor ou pedra preciosa.

JACINTHO, s. m. do lat. *hyacinthus,* flor, chamada lyrio azul: —, pedra preciosa da côr da laranja ou açafroada, ou escarlate, *silex hyacinthus.*

JACTO ou JATO, s. m. do lat. *jactus,* fr. *jet,* it. *getto,* hesp. *cangno,* ing.

a spout, arremeço, primeiro impulso, acção de lançar: — (esculp.) estatua fundida de um só *jacto*, n'uma só peça ou fôrma: tal é a estatua de Luiz XV em París; tal a equestre do senhor rei D. José I em a nossa praça do Commercio.

«Em 15 de outubro de 1774 viu Portugal pela primeira vez fundir-se uma estatua equestre colossal de um só *jacto*.» Machado de Castro, *Descrip. Anal.*, pag. 238.

JALDE ou JALNE, adj. dos 2 g. do lat. *flavum*, fr. *jaune*, it. *giallo*, hesp. *amarillo*, ing. *yellow*, (pint.) amarello vivo côr de oiro, uma das sete côres do prisma, entre o verde e o vermelho, que é susceptivel de muitas gradações. Compõe-se de differentes materias vegetaes e mineraes: d'aqui o ocre commum, a terra de Italia, o ocre de Rut, os massicotes, etc. «Côr amarella dourada». Filip. Nun.

JALDELINO, adj. dos 2 g. dimin. de *jaldi*, côr amarella muito viva.

JAMBA, s. f. do lat. *jambus*, gr. *iambaz*, fr. *jambe*, it. *gamba*, hesp. *jamba*, (archit.) qualquer das duas partes ou peças iguaes que compõem uma porta.

JANELLA, s. f. do lat. *janua* ou *fenetra*, fr. *fenètre*, it. *finestra*, hesp. *ventana*, ing. *window*, (archit.) abertura na parede da casa; é de maior dimensão, para entrar luz e ar, e mais baixa que a fresta. V. *Fresta*.

As janellas, consideradas sem os caixilhos ou partes accessorias, são de differentes dimensões e especies, em conformidade com a natureza do edificio.

Ordinariamente a largura de vivo é de 125 a 185 centimetros, e a altura deve ter o dobro da sua largura.

A fórma das janellas é commummente rectangular, ou de sacada com platibanda, ou com abobada. Nos entresolhos e nos atticos tambem se fazem janellas quadradas ou mais largas que altas, a que dão o nome de *mezzaninos*. Chama-se janella *alticurga* á que é mais larga que a verga, não sendo parallelos os pés direitos, como se vê no templo de Sybilla em Tivoli, e na cupula da egreja da Sapiencia em Roma. Esta especie de janella é assim chamada por ser similhante ás portas *alticurgas* de Vitruvio. Lat. *fenestra attica*.

Ha tambem janella redonda, oval, ogival, de balcão, decorada, em tribuna, de angulo, etc.

JANELLETA ou JANELLINHA, s. f. dimin. de janella, janella de pequenas dimensões.

JARDIM, s. m. do lat. *hortus*, it. *giardino*, hesp. *jardin*, ing. *a garden*, allem. *garten*, (archit.) terreno ordinariamente proximo a algum edificio ou palacio de habitação, cultivado e guarnecido de arvores, de fructos e de flores, para servir de passeio, de mera utilidade ou recreação das pessoas que o possuem; os jardins de prazer são formados segundo as regras e processos da architectura.

Distinguem-se duas especies de jardins, uns regulares e symetricos, chamados jardins francezes, outros agrestes de um traçado irregular, e sem as proporções da symetria, chamados jardins inglezes. Os primeiros, que tem por auctor Le Notre, desenhador dos jardins de Luiz XIV, compõe-se de explanadas, de maciços, de bosques, de arvores frondosas, de alamedas, etc., e são ornados de grupos, estatuas, bustos, vasos, fontes, cascatas, etc., como se póde ver no jardim de Versalhes, no das Tuilherias em França, no de Belem e Bellas em Portugal.

Os segundos jardins chamados inglezes, a que alguns dão o nome de jardins pittorescos, são formados no gosto da pintura de paizagem. Consistem n'uma bella escolha de sitio, desaffrontado e vistoso, que receba os movimentos e tons que o sol faz incidir sobre as obras da natureza n'um traçado de caminhos irregulares, em que haja grupos de arvores, de pequenas matas, de flores, de casas rusticas, parecendo tudo como um quadro tirado do natural.

Ha tambem *jardins* especiaes de flores, de fructos, de hortaliças, em que se cultivam legumes, e *jardins mixtos*, em que se acham reunidas todas estas especialidades.

Ha finalmente *jardins botanicos*, destinados ao estudo, em que se acham reunidos e classificados os vegetaes de todos os paizes.

JARDINAGEM, s. f. do lat. *ars*

hortulani, it. *agricultura*, allem. *gartnerei*, (archit.) é a arte de cultivar os jardins, dispol-os e ornal-os; a cultura pertence aos jardineiros, mas a sua disposição e decoração são partes do desenho architectonico ou ornamental. V. *La théorie et la pratique du jardinage* de le Blond. *Plans de toute espèce de jardins* por J. G. Thonin. *Essai sur les jardins* por Watelet. *Les jardins anglais* por Mason, e outras obras que tratam da cultura dos jardins.

JASPE, s. m. do lat. e gr. *jaspis*, (esculp.) especie de agatha opaca, a qual é de differentes côres, branco, vermelho e verde; o branco, que é mais raro, assimilha-se ao marfim, emprega-se em decorações internas, e fazem-se d'elle vasos, ornamentos e outros objectos curiosos. O melhor jaspe vem da Sicilia. V. *Alabastro*.

JASPEADOR, s. m. o artifice que faz ornamentos de jaspe, decora e forra as paredes de jaspe.

JASPEAR, v. a. trabalhar com jaspe ou dar a similhança ou apparencia do jaspe.

JECUIBA, s. m. arvore do Brazil cuja madeira é avermelhada e muito propria para obras de esculptura. V. *Madeira*.

JENOLIM, s. m. (pint.) côr amarellada para illuminações. F. Nun., *Art. da pint.* V. *Macicote*.

JEROGLYPHO ou JEROGLYPHICO. V. *Hieroglypho* e *Hieroglyphico*.

JOANETES, s. m. pl. do fr. *joint*, *jointure*, junta, ossos ou juntas dos dedos dos pés. V. *Ossos do metatarso*, *falanges*.

JOIA, s. m. do lat. *jocalia*, fr. *joyau*, it. *gioja*, hesp. *joya* ou *joia*, ing. *a jewel*, pedra preciosa, pedra de oiro ou prata, (archit.) *joia*, nome que se dá ao astragalo da columna. V. *Astragalo*.

JONICO, A, adj. V. *Ordem jonica*.

JONIO, A, adj. V. acima.

JORNAL, s. m. do lat. *dies* ou *diurna merces*, fr. *journée*, it. *giornata*, hesp. *jornal*, ing. *a day'swork*, entende-se pela paga que se dá por um dia de trabalho ou pelo trabalho util que o operario póde fazer n'um dia; mas como estes são de maior ou menor duração, segundo as estações do anno, convem tomar o termo medio de dez horas uteis de trabalho por dia, para servir de base aos orçamentos das obras que deve fazer, e pertence fazer, em primeiro logar ao architecto, e depois aos mestres e emprezarios das edificações publicas ou particulares. V. *Orçamento*, *Guia do operario*, pag. 139 e seg.

JORNALEIRO, s. m. do lat. *operarius* ou *mercenarius*, fr. *journalier*, it. *cotidiano*, hesp. *jornalero*, ing. *a journay man*, o operario, artezão ou artifice que trabalha por jornal ou aos dias.

JORRO ou JORRAMENTO, s. m. (archit.) parede ou muralha com declive, ou jorramento em sua base, para maior força e solidez; tal exemplo seguiu o architecto de Mafra no embazamento dos pavilhões d'aquelle grandioso monumento.

Tambem se applica o termo ao impeto com que a agua sáe com abundancia.

JOYA, s. f. V. *Joia*.

JUNQUILHO, s. m. do lat. *juncus*, (archit.) moldura delgada de fórma semicircular, como o bocel, que ordinariamente se usa dobrado na base da columna jonica; «e uma parte (do modulo) a cada um dos dois *junquilhos* (da columna jonica). Vasc., *Artef. sim.*, pag. 353.

JUNTA, s. f. união ou articulação dos membros do corpo humano. V. *Articulação*. (Archit.) Significa tambem a *junta* ou *juntas* das pedras nos edificios ou a das tábuas nos interiores das casas, que devem alegrar-se, encobrindo-as ou fazendo-as desapparecer com betume, argamassa, etc.

JUNTAR, v. a. do lat. *jungere*, fr. *joindre*, it. *congiugnere*, ing. *to joint*, (archit.), unir, juntar uma cousa a outra, *juntar* dois muros, *juntar* uma tábua a outra por meio de encaixes. V. *Ajuntar*, *Assemblar*.

JUNTEIRA, s. f. do lat. *runcina*, fr. *rabot*, it. *pialla*, hesp. *cepilho*, ing. *joiner's plane*, instrumento de marceneiro, da figura de um rebote, que corta só de um lado, e serve de fazer as juntas das tábuas e das peças de madeira, para as unir entre si. Este instrumento não só serve aos marceneiros, mas aos entalhadores e esculptores de madeira.

JUNTOURA, s. f. do lat. *junctura*, (archit.) porção de pedra ou madeira, que excede a grossura ou superficie, com cabeças ou resaltos, para servir de ponto de apoio á parede proxima. V. *Espera*.

JUNTURA, s. f. a mesma etymologia, e demais significando a união ou juncção dos ossos e membros do corpo humano.

JUSANTE, s. f. do fr. *jusant*, baixamar ou vasante da maré, lado por onde correm as agua rio abaixo. V. *Montante*.

JUSTEZA, do fr. *justesse*, precisão, exacção, certeza em proporções e medidas.

JUSTO, A, adj. do lat. *justus*, ou do gr. *isos*, igual; como termo de arte tem a significação de exacto, certo, preciso, e diz-se: perfil *justo*, i. é, exacto, correcto; porta justa, i. é, que une exactamente nos caixilhos ou umbreiras.

K

KALEIDÓSPOCO, s. m. do gr. *kalos*, bello, *eidos*, imagem, e *skopés*, ver, é um tubo ou canudo de cartão ou de metal, fechado nas extremidades por vidros brancos, guarnecido por dentro de muitas laminas de vidro, mais ou menos inclinadas umas para as outras, e forradas de papel negro. Na extremidade inferior d'este prisma põem-se pequenos objectos moveis de diversas côres, que, reflectindo nas laminas de vidro negro, produzem muitos desenhos regulares, e muito agradaveis á vista. Este instrumento aperfeiçoado em Inglaterra tem muita acceitação como objecto de diversão, e póde ser muito util aos manufactores, subministrando-lhes desenhos applicados a seus trabalhos.

KAOLIM, s. m. (t. chinez) especie de barro, ou argilla esbranquiçada e friavel, que serve para fazer a porcelana; é o feldspatho das rochas granitosas que se encontra principalmente na China, e em differentes partes da França.

Esta descoberta deve-se aos missionarios francezes.

KERACHATO, s. m. (hist. nat.) pedra preciosa, imitante á sardonia, de que falla Plinio.

KILIOGÓNO, s. m. (math.) polygono de mil lados e mil angulos.

KILO, do gr. *khilios*, mil, termo prefixo que entra na composição de diversos vocabulos scientificos, que, seguido de uma unidade de peso ou medida, em o novo systema metrico, designa mil vezes essa unidade, ex.: *kilometro*, quer dizer, *mil metros*; *kilogramma*, *mil grammas*.

KILOGRAMMA, s. m. peso de mil grammas, correspondente a pouco mais de dois arrateis portuguezes.

KILOLITRO, s. m. medida de capacidade, igual a mil litros.

KILOMETRO, s. m. do gr. *chiloi*, mil, e *metron*, medida linear ou itineraria, que contém 3:078 pés, 5 pollegadas e 18 linhas.

KIOSCO, s. m. (t. trazido do turco), (archit.) significa uma pequena barraca ou pavilhão, ordinariamente aberto por todos os lados, situado nos fins dos jardins ou dos terraços, para gosar do ar no tempo calmoso, e disfructar ahi boas vistas. Os *kioscos* são pela maior parte fabricados e ornados no gosto turco, d'onde nos veiu o uso. Em França e n'outros paizes se tem adoptado o mesmo uso, que hoje tambem se acha estabelecido em Lisboa.

KYRIOLOGICA, s. f. do gr. *kyrios*, principal, e *logos*, discurso, signal, fórma ou especie de escriptura ideographica, pela qual se representa em desenho ou pintura o proprio objecto. V. *Ideographia*.

L

LABERINTO. V. *Labyrinto*.

LABOR, s. m. (ant.) V. *Lavor*.

LABORAÇÃO, s. f. trabalho, lavra, acção ou execução de trabalho manual. Alv. 13 nov. 1780.

LABORATORIO, s. m. do lat. *labor, oris*, e *ago, is, actum*, casa de trabalho, fr. *laboratoire*, ou *atelier*, é uma ou mais casas espaçosas ao rez do chão, em que se fazem diversos trabalhos, como o indica a etymologia do termo; e posto que antigamente, e ainda hoje, se tome em especial

por officina de chimico, metallurgista e boticario, comtudo elle é tambem ha muito tempo adoptado por alguns artistas para significar casa de estudo, com espaço e luz propria, em que os pintores, esculptores e outros professores das artes liberaes executam suas obras, termo com que elles substituem o *atelier* dos francezes. O *atelier* na sua significação originaria nada mais era do que casas terreas e espaçosas, cobertas de valladio, em que trabalhavam não só carpinteiros e canteiros, mas tambem, com a devida separação, esculptores e outros artistas, junto dos grandes edificios, como succedeu na construcção da basilica de S. Pedro, na do Louvre, e entre nós na construcção do edificio monumental de Mafra, do novo palacio da Ajuda e de outros.

Nos tempos modernos os *laboratorios* de esculptura e mesmo de pintura, são feitos em melhores condições e mais decentes para uso dos artistas, havendo grande differença entre estes e os telheiros dos operarios. V. *Telheiro*.

«No *laboratorio* e aula que estou administrando, existe da dita estatua um modelo.» Mach. de Cast., *Descrip. anal.*, XXXIV.

«A Diogo Velasques deu habitação e *laboratorio* dentro do paço, e tinha ali uma cadeira para o ir ver pintar.» Cyril., *Nova Acad.*, p. 88.

LABYRINTO, s. m. do lat. e gr. *labyrinthus*, (archit.) toma-se em geral por um sitio ou logar cortado de caminhos diversos e embaraçosos, de que é difficil achar o fim, ou por um edificio construido por tal arte, de que se não póde facilmente saír. Os antigos deram este nome a edificios vastos, compostos de muitas salas e galerias subterraneas de tal sorte dispostas, que era muito difficil a saída d'elles a quem não entrava com a devida cautela e prevenção. Os edificios mais notaveis n'este genero foram os labyrintos de Creta e de Lermos no Egypto, e os de Italia.

Chama-se tambem *labyrinto*, em anatomia, á parte interna ou cavidades da orelha humana, situadas entre o tympano e o conducto auditivo interno.

Estas cavidades são cinco; a saber: o *vestibulo*, os *tres canaes circulares*, e a *coclea*.

LACA ou LACCA, s. f. do lat. *laccha*, ou do arab. *lak*, fr. *laque*, it. *lacca*, ing. *lack*, (pint.) extracto ou succo de uma planta que serve para tinturaria; chama-se tambem *gomma lacca* a uma especie de resina extrahida das flores de differentes arvores da India, que se apresentam em massa na fórma de pequenos grãos e de differentes côres, amarella, vermelha, azul e verde, de que se faz uso na arte da pintura. As *lacas* que servem na pintura são compostas de alumina, de cré e de materia colorante. A *laca* acarminada faz-se misturando com a solução de alumina um cozimento de cochonilla alcalisado. V. *Carmim*.

Os professores preferem a todas a *laca* de Veneza ou da China, posto que tambem seja muito boa a que hoje se prepara em França.

LAÇARIA, s. f. deriv. de *laço*, (archit. e pint.) ornamentos esculpidos ou pintados, compostos de flores, fructos e outros objectos agrupados e presos por laços de fitas. V. *Arrendado* ou *Rendilhado*.

LACRA, s. f. V. *Laca* ou *Lacêa*, «Lacra de que se fazem os escuros dos cambiantes.» Filip. Nun., *Art. de pint.*, p. 59.

LACETE, s. m. peça pela qual passa o fecho da fechadura. V. *Fechadura*.

LACRAR, v. a. deriv. de *lacre*, fechar, sellar com lacre, prender um papel a outro com lacre.

LACRE, s. m. da mesma origem que laca, composição de gomma-laca, terebinthina, vermelhão e outros ingredientes, para servir de lacrar cartas, e de imprimir n'elle sinetes, sellos e outras obras de gravura de cunhos.

LACRIMAL. V. *Lagrimal*.

LACUNARIO, s. m. de *lacuna*, intervallo, (archit.) chama-se *lacunario* aos repartimentos, ornatos ou soffitos, que se fazem nos intercolumnios dos architraves, em os planos horizontaes que olham para a terra; e assim tambem se chama aos intervallos de uma viga a outra, etc.

LADO, s. m. do lat. *latus*, fr. *coté*, it. *lato*, hesp. *costado*, ing. *sidiway*, (geom., archit., etc.) em geometria é

o *lado* recto de uma figura que faz parte do seu perimetro ou contorno. Em architectura, quando se diz *lado* direito ou esquerdo de um edificio, deve entender-se a expressão de quem falla de dentro do mesmo edificio, e não de quem o vê de fóra; o mesmo se deve entender de quem falla ou descreve o corpo humano ou outro objecto de arte ou da natureza, tomando o termo *lado*, do objecto em si, e não de quem o observa.

LADRILHADOR, s. m. o que tem o officio de ladrilhar ou assentar ladrilhos.

LADRILHAR, v. a. assentar ladrilhos, cobrir as superficies, e principalmente os pavimentos das casas com ladrilhos ou tijolos.

LADRILHEIRO, s. m. o que faz ladrilhos ou tijolos para ladrilhar.

LADRILHO, s. m. do lat. *later*, fr. *brigue*, it. *mattone*, hesp. *ladrillo*, ing. *brik*, (archit.) barro cozido, ou pedra artificial misturada com argilla, de que se fazem tijolos, que podem ser crus ou cozidos ao fogo, sendo estes principalmente empregados na construcção de edificios, no forro das casas e seus pavimentos, etc. Segundo Vitruvio o uso dos tijollos crus remonta á mais alta antiguidade, porque se encontram em grande parte dos edificios gregos e romanos, nas ruinas de Babylonia e do Egypto. Os tijolos cozidos foram tambem empregados pelos romanos. Nos paizes meridionaes tiveram e têem ainda algum uso, mas na Hollanda, Inglaterra e Allemanha tem grande applicação. Em Portugal, e principalmente no Alemtejo e outras provincias, são muito usados. V. *Adôbo*.

LAGAR, s. m. do lat. *torculum*, fr. *pressoir*, it. *strattojo*, hesp. *lagar*, ing. *press*, (archit.) officina ou casa ao rez do chão, com engenho e apparelho de espremer a uva, a azeitona e outros fructos. O engenho mais simples e mais usado em Portugal é composto de uma só arvore ou tronco de parafuso, cuja pressão se opera por meio d'essa arvore ou braço de alavanca, que tem seu ponto de apoio entre quatro pernas; este engenho tem o inconveniente de cansar muito a força do parafuso, o qual, em consequencia da elevação mesma da alavanca, não se torna perpendicular em seu encaixe, e muitas vezes as faz quebrar ou dobrar.

LAGE ou LAGEA, ou LAGEM, s. f. do gr. *laas*, pedra ou leios, lizo, lat. *tapis planus*, fr. *dalle*, it. *fetta de pietra*, hesp. *trajada*, ing. *slice of stone*, (archit.) pedra calcarea mais ou menos ordinaria, chata e pouco grossa, que serve para fazer os pavimento ou piso de edificios, salas, armazens, lojas, corredores e outros usos.

LAGEADOR, s. m. o que assenta lages.

LAGEAMENTO, s. m. assentar lagedo, ajuntamento de lages.

LAGEAR, v. a. acção de assentar lages.

LAGEDO, s. m. logar em que se applicam ou em que ha muitas lages.

LAGO, s. m. do lat. *lacus*, rad. *aqua*, agua, fr. *lac*, it. e hesp. *lago*, ing. *lak*, logar de grande e profunda cavidade cheia de agua; (archit.) tanque grande encoberto, bacia ou reservatorio artificial de agua, geralmente ornado, e com fontes de marmore, para aformosear uma cidade, e facilitar agua ao publico. Ha *lagos* em jardins agrestes ou parques.

LAGRIMA, s. f. do lat. *guttula*, fr. *larme*, it. *gocciola*, hesp. *lagrima*, ing. *gutte*, (archit.) ornamento em fórma de lagrimas, que serve de dedecoração nas architraves, e que, imitando lagrimas, se applica tambem em decorações de mausuléus e cadafalcos como attributos de tristeza. V. *Gota*.

LAGRIMAL, s. m. (anat.) glandula situada no angulo interno do olho, por onde sáem as lagrimas.

LAMBER, v. a. do lat. *lambere*, do rad. de *lingua*, *la*, vocabulo commum a muitas linguas, fr. *lecher*, hesp. *lamer*, ing. *lick up*, (t. comp.) trabalhar com excessivo apuro no acabamento de uma obra d'arte, principalmente de pintura, tirando-lhe o vigor e a franqueza, e tornando-a languida e mesquinha. V. *Cansar*.

LAMBIDO, A, p. p. de lamber, e adj. pinturas ou obras d'arte nimiamente polidas e acabadas. Desenho *lambido*, quadro *lambido*.

LAMBREQUIM, s. m. (t. de bra-

zão mais usado no pl.), ornatos, plumas ou pennachos pendentes em roda do elmo, ou sobre o escudo.

LAMBRIS, s. m. do lat. *ambrices*, fr. *lambris*, it. *soffita*, hesp. *arteson*, ing. *ceiting*, (archit. e pint.) são os apainelados ou almofadados dos tectos e paredes das salas, e ainda de pequenas casas, mais ou menos ornamentadas, ou sejam feitos de vulto e de differentes materiaes, ou simplesmente pintados. V. *Almofadado, Apainelado, Artezão.*

«As casas tenham embora alguma uniformidade como têem os almofadados ou *lambris* das paredes.» Cyr., *Conv. 4.ª*, 45.

LAMINA, s. f. do lat. *lamina*, gr. *lemma*, casca, ou de *elosmos*, lamina, fr. *lame*, hesp. *lamina*, ing. *thin plate*, (pint., esculp. e grav.) folha ou chapa de pedra, de madeira, e principalmente de metal, em que se representam imagens, e outras obras de devoção em pintura, esculptura ou gravura.

«Chapa de cobre com pintura, com inscultura.» Vieira.

LAMINADOR, s. m. o que faz laminas: machina que serve para laminar.

LAMINAR, v. a. applicar ou formar com laminas; aperfeiçoar em fórma de lamina.

LAMPADA, s. f. do lat. e gr. *lampas, dis*, rad. *lampo*, brilhar, fr. *lampe*, it. e hesp. *lampadas*, ing. *lamp*, (archit.) peça ornamentada ou reservatorio, ordinariamente de metal, destinado a conter a luz, para esclarecer o logar em que se colloca. Attribue-se a invenção das *lampadas* aos egypcios, e depois d'elles foram usadas pelos gregos e romanos, e mais nações e paizes até nossos dias. A sua fórma póde ver-se na collecção de antiguidades, e nos museus mais conhecidos. Ellas differem segundo o gosto e as suas applicações, que ou eram para os templos, para os logares sepulchraes, ou para usos domesticos.

LAMPADARIO, s. m. (archit.) peça ornamentada em fórma de lustre circumdada de luzes, ordinariamente feita de bronze ou prata, suspensa a meio de algum templo ou salão para o alumiar: elle differe do lustre em não ter crystaes, e ainda mais pela sua fórma pittoresca, que o torna preferivel nas egrejas, nos porticos, e em logares onde se requerem ornamentos de um estylo severo. Ha tambem lampadarios que não seguem a fórma dos lustres, mas são compostos de cinco ou tres lampadas prezas por diversos ornamentos em fórma de espaldar, de que se faz uso em algumas cathedraes e egrejas notaveis; tal é o *lampadario* de S. Vicente, e o da freguezia de Nossa Senhora dos Martyres de Lisboa, que é singular no seu genero, e produz bello effeito aos olhos do espectador intelligente.

LAMPADEIRO, s. m. o artifice que faz lampadas: tocheiro em que se sustenta a lampada.

LAMPEÃO, s. m. especie de lampada mais ordinaria e envidraçada, collocada em logares altos para alumiarem as ruas e outros logares publicos.

LANÇAMENTO, s. m. (pint. e archit.) deitar as primeiras linhas de um desenho; assentamento dos alicerces de um edificio, assento ao longo, ou direcção de alguma terra, v. g. *com lançamento de nascente a poente.*

LANÇAR, v. a. do fr. *lancer*, it. *lancear*, ing. *to url*, (pint. e archit.) lançar as primeiras linhas do desenho: lançar os alicerces de uma casa, de um edificio; lançar o prumo para medir o terreno, o espaço, para verificar o equilibrio dos corpos, das figuras.

«Usa de pannos... nos quaes *lança* as imagens?»
Gom. da Cr., *Cart. Apolog. 42.*

«*Lançando* as linhas primeiras
D'aquelle jocoso invento.»
Vieira Lus., *O ins. pint.*, 83–244.

LANÇAS DE FERRO, s. f. pl. do lat. *carduus ferreus*, fr. *chardon*, it. *rampino*, ing. *spike-head*, (archit.) seguimento de piques ou lanças de ferro sobre as grades, para fechar algum pateo, jardim, etc.

LANCE, s. m. do lat. *jactus*, gr. *lexis* ou *laxis*, sorte, jacto, o effeito de lançar, fr. *jet*, it. *getto*, hesp. *cangno*, ing. *a spont*, (pint. e archit.) rasgo do genio, primeiro traçado de um desenho qualquer.

«Nas obras da mais alta antigui-

dade o *lance das pregas* debaixo da cinta, é quasi perpendicular.» Cyr., *Conv. 3.ª*, p. 49.

LANCETA, ou GOIVA CHATA, s. f. do fr. *gouge plate*, (grav.) instrumento de trabalhar em gravura de madeira, o qual não tem angulos no córte, uma de suas faces é inteiramente chata, a outra é um pouco convexa, e o bizel que forma o corte é feito na parte superior.

LANCIL, s. m. do fr. *lancis*, (archit.) pedra de cantaria, de fórma comprida e delgada, que tem differentes usos na edificação, servindo principalmente para forrar pavimentos. Os francezes chamam *lancis* a toda a pedra que junta ao paramento forma a grossura de uma parede.

LANÇO, s. m. (de lançar), acto de arremetter, de lançar, (archit.) comprimento ou longura do panno de um muro ou de uma parede. Tambem se diz *lanço* de uma escada *(quartier tournand)*, *lanço* de um caminho ou estrada.

LANGUIDEZ, LANGUIDO. V. *Lamber*, *Lambido*.

LANTERNA, s. f. do lat. *lanterna*, fr. *lanterne*, hesp. *linterna*, ing. *lanterne*, (archit.) especie de pequena torre collocada a meio de um grande zimborio, ou sobre o cume de uma egreja ou outro edificio para lhe dar claridade, e para lhe servir de remate. São taes lanternas sempre envidraçadas, e algumas vezes sustentados por columnas, como as do Vaticano, em Roma; de S. Paulo, de Londres, e outras. Com este nome é conhecida pelos artistas e antiquarios a *Lanterna de Demosthenes*, que é um monumento antigo de pequenas dimensões, situado em Athenas, com a fórma de uma pequena torre sustentada por columnas.

LANTERNETA ou LANTERNINA ou LANTERNINO, s. f. ou m., diminut. de *lanterna*, (archit.) tem a mesma significação do termo antecedente, sendo a sua applicação mais extensa, porque não só se applica a templos e outros edificios, mas tambem é applicavel a outros monumentos, como remates de columnas, de pharoes, etc.

«A casa da supplicação era vasta e rica, mas severa, tendo o tecto em cupula com *lanternino*.» Cyr. *Mem.*, pag. 170.

LAPICEIRO ou LAPIZEIRO, s. m. do lat. *lapis, idis*, (des. e archit.) estojo ou pequena caixa em que se levam lapis de desenho e outros instrumentos de architectura.

«Os seus aureos *lapiceiros*.»
V. Lus., *O ins. pint.*, p. 105.

«Que levasse o *lapiceiro*
«Para debuxar algumas
«Cousas das que fossem vendo.»
Idem, p. 139-374.

LÁPIDA, s. f. (a mesma orig.) pedra de diversas fórmas e dimensões, de ordinario pouco grossa, em que se gravam inscripções.

«Que letras de oiro serão estas na *lapida* em que se acha Vitruvio?» Mach., *Discurs.*, p. 60.

LAPIDAÇÃO, s. f. o effeito e trabalho de lapidar pedras preciosas.

LAPIDADO, adj. dos 2 g., gravado, aberto em pedra; esculpir inscripções *lapidares*.

LAPIDAR, v. a. talhar, cortar, facetar, polir pedras preciosas.

LAPIDARIA, s. f. sciencia de antiquarios, que se dão ao estudo de inscripções gravadas em marmores, cippos e outros monumentos.

LAPIDARIO, s. m. o artifice que se dá aos trabalhos de lapidar, que talha pedras preciosas.

LAPIJADO, A, p. p. de lapijar, e adj. feito ou desenhado com lapis.

LAPIJAR, v. a. (des.) dar traços com lapis, assombrear um desenho a lapis com gosto e desembaraço.

LAPIS, s. m. (a mesma or.) especie de pedra calcarea negra e macia, que serve para desenhar; ha-o de differentes côres, *plombagino*, que se emprega nas delineações de architectura, *vermelho*, que vem de Hollanda, etc.

Ha tambem lapis artificiaes de côres variadas, que servem para desenhar a *pastel*.

Não permittindo, que o proprio
Lapis cessasse um momento
De se exercitar, seguindo
Seu norte direito.
O ins. pint., p. 50.

«O que tem genio gosta de desenhar, seja com carvão ou com lapis,

muitas figuras de homens, de arvores, de animaes, de edificios, etc.» Cyr., *Conv.* VI, p. 11.

LAPIS-LAZULI, s. m. do lat. *stellatus lapis*, fr. *lapis*, it. *lapis-lazzolo*, ing. *lapis-lazuli*, especie de pedra preciosa de côr azul celeste com pontos e veios de oiro, pesada e opaca, que serve para encrustações em obras de architectura, como se vê no tabernaculo do Santissimo Sacramento de S. Pedro do Vaticano, e em Lisboa na bella capella de S. João Baptista, na igreja de S. Roque. Sendo pisado serve tambem na pintura, formando o azul ultramar. O melhor *lapis-lazuli* vem do Oriente, e não perde a côr, ainda que soffra a acção do fogo.

LAR, s. m. do lat. *lar*, chaminé; fr. *atré*, it. *focolare*, hesp. *logar*, ing. *the hearth*, (archit.) chaminé, fogão de cozinha: — (fig.) casa. Os patrios *lares*, a terra natal. As leis policiaes e de edificação prohibem que se colloque o *lar* da cozinha sobre madeira ou exposto ao sinistro do fogo.

LAREIRA, s. f. do lat. *lar*, chaminé, pedra grande sobre que se accende o lume, collocada no meio da casa que serve de cozinha. V. *Cozinha*.

LARGO, adj. do lat. *largus*, do gr. *laurus*, grande, largo, (t. comp.) exprime a grandeza, assim na composição como na execução das obras d'arte. Em relação á pintura entende-se pela simplicidade da composição isenta de particularidades e de accessorios desnecessarios, pela discreta distribuição das massas de luz e de sombra, pela grandeza dos traços e facilidade da execução. Esta mesma idéa de grandeza e simplicidade se deve applicar á esculptura, á architectura e á gravura; e n'este sentido se diz pincel *largo*, cinzel, buril *largo*.

LARGUEZA, s. f. do lat. *largitio, onis*, liberalidade, franqueza: — (t. comp.) trabalhar com franqueza, seguindo um estylo largo, simples e grandioso.

LARGURA, s. f. uma das tres dimensões dos corpos, que indica a distancia que ha de um lado a outro de qualquer superficie.

LAROZ, s. m. assim chamam tambem ao barrote, que sustém a tacaniça.

LARVA, s. m. do lat. *larva*, mascara, aspecto: — insecto ao saír do ovo: — espectro, alma dos mortos: — (archit.) nome que se dá ao barrote que se colloca no madeiramento do telhado para sustentar a tacaniça.

LASCA, s. f. do lat. *assuta*, fr. *eclat (epaufrure* ou *ecornure)*, it. *scheggia*, hesp. *represa*, ing. *slince*, estilhaço de marmore, pedra, madeira ou metal quebrado accidentalmente, ou levado pela ferramenta no acto de esboçar ou desengrossar.

LATERAL, adj. dos 2 g. do lat. *lateralis*, que é ou está situado ao lado: — (archit.) a parte *lateral* de um grande edificio. As naves *lateraes* de uma egreja, etc.

LATRINA, s. f. lat. e it. *latrina*, fr. *latrine*, hesp. *latrina*, ing. *privy*, (archit.) pequeno quarto com assentos, e as necessarias commodidades para servir de retrete ou privada.

LAVADO, A, p. p. de lavar, e adj. desenho *lavado* a tinta de Nankim ou com outras côres.

LAVADURA, s. f. V. *Aguarelas* e *Aguarelha*.

«Com a cola e gesso fazei uma *lavadura* ou aguarela.» Filip. Nun., *Art. da pint.*, p. 62.

LAVAGNA, s. f. especie de pedra ardosia de grandes dimensões, assim chamada do logar d'onde se extrahe, que é da villa de Lavagna, na Sardenha. Em S. Pedro de Roma vêem-se quadros pintados sobre pranchas de Lavagna, entre outros um que representa S. Pedro curando um coxo á porta do templo, pintado por Civoli. Usa-se da lavagna em logar de panno, nos logares humidos em que ha o perigo de apodrecerem as télas.

LAVANDERIA, s. f. do fr. *lavour*, (archit.) officina de lavar roupa ou outros objectos, a qual tem as disposições e fórmas de um telheiro aberto.

LAVAR, v. a. do lat. *lavare*, gr. *lassó*, humido, passar ou limpar com agua: — (pint. e archit.) os pintores usam de côres desfeitas em agua para pintarem ou aguarelarem os seus desenhos e fazerem os esboços de suas composições. Os architectos usam igualmente do Nankim, da sepia e de outras tintas para *lavarem* ou

aguarelarem os planos dos seus desenhos. *Lavar* é como synonymo de aguarelar.

LAVAR, v. a. do lat. *lavare*, lavar uma obra de architectura, i. é, um projecto com tintas desfeitas a agua.

LAVOR, s. m. do lat. *labor*, trabalho delicado das artes fabris e das bellas artes (t. comp.): assim não só se diz *lavor* da terra, pelos trabalhos de agricultura, mas tambem *lavor* dos bordados, dos ornamentos, ou sejam pintados ou relevados em madeira ou pedra, das effigies ou cunhos da moeda, e em geral das obras delicadas em todo o genero de bellas artes. «Assim como do cunho sáe o *lavor* da moeda, assim este modelo produz a configuração da estatua». Mach. de Castro, *Descrip. analyt.*, XXVIII.

«E depois de impressos os *lavores* que quizeres...» Filip. Nun., *Art. da pint.*, p. 95–96.

E que dos mesmos *lavores*
Dos taes prototypos frescos
Lhe armasse uma cercadura
Vieira Lus., p. 41.

LAVRADO, A, p. p. de lavrar, e adj. terra lavrada: — (t. comp.) obra d'arte *lavrada* ou com lavores. Imagem *lavrada* em marmore. Retrato esculpido ou *lavrado*, aberto ao cinzel. Metaes *lavrados*.

LAVRAGE, ou LAVRAGEM, s. f. a lavra das terras: —, o lavor da madeira, da pedra e dos metaes.

LAVRAMENTO, s. m. a acção, o effeito de lavrar: —, o lavramento da pintura, da estatua, da moeda, do edificio.

LAVRANTE, s. m. o que lavra ou trabalha em esculpir ou lavrar metaes.

LAVRAR, v. a. do lat. *laborare*, lavrar a pintura, a madeira, a pedra e os metaes, para executar obras de arte.

«*Lavrar* imagens em marmore, conservando n'ellas a imagem tão proporcionada, inteira e sem mudança, como se a tivera lavrado em marmore ou fundido em bronze.» Vieira.

«De Apelles, diz Plinio, que não *lavrava* mais que com quatro côres sómente.» Filip. Nun., 9, 51, 97.

«O modo de *lavrar* bem os ornatos de pedra data do seu tempo.» Cyr., *Mem.*, p. 179.

LAZARETO, s. m. do lat. *nosocomium suburbium*, (archit.) vasto estabelecimento isolado, cercado de muros, tendo ao centro os edificios necessarios para accommodar os passageiros, e os telheiros para abrigar as mercadorias. Os edificios para habitação constam sómente de quartos simples, apenas branqueados ou caiados, tendo nas paredes alguns ganchos de ferro para dependurar as roupas, mas sem alguns moveis; os que são indispensaveis ministra-os o fiel, mediante uma gratificação. O *lazareto* comprehende a casa do director, encarregado da policia do estabelecimento, a do fiel, que vela sobre as portas e lhes dá os moveis, e de uma casa de pasto *(restaurant)*, que lhe fornece os viveres.

Ha ali um hospital, onde podem ser tratados os doentes; uma capella onde todos os dias santificados um capellão celebra o santo sacrificio da missa, e um locutorio, que é uma extensa galeria com uma duplicada grade de ferro a meio, onde os quarentenarios podem ver as pessoas que esperam, e sua chegada, etc.

Dá-se tambem o nome de *lazareto* a um outro estabelecimento, em que são tratados os leprosos.

LAZULI. V. *Lapis*.

LEGENDA, s. f. do lat. *lego, is, ere*, inscripção gravada ou esculpida em alguma medalha ou moeda, ou aberta em letras de betume preto ou relevadas em bronze em alguma columna, pedestal ou monumento publico. V. *Inscripção*.

LEITO, s. m. do lat. *lectus*, gr. *lekron* rad. *legó*, fazer deitar; (archit.) assento de uma pedra; chama-se *leito de cima* á superficie horizontal da pedra que se quer collocar, e *leito de baixo* á superficie horizontal da outra sobre que assenta a primeira.

LEME, s. m. ferro da dobradiça que se embebe no vão da femea, e sobre que joga a porta ou janella.

LENTE, s. m. do lat. *legens, tis*, professor que dá lições em escola ou universidade: —, pessoa que lê para outrem ouvir ou para se instruir.

LENTE, s. f. do lat. *lens entis*, lentilha (legume), em relação á fór-

ma: —, vidro optico concavo ou convexo, de que se usa nos oculos e nos tubos para observações opticas.

LENTILHA, s. f. dimin. do lat. *lens, tis,* lente optica, de que se usa na dioptrica.

LEOS. V. *Lioz.*

LETRA ou LETTRA, s. f. do lat. *litera* ou *littera,* fr. *lettre,* it. *lettera,* ing. *a letter,* caracter que designa um som vogal, consoante ou aspirado. Como o desenho dos hieroglyphicos fosse o de que os homens se serviram para exprimir suas idéas, antes de inventarem os alphabetos, Scaliger faz derivar a palavra letra de *lineatura* e de *legere,* ler. As letras pois sendo formadas de linhas, é certo que as boas fórmas ou caracteres dependem das regras e proporções do desenho.

Fallando das provas de estampas ou de gravuras, que são antes da *letra,* quer por isso dizer-se que taes gravuras são as mais bellas e as mais estimadas, por serem tiradas antes da feitura da *letra* ou da inscripção, e por isso mais frescas e genuinas.

LEVADIO, s. m. de *levar,* (archit.) chama-se telhado de *levadio* ao que não é amouriscado, mas é só formado de telhas soltas.

LEXIVIA ou LIXIVIA, s. f. do lat. *lexivium,* fr. *lessive,* it. *ranno,* hesp. *lexia,* ing. *lie to wash with,* lavagem, decoada, barrella. Os estampadores a talho doce fazem uma *lixivia* ou encerrada com agua, cinza e soda peneirada, com a qual fazem ferver ao lume as chapas de cobre, para lhes tirar o negro que podia ter-se seccado nos talhos e traços das mesmas grossuras.

LEXIVIAR ou LIXIVIAR, v. a. lavar em barrela ou encerrada, não só as cinzas das plantas, mas como fazem os estampadores a talho doce, as chapas para as limpar, e preparal-as para receberem a tinta de estampagem.

LEZIM ou LIZIM, s. m. do lat. *lœsio,* lesão, fr. *fente,* it. *fezco,* ing. *a stit,* (esculp.) assim chamam os esculptores aos fios mais ou menos profundos, que apparecem nas pedras e marmores destinados á estatuaria. Quando os *lezins* são muito profundos e extensos, chamam-se *lezins lavados,* que algumas vezes impossibilitam os artistas de proseguirem n'essas pedras os seus trabalhos.

LIAÇÃO, s. f. do fr. *liaison,* lat. *conjunctio,* it. *congiunzione,* hesp. *travazon,* ing. *bondf,* liame, juncção, laço, (t. comp.) em architectura é o modo de ligar e unir as pedras entre si: —, a maneira de ligar os materiaes que entram na construcção de um edificio. Em pintura e esculptura é o modo discreto de dispor e agrupar as figuras e os accessorios de uma composição, e é costume o dizer-se que ha uma boa *liação* de grupos: «e os seus grupos sem a *liação* devida». Mach. de C., *Descrip. anal.,* p. 105.

«A *liação* que tem o primeiro grupo com o terceiro, é a mais clara e menos artificiosa.» Idem, ib., p. 216.

LIADOURO, s. m. pedra sobresaída do prumo para receber outra e ligar a parede da casa com outra immediata. V. *Espera.*

LIAME, s. m. de *liar.* V. *Liação.*

LIAR, v. a. atar, ligar, (archit., pint. e esculpt.) travar entre si as peças ou partes do madeiramento, as paredes do edificio, as pedras com os resaltos convenientes na parede immediata.

Ligar os grupos da composição ou seja em pintura ou em esculptura.

LIBERDADE, s. f. do lat. *libertas, atis,* fr. *liberté,* hesp. *libertad,* ing. *easiness,* it. *franchezza,* é termo applicavel a todas as artes do desenho; *liberdade,* franqueza de lapis, do pincel, do buril, do escopro, etc. V. *Facilidade, Franqueza.*

LIBRAÇÃO, s. f. V. *Equilibrio, Ponderação.*

LIBRAR, v. a. do lat. *librare,* pôr em oscillação, balancear: —, equilibrar a figura humana, segundo as leis da estatica, e equilibrar ou *librar* o peso da composição, balanceal-a para que á vista guarde as regras da justa libração ou equilibrio.

LICENÇA, s. f. do lat. *licentia,* de *licet,* ser licito, fr. e ing. *licence,* it. *licenza,* hesp. *licencia,* (pint., esculpt. e archit.) entende-se em bellas artes pela inobservancia ou desvio das regras geraes estabelecidas, e permissão ou *licença* de que o gosto e o ge-

nio do artista deve fazer uso prudente, para que as suas obras pareçam novas, e como nascidas de um genio inspirado. Esta *licença*, que deve ter os limites que Horacio lhe prescreve na sua poetica, para não degenerar em obras ridiculas e monstruosas, acha bons exemplos tanto no antigo como nos tempos modernos; p. ex.: no grupo de Laocoonte, em que se observa a desproporção dos filhos em relação á estatura do pae; — na distribuição artificiosa da luz em um quadro; — no uso das columnas agrupadas, nas cornijas architravadas na parte interna de alguns edificios, etc.

LICENCIOSO, A, adj. do lat. *immoderatus*, it. *immodesto*, fr. *licentiens*, hesp. *licencioso*, ing. *licentious*, dissoluto, devasso, expressão que não se deve confundir de modo algum com as licenças bem entendidas que a rasão e a arte permittem; mas deve applicar-se aos artistas, que em suas obras offendem a moral publica e particular, procedimento de que fogem os espiritos nobres e bem morigerados.

LICÊO. V. *Lyceu*.

LIERNE, s. m. (archit.) nervura nas abobadas gothicas ou de ogiva, formando uma cruz que parte da chave até aos *terciaroens*. V. este termo.

LIERNE ou LIGADO, s. m. do fr. *lierne*, (archit.) peça de madeira de 135 a 200 millimetros em esquadria, que serve para ligar e sustentar as vigas de um madeiramento. Para este fim devem atravessar-se os *liernes*, entalhando-os a meio do seu comprimento, no logar em que se cruzam com cada uma das vigas, introduzindo-lhes boas cavilhas, que entrem bem na grossura da madeira, e que cheguem a dois terços das mesmas vigas.

LIGAME ou LIAME. V. *Liação*.

LIGAMENTO, s. m. do lat. *ligamentum*, (anat.) orgão fibroso, esbranquiçado, resistente, muito variavel na sua figura e tamanho, que serve para ligar os ossos, ou dirigir os tendões: — (archit.) prisão, liga; cimento com que se unem as pedras; travamento e ligação das madeiras. V. *Liação*.

LIGAR, v. a. do lat. *ligare*, gr. *legô*, unir; rad. *lac*, laço, liame: (archit.) atar, prender bem e com força os ferros, as madeiras, as pedras do edificio, etc. V. *Liar*.

LIGEIREZA, s. f. propriedade do que é ligeiro (t. comp.). Em bellas artes diz-se *ligeireza* de toque, *ligeireza* das aguas, das nuvens, *ligeireza* de buril, de cinzel, de construcção. Esta ultima expressão toma-se em bom ou mau sentido.

LIGEIRO, A, adj. do lat. *levis* ou *aliger*, que tem azas, it. *legiere*, em pintura significa a leveza, a liberdade do toque, do lapis, do pincel, que fazem as côres transparentes e vaporosas.

Em esculptura não se entende só das suas fórmas e attitudes, como se vê no gladiador, chamado *combatente*, mas principalmente de suas partes salientes e ligeiras, como a roupa ou chlamyde do Apollo de Belvedere.

Em architectura entende-se por *ligeira* uma obra mais notavel pela belleza da fórma do que pela materia; ainda que tambem se tome o termo em mau sentido para significar uma obra pouco solida e duradoura.

LILAZ, (côr de) s. m. do pers. *lilac*, genero da familia das oleaceas, arbusto de folhas verdes em fórma de lança; as flores, dispostas em cachos, são agradaveis, de um bello cheiro e de côres variaveis, entre roxo azulado e roxo purpureo; ha tambem algumas com flores brancas.

LIMA, s. f. do lat. *lima, æ*, gr. *leia*, lima, *leioô*, polir, alisar, (esculp.) instrumento de aço temperado, lavrado com ranhuras, que serve para gastar, polir e alizar o ferro, o marmore, a pedra, o marfim e a madeira: ella tem differentes fórmas, em geral é da figura de uma faca, chata por ambas as faces, ou abaulada por uma só, terminando em ponta. D'ella usam os esculptores, assim os que trabalham em marmore, como os de madeira. V. *Groza*, *Raspa*.

LIMAR, v. a. do lat. *limare*, fazer uso da lima. *Limar* uma obra d'arte, uma estatua, um florão, um ornamento, etc.

LIMATÃO, s. f. augm. de lima, (esculp.) lima grande e grossa; ordinariamente se applica este nome a um instrumento de aço redondo e comprido, com que os canteiros abrem furos em vasos e n'outros logares.

LIMIAR ou LIMINAR, s. m. do lat. *limen e liminare,* do mesmo rad. que *limite;* entrada, (archit.) pedra ou peça de madeira, collocada ao baixo das vergas de uma porta ou portal, servindo de piso ou entrada de uma casa. Toma-se não só por esta pedra, mas tambem pelo espaço ou patamar junto.

«Seus *liminares* renuncia,
Suas paredes detesta»
Vieira Lusit., *O ins. pint.,* 564, 565.

LIMPAR (quadros). V. *Alimpar.*

LINDA. V. *Lindeira.*

LINDA, s. f. corrup. do lat. *limes,* limite, marco, baliza que divide os campos. D'aqui vem *deslindar.* V. *Baliza.*

LINDEIRA, s. f. do fr. *linteau,* ing. *lintel,* (archit.) verga superior da porta ou janella, de pedra ou madeira, que serve para firmar e unir os pés direitos ou umbreiras entre si (voc. ant.), a que Vitruvio chama *supercilium* ou *limen superius.*

LINEAL, adj. dos 2 g. pertencente ás linhas de um desenho, de um edificio, ou de outra obra de arte.

LINEAMENTOS, s. m. pl. do lat. *lineamentum,* rad. *linea,* linha, traço, risco. Traços ou contornos do desenho, primeiras linhas que formam o esboço de um quadro, edificio ou qualquer obra d'arte. As feições, os lineamentos do corpo, do rosto. *Barreiros.*

«Chamavam os antigos ao desenho que elles em muito tinham, as linhas ou *lineamentos* do corpo, que affirmavam ser mais que tudo, e onde se encerrava o fim da arte...» F. de Holl., *Dial. da pint. ant.,* p. 34 (ms.)

LINEAR, adj. dos 2 g. (do lat. *linearis)* desenhado sómente a traços ou linhas, sem sombra. V. *Desenho linear.*

LINGUA DE GATO, s. f. do fr. *burin-échoppe,* (grav.) buril-escopro, que serve para gravar em madeira. V. *Buril.*

LINGUETA, s. f. dimin. de lingua, pequena peça de ferro chata e movediça que se introduz nas fechaduras, e serve para abrir ou fechar as portas por meio da chave.

LINHA, s. f. do lat. *linea,* it., hesp. e fr. *ligne,* ing. *line,* linha considerada geometricamente, é uma serie continua de pontos ou um simples traço, em que só se considera o comprimento, abstrahindo da sua largura e grossura: considerada artisticamente a linha ou traço serve para limitar e circumscrever as superficies ou fórmas dos objectos. Todas as linhas podem reduzir-se a duas especies: *linha recta* e *linha curva:* a *linha recta* é a mais breve que se póde dar de um ponto a outro, e lança-se á mão, com a régua ou com o cordel; a *linha curva* é a que varia a cada ponto, e não é por isso comprehendida entre suas extremidades. Chama-se *linha curva regular* a que é traçada de um centro, como a circular e a elliptica, e *irregular* a que é procurada e descripta por pontos, como são todas as *linhas inclinadas* ou *rampantes,* e as que servem a contornar a figura humana, os ornamentos e outros objectos de arte.

Linha diagonal, a que é tirada de um angulo a outro em uma figura.

Linha mixta, a que é composta de recta e de curva.

Linha de nivel, a que é igualmente distante em suas extremidades do centro da terra.

Chama-se tambem *linha horizontal* e em *perspectiva, linha da terra.*

Linha obliqua, aquella que é mais inclinada de um lado que do outro, a que os praticos chamam linha rampante ou inclinada.

Linha perpendicular, a que fórma angulos iguaes de todos os lados sobre uma linha recta ou sobre um plano.

Linha tangente, a que corta uma figura em qualquer parte.

Linha sustentante, a que serve de base a uma porção de circulo, e chama-se tambem *corda do arco.* V. *Hypothenusa.*

Ha emfim *linhas parallelas, proporcionaes, de direcção, ellipticas, parabolicas, hyperbolicas, linha conica, espiral* e *helice; linhas radiantes* são todas as peças que seguem a direcção dos raios da curva da cambota. V. *Simples do arco.*

Preceito era de Apelles, que o pintor não devia passar um só dia sem ao menos lançar uma *linha: nulla dies sine linea.*

LINHAÇA, s. f. do ant. fr. *linuise*, em b. lat. *linosium*, semente de linho, (pint.) as sementes de linho, alem do uso que têem na medicina, servem tambem para serem empregadas como oleo nas pinturas ordinarias dos edificios e suas dependencias.

LINHOTE, s. m. dimin. de linha, (archit.) toma-se no sentido de trave de madeira ou barra de ferro, que atravessa o espaço de uma casa e serve para auxiliar a segurança d'ella.

LINIAMENTOS. V. *Lineamentos.*

LINTEL. V. *Dintel.*

LIOZ, adj. do fr. *liais*, do gr. *leiós*, liso, (archit. e esculp.) pedra calcarea dura, branca, de grão mui fino, de que se faz uso não só para obras de architectura, mas para estatuas: em Portugal ha varias pedreiras de *lioz*, e entre estas é muito conhecida a de Pero Pinheiro, junto a Mafra.

«As estatuas do rei talhadas de vulto em pedra *lioz.*» Leitão, *Miscell.*

«Cada um dos quaes (grupos) contém dez pedaços de marmore *lioz de Perpinheiro.*» Mach. de Castro, *Descrip. analyt.*, p. 147.

LIS. V. *Liz.*

LISIM, s. m. do fr. *lezarde*, racha, fenda, parede ou lesim: fio, eiva ou fenda que apparece nas pedras, e que muitas vezes as torna inuteis, principalmente quando se destinam a obras de esculptura.

LISO ou LIZO, A, adj. do gr. *lissos*, em geral entende-se dos corpos ou objectos de arte que não têem asperezas, ou que, sendo simples, não admittem ornamentos que excedam a sua superficie. Assim, tintas *lisas* são as de uma só côr: —, face, membros; pannejamentos *lisos*, em esculptura, são os que não offerecem asperezas, por terem sido passados com a groza e a pedra de brunir. Columna, frontão, molduras *lisas* são as que não têem ornamentos.

LISTÃO ou LISTELÃO, s. m. augment. de listel, do hesp. *listelon*, (archit.) é a maior de todas as molduras quadradas e lisas.

LISTEL ou LISTELO, s. m. do lat. *vitta*, it. *fascia* ou *listello*, (archit.) pequena moldura quadrada e unica, que corôa ou acompanha uma moldura maior ou que separa as caneluras de uma columna ou pilastra. V. *Filete, Regolete.*

LISTELA, s. f. V. *Listel, Listelo.*

LISTRA, s. f. do fr. ant. *listre*, risca, facha em fórma de fita, ou seja desenhada no papel, panno, etc., ou entretecida e lavrada na téla.

LISTRAR, v. a. desenhar, pintar ou entretecer com listras.

LISURA ou LIZURA, s. f. polidez dos corpos e superficies, singeleza, simplicidade de obras d'arte, sem ornamentos nem relevos.

LITHARGYRIO, s. m. oxydo de chumbo meio vitrificado. V. *Fezes de oiro.*

LITHOCHROMIA, s. f. do gr. *lithos*, pedra, e *khrôma*, côr, phrase pouco propria, segundo a sua etymologia, para significar *lithographia colorida;* cousa alheia á lithographia, porque consiste em applicar á estampa as côres de maneira que pareça um quadro pintado a oleo; a *lithochromia*, porém, consiste no processo pelo qual em verdade se imprimem pela lithographia desenhos de muitas côres, usando para este fim de tantas pedras quantas são as côres que entram no desenho; para exprimir bem este processo é mais proprio o nome de *chromo-lithographia.* A typographia em cores dá resultados analogos.

LITHOCOLLA, s. f. do gr. *lithos*, pedra, e *colla*, materia glutinosa, betume feito de pó de pedra ou marmore, pez e claras de ovos, ou outros mixtos, para soldar pedras. V. *Betume.*

LITHOGEOGNOSIA, s. f. sciencia que ensina a conhecer as pedras.

LITHOGRAPHAR, v. a. escrever, desenhar sobre pedra lithographica.

LITHOGRAPHIA, s. f. do gr. *lithos*, pedra, e *grapho*, escrever, (des. e pint.) arte aperfeiçoada por Luiz Senefelder em 1796, e levada á França por Frédéric André em 1802. Tem o effeito de reproduzir pela impressão todos os desenhos ou letras traçadas com lapis gorduroso ou uma penna de aço molhada em uma tinta gordurosa, sobre uma pedra calcarea chamada *pedra lithographica.* V. *Pedra.*

Varios tratados se têem publicado sobre a lithographia; podem ver-se:

Manuel de lithographie, de Chevalier e Langlumé, 1838-1839. *Traité de lithographie*, par G. Engelmann, 1839. *Un cours de lithographie*, par P. Thénot, etc.

LITHOGRAPHIAR. V. *Lithographar.*

LITHOGRAPHICO, adj. pertencente á lithographia, pedras, desenhos, lapis, proprios para a lithographia.

LITHÓGRAPHO, s. m. o desenhador em pedras lithographicas.

LITHOLOGIA, s. f. parte da historia natural, que trata do conhecimento das especies e qualidades de pedras e suas circumstancias, etc.

LITRO, s. m. do fr. *litre*, gr. *litra*, libra, peso e medida, unidade de medidas de capacidade do novo systema metrico; equivale a um decimetro cubico, e a uma canada e quarta ou *pinte* de París. Os multiplos denominam-se *decalitro*, *hectolitro*, etc.

LIVEL. V. *Nivel* e *Olivel.*

LIVELAÇÃO, LIVELAR e seus deriv. *Nivelação*, *Nivelar*, etc.

LIVRETE ou LIVRINHO, s. m. dimin. de livro, pequeno livro: é conselho de alguns auctores e escriptores de bellas artes, que muito convem ao artista, que deve ser um observador continuo da natureza, o trazer comsigo um pequeno livro, em que possa apontar ou esboçar com o lapis os muitos e variados objectos que a mesma natureza lhe offerece, grupos, attitudes, costumes, edificios, ruinas, effeitos de luz, etc. Poussin, entre outros, consta que usava muito de um *livrete* de apontamentos.

LIXA, s. f. do lat. *lichen*, gr. *letkhen*, aspereza da pelle: pelle secca e escabrosa do cação, de que usam os esculptores e outros artistas e artifices para rasparem e alisarem a madeira das imagens e de outros objectos de artes e officios.

LIXAR, v. a. usar da lixa: raspar, afagar, alisar os membros e as roupagens da imagem com a lixa.

LIZ, LIZES, s. m. ou f. do lat. *lilium*, lyrio branco, açucena, (archit.) ornatos assimilhados á flor de liz.

LIZO e deriv. V. *Liso.*

LOCAL, adj. dos 2 g. do lat. *localis*, *locale*, do rad. *locus*, logar, (pint. e archit.) em pintura chama-se côr *local* á propria côr natural que exprime e distingue um objecto de qualquer outro. As côres *locaes* de le Brun são ruins, as dos pintores venezianos são excellentes. V. *Côres:* em architectura toma-se o nome de *local* substantivamente para significar o espaço de terreno, o solo ou área em que se podem fazer edificações. V. *Área.*

LOCUTORIO, s. m. do lat. *locutum*, sup. de *loquor*, fallar, fr. *parloir*, it. *parlatorio*, ing. *the parlour*, (archit.) sala ou gabinete que ha nos conventos de religiosas, onde as pessoas de fóra lhes fallam por uma especie de janella com grades.

LOGAR ou LUGAR, s. m. da mesma origem, (pint. e esculp.) É preceito de arte que deve ser observado pelos pintores e esculptores, o de representar ou indicar por algum modo o logar da scena, em que se passa a acção de um quadro, os usos, trajos e costumes proprios da epocha.

«Conveniat *locus* atque habitus, ritusque, decusque, servetur.» Du Frenoy, *De arte graphica*, n.os 221 e 222.

«Circumstancia muito attendivel, não só por ser especial do sujeito, como para manifestar tambem o *logar da scena*, do qual diz De Pyles, ser preciso com industria declaral-o.» Mach. de Castro, *Descrip. analyt.*, 212.

LOGAR DA ACÇÃO. V. *Logar, Scena.*

LOGE e LOGEA ou LOJA, s. f. do b. lat. *logea*, fr. *rez-de-chaussée*, hesp. *loge*, ing. *a box*, domicilio, casa ou armazem ao rez da rua, (archit. e pint.) quarto de porteiro ou guarda na entrada de uma grande casa ou palacio. Segundo Vitruvio, vem de *Hyroreum:* —, armazem ou casa de venda de differentes moveis, artefactos e productos diversos. Os italianos chamam *logeas* a uma galeria ou portico abobadado, ou arcada aberta, taes como a do palacio Vaticano e do Monte-Cavallo, ou Quirinal; na primeira das quaes se vêem as excellentes pinturas de Raphael, de Julio Romano e de outros pintores famosos. Dá-se finalmente com menos propriedade o nome de *logea* a uma especie de mirante ou belveder, construido no logar mais elevado de uma casa, lat. *menianum.*

LOGRADOURO, s. m. fr. *promenade publique, terrain devant une maison,* (archit.) passeio ou terreno publico, chão situado na frente da casa de alguem para diversos usos.

LOISA. V. *Lousa* ou *Louza.*

LOMBO (das telhas), s. m. do lat. *lombus,* fr. *pureau,* lombo ou costado das telhas que fica descoberto.

LONGE e LONGES, s. m. do lat. *longus,* e *longè,* ou *longinquus, recessus,* fr. *lointain,* ing. *loin,* it. *lontananza,* que está em grande distancia, remoto, (pint.) parte da pintura que consiste no conhecimento e exercicio da perspectiva linear, por meio da qual se afastam e degradam os objectos representados no quadro a uma grande distancia.

«Os pintores sabem contrafazer tambem um *longe,* que fazem afigurar aos olhos, que uma cousa que tendes na mão está a cem leguas de vós.» Paiva, *Serm.*

«O fim da acção deve-se collocar no primeiro pavimento, e o principio d'ella nos *longes.*» G. Lairesse.

LONGIMETRIA, s. f. de *longé,* contracção de *longitude,* e *metria,* suff. Parte da geometria pratica, que ensina a medir as distancias e longitudes.

LORÍCA ou LORÍGA, s. f. do lat. *lorica* de *lorum,* couro: especie de cota de armas, feita de correias de couro sobrepostas.

LORO e LOROS, s. m. do lat. *lorum,* celt. *lur,* couro: correia dobrada que sustém o estribo; (esculp.) chamam os esculptores *loros* ás pequenas desigualdades que por falta de empaste apparecem nas superficies das carnes, e mesmo das roupagens, tornando-as por isso pouco lisas e desagradaveis.

LOSANGE, s. m. do gr. *loxos,* obliquo, e *agkon,* angulo, (geom.) figura de quatro lados iguaes ou parallelos, que tem dois angulos agudos e dois obtusos. V. *Rhombo:*— (grav.) chama-se na gravura e no desenho talhos e traços em *losange* aos que se cruzam em fórma d'esta figura geometrica:— (braz.) em armaria chama-se *losange* ao escudo que segue esta fórma.

LOSIA, s. f. (antiq.) palavra antiquada, que significava a capella-mór de uma egreja, ou o espaço que segue para cima da dita capella. V. *Abside* ou *Absis, Adussia.*

LOUÇA ou LOIÇA, s. f. V. *Ceramica* e *Faiança.*

LOURO ou LOIRO, A, adj. do lat. *luceo, ere,* luzir, e *aurum,* oiro, de côr de oiro claro; uma das sete côres do prisma, entre o verde e o vermelho, que admitte muitas modificações e tons diversos. V. *Amarello.*

LOUSA ou LOUZA, s. f. do fr. ant. *lanze,* hesp. *losa,* pedra chata. Lage de pedra quadrangular branca, cinzenta, ou de outras côres com que se cobrem os pavimentos das egrejas ou de casas particulares: pedra tumular. V. *Ardosia.*

LOUSAR, v. a. forrar ou cobrir com lousas.

LUAR, s. m. do lat. *lunare,* formar o crescente como a lua no quarto: luz e effeitos da reflexão da lua sobre a terra; (pint.) entre os pintores de paizagens e de marinhas tem havido alguns que se deram com vantagem ao estudo e imitação da luz, e dos effeitos da reflexão da lua sobre a terra, e principalmente sobre as aguas: e assim é costume dizer-se que tal artista pintou bem um luar.

LUCIDAR, v. a. do lat. *lux, cis* e *do, das,* dar, transparecer, (des. e pint.) passar um desenho á luz sobre um vidro, ou traspassal-o para um papel mui fino chamado vegetal, que deixa ver as linhas que ficam por baixo.

LUCIDO, s. m. (a mesma origem) desenho ou quadro lucidado, ou tirado á luz; «é um bom *lucido*», expressão vulgar entre os artistas.

LUMES, s. m. pl. do lat. *lumen, inis,* expressão figurada em que se toma a causa pelo effeito: o *lume* tomado na accepção de luz, que d'elle nasce. Os classicos dizem: os *lumes* da pintura, os da eloquencia, querendo dizer: os *claros,* a *luz* ou *luzes* brilhantes de um quadro. V. *Luz.*

LUMIAR (da porta). V. *Liminar.*

LUMIEIRA, s. f. de lume, lampadario de castiçaes para alumiar algum logar; (ant.) fogaréu ou fogo para alumiar.

LUMIEIRO, s. m. (a mesm. orig.) tem a mesma significação e designa tambem fresta, pequena abertura, es-

treita e comprida para dar luz e ar sobre a porta ou janella.

LUNETA, s. f. do fr. *lunette*, it. *ochiale*, hesp. *luneto*, ing. *glass*, oculo, (archit.) instrumento de optica, que faz ver os objectos de um modo mais distincto: —, toma-se tambem em geral pela abertura de fórma circular ou elliptica feita na parte superior ou lateral de uma abobada, ou sobre uma porta ou janella, com o fim de dar luz e ar aos edificios, ás casas, escadas e logares em que são abertas. As *lunetas* são ás vezes decoradas de pinturas e esculpturas.

Em architectura militar é uma especie de meia lua maior ou menor, que se construe defronte das praças de armas, dos angulos reentrantes, do caminho coberto, etc.

LUSTRAR, v. a. do lat. *lustrare*, polir, alisar, tirando ou puxando lustre em obras de arte.

LUSTRE, s. m. de luz, especie de lampadario de vidros crystallinos: —, brilho de qualquer superficie em trabalhos artisticos; luz reflectida por superficie lisa e polida; dar *lustre* aos metaes, aos marmores, ás pedras.

LUVA (ferro de) s. m. peça de ferro composta de tres partes: as dos lados terminam em rabo de andorinha pela parte de fóra, e a do centro tem uma argola, onde engata uma talha, que deve suspender a pedra. Estas partes para se conservarem unidas e prenderem a pedra, são atravessadas por uma cavilha grossa, tendo em uma das extremidades um botão, e na outra um parafuso e porca, para não escapar.

LUZ, s. f. do lat. *lux, cis*, sansc. *loch*, luz, olho, gr. *luké*, fr. *lumière*, it. *luce*, hesp. *luz*, ing. *light*, agente de que nasce a visibilidade dos objectos, ou a luz provenha da claridade e emanação do sol e das estrellas, ou do facho electrico ou da chamma dos corpos em combustão; (pint.) em pintura distinguem-se dois generos de *luz:* 1.º, *luz natural*, que se suppõe vir immediatamente do sol, a qual varia segundo as differentes horas do dia e dos vapores que se condensam no ar; 2.º, *luz artificial*, produzida pelo fogo ou pela chamma, que tinge os objectos de uma côr conforme á sua origem.

A *luz* communica-se de quatro modos differentes:

1.º Do *alto*, caíndo a prumo e illuminando a parte eminente do objecto, e se chama *luz principal* ou *soberana;*

2.º *Luz communicada*, que nasce da principal, e que só serve para tocar e tingir os objectos;

3.º *Luz diminuida* ou *perdida*, porque afastando-se do principio que a produz, se confunde na massa do ar, perdendo-se;

4.º *Luz reflectida*, que, posto não seja directa, póde recebel-a de um corpo vizinho que lh'a communique.

«A luz alta e abundante, mas não muito forte, diz L. de Vinci, é a que faz o mais grato effeito nas partes do corpo.»

«As figuras illuminadas com luz particular demonstram muito maior relevo e força do que as que se pintam com luz universal, porque a primeira gera reflexos, que separam e fazem resaltar as figuras do campo em que se fingem; e estes reflexos se originam das luzes de uma figura, que resaltam na sombra d'aquella que está em frente e em parte a illuminam.» L. de Vinci, *Trat. de pint.*, V. *Claro escuro.*

LYCEU ou LICEU, s. m. do lat. *licæum*, gr. *lykeion*, (archit.) estabelecimento de instrucção secundaria, ordinariamente creado e sustentado pelo estado para a instrucção da mocidade. Elle deve ser situado em logar proprio, arejado e sadio, livre do tumulto e bulicio da cidade; conter as salas indispensaveis para o ensino das diversas disciplinas, com os corredores e dependencias necessarias, e com os mais requisitos que a sciencia aconselha em um estabelecimento de tal natureza.

Entre os gregos o *lyceu* era uma celebre academia estabelecida em Athenas, em que Aristoteles e Platão ensinavam philosophia. Era composto de porticos e de alamedas de arvores dispostas em xadrez, onde os philosophos disputavam passeiando. Cicero fez construir em Tusculo, hoje Frascati, uma especie de *lyceu* segundo o modelo do de Athenas. Cic., liv. I, *De divinat.*

M

MACACO, s. m. machina a que por onomatopeia se dá este nome, do lat. *asellus*, Vitruv. chama-lhe *vindas*, fr. *cric*, it. *martinello*, ing. *an engine used to lift up burthen;* (archit.) machina muito conhecida, que serve para levantar grandes pesos, e por isso muito util e necessaria na construcção de edificios; tambem lhe chamam *crava-estacas*, porque tem igualmente esse prestimo. Compõe-se geralmente de uma barra de ferro, formando uma haste dentada ou de engrenagem, na qual se endenta uma roda, que a faz voltar sobre o eixo por meio de uma manivella.

MAC-ADAM, s. m. systema de calçar estradas e ruas, deduzido do nome de seu inventor *Mac-Adam*, engenheiro inglez. Consiste este systema na escolha de pedra britada, que se calcina e se applica em camadas sobre as estradas, batendo-as com um grosso cylindro de ferro, e repetindo esta operação até que forma um corpo solido e compacto.

MACADAMISAR, v. a. fazer uso do systema Mac-Adam, assim nas estradas como nas ruas, e ainda em redor de estabelecimentos publicos e particulares.

MAÇAME ou MASSAME, s. m. deriv. de maça ou massa, do fr. *maçonnerie*, it. *fabbrica*, ing. *masonry*, (archit.) leito ou lastro das cisternas, ou de outras obras de alveneu, feitas com pedras e argamassa, com cimento ou betume. O *maçame* ou alvenaria, a que Vitruvio chama *structura*, comprehendia antigamente seis especies differentes, ou seis modos diversos de accommodar e ligar as pedras de cantaria, ou de pedras toscas com a argamassa ou cimento. Vitr., liv. II, cap. VIII, Palladio, liv. I, cap. IX. Hoje comprehende a *grossa alvenaria*, que se emprega nas fundações e cavoucos, e na estructura das abobadas e muralhas, e a *alvenaria ligeira*, que consiste na execução de todas as especies de trabalhos de alveneu, como paredes, tectos, repartimentos, tabiques, etc. V. *Alvenaria*.

MAÇANETA, s. f. diminut. de maçã, do lat. *globulus*, fr. *pommette*, it. *pomello*, ing. *knotted work*, (archit.) pequena peça de madeira, pedra ou metal, em fórma de maçã ou pinha, que serve de remate a um varão ou poste de escada, de grades, de cabeceiras de leitos, etc.

MACERIA, s. f. (archit.) muro insosso, ou parede de pedra secca sem barro, obra de alvenaria. (Per., na *Bibl.)*

MACETA, s. f. instrumento de ferro calçado de aço, em fórma de uma pequena pyramide conica truncada, tendo a meio um cabo de madeira curto, de que usam os canteiros para bater nos ferros com que trabalham.

MACETE, s. m. diminut. de maço, (esculp.) instrumento feito de madeira rija, em fórma quadrangular oblongo, tendo a meio um cabo mais comprido que o da maceta, de que usam os esculptores em madeira para os trabalhos da sua arte.

MACHA-FEMEA, s. f. (archit.) dobradiça de duas peças, i. é, o eixo ou macho que entra no canno ou bainha da outra, que se chama *femea;* tem differentes usos, e principalmente é applicada para sustentar e mover as portas sobre os seus alisares. V. *Alisar*.

MACHINA, s. f. do lat. *machina*, deriv. do gr. *metrarié*, fr. e ing. *mekané*, it. *macchina*, instrumento ou engenho composto de peças, que serve para augmentar, graduar e reger as forças moventes. As machinas simples e principaes, a que podem reduzir-se as outras, são sete; a saber: *cordas* ou *machinas funiculares, alavanca, roldana, cabria, plano inclinado, parafuso, cunha;* (archit.) os architectos servem-se de *machinas* para poderem collocar as differentes partes e peças dos edificios nos seus devidos logares. Elles devem servir-se das mais simples.

Ha tambem *machinas hydraulicas*, que servem para conduzir e elevar as aguas, como n'uma repreza, n'uma bomba, n'um poço, etc. *Machinas de theatro*, destinadas aos movimentos dos pannos de decoração, e de outros proprios das differentes scenas; (pint.) os pintores, em linguagem figurada, chamam tambem *machina* a uma composição vasta e complicada, em que é preciso balancear e pôr em harmo-

nia grande multidão de objectos, de figuras, de grupos e de massas de sombra e luz, como ordinariamente acontece nos tectos, nas cupulas, e em todos os quadros de grande apparato, usando-se d'esta phrase quando se trata de obras de extraordinarias dimensões, principalmente em sujeitos do genero historico; (grav.) os gravadores em pedras finas e crystaes servem-se tambem de uma pequena *machina* chamada *Touret*, que é uma especie de torno. Modernamente se tem inventado outras *machinas* para uso dos gravadores a talho doce e agua forte, etc.

A arte de construir as *machinas* constitue a mechanica applicada. V. *Traité élémentaire des machines*, par M. Hachette; *Recueil des machines approuvées par la académie des sciences*, par M. Armengaud.

MACHINISMO, s. m. apparelho, organismo de machinas.

MACHINISTA, s, m. o homem que junta aos conhecimentos de mechanica, a industria de inventar machinas para augmentar e reger as forças humanas, por meio das quaes se levantam estatuas, colossos, obeliscos e outras obras de peso enorme; termo que tambem se applica ao que faz mudanças, movimentos e transformações theatraes ou scenicas.

MACHO, s. m. do lat. *masculus*, animal macho de qualquer especie, termo que não só se applica aos animaes e a algumas plantas, mas tambem por extensão a alguns encaixes de peças de madeira, gesso ou metaes, que entram em cavidades correspondentes. (archit.) Vitruvio usa d'esta palavra para significar a parte do parafuso que entra na outra.

«Organisado, pois, e fixo este esqueleto de ferro, no fosso onde a estatua se havia de fundir, seguiu-se fazer-se no mesmo esqueleto o *macho* da fôrma, por direcção do mesmo engenheiro.» Mach. de Castro, *Descrip. analyt.*, p. 236. V. *Dente*, *Encaixe*.

MACHUCAR, v. a. do fr. *macher*, hesp. *machacar*, (esculp.) expressão usada pelos esculptores para indicar a acção de modelar com os dedos em barro e cera, e ainda a de esbater com ferros em pedra os objectos de relevo.

MACIÇO ou MOCIÇO. V. *Massiço*.

MACICOTE ou MASSICOTE, s. m. do fr. *massicot*, lat. *color luteus*, hesp. *cerusa*, (pint.) oxydo de chumbo amarello; é o alvaiade queimado e calcinado, de que resulta o amarello côr de limão e côr de oiro; o grau de calcinação determina a côr do macicote.

«É uma das tintas que aos pintores serve para a illuminação, é realce do ocre claro.» F. Nunes., *Art. da pint.*

MACIEZA, s. f. (t. comp.) o contrario de dureza; applicado ás bellas artes entende-se pela representação fiel da doçura e flexibilidade dos corpos, assim naturaes como artificiaes; v. g., a *macieza* dos traços no desenho, a do colorido nas carnes, a da apparencia dos objectos, que são tão doces, flexiveis e leves ao tacto como á vista, etc. V. *Doçura*.

MACIO, A, adj. do arab. *maciho*, lat. *medullaris*, cousa lisa, macia, branda. V. *Macieza*.

MAÇO (de calceteiro), fr. *demoiselle*, instrumento de madeira rija da figura de um cone truncado, cercado de dois ou mais arcos de ferro, enfiado n'um cabo grosso, com que se batem as pedras das calçadas para as unir e segurar bem.

MAÇO ou MASSO, s. m. do lat. *massa*, gr. *massó*, amassar, pisar, (esculp.) instrumento de madeira rija ou de ferro, do feitio de um parallelipipedo, encabado a meio, de que usam os esculptores, que trabalham em madeira, ou em pedra e marmore. Os gravadores tambem usam de um pequeno maço de metal.

MADEIRA, s. f. do lat. *materia*, madeira de construcção, *lignum*, fr. *bois*, it. *legno*, hesp. *madera*, ing. *timber*, é substancia compacta e solida, formada do corpo das arvores, que cresce com os succos da terra, de que se extrahe a madeira para trabalhos de construcção e para differentes obras d'artes e officios, sendo por isso uma das principaes materias de architectura e esculptura: — (archit. e esculp.) as *madeiras* proprias e applicadas a estas artes, são: para a construcção, o carvalho, o castanho, o freixo, o pinho, etc.; para a esculptura, o cedro, o espeque, e ainda o

pinho de Flandres; o buxo é empregado em obras delicadas, miudas e de pequenas dimensões.

As pequenas tábuas de buxo são tambem empregadas na gravura. V. *Gravura em madeira.*

MADEIRADO, A, p. p. de madeirar, e adj. emmadeirado, assentado ou armado de madeira.

MADEIRAMENTO, s. m. (archit.) toma-se em geral por toda a madeira grossa que forma o corpo de um edificio, e em particular pelo vigamento que sustenta os tectos das casas. V. *Pausagens.*

MADEIRAR, v. a. assentar a madeira que vae dos frechaes para cima: — *(em sentido lato)*, collocar, travar madeiras entre si; organisar, armar a ossada de um edificio, casa ou aposento; *madeirar-se* na parede do vizinho, i. é, pagando-lhe a sua ametade, *assentar n'ella madeira, sobre que construa a sua obra, e principalmente traves para sobrado. Orden.*, liv. I, tit. LXVIII, § 36.

«Fazer uso da meia parede do vizinho para assentar n'ella vigas ou barrotes.»

MADEIRO, s. m. cepo ou tronco comprido e tosco de arvore.

Era tão grande o peso do *madeiro,*
Que, só para abalar-se, nada abasta.
Lus., cant. X.

MADRE, s. f. do lat. *mater*, mãe, gr. *metra*, fr. *madrier, poutre*, it. *tavolone*, hesp. *madre*, ing. *athick plank*, (archit.) chama-se *madre* a uma ou mais vigas de madeira, que atravessam os edificios e casas horisontalmente, para sobre ellas assentarem os barrotes e o solho: o mesmo nome de *madres* têem as que servem nas pontes de madeira. V. *Matriz.*

MÃE DE AGUA. V. *Reservatorio.*

MAGIA, s. f. do lat. *magia, æ*, do gr. *magéia*, arte magica, termo que se applica a todas as bellas artes. A *magia* da pintura, da esculptura, da architectura e da gravura, da poesia, da musica e da eloquencia. Postoque todas as artes liberaes tenham um encanto, uma forma e illusão propria e particular a cada uma, é certo que a pintura, pela seducção das côres, pela belleza e effeitos do claro escuro, dirigida pela observancia das leis da perspectiva linear e aerea, é, sobre todas as artes, a que offerece os meios mais proprios da illusão e da *magia.*

«Que a *magia* da arte, este *não sei que*, que admira, commove e encanta, que se não póde definir, porque não tem regra alguma por base, que se sente muito melhor do que se póde explicar, etc.» Sally, *Descrip. da estat. equestr. de Fred. V.*

MAGREZA, s. f. do lat. *macies, ei*, falta de gordura ou de carnes: qualidade de cousas ou objectos magros.

MAGRO, A, adj. do lat. *macer, cra, crum:* chamam-se *magros* os corpos ou objectos que, por falta de grossura ou largura, não seguem as boas proporções que a natureza ou a arte tem estabelecido, não preenchendo bem o fim da sua destinação. Assim é secco ou *magro* o corpo humano a que faltam as suas boas proporções, é *magra* uma columna, se a sua grossura não está em relação com a sua altura, etc.

«Foi ella (a architectura gothica) de duas sortes: a antiga era baixa e pesada, e a moderna, pelo contrario, *magra* e muito alta, tendo assás de gosto arabe.» Cyr. *Mem.*, p. 161.

«E não obstante ser a sua maneira ás vezes um pouco *magra*, os seus nús são tão bem desenhados, que podem sustentar-se ao pé das melhores estatuas.» Ibid., p. 254.

MAINEL, s. m. do lat. *manus*, fr. *main*, mão, it. e hesp. *mano*, ing. *grapple*, (archit.) parapeito ou corrimão de escada: —, umbreiras, pilaretes e pequenas couceiras de madeira, pedra ou ferro, que separam as luzes ou frestas das janellas, e sustentam as bandeiras; lat. *fenestræ scapus.*

«Fazer uma beira e sobrebeira com o seu *mainel* traçado.» Oliv., *Advert. aos mod.*, p. 149.

MALACHITES, s. f. do gr. *malaché*, malva: pedra preciosa de côr verde escura.

MALHAES, s. m. pl. (esculp.) pedaços de viga de toda a grossura, que servem para fazer os estaleiros ou accessorios em que os esculptores costumavam assentar as pedras destinadas aos trabalhos da arte. V. *Estaleiro.*

MALHETE, s. m. do lat. *locus car-*

dinis cavus, fr. *mortaise, a dent*, it. *cavo*, hesp. *muesca*, (archit.) cavidade ou encaixe feito na extremidade de uma tábua ou peça de madeira ou metal, para receber outra extremidade ou peça, formando um todo, junto ou assemblado. V. *Entalho*.

MALHETAR, v. a. encaixar, encasar uma peça de madeira ou de metal em outra. Bern., *Nov. Floresta*.

MALTHA, s. f. do gr. *maltha*, cera: especie de betume liquido.

MANCEBO, s. m. do arab. *mausubon*, o moço, o amante: — (pint.) termo usado pelos artistas para designar uma peça de madeira, composta de um cepo, a meio do qual se eleva uma estaca ou vara com alguns buracos, em que se sustenta um candieiro, que desce e sobe a altura conveniente, para se poderem copiar os gessos ou o modelo vivo nos estudos nocturnos.

MANCHA, s. f. do lat. *macula, æ*, fr. *tache*, it. *a macchia*, ing. *a task*, malha de côr, (pint.) os pintores usam d'este termo para significar a grande facilidade, franqueza e frescura com que alguns artistas, com pouca tinta e nas primeiras pinceladas, representam ao vivo e com muito effeito os objectos de arte, e dizem, como Baldinucci no seu diccionario, ao ver uma tal obra: *Questa è una bella macchia*.

«Pintou (Francisco da Silva) ruinas de architectura, paizagens e lindas figurinhas, tudo de grande *mancha*, com muito effeito e pouco trabalho.» Cyr., *Mem.*, p. 184.

MANCHADO, A, p. p. de manchar, e adj. que apresenta mancha ou nodoa; (loc. fig.) painel bem *manchado;* cujas tintas estão bem combinadas e produz bello effeito.

MANEAR. v. a. V. *Menear, Manejar* e *Manusear*.

MANEAVEL, adj. dos 2 g. facil de manejar ou manusear. O barro é mais *maneavel* do que a cêra.

MANEIO, s. m. V. *Manejo*.

MANEIRA, s. f. do fr. *manière*, it. *maniera*, der. do lat. *manus*, e *agere*, trabalho de mãos. Toma-se nas artes em dois sentidos: 1.º, pelo modo, caracter e estylo de compor, de desenhar, de colorir e de representar os objectos d'arte; e n'este sentido diz-se, que um edificio está edificado na *maneira*, ou no estylo dos gregos; que uma estatua parece ser feita na *maneira* de Miguel Angelo; que um quadro é pintado na *maneira* de Corregio ou de Ticiano, etc.; 2.º, pelo habito vicioso ou affectado que alguns artistas contrahem ou de seguirem apaixonadamente seus mestres, ou de trabalharem de pratica, repetindo-se nas suas obras, sem consultarem a natureza e os grandes auctores que a imitaram, e por isso são tidos por artistas *amaneirados*. V. este termo.

Distinguem-se ordinariamente tres *maneiras* n'um pintor: 1.º, a que elle forma sobre o gosto de seu mestre; assim Raphael trabalhou primeiro seguindo a *maneira* do Perugino; 2.º, a que elle forma sobre o seu proprio genio, e que é a medida de seus talentos e do seu gosto; assim Raphael deixou a *maneira* de Perugino, seu mestre, e entregou-se a seu proprio genio; 3.º, a que degenera ordinariamente n'aquillo que propriamente se chama *maneira*, defeito de que acabo de fallar, e que é o de quasi todos os pintores que por falta de fundo, ou por preguiça contrahem o mau habito de se repetir. *De Piles*. V. *Estylo*.

«Não sómente na côrte, nas provincias sei eu haver pinturas admiraveis, em que salta aos olhos a *maneira* dos seculos e da nação.» *Mem. hist. do min. do pulp.*, p. 135.

«Tambem pintou (Christovão Lopes) quadros de historia com *maneira* boa e larga, e dizem que na capella-mór de Belem ha alguns seus.» Cyr., *Mem.*, p. 67.

MANEIRA NEGRA. V. *Gravura*.

MANEIRADO, A, p. p. de maneirar, e adj. V. *Amaneirado*.

MANEIRAR. V. *Amaneirar*.

MANEIRISTA, s. m. o artista que é muito uniforme em suas obras, e fallando em particular do pintor, que se copia a si mesmo, que repete as mesmas attitudes, as mesmas cabeças, as mesmas expressões.

MANEJAR, v. a. do lat. *manu*, e *agere*, it. *maneggiare*, (t. comp.) dizse do manejo dos instrumentos e utensilios das artes; *manejar* o lapis, o pincel, o escopro, o compasso, o bu-

ril, etc. Toma-se tambem em sentido moral pelo modo e maneira de pintar, de modelar, de gravar.

«O Corregio... é unico na sua maneira de pintar, e na facilidade com que *manejou* as tintas.» Cyr., *Convers. 6.ª*, p. 104.

«Todas as vezes que o pincel é *manejado* por homem de talento, que sabe tornar sublimes suas idéas, etc.» Tab., *Regr. da art. da pint.*, p. 135.

MANEJO, s. m. o acto e exercicio de usar dos instrumentos d'arte; o *manejo* do pincel, do buril, do escopro, etc. Tambem, como acima, se usa em sentido moral.

«... e assim como deixei de analysal-os n'aquellas partes de *manejo* da arte, a que os professores chamam bem ou mal desenhado.» Mach. de Castro, *Descrip. analyt.*, p. 16.

MANEQUIM, s. m. diminut. de *manne*, homem, do all. ou fr. *mannequin*, homemzinho, boneco, it. *cesta*, hesp. *maniqui*, ing. *a mannikin*, (pint. e esculpt.) figura de madeira, ordinariamente do tamanho natural, com os movimentos proprios para executar todas as attitudes que os artistas quizerem dar-lhe, a fim de servir ao estudo das roupagens ou pannejamentos de differentes talhes, fórmas e tecidos de que o vestem. Deve-se evitar que as roupagens se resintam muito do *manequim*, i. é, que não appareça a aspereza e dureza das prégas que indiquem ser estudadas do *mannequim*.

MANILHA, s. f. (archit.) cano ou tubo de barro cozido ou grés, para conduzir aguas.

MANILHAR, v. a. (archit.) pôr manilhas nas paredes ou n'outros logares.

MANIVELLA, s. f. do lat. *manulea*, cabo, fr. *manivelle*, it. *manovella*, hesp. *mango*, ing. *a handle*, (archit.) peça ordinariamente de ferro, de differentes fórmas, presa por uma extremidade ao eixo ou roda de uma machina, servindo a outra extremidade para se lhe dar movimento com a mão. As *manivellas* são muito uteis nas artes mechanicas, e notavelmente na arte de edificação para elevarem pedras e outros objectos pesados.

MANOBRA, s. f. do fr. *manœuvre*, der, de *main*, mão, *œuvre*, obra, *abattage*, it. *manovale*, ing. *a labourer*, (archit. e esculp.) destreza, industria engenhosa no obrar. Ainda que este termo se refira em particular aos exercicios militares de terra e mar, elle está geralmente adoptado para significar o modo engenhoso e livre de obrar e conseguir um fim util e necessario, ou por meio de trabalhos manuaes ou auxiliado com machinas. Assim o architecto como o esculptor nos edificios ou nos monumentos, precisam muitas vezes fazer uso de *manobras* para conseguir os fins da melhor execução e collocação das suas obras.

«Só o proprio artista póde declarar cabalmente as idéas das suas *manobras*.» Mach. de Castro, *Descrip. analyt.*, disc. prel. II.

MANOBRAR, v. a. do fr. *manœuvrer*, mover, dirigir com destreza, usar de meios engenhosos para conseguir algum fim util em obra d'arte.

MANSARDA, s. f. (archit.) agua furtada, do fr. *Mansard*, nome de um architecto, a quem se attribue a invenção de formar trapeiras ou aguas furtadas nos edificios. Roland le Virloys diz no seu *Diccion. de archit.*, que antes de Mansard, já o abbade de Clagny se havia servido d'este meio de edificação no antigo Louvre.

MANTELER, s. m. (braz.) figura formada de duas linhas curvas em aspa com as extremidades voltadas para os dois lados inferiores em fórma de dois meios escudos.

MANUFACTURA, s. f. do lat. *manus*, mão, e *factus*, feito, fr. *manufacture*, fabrica, officina de artefactos, fabricação, (archit.) estabelecimento grandioso, pouco elevado, com muitas accommodações, salas, laboratorios, galerias, armazens, etc., onde trabalham operarios em diversas industrias publicas ou particulares, como fabricação de sedas, de tapeçarias, de louças, de bejouterias, etc. Taes estabelecimentos foram desconhecidos na edade media, e os primeiros devem a sua origem a Colbert no reinado de Luiz XIV, e contam-se hoje em París cerca de 40:000 fabricas, manufacturas, etc.

A Inglaterra ainda as excede em numero. Entre nós devem-se ao marquez de Pombal, no reinado do se-

nhor D. José I, os primeiros estabelecimentos de manufacturas e fabricas, de que ainda restam vestigios. V. *Fabrica.*

MANUSEAR, v. a. do lat. *manus,* mão, acção de pôr ou tratar com as mãos. Parece applicar-se mais a cousas materiaes, de mera industria e administração; emquanto que manenejar se applica a cousas espirituaes, scientificas ou artisticas. Assim dizemos *manejar* a penna, o pincel, o escopro, o buril, e não *manusear* esses instrumentos.

«Eis-aqui porque muitos não temem entrar em logares altos, sem os talentos precisos para o seu *manejo.*» Bern., *Nova Floresta,* t. IV, p. 194. V. *Manejar, Manejo.*

MÃO DE OBRA, i. é, despeza ou custo que se deve calcular para a execução de uma obra d'arte, v. g., de um edificio, de uma estatua monumental, das pinturas de uma egreja, etc.

É este o principal capitulo que deve entrar no orçamento de qualquer das sobreditas obras, que varía notavelmente segundo o preço dos materiaes, o numero dos operarios e preço por que correm os salarios, o merito dos artistas a empregar, a pessoa que a manda executar, o tempo em que se deve dar prompta, e outras circumstancias attendiveis que podem e devem variar a despeza ou custo de qualquer obra d'arte. V. *Orçamento.*

«A vista do que ficaram-lhe cem mil ditos (cruzados) pela manuseação e administração da parte do monumento da estatua equestre de Luiz XV, encarregada a M. Pigalle, por morte de Bouchardon.» Mach. de Castro, *Carta que um affeiçoado ás artes do desenho,* etc., p. 14.

MÃO DE TINTA, phrase vulgar, camada de tinta, e diz-se primeira mão ou demão de tinta, segunda, terceira mão ou demão, pôr ou dar a ultima mão ou demão; acabar bem uma obra d'arte, concluil-a com perfeição.

MÃOS, s. f. pl. do lat. *manus,* fr. *mains,* it. e hesp. *manos,* ing. *hands,* ultima parte das extremidades superiores do homem; cada uma das mãos é dividida em carpo, metacarpo e dedos, e tem 27 ossos proprios para executar um numero incrivel de movimentos diversos. Carlos Bell escreveu um tratado especial sobre a maravilhosa estructura das mãos. Por meio d'ellas, diz um grave escriptor artista, explicâmos o desejo, a esperança, a supplica, o horror, os ameaços e tantas outras cousas; com as mãos tememos, perguntâmos, approvamos, recusâmos, duvidâmos; e podemos concluir, que assim como as mãos supprem nos mudos a falta da voz articulada, tambem não devem contribuir pouco para fallar uma linguagem muda, qual a da pintura.

Winckelman na sua *Historia da arte,* diz que a belleza da *mão* de pessoa moça consiste em uma nutrição moderada com traços apenas sensiveis, como as sombras adoçadas sobre as juntas dos dedos, que são marcados em uma mão gorda por pequenas covas. Os dedos são enfileirados com uma diminuição agradavel, como as columnas de uma bella proporção, e apparecem sem indicação das articulações. Entre os antigos estatuarios o ultimo articulo ou phalange dos dedos não é curvo para diante como entre os modernos, e elles não tinham unhas tão compridas como as têem os ultimos. Os poetas chamam boas mãos ás de Pallas; nomeiam tambem as mãos do Polycleto, porque este artista gosava a reputação de as fazer de uma bella fórma. Quanto ás bellas mãos antigas que são conservadas, citarei, entre as de homem, uma mão de um dos filhos da Niobe, que é estendida ou aberta na terra, e uma outra mão de Mercurio, abraçando Hersêo, no jardim do palacio Farnesi. Quanto ás bellas mãos de mulher, temos uma da hermaphrodita da villa Borghese, e as duas mãos que são raras da dita figura de Hersêo. Winckelman, l. IV, c. IV.

MAPPA ou MAPA, s. m. do b. lat. *mappa,* toalha, fr. *mappe,* ing. *a map,* (des.) carta, delineação de algum paiz ou terreno, feita em uma superficie plana.

Mappa geographico, representação delineada de terras, mares, ou das regiões celestes sobre panno, metal ou outra materia.

Mappa militar, o que tem especial-

mente marcadas as posições, quarteis, armazens, estabelecimentos militares, etc.

Mappa-mundi, é a carta geographica, que representa a superficie de todo o globo terrestre partida em dois hemispherios: e assim distinguem-se differentes sortes de *mappas-mundi*, segundo a projecção que se adoptar.

Mappa-mundi celeste, carta celeste em que se vê n'um golpe de vista a posição das estrellas de um e outro hemispherio celeste.

MAQUETTA, s. f. do it. *macchieta*, fr. *maquette*, (esculp. e pint.) primeiro e pequeno esboço que os esculptores modelam em barro ou cera, de alguma estatua ou outra obra de esculptura, que intentam executar: do mesmo termo ha muito tempo usado pelos nossos artistas, se servem os pintores para designarem os seus primeiros esboços feitos sobre papel, cartão ou panno.

MAQUIM, s. m. V. *Macicote*.

MAQUINA. V. *Machina*.

MAQUINETA, s. f. (esculp.) pequeno pavilhão ou throno de altar, decorado com columnas ou pilastras, e dourado, em que se expõe o Santissimo Sacramento, ou a imagem da Virgem Santissima, ou a de algum santo. A maquineta em que se expõe a Virgem na parochial egreja dos Martyres é de bom gosto.

MAQUINISTA. V. *Machinista*.

MAQUINISMO. V. *Machinismo*.

MARAVALHAS, s. f. pl. do gr. *maré*, mão, e *balló*, cortar, ramos miudos de arvores, tiras ou fitas de madeira tiradas com a plaina ou rebote, instrumento de que usam carpinteiros, marceneiros e esculptores em madeira.

MARAVILHA, s. f. pl. do lat. *mirabilis*, fr. *merveille*, it. *maraviglia*, ing. *marvel*, cousa ou pessoa extraordinaria; portento, prodigio, obra prima. As sete *maravilhas* do mundo, nome que se dá a sete obras portentosas celebradas na antiguidade; a saber: 1.º, as pyramides do Egypto; 2.º, os jardins suspensos e os muros de Babylonia; 3.º, o tumulo do rei Máusolo, levantado por Artemisia; 4.º, o templo de Diana em Epheso; 5.º, a estatua de Jupiter Olympico por Phidias; 6.º, o colosso de Rhodes; 7.º, o pharol de Alexandria.

MARAVILHOSO, OSA, adj. cousa pasmosa, rara, excellente, obra primorosa de arte ou sciencia.

Maravilhoso toma-se tambem como substantivo, e então significa a influencia sobrehumana que o poeta faz presidir aos acontecimentos que narra. Distingue-se em *maravilhoso, religioso, allegorico*, e *phantastico*. É sobretudo necessario não confundir e misturar o maravilhoso religioso, com o phantastico e fabuloso, como fez Camões nos *Lusiadas*.

MARCAR, v. a. do fr. *marquer*, it. *marcare*, gr. *maré*, mão, e *ekho*, ter, reter, ing. *to denote*, pôr marca ou signal, (des. e archit.) marcar as partes principaes do plano de um desenho, ou seja de figura ou de architectura. V. *Demarcar*.

MARCENARIA ou MARCENERIA, officio que tem por objecto trabalhar em diversas madeiras para obras differentes e especialmente para a feitura de moveis.

MARCENEIRO, s. m. do gr. *maré*, mão, e *skhiro*, cortar, official que trabalha em diversas madeiras, assim para obras mais delicadas da edificação de casas, como para fazer moveis que as devem guarnecer: e por isso deve elle saber a geometria pratica, o desenho linear e o de ornamentos.

MARCHETAR, v. a. do fr. *marqueter*, (archit.) embutir em alguma peça ou espaço, de madeira, marfim, pedra, bronze, oiro, etc., formando com laminas d'estas materias, figuras, perspectivas, ornatos, flores, etc. V. *Embutir*.

MARCHETARIA, s. f. do fr. *marqueterie*, obra, artefacto de madeiras, pedras ou metaes marchetados.

MARCHETE, s. m. de *fourchete*, obra de marchetaria.

MARCHETEIRO, s. m. artifice ou artesano que trabalha em marchetaria, que encrusta, embute madeiras, pedras, metaes, etc.

MARCO, s. m. do fr. *marquer*, marcar, peso de oito onças e signal de demarcação; (archit.) pedra, poste, terreno, de que se servem os agrimensores e os architectos para separar, signalar e demarcar os campos

e os terrenos das propriedades e herdades.

«A ribeira de Caya, que é *marco* de reino a reino, entre Portugal e Castella.» V. *Baliza.*

MARFIM, s. m. do cast. *marfil*, lat. *ebur*, fr. *ivoire*, it. *avorio*, ing. *ivory:* substancia ossea, que forma os dentes do elephante, que tem um bello lustre, e serve para differentes usos na industria e na arte estatuaria; (esculp.) os gregos, diz Winckelman, trabalharam em marfim desde a mais remota antiguidade. Homero falla de punhos da espada, de leitos e de uma infinidade de cousas, feitas da mesma substancia. As lyras dos antigos eram de marfim. Seneca na sua casa de Roma tinha 500 mesas de madeira de cedro, sobre pés de marfim. Na Grecia havia mais de 100 estatuas de marfim e de oiro, a maior parte executadas nos tempos mais remotos da arte, de grandeza maior que o natural... Havia em Tyrinto, na Arcadia, uma Cybele de oiro, cujo rosto era feito de dentes de hippopótamo.

Os mesmos hebreus ornavam seus moveis com marfim, como se deprehende de alguns logares da Biblia.

Modernamente descobriu-se uma composição de *marfim artificial*, de que se têem tirado bons resultados.

MARINHAS, s. f. pl. do lat. *marinus, a, um*, fr. *marines*, it. e hesp. *marinas*, ing. *a marines*, praia do mar, costa, etc. (pint.) Assim se denominam desenhos, gravuras ou quadros, que representam objectos e scenas maritimas, taes como os mares, os rios, os portos, as enseadas, os navios, as tempestades, os combates navaes, etc. Entre os pintores de *marinhas*, distinguem-se Claudio Lorrain, Filippe de Liano, José Vernet, Salvador Rosa e outros.

MARMORE, s. m. do lat. *marmor*, gr. *marmaros, marmairo*, luzir, fr. *marbre*, it. *marmo*, hesp. *marmol:* pedra calcarea, rija, que póde receber muito lustre e polimento, e que se emprega na estatuaria e na ornamentação architectoral: o marmore ou é simples e de uma só côr, como o branco e o negro, ou é de varias côres, manchas e veias.

Os marmores brancos, ou ligeiramente venados, são os mais adoptados para a esculptura; entre estes é com rasão tido por melhor o marmore branco de Carrara, que imita o de Paros, na Grecia, e por isso é escolhido pelos estatuarios para o empregarem nas suas obras d'arte mais mimosas.

Os marmores de côres, taes como o basalto, o africano, o alabastro, o vermelho, o verde antigo e outros, postoque d'elles se use para estatuas, são comtudo applicados aos differentes usos da decoração architectonica.

Aindaque a Italia seja o primeiro paiz, não só na cultura das bellas artes, mas tambem na abundancia maravilhosa de marmores preciosos, é comtudo certo que a França, a Belgica, a Allemanha e a Hespanha possuem bellas pedreiras de marmores, de differentes côres e qualidades. Portugal tambem n'esta parte não se deve considerar desfavorecido pela Providencia, porque em verdade possue muitas e bellas especies de marmores de differentes côres, como o provam os templos e edificios de Lisboa, de Mafra, da Batalha, de Evora e de outros pontos do reino. São sobre todos notaveis os marmores brancos de Montes Claros, Extremoz, Borba e Villa Viçosa, que imitam o de Carrara; os brancos e rosados de Pero Pinheiro, Montelavar e Lameiras, junto a Mafra; os marmores azul e negro, de Cintra; o marmore brecha, d'Arrabida; os marmores cinzentos ou bardilhos, do Alemtejo. V. *Relatorio sobre a exposição universal de Londres de 1862*, pelo sr. Neves Cabral.

MARMOREO, A, adj. do lat. *marmoreus*, que é de marmore, ou a elle similhante.

MARNA, s. f. ou MARNE, s. m. do lat. *marna*, terra argillosa e calcarea, de que se faz uso, não só para adubar a terra, mas tambem para servir de materia prima no fabrico de bellos cimentos, que se applicam na construcção de edificios.

MAROUFLE, s. m. do fr. *maroufle*, (pint.) especie de colla muito forte e tenaz, que serve para collar a téla de um quadro sobre outra téla, a fim de a reforçar, ou sobre uma almofada de porta, ou sobre uma parede para ahi a fixar.

MARRÃO. V. *Marreta.*

MARRETA, s. f. martello grosso de ferro, calçado de aço, de fórma oblonga, enfiado em cabo de madeira rija, de que usam os canteiros para desbastar pedras. V. *Camartello.*

MARTELLAR, v. a. bater com martello os pregos, as madeiras para as unir e fixar nos seus logares, etc.

MARTELLO, s. m. do b. lat. *martulus* ou *martellus,* fr. *marteau,* instrumento de percussão, mais ou menos pesado, e de materia e fórma variavel, segundo a sua applicação, atravessado de um cabo que serve de manipulo. Os martellos são instrumentos que servem a carpinteiros, marceneiros, entalhadores, ourives, esculptores, gravadores, etc., tendo entre si differenças muito notaveis conformes ás suas variadas destinações.

MÁSCARA, s. f. do it. *maschera,* gr. *mimeisthai,* fr. *masque,* ing. *a mask,* contrafazer, fingir, (pint. e esculp.) rosto ou cara fingida de homem ou mulher, que se usa nos theatros e nas mascaradas, para esconder os rostos dos actores. As mascaras são feitas de cartão (pasta), de cera ou de tecidos, sendo calcadas ou vasadas em fôrmas de gesso, feitas sobre modelos. Depois de extrahidas das matrizes são coloridas ou envernizadas.

O uso das mascaras é muito antigo, porque da historia consta que d'ellas usaram os egypcios, os gregos e os romanos.

No modo familiar de fallar, algumas vezes os nossos artistas chamam *mascaras* aos rostos ou faces das figuras humanas, ordinariamente formadas do antigo, e vasadas em gesso para servirem de estudo.

«Que uma *mascara* me engenhes.»
Vieira Lusit., *O pint. inst.,* p. 491.

MASCARÃO, s. m. do hesp. *mascaron,* augment. de mascara, mascara grande: carranca feita de pedra ou metal, que se põe nas grandes cimalhas, nos chafarizes e em outros logares.

MASMORRA, s. f. do arab. *matsmnora,* fr. *cachot,* it. *prigione oscura,* ing. *a dungeon,* (archit.) prisão publica, ordinariamente subterranea e escura, em que jazem as pessoas condemnadas a este genero de castigo. V. *Prisão.*

MASSAME, V. *Maçame.*

MASSAPEZ, s. f. de *massa* e *pez,* (archit.) pozzolana dos Açores, formada da decomposição das rochas vulcanicas: é a mais propria entre as argillas dos Açores para argamassas hydraulicas, podendo por isso ter muita applicação para guarnecer tanques, poços, etc.

MASSARDA. V. *Mansarda.*

MASSAS, s. f. pl. do b. lat. *massa,* der. do gr. *maza,* rad. *massô,* amassar; somma ou ajuntamento de cousas unidas; (pint., esculp. e archit.) termo que, não só significa as partes mais largas e grandiosas de uma composição, formadas pelo aggregado de objectos; mas tambem e principalmente pelos effeitos que a luz deve necessariamente produzir sobre o todo e partes d'essa composição, em ordem a produzir um bello effeito de claro-escuro.

Assim as *massas* são compostas de grupos de figuras, de arvores, de rochedos, de animaes, etc. Os baixos relevos e os grupos na esculptura podem ser dispostos de modo que formem boas *massas* de claro-escuro; as grandes partes de um edificio bem distribuidas podem igualmente concorrer a conseguir esse mesmo fim. V. *Claro-escuro.*

MASSETE, s. m. V. *Macete.*

MASSIÇAR ou MACIÇAR, v. a. (archit.) tornar solidos os fundamentos ou alicerces de um edificio, por meio de pedra e argamassa bem unidas entre si.

MASSIÇO, fr. *catée,* se chama em particular ao massiço de pedra e cal, que serve para sustentar os arcos da extremidade de uma ponte.

MASSIÇO, A, ou MACIÇO, adj. do lat. *massa,* it. *massicio,* fr. *massif,* ing. *massy,* não ôco, solido, compacto. (esculp. e archit.) Diz-se que uma estatua ou figura modelada em barro, cera ou gesso, é massiça, quando não é vasada ou ôca. Diz-se que um edificio ou parte d'elle é *massiço,* quando é cheio e solido em si, e nas partes componentes, segundo as regras da arte. Algumas vezes, porém, se toma este termo como substantivo, para designar que uma estatua, um

grupo, um edificio ou monumento é pesado, tosco, que não tem elegancia, que está fóra das regras da esthetica, e das boas fórmas e proporções adoptadas pelos typos e modelos do antigo.

MASSICOTE. V. *Mucicote.*

MASSILHA ou MASSINHA, s. f. diminut. de massa, (esculp. e archit.) massa feita de papel em polme, e de outras composições, de que se fazem imagens, capiteis, ornatos, flores, etc.

MASTICA, s. f. resina de aroeira. V. *Almécega.*

MATADOURO, s. m. do lat. *laniena*, fr. *abattoir*, (archit.) estabelecimento em que se matam, esfolam e preparam os animaes destinados ao consumo publico, o qual deve conter as casas necessarias, e as condições proprias para a salubridade: taes estabelecimentos são modernos ainda entre as nações mais adiantadas em civilisação. Ha em París cinco matadouros, cuja descripção historica póde ver-se nos *Études relatives à l'art des constructions*, de M. Bruyère, París, 1823. Portugal já possue felizmente um tal estabelecimento.

MATAMORRA, s. f. V. *Masmorra.*

MATE, adj. dos 2 g. do fr. *mat*, hesp. *impulido*, ing. *a mast*, tosco, sem brilho, (pint.) tudo que é pouco igual, aspero, sem lustre. Assim chama-se oiro, ou prata *mate* á que não é brunida: côres *mates* dizem-se as que são sombrias ou opacas, as que não têem brilho, ou perderam o lustre.

MATERIAES, s. m. pl. do lat. *materiæ*, fr. *matériaux*, it. *materiali*, hesp. *materiales*, ing. *materials*, toma-se em geral por todas as materias primas indispensaveis para a feitura das obras d'arte e de industria: em particular entende-se pelos materiaes proprios para o manejo e execução das differentes especialidades das bellas artes, taes como pedras, madeiras, metaes, tintas, pannos, papeis pintados e outros objectos necessarios para as variadas obras a que se applicam.

MATHEMATICAS, s. f. pl. do gr. *mathetesis*, sciencia, lat. *mathematicæ*, fr. *mathématique*, it. *matematiche*, ing. *mathematicals*, é geralmente fallando a sciencia que ensina a conhecer as quantidades ou a grandeza e suas propriedades: se as considerâmos de um modo abstracto, chamam-se *mathematicas puras;* se as considerâmos em suas applicações, chamam-se *mathematicas applicadas.* Estas comprehendem a *geometria pratica*, a *mechanica*, a *astronomia*, a *hydraulica*, a *optica*, a *acustica*, etc., partes que devem ser estudadas pelos artistas, especialmente pelos que se dedicam á profissão de architectos.

MATHEMATICO, A, adj. cousa que diz respeito á mathematica: s. m. homem versado na sciencia mathematica.

MATIZ, s. m. do lat. *muto*, mudar, fr. *mance*, it. *mescolanza*, hesp. *matiz*, ing. *showing with light colours*, (pint.) gradação quasi imperceptivel de uma côr, passagem do claro para o escuro, ou pelo contrario, é termo mais usado pelos tintureiros e bordadores na applicação das côres, do que pelos pintores, que costumam exprimir esta gradação pelo termo de *tons, meias tintas*, etc.

MATIZAR, v. a. graduar as côres, principalmente no uso de bordar de lã, seda, etc.

MATRIZ, s. f. do lat. *matrix, icis*, der. de *mater eris*, mãe, fr. e it. *matrice*, ing. *womb, matrix*, (esculp. e grav.) nas artes de esculptura e de gravura de cunhos e de medalhas, dá-se o nome de *matrizes* ás fôrmas ou moldes, ou seja em ôco ou em relevo, que por meio da fundição ou da pressão reproduzem fielmente os objectos modelados ou gravados.

«O segundo modelo (da estatua equestre) executado em barro, o entreguei ao moldador para tirar-lhe a fôrma. Proseguindo-se esta *matriz* com actividade e vigilancia.» Mach. de Castro, *Descrip. analyt.*, p. 111.

MAUSOLÉO, s. m. do lat. *mausoleum*, (archit. e esculp.) monumento funerario ostentoso e magnifico, composto de architectura e esculptura, elevado em honra de algum principe ou pessoa notavel; é nome derivado do grandioso e riquissimo tumulo que Artemisia fez erigir á memoria de Máusolo, seu marido, rei de Caria, monumento que era considerado como uma das sete maravilhas do mundo. V. *Maravilha.*

MEANDRO, s. m. nome de um rio

celebre pelas suas voltas: — (archit.) ornamento usado na architectura, e que tem muita applicação sobre os vasos e sobre as vestiduras; compõe-se de uma linha curva que dá voltas sobre si mesma.

MECHANICA, s. m. do lat. *mechanica*, gr. *mékhané*, machina; parte consideravel das mathematicas applicadas, que tem por objecto as leis do movimento e do equilibrio, das forças motrizes e das machinas. Os architectos devem ter d'esta sciencia o necessario conhecimento para o bom desempenho de seus trabalhos.

MECHANICO, s. m. o que sabe mecanica, ou é pratico na mechanica: — official ou artifice d'artes mechanicas V. *Artista*, *Artesão*.

MECHANISMO, s. m. (archit.) systema de machinas ou engenhos para diversos usos, e em especial para uso da architectura civil, militar e hydraulica; (des., pint. e grav.) pratica, maneira ou modo de desenhar, pintar, gravar, etc., talvez o *le faire* dos francezes; toma-se pela parte pratica da arte, e diz-se algumas vezes o *mechanismo* do lapis, do pincel, dos traços, dos talhos, etc. V. *Mechanismo*.

MECHA, s. f. do fr. *meche*, arab. *machal*, lat. *myxa*, ing. *a match*, (archit.) tira de madeira em fórma de cunha ou de rolo com que se unem varias peças.

MECHANOGRAPHIA, s. f. explicação ou descripção do organismo das machinas.

MEDALHA, s. f. do it. *medaglia*, degenerado de *metallum*, gr *metallon*, metal, arab. *methal*, imagem ou retrato, fr. *medaille*, ing. *a medal*, (grav. e esculp.) peça ou chata de metal, ordinariamente de fórma redonda, feita em honra de alguma pessoa celebre, ou em memoria de algum acontecimento ou empreza notavel; compõe-se a *medalha* de um busto ou effigie da pessoa que se pretende celebrar, ou do principe sob o governo do qual se deu esse acontecimento,— de um *exergo* indicativo ou da data do successo ou da epocha em que se fez a medalha, e — de um *reverso*, contendo quasi sempre um baixo relevo que se chama — *typo da medalha* — e de — *uma legenda* — que explica o objecto do typo; algumas vezes porém só contém uma simples inscripção.

As medalhas são cunhadas em oiro, em prata, em bronze, cobre, estanho, chumbo, etc. Ao estudo methodico das medalhas chama-se *Numismatica*.

MEDALHÃO, s. m. augm. de medalha, (esculp. e archit.) medalha grande feita em madeira, gesso, pedra ou metaes, que não só serve de conservar o retrato de pessoas celebres, mas faz uma parte de architectura decorativa.

MEDALHAR, v. a. gravar, esculpir medalhas para honrar e commemorar alguma pessoa illustre ou algum feito importante.

MEDALHARIO, s. m. gabinete ou collecção de medalhas.

MEDALHEIRO, s. m. estudo ou collecção de medalhas.

MEDALHISTA, s. dos 2 gen., o artista que grava medalhas; — a pessua que se dá ao estudo das medalhas ou da numismatica; que compoz ou publicou alguma obra sobre este objecto. V. *Gravador*.

MEDIANA (linha) do lat. *medianus*, *a*, *um*, chama-se em anatomia: *linha mediana* a uma linha vertical, que se suppõe dividir o corpo em duas partes iguaes, ficando uma á direita e outra á esquerda. Chamão-se *veias medianas*, as tres veias que apparecem na superficie do ante-braço, e que se denominam *mediana commum*, *mediana cephalica* e *mediana basilica*. *Nervo mediano*, chama-se ao que é formado pela primeira junta dorsal, e as setima e oitava juntas cervicaes que se espalha pelo braço e chega á palma da mão dividindo-se em tantos ramos quantos são os dedos da mão.

MEDIÇÃO, s. f. do lat. *mensura*, acto ou exercicio de medir; *medição* de quadros, de estatuas, de columnas,

MEDIDA, s. f. do it. *misura*, gr. *metron*, fr. *mesure*, ing. *measure*, termo ou quantidade estabelecida para proporcionar e avaliar a grandeza de outras quantidades da mesma especie; linhas, superficies, corpos, pesos, tempo, etc. Ha, pois, *medidas lineares*, *itinerarias*, *agrarias*, *de capacidade*, *de pesos*, etc.: — instru-

mento para medir. O systema de novos pesos e medidas seguido em Portugal foi decretado pela lei de 13 de dezembro de 1852.

MEDIDOR, s. m. do lat. *mensor*, fr. *misureur*, it. *misuratore*, ing. *measurer*, (archit.) o que mede terrenos e conhece do valor das terras, agrimensor. V. *Agrimensor*.

MEDIOCRE, adj. dos 2 g., meão, mediano, o que tem o logar do meio entre o mais e o menos; toma-se no sentido physico e moral; ex.: homem de altura *mediocre*, homem de *mediocre* juizo. Quadro de *mediocre* valor, estatua de merito *mediocre*.

MEDIOCRIDADE, s. f. mediania. O estado de uma cousa entre grande e pequeno, entre bom e mau.

MEDIR, v. a. do lat. *metior, iri*, gr. *metreo*, it. *misurare*, fr. *mesurer*, ing. *to measure*, (t. comp.) applicar uma quantidade conhecida e regulada sobre outra para conhecer sua extensão e dimensões.

MEDULOSO, A, adj. do lat. *medulosus*, it. *midolloso*, gordo, cheio de carne, etc., (pint. e esculp.) é o modo proprio e conveniente de representar e reproduzir a apparencia dos objectos que são macios e flexiveis ao tacto, é o estylo ou maneira de desenhar, de pintar, de modelar ou esculpir os objectos com certa doçura e suavidade, de sorte que n'elles appareça a verdade sem affectação e sem dureza. D'aqui a expressão trivial: pincel *medulloso*, toque *medulloso*.

«... na maneira do toque, mais ou menos *medulosa*.» Mach. de Castro, *Descrip. analyt.*, p. 125.

MEGALOGRAPHIA, s. m. do gr. *megas*, grande, e *graphó*, descrevo, (pint.) pintar cousas grandes; nome dado pelos antigos á arte de desenhar e pintar assumptos grandiosos e elevados.

MEGASCÓPO, s. m. do gr. *megas*, grande, e *skopéo*, examinar: instrumento de optica que dá copias reduzidas ou augmentadas de uma gravura, quadro ou baixo-relevo, que tenha pouca extensão. É uma especie de camara escura, alumiada por um candieiro, e consta de uma lente achromatica diante da qual se colloca o objecto de que se pretende tirar a imagem real sobre um quadro, ou de que se quer tirar a copia.

MEIA, adj. f. V. *Meio*.

MEIA CANA, s. f. do hesp. *media-caña*, (archit.) moldura concava em fórma de meio circulo; instrumento de metal de que usam carpinteiros e marceneiros para abrir essa moldura na madeira.

MEIA-COLUMNA, s. f. (archit.) ametade de uma columna, imitando uma pilastra, unida á parede de algum edificio.

MEIA-ESQUADRIA, s. f. é a linha diagonal que divide o quadrado em 45 graus, ou ametade da esquadria que forma um angulo recto ou de 90 graus.

MEIA-LARANJA, s. f. do hesp. *media-naranja*. V. *Meia-lua*.

MEIA-LUA, s. f. (archit.) edificio formado em meio circulo á maneira de amphitheatro, como é o collegio Mazarin e a praça das Victorias em París. Chama-se tambem *meia-lua*, em termo de architectura militar, a uma obra composta de dois pequenos flancos e de duas faces ou angulos salientes, formando a figura de um semi-circulo. V. *Hemiscyclo*.

Meia-lua d'agua: em fórma circular, ornado de pilastras, de nichos ou cavidades rusticas, com fontes ou estatuas hydraulicas, como se vê em Frescati, proximo de Roma.

MEIA-METOPA. V. *Metopa*.

MEIA-PAREDE, s. f. (archit.) entende-se da parede que serve a dois edificios, cujos donos a devem fazer por despeza commum, e têem por isso direito de travejarem e madeirarem n'essas *meias-paredes*, que lhe pertencem por lei, etc.

MEIA-ROTUNDA, s. f. do lat. *medius* e *rotunda*, meio-redonda, (archit.) assim se denomina o edificio que é semi-circular por dentro e por fóra.

MEIA-TINTA, s. f. (pint.) entende-se em pintura pelo tom de uma *côr media*, entre a luz e a sombra; esta definição é applicavel ao desenho e á gravura, indicando n'um e n'outra os processos necessarios da passagem dos claros aos escuros.

Ampliando este principio deve-se entender que pelas gradações *(nuances)* das meias-tintas, bem applica-

das, se póde conseguir um harmonioso colorido e uma perfeita illusão do claro-escuro.

MEIA-VIGOTA, s. f. (archit.) ametade de uma viga pequena. V. *Viga.*

MEIO, A, adj. do lat. *medius, a, um,* meio, ametade; ametade de alguma quantidade ou grandeza, v. g. *meio* kilo, *meio* busto. Cousa que está ou fica de permeio, v. g. *paredes-meias,* côr *media.* Toma-se tambem adverbialmente: a estatua estava *meio* feita, o quadro ficou *meio* queimado.

MEIO-BUSTO, s. m. (esculp.) assim se denominam as effigies ou retratos das medalhas e dinheiros, que de ordinario constam de cabeça, pescoço e parte dos hombros.

MEIO-CORPO, s. m. (esculp.) toma-se por meia figura, comprehendida desde a cabeça até ao umbigo ou cintura, o que constitue um busto avantajado.

MEIO-RELEVO, s. m. (esculp.) figuras humanas, animaes ou ornamentos modelados, entalhados, esculpidos, ou fundidos sobre um plano, com ametade do seu vulto ou saliencia natural. V. *Baixo-relevo.*

MEIO-TINTO, adj. ou s. m. (pint. e grav.) em pintura entende-se pelo tom de côr media entre a luz e a sombra. É propriamente a passagem dos claros para os escuros por meio das côres que a formam, misturadas entre si. A meia-tinta tem mais relação ao claro-escuro do que á côr, mas a belleza das encarnações d'ella depende quasi absolutamente, porque sem meias tintas é impossivel fazer boas carnes. Em gravura entende-se o *meio-tinto* tambem da passagem dos claros aos escuros, e para a conseguir devem-se ordenar os talhos com uma ponta mais fina, de modo que não interrompa o effeito por trabalhos muito negros ou inuteis, que manchariam as partes que precisam de muita pureza. V. *Meia-tinta.*

Alguns auctores entendem este termo exclusivamente applicado á gravura chamada de fumo ou maneira negra. V. *Gravura.*

MEMBROS, s. m. pl. do lat. *membra,* partes mais ou menos compridas e moveis, que acompanham o tronco do homem e dos animaes; assim os braços, os ante-braços, as mãos, as coxas, as pernas, os pés, são *membros* do corpo humano.

Em architectura chamam-se *membros* as differentes partes grandes ou pequenas de um qualquer edificio; a architrave é um *membro* do entablamento; o toro é um *membro* da columna e do pedestal.

MEMBRUDO, adj. pessoa, estatua ou modelo que tem membros reforçados e grandiosos. O Hercules de Glycon é grandioso e *membrudo.*

MEMORIA, s. f. V. *Monumento.*

MENINA DO OLHO, s. f. termo figurado para designar a pupilla dos olhos. V. *Iris.*

MENISCO, s. m. do gr. *meniscos,* crescente. Entre os antigos se dava este nome a uma chapa em fórma de calotta, que se sobrepunha na cabeça das estatuas dos deuses para as defender dos rigores do ar.

Em optica significa um vidro lenticular, concavo de um lado e convexo do outro, e por isso taes vidros são tidos no numero das lentilhas convergentes.

Na geometria é uma figura plana ou solida composta de uma parte concava e de outra convexa, á similhança dos meniscos opticos.

MENSOLA, s. f. do it. *mensola,* fr. *mensole,* hesp. *mensula,* (archit.) ornamento em fórma de fecho de arco, ou repreza que serve para sustentar alguma cousa. V. *Mizula.*

MÉPLAT, s. m. V. *Planos* (indicação dos).

MERCADO, s. m. do lat. *mercatus,* fr. *marché,* it. e hesp. *mercato,* ing. *market,* (archit.) praça ou logar publico, destinado á venda de viveres e de outros generos. O mercado de Roma, chamado hoje *campo vaccino,* e antigamente *Forum boarium,* mercado de bois, é um dos mais notaveis pelos seus restos de antiguidade. Os mercados romanos eram pela maior parte circumdados de bellos porticos, como os de Nerva e de Trajano. Os dos gregos eram de ordinario quadrados, com porticos duplicados e os entrecolumnios fechados. Em París têem construido bellos *mercados* que devem ser vistos e estudados pelos architectos.

MERIDIANO, do lat. *meridianus,*

linha traçada sobre uma qualquer superficie no plano do meridiano. V. *Gnomon.*

MESCLA, s. f. do hesp. *mezcla*, it. *mescolanza*, fr. *milange*, ing. *mixture*, (pint.) mistura, união de côres para formar differentes tintas.

A pintura, diz um escriptor, não é outra cousa mais do que uma mistura *(mescla)* agradavel de côres feita com arte, e applicada segundo as regras do desenho e do claro-escuro.

MESCLAR, v. a. do hesp. *mezclar*, it. *mescolare*, fr. *melanger*, ou *meler*, ing. *to mingle*, (pint.) misturar as côres entre si, confundindo-as para formar as tintas.

«*Mizclar cores:* mas o mizclar das côlores é todo o primor e arte d'ellas.» F. de Holl., *Art. ant.*, p. 66 v.

«Não sómente no desenho se quer aquella diminuição (da perspectiva) mas no tratar e *mizclar* das côres vivas ou mortas e envolvidas.» Id., p. 71. V. *Colorir.*

MESQUINHEZ ou MESQUINHEZA, s. f. do fr. *mesquinérie*, it. *spilorceria*, hesp. *mesquindad*, ing. *niggard liness*, (t. comp.) escassez, falta, tenuidade; *mesquinhez* de composição, de fórmas, de proporções, de gosto, etc.

«Para evitar a *mesquinhez* e maneira pessima.» Mach. de C., *Descrip. anal.*, p, 67.

MESQUINHO, A, adj. do fr. *mesquin*, it, *meschino*, hesp. *mezquino*, ing. *miggardly*, pobre, pequeno escasso. Entende-se pela falta de grandiosidade, de nobreza e de caracter em todos os ramos e partes das obras de bellas artes.

Assim é *mesquinho* tudo o que é de mau gosto, falto de graça, que é pobre, pequeno, chato e que não guarda as leis da natureza, nem segue as regras estabelecidas pelos grandes mestres. E diz-se estylo *mesquinho*, columnas *mesquinhas*, ornamentos *mesquinhos*, extremidades, roupas *mesquinhas*, etc.

MESQUITA, s. f. do arab. *masdjid* ou *mesdjad*, logar de adoração, templo dos mahometanos: (archit.) não ha n'estes templos nem altares, nem imagens; são formadas as mesquitas de grandes salas, muita quantidade de lampadas, e muitas cupulas pequenas sustentadas por columnas de marmore ou de porphyro: o pavimento é coberto de ricos tapetes, e os musulmanos descalçam-se antes de entrar ahi; as paredes são pintadas com arabescos, tendo escriptas algumas passagens do alcorão. A maior parte das *mesquitas* têem, no fundo de um grande corredor, uma fonte e muitas bacias pequenas de marmore, onde se purificam antes da oração. Cita-se em architectura a *mesquita* de Santa Sophia em Constantinopla, que é uma antiga egreja christã.

MESTER, s. m. V. *Mister.*

MESTRA, adj. V. *Parede.*

MESTRE, s. m. V. *Desenho, Ponto.*

META, s. f. do lat. *metior, iris*, gr. *metron*, medida, fr. *borne*, it. *termine*, hesp. *meta*, ing. *a but*, (h. ant.) signal ou marco que se punha no fim de uma carreira, onde os cavallos corriam desde as balizas até ás *metas*, e ganhava o que primeiro chegava.

A *meta* era ordinariamente um grupo de tres columnellos de fórma conica, sobre uma base elevada, posto no fim da barreira ou trincheira (espina). Havia necessariamente duas *metas*, uma em cada extremidade da espina. V. *Amphitheatro, Baliza.*

Fr. Luiz de Sousa chama *metas* ás ultimas molduras ou remates superiores do edificio.

METAL, s. m. do lat. *metallum*, gr. *metallon*, it. *metallo*, fr., hesp. e ing. *metal:* os *metaes* são substancias mineraes, simples, brilhantes, pesadas, solidas, á excepção do mercurio, tendo em grau variavel muitas propriedades mineraes, taes como a ductilidade, a maleabilidade, a tenacidade e a densidade. Os metaes hoje conhecidos sobem ao numero de 47; d'estes os mais usados nas bellas artes e nas industrias são o ferro, o cobre, o oiro, a prata, o chumbo, o estanho, o zinco, o mercurio, a platina; os outros são usados nos laboratorios de chimica e nas pharmacias. O aço ou ferro refinado tem grande consumo e serviço nas artes e industrias, assim como o ferro simples ou fundido, o bronze, o estanho, o cobre, o chumbo e o zinco. V. *Ferro (estatuas de)*

METALLOGRAPHIA, s. f. do gr.

metallon, metal, e *grapho*, descrevo, sciencia dos metaes, parte da mineralogia que trata especialmente dos metaes.

METALLURGIA, s. f. do gr. *metallourgeo*, explorar, trabalhar os metaes; arte de extrahir os mineraes do seio da terra, de tirar os metaes e de os reduzir em estado de serem applidos a differentes usos, o que demanda conhecimentos de geologia, mineralogia, mechanica, physica e chimica.

METATOMO ou METOCHE, s. m. (archit.) espaço que se dá entre um denticulo e o seguinte.

METOPA ou METOPO, s. f. e m. do lat. e it. *metopa*, gr. *metopon*, fronte, ou de *meta*, entre, e *opé*, buraco: (archit.) é o espaço ou intervallo quadrado entre os triglyphos do friso dorico, que corresponde á extremidade das vigas de um pavimento. As *metopas* são representadas por cabeças de veados, vasos, etc.

Meia *metopa* é o espaço pouco menor que metade de uma *metopa*, no angulo do friso dorico.

Metopa longa se chama á que tem menos altura do que largura.

«Sendo os triglyphos mais altos que largos em rasão sexquialtera, e entre si tão distantes como as suas alturas, as *metopas*, ou intervallos, eram perfeitamente quadrados.» Cyr., *Conv. 4.ª*, p. 55.

METRICO, A, adj. do lat. *metricus*, regulado, compassado no systema metrico.

METRO, s. m. do lat. *metrum*, gr. *metron*, medida; unidade de extensão das novas medidas, igual á decima millionesima parte do quarto do meridiano terrestre.

Os multiplos do metro são o *decametro* (10 m.), o *hectometro* (100 m.), o *kilometro* (1:000 m.), o *myriametro* (10:000 m.); os dois ultimos servem para as medidas itinerarias. Os submultiplos são o *decimetro*, o *centimetro*, o *millimetro*.

METROLOGIA, s. f. do gr. *metron*, medida, e *logos*, discurso, norma de medidas; tratado, sciencia dos pesos e medidas.

Podem ver-se os tratados de Lisle, Palaiscan, Deschamps e outros.

MEZZANINO, s. m. do it. *mezzo*, meio: dá-se este nome a um andar baixo entre dois pavimentos, ou a um entre-solho e á janella mais larga que alta que lhe dá luz e ar. V. *Entre-solho*, *Janella*.

MICA, s. f. (min.) do lat. *micare*, brilhar, talco, substancia lustrosa, lamellosa, de côres diversas: nome de varios mineraes que nada têem de commum com a mica propriamente dita, mais do que o aspecto laminoso com que se apresentam: *mica dos pintores*, — o graphito, mais conhecido com o nome de *lapislazuli*: *mica de talco romboedrico*; a *mica* propriamente dita; *mica esquistodea*: *mica ferruginosa*, ferro phosphatado, etc.

MICROSCOPIO, s. m. *micro*, pref. pequeno e *skopéo*, descobrir; instrumento optico que augmenta muito as dimensões dos objectos miudos: *Microscopio solar*, que recebe a luz do sol ou outra muito intensa produzida artificialmente.

MIJADEIRO. V. *Ourinol*.

MILLIMETRO, s. m. a millesima parte do metro. V. *Metro*.

MIMICA, s. f. do gr. *mimiké*, imitador; arte de manifestar os pensamentos e affectos da alma, por meio de gestos e movimentos das mãos e do corpo, pela mudança do semblante e ainda pelas vestes.

MIMICO, A, adj. do lat. *mimicus*, gr. *gremimeomai*, imitar o que manifesta os pensamentos e exprime os affectos, por meio de gestos, conforme a arte mimica. V. *Gesto*, *Pantomimo*.

MIMO, s. m. do lat. *mimos*, fr. *mime*, delicadeza, brandura: trabalhos, obras de bellas artes; lavores obrados com primor e *mimo*. Sousa. V. *Delicadeza*.

MIMOSO, A, adj. qualidades do que é brando, macio, delicado; e assim diz-se pincel *mimoso*, cinzel, buril *mimoso*, pintura *mimosa*. V. *Delicado*.

MINARETE, s. m. do arab. *menerah*, (archit.) lanterna, pharol, pequena torre elevada e redonda em fórma de columna, que orna as mesquitas, e que serve para os musulmanos chamarem o povo á oração.

MINERALOGIA, s. f. parte da historia natural, que trata dos mineraes, da sua distribuição e combina-

ções no seio da terra, e de suas propriedades physicas e chimicas.

MINIADOR ou MINIATOR, MINIATORA ou MINIATURISTA, s. m. ou f. (pint.) artista que pinta em miniatura.

MINIADURA ou MINIATURA, s. f. do lat. *minuere*, diminuir, (pint.) genero de pintura de pequena dimensão, especialmente destinada aos retratos, e que se executa sobre marfim, sobre pergaminho e sobre certas qualidades de papel apropriado, para receber as côres desfeitas a agua de colla ou a agua gomada, ordinariamente com o *minio*, d'onde alguns querem que se derive o nome de miniatura.

Este genero de pintura é muito antigo, porque da historia consta ser já conhecido no tempo de Augusto. Na edade media deu-se este nome ás letras e bordaduras com que eram ornados os manuscriptos antigos.

MINIAR ou MINIATURAR, v. a. (pint.) pintar em miniatura.

MINIO, s. m. do lat. *minium*, nome antigo do rio *Minho*, nas margens do qual se achava o vermelhão ou cinabre, a que os antigos tambem chamavam *minio;* é composto de oxydo de chumbo. Esta bella côr usa-se em papel, em marfim e em cêra: poucas vezes se mistura com oleo, serve principalmente para a pintura de miniatura desfeita em agua de gomma.

MINUTO, s. m. do lat. *minutus*, pequeno: sexagesima parte do grau da circumferencia do circulo ou a de uma hora. Esta subdivisão da ecliptica tem applicação ás bellas artes, porque a subdivisão do *módulo*, e a da *cabeça* humana, são consideradas como medidas proporcionaes, uma de architectura, outra de desenho de figura. V. *Módulo, Cabeça.*

MIRANTE ou MIRADOURO, s. m. (de mirar), do it. *belveder*, bella vista, (archit.) torreão ou pavilhão elevado, que domina e serve de coroar as casas de campo, d'onde se descobre e logra uma vista dilatada e aprazivel: — galeria elevada, aberta ou fechada, sobre os grandes edificios. A mais celebre é a do Vaticano em Roma, edificada por Bramante, ornada e enriquecida com as bellas estatuas de Laocoonte, de Antinoo, do Apollo Pitio, e de outras estatuas e obras famosas.

MISTÃO ou MIXTÃO, s. f. do lat. *miscere*, misturar, (grav.) mistura de sebo e azeite, com que os gravadores cobrem os logares de uma chapa que querem poupar á agua forte.

Mistão, mordente que serve para pegar ou fixar o oiro ao oleo: compõe-se de essencia, de resina e de vermelhão.

MISTER, s. m. do lat. *ministerium*, do ant. *mestier*, hoje *metier*, officio mechanico ou arte fabril. V. *Arte.*

MISTERES, s. m. pl. termo por que eram antigamente conhecidos os vassallos obrigados a conservar as terras dos senhores, e por que o eram os procuradores no senado de Lisboa dos vinte e quatro officios mechanicos.

MISTURA, s. f. do lat. *mistura*, mixto, (pint. e grav.) união de cousas differentes, *mistura* de diversas côres em certas proporções e graus, que imite a natureza e satisfaça a vista do artista douto, que de ordinario faz essas misturas e gradações na palheta.— *Mistura* de metaes, para vasar ou fundir obras d'arte.

MISTURAR, v a. unir, pintar cousas diversas, *misturar* côres, *misturar* metaes.

MIXTILINEO, A, adj. (geom.) figura, plano ou angulo formado de linhas rectas e curvas.

MIZULA, s. f. do it. *mensola*, fr. *console*, (archit.) é um corpo ou peça de architectura em madeira ou pedra, saliente, simples ou ornamentada, em fórma de §, que serve para sustentar o arco da abobada, ou uma cornija, ou uma pequena figura, busto ou vaso. Chama-se *mizula reversa* ou *envertida*, a que tem mais saliencia na parte inferior do que na superior.

MOCHÊTA, s. f. (archit.), termo de que usam os canteiros e outros artifices, para designar um filete ou listel. V. este t.

MOCISSO. V. *Massiço.*

MODA, s. f. do lat. *modus*, fr. *mode*, toma-se pelo modo passageiro e caprichoso dos trajos, dos adornos, enfeites e usos de vestir das pessoas de um e outro sexo, quasi sempre contrarios á natureza, e por conse-

queneia oppostos ao bom gosto e ás conveniencias da arte.

«As *modas*, que podem arruinar a fortuna, a moral, o patriotismo, e a mesma religião dos seus enthusiastas, tambem são contrarias á nossa profissão. Nada sympathisa menos que a arte e a *moda*.» Cyr., *As honras da pint., esculp.*, etc., p. 20.

«La *mode*, le tyran du goût, met un grand obstacle à la perfection des arts: Boffrand, *Liv. d'archit., dissert. sur... le bon goust.*»

Não obstante estas considerações, deve o artista sujeitar-se ao uso e *moda* estabelecida e adoptada na epocha em que representa o seu quadro, para não caír em anachronismos. V. este termo.

MODELAÇÃO, s. f. (esculp.) o acto ou o exercicio de modelar ou de fazer modelos, ordinariamente em materia branda e flexivel, como a cera, o barro, etc.

MODELADOR, A, s. m. ou f. (esculp.) a pessoa que faz modelos, o esculptor ou esculptora que exercita a modelação.

MODELAR, v. a. do it. *modellare*, (esculp. e pint.) fazer de barro, cera, gesso ou estuque o modelo de uma figura humana, de um grupo ou baixo-relevo, de animaes, de ornamentos, etc., com o uso dos dedos e com o auxilio de palhetas de buxo ou de ebano, a que vulgarmente chamam *paus de modelar*.

A arte de *modelar* é a parte principal da estatuaria. Em relação ao desenho ou á pintura, é costume dizer-se que uma obra está bem modelada, quando por meio do desenho e do claro-escuro as figuras e os objectos parecem ter um verdadeiro relevo.

No mesmo sentido se diz que uma figura pintada está bem modelada.

MODELETO, s. m. diminut. de *modelo*, ordinariamente é um esboceto ou modelo de pequena dimensão.

«Poucos dias depois fui á *Quinta do Meio*, com um *modeleto* de barro...» Mach. de Castro, *Descrip. analyt.*, p. 259.

MODELINHO, s. m. diminut. de modelo, pequenissimo modelo, ordinariamente feito de cera ou argilla.

«Se mostra do mesmo lado o *modelinho* da estatua equestre...» Mach. de Castro, *Descrip. analyt.*, disc. prel. XXVI.

MODELO, s. m. do lat. *módulus*, fr. *modele*, it. *modello*, hesp. *modelo*, ing. *a model*, (pint., esculp. e archit.) os pintores e esculptores chamam *modelo* em geral a tudo que elles se propõem imitar, principalmente os modelos vivos.

Nas academias, nas escolas de bellas artes, chamam *modelos* aos homens de boa figura e bem proporcionados, escolhidos para serem copiados ou imitados em desenho, pintura ou esculptura.

Os esculptores fazem *modelos* pequenos de barro, cera ou gesso, ou mesmo do tamanho natural, que lhes servem de guia e exemplar para em vista d'elles executarem as suas obras em marmore ou madeira.

Nos museus e gabinetes de curiosos guardam-se com muita estimação os pequenos *modelos* em barro cozido ou em outras materias, feitos por artistas notaveis.

Em architectura chamam-se *modelos* á representação exacta de edificios ou monumentos, feitos de madeira em pequena escala, que servem para guiar os que são encarregados de os executar em ponto grande.

MODERNO, A, adj. novo, recente; — toma-se tambem como subs. Entende-se pelo tempo que segue á edade media; estes limites não podem rigorosamente determinar-se, mas póde começar-se a contar o tempo *moderno* desde o meado do seculo XIV até ao presente. N'este larguissimo periodo crearam-se muitas escolas de bellas artes e floresceram muitos sabios e artistas notaveis, Miguel Angelo, Rafael, Corregio, Albano e muitos outros. V. *Antigo*.

MODILHÃO, s. m. do it. *modiglione*, lat. *mutulus*, fr. e hesp. *modillon*, ing. *a bracket*, (archit.) os modilhões são pequenas misulas invertidas, que parece sustentarem os tectos das cornijas jonica, corinthia e composita, e que devem corresponder ao meio das columnas.

Os *modilhões* são affectados á ordem corinthia, o que não acontece ás ordens jonica e composita, onde apenas se representam como folhas de agua por baixo.

MODINATURA, s. f. do it. *modanatura*, (archit.) geralmente entende-se pelo complexo de differentes molduras, que formam a maior parte dos membros de architectura, segundo o caracter das ordens, taes como cornijas, cimalhas, bases, etc. V. *Molduras*.

«Na jonica moderna da fachada seguiu o auctor a *modinatura* de Vinhola...» Cyr., *Collec. de mem.*, p. 164.

MODULO, s. m. do lat. *modulus*, fr. *module*, it. e hesp. *modulo*, ing. *a model*, proporção e medida arbitraria para medir as partes de um edificio, a qual de ordinario é tomada do diametro inferior da columna. Vignola toma por *modulo* o semi-diametro da columna, que divide em 12 partes ou minutos para as ordens toscana e dorica, e em 18 para as outras tres ordens. A maior parte dos auctores, como Palladio, Scamozzi, Chambray e outros dividem o semidiametro em 30 partes ou minutos.

MOEDA, s. f. do lat. *moneta*, moeda, peça de metal, cobre, prata, oiro, etc. V. *Cunho*.

MOEDAGEM, s. f. (grav.) o trabalho de fazer o lavor da moeda metalica.

MOEDEIRO, s. m. o artista que trabalha na execução do modelo, fundição e cunho das moedas. V. *Gravador*.

MOEDOR (de tintas) do fr. *broyeur*, operario que moe sobre a pedra as tintas para uso da pintura.

MOER, v. a. do lat. *molere*, it. *macinare*, pisar, moer, (pint.) moer ou pisar tintas, reduzindo-as a pó, e misturando-lhe agua, colla ou oleo, conforme o fim a que se applicam; para isto se conseguir usa-se de uma pedra rija ou lage lisa, e de uma moleta ou especie de pilão tambem de pedra rija. Posto que geralmente fallando não pertença este trabalho ao artista, é comtudo conveniente em alguns casos que elle proprio ou seus discipulos conheçam esta pratica.

MOETA. V. *Moleta*.

MOIMENTO, s. m. a acção de pisar ou moer, reduzindo a pó.

MOIMENTO, s. m. do lat. *monimentum*, (archit.) fabrica, monumento, (ant.) «levantar *moimento* aos virtuosos.» Feo, trat. 3. V. *Monumento*.

MOITÃO ou MOUTÃO, s. m. do fr. *mouton*, lat. *trochlea*, it. *montone*, ing. *a wether*, é propriamente a peça de madeira ou ferro que encerra muitas roldanas encaixadas em separado, na qual ellas se movem: este mesmo nome se dá em geral á machina, tomada no seu todo. A multiplicação das roldanas augmenta consideravelmente a força do *moitão*. Serve esta machina para levantar e elevar os mais pesados volumes nos edificios.

MOLDADOR, s. m. do fr. *mouleur*, (esculp.) artifice que tira ou faz fôrmas ou moldes, para n'ellas se fundirem figuras, ornatos e outras obras. V. *Formador*.

MOLDAR, v. a. do fr. *mouler*, (esculp.) tirar fôrmas ou moldes sobre algum modelo de pedra, gesso ou barro. V. *Formar*.

MOLDE, s. m. do fr. *moule*, lat. *modulus*, it. *fôrma*, ing. a *mould*, todo o objecto feito em concavidade, da qual, pela fusão do gesso, bronze ou outra materia liquida, molle ou branda, se obtem o vulto representado de uma estatua, um retrato, um ornato, ou outro qualquer objecto.

Os moldes podem ser de gesso, barro ou metal: são de grande uso nas artes mechanicas e industriaes, assim como nas bellas artes, mas n'estas é mais proprio chamar-lhes fôrmas do que moldes. V. *Fôrma*, *Matriz*.

MOLDEAR. V. *Moldar*.

MOLDURA, s. f. denominação geral que se dá a qualquer corpo ou peça que sobreexcedendo o nú ou o vivo de uma parede, ou de um paramento, serve para compor as cornijas e outros membros de architectura; peça de pedra, madeira, metal ou outra materia que orna e guarnece os quadros de pintura, de gravura, de desenho, etc. Ha *molduras* pequenas e grandes, simples e compostas, rectas e curvas, que devem applicar-se segundo os seus diversos destinos, e em conformidade das ordens architectonicas, ou do caracter e gosto dos corpos e objectos a que servem de accessorio ou de ornamento.

MOLDURAGEM, s. f. o complexo de differentes molduras mais ou menos ornadas.

«*Molduragem* de pedraria preciosa.» Bernardes, *Nova Flor.*, t. 4, 200.

MOLDUREIRO, s. m. o artifice que faz molduras de differentes materias.

MOLE ou MOLHE, s. m. do lat. *moles*, massiço, volumoso, (archit.) lanço de muro, ou massiço de pedra, construido no mar para abrigar os navios da impetuosidade das vagas e pô-los em segurança.

Os romanos deram este nome a certos mausoléus de fórma redonda, sobre base quadrada, cobertos de um domo ou cupula com seu remate, como é a *Mole* do imperador Adriano, hoje em dia o castello de Santo Angelo, em Roma.

MOLETA, s. f. do lat. *mola*, fr. *molette*, (pint.) pequena pedra de marmore ou porphydo em fórma conica, de que usam os artistas para pisar e moer tintas.

MOLINETE, s. m. do fr. *moulinet*, de *moulin*, moinho, lat. *crux versaria*, it. *girella*, hesp. *molinillo*, (archit. milit.) consta de dois paus atravessados em angulos rectos na fórma de cruz, que parallelos ao horisonte assentam e jogam em outro perpendicularmente levantado no meio de cada entrada das duas collateraes da barreira; as pontas são ferradas e têem argolas para se segurarem nos paus collateraes, etc. Servem de impedir que se possa entrar de tropel contra o risco das entreprezas. Ha outro engenho tambem chamado *molinete*, mais complicado.

MOLLE, adj. dos 2 g., do lat. *mollis*, fr. *mou*, *molle*, it. *molle*, ing. *a soft*, (pint.) em pintura entende-se d'aquillo que não é tocado com franqueza e com força, que não tem sentimento, nem produz seu effeito: e assim diz-se *roupagem molle*, *toque molle*, etc.

MOLLEZA, s. f. (pint. e esculp.) frouxidão, brandura, falta de firmeza de força e vigor em obras d'arte.

MOMENTO, s. m. do lat. *momentum*, brevissimo espaço de tempo, marcado pelo movimento igualmente breve de algum corpo: (t. comp.) que tem diversas significações em mechanica e estatica. Em bellas artes entende-se do *momento* da acção que o artista deve escolher por melhor para representar o assumpto ou sujeito que tem a desempenhar. V. *Acção*.

MOMIA, s. f. V. *Mumia*.

MONETARIO. V. *Moedeiro*, *Gravador de cunhos*.

MONOCHROMATO, A, adj. do gr. *monochromata*, (pint.) pintura de uma só côr. Quadro *monochromato* é o que, sendo de uma só côr, apresenta os objectos, á similhança de camafeus pintados a *claro-escuro*. V. *Claro-escuro*.

MONOGRAMMA, s. m. do gr. *monós*, só, e *gramma*, letra, (grav.) cifra composta de uma só letra ou de muitas letras entrelaçadas, que de ordinario são as iniciaes de um nome. Entre os antigos foi o *monogramma* muito usado, principalmente nas moedas gregas; mas tornou-se mais frequente na edade media. São muito proveitosos para o conhecimento das pinturas e gravuras antigas, os estudos e investigações sobre os *monogrammas*. V. *Dictionaire des monogrammes*, par Bruillot, Munich, 1834.

MONOLITHO, s. m. do gr. *monos*, só, e *lithos*, pedra, (archit. e esculp.) obra d'arte feita de uma só pedra, e assim diz-se obelisco *monolitho*, sepulchro *monolitho*, grupo, estatua, colosso *monolitho*, o que é construido ou executado em uma só pedra.

MONOPTERIO, adj. V. *Templo*.

MONOTONIA, s. f. do gr. *monos*, só, e *tonos*, tom, de um só tom: (pint.) assim se denominam os quadros ou pinturas que pela uniformidade e egualdade de tons, se tornam desagradaveis e sem effeito algum. Taes são os quadros em que v. g. domina uma certa côr, como a cinzenta ou a esverdinhada, que procede uma da outra, e em que por consequencia se não póde achar uma gradação de tons. Por extensão se applica o termo á repetição ou egualdade que ás vezes se observa na composição de um quadro, em que se vêem as mesmas linhas geraes, as mesmas figuras, as mesmas attitudes, as mesmas massas, etc. V. *Maneira*.

MONOTONO, A, adj. de um só tom, igual, uniforme no som, sem gradação nem variedade.

MONOTRIGLYPHO, adj. (archit.) é o espaço de um triglypho e de duas metopas, entre duas columnas da ordem dorica.

MONTANTE, s. m. e f. significa:

1.º, espadão; 2.º, corpo saliente, moldura que guarnece as portas, as janellas ou as margens das chaminés; 3.º, nos rios é o lado d'onde correm as aguas ou o da sua origem, *jusante*, aquella para onde ellas correm ou rio abaixo. V. *Jusante*.

MONTEA, s. f. (archit.) alçado, elevação do edificio e fortes, etc., (p. us.) descripção ou delineação de algum edificio por plantas, alçados e córtes.

«Mandou tirar em planta e *montea* a todos os logares e fortes do extremo», Severim, *Not. disc.* 2, § 12.

MONUMENTO, s. m. do lat. *monumentum*, de *moneo, ere*, advertir, annunciar, fr. *monument*, it. e hesp. *monumento*, ing. *a monument*, (t. comp.) toda a obra, que serve de commemorar ou conservar a lembrança dos homens illustres, ou dos grandes acontecimentos em que entram, principalmente, as obras de architectura e esculptura, como os mausoléus, as pyramides, os arcos de triumpho, as estatuas pedestres ou equestres, etc.

Os primeiros *monumentos* que os antigos levantaram, não eram mais que pedras amontoadas, ou sobre um campo para conservar a memoria de algum acontecimento notavel, ou sobre um tumulo para honrar a alguma pessoa. Essas pedras tinham diversos nomes segundo a diversidade de suas fórmas. Os gregos chamavam *steles* ás que eram de base quadrada, e conservavam a mesma grossura em todo o seu comprimento, d'ahi vem as pilastras quadradas ou columnas atticas. Chamavam *styles* ás que eram redondas na base e terminavam em ponta, o que deu origem ás columnas diminuidas. Davam o nome de *pyramides* ás que eram quadradas na base, e terminavam em ponta, á maneira da pira funeraria; e o nome de *obeliscos* ás que haviam suas bases mais compridas que largas, e se elevavam diminuindo em grande altura. A cidade de Athenas era tão cheia de monumentos que, segundo diz Cicero, não se dava um passo que não fosse acompanhado pela historia. V. *Monumens des peuples*, par E. Breton. *L'histoire de l'art monumental dans l'antiquité e au moyen âge*, par Batimer.

MORBIDEZ, s. f. do it. *morbidezza*, lat. *mollitudo*, fr. *morbidessa*, hesp. *morbidez*, (pint. e esculp.) quer dizer o que é brando, suave e doce ao sentido da vista e do tacto: é principalmente applicado para significar a doçura e suavidade com que são representadas as carnes mimosas dos meninos e das mulheres, assim em pintura como em esculptura, de modo que pareçam verdadeiras carnes pelo empaste e *morbidez*.

MORBIDO, A, adj. do it. *morbido*, molle, delicado, mimoso; *carnes morbidas*.

MORDENTE, s. m. composição pegajosa, de varias côres, por meio da qual se fixam e cobrem com folhas de oiro, quaesquer objectos de esculptura e architectura, que se queiram dourar sem brunidura, a que chamam *dourar a mordente*.

MORDER, v. a. do lat. *mordere*, comer, roer, (grav.) fazer *morder*, diz-se na arte de gravura do effeito que sobre a chapa de cobre produz a agua forte applicada em differentes proporções.

MORESCOS, s. m. pl. de *mouro*, (pint. e esculp.) ornatos em desenho, pintura ou em relevo, feitos ao gosto dos arabes.

MORISCA. V. *Arabescos*.

MORTA, adj. V. *Natureza morta*.

MORTECOR, s. f. (pint.) primeiras côres, ainda sem força, e desvanecidas que os pintores empregam nas suas obras. Quadro de *mortecôr* é o que apenas offerece as primeiras tintas que o artista lhe deu.

«Debuxae e colori de *morte cor*.» F. Nunes, *Art. de pint.*

MOSAICO ou MUSAICO, s. m. do lat. *musaticus*, it. *musaico*, gr. *mouséion, museu*, (archit. e pint.) obra de arte feita de pequenos bocados de marmore, vidro ou esmalte de diversas côres, embutidos sobre um fundo de betume ou estuque proprios para este effeito. De *mosaico* se fazem não só objectos de paizagens, ornamentos e architectura com que se decoram as paredes, os pavimentos e outros logares, mas tambem quadros historicos de grandes dimensões.

Os gregos e romanos levaram esta arte a uma grande perfeição, como o attestam os mosaicos descobertos em

Herculana e Pompeia. São admiraveis os *mosaicos* de S. Pedro do Vaticano, em que se acham reproduzidos grande parte dos quadros de Raphael e de outros auctores celebres.

A nossa capella de S. João Baptista, na egreja de S. Roque, tambem possue tres bellos quadros de *mosaico*.

MÓSSA, s. f. o signal ou depressão que deixa assignalado o toque ou golpe dado sobre corpo mais ou menos solido. V. *Entalhe, Encaixe.*

MOSTEIRO, s. m. do lat. *monasterium*, fr. *monastere*, it. *monastero*, hesp. *monasterio*, ing. *a monastery*, (archit.) casa estabelecida para receber religiosos ou religiosas, que querem dedicar-se á vida commum debaixo de uma regra. V. *Abbadia.*

MOURISCO, A, adj. relativo a mouros, (pint., esculp. e archit.) termo por que se distinguem os desenhos, pinturas e esculpturas, attribuidas aos mouros, e que são mais conhecidas com o nome de arabescos. V. este t.

Toma-se tambem pelo estylo architectonico, chamado *mourisco* ou arabe, estylo que indica a passagem entre o byzantino e o estylo ogival, de que Hespanha possue alguns e os melhores monumentos de architectura.

MOUTÃO ou MOITÃO. V. *Roldana, Polé.*

MOVIMENTO, s. m. do fr. *mouvement*, mudança de logar por impulso intrinseco ou extrinseco: (t. comp.) qualidade ou attributo essencial ás obras de arte, que tem por fim a imitação da natureza viva e animada.

O *movimento*, pois, nas artes de pintura e esculptura, consiste: 1.º, na postura ou attitude propria á edade, ao sexo, e ao caracter da pessoa representada; 2.º, na applicação d'este signal de vida aos seres animados, e ainda aos sensitivos, como são as arvores e as plantas; 3.º, na representação verdadeira e fiel do *movimento*, nas cousas e objectos insensiveis, como são as roupas, os ares, as aguas, etc.

«Um dos defeitos do pintor, diz Leonardo de Vinci, será o repetir no mesmo quadro os mesmos *movimentos*, e transformar de uma figura em outra e fazer os rostos parecidos.

«Muitas pessoas... acham n'esta peça (a estatua equestre) o effeito da illusão do *movimento*, e illusão reflexionada e não repentina. *Descrip. Analy.*, append. xxxv.

MUÁR, adj. V. *Pedra.*

MULTIFORME, adj. dos 2 g. do lat. *multiformis*, (des.) que tem muitas fórmas, que offerece variedade de fórmas como se observa em a natureza e nas estatuas antigas.

MULTILATERO, A, adj. do lat. *multilaterus*, (geom.) que tem mais de quatro lados.

MULTIPLO, A, adj. do fr. *multiple*, em arithmetica é todo o numero que contém exactamente outro certo numero de vezes.

Em geometria um *ponto multiplo* é um ponto commum de intersecção de muitos ramos de uma mesma curva que se cortam.

MUMIAS, s. f. do arab. *moumya:* chamam-se *mumias* a certos cadaveres embalsamados e envolvidos em toalhas, que resistem á corrupção, e que se acham no Egypto, perto do Cairo. Ahi se acham *mumias* encerradas em caixas feitas de muitas toalhas colladas entre si, e tão fortes, que parecem feitas de madeira. Desenrolando as *mumias*, acham-se algumas vezes em seus tumulos pequenos idolos de bronze ou de outra materia, muito bem esculpidos, e algumas *mumias* têem uma pequena peça de oiro debaixo da lingua: o balsamo que conserva estes corpos é negro, duro e lucido como pêz, e tem um cheiro agradavel: é uma composição de canella, myrrha, e sobretudo de *amonium*, d'onde talvez se originou o nome de *mumia.*

MURADAL, s. m. de *muro*, logar ou espaço cheio de caliça e cascalho de edificio demolido. *Dicc. de B. Per.*

MURADO, A, p. p. de murar, e adj. (archit.) fechado ou cercado com muro: edificio *murado*, cidade *murada.*

MURALHA, s. f. do fr. *muraille*, (archit.) muro forte e de uma construcção propria para defender um castello ou uma cidade, etc.

MURAR, v. a. fechar ou cercar com muros os lados ou parte posterior de um edificio ou casa, *murar* um jardim, uma quinta, uma cidade.

MURO, s. m. do lat. *murus*, it. e hesp. *muro*, (archit.) obra de alvenaria de grossura proporcional, que serve a formar os lados de uma casa, a fechar qualquer espaço, a separar e a dividir um do outro: e póde ser feito de pedra chamada de cantaria, de pedra insossa ou de tijolo, ou mesmo de terra ou taipa.

Ha *muros* grossos segundo a grandeza dos edificios, e logares em que se fazem.

Chamam-se de *face*, *lateral*, de *empena*, de *repartimento*, de *frontal*, de *meia parede*, de *apoio*, de *terrasso*, etc.

Muro de ala chama-se ao que é levantado na extremidade de outro, e no mesmo alinhamento, tendo a fórma de um triangulo rectangulo, sendo a base em baixo, e acabando em cima. Taes *muros* servem de resguardo ás pontes e embocaduras dos rios.

MURRA, s. f. do lat. *murra*, terra de porcelana de varias côres.

MUSAICO. V. *Mosaico*.

MUSCULAR, adj. dos 2 g., do lat. *muscularis*: pertencente aos musculos.

MUSCULATURA, s. f. a acção de representar os musculos, ou seja em desenho, pintura ou esculptura; o complexo ou união de musculos.

> «Porque nas obras d'aquelle
> Preclaro auctor, os segredos
> Da *musculatura* se acham
> Com graça mais manifestos.»
>
> Vieira Lus., *Ins. pint.*, 177.

MUSCULO, s. m. do lat. *musculus*, gr. *mys*, genit. *myos*; orgãos fibrosos, que, ou dirigidos pela vontade ou por certas imitações estranhas, se contrahem na direcção de suas fibras, e fazem assim movimentos diversos nos seres animados.

MUSCULOSO, A, adj. cheio de musculos: corpo musculoso, acção, attitude em que os musculos se agitam: figura *musculosa*, robusta, vigorosa.

MUSEU ou MUSEO, s. m. do lat. *museum*, gr. *mouséion*: edificio ou logar em que se acha alguma collecção consideravel de objectos raros pertencentes ás bellas artes, ás sciencias e mesmo á industria. Tal era o celebre museu das antiguidades de Alexandria, fundado em 288 annos antes da era vulgar. O museu de Fontainebleau, do Louvre, de Versailles, de Cluny, os museus do Vaticano, de Florença, o do Escurial e outros muitos. L. Viardot publicou a *Historia dos museus da Europa*. Paris, 1840.

MUTILAÇÃO, s. f. do lat. *mutilatio, onis*, (archit. e pint.) o acto de cortar ou quebrar um membro em architectura, ou interromper alguma de suas partes, ou de quebrar alguma parte ou extremidade em alguma estatua ou peça de esculptura.

MUTILAR, v. a. do lat. *mutilare*, (archit. e esculp.) separar, cortar alguma parte principal ou membro em obras de architectura ou esculptura.

MUTULO, s. m. do lat. *mutulus*, fr. *mutule*, it. *modiglione*, ing. *mutute*, (archit.) especie de modilhão na cornija da ordem dorica, que corresponde ao triglypho, d'onde pendem algumas vezes gotas ou campainhas.

MYOLOGIA, s. f. (do gr. *mys* ou *myon*, musculo, e *logos*, discurso): parte da anatomia que trata dos musculos.

MYRIAGRAMMA, s. f. ou GRAMMO, s. m. do gr. *myria*, dez mil, e *gramma*, termo do novo systema de pesos e medidas. Peso de 10:000 grammas, correspondente, pouco mais ou menos, a 27 arrateis e 7 onças.

MYRIAMETRO, s. m. 10:000 metros ou 2 leguas medianas.

MYSTERIOS (d'arte), (do gr. *mystérion*, de *miô*, ter em occulto ou escondido). Chamam-se *mysterios d'arte* a tudo que na pratica das artes e nos seus effeitos parece occulto e inexplicavel, e que só é bem concebido e entendido pelo artista dotado do genio particular de sua arte.

MYSTERIOSO, A, adj. diz-se pensamento *mysterioso*, colorido, composição *mysteriosa*, quando o nosso espirito se sente movido e excitado a ponto de desconhecer a verdadeira causa da sua emoção ou encanto.

MYSTICO, A, adj. do gr. *mystikos*, cousa occulta, mysteriosa e allegorica: (pint.) genero *mystico* chama-se em pintura ao que representa debaixo de figuras symbolicas algum mysterio da religião. Recommenda-se que a invenção deve ser pura, sem mistura de objectos tirados da fabula.

MYTHO, s. m. do gr. *mythos*, discurso, fabula, conto, (pint.) representação de passagens mais notaveis da mythologia ou dos tempos fabulosos.

MYTHOLOGIA, s. f. (do gr. *mythos*, fabula, e *logos*, discurso), sciencia da fabula ou explicação dos symbolos e allegorias, que formam a historia dos deuses, semi-deuses e outras divindades. Podem ver-se as obras de Hesiodo, Pausanias, Apollodoro e o *Diccionario da fabula*, de Noel, e outros auctores modernos.

MYTHOLOGICO, A, adj. pertencente á mythologia.

MYTHOLOGO ou MYTHOLOGISTA, s. m. pessoa douta e versada na mythologia.

N

NACAR, s. m. (madreperola elaborada) do arab. ou pers. *nakar*, concha, substancia animalisada, dura, brilhante, esbranquiçada ou prateada, contida no interior de muitas conchas, e que offerece uma agradavel mistura de côres, particularmente o azul e a purpura ou a côr de rosa. O melhor *nacar* vem da India, do Japão e de Ceylão, e tem grande uso na arte de marceneria para os embutidos e na bijouteria.

NACARADO, A, adj. avermelhado ou côr de rosa desvanecido.

NACELLA, s. f. do lat. *scotia*, fr. *nacelle*, it. *scanalatura*, (archit.) moldura concava em meia cana, a que os praticos chamam *gola* ou *garganta*. V. este termo.

NAFA ou NAPA. V. *Naphta*.

NANKIM. V. *Tinta da China*.

NARIZ, s. m. do lat. *nasus*, it. *naso*, deriv. do gr. *neros*, ôco, fr. *nez*, hesp. *nariz*, ing. *nose*, eminencia ossea situada entre a testa e a bôca, que fórma a parte exterior do orgão do cheiro; elle é constituido pelos dois ossos proprios do nariz, e pela cartilagem triangular que lhe forma a ponta e as azas, a que chamam ventas. Entre as diversas fórmas do *nariz* prefere-se a todas o perfil grego, que é uma linha quasi direita ou marcada por uma doce inflexão, que divide a testa nas cabeças da juventude, particularmente na das mulheres. V. Winckelmann, tom. I, cap. IV da *Belleza das partes do corpo humano*.

«O *nariz* comprido e grosso, e o pequeno e torto, e o muito direito, se tem por de mau significado; o aquilino e o aclinate, e o direito com sentimento, como dizem que era o de Cesar, e o que na ponta parece que se aparta em duas partes mostram animo e realidade». F. de Holl., *Dial. da pint. ant.*, pag. 41.

NASCIMENTO, s. m. do lat. *ortus*, fr. *naissance*, (t. comp.) origem, logar aonde nasce ou começa alguma cousa: *nascimento* de uma abobada, — de uma voluta ou columna, — de um braço.

NATURAL, adj. dos 2 g., do lat. *naturalis*: em termo de arte tudo o que se faz ou produz, segundo as leis da natureza; e assim diz-se desenhar do *natural*, pintar, modelar do *natural*.

NATURALIDADE, s. f. o que é feito ou produzido segundo o natural, ou a elle similhante. Este rosto não se parece, não apresenta *naturalidade*; aquella attitude não apresenta *naturalidade*.

NATUREZA, s. f. do lat. *natura*, fr. e ing. *nature*, hesp. *naturaleza*: — a collecção de todos os seres que constituem o universo, e o complexo de suas propriedades e forças que presidem á sua existencia e successão. A *natureza* vivente ou a collecção dos animaes e das plantas forma a parte essencial do estudo das artes plasticas; mas, postoque estas devam imitar a *natureza*, é certo que o devem fazer com discreta escolha, preferindo o que n'ella ha de mais bello, seguindo o exemplo dos antigos, porque a arte não é uma simples imitação da natureza. A *natureza*, diz um auctor grave, é sublime em suas massas, mas é minuciosa em seus detalhes: cumpre pois tomal-a como guia nas fórmas, nas proporções, na expressão, no colorido; porém, para a imitar com vantagem, é necessario ter os olhos do corpo e os do espirito bem abertos para escolher e combinar as bellezas que se acham dispersas por differentes modelos e por diversas partes.

Natureza morta: assim chamam

aos desenhos ou quadros que representam a collecção de pedras, conchas buzios e outros objectos naturaes e insensiveis. «Achava-se ás vezes (Joaquim M. da Rocha) sem encommendas, e n'esses intervallos pintava fogos, buzios, conchas e outros objectos da *natureza morta*, tudo com a maior verdade, optima composição e toque magistral. Cyr., *Coll. de mem.*, p. 117.

NAUMACHIA, s. f. do lat. e gr. *nais*, navio, *makhé*, combate, fr. *nasemachie*, it. *naumachia*, hesp. *nanmaquia*, ing. *naumachy*, (archit.) entre os romanos chamavam-se *naumachias* aos circos ou aos theatros, em que se dava o espectaculo de um combate naval. A *arena* enchia-se de agua, e n'um instante appareciam muitas galeras que se batiam de parte a parte. Acabado o combate desappareciam as aguas por aqueductos subterraneos, servindo o mesmo local para celebrar os jogos dos gladiadores. V. *Amphiteatro circo*.

NAVE, s. f. do lat. *navis*, nau ou cella, fr. *nef*, it. *nave de chiese*, hesp. *nave*, ing. *the nave*, nave de egreja: (archit.) nome que nas egrejas gothicas se dava principalmente á parte comprehendida entre a porta e a capella mór, a que tambem chamam *nave central*, porque aos lados ha, em algumas egrejas, outras divisões longitudinaes mais estreitas, que se chamam *naves lateraes*. Modernamente as ha de tres e cinco naves. Deu-se-lhe o nome de *nave*, porque o comprimento e concavo da abobada do corpo da egreja assimilha-se ao casco ou fundo de um navio voltado. «Cada *nave* tem sua abobada por si». *Hist. de S. Dom.*, liv. VI fol. 328.

NECTO ou NETO. V. *Dado*.

NEGA. V. *Macaco*.

NEGLIGENCIA, s. f. do lat. *negligentia*, fr. e ing. *negligence*, it. *negligenza*, hesp. *negligencia*, (t. comp.) descuido. Toma-se ás vezes pelo pouco cuidado e estudo com que o artista concebe ou executa as suas obras; outras vezes toma-se pela franqueza e saber dos grandes mestres, que só cuidam no que é essencial e de grande effeito, tratando com *negligencia* as cousas accessorias, para contrastar com as que se acham bem acabadas e perfeitas.

«Na maneira do trabalho deve haver certas *negligencias*...» Mach. de Castr., *Descrip. anal.*, p. 169.

NEGRO, s. m. do lat. *nigrum*, fr. *noir*, it. *nero*, hesp. *negro*, ing. *black*, (pint. e grav.) o *negro* é a privação da luz ou de todas as côres, e não contendo raio algum luminoso absorve por isso a todos. Em termo de arte entende-se pelas côres tão escuras e exageradas, que tornam *negro* um quadro ou parte d'elle. Toma-se tambem como adjectivo, dizendo que um quadro tem um tom *negro*, ou por defeito do artista, ou pela ruim qualidade das tintas que o têem enegrecido.

Ha varias qualidades de negro; a saber: *negro de marfim*, que é um dos melhores, *negro de fumo*, *negro de Hespanha*, *negro de Allemanha*, *negro de carvão*, etc.

Tambem se applica á gravura, dizendo gravura de maneira *negra*, estampa muito *negra*, ou por defeito do gravador ou por descuido do impressor.

NEMBO ou NEMBRO, s. m. V. *Membro*.

NEORAMA, corrup. de *naorama*, do gr. *néos*, templo, e *orama*, vista: especie de panorama traçado em uma superficie cylindrica, representando um templo pelo interior ou qualquer outro edificio. V. *Panorama*.

NERVOS, s. m. pl. ou NERVURAS, s. f. pl. (archit.) termos metaphoricos tirados da physiologia para significarem a força e a firmeza empregada nas obras de arte. Em architectura chamam-se nervos ou nervuras: 1.º, ás molduras que atravessam as abobadas gothicas, e que separam os pendentes ou penachos; 2.º, ás molduras redondas sobre o contorno das misulas; 3.º, aos talos das plantas naturaes ou artificiaes, com que se ornam os frisos, gargantas, almofadas, etc.

NICHO, s. m. do it. *nicchio*, concha marinha, lat. *loculamentum*, fr. *niche*, hesp. *nicho*, ing. *nich*, (archit.) cavidade de differentes fórmas feita na grossura de uma parede para collocar n'ella um grupo, uma figura, busto, vaso, candieiro, etc. Os anti-

gos empregavam os nichos nos monumentos funerarios, onde collocavam urnas com as cinzas dos mortos e chamavam-lhes *zotheca*.

Deve-se advertir que as estatuas ou imagens collocadas em nichos devem guardar uma certa proporção, de modo que os hombros da figura não passem acima da imposta dos mesmos nichos.

NIGELLA, s. f. do lat. *nigella*, fr. *nielle*, it. *niello*, hesp. *nijela*, ing. *blasting*, (bot.) significa: 1.º, um genero de plantas da familia das raizes unculaceas; (des. e grav.) 2.º, ornamento ou figuras gravadas em oiro ou cavado sobre obra de ourivesaria, cujos traços são cheios de um esmalte negro, *nigellus*. São principalmente applicados estes ornamentos em caixas de tabaco de prata. Julga-se que esta arte nascêra no Oriente, d'onde passou para a Italia no seculo VII, empregando-se com especialidade em ornar vasos sagrados e armas de cavalleiros, chegando a grande perfeição no seculo XV, em que floresceu Benevenuto Cellini e outros artistas notaveis. Depois, desapparecendo da Europa, foi modernamente restaurada. Duchesne publicou uma obra com o titulo de *Essai sur les Nielles*, com estampas. Paris, 1816. V. *Celagem*, *Celatura*, *Cinzeladura*.

NIGELLAR, v. a. (des. e grav.) gravar em metal com esmalte. V. *Cinzelar*.

NILOMETRO, s. m. do gr. *Nellos*, Nillo, e *metron*, medida (archit.) columna repartida ou graduada por uma escala, de que usavam os egypcios para medir a elevação das cheias periodicas do rio Nilo. Consta que ainda existem algumas d'essas columnas.

NIMBO, s. m. do lat. *nimbus*, fr. *nimbe*, it. *corona di raggi*, hesp. *nimbo*, ing. *glory*, (pint., esculp. e grav.) circulo, ordinariamente radioso, que os antigos artistas punham em volta das cabeças dos imperadores e dos deuses da gentilidade, como se observa nos quadros, estatuas e medalhas antigas. Os christãos, principalmente os catholicos, costumam adornar a cabeça do Salvador ou do Eterno Pai com o *nimbo*, ou circulo radioso, e a Santissima Virgem com o circulo de estrellas, e as imagens dos santos com uma aureola ou circulo simplesmente liso. V. *Aureola*.

NIVEL, s. m. do lat. *libella*, fr. *niveau*, hesp. *nivel*, ing. *a level*, it. *nivello*, (archit.) instrumento que serve para verificar se um plano ou superficie é ou está horisontal, ou para conseguir que o esteja. Ha differentes instrumentos ou *niveis* no uso das artes; a saber: *nivel* de agua, de ar, de pendula, de reflexão, de jardinagem, etc.

O mais simples é o *nivel* de agua, que consiste n'um cylindro de 30 a 40 millimetros de diametro, sustentado sobre uma base, nos extremos do cylindro se collocam dois tubos de crystal, e deitando-se-lhe agua, que corre de um a outro tubo, a linha visual que passa pelas duas superficies da agua é sempre horisontal.

Os praticos chamam tambem *niveis* ás peças de madeira delgadas que nos telhados são pregadas no madeiramento e dispostas horisontalmente, tendo o *vertice* no pau de fileira.

NIVELAÇÃO, s. f. a acção de nivelar.

NIVELADOR, s. m. o que faz uso do nivel, o engenheiro ou agrimensor que nivela o terreno.

NIVELAMENTO, s. m. o trabalho ou effeito de nivelar.

NIVELAR, v. a. pôr ao nivel, aplanar horisontalmente um terreno ou uma superficie qualquer.

NÓ, s. m. do lat. *nodus*, fr. *noeude*, it. e hesp. *nodo*, ing. *a knot*, defeito nas tábuas e nas madeiras que servem nas assemblagens. V. *Laço*.

NOBRE, adj. dos 2 g., do lat. *nobilis*, conhecido, notavel, distincto, fr. *noble*, it. *nobile*, hesp. *noble*, ing. *a noble*, (pint., esculp. e archit.) toma-se em bellas artes por todo o objecto que se distingue pela sabedoria da composição, elegancia das fórmas, descripção, gravidade e elevação do estylo. Na pintura historica o quadro é *nobre*, e o mais *nobre* de todos os generos de pintura, se elle é concebido, colorido e executado com as ditas condições. Na pintura de paizagem ha tambem notavel differença entre o genero *nobre* e o rus-

tico, porque aquelle distingue-se pela grandeza das linhas, disposição das massas, escolha de edificios, etc. Em esculptura é tambem conhecido o genero *nobre* do commum e ordinario, o caracter simples, elegante e severo, do trabalho trivial, pastoral e talvez amaneirado, etc. Em architectura é *nobre* o edificio que attrahe a vista do espectador pela magestade e simplicidade de linhas, justeza de proporções e harmonia dos tons.

NOBREZA, s. f. do lat. *nobilitas*, fr. *noblesse*, it. *nobilitá*, hesp. *nobleza*, ing. *nobleness*, qualidade nobre, (pint., esculp. e archit.) elevação do assumpto de um quadro, de uma estatua, de uma obra d'arte, duplicadamente nobre pela escolha, elegancia e superioridade da execução.

NOCTURNO, A, adj. do lat. *nocturnus, a, um*, (pint. e esculp.) chama-se em bellas artes *escola nocturna, estudo nocturno*, ao que se faz nas academias com a luz artificial, copiando as estatuas do antigo e os modelos vivos.

NOITE, s. f. do lat. *nox*, a noite, (pint.) os differentes e variados effeitos que produz a luz da noite no que diz respeito ao colorido e ao claro-escuro, tem levado muitos artistas ao estudo da representação dos phenomenos da luz, e alguns d'elles se têem grandemente distinguido n'estes accidentes brilhantes e seductores.

Alem de Bernardo de la *Noche*, os hollandezes e flamengos são muito apreciaveis n'estas obras: o quadro da prisão de S. Pedro, de Rafael, e as *noites* de Corregio e de Mengs são quadros admiraveis n'esta especialidade.

NONETAS. V. *Lunetas*.

NORMA. V. *Modelo, Esquadro, Molde*.

NORMAL, adj. dos 2 g., do lat. *normalis*, de norma, regra, modelo: estado *normal* de um ser organisado e o seu estado regular e ordinario. Em geometria e em physica, *normal* é synonymo de perpendicular. V. *Linha perpendicular*.

NOVO. V, *Moderno*.

NU, adj. m. NUA, f. do lat. *nudus, a, um*, it. *nudo*, ing. *a naket*, (pint., esculp. e archit.) em pintura e esculptura significa figuras ou partes de figuras pintadas, modeladas ou esculpidas pelos modelos vivos, que ou estão nuas, ou com poucos vestidos, e que ainda assim accusam o nu, que está por baixo das roupagens.

Em architectura chama-se *nu* do muro ou parede áquella porção d'elle que é lisa, e que não tem moldura ou resalto algum que exceda a sua superficie.

NUMARIA ou NUMMARIA, s. f. sciencia que trata de numismatica.

NUMARIO ou NUMMARIO, A, adj. do lat. *nummarius* ou *numarius*, de *numus* ou *nummus*, moeda; ensino de moedas e inscripções antigas.

NUMISMA, s. f. medalha, moeda antiga cunhada.

NUMISMAL, adj. dos 2 g. que se parece ou tem a fórma de dinheiro ou medalha.

NUMISMATICA, s. f. do lat. *numus* ou *nummus*, moeda, ou do gr. *numisma*, (grav.) sciencia das moedas, medalhas e outras peças de metal e suas inscripções, assim antigas como modernas.

NUMISMATOGRAPHIA, s. f. do lat. *numisma*, medalha, e gr. *grapho*, descrevo; descripção, classificação e explicação das medalhas e moedas antigas. V. *Coctrino nummorum veterum*, por Eckhel, Veneza, 1792 a 1798. *Description des médailles antiques*, por Mionnet, París, 1806. *Iconographie romaine*, por Visconti e Mongez, 1811. *Manuels numismatique*, por Hennin et Barthélemy, París, 1830 a 1854, e outros.

NUMISMATOGRAPHO, s. m. o que sabe e conhece as medalhas e dinheiros antigos, e suas inscripções.

NURAGHES, s. m. pl. (archit.) edificios ou construcções antigas existentes na Sardenha, que tem as fórmas de monumentos conicos de 30 metros de diametro e de 16 de altura, feitos de pedaços de 1 metro cubico, assimilhando-se a tumulos; e parece que pertencem á epocha pelasgica.

NYMPHEO ou NYMPHEU, s. m. do gr. *nymphaion*, templo das nymphas, (archit.) os gregos e os romanos davam este nome a certos edificios rusticos, em que haviam grutas,

fontes, banhos adornados de estatuas, columnas, vasos, etc., que serviam para celebrar festas nupciaes e para outros divertimentos publicos.

D'este genero havia um edificio entre Napoles e o monte Vesuvio; era construido de marmore, em fórma quadrada, tendo uma só porta por onde se entrava e descia a uma grande gruta. O pavimento era de marmore de varias côres e as paredes revestidas de bellas conchas, que representavam os doze mezes do anno. Corria de uma fonte agua que circulava a gruta, havendo ali estatuas de nymphas e outras figuras grutescas.

Acham-se ainda alguns vestigios de magnificos *nymphéos* em Roma e Constantinopla.

O

OBELISCAL, adj. dos 2 g., de obelisco ou a elle relativo.

OBELISCO, s. m. do lat. *obeliscus*, gr. *obéliskos*, deriv. de *obélos*, agulha, fr. *obelisque*, it. e hesp. *obelisco*, ing. *an obelisk*, (archit.) especie de pyramide quadrangular, alta, de origem egypcia, que vae diminuindo até terminar em um angulo muito obtuso, ou em um pequeno globo, ou cruz, etc.

Os *obeliscos* são quasi todos monolytos, ou de uma só pedra, que é ordinariamente de granito, cheios de inscripções em suas faces. Elles eram entre os egypcios consagrados aos deuses, e chamavam-lhe *olhos do sol*, porque serviam de ponteiro para marcar as horas sobre a terra, como era o *obelisco* do campo de Marte em Roma, que tinha este uso por meio de um quadrante horisontal, e os arabes lhe chamam hoje *agulhas de Pharaó*.

Os gregos e os romanos trouxeram do Egypto muitos d'esses monumentos e ornaram com elles as praças publicas, havendo só em Roma doze d'esses monumentos; entre estes são notaveis o que está collocado na praça de S. Pedro do Vaticano, em Roma, que tem 80 pés de altura, afóra o pedestal, que mede 31; e o de S. João de Latrão, que é o maior *obelisco* que ha em Roma, tendo de altura 108 pés, sem contar a cruz e o pedestal. V. *Gnomon*.

Obelisco de agua, especie de pyramide transparente, de tres ou quatro faces, collocada sobre um pedestal, com os angulos de metal dourado, e os lisos das faces parecendo de crystal por meio de toalhas de agua em diversos graus, como são os quatro *obeliscos* do arco de Triumpho, de agua, em Versailles.

OBJECTIVO, A, adj. (opt.) em optica chama-se *objectivo* ao vidro de uma lente ou microscopio que se volta para o objecto. Na philosophia de Kant, *objectivo* significa tudo que está no objecto, fóra do sujeito pensante, tudo o que é real e não puramente ideal; é o opposto a *subjectivo*. V. este termo.

OBJECTO, s. m. do lat. *objectus*, fr. *objet*, it. *oggeto*, hesp. *objecto*, ing. *an object*, tudo o que se offerece á vista, toca os sentidos e move a alma; materia de uma sciencia ou arte; causa de um sentimento, de uma acção ou pensamento; sujeito, assumpto ou fim proposto.

Em termos d'arte, *objecto* é tudo o que póde ser imitado, ou da natuza ou dos auctores que a imitaram. N'esta imitação convem fazer judiciosa escolha, para que appareçam cousas bellas e interessantes, deixando antes alguma cousa a desejar, do que causar os olhos do espectador pela demasiada multiplicidade dos *objectos*.

OBLIQUAR, v. a. do lat. *obliquare*, (geom.) dar direcção ou movimento obliquo.

OBLIQUO, A, adj. do lat. *obliquus*, (geom.) inclinado para um lado. Diz-se de uma linha que é mais inclinada de um lado que do outro sobre outra linha, formando com ella angulos agudos e obtusos.

Dá-se tambem em anatomia o nome de *obliquo* a muitos musculos que seguem direcções não parallelas aos planos, que dividem o corpo seguindo a vertical; por exemplo; o *grande obliquo*; os *obliquos inferior* e *superior* da cabeça.

OBLONGO, A, adj. do lat. *oblongus*, o que é ou tem figura mais comprida que larga, e não angulosa,

OBRA, s. f. do lat. *opus*, it. *opera*,

fr. *œuvre, ouvrage,* hesp. *obra,* ing. *work,* (t. comp.) em geral significa não só os trabalhos e obras manuaes e artificiaes, mas tambem as producções do espirito e obras do genio. Assim é linguagem commum o dizer-se — a *obra* do edificio da Praça do Commercio, — as *obras* do novo palacio da Ajuda, — as *obras* de pintura ou esculptura do theatro de D. Maria II, — as *obras* de Raphael ou a collecção de gravuras dos seus quadros.

OBRA-PRIMA, fr. *chef d'œuvre,* it. *caput d'opera,* ing. *a master-piece,* é a obra mais primorosa e excellente em qualquer genero de arte, taes como o Appollo Pithio, a transfiguração de Raphael. — *Obra* de estuque, de entalho, de mosaico, etc.

OBREIRO, A, do hesp. *obrero,* lat. *operarius,* fr. *ouvrier,* it. *artefice,* ing. *workman,* operario, artezano, artifice. V. este termo.

OBSCURECER. v. a. tornar escuro. V. *Escurecer.*

OBSCURO, A, adj. do lat. *obscurus,* V. *Escuro.*

OBSERVATORIO, s. m. do lat. *specula observatoria,* (archit.) edificio em fórma de torre, levantado sobre logar eminente e coberto de um terraço, para fazer observações astronomicas, e experiencias de physica. O *observatorio* mais antigo é a torre de Belo, em Babylonia; entre os *observatorios* modernos distingue-se o de París, feito pelo desenho de Perraut, e outros.

OBSIA. V. *Usia,*

OBTUSANGULO, adj. m. (geom.) diz-se do triangulo que tem um angulo obtuso.

OBTUSO, A, adj. do lat. *obtusus, a,* (geom.) diz-se do angulo maior que o recto, e que tem mais de 90 graus, ou do quarto de circulo. V. *Angulo.*

OCAR ou OUCAR, v. a. (esculp.) tornar ôca uma figura, vasar ou ocar uma estatua ou busto de barro, para ser cozida no fôrno.

OCHRE. V. *Ocre.*

OCO, A, ou OUCO, A, adj. e p. p. de ocar, que é vasado por dentro, modelo *ôco* de barro, figura *ôca* ou seja de barro, gesso ou metal.

OCRE ou OCHRE, s. m. do gr. *okhros,* amarello, (pint.) barro ou substancia argillosa que por effeito do oxydo de ferro apresenta varias côres, principalmente o amarello claro e escuro, de que se faz uso na pintura. F. Nunes, *Arte da pint.,* p. 63.

OCTAÉDRO ou OCTOHÉDRO, s. m. do gr. *okto,* oito, e *edra,* base, (geom.) solido de oito faces, o que é regular tem oito triangulos equilateros iguaes entre si.

OCTOGONAL, adj. dos 2 g., pertencente ao octogono.

OCTOGONO, A, adj. do gr. *okto,* oito, e *gonia,* angulo, geom.) polygono que tem oito angulos e oito lados. Templo *octogono,* fortificação *octogona.*

OCTOSTYLO, s. m. do gr. *okto,* oito, e *stylos,* columna, (archit.) fachada com oito columnas, ou dispostas em linha recta, como o templo pseudodiptero de Vitruvio e o do pantheon em Roma, ou em linha circular, como o monoptero redondo do templo de Apollo Pythio em Delphos.

OCULO, s. m. do lat. *oculus,* it. *occhiale,* fr. *lunette,* hesp. *luneta,* ing. *glass,* instrumento de vidro, luneta, (archit.) janella redonda ou oval, que se colloca a meio da fachada das egrejas gothicas, ou sobre as portas e outras partes elevadas dos edificios, para lhes dar claridade. V. *Luneta, Olho.*

ODEO ou ODEON, s. m. do gr. *odéion,* deriv. de *odé,* canto, (archit.) o *odeon,* era um pequeno theatro com o tecto convexo, edificado por ordem de Pericles, em Athenas, para servir aos concursos de musica. Segundo Vitruvio, foi este termo adoptado para designar os pequenos theatros, cobertos de um tecto *(theatrum tectum)* que servem de salas de concerto. Suet., *Dom.,* 5.

ODÓMETRO, s. m. do gr. *odos,* caminho, *metron,* medida, especie de relogio com que se mede o caminho que se tem percorrido a pé ou em algum vehiculo, e serve para se conhecerem as distancias de differentes pontos.

OFFICINA, s. f. do lat. *opus,* obra, e *facio,* faço, (archit.) armazem ou casa ao rez do chão, em que se fazem trabalhos mechanicos e industriaes, e em que os artezanos e offi-

ciaes exercitam diversos officios e misteres. Chamam-se tambem *officinas* a varias casas, ordinariamente estabelecidas nos pavimentos baixos das egrejas e de outros edificios, destinadas a cosinhas, refeitorios, despensas, etc.

OFFICIO, s. m. do lat. *officium*, arte mechanica ou industrial: —, cargo, emprego publico.

OGIVA, s. f. do lat. *augere*, augmentar, (archit.) arco formado de duas curvas, que se encontram no vertice em angulo mais ou menos agudo, *arcus decussatus*.

OGIVAL, adj. dos 2 g., (archit.) o que é ou pertence á ogiva: arco *ogival*, architectura *ogival*, i. é, gothica. V. *Gothico*.

OITAVAR, v. a. formar uma peça ou modelo de oito lados ou octogonal.

OKELAS, s. m. (archit.) portico com armazens dispostos em fórma circular, tendo a meio um pateo para depositar e expôr á venda escravos e mercadorias. Nas cidades do Oriente, e principalmente no Cairo, ha *okelas* ou estabelecimentos d'esta natureza.

OLARIA ou OLLARIA, s. f. do lat. *olla*, pote, panella: officina de louça, casa em que se fabricam vasos e louças de barro.

OLEIRO ou OLLEIRO, s. m. o que faz louças de barro.

OLEO, s. m. do lat. *oleum*, deriv. de *olea*, oliveira, gr. *elaia*, licor grosso, unctuoso, inflammavel, que se extrahe de fructas e de outras substancias, e por isso ha differentes qualidades de oleos, segundo as substancias de que são extrahidos; os principaes são: *oleo* de amendoas, *oleo* de linho, *oleo* de nozes, etc.

OLEOGRAPHIA, s. f. do lat. *oleum, oleo, olea*, oliveira, gr. *elaia*, oliveira, azeitona; e *graphos, suff.*, desenhar ou pintar: novo methodo ou processo de pintar a oleo, pelo qual se copiam e transmittem os quadros de uma tela para outra nova. Creio que este processo é hoje muito conhecido e usado em Bolonha e n'outros paizes de Italia e Allemanha.

OLHAL, s. m. de olho, abertura do mesmo: vão das pontes, que comprehende os arcos, os seus pegões e a superficie da agua do rio: o mesmo nome se dá á abertura das abobadas e arcadas.

OLHETE, s. m. dimin. de olho, (pint. e esculp.) pequena abertura ou cavidade em fórma de olho, formada pela juncção das dobras, dos panejamentos e das figuras, o que principalmente se observa nas articulações dos braços e pernas.

OLHO e OLHOS, s. m. do lat. *oculus*, gr. *ops*, fr. *œil*, it. *occhio*, hesp. *ojo*, ing. *an eye*, (anat.) orgão da vista, em fórma de globo, situado na cavidade orbitaria, revestido de membranas e humores, taes como a *sclerotica*, a que chamam alva do olho, que é furada pela parte posterior para a passagem do nervo optico, e pela anterior para a inserção da *cornea*, membrana transparente, circular e convexa, que fica a meio do globo,— a *choroidea;* o humor *aquoso*, que é fechado pelo iris, — a *pupilla*, — o *cristallino*, — a *retina*, que recebe os raios luminosos, e o *humor vitreo*. As partes accessorias do olho são as *orbitas*, as *sobrancelhas*, as *palpebras*, a *conjunctiva*, as *glandulas*, os *canaes*, e a *caruncula lacrymaes*, e os seis musculos proprios do olho: —(pint. e esculp.) os olhos são duas luzes do corpo e duas janellas da alma, pelas quaes se deixam ver as paixões e affectos de que ella se acha dominada. São por isso a parte mais essencial da belleza do corpo. Quanto á fórma, escusado é dizel-o, os olhos grandes são mais bellos que os pequenos. Nas cabeças ideaes são sempre mais fundos do que os da natureza em geral, o que produz mais saliencia nos ossos das sobrancelhas. Foi sobre as medalhas que começou a indicar-se o *lume do olho*, como lhe chamam os artistas por um ponto que parece elevado na pupilla. Os olhos são differentes nas cabeças das divindades. Nas de Jupiter, Apollo e Juno o golpe do olho é grande e arredondado, e é mais estreito que o ordinario no seu comprimento, para dar mais magestade ao arco que o corôa. Pallas tambem tem grandes olhos, mas tem as palpebras baixas, para dar a seu olhar um ar virginal. Venus, ao contrario, tem os olhos pequenos e a palpebra inferior chegada para cima, a

fim de caracterisar essa graça e esse mavioso, a que os gregos chamam ΥΓΡΟΝ. V. Winckelmann, l. III, cap. IV. V. *Iris, Menina do olho.*

Olho de boi, chama-se em architectura a qualquer abertura circular ou elliptica feita nos tectos ou paredes dos edificios, que serve para lhes dar luz: em architectura hydraulica chamam-se *olhos da ponte* ás aberturas feitas nos tympanos dos arcos ou nos encontros das pontes, para dar maior vasão ás aguas dos rios, quando são muito abundantes.

Olho de gato, pedra preciosa. V. *Onix.*

Olho de voluta, chama-se ao pequeno circulo do meio da voluta jonica, ornado de um florão, d'onde se traçam os doze centros por que se descrevem as circumvoluções.

OLIVA, s. f. do lat. *oliva,* it. *olivo,* azeitona, (archit.) ornamento em forma de grãos oblongos e enfiados, que enfeitam as varinhas, os astragalos e as canelluras.

OLIVEL, s. m. V. *Nivel.*

OMBREIRA, s. f. V. *Hombra* — e *Hombreira.*

ONDEADO, A, p. p. de ondear, e adj. feito em figura de ondas, traçado em ondulações; «traço *ondeado* ou colubrino». Mach. de Castr., *Anal. graf.*, p. 15.

ONDEANTE, adj. dos 2 g., que fórma ondas, ondulante, cabellos ondeantes ou colubrinos.

ONDEAR, v. a. formar ondas, *ondear* as roupagens, os cabellos, os traços ou contornos. «*Ondea-lhe* uns cabellos». Vieira, *Serm. da terc. doming.*

ONDECÁGONO, adj. (geom.) polygono que tem onze lados.

ONDOIANTE, adj. V. *Ondeante.*

ONDULAÇÃO, s. f. movimento de oscillação que se observa na agua do mar e em qualquer liquido. Por analogia se diz, na linguagem da arte, *ondulações* da luz em um quadro, *ondulação* dos cabellos, das roupagens, dos contornos, etc., para significar o movimento, a vida e a graça que offerecem as massas, as madeixas e as linhas curvas e convexas em objectos de gosto.

ONGLETE, s. m. (grav.) pequeno buril chato, de que usam os gravadores em relevo e em cavado, assim como os serralheiros.

ONYX, s. m. do gr. *onyx*, unha, ágatha opaca. V. *Agatha.*

OPACIDADE, s. f. do lat. *opacitas, tis,* qualidade dos corpos que não deixam passar a luz através da massa; o contrario dos corpos diaphanos. V. *Diaphano.*

OPACO, A, adj. do lat. *opacus, a, um,* que não se deixa atravessar pela luz; corpo que não tem transparencia.

OPÁLA, s. f. ou OPÁLO, s. m. do lat. *opalus* ou *opalum,* pedra preciosa matizada de varias côres; é o *quartz* ou *silex opalim* dos mineralogistas.

OPISTODOMO, s. m. (archit.) casa fechada por onde se entrava particularmente, edificada na parte posterior de um templo antigo, parecida com as nossas sacristias das egrejas modernas: — (hist. ant.) dá-se este mesmo nome ao portico ou vestibulo que tinha uma porta de entrada na fachada posterior.

OPPOSIÇÃO, s. f. V. *Contraposição* e *Contraste.*

OPPOSTO, OSTA, p. p. de oppor, e adj. V. *Contraposto.*

OPTICA, s. f. do lat. *optica,* gr. *optiké,* deriv. de *optomai,* ver, parte da physica, que ensina as leis da luz e da visão. As partes de que se compõe a *optica* são: a *catoptrica,* ou reflexão da luz (espelhos diversos); a *dioptrica* ou refracção da luz (phenomenos que offerecem os raios atravessando os prismas); d'onde nasce o espectro solar, as côres, etc.

Deve-se a Euclides a obra mais antiga sobre este objecto; e depois d'elle muitos homens notaveis se têem dado a este genero de estudos, taes como Alhazen, Maurolico de Messina, Descartes, Newton, Euler e outros, que têem aperfeiçoado as doutrinas e os instrumentos proprios d'esta parte da physica, que forma os fundamentos da pintura, esculptura e architectura.

OPTICO, A, adj. relativo á luz e á visão. *Instrumentos opticos,* que auxiliam e facilitam a vista.

ORATORIO, s. m. do lat. *orare,* orar, (archit.) logar destinado para orar em particular; nome que se deu a principio ás pequenas capellas an-

nexas aos mosteiros, em que os monges oravam emquanto não tiveram egrejas. Depois applicou-se o termo de *oratorio* a capellas particulares: o *oratorio* é ordinariamente composto de um só altar. V. *Capella*.

ORBICULAR, adj. dos 2 g., do lat. *orbicularis*, circular, redondo, (anat.) musculos *orbiculares* das palpebras, que nascem de toda a circumferencia da orbita, e servem para fechar as palpebras, e para dirigirem as lagrimas para os angulos internos dos olhos. Musculos *orbiculares* da bôca, são compostos de um plano de fibras superior e inferior, que se cruzam e confundem no angulo dos labios, e servem de estreitar a abertura da bôca, dando-lhe differentes fórmas.

ORBITA, s. f. do lat. *orbis*, circulo, em anatomia chamam-se *orbitas* ás cavidades destinadas a receber os globos dos olhos.

ORÇADOR, s. m. o que orça, avalia, faz orçamentos.

ORÇAMENTO, s. m. acto de orçar, estimativa, v. g., do que será preciso despender para a execução de alguma obra.

Para se fazer um calculo approximado ou *orçamento* de qualquer obra d'arte, cumpre que o artista tenha conhecimento das qualidades, quantidades e preços dos materiaes, e mais elementos indispensaveis para a sua boa e completa execução, sem fallar do valor muito variavel da *estimativa* em que é tida, v. g., uma estatua, um quadro, ou outra producção do genio elevado do artista que a executou.

Quanto aos *orçamentos* de obras de architectura, podem consultar-se as bases do Mestre Valerio, nas suas advertencias aos modernos (Lisboa, 1757), as dos engenheiros Soares e Serra, e os guias do engenheiro e do operario, modernamente publicados.

ORÇAR, v. a. do lat. *orsa, orum*, deriv. de *orsus*, começado: avaliar, formar orçamento e estimativa de valores e despezas.

ORDEM, s. f. do lat. *ordo, inis*, gr. *orthos*, direito, fr. *ordre*, it. *ordine*, hesp. *orden*, ing. *order*, termo que tem varias accepções; em geral significa disposição conveniente das cousas, ou boa distribuição das partes que compõem um todo:—(archit.) em architectura entende-se pela disposição particular e conveniente das partes principaes de um edificio, como se vê n'uma fachada, que consta de pedestal, columna e entablamento.

Contam-se cinco *ordens:* toscana, dorica, jonica, corinthia e composita, a que Vitruvio chama *Ordines et genera columnarum*. As duas ordens toscana e composita foram inventadas pelos romanos, e as tres pelos gregos.

Ordem attica é uma pequena ordem de pilastras de mais curta proporção, com uma cornija architravada, que lhe serve de entablamento.

Ordem composita é a quinta, e dá-se-lhe este nome, porque o capitel é composto de duas ordens de folhas do *corinthio*, e das volutas do *jonico:* a columna tem dez diametros de altura, e a cornija tem denticulos ou modilhões simples.

Chama-se *ordem composta* a qualquer ordem arbitraria e caprichosa que se afasta das regras das cinco ordens.

Ordem corinthia, que se diz inventada por Callimacho, esculptor atheniense, é a quarta, a mais rica e a mais delicada: o capitel é decorado de duas ordens de folhas e de oito volutas, que sustentam o tambor; a columna tem dez diametros de altura, e a cornija tem modilhões.

Ordem dorica, é a segunda, e a mais proporcionada e natural, não tendo ornamentos na base nem no capitel, medindo a columna oito diametros, com o friso distribuido em triglyphos e metopas.

Ordem gothica é a que se afasta das proporções e ornamentos antigos, e usa de columnas, ou muito grossas e curtas, á maneira de pilares, ou muito delgadas e compridas como varas, etc. V. *Architectura*, *Gothico*.

Ordem jonica é a terceira, que guarda meio termo entre o solido e o delicado; a columna tem nove diametros de altura, o capitel é ornado de volutas, e a cornija de denticulos.

Ordens persica e *caryatica* são, quanto á primeira, a que tem figuras de escravos em logar de columnas; quanto á segunda, a que tem figuras de mulheres.

Ordem rustica é a que, tendo as pro

porções da toscana ou dorica, é ornada de divisões relevadas com asperezas ou bossagens.

Ordem toscana é a primeira, a mais simples e solida de todas as *ordens:* a columna tem seis diametros de altura, o capitel, a base e o entablamento com poucas molduras, e sem ornamentos alguns.

ORDENADA, s. f. (geom.) linha tirada perpendicularmente do ponto da curva ao seu eixo, ella serve para determinar a posição de um ponto conjunctamente com a abscisa. V. *Linhas.*

ORÉLA, s. f. V. *Orla, Fimbria.*

ORELHA, s. f. do lat. *auricula,* dimin. de *auris,* fr. *oreille,* (anat.) pavilhão cartilaginoso, oval e achatado, situado aos lados da face entre a testa e a bôca, em correspondencia do nariz, que fórma o orgão do ouvido; este consta de duas partes: a *externa,* que comprehende a *orelha,* e o *meato* ou *canal auditivo;* e a *interna* que comprehende o *tympano,* e o *labyrintho.* A *orelha* tem duas faces; *anterior,* que tem quatro eminencias, que são o *helix,* o *anthelix,* o *trago* e *antitrago,* tres cavidades, sendo a concha a primeira e mais profunda, a segunda é a cavidade *innominada* e o *lobulo,* ou a parte inferior.

A face posterior da orelha a terceira segue em parte as eminencias e cavidades em sentido inverso.

Os caracteres das orelhas nas cabeças antigas consistem em que ellas são achatadas, e as orlas cartilaginosas parecem inchadas, o que torna a passagem interior mais estreita e encurta toda a fórma exterior, como vemos no busto de Caracalla, e principalmente na orelha direita do pretendido gladiador da villa Borguese. V. Winckelmann, t. I.

ORIENTAR, v. a. do fr. *orienter,* it. *orientare,* hesp. *orientar,* ing. *to set towards the east,* (archit.) significa marcar sobre o desenho ou sobre o terreno a collocação e disposição de um edificio, com relação aos quatro pontos cardeaes da esphera. Diz-se tambem *orientar-se* por tomar conhecimento e certificar-se do logar em que se levantar a planta do edificio.

ORIGINAL, adj. dos 2 g., do lat. *originalis,* de origem primitiva; subs., desenho, quadro, estatua, gravura, edificio, etc., que foi inventado ou composto, que não foi copiado de outra obra já feita. Assim é *original,* ainda que seja duplicada, uma ou mais repetições de uma obra d'arte inventada, composta ou executada pelo mesmo artista de um mesmo assumpto e com todas as particularidades da primeira.

ORIGINALIDADE, s. f. do lat. a mesma raiz, pensamento ou concepção original de alguma obra que não foi copiada, vista ou imitada de outra, ou por outrem.

ORLA, s. f. do lat. *ora,* fr. *orle,* it. *orlo,* bordo, (archit.) é, segundo Palladio, o plintho da base das columnas, e do pedestal; o termo, porém, póde applicar-se a outros filetes ou fachas nas extremidades de outras peças de architectura. Em termo de brazão toma-se pela cercadura do escudo. Em gravura de cunhos pela borda ou extremidade da moeda.

ORLADURA, s. f. orla, cercadura, debrum.

ORLAR, v. a. orla, ornar com cercadura ou debrum.

ORNADOR, s. m. o que orna, enfeita. V. *Ornamentista, Ornatista.*

ORNAMENTAÇÃO, s. f. acção e effeito de fazer ornamentos.

ORNAMENTAR, v. a. decorar e ornar.

ORNAMENTISTA, s. dos 2 g. V. *Decorar.*

ORNAMENTO, s. m. do lat. *ornamentum,* (t. comp.) toma-se em geral por todo e qualquer genero de ornatos e enfeites, seja em architectura, pintura, esculptura e gravura. Em architectura são as folhas, as perolas, os ovanos, as volutas, os florões, os festões, as misulas, com que se ornam as columnas, os frisos, os pedestaes, etc.

Em pintura e esculptura são os pannejamentos, os bordados, as franjas, as corôas, os vasos, os utensilios, os relevos, as fórmas elegantes, e tambem os ornamentos e decorações architectonicas já mencionadas. V. *Decoração.*

Em termo de *brazão* chamam-se *ornamentos* a tudo que não faz parte integrante das armas e se acha fóra do escudo.

ORNAR, v. a. do lat. *ornare*, gr. *óreó*, enfeitar, embellezar. V. *Decorar*.

ORNATAR, v. a. adornar com ornatos, decorar com gosto, etc.

«Os quaes *ornatava* para adoçar a aspereza das sombras.» Cyr., *Mem.*, pag. 182.

ORNATISTA, s. dos 2 g., (pint. e esculp.) o artista que pinta, modela ou esculpe ornatos em pedra. É mais usado na arte de esculptura.

ORNATO, s. m. do lat. *ornatus*, enfeite decorativo que se applica a qualquer obra d'arte, principalmente em objectos de architectura.

ORPHANSTROPHIO, s. m. do gr. *orphanos trophion*, asylo em que se mantinham e educavam os orphãos por conta do estado ou da nação.

ORTHOGONAL, adj. dos 2 g., do gr. *ortho*, recto, e *gonia*, angulo, (geom.) *linha orthogonal*, chama-se á que no plano cáe rectamente sobre a que lhe fica perpendicular.

ORTHOGRAPHIA, s. f. do gr. *ortho*, pref. e *grapho*, escrever ou descrever, termo que tem dupla significação: a primeira toma-se pela arte de escrever rectamente as palavras de uma lingua; a segunda diz respeito á architectura, e toma-se pela representação geometrica da elevação ou fachada de um edificio, em que apparecem as partes em sua verdadeira proporção.

ORTHOGRAPHICO, A, adj. pertencente á orthographia, no duplo sentido de bem escrever, ou de representar o alçado ou face de um edificio com as suas exactas proporções.

ORTHOMETRIA, s. f. do gr. *ortho*, pref. e *metria*, medida, medida certa, exacta.

ORTHOSTYLO, do gr. *orthos*, recto, e *stylos*, columna, fileira de columnas que não forma portico, e a que alguns sem fundamento applicam o nome de *perystilo*, que designa propriamente uma ordem de columnas, que cinge á roda um edificio todo, a que o vulgo chama *alpendrada*.

OSSADA, s. f. do lat. *ossa*, fr. *ossemens*, it. *ossame*, hesp. *ossamenta*, ing. *bones*, (anat.) esqueleto desarticulado, ou com ossos soltos, para melhor se estudar cada uma das suas partes, (archit.) armação em madeira de uma casa ou edificio; os alicerces do mesmo.

OSSAMENTA, s. f. armação ossea do corpo animal.

OSSEO, A, adj. do lat. *osseus, a, um*, que pertence ou é da natureza do osso.

OSSIFICAÇÃO, s. f. do lat. *ossificatio*, a passagem ou conversão em osso das cartilagens ou partes molles, como é a cartilagem ensiforme que nos adultos se ossifica.

OSSIFICAR, v. a. do lat. *ossificare*, converter em osso, ou endurecer as partes molles de sua origem.

OSSOS, s. m. do lat. *os, ossis*, gr. *osteon*, partes solidas e duras, mais ou menos esbranquiçadas, que constituem a armação do corpo humano, e dos animaes vertebraes.

Dá-se o nome de esqueleto á reunião ou armação dos ossos, que servindo de base a todas as outras partes do corpo, tambem servem de ponto de apoio aos musculos. V. *Esqueleto*.

OSTEOGRAPHIA, s. f. descripção dos ossos do esqueleto.

OSTEOLOGIA, s. f. a mesma raiz, primeira parte da anatomia, que trata dos ossos, principalmente dos do corpo humano.

OSTEOTOMIA, s. f. do gr. *ostéon*, osso, e *tomé*, secção, (anat.) parte da anatomia que trata da dissecção dos ossos.

OUCO, A, ou OCO, A, adj. *Cavado, Vasado*.

OURÉLA, s. f. do lat. *ora*, borda, ouréla do panno; (pint. e esculp.) extremidade dos tecidos com que se vestem naturalmente as pessoas, e artificialmente as estatuas, os manequins e os modelos, que devem ser, ainda que dispostas com arte, representadas de modo que nem as *ourélas* se escondam totalmente, nem appareçam de um modo estudado, que affectem um ar amaneirado.

«Tocando-lhe na extrema *ouréla* das vestiduras.» Vieira, 10, t. 331.

OURIVES, s. m. do lat. *aurifex* ou *auri faber*, fr. *orfèvre*, it. *orefice*, hesp. *orifice*, ing. *a goldsmith*, artifice que faz e vende vasos, baixellas e outras peças em oiro ou prata.

OURIVESARIA, s. f. officina ou loja em que se lavram e fabricam obras de oiro. A *ourivesaria* é muito antiga. Foi cultivada entre os hebreus, como se colhe do cap. XXXVIII do Exodo; entre os gregos e romanos que a levaram a um alto grau de perfeição. Nos tempos modernos, a Italia e a França a têem cultivado com grande primor. Em Portugal tambem não tem sido descurada esta parte interessante da arte ornamental. V. *Traité d'orfevrerie*, par Bonet, e *L'histoire de l'orfevrerie*, pelo P. Lacroix, 1850.

OURO, (braz.) é a côr amarella ou côr de ouro, que se representa no escudo ou na divisa d'elle.

OURO ou OIRO, s. m. do lat. *aurum*, fr. e ing. *or*, it. e hesp. *oro*, metal amarello o mais ductil, brilhante e precioso de todos os metaes, que, por meio de differentes ligas e preparações, serve para executar, enriquecer e decorar muitas obras d'arte.

D'aqui as suas diversas denominações:

Ouro mate é o que posto em obra, não tem a superficie liza, nem polida.

Ouro brunido é o ouro polido e brilhante, para fazer sobresaír as carnes, os pannejamentos e os ornatos de seu fundo.

Ouro esculpido é o que se grava com ornamentos sobre fundo branco.

Ouro de concha, são folhas de ouro moidas com mel, e dissolvidas em agua de gomma para uso dos pintores e illuminadores.

Ouro de mosaico é o deuto-sulphureto de estanho, que se applica nas decorações.

Ouro a oleo é o que se applica sobre um fundo de côr de ouro, e serve nas obras expostas ao ar.

OURO-PIMENTA, s. m. do lat. *auri pigmentum*, fr. *orpiment*, côr de ouro, mineral pesado, lustroso, composto de arsenico e de enxofre, e por isso muito venenoso. Ha-o de differentes especies, a saber: amarello, dito dourado, dito escuro, arroxado, vermelho e esverdeado.

OUSADIA. V. *Atrevimento*.

OUTÃO, s. m. (archit.) parede recta ou a prumo dos lados do edificio (p. us.).

OUVADO. V. *Ovado*.

OVADO, A, adj. ou OVAL, dos 2 g., do lat. *ovalis*, (geom.) figura curvilinea, á similhança de ovo, que tem dois diametros desiguaes, a que chamam grande e pequeno *axe*, e que se traça de differentes modos. V. *Ellipse*.

Columna *oval*, janella *oval*.

ÓVALO ou ÓVANO, s. m. do lat. *ovum*, ovo, (archit.) chama-se assim em architectura não só á ornamentação em fórma de ovos, que acompanha os capiteis jonico e composito, mas tambem a outras molduras redondas, cujo perfil é um quarto de circulo.

OVICULO, s. m. diminut. de ovo, a mesma origem, (archit.) pequeno ovo, o mesmo ornato em ponto ou dimensão mais pequena.

«Na ordem superior, que é a composita, tambem seguiu a Vinhola, trocando sómente os logares do *oviculo*, e gola reversa.» Cyr., *Mem.*, p. 165.

OVO, s. m. (archit.) V. *Ovalo*.

OXYDO, s. m. (chim.) nome applicado especialmente ás substancias metallicas combinadas com o oxygenio.

OXYGENEO, s. m. (chim.) do gr. *oxis*, agudo, acido, e *génos*, origem, i. é, creador dos acidos, chamado *ar vital*, *ar dephlogastico*, *ar de fogo*, e *ar puro*, por ser indispensavel para a combustão e respiração.

OXYGONO, s. m. do gr. *oxys*, agudo, e *gonos*, angulo, (geom.) diz-se algumas vezes para significar as figuras que têem angulos agudos. V. *Acutangulo*.

P

PAÇO, s. m. (contracção de *palacio)*, do lat. *palatium*, fr. *palais*, it. *palazzo*, hesp. *palacio*, ing. *palace*, (archit.) casa nobre e grandiosa para habitação de reis e principes, casa de concelho e dos primeiros tribunaes. V. *Palacio*.

PADIEIRA, s. f. do lat. *limen superius*, ing. e hesp. *lintel*, fr. *linteau*, (archit.) peça de madeira, pedra ou ferro, a que tambem os praticos chamam verga, que se colloca sobre as ombreiras das portas e das janellas, para firmar a parte superior, e sustentar a parede sobreposta; a *pa-*

dieira, ou verga descansa sobre os pés direitos. V. *Dintel.*

PADIOLA, s. f. em lat. *thensa,* (archit.) utensilio de madeira formado de um leito quadrado com duas varas, em que pegam dois ou quatro homens para conduzirem terra, areia, pedras e outros materiaes de construcção.

PADRÃO, s. m. do fr. *patron* ou *ételon,* modelo, typo, lat. *pés pedis,* o pé, medida de extensão, modelo de pesos e medidas para, segundo elle, se formarem varias peças de um edificio: — (archit.) monumento de pedra, ou represente figura humana, ou seja columna com brasão de armas ou inscripções, para memoria de algum successo: taes foram os *padrões* de pedra, que os nossos descobridores punham nas terras descobertas para memoria da posse, que d'ellas tomaram em nome de nossos soberanos. Barros, *Dec. 1.* Talvez d'aqui venha o termo *pedrom,* padrão, titulo original, primeiro autographo, que se acha nos documentos antigos.

«Para tratar n'ella de um *padrão* destinado a perpetuar a memoria de um seu augusto predecessor.» Mach. de C., *Descrip. anal., dedicatoria.* V. *Brazão.*

PADRASTO, s. m. *(padre,* do lat. *pater,* pae, e *estar,* que substitue o pae) relação de parentesco entre o homem casado com viuva e os filhos do primeiro leito: — (archit.) monte ou parede grossa elevada e superior a outro muro ou parede: —, edificio que sobreexcede a outro e lhe serve de defensa.

PADRE NOSSOS, s. m. pl. oração dominical:—(archit.) em architectura dá-se este nome a um ornamento composto de pequenos globos, que se assimilham ás contas de resar.

PAGODE, s. m. (do lat. *pagodus,* persa *poud,* idolo, e *gheda,* casa), (archit.) templo dos indios e da maior parte dos idolatras da Asia: consiste a sua fórma em um pavilhão, que forma o santuario do idolo, e em dois alpendres, um anterior e outro posterior para o povo. Acima do pavilhão principal levanta-se uma construcção pyramidal e caprichosa, com ornatos de mau gosto. Alguns *pagodes* são construidos com pedras preciosas, oiro e outros materiaes importantes; os mais inferiores são fabricados de madeira. A torre de Nanking é um dos mais notaveis d'estes monumentos: é um edificio isolado, octogono, de 40 pés de diametro na base, e de 200 pés de altura; a escada é espiral, construida na parte solida da parede, que circumda um espaço vasio, e se eleva até á summidade do edificio; em cada um dos angulos exteriores se suspende uma sineta de cobre; as imagens de Bouddha ou da deusa Kaan-yin, são collocadas em nichos aos lados da escada. O *pagode* de Chanteloup na floresta de *Amboise,* tem de altura 39 metros, e é de melhor gosto que o de Nanking.

Dá-se tambem o nome de *pagode* aos pequenos idolos ou figuras grutescas que vem da China, e são de porcelana, marfim ou metal.

«Que visse se trazia algum *pagode* de oiro, com que se despacharia melhor, que com as attestações mais honrosas de seus serviços.» T. d'Agora, p. 1.

Significa tambem moeda de prata de Bagadate, com o valor de 500 réis, e de oiro com o valor de 12$800 réis.

PAINEL, s. m. do lat. *tela* ou *tabula picta,* fr. ant. *panel* ou *tableau,* it. *tavola,* hesp. *quadro,* ing. *a picture,* (pint., archit. e esculp.) em pintura significa:

1.º Qualquer sujeito ou assumpto pintado a oleo, a tempera ou a fresco sobre panno, madeira, gesso, cobre, etc., ou seja em grande ou pequeno espaço, postoque pareça mais proprio chamar aos pequenos *quadros* e não *paineis:* e assim dizemos, classificando as suas differentes especies, *painel* de historia, de paizagem, de genero, de animaes, de fructos, de flores, etc.;

2.º Em architectura dá-se o nome de *painel* ás almofadas *(panneau),* que se fazem sobre as vergas das janellas e das portas;

3.º Em esculptura dá-se algumas vezes este nome aos baixos relevos, que ornam os monumentos, e ás mesmas almofadas ou partes emolduradas das grandes salas.

«Deve-se tambem advertir, que estes relevados *paineis* de esculptura

são de tres especies.» Mach. de C., *Descrip. analy.*, 199. V. *Baixo relevo.*

PAINELINHO, s. m. dimin. de painel, quadrinho ou pequeno painel.

PAIZ, s. m. do lat. *pagus*, fr. *pays*, it. *paese*, hesp. *país*, ing. *a country*, aldeia, região, sitio, (pint. e grav.) termo generico dado aos paineis ou quadros em que se representam paizes, ou sejam desenhados, pintados ou gravados, e assim diz-se pintor ou gravador de *paizes*.

«Principiou a cultivar a arte da pintura..., e applicou-se á figura e aos *paizes*.» Cyr., *Mem.* 139.

PAIZAGEM ou PAISAGEM, s. f. do lat. *tractus descriptio*, fr. *paysage*, it. *paesetto*, hesp. *paisage*, ing. *landscape*, (pint. e grav.) o segundo genero de pintura, que encerra grande parte dos outros, e que tem por fim representar as vistas e sitios campestres, e por isso comprehende a composição e representação das figuras humanas, dos animaes, das pedras, dos rochedos, dos montes, das aguas, dos ares, das arvores, das plantas, etc. Este genero divide-se em quatro especies; a saber: *paizagem historica*, em que se representam *personagens historicos*, sitios escolhidos e magestosos pela elegancia dos edificios, pyramides, templos, etc., *paizagem propriamente campestre ou pastoril*, em que se representam objectos naturaes em toda a sua simplicidade, bem como pastores, gados, rochedos, etc., *paizagem mixta*, em que se junta a alguma parte ou sitio de *paizagem* natural, qualquer alteração para o melhor effeito, *paizagem ideal*, em que o artista livremente compõe o quadro, tendo porém sempre em vista o effeito da natureza em geral.

Os auctores mais abalisados n'este genero de pintura são Ticiano, Carache, Poussin, Claudio Lorene, Paulo Pottar, Salvador Rosa, etc.

PAIZAGISTA, s. dos 2 g., contracção de paiz, o pintor ou pintora de paizagens.

PAIZISTA, s. m. dos 2 g., do lat. *pictor topographicus*, fr. *paysagiste*, it. *pittore di paesi*, ing. *landscape-painter*, contracção de paizagista: o artista de um ou outro sexo que exercita a arte de pintura de paisagem.

«Arnaldo, seu pae, excellente *paizista*.» Taborda, *Art. da pint.*, p. 57.

«Tambem era *paizista*, e pintou um bosque no theatro do Salitre em 1782.» Cyr., *Mem.*, p. 131.

PAIXÕES, s. f. pl. do lat. *passio*, de *pati*, soffrer, fr. e ing. *passions*, it. e hesp. *passiones*, (pint. e esculp.) commoções fortes e violentas da alma, que a perturbam em suas operações, a dominam, e algumas vezes a obrigam a resoluções arriscadas e perigosas. O pintor e o esculptor deve estudar, com profundo criterio, o uso conveniente de representar essas commoções, não só em a natureza, mas no antigo; rejeitando, como diz D. José Nicolau de Azara, as alterações que prejudiquem a graça e a belleza, ou fazendo-as de um modo agradavel, vistoque entre os extremos de todas as paixões ha um grande numero de gradações mais ou menos violentas. O Laocoonte e seus filhos exprimem a mais dolorosa situação que a humanidade podia soffrer, sem prejudicar com os seus gestos e convulsões a belleza das fórmas. O grupo da Niobe é outro exemplo da nobre maneira com que os gregos exprimiam as situações mais violentas, sem alterar a formosura dos seus objectos. Cicero resumiu nas suas *Tusculanas* a doutrina dos antigos sobre as paixões. Entre os modernos, que têem escripto sobre esta materia, devem consultar-se: *Les passions de l'âme*, de Descartes; *L'usage des passions*, por P. Senault; *Les caractères des passions*, por Lachambre; *La physiologie des passions*, por Alibert; *Étude des passions appliquées aux beaux-arts*, de Delestre e outros.

PALACETE ou PALACETO, s. m. dimin. de palacio. «Um *palaceto* para habitação de sua alteza real, e no centro a egreja». Cyr., *Mem.*, p. 237.

PALACIO, s. m. do lat. *palatium*, deriv. do monte Palatino, aonde Augusto mandou edificar grande e magnifica casa para sua habitação, (archit.) significa: 1.º, paço ou casa em que habita o imperador, o rei, o pontifice; 2.º, casa do cardeal, do bispo, do duque; 3.º, casa em que estão e funccionam as camaras legislativas, os tribunaes de justiça, etc., e assim

se denomina palacio real, pontifical, episcopal, ducal, etc. Cada um d'estes edificios demanda um genero de architectura especial, que deve conformar-se ás differentes condições dos personagens que os habitam, e ás circumstancias e fins da sua destinação.

PALANQUE, s. m. do lat. *palus*, estaca, *palanque*, it. *palanca*, hesp. *palenque*, ing. *palanka*, (archit.) cadafalso ou grande estrado com degraus, sustentado por paus ou mastros, para os espectadores assistirem a festas e espectaculos publicos.

PALANQUE ou PALANCA, s. m. ou f. (archit. mil.) antigo termo militar, que significa a estacada com que se cercava o campo em que se havia de dar batalha ou fazer outra obra para defensa; hoje diz-se: fortim de estacas revestidas de terra, obra exterior de praça.

PALCO, s. m. do lat. *proscenium*, fr. *l'avant-scène*, hesp. *palco*, (archit.) scena, parte do theatro onde os actores representam. V. *Theatro*: —, leito portatil: —, tablado levantado do chão para os espectadores se sentarem a ver algum espectaculo.

PALESTRA, s. f. do gr. *palaistra*, lat, *palæstra*, fr. *palestre*, it. *palestro*, hesp. *palestra*, ing. *wrestingplace*, (hist. ant.) termo que muitas vezes é synonymo de *gymnasio*, mas que tem esta differença, e é que na sua origem significa fallar, porque a *palestra* era o logar em que os athletas que luctavam nos jogos publicos costumavam ser dirigidos e ensinados na arte do pugilato, da lucta, etc.; e *gymnasio*, ao contrario, era um estabelecimento em que a mocidade grega se entregava a todos os jogos, proprios da sua edade, e a exercicios gymnasticos; a *palestra* era pois a parte do gymnasio em que se ensinava a gymnastica propriamente dita. Vitruvio, em sua *Architectura*, liv. v, descreve e dá o plano de um d'esses edificios publicos dos antigos.

PALETA ou PALHETA, s. f. do lat. *palmula*, dimin. de *pala*, pá, fr. *palette*, it. *paletta*, hesp. *palete*, ing. *a painter's-palette*, pequena pá, (pint.) de um e outro modo se acha este nome escripto nos diccionaristas portuguezes e nos escriptores artistas que escreveram de bellas artes; alem de outras significações, toma-se este nome em particular por uma pequena tábua delgada de fórma oval ou elliptica, feita de madeira de nogueira ou pereira, com uma abertura para enfiar o pollegar da mão esquerda, sobre a qual tábua os pintores dispõem as tintas, e as combinam para pintarem.

«Salvo os azues (tintas, que na *paleta* com o oleo se concertam, Filip. Nery, *Art. da pint.*, p. 51, 54 e 97.

> Que quando heroica exercita
> Pinceis, côres e *palheta*.
>
> Vieir. Lus., *O ins. pint.*, p. 596.

PALHETAS, s. f. pl. (esculp.) instrumentos de madeira de buxo, ebano e marfim, de que se servem os esculptores para modelar em barro e em cera; vulgarmente se lhes dá o nome de *paus de modelar*.

«E logo com umas *palhetas* de pau ou ferro se lhe irão preparando todas as feições.» *Artef. symm.*, p. 61.

PALIÇADA ou PALISSADA, s. f. do lat. *vallum*, fr. *palissade*, it. *palizzata*, hesp. *palizada*, ing. *palissado*, (archit.) plantação de carpeas, de buxo e de outras arvores, dispostas de modo que com seus ramos alinhados formam uma especie de paredes; com as *palissadas* se fazem alamedas, se fecham bosques, se revestem muros e terraços, e se formam os fundos a estatuas, a vasos, a fontes, etc.: —, paus fixados na terra para dividir terrenos e defender o accesso a algum posto ou logar: n'este sentido é termo de architectura militar ou de fortificação.

PALMAS, s. f. pl. do lat. *palma* (des., pint. e esculp.) os ramos de palma fazem uma parte dos ornamentos de architectura, pintura e esculptura: são attributos de victoria e symbolos de martyrio.

PALMETA, s. f. dimin. de palma, cunha de ferro, chumbo ou madeira, que tem differentes usos e applicações: as de madeira servem principalmente para se metter debaixo de corpo que se quer levantar, ou porque se pretenda dar-lhe maior altura ou para o aprumar. V. *Cunha*.

PALMO, s. m. do lat. *palmus*, it. *palma*, (archit.) medida romana, to-

mada da extensão que se dá do dedo pollegar ao minimo da mão bem aberta: —, medida antiga, que é muito variavel, segundo as differentes nações que a usam.

O palmo portuguez, chamado craveiro, ou o padrão da cidade, é de 8 pollegadas, e cada pollegada de 12 linhas, e corresponde a 22 centimetros.

PALPEBRA, s. f. do lat. *palpebra*, fr. *paupière*, it. *palpebra*, hesp. *párpado*, ing. *exe-lid*, vulgarmente capella do olho: cada um d'estes tem duas *palpebras*, uma superior, outra inferior, ambas de fórma circular, compostas de uma cartilagem delgada, flexivel e ligeira, e na parte interior tem uma tunica ou membrana, que nasce do pericranio, e na extremidade uns cabellos que chamam pestanas; servem para defender os olhos de cousas nocivas, e da luz quando é excessiva, para que isso fecha as *palpebras* franzindo-as. V. *Olho* e *Olhos*.

PALPEBRAL, adj. dos 2 g., que pertence ás palpebras.

PAMPANO, s. m. do lat. *pampinus*, folha de vide, fr. *pampre*, it. e hesp. *pampano*, ing. *a vine-branch*, nome ordinario dos ramos de vide, cheios de fructos e folhas; arvore que na mythologia é consagrada a Baccho, a Sileno e ás bacchantes: em architectura é um ornamento composto de cachos de uva e de folhas de vide, com que se ornam as circumvoluções das columnas torcidas.

PANNEJAMENTO, s. m. do it. *panneggiamento*, hesp. *panneria*, fr. *draperie*, ing. *drapery*, (pint. e esculp.) toma-se em pintura e esculptura, não só pelas vestes das figuras, mas pela maneira de lançar e affeiçoar os tecidos segundo a habilidade e gosto dos artistas. Nos *pannejamentos* devem notar-se principalmente tres cousas: 1.ª, a ordem das pregas; 2.ª, a diversa natureza dos tecidos ou estofos; 3.ª, a variedade das côres. As figuras do Parthenon e os quadros de Raphael são modelos notaveis sobre a arte de dispôr os *pannejamentos* ou roupagens.

«As fimbrias do *pannejamento* da mesma imagem.» Mach. de C., *Anal. graf.*, p. 15.

«... o desafogo de mudar algum pouco nos *pannejamentos*.» Id., *Descrip. anal.*, p. 31.

PANNEJAR, v. a. do it. *panneggiare*, fr. *draper*, ing. *to make cloth*, (pint. e esculp.) vestir uma figura, um busto, um retrato, pondo-lhe as vestes ou vestiduras proprias; lançar os pannejamentos ou roupagens sobre alguma figura, ou seja modelo vivo ou manequim, para lhe estudar as pregas, etc.

PANO, PANNO e PANNOS, s. m. do lat. *pannus*, tecido de fios de linho, algodão, lã, pello, etc., para roupa de corpo e mesa, para vestes e outros usos, (pint.) *panno de pintor*, em que elle desenha e pinta os seus quadros, e é de brim, linhagem, canhamaço.

Panno ou *pano de muro*, (archit.) é um lanço d'elle de parede ou face do edificio; nas chaminés chama-se *panno de apanhar* ao que descansa sobre a verga, e *panno estendido* ao interior da parede do lar para cima.

Pannos ou roupas largas, (esculp.) se chama ás vestes e vestimentas fartas e de grande roda, que podem formar grandes pregas ou dobras, e produzir bello effeito nas obras de esculptura e de pintura.

«... e o padre Ignacio da Piedade Vasconcellos, que esculpiu em barro estatuas de grandeza natural, cujos *pannos* eram excellentes, principalmente os boreis.» Cyr., *Mem.*, p. 46.

PANOPLIA, s. f. do gr. *pan*, tudo, e *oplon*, arma, (hist. nat.) nome que se dava na edade media á armadura completa de um cavalleiro, i. é, a reunião do capacete, couraça, braçaes, etc., que formavam o seu equipamento. Dava-se tambem este nome de *panoplia* ao conhecimento que havia d'esta parte da historia militar d'aquellas epochas. É conhecida com este nome de *panoplia dogmatica* uma obra composta por ordem do imperador Alexandre, que contém a exposição de todas as heresias, e a sua refutação, extrahida dos santos padres.

PANORAMA, s. m. do gr. *pan*, tudo, e *orama*, vista ou espectaculo:—, quadro grande, circular e continuo, de tal modo disposto, que o espectador, collocado ao centro, póde ver os objectos representados, como se elle

estivesse sobre um logar alto, que lhe permittisse descortinar ou observar todo o horisonte. Este quadro deve ser suspendido na parede de um edificio de fórma circular, e receber a luz do alto, para que não incommode os olhos dos espectadores, a fim de que faça uma perfeita illusão. Deve-se esta invenção a Breysig, professor em Dantzig, no fim do seculo ultimo, invenção de que procederam outras analogas, taes como: *Diorama, Neorama, Cosmorama,* etc. V. *Camara obscura.*

PANSTEREORAMA, s. m. tem a mesma raiz do antecedente; é a representação completa de objectos de relevo, taes são as cidades, as montanhas, os valles, etc., a que vulgarmente chamam *planos em relevo.*

PANTÓGRAPHO, s. m. do gr. *pan,* genitivo *pantos,* tudo, e *graphó,* traçar: —, instrumento para copiar mechanicamente, e sem algum conhecimento d'arte, toda a qualidade de desenhos e gravuras, augmentando-os ou reduzindo-os á proporção que se quizer. Compõem-se de quatro réguas moveis unidas por quatro eixos. Este instrumento conhecido na Italia desde o seculo XVII, foi depois aperfeiçoada por Gavard e outros no seculo XIX, dando-lhe o nome de *Diágrapho,* e compõe-se de um oculo estreito e movel, que permitte ao olho o seguir os diversos pontos dos contornos que se querem reproduzir; adaptando-se ao oculo um ponteiro com lapis, que desenha sobre o papel as linhas analogas ás que percorre o raio visual, resultando d'esta operação uma especie de *perspectiva mechanica.*

Pantographo dos esculptores, é tambem uma machina inventada em 1820, para metter pontos nas estatuas e obras de esculptura.

PANTOMETRA. V. *Pantometro.*

PANTOMETRO, s. m. do gr. *pantos,* tudo, e *metron,* medida, (geom.) instrumento a que chamam compasso de operação, que serve a medir todos os angulos e distancias para formar todas as sortes de triangulos rectilineos, e para levantar planos. Compõe-se de tres réguas de madeira ou metal, descriptas e divididas por graus, que se movem sobre dois semicirculos, e com a sua approximação ou distancia do outro fórma todo o genero de triangulos. Diz-se que o padre Athanasio Kircher fôra o inventor d'este instrumento.

PANTOMIMA, s. f. arte de expressar as idéas, as paixões e os sentimentos, por meio de gestos e attitudes, sem o auxilio da palavra. V. *Mimica.* Ha, porém, a differença de que a *pantomima* é um drama representado por gestos, e quasi sempre acompanhado de musica e dansa.

PANTOMIMO, s. m. do gr. *pantos,* tudo, e *mimus,* imitador, o actor que representa por gestos no theatro e ordinariamente em bailes: —, o sujeito que se dá ao estudo e exercicio da arte mimica.

M. Engel, da academia de Berlim, compoz um tratado com o titulo de *Idéas sobre o gesto,* para instrucção de comediantes. Sendo as bellas artes do desenho, e principalmente a pintura e a esculptura uma poesia muda, que nos falla aos olhos e ao entendimento por meio dos gestos, attitudes e expressão dos semblantes, é sem duvida de muita utilidade o estudo que os artistas podem e devem fazer sobre a arte mimica e seus effeitos.

«Faze as figuras de modo, diz Leonardo de Vinci, que entendamos pelas suas mãos, olhos, sobrolhos e por todos os gestos do corpo, o que nos querem dizer, como fariam os mudos ou os *pantomimos* para se explicarem, attendendo, porém, á mais ou menos gravidade das pessoas que fallam e á natureza das cousas que nos dizem. «O principe ou o sabio tenham differença das gentes vulgares, com tanto que os tristes sempre pareçam mais ou menos tristes, e os alegres alegres.»

PÁO, s. m. do lat. *palus,* cast. *palo,* fr. ant. *pau, bâton,* it. *bastone,* ing. *a stick,* lenho, madeira das arvores, que forma um dos primeiros materiaes da architectura e de outras artes, segundo as suas differentes especies e propriedades. V. *Madeira.*

PÁO DE FILEIRA, (archit.) dá-se este nome ao páo mais elevado, ou peça de madeira que forma a cumieira ou espigão do telhado, onde se pregam ou seguram os extremos

das varas, e partes do madeiramento de uma casa.

PÁOS DE S. JOÃO, chama-se assim no Alemtejo a umas varas de castanho de differentes comprimentos, que se empregam nos madeiramentos mais toscos dos telhados. Ajustam-se e medem-se por carros de vinte palmos. Jul. Guerra, *Guia do operario*, p. 170.

PAPEL, s. m. do lat. e gr. *papyrus*, planta do baixo Egypto, cuja entre-casca ou pellicula servia aos antigos para escrever e para outros usos, em fr. *papier*, it. *carta*, hesp. *papel*, ing. *paper*: —, o papel fabrica-se de trapos de algodão, ou de linho, ou de canamo, etc., e é este o melhor papel, de que ha differentes especies e qualidades, segundo os fins a que se applica; a saber: *papel* para impressão, — para escrever, — para desenhar, *papel* de cartuxo, *papel* vegetal, etc. O papel para desenhar póde ser branco ou de meia tinta, i. é, ligeiramente coloreado; o primeiro serve ordinariamente para desenhar a lapis, a esfuminho e a aguarellas; o segundo para desenhar do antigo e do natural; o de cartuxo para fazer *desenhos-mestres (épures)*, ou sejam de architectura ou ornatos, ou para desenhar cartões de quadros, que decoram os templos e as salas dos grandes edificios. V. *Cartões*.

PAPO DE POMBA, s. m. (archit.) linha formada de duas curvas oppostas, sendo a concava em baixo e a convexa em cima. V. *Gola direita*.

«Peças da ordem toscana: *a* ouvado ou *papo de pomba*.» Vasconc., *Artef. simetr. e geom.*, p. 346.

PARÁBOLA, s. f. do gr. *paraballó*, igualar, (geom.) linha curva formada pela secção de um cone parallelo a um de seus lados.

PARABOLICO, A, adj. (geom.) *arcos parabolicos*, são as porções peripherieas da parabola, comprehendidas entre duas ordenadas.

PARAFUSADOR, s. m. o que parafusa .

PARAFUSAR, v. n. do fr. *visser*, significa não só cogitar profundamente, ou, como vulgarmente se diz, dar voltas ao juizo, mas tambem fazer uso de uma machina chamada *parafuso*.

PARAFUSO, s. m. (par-a-fuso, similhante ao fuso), lat. *cochlea*, it. *vite*, fr. *vis*, hesp. *tornillo*, ing. *screw*, (archit.) chama-se *parafuso* em architectura ao contorno de uma columna torcida em linha espiral. É tambem a escada de uma columna ôca, ou de uma cava que tornêa um fuso a prumo, e que conduz do fundo a uma escada superior.

Em mechanica o *parafuso* é uma das sete machinas simples, que serve de levantar pesos e volumes, e de fazer grande pressão. O *parafuso* de Archimedes é uma machina por elle inventada, propria para elevar a agua.

Parafuso é vulgarmente uma peça de ferro ou d'outro metal, de madeira ou de marfim, etc., feita em rosca espiral, que se mette e prende na porca, servindo para segurar varias partes entre si, e que tem muitos e variados usos nas artes fabris.

PARALLELA. V. *Linha*.

PARALLELIPIPEDO, s. m. de *parallelo*, do gr. *epi*, sobre, e *pedion*, plano, superficie plana, (geom.) solido regular comprehendido entre seis superficies rectangulares e parallelas a dois e dois, e cuja base é um parallelogrammo: é um prisma de seis faces, ou um hexaedro.

PARALLELISMO, s. m. (geom. e astr.) a posição parallela de duas linhas ou dois planos.

PARALLELO, A, adj. do gr. *parallelos*, que é igualmente distante, (geom.) linhas, figuras e corpos que, prolongando-se, sempre são igualmente distantes.

PARALLELOGRAMMO, s. m. do gr. *parallelos*, parallelo, e *gramme*, linha, (geom.) figura plana, terminada por quatro linhas rectas, cujos lados oppostos são parallelos, e que é rectangulo quando os lados oppostos são rectos. Tambem se chama *quadrilongo*.

PARAMENTO, s. m. do lat. *parare*, fr. *parement*, de *parer*, compor, ornar, lat. *facies*, it. *faccia*, hesp. *paramento*, ing. *surface*, (archit.) toda a superficie ou face preparada, polida ou desbastada, seja de pedra, marmore, madeira ou outra materia empregada na construcção, principalmente de edificios.

Chama-se peça de dois *paramentos (parpaing)*, quando as duas faces são igualmente lavradas ou polidas. O uso tem introduzido o costume de se dar o nome de *paramento* ás faces das pedras ainda meio toscas, uma vez que tenham as medidas necessarias para a sua destinação.

PARAMETRO, s. m. do gr. *para*, ao lado, em comparação, e *metron*, medida, (geom.) linha perpendicular e invariavel, que entra na equação de uma curva e serve de determinar as suas dimensões.

PARAPEITADO, A, adj. defendido por parapeito.

PARAPEITO, s. m. do it. *parapetto*, hesp. *parapeto*, fr. e ing. *parapet*, lat. *parare*, proteger, e *pectus*, peito, (archit. civ. e mil.) muro de resguardo que se levanta nos lados das pontes, dos terraços, dos caes, para defender e evitar a quéda das pessoas e animaes. Algumas vezes, mórmente nos terraços, são os parapeitos guarnecidos de balaustradas e grilhagens. É tambem termo de fortificação, que significa o muro ou logar abrigado destinado a cobrir e defender os combatentes.

PARASCENIO. V. *Proscenio*.

PARASTATICA, s. f. do lat. *parastatica*, (archit.) pilastra, que servia a decorar as extremidades angulares de um edificio antigo, ficando parte d'ella encorporada na parede, como se vê no templo de Pandrosa, em Athenas, onde fica a *parastatica*, ou pilastra de angulo por detrás da estatua do lado esquerdo. Tambem se usa d'esta pilastra defronte da parede da casa (cella), correspondendo a face larga a uma columna collocada em frente, fazendo parte das que sustentam o entablamento. Vitruv., l. v, c. I. V. *Diction. des antiq.*, p. 257.

PARAVENTO. V. *Guarda-vento*.

PARDIEIRO, s. m. do lat. *parietinæ, arum*, casas arruinadas em que moram pardaes, fr. *bicoque*, it. *biccoca*, hesp. *bicoca*, ing. *little paltri town*, casa velha em ruinas, pequeno castello ou praça mal fortificada e de pouca defensa.

PARECENÇA, s. f. similhança nas feições. V. *Similhança*.

PARECER, v. n. do lat. *parere*, gr. *parcimi*, estou presente; ter presença no rosto, nas feições, na figura e maneiras de se apresentar.

PAREDÃO, s. m. augm. de parede, do fr. *muraille*, muro muito grosso, parede forte.

PAREDE, s. f. do lat. *paries*, it. *parete*, fr. *mur*, hesp. *pared*, ing. *wall*, parte, divisão, separação, (archit.) muro, corpo de argamassa, que serve para fechar e separar as differentes peças e partes de um edificio; a parede póde ser feita de pedra, de tijolo, de simples argamassa com pedra e de taipa.

Parede mestra é a principal e mais forte do edificio, e póde ser de alvenaria ou de cantaria.

Parede meia, a que serve a dois edificios, e á qual, tendo direito commum dois senhorios, podem n'ella travejar e madeirar os mesmos edificios.

Parede em meio se chama á que fica pegada ou unida com a do edificio immediato. V. *Muro*.

PAROCHIA, s. f. do gr. *pará*, junto, e *oikos*, casa, egreja matriz. V. *Egreja*.

PARQUE, s. m. do fr. *parc*, lat. *septum*, it. *parco*, hesp. *parque*, ing. *spark*, em geral é uma grande extensão de terreno fechado por um muro ou pallissada; em particular significa: 1.º, uma grande cerca plantada de arvores em alamedas e bosques, destinados para o exercicio da caça, ordinariamente collocada e contigua aos castellos e palacios reaes; 2.º, logar ou campo destinado para guardar artilheria e outras munições de guerra; 3.º, arsenal, ou estação publica em que se depositam e fabricam navios e outras construcções maritimas.

PARTELEIRA. V. *Prateleira*.

PARTIDO, s. do fr. *parti*, meio, condição, expediente, (pint.) tomar um *partido*, bom ou grande *partido*, é phrase usada na linguagem das bellas artes, para designar principalmente a boa escolha das partes de uma composição, por effeito da qual se consiga uma boa disposição das massas de claro-escuro ou de luz e de sombra. V. *Massas*.

«O effeito da perspectiva, os *partidos* de luz e de sombra, o manejo

precioso do pincel, tudo concorre para o fazer admiravel.» Cyr., *Mem.*, p. 181.

PARTIDO, A, p. p. de partir, dividir, adj. separado, (braz.) *escudo partido ao meio*, isto é, dividido perpendicularmente em duas partes iguaes.

PASSADIÇO, s. m. (archit.) n'um plano de architectura significa um pequeno espaço que serve sómente de separar duas peças ou dois corpos do edificio. Toma-se tambem por um corredor, que dá passagem e serventia de um para outro edificio ou parte d'elle.

PASSAGEM, s. f. (pint.) transição de uma tinta a outra, de um tom a outro; a arte de o executar consiste em que as *passagens* sejam imperceptiveis, e as côres se percam mutuamente, succedendo a sombra á luz por tons e gradações distribuidas com habilidade e uma doce magia. V. este termo.

PASSAR, v. a. transitar, traspassar, do lat. *transferre*, fr. *passer*, it. *passare*, hesp. *pasar*, ing. *to pass*, (des.) termo da arte de desenho, que significa a acção de transpor ou traspassar um desenho qualquer de um para outro logar, de um papel para outro: assim diz-se *passar* um desenho á *luz*, ou por outro meio, de um plano ou papel para outro. V. *Elucidar*.

PASSARO (vista de). V. *Ponto de vista, Visão*.

PASSEIO, s. m. logar arborisado, ou não arborisado, em que o publico passeia, lat. *ambulacrum*, fr. *promenoir*, it. *spasseggiata*, hesp. *passeo*, ing. *walk*, (archit.) entre os antigos era um logar coberto ou descoberto, formado em arcadas ou columnas com abobadas ou tectos, ou plantado de arvores para servir de *passeio:* costumavam igualmente fazer para este fim uma cêrca fechada por detrás dos theatros, arborisada em fórma de xadrez.

Chama-se hoje tambem *passeio* a um plano de lageas ou asphaltado ou feito de pedras miudas, junto dos predios urbanos.

PASSO, s. m. do lat. *passus*, fr. *pas*, it. e hesp. *passo*, ing. *pace:* espaço entre um e outro pé no acto de andar: medida de comprimento, que se distingue em commum e geometrica: a commum tem o comprimento de dois pés e meio; a geometrica tem o comprimento duplicado, isto é, de cinco pés. Tem esta medida alguma cousa de similhança com o passo grego e romano, porque este valia cinco pés romanos (passus), e aquelle dois pés gregos e meio (bêma). V. *Pé*.

PASTA, s. f. do lat. e gr. *pasta*, fr. *pâte*, it. e hesp. *pasta*, ing. *paste*, (pint.) significa: 1.º, polme ou massa de papel com outras composições, que serve para fazer objectos de esculptura; 2.º, grossura ou massa de côres, que alguns pintores empregam nos seus quadros, e que forma um modo especial e extraordinario de pintar, porque emquanto a maior parte dos artistas applicam as côres successiva e gradualmente, alguns ha que logo na primeira mão usam empregar grandes *pastas* de tinta: taes foram Bassano, Tintoreto, Salvador Rosa, Rembrandt e outros.

«Deixou (Mr. Rosa) bastantes paineis seus, pintados com boa maneira e grande *pasta* de tinta.» Cyr., *Mem.*, 214.

PASTEL. V. *Desenho, Pintura*.

PASTORIL, adj. dos 2 g., de pastor, do campo, etc., (pint. e esculp.) assim como na poesia ha um genero a que chamam pastoral ou *pastoril*, que trata da vida e dos costumes campestres, assim tambem o ha na pintura e na esculptura, e pertence á classe de paizagem.

«Entre as quaes medalhas de oiro, cunhadas por Valerio de Vicença, me mostrou este um Virgilio ao modo latino, com umas *esculpturas pastoris*, da outra parte, que muito me namoraram sobre as outras todas, e d'ali por diante tive eu a Mestre Valerio, por maior homem do que eu cuidava.» F. de Hollanda, 4.ª parte do *Dialogo da pint. ant.*, p. 152, v.º (ms.)

«O nosso esculptor Antonio Ferreira deu-se com particular estudo ao genero *pastoril:* «não parece possivel, diz Cyrillo em suas memorias, ver modeladas em barro melhores figuras campestres que as que conhecemos d'este artista raro, do ultimo seculo. As obras são os presepios da Cartuxa, da Madre de Deus, do Coração

de Jesus e outros.» Cyr., *Mem.*, p. 256.

PASTOSO, OSA, adj. do fr. *pâteux*, hesp. e it. *pastoso*, ing. *a clammy*, (pint. e esculp.) termo opposto ao duro e secco, e ainda que se applica em particular á pintura, para significar a doçura, a morbidez e o moduloso, proprio de um pincel manejado com franqueza e magisterio, elle póde applicar-se tambem á esculptura e á gravura para significar as mesmas qualidades relativas a cada uma d'estas artes. V. *Moduloso*.

«A chlamyde serve para interromper os contornos do nú, e alguma seccura, que poderia resultar sem este adjunto, com o qual se consegue parte d'aquella qualidade a que os professores chamam *pastoso*.» Mach. de Cast., *Descrip. analyt.*, p. 27.

PATAMAR ou PATAMAL, s. m. do lat. *patularium* ou *retractiones graduum*, fr. *patier* ou *repos*, it. *pianerottolo*, hesp. *mesa*, (archit.) espaço, largo, ou descanço que ha ao fim de uma escada ou entre dois andares de um mesmo edificio. V. *Andar*.

PATEO, s. m. do lat. *pateo, ere*, estar patente, it. e hesp. *corte*, (archit.) espaço maior ou menor e de differente fórma, cercado de muros ou de edificios, em todo ou em parte lageado ou sobradado, que dá entrada aos grandes palacios e edificios. Os *pateos* antigos, segundo Vitruvio, eram de cinco especies, e tinham os mesmos nomes que os corpos ou entradas das casas. V. Vitr., l. VI, Palladio, 42.

PATIM, s. m. do lat. *basis*, fr. *patin*, (archit.) peça de madeira nivelada, collocada sobre o lagedo do primeiro pizo de uma escada, em que esta mesma se sustenta: em architectura hydraulica chamam-se *patins* ás peças de madeira que se escondem sobre as estacas, nas fundações de terreno falso, para sobre ellas se poder edificar debaixo de agua.

PÁTINA, s. f. do it. *patina*, fr. *patine*, prato ou vaso antigo, (pint. e esculp.) camada ligeira de verde denegrido, que, á maneira de verniz, cobre naturalmente os bronzes, vasos e medalhas antigas. Por analogia se applica o termo para designar a especie de codea de que se revestem as estatuas e os quadros antigos, que ás vezes lhe attrahem maior consideração, por se conhecer assim que não tem sido adulterados por mãos estranhas. Os pintores chamam tambem *pátina* aos tons que adquirem as tintas dos quadros, depois de passar o tempo preciso para esse effeito.

PAUSAGENS, s. f. pl. paus grossos ou vigas intervalladas; do lat. *pausa, æ*, intervallo de tempo ou de logar, em que se descontinúa o fallar, o andar, ou o fazer alguma cousa; metaphora applicada da musica á architectura, e significa o vigamento ou madeiramento grosso formado de vigas, cujos espaços ou intervallos de uma a outra viga formam umas especies de pausas ou vazios em que não apparece madeira.

Assim Bernardes: «O monte Libano era pouco para cedros das columnas dos seus porticos, e *pausagens* dos seus tectos.» *Exerc. esp.*, t. 1, p. 258.

«Que são as estrellas senão uns florões de oiro e luz, que rematam e distinguem as *pausagens* do madeiramento e forro da casa de Deus pela parte de baixo.» *Exerc. esp.*, t. 2, p. 424. V. *Vigas, Vigamento*.

Os nossos diccionaristas confundem este termo com o de *paizagens*.

PAVIEIRA. V. *Padieira*, verga de porta.

PAVILHÃO, s. f. do fr. *pavillon*, it. *padiglione*, lat. *papilio, onis*, barraca e borboleta, (archit.) originariamente significa uma casa portatil de fórma redonda ou quadrada, terminando em ponta ou angulo, que servia e serve na campanha. Por analogia é termo usado para significar um edificio algumas vezes isolado, outras vezes collocado aos lados ou a meio de outro maior edificio.

«Entre esta egreja e os *pavilhões* estão as duas entradas do palacio, a da parte do norte conduz ao *pavilhão* ou quarto de el-rei, e a da parte do sul ao da rainha.» Cyr., *Mem.*, p. 163.

PAVIMENTAR, v. a. fazer o pavimento, solhar, ladrilhar salas, casas, corredores, etc.

PAVIMENTO, s. m. do lat. *pavimentum*, de *pavio, ire*, bater, calçar, fr. *pavé*, hesp. *suelo*, it. *selciato*, ing. *a paved*, (archit.) aindaque em geral

signifique toda a sorte de piso ou planicie, para andar, comtudo toma-se pelo piso dos edificios e das casas de habitação. Os *pavimentos* são de differentes materiaes, ou de madeira ou de ladrilho, ou de pedra ou de marmore lizo, ou com differentes lavores, ou mesmo de mosaico, como é o da egreja de S. Marcos de Veneza, e em Lisboa a capella de S. João Baptista na egreja da misericordia.

PAVIOLA. V. *Padiola.*

PÉ, s. m. do lat. *pés, dis,* gr. *poûs,* fr. *pied,* it. *piede,* hesp. *pié,* ing. *food,* ultima parte das extremidades inferiores do homem, cada uma das quaes consta de 26 ossos estreitamente ligados entre si, que servem de base e sustentaculo do corpo humano, e divide-se em tres partes: tarso, metatarso e dedos.

O *pé* todo deve ter quatro partes e meia ou a setima parte da altura da figura, aindaque alguns auctores lhe dão a sexta parte, cuja medida é exagerada. V. *Proporções.*

Os melhores *pés,* diz Winckelmann, acham-se entre as obras antigas. Concorria para isso o calçado de que usavam. Os antigos consideravam os pés com uma attenção escrupulosa; e por isso a descripção das pessoas bellas, taes como a de Polyxene e de Aspasia, comprehendia tambem os pés, e a historia não se desprezou em fazer menção da deformidade dos do imperador Domiciano. As unhas dos pés são mais achatadas nas estatuas antigas do que nas modernas.

O *pé,* considerado como medida de extensão, é dividido em 12 pollegadas, a pollegada em 12 linhas e a linha em 12 pontos; mas esta medida é variavel segundo as differentes nações, antigas e modernas, que d'ella usaram e usam; a saber:

PÉS ANTIGOS

Pé grego antigo ou olympico	30c,82
Pé macedonio	35c,35
Pé do Egypto	27c,07
Pé romano	29c,63

PÉS MODERNOS

Pé de rei	32c,47
Pé inglez	30c,47
Pé allemão	28c,96
Pé prussiano	31c,38
Pé austriaco	31c,61
Pé belga	30c,48
Pé hollandez	28c,50
Pé russo	30c,47
Pé chinez	35c,83
Pé hespanhol e portuguez	27c,85

PÉ DIREITO, do lat. *parastata* ou *arthostata,* fr. *piédroit,* it. *pilastro,* hesp. *pie derecho,* ing. *a square pillar,* (archit.) entende-se pela altura do pillar que sustenta uma arcada. Os *pés direitos* devem considerar-se desde a base ou assentamento d'elles sobre o solo até ao principio da curva da arcada, que é ordinariamente coroada pela emposta da mesma: em termo vulgar toma-se pela altura dos humbraes das portas.

PEANHA, s. f. do fr. *piedouche,* it. *peduccio,* hesp. *peaña,* ing. *pedestal,* (archit.) pequeno pedestal de differentes fórmas, terminando em adoçamento com molduras, e algumas vezes ornamentado, para servir de base a uma imagem, busto, vaso, etc.

PEÇA, s. f. do lat. *pars,* fr. e ing. *piece,* it. *parte,* hesp. *pedazo,* termo de significação muito extensa e vaga. (pint. esculp. archit.) Toma-se ás vezes em sentido absoluto, e diz-se: que uma estatua, um edificio, um quadro é *peça* admiravel e maravilhosa. Outras vezes toma-se em sentido mais restricto, e diz-se: que um edificio consta de varias *peças* ou partes: — de sala nobre, de camaras, de bibliotheca, de gabinetes, etc., e bem assim que um grupo ou um monumento consta de varias *peças,* de pedestal, de envasamento, de estatuas, de baixos relevos, etc.

> Tambem fez todas as ricas
> *Peças* com que se adereçam
> Os altares e as banquetas.
>
> *O ins. pint.,* p. 195.

«Fazer em *peças* a imagem, i. é, em pedaços.» *Monarchia Lusitana.*

«Este fogo, e o zêlo de o exprimir, acham-se unicamente no peito do creador da *peça.*» Mach. de Castro, *Descrip. analyt.,* p. 167.

PEDAÇO, s. m. do lat. *frustrum,* fr. *morceau,* it. *pezzo,* hesp. *pedazo,* (t. comp.) porção, fragmento, parte de um todo; *pedaço* de madeira, de barro, de marmore, para d'elle se for-

marem estatuas, bustos, imagens, ou já em obra transformado.

> Foi uma d'ellas a taça
> De esmeralda
> Pura de um *pedaço* inteiro.
> *O ins. pint.*, p. 148.

PEDESTAL, s. m. do lat. *pes*, pé, e de *stare*, estar direito, considerado como pé ou base da columna, ou simplesmente; gr. *stylobates*, fr. *piedestal*, it. *piedestallo*, hesp. *pedistal*, ing. *food-stool*, (archit. e esculp.) é um corpo quadrado com base e cornija, que serve de apoio á columna, e que, segundo Vignola, tem um terço da sua altura. O pedestal diversifica conforme as ordens.

Pedestal toscano, é o de mais baixa proporção e o mais simples, tendo só um plintho por base e um talão coroado por cornija.

Pedestal dorico, é um pouco mais alto do que o toscano, e tem uma facha ou mocheta na cornija.

Pedestal jonico, é de mais elevada proporção que o dorico, e as molduras quasi similhantes.

Pedestal corinthio, é o mais esvelto e rico de molduras na base e na cornija, sobre a qual tem um friso.

Pedestal composito, tem igual proporção ao corinthio, mas são differentes os perfis da base da cornija.

Pedestal continuo, é o que sem resaltos sustenta uma ordem de columnas.

Pedestal dobrado, é o que apoia em duas columnas, tendo por isso mais largura do que altura.

Ha tambem *pedestaes* em fórma de balaustre, — em talud, — triangulares, compostos, — irregulares — e decorados com baixos relevos, molduras e ornamentos diversos, que servem para sustentar estatuas equestres, pedestres, grupos, etc., como é o da praça do Commercio de Lisboa e outros.

PEDESTRE. V. *Estatua*.

PEDRA, s. f. do lat. e gr. *petra*, fr. *pierre*, it. *pietra*, hesp. *piedra*, ing. *a stone*, chamam-se *pedras* a todas as substancias mineraes, não comprehendendo os saes, os metaes e combustiveis, que formam uns corpos duros e terreos mais pesados que a agua e menos pesados que a maior parte dos metaes, e que são constituidos pela silice, pelos acidos carbonico e sulphurico, combinados com cal e com alguns outros oxydos.

O nosso globo é grandemente formado por estas substancias duras ou rochas, as quaes se podem dividir em rochas (pedras) silicatadas, rochas quartzosas e rochas calcareas.

As *pedras calcareas*, de que ha grande abundancia, comprehendem muitas variedades de pedras proprias para a edificação, os marmores, o gesso, etc. V. estes termos.

As *pedras preciosas* e pedras finas, com excepção do diamante, são formadas de silice puro (crystal de rocha, amethysta, agatha, jaspe, etc.) ou de silicatos (topasio, saphira, esmeralda, etc.).

Pedra azul, é a chamada lapis-lazuli.

Pedra lithographica é o calcareo compacto do terreno jurassico.

Ha tambem pedra de amollar, pedra pomes, pedra de brunir, etc. Pedraria de xilhar. V. *Lansil*. Pedras gravadas e entalhadas, etc. V. *Glyptica*.

PEDRADO, A, adj. ornado de pedrinhas, calçado de pedras; pintado com salpicos ou manchas pretas e brancas.

PEDREIRA, s. f. rocha d'onde se extrahe, corta e quebra pedra.

PEDREIRO, s. m. o official que trabalha de alvenaria. V. *Alveneo*.

PEDREZ, adj. dos 2 g., objecto que tem a côr, ou a similhança da pedra; significa tambem qualquer superficie feita de pedras brancas e pretas.

PEGADO, A, adj. p. p. de pegar. V. *Chato*.

PEGÃO, s. m. augm. de pé, (archit.) do fr. *eperon*, it. *sperone*, hesp. *contrafuerte*, ing. *a spur*, especie de pilares grandes de alvenaria, quadrados ou triangulares, que se põem diante e unidos aos muros dos caes, dos diques e de outras edificações para resistir á força e avançamento das terras e peso das aguas. Não se deve confundir este termo com o de *arco botante*, ou *botaréo* que é um pilar destinado a sustentar uma abobada, como se observa principalmente nas egrejas gothicas. V. *Gigante*.

PEITORIL, s. m. do lat. *pectus*, peito, e *ora*, borda, fr. *parapect*, it.

parapetto, hesp. *parapeto,* ing. *a parapet,* (archit.) muro, parapeito, balaustrada de encosto n'uma janella ou varanda; janella de peitos guarnecida de uma pedra, madeira ou ferro, para servir de encosto e apoio. Côrtes da Guarda de 1465 «Um *peitoril* diante da cerca.» «Um *peitoril* que se faria á maneira de terreiro soberbo sobre a praia.» João de Barros, decada xxv, fol. 56, col. 4.

PENDENTES ou PENDURÕES, s. m. pl. do lat. *pendens, tis,* de *pendeo, ere,* pender, fr. *pendentif,* it. *pendenza,* hesp. *pendiente;* ing. *a hanging,* (archit.) parte da abobada suspensa entre os arcos de um domo ou tecto, ou fóra do prumo das paredes.

Os *pendentes* são ordinariamente triangulares, mais ou menos salientes, e algumas vezes entre-abertos por diante em fórma de trombeta, e em geral ornados de esculptura e de pintura, como os *pendentes* do domo de Santo André de Laval, que foram pintados pelo Dominiquin.

PENDURAL, s. m. (archit.) é a peça que tem a direcção do raio, partindo da união dos topos das escoras principaes para o meio das escoras de boneca. V. *Boneca, Simples do arco.*

PENDURÕES. V. *Pendentes.*

PENEIRA, s. f. do lat. *incerniculum,* fr. *tamis,* it. *staccio,* hesp. *cedazo,* ing. *scarce,* é um utensilio em fórma de caixa circular, de madeira delgada, cujo fundo é feito de fio de metal, seda ou clina, que serve para separar a parte mais subtil da farinha, gesso ou de outra substancia moida, que não passa pelos interstícios dos fios, (archit. e esculp.) este utensilio tem muito uso para peneirar cal, gesso, cimento, etc., empregados nas obras de esculptura e de architectura pratica.

PENITENCIARIA, s. f. do lat. *pœnitentia,* e des. *aria,* tribunal ecclesiastico estabelecido em Roma, em que se examinam os casos reservados ao papa, e se concedem dispensas e absolvições, etc.: — (archit.) systema moderno de prisão, para corrigir e reformar certos crimes menos graves. Este systema de prisão modernamente adoptado foi organisado no fim do seculo passado por Bentham, e coube aos Estados Unidos o encetar e ensaiar este novo genero de prisão, que é fundado em dois differentes modos de isolamento: o 1.º, é a *prisão solitaria* com trabalho ou sem elle; o 2.º é o *trabalho commum em silencio* durante o dia e a prisão solitaria durante a noite. Este ultimo systema foi preferido em Nova York e posto em pratica na casa de Auburn desde o anno de 1823. Ambos os systemas penitenciarios foram depois adoptados em França, Inglaterra, Suissa, etc. Em Portugal, por emquanto não ha uma só d'estas prisões cellulares. Ultimamente consta haver-se desenhado um projecto de penitenciaria na repartição technica do ministerio das obras publicas, commercio e industria, que julgo está em execução. V. *Prisão.*

PENNA, s. f. V. *Desenhar.*

PENNA DE LAPIS. V. *Caneta.*

PENNACHO, s. m. do it. *pennacho,* fr. *panache,* pluma ou mólho de pennas, tudo o que tem a fórma de pennacho, (archit.) porção triangular da abobada, que ajuda a sustentar a volta de um domo ou cupula. V. *Pendentes.*

PENSAMENTO, s. m. do lat. *pensare,* pesar, apreciar. Na linguagem philosophica ou se toma como actos do entendimento, ou como idéas, e juizos produzidos por esses actos ou com a faculdade de os executar. Na linguagem das bellas artes significa o acto ou execução nascida da idéa ou concepção do artista. Assim um apontamento ou bosquejo de qualquer composição, ou seja em desenho ou em vulto, exprime o seu *pensamento,* e d'aqui a linguagem commum usada pelos professores quando dizem que tal ou tal artista teve um bom *pensamento,* engenhoso, expressivo, sabio, etc., ou, pelo contrario, que a obra é ordinaria, que não tem *pensamento,* etc.

«As obras, diz o nosso Vieira, são filhas dos *pensamentos,* no *pensamento* se concebem, do *pensamento* nascem, com o *pensamento* se criam, se augmentam e se aperfeiçoam.» Vieira, *Disc. das cinco pedras.* V. *Apontamento, Bosquejo, Idéa.*

PENSIL, adj. dos 2 g., do lat. *pensilis,* de *pendere,* estar pendente ou dependurado. V. *Ponte.*

PENTAEDRO, s. m. do gr. *pente*, cinco, e *edra*, base, (geom.) corpo solido de cinco faces.

PENTAGONAL, adj. dos 2 g., que tem cinco angulos e cinco lados.

PENTAGONO, s. m. do gr. *pente*, cinco, e *gonia*, angulo, (geom.) figura geometrica de cinco angulos e cinco lados.

PENTAGRAPHIA, s. f. do gr. *pente*, cinco, e *graphó*, eu escrevo, methodo de fazer uso do pentagrapho.

PENTAGRAPHO ou PENTOGRAPHO, s. m. instrumento ou compasso para copiar desenhos, estampas, etc., sem saber desenhar.

PENTASTYLO, s. m. do gr. *pente*, cinco, e *stylos*, columnas, (archit.) portico ou edificio que tem cinco columnas no frontispicio.

PENUMBRA, s. f. do lat. *pene*, quasi, e *umbra*, sombra, (pint.) luz fraca que se observa nos eclipses, e que se applica á pintura para designar o logar em que a sombra se mistura com a luz, ou a passagem do claro para o escuro.

PEQUENO, PEQUENEZ. V. *Mesquinho, Mesquinhez.*

PERCHA, s. f. do lat. e it. *pertica*, fr. *perche*, hesp. *percha*, ing. *perch*, varapau, (archit.) vara comprida ou medida de que antigamente usavam para medir terras, e que tinha differentes comprimentos, porque era de 18, 20 ou 22 pés francezes de comprido. Chama-se tambem *perchas* a alguns pilares redondos, delgados e muito compridos que os architectos godos agrupavam aos tres e aos cinco, postos a prumo e curvados no alto para formarem os arcos e nervuras das ogivas, que sustentam os pendentes. As *perchas* são uma imitação das que serviam á construcção das primeiras barracas e cabanas. V. *Pilar.*

PERFIL, s. m. do lat. *filum*, fio, linha, fr. *profil*, it. *profilo*, hesp. *perfil*, ing. *profile*, (pint. e archit.) contorno linear de qualquer objecto; — simples delineamento da figura humana, cabeça ou extremidades, sem o auxilio de sombras ou do claro escuro ou córte de um edificio — desenho em linhas de um membro de architectura, como de uma cornija, entablamento, moldura, etc.

«Mostrem (as molduras) os mais elegantes *perfis.*» Cyr., *Conv. 4.ª*, 64.

Os auctores e escriptores da arte chamam com menos propriedade cabeça ou rosto de *meio perfil* á que é desenhada de lado, como o são as cabeças das medalhas e do dinheiro.

«O unico recurso que tive, foi valer-me do *meio perfil*, expressado na moeda.» Mach. de Castro. *Descrip. analy.*, 69.

PERFILAR, v. a. contornar precisamente com o lapis as superficies ou fórmas dos objectos, principalmente a figura humana, os edificios ou parte dos mesmos.

PERFILES, pl. (antiq.) melhor *perfis.*

PERGAMINHO, s. m. do lat. *pergaminum*, de *Pergamo*, antiga cidade da Asia, onde foi inventado, fr. *parchemin*, it. *carta-pecora*, hesp. *pergamino*, ing. *parchment*, pelle de carneiro, cabra ou bezerro adelgaçada e bem preparada para n'ella se poder escrever cousas de importancia, como breves, cartas regias, diplomas, etc., Ha differentes qualidades de *pergaminhos*, os ordinarios servem para encadernar livros, (pint.) os melhores servem para escrever e para se applicar á pintura de illuminação. V. Filip. Nunes, *Arte da pint.*, p. 61.

PERIDROMO, s. m. do gr. *peri*, em redor, e *dromos*, carreira, (archit.) galeria ou passeio coberto em volta do edificio.

PERIMETRO, s. m. de *peri*, pref. e *metron*, medida, (geom.) ambito ou contorno de uma figura plana ou polygonal: quando as superficies são curvilineas o perimetro tem o nome de *circumferencia* ou de *peripheria.*

PERIPHERIA, s. f. do gr. *peri*, em torno, *epheró*, levar, (geom.) contorno de alguma figura curvilinea, perfil ou circumscripção exterior de qualquer corpo.

PERIPTERIO, s. m. de *peri*, pref. e *pteron*, aza ou ala, (archit.) edificio ou templo cercado externamente por todos os lados de uma ordem de columnas isoladas, formando um portico coberto. Tal era em Roma o portico de Pompeu e a basilica de Antonino; em París a egreja da Magdalena e a bolsa, e em Portugal o templo de Minerva em Evora. V. *Dipterio.*

PERISTYLIO. V. *Peristylo.*

PERISTYLO, s. m. de *peri,* pref. do lat. *peristyllum,* em volta, e *stylos,* columna, (archit.) os gregos davam este nome a um edificio, que na sua parte interna era acompanhado de columnas isoladas e parallelas ás paredes, como é o templo Hypetro de Vitruvio, e como hoje são algumas basilicas de Roma, bastando notar a de S. Paulo, ainda em construcção. O *peristylo* differe do peripterio, em ter este as columnas na parte externa dos edificios.

Os architectos modernos tambem dão o nome de *peristylo,* não só á galeria externa dos edificios formada por columnas, mas tambem ao frontispicio de um monumento composto de columnas, como é em Lisboa o do theatro de D. Maria II, confundindo algumas vezes o nome de *peristylo* com o de columnata. V. este termo.

PERLONGAR. V. *Prolongar.*

PERNA, s. f. do lat. *perna,* ou antes *crus uris,* gr. *kampé,* curvadura, fr. *jambe,* it. *gamba,* hesp. *pierna,* ing. *leg.* É a parte da extremidade inferior do homem comprehendida entre o joelho e o pé, que é composta de dois ossos, o *tibia* mais grosso, situado na parte anterior, e o *peroneo* na parte exterior do precedente.

Ás mais bellas pernas em figuras de homem são as do Apollo *Sauroctonos* da villa Borghese, e as de outro Apollo que tem um cysne aos pés, e as de um Baccho, ambos da villa Medicis; e de mulheres as de Thetis da villa Albani. V. Winckelman, liv. 3, cap. IV.

Em architectura chama-se *perna,* e *pernas* ás vigas mais ou menos grossas, que servem de segurar o madeiramento dos tectos dos grandes edificios, collocando-as com os precisos intervallos para darem um ponto de firmeza ao grande peso que sobre ellas carrega.

É phrase bem conhecida dos praticos o chamar-lhes *pernas de asna, pernas da casa, pernas do telhado.*

Tambem chamam *pernas do compasso* ás duas partes que formam este instrumento, fixos pelo eixo introduzido na cabeça do mesmo.

PERNES ou PERNOS, s. m. pl. do hesp. *perno,* peça, eixo ou cavilha de madeira ou de metal, que serve para segurar e prender duas ou mais partes entre si, e tem outros usos nas artes fabris e nas bellas artes. V. *Cavilha.*

PEROLAS, s. f. do lat. *perola,* ou *pirula,* fr. *perle,* it. e hesp. *perla,* ing. *a pearl,* (archit.) substancia redonda de um branco avermelhado e argentino, muito dura, que se forma no interior de muitas especies de conchas; as melhores pescam-se no Ceylão, no golpho persico ao pé da ilha de Baharem.

Em architectura chama-se *perolas* a uma serie de pequenos globos abertos nas molduras. V. *Contas, Padres nossos.*

PEROPINHEIRO, s. m. logar junto a Mafra, onde ha jazigos de pedra branca calcarea, de que se extrahem muitas pedras para uso da estatuaria, e da ornamentação de edificios.

«Sómente riscada (a imagem) com um subtil *perfil,* ou perfilada com uma linha, costumam logo a dar-lhe as sombras d'aquella banda em que a luz não se estende.» Holl., *Pint. ant.,* p. 65.

PERPENDICULAR, adj. dos 2 g., do lat. *perpendicularis,* (geom.) é toda a linha recta que encontra outra linha recta, formando com ella dois angulos rectos.

PERPENDICULO, s. m. do lat. *perpendiculum,* plumo ou prumo, isto é, um pequeno cone, ou pyramide truncada de chumbo suspensa por um fio, que serve para tirar linhas perpendiculares ou antes verticaes. V. *Linha.*

PERSAS ou PERSICAS. V. *Caryathides.*

PERSONALISAR, v. a. do lat. *persona,* representar e figurar pessoas, dando-lhe não só o vulto e costumes, mas tambem os attributos e signaes por que se distinguem: o que é proprio da comedia e da poesia, assim como da pintura e da esculptura.

PERSONIFICAR, v. a. a mesma origem. Dar vida, figura e movimento a um ser abstracto e inanimado, como fazem os poetas e os pintores.

Na linguagem da arte alguns auctores confundem os dois termos *personificar* e *personalisar.*

«Por me parecer que não desconvem á maneira com que expuz *perso-*

nalisada a virtude, que n'este assumpto mostro no meu heroe.» Mach. de Castro, *Descrip. analy.*, 208.

PERSPECTICO, A, adj. cousa pertencente á perspectiva, pintor *perspectico.* V. *Perspectiva.*

PERSPECTIVA, s. f. do lat. *perspicere,* ver perfeitamente, arte que ensina a representar sobre uma superficie plana os objectos na distancia e modo por que apparecem á vista: a *perspectiva* divide-se em *especulativa* e *pratica,* e esta em *linear* e *aerea:* a *linear* tem por fim representar as fórmas dos objectos, e a *aerea* as degradações das cores nas suas superficies. Uma e outra são indispensaveis aos artistas, principalmente aos pintores e architectos.

A *perspectiva* linear não foi desconhecida dos antigos, como se deprehende da historia, e do que a tal respeito se acha nos escriptos de Vitruvio; mas é certo que só no seculo XVI appareceu o primeiro tratado de *perpectiva* devido a Guido Ubaldi, e depois d'elle outros auctores têem escripto sobre esta parte importante da arte.

Podem consultar-se Vignola, Lamy, Ozanam e outros, e modernamente a Monge, e o *Tratado de perspectiva* da collecção Roret.

Devemos ao sr. José da Costa Sequeira, professor de architectura da academia real das bellas artes de Lisboa, o compendio com o titulo de *Elementos de perspectiva theorica e pratica.* Lisboa, 1842.

PERSPECTIVO, A, adj. desenhador, pintor ou sujeito habil e versado na arte de perspectiva: toma-se tambem como substantivo.

«Aqui a habilidade do pintor *perspectivo.*» Filip. Nunes, *Art. da pint.*, p. 105.

PERTOS, adj. pl. do lat. *apertus,* de *aperio, ire,* abrir, descobrir, (pint.) os *pertos* de um quadro, os objectos representados no primeiro plano, e mais proprios de quem os vê.

É o opposto dos longes, que ficam no terceiro ou quarto plano, e mais ou menos distantes da vista do espectador. V. *Longes.*

PERXINA, s. f. do hesp. *pechina,* (archit.) é uma porção de abobada de fórma triangular, que ajuda a sustentar a abobada de uma meia laranja. Chama-se assim por ser formada á maneira de concha, que na lingua de Limoges se diz *pechina.*

«Fôrros com prumadas e *perxinas.*» Oliv., *Advert. aos mod.*, p. 96.

PESADO, A, p. p. de pesar, e adj. do lat. *gravis,* ou de *pondus,* e sup. *pensum,* (pint., esculp. e archit.) carregado, grosso, tosso. Toma-se em geral pela falta das devidas conveniencias de fórmas, proporções e elegancia nas obras de bellas artes. Assim é *pesada* a figura humana, a que se dá maior grossura em seus membros do que o comportam as boas proporções; é *pesado* o arvoredo, a que falta o ar, as gradações e a ligeireza do toque; é *pesada* a estatua que não tem a devida elegancia e movimento; é *pesado* o edificio, em que se sacrifica o bom gosto das ordens e da elegancia do desenho, á demasiada solidez e grossura de seus membros, etc.

PESAR, v. a. equilibrar em balança ou visualmente, ponderar, apreciar o merito das obras d'arte.

PESO, s. m. do lat. *pondus,* fr. *poids,* it. e hesp. *peso,* ing. *weight,* corpo de qualquer *peso* determinado, que serve para os outros, por meio de uma balança, como a libra, o marco, etc.

PESTILLO, s. m. do hesp. *pestillo,* fr. *hourtoir,* it. *martello della porta,* ing. *knoeker,* (archit.) aldraba, tranqueta de fechar e abrir porta. V. *Aldraba* ou *Aldrava.*

PETIPÉ ou PITIPÉ, s. m. do fr. *petit,* pequeno, e *pé;* escala ou régua dividida, utensilio de que se servem os artistas para graduarem e tomarem medidas, principalmente os architectos.

«Outro menor, mas conforme por *pitipé* ao primeiro.» Vieira Lus., *O ins. pint.*, p. 195.

PETRECHOS, s. m. pl. do cast. *pertrechos,* (t. de guerra e das art.) preparos e instrumentos de guerra: utensilios e instrumentos das artes mechanicas e das bellas artes.

«*Petrechos.*» Oliv., *Advert. aos mod.*, p. 19.

«*Petrechos pictoricos.*» Vieira Lus., *O ins. pint.*, p. 243.

PHANTASIA. V. *Fantasia.*

PHAROL. V. *Farol.*

PHELLOPLASTICA, s. f. do gr. *phellos,* cortiça, e *plassó,* formar, (esculp.) arte de representar em relevo monumentos de cortiça: invenção achada no seculo XVIII por Augusto Rosa, natural de Roma.

PHENAKISTICÓPO, s. m. do gr. *phénakistikos,* que engana o olho, *eskopés,* ver, (phys.) apparelho de optica composto de um disco de cartão, em cuja circumferencia ha varias figuras pintadas em differentes attitudes que compõem uma acção, movendo-se cada uma das figuras, quando o disco gira no seu eixo: esta invenção moderna é devida a M. Plateau.

PHOTOGRAPHAR, v. a. executar ou fazer uso da photographia.

PHOTOGRAPHIA ou HELIOGRAPHIA, s. f. do gr. *phós, phótos,* luz ou hélios, sol, e *grapho,* escrever ou caracterisar: arte moderna que consiste em fixar, só pela acção da luz, a imagem de qualquer objecto sobre uma chapa de metal, sobre papel, sobre vidro, ou sobre outra substancia: quando a imagem é recebida sobre chapas de metal, mais propriamente se lhe chama *daguerreotypo,* nome de um dos seus inventores. Os primeiros elementos da photographia remontam ao seculo XV, epocha em que tres doutos italianos Gapnucio, religioso benedictino, Leonardo de Vinci e João Baptista Porta, physico napolitano, reconheceram pelos seus estudos os effeitos da luz reflectida sobre uma chapa de metal por meio da camara escura. Deve-se porém a M. Talbot, sabio inglez, a idéa de se servir da imagem negativa, como de uma matriz para obter pela applicação sobre um outro papel sensivel, uma serie consideravel de provas.

A arte photographica tem sido aperfeiçoada por M. Niepce de S. Victor e por outros: e não só serve para tirar retratos, copias de quadros, de gravuras, de edificios e de vistas, mas tambem presta bons serviços ás sciencias, á historia natural, á astronomia, etc. V. *Tratados de photographia* de Vaticourt, le Gros e de outros.

PHOTOGRAPHIAR, v. a. V. *Photographar.*

PHOTOGRAPHICO, A, adj. cousa relativa a photographia. *Papel photographico,* papel preparado para substituir as chapas de metal.

PHOTÓGRAPHO, s. m. o que exercita a photographia.

PHOTO-LITHOGRAPHIA, s. f. processo por que se decalca sobre a pedra uma prova photographica que se prosegue com a tinta.

PHOTO-ZINCOGRAPHIA, s. f. do gr. *phós, phótos,* luz, *zinc,* allem. *zinn,* zinco, e *grapho,* escrever ou pintar: processo moderno pelo qual se obtem sobre laminas de zinco a reproducção photographica de qualquer desenho com a maior fidelidade e correcção.

A lamina de zinco é muito delgada, podendo não obstante servir muitas vezes.

A camada sensivel compõe-se de gelatina e bichromato de ammonia, com uma solução diluida, em vez de uma solução concentrada, contendo apenas 1 por cento de bichromato, e 2 por cento de gelatina. O liquido sensibilisador assim preparado produz sobre a chapa metallica uma camada sensivel extremamente delgada que accelera a exposição, impressionando-se á luz com maior brevidade em toda a sua espessura, e fica depois perfeitamente insoluvel em todos os pontos que soffreram insolação. A pequena espessura da camada sensivel faz que esta adhira melhor á lamina de zinco, e no acto da revelação tem tambem uma efficaz influencia sobre o resultado final. A agua dissolve mais rapidamente a gelatina que não soffrêra insolação, e sendo prompta e completa a dissolução, não fica exposta a imagem a perder a nitidez dos contornos. O emprego da lamina de zinco de espessura minima dispensa e torna inutil o transporte das imagens, as quaes é costume primeiramente obter com tinta gorda sobre papel. E não havendo necessidade de transporte, nem os traços engrossam, nem corre risco o desenho de se afastar da perfeição original.

A estampagem póde fazer-se nos prelos typographicos, sendo possivel imprimir 200 exemplares em oito horas de trabalho, etc. Extracto e resumo do parecer approvado pela academia real das sciencias de Lisboa, em

sessão de 27 de novembro de 1873, sobre os trabalhos zincographicos e photographicos do socio e professor o sr. José Julio Rodrigues. *Diario do gov.* n.º 287. Anno de 1873.

PHYSIOGNOMIA. V. *Physionomia.*

PHYSIOGNOMISTA. V. *Physionomista.*

PHYSIOLOGIA, s. f. do lat. e gr. *physis,* natureza, e *logó,* discurso: sciencia que trata da vida e das funcções ou acções organicas pelas quaes se manifesta a vida; ella differe da anatomia que só trata da estructura dos orgãos.

PHYSIOLOGISTA, s. m. o que exerce ou professa a physiologia.

PHYSIONOMIA, s. f. do gr. *physis,* natural ou natureza, e *gnomon,* indicador: arte de conhecer os homens pelas feições do rosto, modos e attitude do corpo.

Muitos sabios desde Aristoteles até Camper e Lavater se têem applicado a esta interessante parte da sciencia physionomica, que em todos os tempos tem sido considerada como o *espelho da alma.* Aristoteles acreditava que as physionomias apresentam algumas relações com os traços de alguns animaes, cujas inclinações lhes são analogas. V. Winckelman, e o *Manual do physionomista,* da collecção Roret.

PHYSIONOMISTA, s. m. o que julga pela physionomia da indole e costumes de alguem.

PIA, s. f. do lat. *piscina,* fr. *bassin,* ing. *bason,* pedra concava em fórma redonda, quadrada ou quadrilonga, que tem differentes usos (archit.).

Pia de agua benta, (benetier) é a que se acha collocada ao entrar das nossas egrejas, e que umas vezes é feita em fórma de concha, alludindo á que serviu a S. João Baptista, para ministrar o baptismo; outras vezes é composta de differentes ornatos. Póde servir n'este genero, de memoria, a grande pia que se acha ao entrar no Vaticano. V. *Bacia.*

Pia baptismal (fontsbaptismaux) é a que encerra a agua que serve para ministrar o sacramento do baptismo, a qual póde ser não só de pedra, mais ou menos ornamentada, mas tambem de pedras preciosas. V. *Baptisterio.*

PIAFFER, v. a. ostentar, campear, termo de que usam os picadores para designar a posição briosa do cavallo, quando avança pouco terreno: tal é a attitude em que está a da estatua equestre da praça do Commercio.

PIAMBRE, s. m. (t. da Asia.) V. *Tribuna.*

PICADEIRO, s. m. do lat. *hippodromus,* fr. *manége,* it. *cavallerizza,* hesp. *picadero,* ing. *manage:* logar destinado ao ensino da equitação, que é coberto ou descoberto em uma área circular fechada com paliçada ou com estacas, onde se ensina particularmente a arte de bem montar a cavallo, não só nos movimentos ordinarios, mas na equitação aerea, e se domesticam e ensinam os cavallos.

PICANTE, adj. dos 2 g. V. *Vago, Vivo.*

PICÃO, s. m. augm. de *pico,* do it. *piccone,* lat. *unidens ligo,* fr. *pic,* hesp. *pico,* ing. *pickax,* (archit. e esculp.) instrumento de ferro em fórma de grande martello curvo, esquadriado, terminando em bico nas extremidades que são calçadas de aço, e engastado em um cabo comprido, de que usam os caboqueiros nas pedreiras, e os canteiros nos telheiros dos edificios e nos laboratorios de esculptura, para desbastarem e fazerem os paramentos das pedras e marmores que devem servir á architectura e á estatuaria.

PICAR, v. a. do lat. *pungo, ere,* fr. *piquer,* it. *pungere,* hesp. *picar,* ing. *to prick,* (des. e archit.) furar ou picar com alfinete um desenho em papel para o trespassar a outro papel ou desenho. «Então se ha de *picar* o debuxo para se estrezir.» Filip. Nunes, *Arte da pint.,* p. 61 v. V. *Estrezir.*

Picar uma pedra com picão para fazer os paramentos, ou para o fazer fosco; *picar* o muro para o destruir, etc.

PICARETA ou PICARETE, s. m. martello de alveneu e de ladrilhador.

PIÇARRA, s. f. do lat. *arena,* fr. ant. *pie* ou *pieche,* monte, e *areia,* terra misturada com areia, *table,* it. *sabbio,* hesp. *arena,* ing. *sande,* schisto lamelloso, especie de areia mais ou menos grossa e com differentes côres, que serve para as argamassas misturada com cal.

PIÇARRAR, v. a. fazer uso da piçarra.

PICÓLA, s. m. diminut. de pico ou bico, instrumento de ferro, encabado, da fórma de uma cunha larga e espalmada, calçada de aço nas extremidades, guarnecidas de dentes de que usam os canteiros para igualar as superficies e afagar a aspereza do picão e do ponteiro nos leitos e paramentos das pedras.

PICTORICO, A, adj. do lat. *pictoratus, a, um,* (pint.) que pertence á arte de pintura.

«Academia *pictorica.*» Vieira Lus., *O insig. pint.*, p. 239.

«... este é o furor *pictorico* com que deve nascer o pintor.» Cyr., *Nova acad.*, p. 49.

«Entende-se por costumes *pictoricos* tudo aquillo que é a norma dos tempos, do genio, dos usos, etc.» Taborda, *Regr. da art. de pint.*, p. 6.

PILAR, s. m. do lat. *pila, columna structilis,* hesp. *pilar,* fr. *pilier, intercolumna,* ing. *pillar,* (archit.) especie de columna redonda ou quadrada, feita de pedra ou de alvenaria, sem proporção certa, que serve de apoio ou sustentaculo de uma abobada, de um edificio, de uma egreja, de uma ponte, etc. Quando o *pilar* é formado, como no caracter gothico, de varias columnas, chama-se *polystylo.*

PILARETE, s. m. dimin. de *pilar,* pequeno pilar. Fr. Luiz de Sousa na *Vida do arcebispo* serve-se d'este termo para significar os *maineis,* os balaustres e os pilares de pequena dimensão.

PILASTRA, s. f. do it. *pilastro,* lat. *parastate,* fr. *pilastre,* hesp. *pilastro,* ing. *a pilasters,* (archit.) fórma de columna quadrada em sua planta, algumas vezes isolada, mas pela maior parte encorporada da parede, não tendo mais que a terça, quarta, quinta ou sexta parte da sua largura. A *pilastra* segue a mesma proporção e ornamentos de cada uma das ordens.

A palavra *antæ* deve-se entender em Vitruvio das pilastras encorporadas nas paredes, e a de *parastatæ* das pilastras isoladas. «O seu tecto apoiava-se em *pilastras,* havendo entre ellas paineis...» Cyr., *Mem.*, p. 170. V. *Columna, Anta.*

PILASTRÃO, s. m. augm. de pilastra, grande pilastra, de dimensão e volume extraordinario.

PINA, s. f. do lat. *pinna,* aza, fr. *jante,* it. *cincho,* hesp. *cinche,* ing. *jaunt,* (archit.) qualquer peça de madeira, pedra ou metal, curva em porção de circulo, que se emprega para formar uma roda, ou seja de carro, ou de moinho ou de qualquer outra machina.

PINACOTHECA, s. f. do gr. *pinax,* quadro, e *theke,* deposito, lat. *pinacotheca,* gabinete de pinturas; phrase que exprimia entre os antigos uma collecção de quadros; hoje designa a galeria do rei de Baviera em Munich.

A *pinacotheca* rivalisa em riqueza com o museu de esculptura ou *glyptotheca.* A primeira pedra da *pinocotheca* foi collocada pelo rei da Baviera em 7 de abril de 1826, anniversario do nascimento de Raphael. Construido, como a *glyptotheca,* pelos desenhos do barão de Klenze, este edificio contém bellas collecções de quadros de differentes escolas. Em o numero dos 900 que possuia Munich, contam-se quatro quadros de Raphael, um de Miguel Angelo, um de Julio Roman, um de Leonardo de Vinci, tres de Poussin, um de Watteau e tres bellos pedaços de Rubens, de Rembrand, de Vanderwerf, Mieris, Terburg e Gerard Dow.

O palacio de Schleinheim, ao pé de Munich, é enriquecido com mais de 2:000 quadros, os mais preciosos dos quaes pertenciam á velha escola de pintura christã, e se recommendam pelos nomes de Martin Schonganer, Israel de Mechelu, Michel Wolgernuth, Alberto Durer, Lucas de Leyde, Alberto Altdorfer, Hans Bourgonair e Hans Hemmeling. Acham-se ahi tambem 48 quadros de Teniers, um dos quaes representando uma feira de Italia, contém, segundo dizem, mais de 1:100 cabeças ou de homens ou de animaes.

Os quadros que ao depois lhe acresceram são os que n'outro tempo tornaram celebres as galerias de Dusseldorff, de Manhein, das Duas Pontes, de Heidelberg, de Ratisbonne, e, sobretudo, dos irmãos Boiserée. E por isso será esta a mais bella col-

lecção de obras primas da antiga escola allemã, das escolas italiana, hespanhola, franceza e flamenga.

A fórma da galeria é oblonga e termina por duas alas em cada extremidade. O rez do chão é destinado a recolher os vasos etruscos, os mosaicos, os desenhos dos mestres antigos, uma rica collecção de gravuras e uma bibliotheca toda composta de livros pertencentes ás bellas artes. Ha salas proprias para o estudo. O primeiro andar é dividido em tres partes distinctas, havendo a meio um corredor cerca de quatrocentos pés, illuminado por vinte e cinco janellas, d'onde se descobre a cordilheira dos Alpes tyrolenses. Tem dez portas que conduzem a sete grandes salas, com luz alta, e é o centro da galeria em que estão dispostos os quadros de grande dimensão e de primeira ordem.

D'estas salas se passa a uma serie de vinte e tres gabinetes, que dominam ao longo da fachada do norte, em que se conservam as pinturas de mais pequena dimensão das diversas escolas.

As paredes do corredor são pintadas a fresco; por cima de cada janella estão representadas scenas tiradas das vidas dos pintores celebres, seguindo a ordem chronologica, de modo que elles são uma especie de historia graphica da pintura.

Os tectos das diversas salas são ornados de medalhões e de retratos de pintores; o fundo é de branco e oiro. O pavimento e os soccos são de marmore bavaro de diversas côres. As paredes serão revestidas de ricas cortinas de seda, cujos matizes deverão harmonisar com o colorido geral dos quadros de cada sala.

As lanternas que dão luz ás sete salas ao centro do edificio, são dispostas e construidas com tal arte, e a luz que d'ellas desce distribue-se com tal igualdade, que nos cantos a vista não póde distinguir a linha de junção dos angulos.

As duas galerias, a *glypotheca* e a *pynacotheca* estão abertas gratuitamente ao publico certos dias determinados.

PINÁCULO, s. m. do lat. *pinnaculum*, cousa aguda, it. *pinacolo*, fr. *pinacle*, hesp. *pinaculo*, ing. *a pinacle*, a cumieira ou parte mais alta do edificio, (archit.) os antigos costumavam rematar seus templos com uma torre pequena ou coruchéu, para os differençar dos edificios profanos. Similhantes torrinhas ou coruchéos se observam nas egrejas gothicas. É a este logar mais alto do templo de Jerusalem que, segundo a Escriptura santa, foi transportado o Senhor quando foi tentado por satanaz.

«O demonio no *pinaculo* do templo.» Vieira. «*Pinaculos* das torres.» Arraes, *Dial.* 10, cap. 45.

PINASIO, s. m. *crucis brachum*, *brachium*, fr. *croisillons*, (archit.) pequenas tiras de madeira abauladas ou com filetes, que servem de dividir e suster os vidros das portas e janellas.

PINCEL, s. m. do lat. *penicillus*, fr. *pinceau*, it. *pennello*, hesp. *pincel*, ing. *a pencil*, (pint.) mólho de cabellos ou pello de cabrito, de gris, ou de outros animaes, atado ou preso a um cabo de madeira ou cano de penna, para applicar as tintas em quadros.

Não só os pintores usam de pinceis, os esculptores e os architectos tambem os empregam, estes para as aguarellas dos seus desenhos, e aquelles para alisar e empastar o barro dos seus modelos.

Os gravadores tambem usam de uma especie de pincel para tirar as rasuras de verniz da chapa, quando gravam a pontilhé.

Este termo se emprega em sentido figurado, para designar o estylo ou maneira de pintar, e assim diz-se *pincel firme*, vigoroso, ligeiro, franco, meduloso, etc. V. *Brocha*.

PINCELADA, s. f. (pint.) toque de pincel, rasgo franco e virgem.

«A invenção é a poesia da pintura... ella desenvolve a primeira idéa de toda a obra, e o pintor não a deve perder de vista até á ultima *pincelada*.» Cyr., *Nova acad.*, 25.

«Nada é tocado com mais viveza, com mais franqueza, com mais elegancia, que os seus lumes. As *pinceladas* extremamente espessas, parece que tremem como o verdadeiro fogo.» Idem, *Conv.* 5.ª, 32.

PINCELADO, A, adj. pintado ou retocado com pincel.

PINCELAR, v. a. (p. us.) dar tintas lisas com pincel ou brocha.

PINCELEIRO, s. m o que faz pinceis e brochas para uso da pintura.

Pequeno vaso ou receptaculo de folha de Flandres, dividido em duas partes, em que se deita oleo para limpar os pinceis.

PINCHAR, v. a. do lat. *pinso, are,* bater, palavra antiquada, que significa lançar fóra, ou bater com violencia: —, *banco de pinchar,* (braz.) banco que os infantes trazem no escudo das armas, entre o baixo da corôa, para se differençarem das armas do principe seu irmão.

PINGUELA, s. f. (archit.) viga ou prancha atravessada que serve de ponte (p. us.).

PINHA, s. f. do lat. *pinus,* hesp. *pinna,* fr. *pomme de pin,* pinheiro, fructo do pinheiro, (archit.) ornamento architectonico, imitado do fructo do pinheiro, e applicado no tecto das cornijas dorica e jonica, com denticulos, e serve tambem de remate nos vasos, nos quartos de circulo e n'outras molduras.

PINHO, s. m. do lat. *pinus* ou *abies,* fr. *sapin,* it. *abete,* hesp. *abeto,* ing. *fir-tree,* (archit.) arvore, cujo tronco é ordinariamente direito, nasce em terras fortes e é de grande uso e utilidade para obras de construcção. Ha pinho de fóra e pinho da terra. O pinho dos paizes do norte da Europa cresce nas grandes montanhas, e é muito estimado, principalmente o chamado de Flandres; o pinho da terra é mais ordinario e não tem a duração do bom pinho estrangeiro.

PINNULAS, s. f. pl. do lat. *pinnula,* dimin. de *penna,* pequenas placas de cobre elevadas perpendicularmente em cada extremidade de uma *alidade,* e furadas com um pequeno buraco, ou de uma fenda para deixar passar os raios luminosos ou os raios visuaes. Nos graphometros mais perfeitos as *pinnulas* são substituidas per oculos. V. *Alidade.*

PINTA-MONOS, s. m. charlatão, borrador, que pinta aleijões e cousas disformes.

PINTAR, v. a. do lat. e it. *pingere,* fr. *peindre,* hesp. *pintar,* ing. *to paint,* (pint.) representar os objectos sobre qualquer superficie com as côres que lhe são naturaes e proprias; ou misturar tintas ou côres e applica-las com o pincel segundo as regras da arte.

PINTOR, s. m. do lat. *pictor,* it. *pittore,* fr. *peintre,* hesp. *pintor,* ing. *painter,* (pint.) artista que representa os objectos naturaes ou artificiaes por meio de côres em qualquer superficie.

O que se applica e professa esta bella arte deve nascer para ella, e para lograr o seu fim, e chegar a adquirir um bom nome, precisa entregar-se a um estudo continuado, não só do colorido, mas de todas as partes da arte, e das sciencias subsidiarias. O pintor deve ser habil desenhador, e para este fim deve applicar-se constantemente ao estudo do antigo e da natureza em todas as suas especies e relações. Deve conhecer a architectura, a optica, a perspectiva linear, e deve praticar a esculptura, saber a historia, a esthetica, e ter um distincto conhecimento das differentes escolas de pintura, não ignorando os principaes ramos das sciencias naturaes e philosophicas.

PINTORESCAMENTE, adv. feito com franqueza e liberdade, com largueza e magistralmente.

«Tambem gravou mui *pintorescamente* a agua forte.» Cyr., *Mem.,* 117.

PINTORESCO, A, adj. do hesp. *pintoresco,* (pint.) modo franco e livre de pintar ou exercitar as artes do desenho, proprio de quem tem adquirido a boa facilidade de pintar.

«No seu primeiro estylo, menos acabado e mais *pintoresco,* são feitos os dois paineis que estão em S. Roque.» Id., ib. 100.

PINTURA, s. f. do lat. *pictura,* fr. *peinture,* it. *pittura,* hesp. *pintura,* ing. *picture,* (pint.) arte de representar em qualquer superficie os objectos naturaes ou artificiaes. A pintura por meio do desenho e das côres, forma, não só uma das artes liberaes, mas auxilia grandemente as decorações dos edificios. Divide-se, segundo os seus differentes processos, em *pintura* a *oleo,* a *fresco,* a *tempera,* em *mosaico,* em *miniatura,* a *encaustica,* a *pastel,* a *aguarella,* a *guache,* em

camafeu: e póde applicar-se a pintura sobre madeira, sobre panno, sobre esmalte. sobre marfim, sobre vidro, sobre porcellana, etc.

A pintura divide-se ainda em varios generos, a saber: Pintura de historia, — de genero, — de retratos e de paizagem, — de marinhas, — de batalhas, — de animaes, flores, productos naturaes, etc.

Os auctores que têem dado o nome de escolas aos modos ou diversos estylos de pintar, reconhecem as escolas seguintes: florentina, romana, veneziana, lombarda, bolonheza, franceza, hespanhola, allemã, flamenga, hollandeza, ingleza, etc.

A origem da pintura é muito incerta, e o que se póde affirmar com certeza é que ella é antiquissima, como se prova pelos hieroglyphicos dos egypcios e pelos symbolos dos persas, indios, etruscos, phenicios e outros povos; mas foi só entre os gregos que a arte achou o seu nascimento real e positivo, como o demonstram as obras immortaes de Parrasio, Protógenes, Nicias, Apelles, Pamphilo e outros, obras que infelizmente não chegaram até nós, mas que não podemos deixar de admirar pelo testemunho dos escriptores contemporaneos, e pelo parallelo que devemos fazer das obras primas de esculptura d'essas felizes epochas, que temos o gosto de possuir; taes como o Apollo, a Niobe, o Laocoonte e outras. Os romanos, postoque não possam comparar-se com os gregos nos progressos da pintura, podem lisonjear-se de possuir um Fabio Pictor, Turpelim e outros.

A pintura, como todas as bellas artes, soffreu os effeitos d'esse geral cataclysmo, causado pelos barbaros do norte, conservando-se apenas entre os primeiros christãos, d'onde tomou o caracter religioso, que geralmente dominou na edade media. A arte começou o seu renascimento no fim do seculo XII e no XIII pelas diligencias de Cimabue, Giotto, Giovani de Fibole, Masacio, que fundaram a escola de Sena e de Florença, e pelos estudos e esforços de seus successores chegou á maior perfeição no seculo XV, em que floresceram Leonardo de Vinci, Miguel Angelo, e Raphael, Guido, Ticiano, André del Sarto e outros. D'este geral movimento participaram differentes paizes como as escolas allemã, flamenga e hollandeza, illustradas por Alberto Durer, Rubens, Van Dyck, Rembrand e outros. As escolas hespanhola, cujo principal cabeça é Murillo, a ingleza representada por West e Reinolds, a franceza, que reconhece por fundadores Ambroise Dubois e J. Cousin, a que succederam Vovêt, Nicolau Poussin, Le Seur, Lebrun e outros.

Tambem em Portugal se resentiram seus effeitos nos reinados de D. Affonso V, D. Manuel e D. João III, e onde são bem conhecidos os nomes de Nuno Gonçalves, João Annes, Braz do Avellar, a que succederam Antonio Campelo, Gaspar Dias, Grão Vasco e outros.

Os melhores auctores que escreveram sobre a pintura entre os antigos, são Junius, de *Pictura Veterum*, 1694, Durand, *Histoire de la peinture ancienne*, 1725; Leonardo de Vinci, Chambrai, De Piles e Coypel. Montabert escreveu modernamente o seu *Traité complet de la peinture*, 1825. Du Fresnoy compoz um poema latino sobre a pintura, e de Marsy compoz outro: Lanzi escreveu *Storia pittorica d'Italia*, e entre os modernos M. Ch. Blanc escreveu *L'histoire des peintres*. Podem tambem consultar-se os mauuaes sobre os differentes processos da pintura, que formam parte da collecção *Roret*.

PINZEL. V. *Pincel*.

PIRAMIDAL. V. *Pyramidal*.

PIRAMIDE. V. *Pyramide*.

PISCINA, s. f. do lat. e it. *piscina*, (archit.) significa: 1.º, viveiro ou reservatorio em que os antigos conservavam peixes *(piscis)*; 2.º, grande bacia que elles tinham junto de suas casas para se banharem; 3.º, grandissima bacia ou tanque descoberto em praça publica, para a mocidade aprender a nadar; 4.º, entre os turcos, grande bacia, no meio do pateo de uma mesquita, construida de pedra ou marmore, com algumas torneiras, em que elles se lavavam antes de principiar a orar.

Piscina probatica era um reservatorio de agua junto da entrada do templo de Salomão, assim chamado

do grego *probaton,* ovelha, porque ahi se lavavam os animaes destinados ao sacrificio. Conservam-se ainda cinco arcadas do portico, os degraus e uma parte da bacia, *piscina,* em que Jesus Christo curou o paralytico. V. *Pia.*

PISO, s. m. do hesp. *piso,* (archit.) solho, pavimento, terraço por onde se anda ou caminha. V. *Pavimento.*

PISSAPHALTO ou PISSASPHALTO, s. m. do lat. *pix,* pez, e *asphalto,* mixto de pez e betume, que se applica para differentes usos na edificação.

PITTORESCO, A, adj. V. *Pintoresco, a.*

PIZO. V. *Piso.*

PLAGIARIO. V. *Copista.*

PLAINA, s. f. de plano, do lat. *uncina* ou *dolabra,* fr. *plaine* ou *plane,* it. *ascia,* hesp. *plana,* ing. *plane,* instrumento de ferro, com o córte calçado de aço, similhante ao rebote, que serve para aplainar e alisar madeira. V. *Rebote.*

PLANCHETA. V. *Prancheta.*

PLANIMETRIA, s. f. do lat. *planus,* e *metrum,* (archit.) arte de medir superficies planas, e de as configurar no papel por meio de operações geometricas, calculando os seus valores. V. *Agrimensura, Triangulação.*

PLANO, s. m. do lat. *planus,* (t. comp.) considerado geometricamente é qualquer superficie sobre que póde applicar-se e coincidir qualquer linha recta, e d'aqui vem o dizer-se *plano de nivel, plano horisontal, triangulo, plano,* etc. Em bellas artes entende-se o termo como o pensamento ou representação de um edificio e das partes que o compõem, a que Vitruvio chama *Ichnographia.* (V. este termo.) Chama-se *plano geometrico* ao que tem os solidos e os espaços em sua regular proporção, e *plano perspectivo* ao que os representa em degradações, segundo as regras da perspectiva.

Ha tambem *plano regular, irregular em grande,* de *um jardim,* de *um parque,* etc.

Os architectos tomam tambem o termo como synonymo de piso ou pavimento; e assim chamam 1.º, 2.º, 3.º, 4.º *plano* de um edificio ao 1.º, 2.º, 3.º 4.º andar, etc.

Em pintura e esculptura chamam-se *planos* ás degradações das linhas a elles perpendiculares, que, segundo as regras de perspectiva linear e aerea, devem representar a força da luz e a grandeza das figuras ou objectos que entram na composição de um quadro ou de um baixo relevo.

Chama-se *1.º plano* ao que parece estar mais proximo do espectador, ou que toma a parte mais baixa do quadro. O uso mais seguido é collocar a figura ou figuras principaes no segundo plano. Costuma dizer-se que uma figura ou outro objecto não está no seu *plano,* quando esse objecto ou figura, em relação ao ponto que occupa no quadro, não tem as dimensões prescriptas pela perspectiva linear, ou que em relação ao claro escuro, parece mais proxima ou mais afastada do que o deveria estar, segundo as leis da perspectiva aerea.

PLANOS (indicação dos), do fr. *meplat,* e nas bellas artes, principalmente na pintura e gravura, a indicação dos differentes *planos* de um objecto, e são as linhas ou traços que marcam a passagem de um plano para outro. Esta indicação procede da linha recta e da linha curva, por uma multidão e variedade de inflexões, ás vezes imperceptiveis, que a natureza offerece em suas obras. É emfim d'estas indicações bem marcadas que depende a douta gradação do claro escuro. V. este termo.

PLANTA, s. f. do lat. *planta,* sola do pé com os dedos, gr. *posîs,* pé, e *latus,* largo, face inferior do pé do homem que assenta sobre a terra, quando está em pé. Assim os pintores, como os estatuarios, estudam com grande cuidado o melhor modo de collocar ou firmar bem uma figura sobre o plano; e é costume entre uns e outros o dizer: esta figura tem boa *planta,* esta estatua planta bem, isto é, guarda as leis da estatica e do equilibrio.

Os architectos chamam *planta* em geral ao piso ou plano horisontal de um qualquer edificio, e em particular aos differentes pavimentos de que constam: assim chamam ao primeiro pavimento ao nivel do solo, 1.ª planta, ou planta terrea, 2.ª planta ao 1.º andar, 3.ª ao 2.º, etc.

A planta de um edificio é uma das

partes mais importantes da distribuição, que requer muito estudo e circumspecção da parte do architecto.

PLANTADO, A, p. p. de plantar, e adj. que está firmado solidamente; estatua, figura bem *plantada*. Alguns dizem *planteado* em logar de *plantar*.

PLANTAR, v. a. do lat. *planto, are*, firmar, collocar bem uma estatua no seu plintho, aprumal-a, para que guarde o equilibrio visual; dispor bem um edificio, dar-lhe boa distribuição, assentar sobre os fundamentos, bem nivelada, a primeira fiada de pedras, etc.

Tambem se diz *plantear* em logar de *plantar*, principalmente fallando em objectos de architectura.

PLANURA, s. f. logar plano, planicie, área aplanada para edificação.

PLASMAR, v. a. do lat. *plasmo, are*, formar em relevo de barro ou terra, produzir, crear (p. us.).

PLASTECER, v. a. fazer uso da plastica, modelar em barro ou em outra materia branda (p. us.).

PLASTICA, s. f. do gr. *plastikos*, de *plassô*, formar, do lat. *plastice, es*, (esculp.) a arte de modelar figuras em barro.

«Seu pae, Dionysio Ferreira, tambem era pratico na *plastica*.» Cyr., *Mem.*, p. 256. V. *Artes plasticas*.

PLASTICIDADE, s. f. flexibilidade da materia de barro ou cera, propria para modelar ou executar em relevo figuras e outros objectos de arte.

PLASTICO, A, adj. do lat. *plasticus, a, um*, (esculp.) o artista esculptor que se exercita ou professa a arte de modelar em barro, cera, estuque, etc.

«O *Abcedario pittorico* faz menção de muitos esculptores *plasticos*, sem outro exercicio.» Mach. de Castro, *Descrip. analy.*, p. 292.

PLATA-BANDA ou PLATE-BANDA, s. f. do lat. *tœnia*, fr. *platebande*, it. *fascia*, hesp. *platabanda*, ing. *plat-band*, (archit.) moldura quadrada, mais alta que saliente, como são as fachas de um architrave e a *platabanda* dos modilhões de uma cornija. Vitruvio tambem lhe chama *corsa, fascia*.

Ha *plata-bandas* circulares, abauladas, de ferro, de parque, etc.

PLATA-FÓRMA. V. *Terraço*.

PLATÉA, s. f. do lat. *arca ima*, fr. *parterre*, it. *platea*, (archit.) entende-se pelo espaço que se dá entre o amphiteatro e o theatro, onde os espectadores estão ordinariamente em pé. Os antigos chamavam-lhe orchestra: hoje toma-se pela parte inferior do recinto do theatro occupada pelos espectadoros sentados ou em pé.

PLATINA, s. f. do hesp. *platina*, dimin. de *plata*, metal branco, substancia metallica muito solida, ductil, malleavel, menos branca do que a prata, e o mais pesado de todos os corpos conhecidos, e sendo o menos dilatavel dos metaes, serve por isso para a fabricação dos padrões de pesos e medidas, das peças de relogios, de thermometros, etc. A *platina* foi descoberta em 1735 no Perú, por mineiros hespanhoes, e foi logo considerada como uma classe de prata.

PLINTHO s. m. do gr. *plinthos*, lat. *plinthus*, ladrilho, tijolo quadrado, fr. *plinthe*, it. e hesp. *plinto*, ing. *plinth*, (archit.) peça ou sóco quadrado e chato, que forma a parte mais baixa da base de um pedestal ou de uma columna.

Chama-se *plintho* ao tambor do capitel toscano por ter a mesma fórma.

Ha *plintho* arredondado, rebaixado, de parede, etc.

Tambem se dá o nome de *plintho* ao que serve de base, em que assentam os pés de uma estatua, e chama-se *plintho* de figura, que póde ser de bronze, de pedra, de madeira, de barro, de gesso, etc.

PLUMAR e seus deriv. V. *Aprumar*.

PLUMO. V. *Prumo*. do lat. *plumbum*, fr. *plomb*, it. *piombo*, chumbo.

PÓ, s. m. do lat. *pulvis*, fr. *poudre*, it. *polve*, hesp. *polvo*, ing. *poœder*, a parte mais subtil ou miuda de qualquer substancia. *Pó de pedra*, de que usam os esculptores e canteiros, misturado com cera ou pês, para betumar pedras. V. *Betume*.

POBRE, adj. dos 2 g., do lat. *pauper*, fr. *pauvre*, it. *povero*, hesp. *pobre*, ing. *a poor*, necessitado, humilde,

falto do necessario para a vida. Por analogia se applica este termo ás obras e producções de bellas artes: assim é *pobre* um desenho mesquinho, falto da necessaria grandeza em suas fórmas, e da indispensavel expressão, vida e movimento; é *pobre* o quadro a que falta o caracter nobre, rico e grandioso, sem massas, sem relevo, sem vigor de colorido; é *pobre* a estatua, o grupo, o baixo-relevo que não apresentam as grandes linhas, o contraste, a expressão, que é chato e frio, e sem a gradação das fórmas; é *pobre* o edificio que não offerece a grandiosidade de linhas, o relevo das massas, a boa escolha dos ornamentos, que se resente de mau gosto e de mesquinhez em suas fórmas.

POBREZA, s. f. do lat. *paupertas*, fr. *pauvreté*, it. *povertà*, hesp. *pobreza*, ing. *poverty*, falta do necessario para a vida, escassez de meios, mesquinhez. Tem igual applicação ás obras de arte, por onde é phrase commum entre os artistas o dizer: *pobreza* de pensamento, de desenho, de colorido, etc.

POÇÃO. V. *Punção*.

POÇO, s. m. PÓÇOS, pl. do lat. *puteus*, gr. *buthós* ou *bussós*, fr. *puits*, ing. *a well*, (archit.) cova ou excavação profunda em que se junta agua nascente ou de chuva. Os *poços* são ordinariamente redondos e revestidos de pedra de cantaria, e algumas vezes de alvenaria pela parte externa do bocal, que deve ficar em altura que não exponha as pessoas que d'elle se approximarem.

São notaveis na historia alguns *poços*, como o de José, no Cairo, construido por Yousouf, principe arabe, e não por José, filho de Jacob; elle tem 93 metros de profundidade sobre uma circumferencia de 13 metros, e desce-se a elle por uma escada circular de trezentos degraus; o *poço* de Orvieto, em Italia, construido por Antonio de San-Gallo; o do pateo de S. Pedro *ad vincula*, em Roma, em que o perfil do bocal tem a fórma de um balaustre, com tres columnas ou misulas, para suster a travessa em que está a roldana, e é do desenho de Miguel Angelo.

Ha tambem os chamados *poços* artesianos, que são furados, e cuja invenção não é moderna, posto que tenham sido novamente formados por esse methodo.

PÓDIO, s. m. (archit.) sóco ou peça saliente na face exterior de um edificio, que serve para receber vasos, bustos, ou outros objectos ornamentaes, sendo esta peça unida ao edificio, sem base e sem cornija, Vitruv., l. III, 4, 5.

Em um amphitheatro ou circo, era um envasamento elevado cerca de dezoito pés acima do nivel da arena que elle acompanha e bornêa, e era destinado ao imperador, aos magistrados curues, ás vestaes, que ahi estavam sentados em suas cadeiras de marfim, *sellæ curules*, (Suet., *Nero*, 12; Juv, II, 147). V. *Circo*, *Amphitheatro*.

POESIA, s. m. do lat. *poesia*, gr. *poiêses*, creação, arte de compor obras em verso, de representar e pintar a natureza physica e moral em estylo animado, que se distingue da prosa, não só pela fórma, mas pelas ficções, pelas imagens, pelos ornamentos que a faz similhante á pintura, *ut pictura poesis erit*. Os antigos acreditavam que ella devia sua origem a Apollo. A *poesia* nas artes plasticas é a invenção que tem por fim fallar ao espirito do espectador, chamal-o, atrahil-o e captivar-lhe a vista e o coração.

O pintor e o esculptor fallam pela representação fiel e expressiva do sujeito que pinta ou esculpe, e pelo estylo puro com que o decora. O artista é poeta quando inventa o que é bello, bom e verosimil, quando o exprime com clareza, proporção, naturalidade e vida, quando o acompanha com a decencia, graça e os accessorios convenientes. Raphael, pois, foi um grande poeta. Foram distinctos poetas Guido, Ticiano, Corregio, Phidias, Scopas e outros.

A architectura tambem tem parte n'esse fogo poetico, com a differença que lhe é propria e relativa, porque tambem falla ao homem pelas fórmas, pelas proporções, pelas massas, pelo caracter, pelos ornamentos, pelos tons, pelos estylos, pela severidade, pela alegria, pela correcção, pela gentileza e por tudo que cabe na esphera da sua particular linguagem. A arte é uma, as fórmas são diversas.

POETICO, A, adj. do lat. *poeticus*, o que é feito segundo a arte da poesia. Fallando de bellas artes é a parte da composição que tem por objecto a invenção do sujeito ou do assumpto, os episodios, os accessorios independentes da parte material e dos processos technicos de cada arte em particular.

POIAL, s. m. do lat. *podium*, fr. *montoir*, it. *montatojo*, hesp. *poyo*, ing. *a mounting*, (archit.) assento de pedra na entrada da casa, junto das paredes e nos muros das estradas.

POLEGADA, s. f. deriv. de *polegar*, do lat. *pollex*, fr. *pouce*, it. *pollice*, hesp. *pulgada*, ing. *thumb*, a duodecima parte do pé geometrico, que se subdivide em outras doze partes que se chamam *linhas*. A pollegada converte-se em 27 millimetros.

POLIDOR, ORA, s. m. e f. o que ou a que pule metaes, pedras, madeiras, etc.

POLIMENTO, s. m. do lat. *politura*, o acto de polir e tirar lustre de cousa lavrada esculpida ou pintada em esmalte.

«... pedraria lavrada do maior *polimento* que a arte usa.» Sousa, *Hist. de S. Dom.*, l. 6, p. 318.

POLIR, v. a. do lat. *polio, ire*, gr. *polios*, pello, e *leios*, liso, (esculpt. e pint.) alisar a superficie, brunir uma obra d'arte, *polir* a imagem não só quanto ás fórmas e partes que a compõem, mas dar n'estas o lustre conveniente. Usar do alvayade, vermelhão e oleo graxo para o applicar nas encarnações das imagens, polindo-as com a pelle do buxo de carneiro.

«Ireis estendendo a tinta ou polimento.» Filip. Nunes. *Art. da pint.*, p. 58.

POLYCHROMIA, s. f. do gr. *polys*, muito, e *khroma*, côres, (pint.) ramo de pintura que tem por fim revestir de côres os monumentos de architectura e de esculptura; esta arte era em uso entre os povos antigos. Os ethiopes, assyrios, persas e phenicios ornavam-os das mais brilhantes côres, uso que passou aos gregos e romanos. Na edade media teve tambem uso esse ramo d'arte; os mesmos vidros de côres trazem d'ahi sua origem. V. *Encaustica*.

POLYEDRO ou POLYHEDRO, s. m. do lat. *polyedrus*, gr. *poly*, muitos, e *edra*, base, face, (geom.) corpo solido de muitas faces planas; chamam-se *polyedros* regulares quando todas as suas faces são polygonos regulares, iguaes, e quando todos os seus angulos são iguaes entre si.

POLYGONO, s. m. do gr. *poly*, pref. e *gonia*, angulo, (geom.) figura geometrica de muitos lados e muitos angulos. A que tem quatro chama-se *tetragono*, á que tem cinco *pentagono*, á de seis *hexagono*, á de sete *heptagono*, á de oito *octogono*, etc. *Polygono* regular é o que tem seus angulos e lados iguaes.

POLYMORPHISMO, s. m. qualidade ou propriedade de ter muitas fórmas ou figuras.

POLYSTILO, s. m. do gr. *poly*, pref. e *stilos*, columna, (archit.) edificio de muitas columnas. V. *Columnata*.

POLYTECHNICO, A, adj. do gr. *poly*, muitas e *tekhné*, arte. Escola *polytechnica*, em que se ensinam muitas artes ou sciencias.

POMBAL, s. m. do lat. *columbarium*, fr. *columbier*, it. *columbaja*, hesp. *columbeal*, ing. *clovehouse*, (archit.) especie de pavilhão redondo ou quadrado, cheio de agulheiros em todo o comprimento ou altura para accommodar pombos.

POMES. V. *Pedra*.

PONCIONISTA, s. m. o que faz punções ou o que applica o punção ás peças de oiro, prata ou outro metal.

PONDERAÇÃO. V. *Equilibrio*.

PONTA, s. f. do lat. *acies*, ou *extremitas*, fr. *pointe*, it. e hesp. *punta*, ing. *point*, chama-se ao instrumento composto de uma aste de cobre, em cuja extremidade é fixado um diamante que serve aos gravadores em pedras finas, para abrir e profundar as partes das pedras que querem gravar, para acabar as figuras e dar-lhes mais vulto.

Ponta se chamam ás extremidades dos ferros de que usam os estatuarios, como ponta da broca, do badame, etc.

Ponta chamam os architectos á extremidade ou angulo culminante de um frontão, e bem assim, *ponta* de um obelisco, de uma torre, de um muro, etc.

PONTAGUDO, A, adj. cousa que termina em ponta aguda.

PONTALETE, s. m. diminut. de *pontal*, do lat. *fulcrum*, fr. *etare*, it. *partello*, hesp. *puntal*, ing. *prop.*, (archit.) é toda a peça de madeira que serve de apoiar ou sustentar uma casa, um sobrado, pavimento, etc.

PONTA-SECCA, s. f. do lat. *punctam*, *pungo*, *ere*, picar, furar, (grav.) instrumento em fórma de agulha de aço, encabado, de que se serve o gravador a agua forte para desenhar sobre o verniz de que a chapa se acha banhada, descobrindo assim as partes em que o acido deve morder. Quando o trabalho se faz sem o auxilio da agua forte, chama-se gravar á *ponta secca*. Esta se emprega nos trabalhos mais delicados e ligeiros.

Este termo tem outras significações na linguagem das bellas artes.

PONTE, s. m. do lat. *pons*, *tis*, fr. *ponte*, it. *ponte*, hesp. *puente*, ing. *bridge*, (archit.) construcção de pedra, madeira ou ferro, que serve para passar de um a outro lado sobre uma ribeira, rio, canal ou fosso.

Ponte de pedra é a que se construe com pilares, arcadas e massiços de pedra. *Pons lapideus.*

Ponte de madeira é a construida com estacadas, vigas e grossas peças de pau sobre pilares de pedra. (archit.) *Pons sublicius.*

Ponte levadiça é a construida em fórma de pranchão, que levanta e abaixa defronte da porta de uma cidade, ou de um castello por meio de flexas, de cadeias e de uma machina.

Chama-se *ponte de flecha* (archit.) a que só tem uma flecha com uma aza de ferro, que tem duas cadeias para levantar uma pequena ponte diante de um postigo. Lat. *pons subductarius.*

Ponte de ferro é em tudo conforme á de madeira, excepto em ser substituida com metal, em logar de madeira, porque se sustenta com os pilares de pedra, etc.

Ponte suspensa (archit.) é construida com um pranchão sustentado por hastes verticaes, seguras por cadeias ou cabos de fio de ferro, que descrevem um arco de circulo reverso: estas cadeias, fortemente amarradas nas duas extremidades da ponte, são sustentadas ordinariamente a meio, ou em dois logares, se a ponte é muito extensa, sobre grandes massiços de alvenaria levantados em pilares. A primeira d'estas pontes, que se construiu em França no anno de 1822, foi a que atravessa o Rhone entre Tain e Tournon.

Attribue-se aos inglezes a gloria de serem os primeiros que empregaram o ferro na construcção das pontes; mas ella pertence aos chins, que o applicaram na ponte de Yunnan, provincia de Koesthesi (Duhalde, vol. I, p. 60). A primeira ponte suspensa que se fabricou em Inglaterra, sobre o Severn, foi em 1779. D'esta epocha em diante se construiram muitas outras, devendo entre estas notar-se a de Fryburgo na Suissa, a da ilha Barbe em Lyão, a de Janare e outras muitas em differentes partes.

Não é Portugal o ultimo paiz que construiu boas pontes de pedra. A primeira, de que a historia nos dá noticia, foi a de Coimbra sobre o Mondego, que principiou a construir-se em 1132, a segunda foi a do Douro em 1179, a terceira a de Canavezes sobre o Tamega, etc.

Modernamente foi construida na cidade do Porto uma ponte pensil.

PONTEADO ou PONTOADO, A, p. p. de pontear ou pontoar, e adj. fixado, marcado com pontos ou signaes.

PONTEADOR ou PONTOADOR, s. m. o canteiro ou artifice que marca os pontos, approxima e desbasta as estatuas e outras obras de esculptura em pedra. V. *Desbastador.*

PONTEAR ou PONTOAR, v. a. (esculp.) marcar pontos, pôr medidas nas estatuas e obras de esculptura.

PONTEIRO, s. m. (esculp.) instrumento de ferro calçado de aço, de differentes tamanhos, da fórma de uma haste de quatro faces, e aguçado na extremidade, de que usam os esculptores e os canteiros para desbastar a pedra e o marmore.

PONTELHADO, A, p. p. de pontelhar, e adj. pontuado ou feito com pontos.

PONTELHAR, v. a. do fr. *pointiller*, (pint. e grav.) usa-se na pintura de miniatura, e consiste em applicar as côres em pequenos pontos,

o que se pratica, mórmente nas carnes. Este mesmo methodo se usa ás vezes em desenho e na gravura. V. *Gravura.*

PONTELHÉ, s. m. pontuado. V. acima.

PONTO, s. m. do lat. *punctum,* sup. de *pungo, ere,* picar, fr. *point,* it. e hesp. *punto,* em geometria chama-se *ponto physico* ao ponto menos sensivel á vista, marcado com a penna ou o bico do compasso.

Ponto central é o *ponto medio* de uma figura regular ou irregular, com o *ponto de secção* das duas diagonaes de um parallelogrammo, de um trapezio, etc.

Ponto de secção ou de *intersecção* se chama ao logar em que duas linhas se cortam.

Pontos de divisão são aquelles que partem ou separam uma linha em partes iguaes ou desiguaes.

Pontos de nivel, nas obras de nivelamento, são as extremidades da linha horisontal tomada com a vista.

Em perspectiva chama-se *ponto de vista* a um ponto collocado na linha horisontal, onde termina o principal raio visual, e ao qual se vão juntar todos os outros que lhe são parallellos.

Ponto de distancia é um ponto collocado tambem na linha horisontal, tão afastado do ponto de vista, quanto esse ponto distar do olho do observador.

Ponto accidental é qualquer ponto (não sendo os dois antecedentes) collocado tambem na mesma linha horisontal, para o qual se dirigem as linhas tiradas dos pontos de todos os objectos.

Pontos perspectivos. V. *Perspectiva.*

Ponto de apoio. V. *Apoio.*

Os esculptores e estatuarios dão o nome de *pontos* aos pequenos signaes feitos com o bico da broca, que servem de marcar as partes mais salientes dos seus modelos.

PÔR (acto), do lat. *pono, ere,* pôr, collocar, situar de certo modo, plantar: é phrase usada pelos artistas para significar a attitude em que o professor, que dirige os estudos do nú, põe o modelo vivo para ser estudado pelos discipulos. V. *Acto.*

«E á noite *poz* o grupo, que foi desenhado tambem por alguns fidalgos.» Cyr., *Mem.,* p. 31.

PORCA, s. f. do lat. *covus striatus,* fr. *crou,* it. *chiocciola,* hesp. *ageyero,* ing. *the nut,* bocado de madeira ou de metal, ordinariamente de figura quadrada, com uma abertura redonda cuja superficie concava é talhada em linha espiral e serve para sustentar e fixar um parafuso em seu logar.

PORCELANA ou POZZOLLANA, s. f. do it. *porcellana,* especie de argilla ferruginosa, de diversas côres, que misturada com a cal e a areia commum forma uma argamassa, que endurece promptamente debaixo de agua, e por isso torna-se muito util em obras hydraulicas. As *porcelanas* acham-se principalmente em Italia, perto de Pouzzoles (reino de Napoles), em Civita Vecchia (estados romanos), em França nos departamentos de Puy-de-Dôme, Du Cantal, etc. Em Portugal as ha nas ilhas dos Açores, representadas pelo *massapez* e pelo *tetim,* que são verdadeiras argillas, formadas á custa da decomposição das rochas vulcanicas.

PORÇOLANÀ e POZZOLANA. V. *Porcelana.*

PORFIDO. V. *Porphyro.*

PORFIL. V. *Perfil.*

PORPHYRO, s. m. do gr. *porphyra,* lat. *prophyrites,* fr. *porphire,* it. e hesp. *porfido,* ing. *porphyry,* marmore precioso, mais duro que todos os outros, e por isso mais difficil de trabalhar; é arroxeado, misturado de manchas brancas. Ha varias especies de *porphyro.*

PORTA, s. f. do lat. *porta* ou *ostium,* fr. *porte,* it. *uscio,* hesp. *puerta,* ing. *door,* (archit.) é qualquer abertura feita em muro ou parede, que serve para dar entrada e saída na cidade, no edificio, na casa ou em outro logar, e que se abre e fecha por meio de peças de madeira ou metal, que giram sobre gonzos ou dobradiças. A fórma das portas é variavel, e póde ser quadrangular, curva e ogival.

Toda a *porta* se compõe de hombreiras, verga, soleira, couceiras, travessas, paineis, batentes, fechadura, etc. V. estes termos.

As *portas* são tambem de differentes materias e proporções, ou sejam em relação ás ordens de architectura, ou em relação á sua posição e aos seus usos.

A *porta* da ordem toscana inteira tem de altura duas partes da sua largura; se tem platibanda ou faxa, é a largura em respeito á altura, como 12 para 23.

A *porta* da ordem dorica tem de altura duas vezes e um sexto de altura; tendo platibanda, a largura é para com a altura como 12 para 24.

A *porta* da ordem jonica tem de altura duas vezes e um quarto da sua largura; com platibanda, a largura para com a altura é como 12 para 25.

A *porta* da ordem corinthia tem de altura duas partes e meia da sua largura; se tem platibanda, a largura é para com a altura como 12 para 26.

A *porta* da ordem composita tem de altura duas partes e um terço da sua largura; tendo platibanda, é a largura em relação á altura como 12 para 25 $^1/_2$.

Porta da cidade é uma *porta* publica, que ás vezes póde ser monumental e triumphal, como é a de S. Diniz e S. Martinho.

As *portas* dos templos e dos grandes edificios são decoradas com columnas, pilastras, frontes, etc., e então se chamam portadas e portaes.

As *portas* de casas particulares podem ser mais ou menos ornamentadas: umas são feitas de madeira de carvalho, de vinhatico e cedro, com molduras e ornamentos de apurado gosto, como as da galeria do Vaticano em Roma; outras são feitas de bronze e decoradas com bellos relevos, como são as de S. Marcos de Veneza e as de S. João Baptista em Florença, modeladas por Gibert, e que Miguel Angelo dizia serem dignas de estarem ou serem as *portas* do paraizo.

PORTADA, s. f. augment. de porta, (archit.) grande porta de qualquer edificio, com molduras e ornatos.

PORTAL, s. m. do lat. *frons*, fr. *portail*, it. *fasciata*, (archit.) porta grande e principal de um edificio, com toda a decoração da fachada principal. Taes são, em architectura gothica, o portal da igreja dos padres Jeronymos em Belem, e o da Conceição Velha; em architectura antiga, o *portal* de Mafra; e em architectura moderna, o *portal* do Loreto ou da freguezia dos Martyres.

PORTA-LAPIS, s. f. do fr. *porte-crayon*, it. *matitatoio*, (des.) caneta. V. este termo e o de *lapiceiro*.

PORTÃO, s. m. augment. de porta, porta grande e simples de edificio ordinario, quinta, etc.

PORTARIA, s. f. (archit.) porta grande que dá entrada para um edificio religioso, separada do portal ou entrada principal do mesmo por onde se caminha para a egreja.

«São as mais notaveis o tecto da escada de um palacio no Campo Pequeno, pintado a fresco, e o da *portaria* de S. Vicente, feito a oleo em 1710.» Cyr., *Mem.*, p. 181.

PORTICO, s. m. do lat. *porticus*, fr. *portique*, it. e hesp. *portico*, ing. *a portico*, (especie de galeria aberta com arcadas ou columnas, em que se passeia a coberto. Os mais celebres *porticos* da antiguidade eram os do templo de Salomão, que formavam o atrio e cercavam o santuario de Athenas, construidos para goso do povo, em que conversavam os philosophos; os de Roma, especialmente o de Pompeu, levantado por magnificencia, e formado de muitas ordens de columnas, de que Serlio nos deu o desenho. É notavel entre os modernos o *portico* da praça de S. Pedro do Vaticano em Roma. V. *Columnata*.

Os *porticos* servem ás vezes de formar o vestibulo dos grandes edificios: nos templos têem o nome de *pronaus*. Em o de Belem o *portico* forma *pronaus*, no palacio da Ajuda forma *vestibulo*; aos *porticos* pequenos chama-se *alpendres*. V. estes termos.

PORTO, s. m. do lat. *portus*, a mesma raiz de porta, fr. *port*, it. *porto*, (archit. hydr.) logar aberto á borda do mar ou rio, que dá entrada a navios e os abriga das tempestades. Os *portos* ou são naturaes ou artificiaes: a feitura d'estes pertence á architectura hydraulica, que deve sobretudo attender á maior commodidade dos vasos e dos desembarques, e em que a todas as conveniencias ajunte a segurança, a regularidade, e, quanto possivel, as boas

linhas, reunindo o util ao agradavel.

POSCENIO. V. *Proscenio*.

POSIÇÃO, s. f. do lat. *positio, onis*, fr. *position*, it. *posizione*, hesp. *posicion*, (t. comp.) situação do edificio em relação aos pontos do horisonte, direcção ou attitude dos membros do corpo, logar das figuras e dos accessorios de um quadro, logar da scena, etc. V. *Attitude*.

«... da *posição* de braços e pernas das figuras.» Mach. de Castro, *Analyse gr.*, p. 5.

POSITURA, s. f. do lat. *positura*, (pint. e esculp.) geito ou estado physico ou moral dos corpos (p. us.).

«Para o heroe... escolham-se as attitudes cujos membros sejam grandiosos, amplos e desiguaes nas suas *posituras*. Cyr., *Nov. Acad.*, p. 36. V. *Postura*.

POSTE, s. m. do lat. *postis* ou *pila*, fr. *pilier*, it. *pilastro*, hesp. *pilar*, ing. *pillar*, (archit.) especie de columna redonda e isolada, muito massiça, sem proporção, da figura dos pilares que sustentam as abobadas dos edificios. Tem tambem outras significações em architectura, sendo uma das mais notaveis o considerar-se o *poste* como sustentaculo de uma volta ou arco rampante de escadas.

POSTIGO, s. m. do lat. *postis* ou *ostiolum*, fr. *guichet*, it. *portella*, hesp. *postigo*, ing. *wicket*, (archit.) pequena porta dobradiça aberta na porta maior ou portão de praça, palacio, casa, etc.; pequena janella feita na porta com vidros, para dar luz e para evitar que esta se abra muitas vezes.

POSTURA, s. f. do lat. *positura*, fr. *posture*, it. e hesp. *postura*, (pint. e esculp.) attitude dos differentes membros de um modelo vivo, de uma figura ou estatua, etc.

> O rosto carregado, a barba esqualida,
> Os olhos encovados, e a *postura*
> Medonha e má...
>
> Camões, cant. v, est. 39.

«E se a tibia com o calcaneo fizessem má *postura* de pé...» Cyr., c. 4.ª, p. 28.

POUSSINESCO, adj. deriv. de Poussin, um dos pintores mais distinctos da escola franceza; quer dizer obra ou trabalho de pintura feito no gosto d'aquelle pintor.

PRAÇA, s. f. do lat. *platea*, gr. *platus*, fr. e ing. *place*, it. *piassa*, área ou espaço de figura regular ou irregular, proprio para edificios, (archit.) espaço grande e descoberto, ornado de edificios symetricos e magnificos, podendo ter a meio uma estatua, columna, fonte ou outro monumento, como é a praça do Commercio de Lisboa, a de Vandôme em París e a de Navonna em Roma.

Praça de armas: (archit. mil.) espaço fortificado e destinado para deposito de munições e petrechos de guerra, logar em que se fazem exercicios militares.

Praça, espaço: (desenho, pint.) toma-se no sentido de distancia ou gradação da luz e da sombra, e diz-se que tal ou tal desenho ou pintura não guarda as regras do claro escuro, porque não tem a *praça* sufficiente entre a luz e a sombra; e que por isso é duro e secco.

«Nas suas obras colloca os claros muito ao pé dos escuros, sem deixar uma *praça* sufficiente de meia tinta.» Cyr., *Conv.* 2.ª, 34.

PRANCHA, s. f. do h. lat. *planca*, formado de *planus*, chato, gr. *planche*, hesp. *tabla*, (archit. e gr.) tábua chata, larga e grossa, que tem differentes usos nas construcções: tabuinha de buxo com a devida grossura, bem nivelada e liza, que serve para gravar em madeira: tábua ou lamina de cobre ou aço preparado para receber o trabalho do gravador.

Este mesmo se applica ás chapas quando estão gravadas ou entre mãos do artista, dizendo-se que uma prancha está esboçada ou que está quasi acabada. V. *Chapa*.

«Gabriel Francisco Luiz Debrié era francez, gravou muitas *pranchas* para a *Historia genealogica*.» Cyr., *Mem.* 282.

PRANCHÃO, s. m. augm. de prancha, do fr. *madrier*, prancha grande e forte para construcções.

PRANCHETA, s. f. diminut. de *prancha*, (archit.) instrumento geometrico, que consta de uma tábua rectangular de madeira bem secca, que tem cêrca de 30 ou 40 centimetros em quadrado, e de uma régua graduada, que serve de levantar plantas e se usa mesmo sobre o terreno.

PRANTA. V. *Planta.*

PRÁSIO, s. m. do lat. *prasius*, gr. *prason*, pedra preciosa de côr verde, de que ha tres especies: verde, amarella e ligeiramente amarellada.

PRATA, s. f. do cast. *plata*, lat. *argentum*, fr. *argent*, it. *argento*, ing. *silver*, barra de prata, metal branco, fino, malleavel, mais pesado e sonante que o oiro, e o mais precioso depois d'este, que por meio de differentes ligas e combinações serve para executar muitas obras d'arte.

De prata se formam estatuas, imagens, baixellas, lampadas, vasos, bacias, medalhas, etc.

PRATAS, s. f. pl. laminas ou peças de armadura antiga para defender o corpo.

PRATEADOR, s. m. ourives de prata, artifice que trabalha com folhas de prata ou em prata.

PRATEAR, v. a. cobrir de folhas de prata, dar o brilho e a côr de prata em obras d'arte, ou em outros objectos proprios para a receberem.

PRATICA, s. f. do lat. *praxis*, gr. *praktiké*, fr. *pratique*, it. *pratica*, hesp. *practica*, ing. *pratice:* é o exercicio manual ou a execução habitual de uma arte, que deve ser dirigida segundo as regras e os preceitos theoricos d'ella. A mais solida e bella theoria torna-se inutil se não é fecundada pela pratica. Muitos ha que sabem todos os preceitos de uma arte, sem comtudo chegarem a possuir o exercicio e a *pratica* d'ella. Outros pelo contrario praticam a arte sem a haverem estudado e conhecido as suas regras, e por isso jamais podem executar obras dignas de attenção.

«Muitos sabem a theoria, mas são rarissimos os que chegam a entender e manejar a *pratica.*» L. de Sousa, *V. do Arc.*, l. 5, c. 28. V. *Rotina.*

PRATICANTE, s. m., o que adquire e se exercita no manejo das obras d'arte, debaixo da direcção de professores e mestres d'ella.

PRATICAR, v. a. exercitar, pôr em execução trabalhos e obras de bellas artes.

PRATICO, s. m. o sujeito que possue a pratica das artes, (esculp.) em especial diz-se do artifice que mette pontos em estatuas, e approxima as obras de esculptura, para depois serem acabadas e aperfeiçoadas pelo professor ou artista que d'ellas se encarregou. Toma-se tambem como adj. e diz-se que tal ou tal sujeito é bom *pratico*, habilidoso ou dextro nos trabalhos das artes.

PRECIOSO, A, adj. do lat. *pretiosus, a, um*, de preço, diz-se em bellas artes de tudo que é excellente e acabado com a maxima perfeição; diz-se: um desenho *precioso*, um *precioso* colorido, um toque *precioso.*

PRECISÃO, s. f. V. *Correcção.*

PRECISO, A, adj. V. *Correcto, a.*

PRÉDIO, s. m. V. *Casa.*

PRÉGA, s. f. do lat, *plico, are*, dobrar ou fazer prégas, *flexus*, hesp. *pliegue*, fr. *pli*, it. *piega*, ing. *plait*, (pint. e esculp.) dobra, ruga nos pannos de linho, sedas, velludos, etc.

«A ordem das *pregas* sendo um effeito dos movimentos dos corpos, tambem dá vida aos mesmos membros, que parecem movel-as.» Cyr., *N. acad.*, p. 57. V. *Dobras, Olhete.*

PREGAR, v. a. do lat. *trudere*, fr. *chasser*, it. *cacciane*, hesp. *clavar*, ing. *to drive*, fixar, segurar com pregos a téla na grade para ser pintada.

PRÉGO, s. m. do lat. *clavus*, fr. *clou*, hesp. *clavo*, ing. *nail*, pequeno bocado de metal, bicudo n'uma extremidade, e n'outra com cabeça achatada ou redonda, que serve para fixar, suspender ou ornar alguma cousa.

Ha differentes especies de prégos em feitio e grandeza, que têem tambem diversos usos e applicações na arte da edificação. V. *Cravo.*

PRENSA, s. f. do lat. *pressus*, de *premo, ere*, espremer, *machina strictoria*, fr. *presse*, it. *torchio*, hesp. *prensa*, ing. *press*, em geral é machina armada de parafuso, ou de rolos que serve de apertar estreitamente qualquer cousa, e de que se servem os marceneiros, entalhadores e outros artifices para segurar as peças e folhas de madeira que pretendem serrar. As *prensas* com rolos usam-se nas impressões de estampas gravadas a talho-doce.

PRESA, s. f. V. *Dique.*

PRESBYTERIO, s. m. do lat. *presbyterium*, gr. *presbytérion*, de *presbyteros*, padre, (archit.) habitação ou casa do parocho, ou cura, junto á parochia, assim na cidade como no cam-

po, sustentada pelos parochianos, aos quaes presta os serviços espirituaes. Costume antiquissimo na egreja catholica, prescripto pelos concilios e confirmado pelo de Trento. (Sessão VII, cap. VIII.) Querem alguns auctores que este termo signifique tambem o espaço que se dá entre o altar-mór e a egreja, isto é, o espaço em que funccionam os ministros do culto.

PRESEPIO, s. m. do lat. *præsepe*, ou *presepis*, ou *præsepium*, significa: 1.º, todo o terreno fechado ou defendido por uma sebe ou vallado; 2.º, curral ou estrebaria; 3.º, mangedoura ou estabulo para animaes.

PRESEPIO, s. m. (pint. e esculp.) nascimento de Jesus Christo, salvador do mundo. Casa ou oratorio fechado em que se vê representado em vulto o mesmo assumpto n'uma estrebaria.

Ha n'este genero obras apreciaveis. O nosso esculptor plastico Antonio Ferreira foi o auctor do presepio que estava no convento da Cartuxa, e do que ainda existe no da Madre de Deus. O nosso estatuario Machado de Castro fez o presepio que se acha na sé de Lisboa, hoje bastante alterado por mão estranha. No palacio do marquez de Borba, a Santa Martha, havia um presepio composto de figuras e grupos da composição dos mais notaveis artistas, taes como Ferreira, Machado de Castro, Faustino J. Rodrigues, meu pae, J. J. de Barros, etc.

PRESSURIA, s. f. V. *Açude, Repreza de agua.*

PRETO, A, adj. V. *Negro.*

PRETORIO, s. m. do lat. *prætorium*, fr. *prétoire*, it. e hesp. *pretorio*, ing. *pretor's house*, (archit.) palacio ou casa em que o pretor dava audiencia e administrava justiça; algumas vezes tambem se toma por quinta ou casa de prazer do pretor. Havia pretorios em todas as cidades do imperio romano, e ainda em Languedoc appareceram os vestigios de um.

PRIMITIVO, A, adj. do lat. *primus, primitivus, a, um*, o primeiro, o que tem o primeiro logar na ordem das cousas, (pint.) côres *primitivas* são as sete côres que compõem o spectro ou prisma solar, de onde procedem todas as outras. V. *Côres.*

PRIMOR, s. m. *primo*, adj. des. verb, *or*, excellencia, perfeição, obra *prima* pela sua boa composição e perfeita execução; os *primores* da pintura, da esculptura, da architectura, da gravura, etc. Phrase verdadeiramente portugueza, que corresponde ao *chef d'œuvre* dos francezes. Assim devemos dizer: o quadro da Transfiguração de Raphael é uma *obra prima*, o Apollo de Belveder é um *primor* da esculptura, etc.

«... e os mausoléos de muitos excedem em riqueza e *primor* de desenho os dos maiores personagens.» Cyr., *Mem.*, 2.

«... tudo debuxado á penna com grande *primor* da arte.» Id., ib., p. 40.

PRIMOROSO, A, adj. que é executado com perfeição, com primor. V. *Aprimorado.*

PRINCIPAL, adj. dos 2 g., (figura) chama-se figura *principal* á que forma o sujeito de um quadro. Esta deve occupar o primeiro logar em qualquer composição; deve distinguir-se de todas as outras pelo seu acabamento, pela luz e toque especial. Deve, emfim, fazer-se notavel, diz M. de Piles, como um rei no meio da sua côrte.

Prima figurarum, seu Princeps dramatis ultrò
Prosiliat mediâ in tabulâ, sub lumine primo,
Pulchrior ante alias, reliquis nec operta figuris.
Du Fresnoy. *De art. graph.*

PRISÃO, s. f. do b. lat. *prisio*, fr. e ing. *prison*, it. *carcere*, hesp. *prision*, cadeia, carcere; cadeia, laço, grilhões, (archit.) edificio solidamente edificado para deter e castigar os criminosos.

Ha diversas especies de prisão, carcere, cadeia, casa de detenção, de correcção, etc. V. *Cadêa, Penitenciaria.*

PRISMA, s. m. do lat. e gr. *prisma*, fr. *priein*, que significa serrar ou cortar, (geom.) corpo solido, cujas bases oppostas são polygonos iguaes e parallelos, e as faces lateraes são parallelogrammos. A fórma e a natureza da base estabelece a natureza e fórma do *prisma*, e assim é *triangular, rectangular, pentagonal*, etc., quando a sua base é triangulo, ou rectangulo, ou pentagono. Em phy-

sica *prisma* se diz particularmente de um *prisma* triangular, em vidro branco, ou crystal, que serve para decompôr, pela refracção, os raios luminosos. V. *Espectro solar, Refracção.*

PRISMATICO, A, adj. da fórma de prisma, refrangido pelo prisma. Côres *prismaticas* são as sete em que o raio solar se divide.

PRIZÃO. V. *Prisão.*

PROFIL e seus deriv. V. *Perfil.*

PROFUNDIDADE, s. f. do lat. *profunditas, atis,* a altura desde a superficie até ao fundo, (geom.) profundidade, a terceira das tres dimensões dos corpos solidos.

PROJECÇÃO, s. f. do lat. *projectio, onis,* de *projicio, ere,* lançar adiante; em geometria chama-se *projecção* á representação de um objecto por meio de certas linhas, com todas as suas dimensões, que vão projectar-se n'uma superficie ou plano em que o desejâmos configurar.

Esta representação chama-se *orthographica,* se todas as linhas rectas tiradas do plano d'esse objecto são perpendiculares; e chama-se *perspectiva* ou de *coincidencia,* quando as linhas d'esse plano vão parar a um só ponto, apresentando o objecto tal como é visto.

Em termo d'arte toma-se ordinariamente como a representação de qualquer desenho em perspectiva.

PROJECTADO, A, p. p. de projectar, e adj. traçado, delineado não só na mente, mas no papel, no quadro, ou de qualquer modo por que as artes se manifestam.

PROJECTAR, v. a. do lat. *projecto, are,* fr, *projetter,* it. *designare,* hesp. *projettar,* ing. *to project,* (t. comp.) formar na mente e traçar ou configurar no papel o projecto de um edificio qualquer, ou geometrica ou perpendicularmente. Delinear a composição de um quadro, esboçar modelando em barro ou cera uma estatua, ou baixo relevo, etc.

PROJECTISTA, s. m. sujeito que fórma muitos projectos.

PROJECTO, s. m. do lat. *projectus* ou *delineatio,* fr. *projet,* it. *proponimento,* hesp. *projecto,* ing. *project,* (t. comp.) pensamento expresso em linhas, delineação de um edificio, de uma figura, ou composição de um quadro, de um grupo em barro ou cera, etc.

Memoria descriptiva de uma empreza, emprehendimento ou obra importante que se tenta executar.

PROJECTURA, s. f. do lat. *projectura,* it. *projettura* ou *aggeto,* saliencia, (archit.) sacada ou saliencia das cornijas, dos balcões das janellas, das abas do telhado, e em geral de qualquer corpo do edificio que excede ou sáe fóra do prumo da parede. Vitruv. V. *Saliencia.*

PROLONGA, s. f. peça de madeira redonda, revestida nos dois tôpos de corôas de ferro, tendo no inferior um espigão que entra na estaca que se quer cravar, e um cabo a meio da altura da *prolonga,* para a levar ao seu logar e transmittir-lhe a percussão do macaco. V. *Macaco.*

PROLONGAMENTO, s. m. acto de prolongar, (archit.) continuação de alinhamento, dilatação e augmento em linha horisontal do muro, da parede, do edificio, da estrada, etc.

PROLONGAR, v. a. do lat. *prolongo, are,* dar maior extensão, espaçar, tornar mais comprida a parede, o muro, etc.

PROLONGO, s. m. a mesma significação.

PROMPTO, EM PROMPTO, loc. adv. do fr. *croquis,* primeiras linhas lançadas de repente.

«E como trazia *em pronto,* e como contadas polos dedos, todas as despezas que fazia.» Sousa, *Vida de Fr. Barthol. dos Martyres,* l. I, c. XXIV. V. *Provas.*

PRONAU, s. m. do lat. *pronaus, i,* (archit.) portico na dianteira de um templo. *Vitruvio.*

«Consistia n'um espaço aberto por todos os lados, cercado de columnas e sobreposto por um frontão, collocado na frente principal do edificio, sendo ahi que se estabelecia o altar para os sacrificios, como se vê na gravura de um antigo templo, conhecido pelo nome de *Casa quadrada,* em Nimes.» *Diction. des antiq.*

PRONUNCIADO, A, p. p. de pronunciar, e adj. articulado, desenhado, representado com firmeza, exactidão e clareza. Desenho bem *pronunciado,* figura bem expressa e *pro-*

nunciada. Póde tomar-se ás vezes em sentido pouco favoravel.

PRONUNCIAR, v. a. do lat. *pronuntio, are,* de *pró,* diante, e *nuntio,* annunciar, (pint. e esculp.) entende-se pelo modo preciso, firme e claro com que se representam as obras de pintura e esculptura, da mesma sorte que se applica á precisão e clareza das palavras articuladas de um discurso. Assim um quadro, uma estatua, um desenho é bem expresso e articulado quando são bem desenvolvidas as partes que o constituem, quando as fórmas e as articulações dos corpos e de suas partes ahi se acham bem caracterisadas, segundo as regras da arte e as indicações elegantes da natureza, sem comtudo serem asperas e duras.

«Cujas articulações são resentidas e *pronunciadas* com aquella firmeza que só apparece nos corpos mais robustos.» Cyr., *Conv. 6.ª*, p. 29.

PROPLASTICO, s. m. do lat. *proplastice, es,* de *pró,* diante, e *plastice,* modelo, esculp.) primeiro modelo ou bosquejo em barro ou cera que o esculptor produz para servir de guia a outro mais estudado. — (p. us.). V. *Plastica, Plastico.*

PROPORÇÃO, s. f. do lat. *proportio, onis,* de *pro,* em comparação, e *portio,* porção ou parte; relação e conveniencia das partes de um objecto entre si, e com o seu todo.

Esta rasão de conformidade de numeros e de medidas é commum á pintura, á esculptura e á architectura, em cada uma das quaes se devem observar as melhores proporções, assim de seus membros comparados entre si, como d'estes com o seu todo. O corpo humano, que é a obra mais perfeita e complexa que saíu das mãos de Deus, é, e tem sido em todos os tempos, a regra da verdadeira belleza, e como tal tem d'ella derivado as boas proporções que se observam, mesmo na architectura, como o sentem com Vitruvio graves auctorês; a cabeça e a face humana são consideradas como a base e raiz das boas proporções; e os auctores que têem tratado de as estabelecer, fundados no estudo da natureza e no das estatuas antigas, dividem o comprimento da figura humana em oito partes iguaes á cabeça, ou em dez, iguaes á face ou rosto: cinco d'estas até ao meio do corpo, e as outras cinco até á planta dos pés, observando que o corpo tem de largura duas partes, e que o homem com os braços e mãos abertas, em sentido horisontal, tem de um a outro dedo maximo das mãos a mesma largura que tem de comprimento do alto do craneo até á planta do pé, etc. Estas medidas porém não se devem considerar em tanto rigor, que nos obriguem a seguil-as invariavelmente; pelo contrario, as boas proporções devem ser alteradas segundo a idade, o sexo e o caracter do sujeito que se pretende representar. Assim o vemos observado nas differentes estatuas do antigo, que são consideradas como o typo da belleza e das boas proporções.

«Muitos artistas, diz Winckelmann, são sabios na *proporção,* e poucos têem produzido o bello. Os mestres da antiguidade, tendo encarado o ideal da belleza como a parte mais sublime d'esta qualidade, tem subordinado a *proporção* a este ideal, e lh'a tem distribuido com uma liberdade desculpavel, quando apparecem rasões para tomarem este partido.»

PROPORCIONAL, adj. dos 2 g., do fr. *proporcionel,* que tem proporção com outra quantidade. V. *Linha.*

PROPORCIONAR, v. a. do lat. *proportio, onis, are,* observar as regras das proporções e das medidas mais proprias e convenientes.

PROPYLEOS, s. m. pl. do lat. *propilæum,* gr. *propylai,* alpendradas, galerias ou antes porticos, (archit.) Na architectura antiga dava-se este nome em sentido quasi analogo ao de Pronaus, a uma entrada vasta, monumental e aberta, circumdada de columnas, que os antigos algumas vezes usavam na frente de seus templos ou de edificios vastos e magnificos, taes são as construcções ainda existentes que formavam a entrada do circuito da cidadella, ou Acropole, em Athenas, e as do templo de Ceres em Eleusis.

PROSCENIO, s. m. do lat. *proscenium, pró,* diante, e *scena,* pavilhão, (archit.) nos theatros antigos gregos e romanos era a parte collocada na

frente da bôca do theatro, em que representavam os actores, logar descoberto e de uma fórma e decoração permanente. Nos theatros modernos é a parte que fica entre a orchestra e a platéa.

PROSOPOGRAPHIA, s. f. (rhet.) do lat. e do gr. *prosopon*, pesso, e *grapho*, descrevo, especie de descripção que tem por objecto as feições do rosto, a figura e a attitude de uma pessoa.

PROSPECTO, s. m. do lat. *prospectus*, de *prospicio, ere*, ver de longe, (archit.) representação optica de obras d'arte e da natureza, principalmente de edificios.

«E chamam os latinos a ver d'este modo *prospecto*, de onde vem *perspectiva*, e os gregos lhe chamam *optica*.» Filip. Nunes, *Art. da pint.*, p. 18.

Do grão Raphael de Urbino
Expressado em um *prospecto*
Maravilhoso, notavel,
De infindas figuras cheio.
Vieira Lus., *O ins. pint.*, p. 59.

Attonitos e aturdidos
Da machina do *prospecto*
Da grande egreja...
Id., p. 163.

PROSTYLO, s. m. do gr. *prò*, diante, e *stylos*, columna, (archit.) quer dizer templo ou edificio, que só tem uma ordem de columnas na fachada anterior, como é o templo da ordem dorica de Ceres em Eleusis, na Grecia. V. Vitruvio.

PROSTYRIDO, s. m. (archit.) nome dado por Vignola á chave ou fecho de uma arcada formada por um rolo de folhas de agua entre dois listeis e filetes, coroado por uma cimalha dorica.

PROTOTYPO, s. m. do gr. *protos*, primeiro, e *typos*, modelo, original ou primeiro modelo, que serve de typo e norma, que deve estudar-se e seguir-se. Assim as bellas estatuas gregas, os primeiros quadros de Raphael e as bellas ruinas de architectura antiga são *prototypos* para os que se dedicam ao estudo das bellas artes.

E que dos mesmos lavores
Dos taes *prototypos* frescos
Lhe armaria uma cercadura.
Vieira Lus., p. 43.

PROVA e PROVAS, s. f. do lat. *probo, are*, ensaiar, tentar qualquer meio de averiguar se uma pessoa ou uma cousa tem as qualidades exigidas.

Na arte de gravura chama-se *prova* ou *provas* á estampa ou estampas que o gravador faz extrahir da chapa para conhecer o estado em que se acha. Quando a *prova* é tirada logo depois de a haver terminado á ponta sobre o verniz, e da operação de a morder, chama-se *prova* de agua forte; quando a chapa está esboçada, *prova* de ensaio; e quando está acabada, chama-se *prova antes da letra*, á que é extrahida antes de se lhe gravar a inscripção, e *prova depois da letra* á que o é depois de se lhe haver gravado. Preferem-se aquellas a estas.

Provas de improviso ou repentinas em desenho, pintura e esculptura se chamam ás que fazem á sorte os concorrentes aos premios das academias em um praso de tempo determinado, em casas ou gabinetes fechados. V. os *Estatutos da academia de bellas de Lisboa, 1836*.

Determina-se outro dia,
Em que os debuxantes venham
Fazer as chamadas *provas*
Repentinas dos talentos.
Vieira Lus., *O ins. pint.*, p. 223.

PRUMAR. V. *Aprumar* e seus derivados.

PRUMO, s. m. do lat. *plumbo*, it. *piombo*, fr. *plomb*, chumbo, pequena peça de chumbo, de figura pyramidal suspendida n'uma linha ou cordel, com que se aprumam as estatuas e figuras.

PRYTANEO, s. m. do lat. *prytaneum*, (archit.) edificio em Athenas magnificamente decorado, onde se sustentavam á custa da republica os cidadãos benemeritos, que lhe haviam prestado serviços relevantes. N'este edificio havia um tribunal em que os senadores ouviam as partes e administravam justiça. Havia n'este logar um altar com fogo perpetuo á deusa Vesta, do qual cuidavam umas viuvas chamadas *Prytanitides*. Prytanêo vem do grego *pyr*, fogo, ou de *pyros*, trigo, porque no prytanêo sempre ardia o fogo, e n'elle se sustentavam os benemeritos da republica.

PSEUDO-DIPTERO, PSEUDO-PERIPTERO. V. *Templo.*

PULIDO, PULIMENTO, PULIR. V. *Polir, Polimento,* etc.

PULPITO, s. m. do lat. *pulpitum,* fr, *choire,* it. *pulpito,* hesp. *catedra,* ing. *pulpit,* (archit.) tribuna elevada na egreja para se recitarem n'ella discursos religiosos e se prégarem sermões; tem a fórma de cadeira quadrada ou redonda, fechada em fórma de balcão, que serve de ponto de apoio ao orador, tendo cupula na parte superior, para não se perder a voz nas abobadas da egreja. Os *pulpitos* podem ser feitos de pedra, alvenaria ou madeira, e podem ser ornados de esculpturas e pinturas. Os das egrejas de Santo Estevão do Monte e de Santo Eustaquio são os mais bellos de París. Em Portugal é entre outros notavel pela sua fórma e gosto de ornamentos o da egreja de Santa Cruz de Coimbra.

Chama-se tambem *pulpito* á cadeira em que os lentes ou professores das universidades e escolas ensinam as sciencias e artes.

Nos theatros antigos entre os romanos se dava tambem o nome de *pulpito* ao logar da scena *(proscenio)* mais vizinho da orchestra em que os actores recitavam os dramas

PUNÇADO, A, p. p. de punçar, adj. furado, aberto com o punção.

PUNÇÃO, s. m. do lat. *puginuculus,* pequeno punhal, hesp. *punzon,* fr. *poinçon,* (grav.) instrumento de ferro, aço ou outro metal, terminando em ponta, de que se servem os gravadores para abrir ou para gravar.

Entre os gravadores de cunhos se chama *punção* a um bocado de aço gravado em relevo, de que elles se servem para formar as matrizes das moedas e das medalhas.

«Em 82 (João de Figueiredo) fez o *punção* do retrato da senhora D. Maria I.» Cyr., *Mem.*, p. 279.

PUNÇAR, v. a. gravar, abrir ou fazer uso do punção por meio do balancé ou da pressão.

«... fazer um ferro, como punção, em que esteja aberto o modo que melhor vos parecer, e com elle *punçai.*» Filip. Nunes, p. 99.

PUREZA, s. f. do lat. *puritia,* fr. *puréte,* it. *purità,* hesp. *pureza,* ing. *pureness,* (t. comp.) em termos de arte é quasi synonymo de correcção, de finura e elegancia dos contornos do desenho, e tambem do seu limpo e completo acabamento, sem exagerações que deturpem a simplicidade e verdade da natureza. É igualmente applicavel ás outras artes plasticas, e mesmo á genuidade e frescura das côres.

«Póde ser que seja agradavel á vista pela *pureza* do desenho.» Machado de Castro, *Descrip. anal.*, p. 171.

PURO, A, adj. do lat. *purus,* fr. *pur,* it. e hesp. *puro,* ing. *a pure,* genuino, claro, correcto, sem mancha ou maneira estranha; desenho *puro,* tinta *pura.*

PURPURA, s. f. do lat. *purpura,* do gr. *porphura* ou *porphyra,* fr. *pourpre,* (pint.) materia colorante de um roxo violeta, extrahida de uma concha do Mediterraneo.

PURPURINA, s. f. materia colorante vermelha, existente na ruiva dos tintureiros: bronze preparado para pintar; pequenas escamas de purpurina com que se enfeitam os terraços e montanhas de presepios.

PYCNOSTYLO, s. m. do gr. *pychnos,* apertado, e *stylos,* columna, (archit.) é o menor entre-columnio de Vitruvio, que consta de um diametro e meio ou de tres módulos. V. *Entre-columnio.*

PYLÃO, s. m. do gr. *pylon,* portal, (archit.) nome que modernamente se applica aos portaes dos monumentos egypcios.

PYRAMIDAL, adj. dos 2 g., que tem a figura ou similhança de pyramide.

PYRAMIDAR, v. a. do lat. *pyramis, idis.* Os artistas, principalmente do seculo passado, tinham como regra absoluta, que uma boa composição devia offerecer a fórma *pyramidal;* assim dispunham as massas maiores ou menores de suas composições, em todos os generos da arte plastica, de modo que tivessem uma base larga, e terminassem em angulo ou pyramide. Esta regra, observada sem o devido criterio, obrigava-os algumas vezes a forçar as composições e a faltar ao desenvolvimento de suas idéas, segundo as variadas

fórmas que os objectos apresentam: hoje, porém, tem sido modificado este pretendido axioma nos differentes ramos da arte.

PYRAMIDE, s. m. a mesma origem: (archit.) chama-se *pyramide* a um corpo solido, cuja base póde ser quadrada, triangular ou polygonal, e cujas faces lateraes dos planos vão reunir-se a um só ponto chamado *vertice:* em architectura chama-se *pyramide* a qualquer monumento executado em fórma de *pyramide.* Taes monumentos costumam levantar-se para commemorar algum acontecimento singular: as *pyramides* quadrangulares ainda hoje são lembradas pela sua grandeza e antiguidade; sendo varias as opiniões sobre a sua distinação, é comtudo certo que um dos motivos da sua erecção era o conservarem n'ellas as cinzas de seus imperadores. A *pyramide* de C. Ostius em Roma é tambem um monumento funerario.

PYRAMIDOGRAPHIA, s. f. do gr. *pyramidis,* e *grapho,* quer dizer descripção das pyramides.

Q

QUADRADO, A, p. p. de quadrar, adj.: da fórma de um quadrado: raiz *quadrada,* é o numero que multiplicado por si mesmo dá o numero *quadrado,* v. g., 2 é a raiz quadrada de 4. Homem *quadrado* considerado physicamente é o que tem espaduas largas, de estatura regular, porém muito reforçado: considerado moralmente é o varão perfeito, que nas adversidades da vida é sempre o mesmo. Estes homens *quadrados,* diz Vieira, nascem poucas vezes no mundo.

Quadrado de reducção se chama em geometria á reducção de uma qualquer figura em um quadrado equivalente, não podendo jamais obter-se esta transformação, senão approximativamente por meio de figuras curvilineas.

QUADRADO, s. m. do lat. *quadratus,* (geom.) figura plana de quatro lados rectangulares, iguaes e parallelos.

QUADRANGULAR, adj. dos 2 g., do lat. *quadrangularis,* (geom.) que tem quatro angulos: o quadrado, o parallelogrammo, o rhomboide, o trapesio são figuras *quadrangulares: pyramide quadrangular* é a que tem por base qualquer d'estas figuras.

QUADRANTE, s. m. do lat. *quadrans, tis,* a quarta parte do dia, ou espaço de seis horas, quarta parte do circulo; (archit. e esculp.) superficie circular ou quadrada de um relogio, com as respectivas divisões, enriquecida de molduras e ornamentos, como é o *quadrante* do palacio de París, obra do esculptor Germano Pilon.

Quadrante solar, gnomon, estylo ou ponteiro, que marca n'um relogio as horas por meio da luz ou da sombra: ha-os *horisontaes, verticaes, equinoxiaes, sphericos, convexos* e *concavos, cylindricos,* etc.

Quadrante hydraulico é o que serve de marcar as horas pelo movimento da agua, como a Clepsydre de Cresibio, narrado por Vitruvio no liv. 9, c. 9.

QUADRAR, v. a. do lat. *quadro, are,* (pint.) dar a fórma quadrada: *quadrar* um numero.

QUADRATURISTA, s. m. do it. *quadrotorista,* (pint.) pintor que trabalha em architectura e ornamentos. V. *Decorador.*

QUADRATRIZ, s. f. assim se chamam em geometria a muitas curvas transcendentes, e em particular áquella que dizem ser inventada por Dinostrato, para resolver os problemas da trisecção do angulo e da quadratura approximada do circulo. É uma curva mechanica que se fórma pela intersecção dos raios de um quarto de circulo com uma régua, que se move com uniformidade e parallelamente a um dos raios extremos d'esse quarto de circulo.

QUADRATURA, s. f. do lat. *quadratus,* quadrado, (geom.) reducção de uma qualquer figura a um quadrado de igual superficie, cuja reducção nunca póde ser senão approximativa, postoque d'aqui nasça a celebre questão da quadratura do circulo, de que Montuella nos deu uma descripção historica conhecida com o titulo de *Histoire des recherches sur la quadr. do circ.,* reimpressa em 1831 com as notas de Lacroix.

Os italianos chamam com pouca

propriedade *quadraturas* e *quadraturistas* ás pinturas de architectura e aos pintores que pintam a fresco molduras e ornamentos.

QUADRETO, s. m., diminut. de quadro.

QUADRICUBICO, A, adj. quadrado e cubico.

QUADRICULA, s. f., a mesma origem, instrumento ou medida de que usam os artistas para copiarem um desenho, estampa ou painel, reduzindo-o ou augmentando-o por meio da *quadricula*, que consiste em tirar sobre o original linhas perpendiculares, e cruzal-as com outras horisontaes, formando quadrados iguaes, numerando-os e trespassando-os ao papel ou quadro de maior ou menor dimensão, para ir copiando com exactidão os differentes objectos que se acharem mettidos nos espaços de cada um dos mesmos quadrados.

QUADRICULAR, v. a., usar de quadriculas para copiar com exactidão e justeza um desenho, estampa, painel ou outra obra da natureza ou da arte. V. *Graticula.*

QUADRIL, s. m. do b. lat. *ancha*, it. *anca*, (anat.) saliencia produzida pelos ossos iliaco e coxal da bacia onde se articula o *femur*.

QUADRILATERAL ou QUADRILATERO, A, adj. do lat. *quadrilaterus*, (geom.) figura que tem quatro lados.

QUADRILONGO, s. m. (geom.) quadrado longo ou parallelogrammo.

QUADRINHO, s. m. diminut. de quadro, pequeno quadro ou painel.

QUADRO, s. m. do lat. *quadrum*, it. *quadro*, (pint.) painel pintado em madeira, panno, cobre, ou mesmo sobre parede, ou outra materia, fechado ou circumscripto por moldura.

Chamam-se *quadros de cavallete* aos que são de pequena dimensão, e aos grandes, ou sejam pintados a fresco nas grandes paredes e abobadas dos edificios, ou em grandes télas, a oleo ou a tempera, chamam-se ordinariamente paineis. V. este termo.

Os quadros recebem differentes denominações segundo as differentes especies e sujeitos que representam: assim ha *quadros* de *historia*, de *genero*, de *paizagem*, de *flores*, de *marinhas*, etc. V. *Quadrado.*

«A lamina e o *quadro* peregrino dá brados á consciencia.» Vieira, *Serm. da 3.ª dom. da quar.*

QUAREÓGRAPHO, s. m. novo instrumento, por meio do qual se póde desenhar uma perspectiva com a maior exactidão.

QUARTEAR, v. a. (archit.) dividir em quatro partes ou repartimentos: madeirar um andar com vigamentos *quarteados*, isto é, espaçando as vigas ou cortando-as em quatro partes iguaes: (braz.) dividir o escudo em quatro partes ou em quatro côres.

QUARTEIRÃO, s. m. do fr. *quarteron*, a quarta parte de um cento ou vinte e cinco, (archit.) uma das quatro vigas que atravessam a casa: (braz.) a quarta parte em que se divide o escudo.

Quarteirão: o grupo ou ajuntamento de casas ou predios separados por meio de ruas ou travessas, e diz-se fallando de uma cidade ou villa com predios regulares: 1.º, 2.º, 3.º, 4.º, 5.º, 6.º *quarteirão* da rua Aurea.

QUARTEL, s. m. do fr. *quartier*, lat. *castrum*, it. *quartiere*, hesp. *barrio*, ing. *quarter*, (archit. mil.) edificio proprio para aquartelar e acommodar soldados, assim chamado porque ordinariamente é construido com quatro faces e a rez do chão. V. *Caserna.*

QUARTELLA, s. f. (archit.) peça de madeira ou pedra que serve de sustentaculo a outro objecto maior:— misula para firmar e apoiar algum corpo.

«*Quartellas* guarnecidas com suas folhagens.» *Chron. de Con. Regr.*, p. l. 7–97.

QUARTO, s. m. do lat. *quartus*, a quarta parte de uma quantidade ou medida, (archit.) divisão ou repartimento de casas n'um qualquer edificio, com diversas dimensões, segundo a sua applicação e destino, mas ordinariamente em fórma de quadrado ou quadrilongo, e assim diz-se *quarto* de dormir, *quarto* de vestir, *quarto* de estudar, etc. V. *Apartamento, Gabinete.*

QUARTO DE CIRCULO, s. m. do lat. *circuli quadrans*, (geom.) é a quarta parte da circumferencia de um *circulo*, que contém 90 graus, e

que forma a abertura do angulo recto.

Quarto de circulo ou *quadrante* se chama a um instrumento formado da quarta parte do circulo dividido em 90 graus, em minutos e segundos, com uma *alidade* ou régua movel, tendo um oculo fixo ou movel, que serve para tomar alturas, distancias e fazer muitas operações, que tem relação com a astronomia e outras sciencias, e que tambem tem applicação á architectura.

Quarto de redondo, (archit.) os praticos chamam assim a todo o contorno de moldura circular, traçado a compasso, que tem 90 graus ou se approxima d'esta figura, a que os architectos chamam óvano. V. este termo.

QUARTZ ou QUARTZO, s. m. t. allemão que designa a *silice* pouco pura, que se offerece no reino mineral em muita abundancia, e que constitue muitas variedades, cujo caracter em geral é ser tão duro e da natureza de pederneira. A primeira e principal especie de *quartz* é o *hyalin* ou *crystal de rocha*, de ordinario crystallisado, sem côr e transparente; quando o *quartz* é colorido, tem differentes nomes, como topazio, amethista, etc., que tão apreciados são nas artes.

QUEBRADAS, adj. pl. (côres) (pint.) assim chamam os pintores á discreta mistura das tintas que lhe modifica e gradua a sua natural viveza, de modo que d'esta combinação resulta uma graciosa harmonia.

QUENTE, adj. dos 2 g., do cast. *caliente*, lat. *calens, tis*, de *caleo, ere*, aquecer, (pint.) chamam os pintores *quente* ao colorido vigoroso, em que se combinam as côres que têem mais relação com o fogo, taes são o vermelho e o amarello, para o distinguir do colorido frio e pouco animado, em que reinam o alvaiade e o roxo.

QUICIO, s. m. gonzo de porta, eixo. V. *Gonzo*.

QUIMERA. V. *Chimera*.

QUINA, s. f. do gr. *gonia*, angulo, (archit.) angulo, esquina, isto é, o corpo ou solido que faz angulo ou aresta viva. As *quinas* portuguezas são os cinco dados que se representam em pintura ou relevo no brazão de armas portuguezas, nas moedas, nas medalhas, nos sellos da nação, etc.

QUINCUNCE, s. f. disposição de arvores plantadas em xadrez de maneira, que de qualquer ponto que se olhem sempre offerecem uma linha recta. Este mesmo nome se dá ao logar ou terreno assim arborisado.

QUINTA, s. f. V. *Casa de campo*.

QUINTUPLO, A, adj. do lat. *quinque*, cinco, e *duplex*, dobrado, (geom.) o duplo de cinco ou dez partes. A symetria do corpo humano em geral chamaram os antigos *quindupla*, que é a proporção entre dois e dez. V. *Proporções*.

R

RABISCA ou RABISCO, s. f. risco ou traço de lapis ou penna, dado a fugir, sem correcção. V. *Traço, Risco*.

RABISCADOR, s. m. o que dá traços ou riscos á toa. Toma-se em sentido desfavoravel.

RABISCAR, v. a. deriv. de rapido e riscar: (des.) tracejar, lançar riscos com rapidez, sem pensamento firme e determinado, sem expressão de fórmas.

«E se for para *rabiscar*, lavem-no o vermelhão como o azul.» Fil. Nunes, p. 86.

RABO DE ANDORINHA, do fr. *queve d'aronde*. V. *Entalho*.

RABO DE RAPOSA, do fr. *queve de renard*, ajuntamento de raizes, que penetrando nos canos dos aqueductos os entupem.

RABOTE. V. *Rebote*.

RACHA. V. *Fenda*.

RACHAR. V. *Fender*.

RADIAÇÃO. V. *Irradiação*.

RADIAL, adj. dos 2 g., radiante, (pint. e esculp.) corôa *radial* é a corôa resplandecente com que os antigos pintores ornavam as cabeças dos deuses, e que os estatuarios imitavam por meio de raios de bronze dourados, collocados nas frontes das estatuas, principalmente na de Jupiter. O nimbo das medalhas, e a aureola dos santos são especies de corôas *radiaes*. V. *Nimbo, Aureola*.

RADIAR, v. a. do lat. *radio, are*, lançar, expedir luz.

RAINURA. V. *Ranhura*.

RAIO ou RAYO, s. m. do lat. *ra-*

dius, fr. *rayon*, it. *raggio*, hesp. *rayo*, ing. *ray* ou *radius*, traço ou filete de luz emittido de corpo lucido; podem os *raios* ser directos, reflectidos, parallelos, convergentes, etc.

Chama-se *raio* em geometria a uma linha recta, tirada do centro a um ponto qualquer da circumferencia do circulo; é um semi-diametro, em que todos os raios são iguaes, por isso que todos partem do mesmo ponto.

RALO, s. m. do fr. *egrilloir*, ing. *a grate*, (archit.) folha de metal traspassada de pequenos furos, que serve nos locutorios das religiosas, para fallarem sem serem vistas: —, grade de madeira em xadrez ou zelogia para janellas e portas; peça de metal ou lagea de pedra furada por onde escorrem as aguas ou outros liquidos.

RAMADA, s. f. de rama, ramos de arvore grandiosos e dilatados: — (archit.) cobertura tosca de casa feita de tábuas, a modo de *ramada* das arvores, que defende do sol e ar.

«Alpendre, nem *ramada*.» Oliveira, *Advert. aos mod.*, p. 156.

RAMAES, s. m. pl. do lat. *ramuli*, (archit. milit.) pequenas galerias praticadas debaixo do caminho coberto de uma obra, para communicar a muitos fornilhos de mina, feitos debaixo do terreno da campanha.

RAMAL, s. m. de ramo, mólho, cordão: — (archit.) caminho de ferro: lanço de estrada dividida em ramaes ou diversas partes.

RAMOS, s. m. pl. da mesma origem, membro ou parte do tronco das arvores. *Ramos* de arcos, (archit.) porções de arcos que nascem de um só tronco ou summidade. *Ramos* de ogivas ou ogivaes, assim chamam os architectos aos arcos das abobadas gothicas, que tomam uma direcção diagonal.

RAMPA, s. f. do fr. *rampe*, plano inclinado e continuo, que estabelece communicação entre dois pisos de differente altura: —, (archit.) balaustrada geral que guarnece as escadas de qualquer edificio, cujos balaustres, presos e coroados por uma platibanda, podem ser de pedra, marmore, madeira, bronze ou ferro: as rampas podem ser direitas, curvas ou em resalto. Dá-se ás mesmas escadas e aos seus pisos o nome de *rampa*.

RAMPANTE, adj. do lat. *declivis*, fr. *rampant*, (archit.) assim se chama a todo o terreno ou piso que não é nivelado, e que tem mais ou menos inclinação ou declive; por extensão se applica o termo a algumas peças ou partes de architectura, dizendo arco *rampante*, corrimão *rampante*.

RANHURA, s. f. do *canaliculus*, fr. *rainure* ou *renure*, it. *scanalatura*, hesp. *muesca*, ing. *groove*, (archit.) canal feito em prancha de madeira, pedra, bronze ou outro metal para n'elle receber a parte proeminente de outra peça ou para servir de corrediça. V. este termo.

RAPANTE, adj. dos 2 g., do lat. *rapantis*, (braz.) leão *rapante*, isto é, representado no escudo das armas em postura de rapar ou de raspar a terra com as garras e unhas saídas. «O leão ha de estar *rapante*.» *Nobiliarch. port.*, p. 218.

RAPHAELESCO, A, adj. dos 2 g., deriv. de Raphael, (pint.) estylo e modo de compor e pintar, seguindo o gosto d'este pintor: pincel *raphaelesco*, maneira *raphaelesca*.

RAPILHO. V. *Pedra pomes*.

RASCUNHAR, v. a. (des. e pint.) fazer apontamentos delineando em algum papel, tábua, parede ou outra superficie; quasi esborretear, bosquejar.

«E vão *rascunhando* o que querem.» Filippe Nunes, *Art. da pint.*, p. 62 ou 74.

RASCUNHO, s. m. deriv. de rascar e unha. *Alicujus rei imaginem, rudibus lineamentis deformare*. Vitr. Delineamento pelo maior ou feito grosseiramente; minuta ou bosquejo para depois se esboçar e estudar.

«Tambem no claustro, em uma das capellas que estão no vão da parede, ha um quadro da Assumpção da Senhora de igual merecimento; d'este mesmo se achou o *rascunho* n'um livro de desenhos, que por morte de Bento Coelho ficou a certo *curioso*.» Taborda, *Ens. pict.*, p. 165.

RASGADO, A, p. p. de rasgar, e adj. aberto, fendido, desenhado com franqueza e liberdade: olhos *rasgados*, bôca *rasgada*, porta *rasgada*, ou de grande abertura.

RASGAMENTO, s. m. abertura artificial, principalmente em obras

de architectura; o rasgamento dos arcos, das janellas, da estrada, da rua, etc.

RASGAR, v. a. do gr. *rhassó*, romper, rasgar; (des. e archit.) abrir mais os olhos, a bôca; *rasgar* as paredes, os corredores, etc.

RASGO, s. m. do fr. *cadeau*, hesp. *rasgo*, ing. *a flourish in weiting:* traço franco e rapido, feito com a penna, lapis ou pincel, ou seja para formar letras ou para desenhar, e configurar os objectos da natureza. Os *rasgos* dos grandes mestres conhecem-se e avaliam-se pela grandiosidade, franqueza, expressão e simplicidade das fórmas. Taes são os rasgos de Raphael, Miguel Angelo, Poussin Le Seur; e dos nossos Gaspar Dias, Amaro do Valle, Viciras, Sequeira e outros.

RASGUNHO, (ant.) V. *Rascunho.*

RASOURA, s. f. do lat. *rádula*, fr. *racloir*, it. *rafiera*, hesp. *rasero*, ing. *grater*, instrumento formado de uma lamina de aço, encabado em madeira, de que usam os marceneiros e embutidores para tirarem as rebarbas e asperezas que deixa o rebote ou os entalhos nas superficies das madeiras.

Ha tambem com este nome outro instrumento de aço, de que se servem os gravadores em maneira negra para tirarem e arrazarem a grã ou granito feito no cobre com o arco cortante da faceta *(biseau).*

RASPA, s. f. V. *Groza.*

RASPAR, v. a. V. *Grozar.*

RASPADOR, s. m. do lat. *scalpimentum* ou *rádula*, fr. *grattoir* ou *racloir*, it. *rastiatojo*, hesp. *raspador*, ing. *a scraper*, (grav.) instrumento de aço temperado e encavado de que se servem os gravadores.

RASPAGEM, s. f. do fr. *grattage*, o acto ou o exercicio de raspar, tirando com o raspador as asperezas de alguma superficie.

RAYO, s. m. V. *Raio.*

REALÇADO, A, p. p. de realçar, e adj. relevado, sobresaído.

«Figura... *realçada* com vivas côres.» Cyr., *N. acad.*, 38.

REALÇAR, v. a. fazer sobresaír, (des., pint. e esculp.) avivar a luz ou as côres: sobresaír ou resaltar um desenho, um quadro, uma estatua ou qualquer obra d'arte. Sobresáe ou realça um desenho feito a lapis, deixando o papel branco nos logares altos e convenientes que lhe sirvam de *realces: realça* o quadro pela judiciosa applicação de côres vivas e fortes. *Realça* a estatua pela intelligente disposição das massas e das convenientes inflexões proeminentes e reentrantes que possam attrahir o bom effeito da luz, etc.

«Nós sabemos que tambem os esculptores d'aquelle bom tempo, para que *reálçassem* as partes principaes do corpo, quando as cobriam de roupas, eram quasi lizas, e enchiam de muitas pregas todo o resto, para ajudarem assim o effeito do claro escuro.» Cyr., *Conv. 4.ª*, 59.

REALCE ou REALÇO, s. m. (des., pint. e esculp.) claro vigoroso, toque vivo e brilhante que faz sobresaír o desenho, o quadro, ou outra obra d'arte: lisura, elevação e proeminencia necessaria na estatua, para que sirva de *realce* nos logares convenientes.

REALISMO, s. m. V. *Idealismo.*

REBAIXAMENTO, s. m. a acção ou trabalho de abater ou rebaixar o terreno, ou qualquer superficie.

REBAIXAR, v. a. diminuir ou abater, excavando ou gastando, (t. comp.) *rebaixa-se* a altura do terreno, — a couceira da porta, — o peitoril da janella, — o plintho da estatua, etc.

REBAIXO, s. m. tem a mesma significação de abaixar diminuindo, e tambem a de abrir canaes ou estrias nas pedras. V. *Ranhura.*

REBARBA, s. f. do hesp. *rebarba*, excrescencia, (esculp. e grav.) os esculptores chamam *rebarbas* aos traços ou ligeiras excrescencias, que apparecem nas estatuas ou em outras obras de esculptura, vasadas em gesso ou cera, produzidas pelas differentes juntas dos tacellos das matrizes, em que se introduz o gesso ou cera, no acto de lhe applicar o liquido: o mesmo acontece nas obras fundidas em metaes.

Os gravadores chamam *rebarbas* ás asperezas ou excrescencias que produz o buril no acto de traçar o cobre com mais ou menos profundeza.

REBARBAR, v. a. do fr. *ebarber*, (esculp. e grav.) tirar as rebarbas dos objectos de esculptura, vasados em

gesso, cera ou metaes: raspar e gastar com instrumento proprio as excrescencias do cobre ou outro metal.

REBITAR. V. *Arrebitar*.

REBOCADURA, s. f. trabalho de rebocar.

REBOCAR, v. a. do lat. *crispare* ou *arenato inducere*, fr. *crepir*, it. *intonacare*, ing. *to roug-cast*, (archit.) empregar a capa de argamassa sobre o emboço ou encasque das paredes, e outras partes do edificio, para depois as guarnecer de cal, ou para serem simplesmente branqueadas: Vitruvio chama-lhe *arenatum opus*.

REBOCO, s. m. composição de cal e areia ou de argamassa para rebocar.

REBOLO, s. m. fr. *mallard*, pedra redonda que gira sobre uma caixa de agua, em que se amolam varios instrumentos e ferramentas que servem nas artes fabris.

REBÓRDO, s. m. fr. *collet*, (archit.) pequeno intervallo que fecha o baixo de um degrau de escada, e a extremidade do lado do sustentaculo da mesma: parte mais estreita de uma escada de leque: grossura de uma parte mais proxima do olho da machafemea. Tambem se diz dos tubos entalhados para facilitar sua reunião.

REBOTE, s. m. do lat. *rádulum*, fr. *rabot*, it. *pialla*, hesp. *recochete*, ing. *a joinr's plane*, instrumento maior que a plaina, com ferro cortante, de que usam os carpinteiros, marceneiros e outros artifices, para raspar, alisar e aplainar madeiras.

RECALCAR, v. a. repetir o calque, recalcar as camadas.

RECALÇAR, v. a. tornar a calçar, repetir o calço. V. *Calçar*.

RECALQUE, s. m. assim chamam os praticos ao abatimento mais ou menos sensivel do macisso de cantaria ou alvenaria das abobadas ou arcos, quando se lhe tiram as cambotas.

RECAMAR, v. a. do lat. *acu variare*, fr. *broder*, it. *ricamare*, hesp. *recamar*, ing. *to embroider*, bordar de relevo, relevar com bordados.

«As roupas *recamadas* de oiro.» Vieira, t. 4, 194.

RECAMO, s. m. do fr. *recame*, bordado: lavor feito sobre algum panno com fios de retroz ou de oiro com agulha.

«Era um lavor, e *recamo* de oiro.» Vieira, t. 2, p. 16.

RECAMPIR, v. a. do fr. *echampir*, (pint.) tornar a fazer o campo de um quadro; avivar-lhe as côres. V. *Campir*.

RECEPTACULO, s. m. do lat. *receptaculum*, fr. e ing. *receptacle*, it. *ricettacolo*, hesp. *receptaculo*, (archit.) bacia que recebe as aguas de muitos aqueductos e canaes, d'onde se faz distribuição para differentes logares. V. *Reservatorio*.

RECHUPAR, v. a. tirar o suco, resequir, (pint.) tintas que apparecem nos quadros sem as suas côres, por se acharem seccas e faltas de verniz que as anime e restitua ao seu tom natural.

RECOBRIR, v. a., (pint. e esculp.) tornar a cobrir um quadro ou pintura, ou seja com téla ou com outra tinta; sobrepor uma pedra a outra, principalmente em obras de ornamentos e molduras.

RECONSTRUCÇÃO, s. f. acção de tornar a construir ou edificar.

RECONSTRUIR, v. a. tornar a reedificar, construir.

RECONTROS DE ABOBADA, s. m. pl. V. *Rins*.

RECOPIAR, v. a. repetir o que se havia feito ou copiado; tirar copia de copia que se fez, ou seja em desenho, pintura, esculptura ou qualquer ramo de bellas artes.

RECORTADO, s. m. qualquer figura ou objecto separado pelos córtes.

RECORTAR, v. a. (tintas), (des. e pint.) separar, desunir por meio de córtes: tal é a expressão de que usam os artistas para significarem a dureza dos contornos no desenho, e a falta da devida doçura e harmonia nas côres do quadro e na passagem inverosimil das tintas.

RECÓRTE, s. m. toma-se pelo contorno duro e separado, que conduz a um modo de senhar ou pintar aspero e secco. Designa tambem qualquer objecto d'arte recortado em panno ou papel, ou para servir assim ou para ser applicado sobre um fundo que o faça sobresaír.

RECOZER, v. a. tornar a cozer ao lume, (pint.) os pintores sobre vidro recozem as suas pinturas ao fogo.

RECOZIMENTO, s. m. (pint.) operação pela qual os pintores sobre vidro, ou em esmalte, fixam melhor as côres, expondo as obras pintadas á acção do fogo.

RECTANGULO, A, adj. do lat. *rectus*, e *angulus*, (geom.) que tem angulo recto, o que se póde dizer, v. g., de um triangulo, que tem um angulo recto, ou de um parallelogrammo que tem os quatro angulos rectos, mas então toma-se o termo como substantivo.

RECTANGULAR, adj. dos 2 g., (geom.) applica-se a todas as figuras e fórmas que têem angulos rectos.

RECTILINEO, A, adj. do lat. *rectilineus*, (geom.) que tem ou é formado de linhas rectas.

RECTO, A, adj. do lat. *rectus*, de *regere*, ir em linha recta; reger direito, não inclinado ou curvo.

RECUNHADO, A, p. p. de recunhar, e adj. cunho feito ou cunhado de novo.

RECUNHAR, v. a. (grav.) cunhar de novo a moeda, a medalha, ou a efigie de alguem. V. *Contra-cunhar*.

RECURSADO, A, p. p. de recursar, e adj. (desus.) escorçado, mettido em perspectiva.

RECURSAR, v. a. (desus.) (des. e pint.) escorçar, metter a figura humana ou qualquer parte d'ella em perspectiva. F. de Holl.

RECURSO, s. m. (des. e pint.) escorço, modo e regra de representar em perspectiva a figura humana.

Recursado. «Fazer na pintura com boa rasão e intelligencia qualquer figura ou parte d'ella em *recursado*, tambem depende da perspectiva, mas o commetter em desenho tal empreza não é outorgado senão a um muito esperto e discreto homem, e de que se confie não poderá errar, porque certo o *recurso* na pintura, muitos o querem fazer e muito poucos o fazem.» Holl., *Arte ant.*, p. 73.

«Perdoae-me e lembrae-vos que nos *recursados*, e vistos por baixo ha muito que fazer.» Holl., *Dial. de tirar pela nat.*, p. 19.

REDENTES, s. m. pl. (archit.) são os resaltos que se fazem de espaço em espaço na construcção de um muro ou muralha sobre o terreno inclinado, para conservar o nivel n'esses intervallos. Tambem se dá este nome aos resaltos que se fazem nas fundações ou cavoucos por causa da maior ou menor consistencia do terreno, ou por ser muito sensivel a sua declividade.

É termo tambem empregado na architectura militar, para designar os angulos salientes e reintrantes feitos nas circumvalações.

REDONDO, A, adj. do lat. *rotundus*, de *rota*, roda, rotundo, de fórma circular, globosa. V. *Rotunda*.

REDUCÇÃO, s. f. do lat. *reductio, onis*, conversão ou passagem do estado ou de um logar para outro, (t. comp.) em geometria significa a operação pela qual se converte uma figura para outra exactamente similhante, em ponto mais pequeno.

Em desenho, pintura e esculptura se entende e toma na mesma significação; e diz-se *reducção* de um desenho, de um quadro ou estatua, usando para esse fim de differentes methodos; o da gradicula é muito exacto e conhecido geralmente dos artistas e curiosos.

Moll, Colas, Sauvage e outros têem inventado processos mechanicos pelos quaes se reduzem com precisão e fidelidade as obras e objectos mais difficeis das artes plasticas.

REDUZIR, v. a. do lat. *reduco, ere*, fr. *reduire*, hesp. *reducire*, ing. *to bring into*, copiar exactamente um desenho, quadro ou outra obra d'arte em ponto mais pequeno, usando para isso de differentes meios e processos.

REDUZIVEL, adj. dos 2 g., que se póde ou deve reduzir ou diminuir.

REEDIFICAÇÃO, s. f. do lat. *reedificatio, onis*, (archit.) a execução ou acto de reedificar um palacio, um templo, um predio ou qualquer edificio caído, arruinado ou quasi inhabitavel.

REEDIFICADOR, s. m. toma-se, ou pelo architecto e pessoa que dirige a reedificação, ou pela que a determinou e fez a despeza por sua conta.

REEDIFICAR, v. a. do lat. *reædifico, are*, (archit.) tornar a edificar, reconstruir, recompor.

REENTRANTE, adj. dos 2 g., do fr. *rentrant*, que torna a entrar,

(geom.) diz-se do angulo cujo vertice volta para dentro do edificio. V. *Angulo.*

REENTRAR, v. a. tornar a entrar, (grav.) passar o buril nos talhos de uma gravura, em que não tem mordido sufficientemente a agua forte para vigorar os traços, a fim de lhe dar mais força em certas partes.

REFEITORIO, s. m. do lat. *cœnatio* ou *cœnaculum*, fr. *refectoire*, it. *riffettorio*, hesp. *refitorio*, ing. *refectory*, (archit.) sala grande, de ordinario collocada no pavimento baixo, ou medio do edificio, com janellas altas, em que uma communidade toma a refeição.

O *refeitorio* dos padres benedictinos, em Veneza, feito pelo desenho de Palladio, passa por ser um dos mais bellos que se conhecem; o da abbadia de S. Diniz, em França, pelo mais arrojado e valente; o do extincto convento de Mafra, em Portugal, é tambem espaçoso, regular e bem construido.

REFENDER, v. a. tornar a fender, passar os ferros ou instrumentos proprios sobre a pedra, madeira, marfim, chumbo, etc., para cavar ou abrir mais certos logares, a fim de receberem mais sombra, ficando as partes contiguas mais relevadas.

REFENDIDO, A, p. p. de refender, e adj. reaberto, tornado a fender, rebaixado. «Pilares *refendidos*». *Insul.*, 10, 44: moldura *refendida*, caveto mais *refendido*.

REFENDIMENTO, s. m. acção ou trabalho de refender.

REFLECTIR, v. a. do lat. *re*, pref. e *flecto, ere*, dobrar, retroceder, repercutir qualquer corpo elastico, como a luz, o sol, o calor: o espelho reflecte a luz e a imagem dos objectos; a concavidade reflecte o som e a voz.

REFLECTOR, s. m. (phys.) apparelho destinado a reflectir os raios luminosos, caloricos ou sonoros. Chama-se especialmente assim aos espelhos metallicos, por meio dos quaes se concentra sobre um ponto dado a luz ou o calor de um fogão luminoso ou calorico.

REFLEXÃO, s. f. do lat. *reflexio, onis*, (phys.) repulsão de corpo elastico, ou seja de raio de luz, de som ou de calorico, pelo encontro de outro corpo opposto.

REFLEXAR, v. a. a mesma origem, (des. e pint.) dar reflexos em desenhos e pinturas. Nos desenhos em papel de côr usa-se de gessete ou lapis branco para os *reflexar;* nos quadros usa-se de côres convenientes, segundo a natureza dos objectos reflectidos. V. *Reflectir.*

REFLEXIBILIDADE, s. f. propriedade que tem um corpo para ser ou admittir reflexão.

REFLEXO, s. m. do lat. *reflexus*, it. *riflesso*, (des. e pint.) luz reflectida.

Entende-se em desenho e pintura pela luz reflectida ou reflexa sobre um corpo por objectos mais ou menos proximos, de que resultam effeitos differentes em força e côr, segundo a vivacidade da luz, a qualidade das materias e a disposição e fórma dos objectos.

Este termo toma-se tambem como adjectivo, e diz-se corpo *reflexo*, figura *reflexa.*

REFRACÇÃO, s. f. do lat. *refractio, onis*, (phys.) quebra ou desvio da linha recta que a luz soffre passando pelo meio da outra. O estudo da *refracção* pertence á dioptrica. Chama-se angulo de *refracção* ao angulo que forma o raio refractado com o prolongamento da normal ou perpendicular elevada ao ponto de encontrar o raio com o segundo meio sobre o plano de incidencia; plano de *refracção*, chama-se ao plano do angulo de *refracção.* Um raio incidente não dá nascimento em geral mais do que a um só raio refractado, e então chama-se *refracção* simples. Chama-se *refracção* dobrada ao phenomeno que se apresenta em certos corpos, como o espatho de Islanda, o crystal de rocha, etc., nos quaes um só raio incidente dá origem a dois raios refractos. Segue-se depois que os phenomenos da *refracção* simples se reduzem assim: 1.º, o plano de *refracção* coincide sempre com o plano de incidencia; 2.º, a relação dos senos de incidencia e de refracção é constante pelos mesmos meios: esta relação chama-se o *indice de refracção;* 3.º, todo o raio que cáe perpendicularmente sobre a superficie com-

mum dos dois meios não é refractado e segue o andamento em linha recta; 4.º, a *refracção* é mais forte á medida que o raio cáe mais obliquamente; 5.º, se o meio no qual entra um raio de luz é mais denso que aquelle que elle deixa, se elle passa, por exemplo, do ar para a agua ou da agua para o vidro, o raio, refractando-se, approxima-se da normal se ao contrario se afasta, passando de um meio mais denso a outro menos denso.

REFRACTATIVO, A, adj. (phys.) refrangente, que causa uma refracção.

REFRANGENTE, adj. dos 2 g., do lat. *refrigens entis*, p. p. de *refrigo*, que refrange ou quebra.

REFRANGER, v. a. do lat. *re* e *frango* ou *refringo, is, ere*, (phys.) desviar os raios da luz da sua direcção recta, como faz o prisma, a agua, etc.

REFRANGIBILIDADE, s. f. (phys.) propriedade de refranger.

REFRESCAR, v. a. do lat. *refrigerare*, it. *rinfrescare*, beneficiar com refresco, melhorar: — (pint.) limpar os quadros velhos e resequidos, retocal-os nos logares em que se acham gastos e sem tinta, passando-lhes e applicando-lhes algumas mãos de bom verniz, para lhes avivar as côres.

«Simão Baptista, que se applicou depois aos ornatos, e *refrescou* o tecto da capella mór dos Paulistas, obra do Pimenta.» Cyr., *Mem.*, p. 113.

REFUNDIR, v. a. do lat. *refundo, ere*, it. *rifondere*, tornar a fundir: — (grav.) refundir o metal para de novo fundir o cunho ou modelo: —, na gravura de agua forte é adoçar, aquecendo o verniz da chapa, o traço do calculo, repassando depois sobre elle a ponta com a ligeireza conveniente.

REGISTO. V. *Registro*.

REGISTRO, s. m. do lat. *regesta*, cousa registrada, f. *registre*, it. *registro*, hesp. *rejistro*, ing. *a register*, (t. comp.) alem da accepção ordinaria em que este termo é recebido, de livros em que se registra qualquer cousa, assento de mercadorias, de despezas, de nomes, etc., significa:

1.º Chave de fonte, que é uma peça de bronze ou de outro metal, que deixa saír ou veda a agua das fontes.

2.º Chave de orgão, de piano, ou de outro instrumento.

3.º Pequenas estampas de santos gravadas, *(effigies)* ou de passos da escriptura sagrada, que servem não só para assignalar e registrar livros devotos, mas tambem para servirem á veneração e orações dos fieis.

Alguns gravadores de merito se têem dado a este genero de trabalho dentro e fóra do paiz, entre os quaes são bem conhecidos os *registros* de Joaquim Carneiro da Silva, de Gaspar Froes Machado e de outros.

«Joaquim Carneiro da Silva, logo que veiu (das suas viagens) abriu um S. José em pé com o menino ao collo. Em 67 fez a Senhora do Rosario no estylo de Maratta.» Cyr., *Mem.*, p. 285. V. *Chave*.

REGRA, s. f. a mesma origem, norma ou preceito para se fazer alguma cousa; principios e *regras* por que se ensinam as sciencias e as artes; d'aqui as *regras* da grammatica, da logica, da pintura, esculptura, etc.

Regra se chamava entre os gregos á famosa estatua de Policleto, onde as proporções e os preceitos da arte eram tão bem desempenhados, que por excellencia lhe chamavam a *regra*.

REGRADOR, s. m. ponteiro para dar regras: —, estylo ou instrumento de abridor e gravador.

REGRAR, v. a. regrar, (des. inf.) traçar linhas com a regua ou dar traços com ordem e regra; regular os traços.

REGRAXAR, v. a. (pint.) pintar sobre qualquer objecto dourado ou prateado, de modo que se deixe ver, pela transparencia da tinta, a côr do oiro ou da prata sobre que é applicada.

REGRAXO, s. m. (pint.) os pintores de imagens chamam *regraxo* á pintura que dão sobre qualquer objecto dourado ou prateado, ficando transparecendo a côr do oiro ou prata. Para este fim preparam a tinta com oleo graxo e verniz de gomma copal.

REGOA. V. *Regua*.

REGUA, s. f. do lat. *regula*, fr. *regle*, it. *regola*, hesp. *regla*, ing. *a rule*, é um instrumento comprido, direito, chato, com as superficies parallelas, feito de madeira, metal ou

outra materia, por meio da qual se tiram linhas direitas sobre qualquer superficie plana. As *reguas* são um instrumento commum, mas principalmente applicado ás artes nobres, ás mechanicas e ás industriaes, e tem differentes dimensões e denominações, segundo os variados usos a que são applicadas; por exemplo: *regua* de apparelhador, que tem de ordinario 12 ou 16 decimetros de comprido; *regua* de assentar cantaria, que tem 3 metros ou mais de comprido, a que os latinos chamam *amussium; regua* de reducção, etc.

REGUÃO ou REGRÃO, s. m. augment. de regua e regra, regua muito grande em comprimento e largura.

REGULETE, s. m. deriv. de regua, do fr. *reglette* ou *bandelette*, (archit.) pequena moldura chata e estreita, que serve para dividir as almofadas das paredes e sobrepostas: separar as partes e entrelaçar os ornamentos. O *regulete* distingue-se do filete ou listel, não só porque tem a similhança de uma regua, mas porque representa só, sem relação com qualquer moldura. Os latinos chamam-lhe *tæniola*.

REINHURA. V. *Ranhura*.

REINTRANTE. V. *Reentrante*.

RELEIXO, s. m. (archit. e esculp.) saliencia, avançamento ou escoamento de um muro; — caminho estreito no extremo de um fosso nos baluartes; — talud de um canal, etc.

Em esculptura é a face cortante dos ferros que se applicam aos trabalhos em madeira ou pedra, a essa face angulosa chamam os artistas *releixo*.

RELEVADOR, A, s. m. e f. o modelador ou esculptor que modela em relevo, ou o pintor que o finge por effeito do claro-escuro. V. *Esculptor*.

RELEVAGEM, s. m. a acção ou exercicio de relevar ou levantar obctos de relevo, de modelar.

RELEVAR, v. a. do lat. *relevo, are*, levantar, (pint. e esculp.) fazer sobresaír qualquer obra de pintura por effeito da luz e sombra ou do claro-escuro: —, dar vulto e relevo real ás obras de esculptura, levantando-as do seu plano.

RELEVO, s. m. do it. *relievo*, fr. *relief*, (pint. e esculp.) saliencia real ou apparente dos objectos naturaes ou artificiaes. V. *Baixo-relevo*.

RELICARIO, s. m. do lat. *capsa*, fr. *reliquaire*, it. e hesp. *reliquiario*, ing. *a sharine for relicks*, (esculp.) especie de cofre ou caixa portatil, de fórma e decoração variavel, em que se guardam reliquias. Na edade media, os relicarios acompanhavam e eram parte integrante do enfeite de homens e mulheres.

REMATAR, v. a. do lat. *rima, fenda*, e *atar*, acabar, concluir, ou *opus absolvere*, fr. *finir, aboutir*, it. *finire*, hesp. *rematar*, ing. *to finish*, acabar rematando,—pondo-lhe a ultima parte ou ornato. Acabar, rematar uma obra qualquer de bellas artes, pondo-lhe a corôa ou o remate.

REMATE, s. m. do lat. *extremum* ou *fastigium*, fr. *amortissiment*, it. *col. mo d'una fabrica*, hesp. *remate*, ing. *finishing*, (archit.) objecto que serve de terminar ou rematar um edificio, ou outra obra d'arte: applica-se especialmente ao grupo, estatua, vaso ou outros quaesquer objectos que rematam a parte superior da fachada de um edificio. Assim uma cruz sobreposta na parte superior do frontispicio de um templo, serve-lhe de symbolo e de *remate*. A estatua de Gil Vicente sobre o angulo culminante do frontão do theatro de D. Maria II, é o seu *remate*, etc.

RENASCENÇA s. f. ou RENASCIMENTO, s. m. do lat. *renascor, ci*, tornar a nascer, fr. *renaissance*, it. *rinascimento*, hesp. *renacimiento*, ing. *regeneracion*, (t. comp.) termo adoptado pelos litteratos e artistas para designarem a resurreição ou regeneração das letras e das artes nos seculos XV e XVI, devida á protecção dos Medicis e do papa Leão X, na Italia, e á de Francisco I, em França. Depois da invasão dos barbaros do norte, os gregos, perdendo a patria e a liberdade, se refugiaram em Constantinopla, d'onde sendo expulsos por Mahomet II, vieram para a Italia, e ahi ensinaram os romanos e espalharam o gosto das bellas artes, que dentro em pouco tempo se diffundiu por todo o Occidente, creando um novo genero, que se chamou da *renascença*, fazendo desapparecer o chamado estylo gothico. A esculptura, a pin-

tura e mórmente a architectura tomaram uma nova direcção e caracter que se approximou do antigo, como se observa no palacio de S. Marcos em Roma e n'outros edificios. V. *L'histoire de la renaissance des lettres, ao* xve *siécle,* de M. I. P. Charpentier; *Le moyen âge et la renaissance,* par M. Paul Lacroix, etc., París, 1840.

RENDILHADO, A, p. p. de rendilhar, e adj., (archit.) o mesmo que feito ou esculpido ao gosto e ao modo de renda. V. *Arrendar:* é termo usado pelos auctores das memorias da Batalha e de Thomar.

RENDILHAR, v. a. (archit.) fazer ou representar um desenho, pintura ou esculptura, e ornatos em fórma e gosto de rendas bordadas.

RENQUE, s. f. do lat. *séries,* fr. *rang,* it. *ordine,* hesp. *ringlera,* ing. *rank,* (archit.) ala ou fileira de differentes cousas em linha recta e duplicada: — *renque* de calçadas, — de pavimentos diversos, — de arvores. V. *Ala.*

RENTE, adv., fr. *ras,* contracção de *rasonte,* cortado ou affeiçoado ao nivel do chão ou da terra, feito ao rez ou superficie do solo.

REPAIRAR, REPAIRO. V. *Reparar, Reparo.*

REPARAR, v. a. do lat. *reparare,* e concertar, fr. *reparer,* it. *riparare,* hesp. *reparar,* ing. *to repair,* (t. comp.) em architectura — restabelecer, concertar uma casa ou edificio arruinado. Em pintura restaurar uma obra de pintura pelos meios convenientes. Em esculptura restabelecer uma estatua ou outra obra mutilada ou estragada pelo tempo ou mau trato dos homens, retocar com os instrumentos proprios os exemplares de gesso ou cera extrahidos das fôrmas, tirando-lhes as rebarbas, e aperfeiçoando algumas faltas e asperezas. It. retocar ou cinzelar as obras de bronze. Em gravura reparar os talhos, e aprofundal-os nos logares em que se acham gastos.

REPAROS, s. m. pl. o acto ou trabalho de concertar, restabelecer ou reparar e retocar as obras d'arte.

«Organisado pois, e fixo este esqueleto de ferro no fosso onde a estatua se havia de fundir, seguiu-se fazer-se no mesmo esqueleto o macho da fôrma, por direcção do mesmo engenheiro, e incrustado com as ceras o dito macho, fiz os ultimos *reparos* ás mesmas ceras.» Mach. de Castro, *Descrip. analy.,* 236.

REPARTIÇÃO. V. *Repartimento.*

REPARTIMENTO, s. m. V. *Distribuição.*

«N'este espaçoso palacio
De nobres *repartimentos.*»
Vieira Lus., 169.

REPARTIR, v. a. V. *Distribuir.*

REPASSADO, A, p. p. de repassar, e adj., que torna a passar, revisto, ornado de listras, franjas, etc., (t. de braz.) enlaçado: *dois dragões batalhantes com os rabos repassados. Nobiliarch. portug.,* p. 147.

REPENTINO, A, adj. do lat. *repentinus, a, um.* Provas *repentinas.* V. *Provas.*

REPINTADO, A, p. p. de repintar, e adj., tornado a pintar, pintado de novo. (Toma-se em mau sentido.)

«E tendo sido *repintados,* parecem agora de outra mão.» Cyr., *Mem.,* 89.

REPINTAR, v. a. do lat. *denuo pingere,* fr. *repeindre,* it. *pinger di nuovo,* hesp. *repintar,* tornar a pintar, pondo uma tinta sobre outra; pintar de novo.

REPLANTAR ou REPLANTEAR, v. a., (archit.) tornar a marcar as linhas da planta de um edificio sobre a superficie dos alicerces.

RÉPLICA, s. f. acto de replicar, repetir: o mesmo que duplicação ou repetição de alguma obra d'arte.

«Na casa de Cadaval havia uma *réplica* d'esta pintura.» *(A Sagrada Familia.)* Cyr., *Mem.,* 102.

REPOLIR, v. a. polir, aperfeiçoar outra vez, tornar a repetir o acto de polir. *Repolir* a estatua, o ornamento, a chapa, etc.

REPOSITORIO, s. m. do lat. *repositorium,* fr. *reposoir,* (archit.) capella isolada e ás vezes portatil, mais ou menos decorada, com um altar, que se levanta em algumas ruas e n'outros logares publicos, para servirem de descanso na passagem de procissões, a fim de se fazerem ahi as estações ou commemorações dos Passos da Paixão do Redemptor, e mesmo para depositar sobre o altar o Santissimo Sacramento, nas procissões

da festa do corpo de Deus, como se pratíca em alguns paizes catholicos.

REPOUSO, s. m. do fr. *repos*, it. *riposo*, descanso: nas artes que dependem do desenho tem este vocabulo boa accepção. Por elle se entende a indispensavel necessidade que ha de dar ás obras de bellas artes os *repousos* ou descansos que a nossa vista exige e o nosso espirito reclama.

«Estes *repousos* se fazem de duas maneiras, diz M. de Piles, uma natural e outra artificial: a natural forma-se por uma extensão de claros e sombras, que seguem natural e necessariamente os corpos solidos, ou as massas de muitas figuras agrupadas, quando a luz cáe sobre ellas superiormente. A artificial consiste no corpo das côres que o pintor dá a certas cousas, de modo que lhe pareçam agradaveis, compondo-as de sorte que ellas não prejudiquem os objectos que lhe são proximos. A pintura deve ter *repousos* ou descansos como a musica.

«As muitas figuras de uma composição, ou representadas em attitudes muito vivas e muito brilhantes, embaraçam a vista e perturbam esse *repouso*, esse silencio que deve reinar em uma bella composição».

Fallando das obras de esculptura, diz M. Sally «Que tendo sabido preferir a um falso brilhante, um acordo harmonioso, e a um fusilar geral, *repousos* bellos, que fazem sobresaír as partes bem trabalhadas; que não tendo dado muito jogo ás ditas partes, nem carregado o todo de muitos ornamentos, se lhe tivesse sabido manejar as passagens das meias tintas entre os grandes claros e as fortes sombras, e que lhe não ficassem certos claros e sombras cortadoras, de que resulta um scintillar, que fere os olhos do espectador, etc.» Sally, *Descrip. da est. eq. de Frederico V.*

Chama-se *repouso* em architectura ao patamar ou logar em que se póde parar, ou tomar descanso entre os lanços dos degraus de uma escada, etc.

REPREGAR, v. a. preparar de novo, tornar a segurar com prégos um solho, uma porta ou janella, etc.

REPREGO, s. m. o acto de repregar o que estava mal seguro, ou se despregou.

REPRESA, s. f. do fr. *reprise*, (archit.) significa:

1.º Qualquer reparação ou concerto feito em um muro, ou seja nos fundamentos ou na parte superior;

2.º Especie de cachorro ou assento que serve de sustentar outro corpo, como estatua, busto, vaso, etc.;

3.º Cousa que embaraça ou represa a saída de aguas. V. *Eclusa, Comporta.*

REPRESENTAÇÃO, s. f. do lat. *representatio, onis*, ou *effigies*, fr. e ing. *representation*, it. *representazione*, (t. comp.) o acto de representar ou a mesma representação de imagens, figuras, ou seja em desenho, pintura ou em esculptura, que recorde alguma idéa ou facto, p. ex.: a representação da transfiguração de Raphael, n'este caso o termo equivale a *quadro.*

«*Representações* de cousas profanas, não se consentirão em procissões.» Liv. I da ord., t. 66, § 48.

«... na *representação* esculpturesca do ineffavel mysterio.» Mach. de Castro, *Anal. graf.*, p. 27, 38.

REPRESENTAR, v. a. do lat. *representare, effingire*, fr. *representer*, it. *figurare*, hesp. *representar*, ing. *to express*, (t. comp.) representar a idéa ou a fórma de objectos em desenho, pintura ou esculptura.

REPUXO, s. m. do lat. *declivitas*, fr. *pente*, it. *pendio*, hesp. *halda*, ing. *steepness*, (archit.) é a inclinação ou declive que interior e exteriormente se dá a um muro ou parede, para fortalecer mais os pés direitos, a que tambem chamam *talão, talud* ou jorramento.

Em architectura militar lhe chamam escarpa.—Encosto ou botaréo que escora um pé de arco, e o estriba para elle poder suster o peso.

Chama-se, emfim, *repuxo* a uma fonte architectonica, que lança ao ar espadanas de agua, como se vêem nos jardins e cascatas.—É tambem um ferro de que usam os marceneiros para cravar taxas na madeira.

RESALTAR, v. a. do lat. *resilio, ire, saltar*, (archit.) fazer sobresaír, relevar, dar vulto.

RESALTO, s. m. relevo, sobresa-

liencia, (archit.) applica-se principalmente ao relevo ou saliencia das molduras nos corpos de architectura, taes como os entablamentos, as cornijas, os avançamentos de alguns pequenos corpos.

RESENTIDO, A, p. p. de resentir, e adj. do fr. *ressenti,* pronunciado em demasia, quasi exagerado; applica-se ás fórmas resentidas dos corpos e á maneira talvez exagerada com que se marca e pronuncia a musculatura, seja em desenho, pintura ou esculptura. Miguel Angelo, com quanto fosse um grande artista, não pôde comtudo subtrahir-se ao criterio imparcial que o comprehende na censura de ser algum tanto exagerado e *resentido* na musculatura, sem duvida por ostentar a sua sciencia anatomica.

Em architectura dá-se geralmente o nome de *resentido* para significar a exageração dos contórnos nas differentes partes que a compõem.

RESERVATORIO, s. m. do lat. *receptaculum,* fr. *reservoir,* hesp. *receptaculo,* it. *serbatojo,* ing. *waterhouse,* (archit.) deposito de agua, collocado no interior dos edificios ou isolado; e consiste n'uma bacia grandiosa feita de alvenaria, fortemente construido com duplicada parede chamada de aduella, calçada ou lageada no fundo, como se pratica em varios pontos dos jardins para conservar a agua das fontes, taes são os quatro *reservatorios* de Montboron, em Versailles, em Saint-Cloud e em Marty. Ha-os tambem feitos de pedra, como o *reservatorio* das aguas livres em Lisboa.

RESINA, s. f. do lat. e gr. *retisi,* materia inflammavel e unctuosa, que entra na composição dos vernizes.

RESISTENCIA DOS MATERIAES. V. *Guia do operario,* p. 177, pelo sr. M. J. Julio Guerra, Lisboa, 1867.

RESPIROS, s. m. pl. do fr. *events,* aberturas nos moldes dos tubos de chumbo ou de fundição, para deixar saír o ar quando se lança o metal derretido. Tambem lhes chamam *ventosas.*

RESPIRADOURO, s. m. do lat. *spiramentum,* fr. *soupirail,* it. *spiraglio,* hesp. *respiradero,* ing. *breathing-hole,* (archit.) canal afunilado feito na grossura de um muro de fundação ou a prumo no alto de uma abobada, para dar ar e alguma luz ás cavas e a outros logares subterraneos dos edificios.

RESPLENDOR, s. m. do lat. *resplendeo, ere,* brilho, grande clarão, (pint. e esculp.) circulo de corôa de raios brilhantes, formada de oiro, prata ou outro metal, que se põe em volta da cabeça das imagens, de Jesus Christo, da Santissima Virgem e dos santos. V. *Auréola.*

RESTAMPA, s. f. (grav.) reimpressão de estampas.

RESTAMPAÇÃO, s. f. a acção de tornar a estampar.

RESTAMPAR, v. a. (grav.) repetir ou reimprimir estampas.

RESTAURAÇÃO, s. f. do lat. *restauratio, onis,* reparação, restituição, restabelecimento, o acto de reparar e restituir ao seu estado primitivo qualquer obra de arte.

RESTAURADOR, s. m. o que se dá ao exercicio e pratica de restaurar, principalmente pinturas.

RESTAURAR, v. a. do lat. *restaurare,* fr. *restaurer,* it. *ristorare,* hesp. *restaurar,* ing. *to restore,* repor no antigo estado, reparar; restituir qualquer obra d'arte ao seu estado primitivo.

Restaura-se um quadro antigo ou arruinado, umas vezes entretelando-o, trespassando-lhe o corpo das tintas a nova téla, e outras vezes betumando-lhe as falhas e applicando-lhe novas tintas com tal esmero e arte, que sem alterar as tintas originaes, haja tal homogeneidade de tons, que apenas deixe, mesmo a homens intelligentes, a duvida se foi ou não restaurado.

Restaura-se uma estatua em marmore, ou fazendo de novo um braço, uma perna ou outro membro importante, ou reparando estragos menos consideraveis; mas para que esta restauração seja feliz, cumpre que o não pareça, cousa certamente bem difficil de conseguir-se. Todos os homens versados na archeologia e historia da arte sabem qual o modo feliz por que Miguel Angelo restaurou o braço direito de Laocoonte; — e Guilherme de la Porta as pernas do Hercules de Glycon.

Restaura-se um edificio importante, renovando as partes destruidas sem perder o gosto e caracter da architectura que n'elle domina.

RESTUCAR, v. a. estucar de novo, estucar por duas ou mais vezes. V. *Estucar.*

RESVALO, s. m. (grav. e esculp.) escorregadura, applica-se aos gravadores e estatuarios, quando lhes escapa ou escorrega o buril ou cinzel da chapa, ou do logar do marmore, no acto de o applicarem aos seus trabalhos.

RETABOLO ou RETABULO, s. m. do fr. *retable,* (archit.) obra architectonica feita de marmore, madeira ou estuques, com que são decoradas as paredes fronteiras em que encostam os altares; a meio dos *retabulos* ha ordinariamente um quadro ou baixo-relevo. Nos altares á romana ou isolados, como são os do Vaticano, não ha *retabulos.*

Alguns escriptores chamam *retabulos* aos quadros dos altares, o que é erro manifesto. V. *Contra-retabulo.*

RETALHAR, v. a. do fr. *retailler,* (grav.) repetir os talhos na gravura: —, separar, dividir, cortando em partes, um modelo ou peça d'arte.

RETALHAR, v. a. cobrir outra vez com telhas, telhar de novo.

RETALHOS, s. m. pl. do lat. *segmina,* fr. *rognures,* it. *talhiaturas,* hesp. *retales,* ing. *shreds,* (pint.) pedaços e retalhos de pelles, de que usam os pintores para fazerem colla. V. *Colla, Collar.*

RETÁMEA, s. f. fecho superior do edificio. V. *Guia do operario,* p. 184.

RETICULADO, A, adj. isto é, em fórma de rede, (archit.) os architectos chamam construcção em fórma de rede ás pedras, que não tendo leitos rectos ou horisontaes são assentes em linha obliqua, para differença do massame, que é feito com pedras em perfeita esquadria, de que se usava antigamente.

RETOCADO, A, p. p. de retocar, e adj. tocado segunda ou mais vezes, aperfeiçoado com retoques.

«E foram grandemente retocados por Pedro Alexandrino.» Cyr., *Mem.,* p. 89.

RETOCAR, v. a. do lat. *expolire,* it. *ritoccare,* tornar a tocar, emendar, aperfeiçoar: (pint.) diz-se com particularidade das obras de pintura, aindaque tambem se póde applicar á esculptura, á gravura e a outros ramos das bellas artes e das bellas letras.

O professor habil, depois de haver estudado o seu quadro, torna a examinal-o, fazendo-lhe algumas correcções, com o fim de o melhorar e aperfeiçoar, e é a isto que se chama *retocar,* o que não só se entende dos proprios quadros, mas tambem dos quadros ou estudos de seus discipulos, ou, aindaque raramente, de um quadro de outro artista. Os retoques de mão alheia, aindaque seja habil, não são bem recebidos pelos intelligentes, e fazem perder o conceito do quadro, que d'este modo fica pertencendo a dois auctores.

RETOQUE, s. m. acção de dar a ultima pincelada — ou demão — de retocar obras d'arte ou de letras, — correcção, — aperfeiçoamento. (Pint. e esculp.) «Aindaque este quadro esteja assás desfigurado pelo tempo, e pelos muitos maus *retóques*». Cyr., *Mem.,* p. 71. «E a meu arbitrio estivesse dar-lhe ou não o *retoque* de cinzel, faltando-me essa pratica.» Mach. de Castro, *Descrip. anal.,* p. 243.

RETORNO, s. m. do fr. *retour,* it. *giro,* hesp. *retorno,* ing. *a retourn,* (archit.) perfil que forma um entablamento, ou qualquer outro membro de architectura em um corpo avançado. Por extensão chama-se *retorno* a todo o angulo de um edificio civil ou militar. Quando é recto chama-se *retorno em esquadria.*

RETRAÇAR, v. a. tornar a traçar ou a delinear: —, repetir o traçado, o desenho ou as primeiras linhas.

RETRATADOR, A, s. m. ou f. o artista ou pessoa que faz retratos. V. *Retratista.*

RETRATAR, v. a. do lat. *perfectè aliquem pingere,* fr. *faire un portrait,* it. *ritrarre,* hesp. *retratar,* ing. *portraiture,* (pint. e esculp.) tirar ou copiar do natural a imagem ou figura de alguma pessoa ou de qualquer objecto, de modo que em tudo fique similhante ao seu original. Esta representação ou copia póde fazer-se em simples desenho, em pintura ou esculptura.

RETRATISTA, s. dos 2 g., pessoa que se applica especialmente a tirar retratos.

RETRATO, s. m. de it. *ritratto*, lat. *effigies* ou *alicujus imago picta*, fr. *portrait*, hesp. *retrato*, ing. *picture*, imagem ou representação exacta e similhante de uma pessoa, produzida por meio das artes do desenho.

Os *retratos* fazem-se a lapis, á penna, a aguarella, a pastel, a têmpera, a oleo, em miniatura, sobre esmalte, sobre porcelana, em lithographia e ultimamente com o auxilio da photographia.

Fazem-se *retratos* em esculptura, de barro, gesso, pedra, marmore, bronze: em gravura de madeira, de talho doce, em cobre, em aço, e em cunhos e medalhas.

O primor de um *retrato* não consiste em uma fria similhança do original, mas na verdadeira expressão do seu caracter, do temperamento e de mais circumstancias da sua physionomia.

Quatro cousas se tornam precisas para que um *retrato* seja perfeito, o *ar*, a *côr*, a *attitude*, e os *accessorios*. O *ar* é o acordo das partes no momento que designa a physionomia, o espirito e o temperamento de uma pessoa. Apelles, segundo refere Plinio, executava os retratos com tal arte e similhança, que os astrologos pela simples vista dos quadros tiravam o horoscopo das pessoas representadas. O *colorido* ou a tinta nos retratos é essa efusão de natureza que de ordinario faz conhecer o caracter proprio e dominante de uma pessoa. A *attitude* é a postura ou antes a acção da figura. Conhece-se que a attitude deve ser consentanea á edade, ao sexo, ao temperamento e á qualidade. A arte encarrega-se de procurar momento favoravel em que as pessoas se apresentam bem e sem affectação ou constrangimento. As vestes e *accessorios* concorrem pela sua propriedade e boa disposição para se conseguir a similhança e primor de taes obras.

Chama-se *retrato historico* ao que é acompanhado de figuras ou attributos allegoricos.

Quasi todos os bons pintores historicos foram tambem retratistas, taes como Raphael, Ticiano, Rubens, Vandick, Paulo Veronez e outros. E póde-se affirmar que, exceptuando *Cyzico*, que era pintor retratista do tempo de Cesar, sómente depois do seculo XIV é que floresceram grandes pintores, simplesmente retratistas, taes como Reynolds, Rigaud, Latour e outros.

RETRETE, s. m. do lat. *cella familiarica*, Vitruv., fr. *retraite* ou *cabinet secret*, it. *laterina*, hesp. *retrete*, ing. *retreat*, (archit.) quarto retirado do interior das casas para serviço commum de sentina.

REVELIM, s. m. do fr. *revelin*, (archit. mil.) obra menor e exterior em fórma triangular ou de trapezio, com flancos a modo de baluarte, e se construe fóra das praças defronte das cortinas longas e logares mais fracos, começando logo alem da contraescarpa, cujo fosso se communica com o da praça, servindo para melhor defender os logares mais fracos e para melhor cobrir as portas, cortina, ponte, etc. Tambem lhe chamam meias luas, em logar de revelins. *Method. Lusit.*, p. 17.

REVERBERAÇÃO, s. f. do lat. *reverberatio, onis*, acção de bater, ferir, (pint.) reflexão da luz, do fogo, do calor, produzida pelos corpos que não absorvem os raios. São os corpos polidos que apresentam maior *reverberação*. O desenho e a pintura servem-se da *reverberação* como de um espelho para augmentar a luz. V. *Reflectir*.

REVERBERAR, v. a. do lat. *reverbero, are*, ferir com vara, (pint.) reflectir, repercutir a luz emanada de um objecto liso e polido, como de um elmo ou cóta de armas de fino aço, etc.

«*Reverberando-lhe* no semblante resplendores de luz eterna.» Sousa, *Vid. do arceb.*, t. II, p. 8.

REVERBERO, s. m. reverberação, reflexão da luz ou do fogo.

REVERSO, A, adj. do lat. *reversus, a, um*, que volta, (archit.) gola *reversa*. V. *Gola*.

REVERSO, s. m. do lat. *reversio, onis*, fr. *revers*, it. *revescio*, hesp. *reves*, ing. *revers*, reversão, volta pela parte posterior. O *reverso* da medalha ou moeda, a face opposta áquel-

la em que está a effigie, busto ou figura principal. Severim, *Notic.* V. *Averso.*

REVESSO, A. V. *Reverso, a.*

REVESTIMENTO, s. m. do fr. *revetement,* it. *revestimento.* hesp. *revestidura,* ing. *lining,* (archit.) a acção de recobrir, forro de revestimento, com que se fortificam e revestem as paredes, os tectos e os pavimentos ou sejam de madeira, de tijolo, pedra ou marmore, etc.

«... *revestimentos* e alizares de portas e janellas, feitos de pedra vermelha lustrada.» Negreiros, t. v, VII, v. (ms.) V. *Almofadados.*

REVESTIR, v. a. do lat. *re,* e *vestio, ire,* tornar a vestir, fortificar, recobrir, (archit.) pôr um forro ou capa externa nas paredes, abobadas, pizos e outras superficies. Significa tambem em architectura militar fortalecer com um muro de alvenaria ou pedra a escarpa ou contra-escarpa de um fosso; formar uma parede n'um terraço, para sustentar as terras, a que tambem se chama *um revestimento.*

REVEZ, s. m. reverso, avesso. V. *Averso, Reverso.*

REVIVER, v. n. do lat. *revivo, ere,* it. *revivare,* fr. *revivere,* hesp. *reviver,* ing. *to revive,* tornar á vida, resuscitar, (pint.) usa-se este termo para significar o brilho que o bom verniz e bem applicado produz nas côres dos quadros, que se achavam esmorecidos e quasi sem vida, por estarem, ou com as tintas rechupadas ou resequidas.

REVOLUÇÃO (da voluta), s. f. do lat. *revolutio, onis,* acto de revolver, (t. comp.) na linguagem scientifica o movimento de rotação de um corpo sobre o seu eixo. Em architectura civil significa a circumvolação da voluta de Vinhola, que é formada por tres *revoluções* em linha espiral, que a formam.

V. o *Tratado das cinco ordens de architectura,* de Vinhola, no *Compendio de architectura civil,* do sr. J. da C. Sequeira, p. 18 a 21, Lisboa, 1839.

REXA, s. f. do fr. ant. *rais,* hesp. *reja,* raio de luz, barra ou grade de ferro que se põe nas janellas (desus.).

«Janellas de pedraria com suas *rexas* de ferro.» *Vid. de F. de D. Barthol. dos Martyr.,* por Sousa, fol. 47, col. 2.ª

REZ ou RÉS, s. m. do lat. *rasus, a, um,* razo. Tomado como substantivo significa justeza, exactidão, e assim:

Rez da terra, razo, rente, nivelado com a terra. V. *Rente.*

Rez do chão, superficie igual e nivelada com o primeiro pizo ou pavimento da casa ou do edificio, etc.

Escada ao *rez da terra,* do lat. *solum,* fr. *rez-de-chaussée,* it. *rasente,* hesp. *raso* ou *rente,* ing. *level with the ground.*

RHINOPLASTICA, s. f. do gr. *rhin, rhinos,* nariz, e *plassó,* fabricar, afeiçoar: arte de refazer um nariz aos que o tem perdido. Começou esta arte na India, e d'ali passou á Europa.

RHOMBO, s. m. lat. *rombus,* gr. *rhombos,* (geom.) parellogrammo ou quadrilatero cujos lados oppostos são parallelos entre si, sem que os angulos sejam iguaes. Dá-se-lhe commummente o nome de *losange.*

RHOMBOIDE ou RHOMBOIDAL, adj. dos 2 g., do gr. *rhombos,* e *eidos,* fórma que tem a figura de um rhombo ou de um parallegrammo. Em anatomia chama-se musculo *rhomboide* por causa de sua fórma ao musculo dorso-scapular, que é coberto pelo trapezio, e se estende desde as apophyses espinhosas das vértebras dorsaes até ao bordo interno da omoplata.

RIBETES, s. m. pl. do fr. *nervures,* (archit.) artesões guarnecidos de faixas, fitas ou molduras. V. *Artezões.*

RICO, A, adj. do arab. *rik,* fr. *riche,* it. *ricco,* hesp. *rico,* ing. *rich,* abundante, opulento, (t. comp.) dizse em bellas artes de tudo que apresenta o typo e o cunho da elegancia, da conveniencia e do bom gosto. Assim é *rico* um edificio quando reune as convenientes condições, segundo a natureza do seu fim, e os bons typos da architectura classica e nobre; o mesmo se deve dizer a respeito de uma estatua, de um baixo relevo, de um quadro, etc.

RICOFEITIO, s. m. (p. us.) obra grosseira de esculptura, imagem, figura grosseira e tosca.

«Mais parecem *ricosfeitios* que verdadeiras imagens.» Vieira.

RIJEZA, s. f. V. *Dureza.*

RIJO, A, adj. V. *Duro, a.*

RINCÃO, s. m. do lat. *cuneus,* fr. *encognura,* it. *connio,* cast. *rincon,* ing. *corner's,* (archit.) é o angulo interior de um edificio, ou peça do mesmo aberta ou fendida em fórma de angulo interno, para n'elle se ajustar ou introduzir o macho da mesma peça. *Rincão* é contrario de esquina ou angulo exterior do edificio.

RINS (das abobadas), s. m. pl. do lat. *renes,* fr. *reins,* it. *renes,* hesp. *rins,* ing. *the reins,* (archit.) diz-se das abobadas, de suas partes triangulares, comprehendidas entre a linha de seus estrados, a do prolongamento de seus pés direitos, e a linha de nivel que passa pela sua summidade ou ponto mais elevado; algumas vezes são cheios de massame, e outras vezes ficam vasios, ou para tornar as abobadas menos pesadas, como nos edificios gothicos, ou para ahi fazer subterraneos, como nas pontes sobre as quaes se pretende construir casas. V. *Tympanos.*

RIPA, s. f. do gr. *ripai,* escora, lat. *scandula,* fr. *latte,* it. e hesp. *ripia,* ing. *a latte,* (archit.) tiras de tábuas estreitas e compridas, que servem para cobrir os fórros das casas, dos moinhos, e para differentes usos.

RIPADO, s. m. de ripa, (archit.) ajuntamento de ripas, tapume ou dividimento feito com ripas unidas entre si e seguras no terreno. «Chanfrados e *ripados*». Oliveira, *Adv. aos mod.,* p. 89.

RIPIO, s. m. pedra miuda ou fragmentos de tijolos, com que os alveneus enchem os intervallos que nas paredes deixam as pedras maiores. V. *Cascalho.*

RIQUEZA, s. f. de *rico,* des. *eza,* abundancia dos bens de fortuna, opulencia: (t. comp.) tem analogia com as obras d'arte, pelo que é phrase commum entre os artistas o dizer de uma obra d'arte, que ella tem riqueza de pensamentos, de composição, de colorido, de accessorios, etc.

RISCA, s. f. do fr. *repère,* traço, linha traçada ou rasgada, feita com lapis, penna, pincel ou ponteiro: (t. comp.) *riscas* da palma da mão, *riscas* da quadratura (quadricula), *risca* que os carpinteiros e outros artezãos fazem para acertar e assemblar differentes peças (p. us.);—*á risca,* adv. com exacção, correctamente. Desenho feito *á risca,* isto é, exactamente. V. *Desenho.*

RISCADOR, s. m. instrumento ou ponteiro de metal para riscar.

RISCADOR, A, s. dos 2 g., a pessoa que risca, que dá traços ou linhas.

RISCAR, v. a. do gr. *arassô,* romper, cortar, lat. *rescindo, ere,* (t. comp.) traçar, dar linhas, delinear, projectar em linhas edificios, figuras, animaes, etc. V. *Delinear, Desenhar.*

RISCO, s. m. a mesma origem, linha, traço feito com lapis ou outro instrumento. Toma-se tambem em concreto, significando o projecto em desenho de uma qualquer obra de arte. *Risco* de um palacio,—de uma cidade,—de uma figura, etc.

«O *risco* para a egreja da Memoria tambem era seu.» Cyr., *Mem.,* p. 190.

«Os *riscos* serão pretos.» Filip. Nun. *Art. da pint.,* p. 79.

RISONHO, A, adj. do lat. *jucundus, a, um,* fr. *riant,* it. *grato,* hesp. *risueño,* ing. *smiling,* (t. comp.) applica-se aos sujeitos agradaveis e alegres, que formam o assumpto de um quadro ou de um baixo-relevo, e ao logar ou sitio alto, claro, sadio, arborisado e revestido de todas as condições que o tornem appetecivel e *risonho,* ou para ser copiado por um famoso paizagista, ou para n'esse terreno edificar uma casa de habitação.

ROCA (imagem de), s. f. do arab. *roca* ou *ruca,* lat. *colus,* fr. *roc,* it. *masso,* hesp. *roca,* ing. *a rock,* (esculp.) união de fasquias de madeira, que, pregadas n'uma base ou plintho, se juntam entre si, em fórma quasi pyramidal até á cintura, cobrindo-se com algum genero de vestidura.

ROCA, s. f. crystal de roca, pedra a mais dura e menos propria para ser trabalhada.

ROCALHA, s. f. avellorio de vidro duro: pequenos vidros de côres ou vidrilhos.

ROÇAR, v. a. do lat. *ranco, are,*

abrir, cortar a pedra, roçando-a com um rego para a dividir e separar.

ROÇO, s. m. (archit. e esculp.) rego mais ou menos largo e fundo, que os canteiros abrem nas pedras para as dividir e cortar, conforme a applicação que d'ellas se faz nos trabalhos de edificação ou na execução de obras de esculptura.

ROCOCÓ, termo usado pelos artistas para designarem o caracter ou estylo dos ornamentos seguido no tempo de Luiz XIV.

RODA, s. f. do lat. *rota*, de *ruo, ere*, correr, fr. *roue*, it. *ruota*, hesp. *roeta*, ing. *wheel*, (t. comp.) peça circular, que gira sobre um eixo; peça circular de madeira de carvalho, formada de differentes partes, que se estabelece no fundo de um poço, sobre a qual se firma a primeira fiada de pedra ou de alvenaria secca, para fundar um poço ou a bacia de uma fonte: —, circulo de raios de madeira, redondos ou chatos, de uma flecha de torre ou da lanterna de um domo ou zimborio:—*roda* dentada, applicada a differentes usos;—*roda* hydraulica movida pela agua corrente, destinada a transmittir o movimento a um moinho ou a qualquer machina, etc.

RODAPÉ, s. m. do lat. *fulcimentum*, fr. *lambris d'apris*, it. *zocco*, hesp. *basa*, (archit.) base ou socco continuado, rente do chão, que serve de assento a outros corpos do edificio. O *rodapé* é termo mais especialmente applicado para designar a base ou faixa que corre a parte inferior das salas, quartos e outras accommodações interiores das casas.

RODELA, s. f. do lat. *rótula*, fr. *rondelle*, it. *rotella*, hesp. *rodela*, ing. *a little shield*, (t. comp.) significa: 1.º, escudo redondo; 2.º, osso que forma o joelho; 3.º, peça de ferro redonda, um pouco abaulada no meio, de que se servem os cabouqueiros, canteiros e esculptores para fazerem a rotação das pedras; 4.º, peça de metal ou couro, que se mette entre os eixos das rodas e n'outras machinas, para lhes facilitar o movimento. V. *Garrida*.

ROLDANA. V. *Moitão*.

ROLETE. V. *Borraina*.

ROLHA ou BATOQUE, s. f. do fr. *tampon*, (grav.) especie de bola composta de cotão ou algodão bem fino, envolvido em duplicado tafetá, tambem muito fino, para estender o verniz sobre as chapas de cobre.

ROLHÃO, s. m. augment. de rolha, do lat. *palanga*, (archit.) colo grosso de madeira, de que se servem os canteiros e alveneus para conduzirem com mais facilidade as pedras para as edificações.

ROLIÇO, A, adj. de rolo ou em fórma de rolo, (pint. e esculp.) expressão de que usam os pintores e esculptores para designarem a gordura dos meninos; corpos *roliços*, braços e pernas *roliças*.

ROLO, s. m. do fr. *rouleau*, hesp. *roleo*, (archit.) cylindro de madeira, pedra ou metal, que tem differentes usos nas artes industriaes; na architectura serve para mover pedras e outros materiaes pesados, e conduzil-os aos logares do seu destino com o auxilio da alavanca. Os *rolos* pesados de pedra servem para aplanar e nivelar a terra. Algumas vezes se toma como synonymo de enrolamento. V. este termo.

ROM, s. m. (pint.) tinta amarella, que vem da India.

ROMANCISMO ou ROMANTISMO, s. m. do ing. *romantick*. Novo genero de litteratura cultivado por escriptores que affectam seguir as idéas e gosto da edade media, em contraposição aos escriptores que seguem as regras da antiguidade classica. Corresponde em bellas artes este gosto e estylo ao dos quadros chamados de genero, que consiste na representação de scenas familiares, ou mesmo de assumptos propriamente romanticos, os quaes se podem reduzir a tres classes: *scenas cavalleirescas, scenas amorosas, scenas satyricas*.

A direcção, pois, que tomaram as artes na edade media foi de acordo com esse movimento geral que tomou a litteratura entre as regras do estylo classico e severo. Assim vemos que Santerre, Grimoux e principalmente Wateau, passando os limites da historia pelo seu modo singular de compor e de pintar, se tornaram pintores *romanticos*, no que os acompanharam Rembrant, Salvador Rosa e outros. A licença por elles tomada de se afas-

tarem das regras da arte, e de não seguirem o bello ideal, entregando-se aos seus caprichos e aos seus particulares sentimentos, guiados só pela natureza, constituiram isso a que se póde chamar genero romantico.

O *Romantismo* foi declinando desde os principios do presente seculo, e exceptuando alguns quadros rigorosamente de *genero,* foi renascendo na Allemanha, e depois na Italia o gosto e o estylo classico e severo pelos esforços de varios artistas.

Vêem-se hoje em Italia, diz um illustre escriptor, as academias oppostas ao romantismo, o genero baroco ao purismo, e o movimento que se percebe n'este paiz não é mais que uma consequencia d'aquelle que se observa em Allemanha. O exemplo de Thorwaldsen é o que talvez tem influido mais n'esta mudança. Este grande artista, collocado pela fama a par de Canova, exerceu sobre os talentos mais distinctos de Italia uma acção directa e poderosa. A Overbeck pertence tambem a gloria de haver, pela graça de suas figuras, e pela profunda sensibilidade que se pinta em tudo que elle produz, attrahido a attenção dos artistas d'este paiz, sobre a antiga pintura da Italia.

Cornelio, cujas obras, no dizer dos italianos, são cheias de philosophia, postoque menos bem comprehendidas, não tem sido menos util, despertando nos artistas o desejo de penetrar no sentido mais profundo da arte. *Arte mod. em Alem.*, t. 2.º, p. 598.

ROMANESCO ou ROMANISCO, A, adj. parecido ou assimilhado com o modo, gosto, maneira ou estylo de Roma.

«Como fazem os *Romaniscos,* que á conta de os pintores pintarem muito mimoso, fazem muito grande côdea.» Hollanda, *Arte de pintura,* p. 56.

ROMANO, A, adj. lat. *romanus, a, um,* estylo e escola romana. V. *Escola, Estylo.*

ROMPENTE, adj. dos 2 *g.*, do lat. *rumpens, tis,* que rompe, (braz.) diz-se do leão ou de outro animal, do qual no alto do escudo só apparece a cabeça que vem saindo. V. *Rapante.*

Romper côres, é mistural-as quando a paleta não apresenta o tom necessario, porque as côres naturaes postas na paleta são muito differentes das côres locaes da natureza que o artista deve imitar.

A este respeito diz Mr. de Piles: «On appelle couleur rompuée celle qui est diminuée e corrompué par le mélange d'une autre (excepte du blanc qui ne peut pas corrompre, mais qui peut être corrumpu.) On peut dire, par exemple, qu'un tel azur d'outremer est *rompu* de laque, et d'ocre jaune, quand il y entre un peu de ces deux dernieres couleurs, e ainsi des autres.»

«Les couleurs rompués, acrescenta elle, servent à l'union et à l'accord des couleurs, soit dans les tournans des corps, et dans leurs ombres, soit dans toute leur masse.»

Ticiano, Paulo Veronez, e Rembrand empregaram com muita arte esta mistura ou rompimento de côres. V. *Fundir tintas.*

ROQUETE, s. m. (braz.) um roquete vale o mesmo que um angulo.

ROSA, s. f. do gr. *rodon,* lat., it. e hesp. *rosa,* fr. e ing. *rose,* (archit.) ornamento de esculptura parecido com esta flôr, que se applica em cada face do tambor do capitel corinthio e composito, e nas caixas dos soffitos, que estão entre os modilhões nos tectos das cornijas.

ROSÁCEO. V. *Rosão.*

ROSÃO, s. f. augment. de rosa, do fr. *rosace* ou *roson,* (archit.) rosa grande que serve de ornar as divisões das abobadas, dos tectos, etc.

«No abaco do capitel, em vez de *rosão,* poz o sol coroado de louro, que era a divisa do monarcha.» Cyr., *Conv. 4.ª*, 71.

ROSCA, s. f. do lat. *cochlea,* fr. *vis,* it. *vite,* hesp. *tornillo,* ing. *schrew,* é uma das sete machinas simples, e consta de um cylindro circulado de uma canelura em espiral, com uma rainura, que sendo torneada em uma porca, é de um grande soccorro nas mechanicas para levantar e reter pesos. A *rosca* chamada de Archymedes serve na mechanica hydraulica, sendo collocada obliquamente para tirar a agua de um navio para outro, elevando-a.

Rosca de columna é o contorno em linha espiral do fusto de uma colu-

mna torcida. É tambem a escada de uma columna cavada ou ôca.

Rosca de escada é a escada redonda de rosca dobrada, cujos degraus levam seu chanfro. Lat., *scalæ cochlides duplicatæ.*

Rosca de tijolo é a serie ou a camada de tijolos presos com cal, dispostos em fórma de *rosca* ou em espiral, com que se fazem os sobrearcos e se fecham as abobadas.

ROSTRO. V. *Rosto.*

ROSTO, s. m. do lat. *rostrum* ou *facies,* fr. e ing. *face,* it. *faccia,* hesp. *rosto:* (des., pint. e esculp.) a parte dianteira da cabeça do homem, cara, face, a qual tem a fórma de uma ellipse, ou oval mais estreito para baixo e mais largo para cima, onde se reune com o craneo. Sete são os ossos principaes do rosto: os dois *proprios do nariz,* os dois *maxillares superiores,* os dois *malares,* e o *maxillar inferior.* Os pintores e esculptores servem-se do tamanho do rosto como base ou termo por que medem e proporcionam o corpo humano. V. *Face, Proporções.*

«O *rosto* pequeno é melhor que o grande, o magro é de estudioso, o largo de medroso, e alegre meão é bom.» F. de Hollanda, *Pint. antiga,* p. 42.

RÓTOLO ou RÓTULO, s. m. (de *rolo),* inscripção ou letreiro sobre pergaminho, papel, madeira, pedra, marfim ou metal.

RÓTULA, s. f. do lat. *transenna,* fr. *jaloussie,* it. *gelosia,* hesp. *celosia,* ing. *jealousy,* (archit.) peça de madeira em fórma de caixilho de uma janella ou porta, fixo ou movel, feito de fasquias delgadas que se cruzam diagonalmente. V. *Gelosia.*

ROTULA ou RODÉLA, (anat.) pequeno osso em fórma de coração, que ajuda a formar o joelho e que se articula com os condylos do femur e com a tibia por meio de um forte ligamento.

ROTUNDA, s. f. do lat. *rotunda,* fr. *rotunde,* it. *rotundo,* hesp. *redunda,* ing. *a kind,* (archit.) edificio de planta circular ou redonda, exterior e interiormente, terminando por uma cúpula ou cobertura tambem espherica. Assim é o templo do Pantheon em Roma, hoje Santa Maria da *Rotunda,* ou Santa Maria Maior: — a capella em que são sepultados os reis de Hespanha no Escurial, a de S. Diniz em França. A nossa egreja da Memoria em Belem, e a de Runa edificada pela princeza do Brazil D. Maria Benedicta.

Ali fez a bellissima *rotunda* sustentada sobre oito columnas. Cyr., *Mem.,* 179.

ROUPAGEM, s. f., toma-se mais particularmente pelos vestidos ou trajos largos das figuras.

«As *roupagens* devem ter simplicidade e natureza.» Cyr., *N. acad.,* 38.

ROUPAS, s. f. pl. do lat. *restium pictura,* fr. *draperie,* it. *pannegiatura,* hesp. *panneria,* ing. *drapery,* tudo que serve a vestir o corpo, a cobrir a cama, enfeitar salas, mesas, etc. V. *Pannos, Pannejamentos.*

ROXO ou ROUXO, A, adj. do lat. *rufus* ou *rubidus,* fr. *roux,* (pint.) de côr purpurina ou violeta.

RUA, s. f. do b. lat. *rua* ou *ruga,* fr. *rue,* estrada, caminho, it. *via,* hesp. *calle,* ing. *street,* (archit.) espaço livre em uma cidade ou villa, entre predios ou muros, ordinariamente calçado de pedra rija, tijolo ou asphalto: as melhores *ruas* são as mais direitas e mais largas, que tenham direcção a uma praça, a um quartel ou edificio notavel. Vitruvio, Palladio e outros architectos, que tratam da edificação das cidades, dão os seguintes preceitos, em relação ao repartimento das *ruas.*

No alinhamento das *ruas* das cidades convem principalmente attender á qualidade e á temperatura do ar em que ellas se acham. Nos paizes frios ou temperados devem ser mais largas e espaçosas, a fim de que a cidade se torne mais commoda, mais sadia e mais bella, porque o ar, sendo menos subtil e mais descoberto, é por consequencia mais salubre; de sorte que se uma cidade está situada em um ar frio e subtil, sendo as casas muito altas, será preciso dar mais largura ás *ruas,* a fim de que por este meio o sol entre mais livremente por toda a parte. Mas se essa cidade é situada em clima muito quente, é necessario então fazer *ruas* estreitas e os edificios mais elevados, a fim de que por este meio a sombra

que se acha sempre nas *ruas* estreitas, transpire o calor e contribua assim a conservar a saude, etc.

As *ruas* principaes devem ser dispostas de modo que das portas da cidade se caminhe direito á grande praça, e mesmo algumas vezes, se a situação o permittir, bom será que ellas passem até á outra porta; e, segundo a fórma ou extensão da cidade, poder-se-ha fazer sobre o mesmo alinhamento, entre algumas das portas e a praça principal, uma ou maes praças menores.

As outras *ruas* devem tambem dirigir-se não só á grande praça, mas tambem ás principaes egrejas, aos grandes palacios e a todos os logares publicos. Porém n'este repartimento das ruas convem tomar grande cuidado, segundo a advertencia de Vitruvio no seu livro I, capitulo VI, que essas *ruas* não fiquem direitamente fronteiras a algum dos ventos, e por conseguinte sujeitas a seus turbilhões e á impetuosidade dos mesmos ventos; mas para conservação da saude dos seus habitantes, deve haver o cuidado de as desviar, de sorte que, sendo interrompidas e adoçadas, sejam menos ventosas e incommodas.

RUBI ou RUBIM, s. m. do lat. *rubinus* ou *rubens*, fr. *rubis*, it. *rubino*, hesp. *rubis*, ing. *a ruby*, pedra preciosa côr de fogo, de que ha differentes especies, e é a mais estimada, agradavel e valiosa depois do diamante. O verdadeiro *rubi* é de côr de sangue, e extremamente duro e resplandecente como o fogo; quando é grande tem o nome de carbunculo. Acham-se na Cambaya, Calicut, Coria e na ilha de Ceylão, que passam por serem os melhores.

RUDENTURA, s. f. do lat. *rudens*, cabo, corda grossa, fr. *rudenture*, (archit.) ornamento em fórma de bastão ou vara, com que se enchem as caneluras das columnas e pilastras, desde a base até ao primeiro terço; são de differentes sortes: chatas, em bastão, em fórma de vara ou de cana, etc. Fazem-se tambem algumas vezes de relevo, sem canneluras, sobre pilastras.

RUINA, s. f. do lat., it. e hesp. *ruina*, fr. *ruine*, ing. *ruin*, (t. comp.) destruição, quéda; monumento mais ou menos destruido pela acção do tempo ou por algum cataclysmo notavel; templo em *ruina*, casa, parede, estatua, columna em *ruina*. «Fazer *ruina*». *Hist. de S. Domingos*, p. 114 a 125.

«Tambem em Portugal existe em Evora uma parte do templo de Minerva Diana, edificado por Sertorio, de ordem corinthia e muito elegante: é uma *ruina* das mais preciosas que nos restam.» Cyr., *Mem.*, p. 160.

RUINAS, s. f. pl. decombros, restos de monumentos antigos e de outras obras de arte. As *ruinas* da torre de Babel, do tumulo de Belus, as do templo ou palacio de Assuero, a que os persas chamam hoje *Tchelminar*, isto é, das quarenta columnas, as *ruinas* de Palmyra, as de Pompea, de Herculanum, as do Parthenon em Athenas, as do Pantheon e Coliseu em Roma. Entre as *ruinas* da antiga Roma descobrem-se todos os dias excellentes pedaços de esculptura, estatuas, columnas, vasos, etc. Muito aproveitam e podem aproveitar d'estas *ruinas* os artistas que se querem instruir a fundo no desenho, nos costumes antigos, assim religiosos como civis.

As *ruinas* de Sparta excitaram a um escriptor celebre estas palavras memoraveis: «Je restai immobile, dans une espèce d'estupeur, a contempler cette scène. Un melange d'admiration et de couleur arrétait mes pas e ma pensée; le silence était profond ao tour de moi, je voulus du moins faire parler l'echo dans les lieux ou la voix humaine ne se faisait plus entendre, et je créai de toute ma force: *Leonidas!* Aucune *ruine* ne répéta ce grand nom, et Sparta même semble l'avoir oblié». Chateaubriand, *Itiner. à Jerus.*, t. I, p. 102.

RUSTICA (ordem). V. *Ordem rustica*.

RUSTICO, A, adj. do lat. *rusticus, a, um*, de *rus*, campo, fr. *rustique*, it. e hesp. *rustico*, ing. *rustic*, (archit.) assim se diz do modo de edificar, imitando mais a natureza do que a arte, e por este modo chama-se um edificio *rustico*, uma porta *rustica*, uma columna *rustica*, a qual-

quer obra feita de pedras asperas e toscas, sem preparo algum, como se fazia na infancia da arte, sem comtudo deixar de haver certa proporção nas suas fórmas geraes. V. *Bossagem.*

RUSTICAR, v. a. ou n. do lat. *rusticor, ari,* fr. *rustiquer,* it. *lavorare alla rustica,* não só significa viver no campo, mas, em termo d'arte, picar uma pedra com o picão ou picola entre os ornatos relevados.

S

SABLE ou SAIBRO, s. m. do fr. *sable,* areia, (braz.) em francez quer dizer côr negra: parece que por engano se chama de côr verde em a *Nobiliarchia portugueza,* p. 216.

Na gravura de armaria o saibro é designado com traços cruzados.

SACADA, s. f. do lat. *projectura,* fr. *saillie, balcon,* it. *sporto,* hesp. *saledizzo,* ing. *jetting-out,* (archit.) em geral toma-se por toda e qualquer saliencia, que exceda a linha da parede do edificio: em especial significa o avançamento que produz o balcão de uma janella, sustentada sobre columnas, sobre misulas ou cachorros. V. *Balcão.*

SACÉLLO, s. m. do lat. *sacellum,* fr. *chapelle,* it. *cappella,* hesp. *capilla,* ing. *a chapel sacer,* sagrado, (archit.) ermida, pequena capella, que ordinariamente tem um só altar, de simples architectura.

SACRARIO, s. m. do lat. *sacrarium,* logar onde se guardam cousas dignas de veneração sagrada, (archit.) pequeno tabernaculo, em que se encerram as fórmulas sagradas e as hostias consagradas para se darem na communhão: — caixa em que se guardam reliquias.

SACRIFICAR, v. a. do lat. *sacrifico, are,* immolar, fazer sacrificio:— (pint.) subordinar, sujeitar ao objecto principal de um quadro as partes menos importantes ou accessorias, assim na composição, como no desenho e colorido.

SACRIFICIO, s. m. do lat. *sacrificium,* o acto de expiar ou sacrificar: — (pint.) artificio pelo qual o pintor, para realçar uma figura ou outro objecto principal do seu quadro, a dispõe em melhor luz, e a cérca de taes circumstancias de perfeição e acabamento, que a distingue e a faz sobresaír de outras figuras ou objectos menos illuminados, e menos perfeitos, fazendo assim o *sacrificio* de não empregar n'estas toda a sua sciencia e mestria, para que a principal figura ou objecto predomine, attrahindo a vista dos espectadores.

SACRISTIA, s. f. do lat. *sacrarium,* fr. *sacristie,* it. *sagrestia,* hesp. *sacristia,* ing. *sacristy,* dependencia de uma egreja, que consiste em uma sala ou casa proxima no mesmo piso proporcionada e convenientemente decorada, tendo a meio a egreja, um altar, e aos lados gavetões com espelhos sobrepostos, para se guardarem as vestiduras sacerdotaes e os vasos sagrados, e se revestirem os sacerdotes, a fim de celebrarem os officios divinos.

A sacristia dos padres do oratorio da egreja nova em Roma, e a do thesouro do Loreto, são as mais bellas e ricas.

A nossa de S. Vicente, e a pequena sacristia da irmandade do Santissimo dos Martyres, no seu genero, são dignas de attenção.

SAFADO, A, p. p. de safar, e adj. gasto com o uso: *baixo relevo safado,* medalha *safada.*

SAGMA, f., (archit.) medida tomada sobre uma régua, d'onde se marcam de uma vez muitos membros, por exemplo todos os de uma cornija. Significa tambem estrella.

SAGUÃO, s. m. do lat. *cavædium,* hesp. *zaguan,* arab. *sahuon,* (archit.) pateo descoberto ou espaço ordinariamente quadrilatero, cercado de muros ou paredes de edificios, collocado, ou á entrada, ou no fundo dos mesmos para lhes dar luz e ar. Os melhores são lageados e acompanhados de grade ou ralo para escoamento das aguas.

SAIBREIRA, s. f. areal de terra vermelha ou escura e grossa, que serve para edificação.

SAIBRO, s. m. do lat. *sabulo* ou *glarea,* fr. *gravier,* it. *sabbia,* (archit.) areia grossa e escura ou vermelha, composta de pedrinhas globosas, extrahida das margens do mar e dos

rios, que serve para fazer boa argamassa, especialmente para a que chamam *formigão*, e tem outras applicações uteis na arte de edificar.

SAIMEL, s. m. do hesp. *salmer*, fr. *coussinet*, it. *guancialetto*, ing. *a bag*, (archit.) é a primeira pedra direita ou curva que assenta sobre o pilar ou humbreira de um arco ou porta.

Saimel do capitel é a face do lado das volutas no capitel jonico, que se chama tambem *balaustre* e *travesseiro;* em lat. *pulvinus*, segundo Vitruvio.

SALA, s. f. do celtico *sala*, casa, lat. *aula*, it. e hesp. *sala*, fr. *salle*, ing. *room*, (archit.) apartamento ou parte principal de um palacio ou edificio publico, casa grande convenientemente decorada e ornada para differentes usos. Sala de audiencia, sala de conselho, sala de recepção, sala de baile, etc. Vitruvio no liv. 6, c. 5, conta tres ordens de salas: *latrastylo*, que tem quatro columnas, sustentando um sofito ou tecto; *corinthia*, que tem quatro columnas em volta junto ás paredes, com pedestal ou sem elle; *egypcia*, que tem em roda um peristylo de columnas corinthias, isoladas, sustentando uma segunda ordem com o tecto.

SALÃO, s. m., augm. de sala, do lat. *atrium majus*, fr. *salon*, it. *salone*, (archit.) grande sala, destinada a grandes ajuntamentos e a differentes usos. Em París chama-se salões á grande casa da exposição das obras de bellas artes. Os salões podem ter a fórma quadrada ou quadrilonga, redonda ou oval, de que ha varios exemplos.

«Em um dos *salões* angulares poderiam deter-se os presos da ronda ou de culpas ligeiras.» Cyr., *Mem.*, 168.

SALÃO, s. m. do fr. *sablon*, areia com limos, barro grosso; casta de terra que se endurece debaixo de agua.

«No fundo *salão* vermelho.» Pimentel, *Arte de navegar*. Os cabouqueiros tambem usam da palavra *salão*.

SALETA, s. f. diminut. de sala, (archit.) pequena sala, casa de entrada ou pequeno gabinete. V. *Gabinete*.

SALIENCIA, s. f. do lat. *projectura*, fr. *saillie*, hesp. *salida*, (archit.) diz-se principalmente do avançamento ou sacada das molduras e membros da architectura sobre o perfil ou nú das paredes; toma-se tambem por qualquer sacada ou avanço de janellas, balcões, etc.

SALIENTE, adj. do lat. *saliens*, hesp. *saliente*, fr. *saillant*, (archit.) que sáe ou excede o ponto geral de qualquer peça. V. *Angulo saliente*.

SAMBLADOR, e seus deriv. V. *Semblador*, *Semblagem*, etc.

SAMOCO, s. m. parece ser a entrecasca das pedras, assim como o samo o é das arvores. V. *Desamoucar*.

SANCA, s. f. talvez derivado de *sancio, is, ire*, ordenar, estabelecer, ligar, (archit.) cimalha, mais ou menos rica, ou mesmo uma simples superficie convexa, que firma e liga as paredes de uma galeria, sala ou casa aos tectos que as cobrem.

SANCTUARIO, s. m. do lat. *sanctuarium*, fr. *sanctuaire*, it. e hesp. *santuario*, ing. *sanctuary*, (archit.) o logar mais secreto e reservado do templo dos judeus, em que só entrava uma vez no anno o summo sacerdote. Entre os christãos é o altar-mór, fechado por uma balaustrada, ou a capella em que está o Santissimo Sacramento.

Tambem alguns chamam *Sanctuario* á capella reservada, em que se guarda o Santo Lenho e as reliquias de santos.

SANDARACA, s. f. do gr. *sandaraké;* (bot.) substancia resinosa, balsamica, ou oiro pimenta, cozido nas veias da terra em Arabia, *(sulphurico de arsenico vermelho)*, ou gomma que nos vem da Africa em lagrimas, claras, luzentes, diaphanas, chamada em latim *vernix*, que forma a base do verniz dos pintores.

SANEFA, s. f. tira larga de panno, seda ou damasco, que se estende sobre a parte superior de uma cortina.

SANEFAS, (archit.) tábuas que os carpinteiros assentam atravessadas em soalhos de madeira, e nas quaes se encabeçam e seguram as que vão ao comprido.

SANGUINA, s. f. do lat. *lapis sanguinalis*, fr. *sanguine*, hesp. *sanguina*, ing. *blood-stone*, pedra preciosa,

transparente, que differe pouco do jaspe oriental, de côr verde azulada, mesclada de vermelho com manchas; e serve esta pedra aos douradores para brunir o oiro.

Ha tambem uma pedra compacta, pesada, macia, vermelha, escura, e tenra ao cortar, que serve para desenhar. V. *Lapis vermelho* ou *encarnado.*

SANJA, s. f. do lat. *incile,* fr. *rigole,* it. *canaletto,* hesp. *zanja,* ing. *gutter,* pequeno canal ou abertura comprida e estreita, entre dois vallados, para escorrer ou conduzir aguas, estabelecendo fundamentos pouco profundos, ou servindo para bordar uma avenida.

SANJAR, v. a. abrir sanjas.

SANTEIRO, s. m. o que representa, forma ou faz imagens de santos em vulto, principalmente de madeira. V. *Esculptor.*

SANTO, A, s. dos 2 g., do lat. *sanctus, a,* homem ou mulher virtuosa, veneravel, de uma vida exemplar e irreprehensivel, e como tal canonisada pela Egreja. As imagens ou estatuas dos santos devem guardar o caracter proprio de suas pessoas, tanto nas attitudes e accessorios, como nos vestuarios. V. *Anjo.* V. *Acta sanctorum – Flos sanctorum. Vies des saints,* do padre Croiset, do P. Ribadenera, e do nosso P. Sarmento, etc.

SAPA, s. f. do lat. *sapa,* enxada, pá de madeira ou ferro com cabo para levantar a terra cavada e fazer os trabalhos proprios de sapador.

SAPADOR, s. m. do lat. *sapator,* trabalhador que nas praças de guerra faz o trabalho da sapa, os aterros, excavações e os cestos para conducção de terras, fachinas, etc.

SAPAR, v. a. cavar, fazer uso da sapa; fazer excavações, aterros, etc.

SAPATA, s. f. do b. lat. *sapata,* fr. *contrefort,* it. *contrafforte,* hesp. *zapata,* ing. *a spur,* (archit.) supplemento de parede, que, sendo unida á principal junto á terra, serve de a fortificar: — porção de madeira grossa posta sobre o pilar para reforçar a trave que ahi assenta.

SAPHÍRA, s. f. do lat. *saphirus,* gr. *sappeiros,* fr. *saphir,* it. *zaffiro,* hesp. *zaphire,* ing. *saphire,* pedra preciosa, transparente, brilhante, de uma bella côr purpurina; contam-se d'ella quatro especies: *saphira* azul oriental, que vem do Ceylão, Calicut e outros logares das Indias orientaes; *saphira* branca, que vem dos mesmos logares; *saphira* occidental, que vem da Bohemia e da Silesia, que tem differentes graus de côr azulada; *saphira* côr de leite, que é a menos dura e menos estimada, que tambem vem da Bohemia e outros logares.

SARAPANEL, s. m. do fr. *sur,* sobre e *panneau,* almofada ou painel, (archit.) arco rebaixado ou abatido, a que os operarios tambem chamam *apainelado.* V. *Arco.*

SARCÓPHAGO, s. m. do gr. *sarx, sarkos,* carne, e *phagéin,* comer, (archit. e esculp.) especie de cofre ou urna, ordinariamente feita de pedra, com relevos e inscripções, em que os antigos encerravam os corpos dos defuntos que não queimavam; e chamavam-se assim, por ser tradição o haver certa qualidade de pedra ou marmore caustico, que tinha a qualidade de consumir as carnes dos defuntos. Muitos d'esses *sarcophagos* foram achados contendo restos das ossadas nas excavações da Grecia, do Egypto e n'outros paizes; a maior parte d'elles muito importantes e ornados de esculpturas, e alguns cheios de hyeroglyphicos.

Faziam-se tambem *sarcophagos* em terra côta ou barro cozido, em madeira, metal, etc. Dá-se ainda hoje este nome á parte dos monumentos funerarios que representa a urna ou caixão, aindaque não contenha as cinzas nem ossos do defunto.

SARDACATA, s. f. pedra preciosa parecida com a agatha ou uma especie d'ella.

SARDIO, s. m. do lat. *sardius,* pedra preciosa, assim chamada, porque as primeiras foram achadas na cidade de Sardis: é transparente, côr de carne, carnerina ou cornalina, com manchas e listras.

SARDONICA ou SARDONYX, s. f. do lat. *sardonix,* it. *sardonico,* pedra preciosa composta do nome de outra pedra, *sarda,* da *onyce* e mesmo da *calcedonia.* É de diversas côres: a da India tem uma similhança da côr de carne; os antigos faziam d'ella camafeus.

SARGETA ou SARGENTA, s. f. (archit.) aberturas em fórma de seteiras, atravessadas ou em sentido horisontal, forradas de pedra, collocadas ao nivel das ruas e estradas para receberem as aguas e dar-lhes a conveniente vasão e direcção aos canos geraes.

Tambem se dá este nome aos sangradouros de uma lagôa, valleta ou rigueira, que se fazem por meio de terras, para lhe chupar as aguas e escorrer dos canaes, etc.

SARRAFAR, v. a. cortar sarrafos ou tiras de madeira.

SARRAFO, s. m. porção ou tira comprida de madeira cortada.

SCAIOLA, s. f. (archit. e pint.) composição de cola e gesso lustroso ou alabastro, com que se fazem figuras, columnas, altares, festões e outros quaesquer ornamentos, applicando-lhe certas pinturas em fresco.

«As chamadas pinturas de *scaiola*, que em Roma se usa, em vez de gesso, para vasar estatuas. Tambem com ella se fazem obras de embutidos para fingir mosaicos, marmores, etc. Á imitação de *scaiola* se introduziram as pedras fingidas a fresco com lustro de sabão, para os rodapés, escadas e corredores.» Cyr., *Conv. 4.ª*, p. 124.

SCALENO, adj. do lat. *scalenus*, do gr. *skalénos*, coxo, (geom.) chama-se assim a um triangulo cujos lados são desiguaes entre si.

Tambem se dá este nome em anatomia a tres musculos que têem esta figura, com a designação de *scaleno* anterior, medio e posterior, e são musculos flexores collocados aos lados e por detrás do pescoço.

SCAPO. V. *Escapo*.

SCENA, s. f. do lat., it. e hesp. *scena*, gr. *skené*, fr. *scène*, tenda ou pavilhão; (archit.) significa:

1.º Parte do theatro em que os actores representam, a que hoje se chama *proscenio*.

2.º Decoração do theatro, que entre os antigos era em pedra, com tres grandes portas, nas quaes appareciam decorações em perspectiva; a saber: de palacios para tragedias, de casas e de ruas para comedias, e de florestas para pastoraes; estas decorações eram de duas sortes: versateis, girando sobre um eixo, como as descreve Vitruvio; flexiveis, isto é, dobradiças, para entrarem nos bastidores, como se usa em nossos theatros.

3.º Por extensão se applica o termo *scena* para significar o logar da acção, a que o artista deve attender sempre em suas composições.

«Cada dia pela manhã imaginae que sois algum dos actores, e que estaes transportado ao logar da *scena*.» *Gerard Laraisse*.

«Tanto Carrache como Dominiquino, no seu quadro da communhão de S. Jeronymo, pozerão uma figura vestida á oriental, para mostrarem que aquella acção se praticou em uma das ruas do Oriente.» M. Ang. Prunetti; Taborda, *Regr. da arte da pint.*, p. 6.

SCENARIO, s. m. (pint.) vistas e decorações theatraes, em que tem grande parte a perspectiva em suas differentes applicações.

As decorações theatraes eram muito conhecidas dos antigos. Agatharco pintou as decorações para as tragedias de Eschyles. Apatecrio fez maravilhosos *scenarios* na Lybia antes da era vulgar.

«Entre nós tambem foi cultivado este ramo d'arte. Lourenço da Cunha, Simão Caetano Nunes, e outros pintores distinguiram-se muito nas decorações theatraes.» Cyr., *Mem.*, p. 197, 202 e 204.

SCENICO, A, adj. desenho, risco ou outra cousa relativa á scena.

SCENOGRAPHIA, s. f. composto de *scena* e *graphia*, (pint.) a arte de representar em perspectiva um edificio, uma cidade, uma paizagem, etc. Entende-se especialmente pela arte da pintura decorativa, applicada aos theatros.

A representação de algum plano ou edificio em relevo tambem se chama *scenographia* ou modelo.

SCENÓGRAPHO, s. m. o artista que professa a scenographia, o pintor *scenógrapho*.

SCENOGRAPHICO, A, adj. dos 2 g., cousa pertencente a scenographia; desenho *scenographico*, pintura *scenographica*.

SCHEMA, s. f. do gr. *skéma*, figura, palavra antigamente usada em

geometria como synonymo de figura ou plano, e ainda hoje usada em astronomia para significar a representação dos planetas, cada um em seu logar.

SCHIOGRAPHIA ou SCHIAGRAPHIA, s. f. do gr. *skia*, sombra, e *graphia*, escrever; arte de conhecer a hora do dia ou da noite pela sombra do sol ou da lua: (archit.) em architectura é o córte ou secção de um edificio em que se vê o perfil ou desenho da sua parte interna. Vitruvio. V. *Córte*.

SCHIÓGRAPHO, s. m. o que se dá ao estudo ou profissão da schiographia na sua dupla significação.

SCHISTO, s. m. do gr. *skhizó*, fender, abrir separando-se; (min.) nome generico, que se dá ás rochas *schistosas*, que se separam em folhas ou laminas delgadas, como a ardosia.

SCIENCIA, s. f. do lat. *scientia*, de *scio*, *scire*, saber: chama-se *sciencia* a um complexo de verdades ordenadas em systema, constituindo um todo methodico sobre qualquer materia. As letras e artes, com as *sciencias* compõem todo o capital dos conhecimentos humanos.

SCOCIA, s. f. do lat. *scotia*, gr. *skotios*, escuro, *skotos*, escuridão, (archit.) moldura reintrante ou cavada, bordada por dois filetes entre os toros das bases atticas, corinthias e compositas, assim chamada, porque estando entre duas molduras salientes, não recebe luz e fica escura; quando ha duas *scocias* na mesma base, como succede na corinthia, á primeira chama-se-lhe *superior* e á segunda *inferior*. V. *Nacella*.

SCOLFITO, (ant.) por esculpido.

SCOPRO. V. *Escopro*.

SCULPTAR. V. *Esculpir*.

SEBE, s. f. do lat. *sepes*, de *sepio*, *sepire*, encerrar, fr. *haie*, it. *siepe*, hesp. *seto*, ing. *an hedge*: encerramento ou vedamento de campo, de jardim, de prado, feito de ramos de arvore entrelaçados ou com arbustos novos. É tambem uma enfiada ou banco de pedra, que se acha á flor da agua ou debaixo de agua.

SECANTE, adj. dos 2 g., do lat. *secans*, *tis*, p. a. de *secare*, cortar, (geom.) toda a linha que corta outra ou a divide em duas partes.

SECCANTE, s. m. composição de drogas que se misturam nas tintas para as fazer seccar. Tem varios modos de composição, e alguns não servem senão a certas tintas: o *seccante* mais commum é de fezes de oiro, que serve para todas as tintas.

SECÇÃO, s. f. do lat. *sectio*, *onis*, fr. *section*, it. *sezione*, hesp. *division*, ing. *section*; em geral applica-se a todo o córte ou divisão feita em um todo: em geometria diz-se do encontro de duas linhas, ou de uma linha e uma superficie, ou de uma superficie e um solido. *Secções conicas* se chamam as linhas curvas que dá a secção de um cone por um plano, e contam-se quatro: o *circulo*, a *ellipse*, a *parabola* e a *hyperbole*. É este um dos estudos mais importantes da geometria: serve nos córtes das pedras para ter conhecimento das diversas especies de arcos. V. os *Elementos das secções conicas* de M. Here e L'Hopital.

SECCO, A, adj. do lat. *siccus*, *a*, *um*, gr. *exeros*, fr. *sec*, it. *secco*, hesp. *seco*, ing. *sharp*, sem humidade, enxuto: (des., esculp. e pint.) applica-se ao desenho e ás artes que d'elle nascem; assim é *secco* o desenho que tem os perfis ou contornos duros e fortemente expressos, sem a devida morbidez; é *secca* a pintura quando as tintas não guardam o conveniente acordo e harmonia, e apresentam dureza na passagem da luz para as sombras; é *secca* qualquer obra de esculptura, quando n'ellas falta aquelle tenro e modulloso, que torne suaves e bellas as suas fórmas. V. *Duro*.

SECCURA, s. f. falta de humidade, sequidão, (pint. e esculp.) diz-se por metaphora da maneira secca que alguns artistas usam nas suas obras. V. *Dureza*.

SECRETA, s. f. V. *Latrina*.

SECTOR (do circulo), em geometria se chama á parte do circulo comprehendida entre dois raios e o arco contido entre esses raios.

SEDE, s. f. do lat. *sedes*, fr. *banquette*, assento, cadeira, (archit.) assento de pedra nas janellas de sacada.

SEDENTARIO, adj. do lat. *sedentarius*, *a*, *um*, (esculp.) que se assenta ou trabalha sentado. Caixas *sedentarias*, de que usam os esculptores

para se sentarem, quando os trabalhos lh'o permittem. V. *Caixas sedentarias.*

SEGMENTO, s. m. do lat. *segmentum,* secção, divisão de *seco, secare,* cortar, (geom.) porção de superficie comprehendida entre o arco e a corda de um circulo, e mais pequeno ou maior que o semi-circulo. Chama-se *segmento* da esphera á porção da esphera terminada por um plano que a corta.

SEGUINTES, s. m. pl. do lat. *sequens, entis,* p. a. de *sequor, i,* seguir, (archit.) chamam-se assim aos intervallos que ha entre os semi-circulos de arcos simples ou continuados. V. *Engras.*

Os carpinteiros dão o nome de *seguintes* aos lados ou ilhargas de uma gelosia, nas quaes prende a dianteira. V. *Gelosia.*

SEISTAVADO ou SEXTAVADO, A, adj. (geom.) figura que tem seis lados e seis angulos.

SEIXO, s. m. do lat. *saxum,* fr. *caillon,* it. *pietra focaja,* hesp. *guijarro,* ing. *a flint,* (archit.) calculo, pequena pedra dura que se emprega com o cimento para empedrar aqueductos; grutas, bacias de fontes, estradas, ruas, etc.

SELLO, s. m. do lat. *signum* ou *sigillum,* fr. *scel,* it. *sigillo,* hesp. *sello,* ing. *seal,* (grav.) peça ordinariamente de metal e de face plana, em que estão gravadas ou abertas as armas, ou a divisa de um rei, principe, personagem ou pessoa notavel, ou de um estado, republica, religião ou de cavalleiro particular, com que se imprimem e sellam alvarás, cartas, patentes, provisões, decretos, e outros papeis de importancia. V. *Divisa.*

SEMBLADOR, s. m. o artifice que corta, aplaina, aliza e junta com perfeição a madeira em meia esquadria, faz molduras, etc.

SEMBLADURA, s. f. connexão e pintura imperceptivel por meio de encaixes de uma tábua ou peça de madeira com outra, ou seja em partes ou nos angulos.

SEMBLAGEM, s. f. o trabalho ou obra do que é semblador, (ant.) «*Sembrage* de obra branca.» *Advert. aos mod.,* p. 98.

SEMBLANTE ou SEMBRANTE, s. m. do fr. *semblant,* lat. *similitudo,* it. *sembiante,* hesp. *sembante,* ing. *show,* (pint. e esculp.) complexo ou aspecto expressivo das feições do rosto, isto é, a *cara* ou rosto do homem, quando n'este apparece o estado da alma, a expressão dos affectos e paixões.

«N'isto o *sembrante* se lhe trocou do rostro peregrino.» Barreto, *Eneid. port.*

«A barba grande e crescida, a pessoa grave, e no *sembrante* do rostro representava tristeza e vida descontente.» Palm., p. 1, c. 18.

O que tambem por analogia se póde applicar aos animaes brutos.

«Mastigam os cavallos escumando
Os aureos freios com feroz *semblante.*»
Cam., *Lus.,* c. 6 e 61.

V. *Rosto, Physionomia.*

SEMBLAR, v. a. do fr. *assembler,* provençal *assemblar,* cortar e alizar madeira em meia esquadria para juntar as tábuas ou peças molduradas ou lizas.

SEMBRAR (tábuas). V. *Semblar.*

SEMELHANÇA ou SIMILHANÇA, s. f. do fr. *semblance,* lat. *simul,* sembra, *similis,* similhante, (t. comp.) conformidade entre duas ou mais cousas.

Semelhança da figura, do rosto ou de uma physionomia.

Similhança, parecença de um retrato em desenho, pintura ou esculptura.

SEMELHANTE ou SIMILHANTE, adj. dos 2 g., do lat. *similhans, tis,* parecido ou que tem similhança com outro ou outra cousa.

SEMELHANTE ou SIMILHANTE, adj. dos 2 g., rosto igual ou *similhante: superficies,* (geom.) *similhantes* são as que têem iguaes as duas dimensões de altura e largura.

SEMICIRCULO, s. m. (geom.) meio circulo.

SEMIDIAMETRO, s. m., (geom.) meio diametro, raio de circulo. V. *Raio.*

SEMIPERIPHERIA, s. f. (*semi,* pref.) (geom.) meia peripheria do circulo.

SENO, s. m. do lat. *sinus,* seio, cavidade, (anat.) é em anatomia: 1.º, a cavidade dos ossos de fórma varia-

vel; 2.º, a da *dura mater;* 3.º, os *seios vertebraes:* — (geom.) é em geometria uma linha recta dirigida perpendicularmente de uma das extremidades do arco ao raio que passa pela outra extremidade: chama-se *seno* ou *sino total* ao seno de um marco ou de um angulo de 90 graus.

SENTIMENTO, s. m. do lat. *sensus,* do v. *sentio, ire;* diz-se de todo e qualquer modo de sentir, mas devem distinguir-se os sentimentos physicos ou *sensações,* dos sentimentos moraes a que propriamente se chama sentimentos. Em relação ás bellas artes, o sentimento consiste n'esse modo de ver e de apreciar os objectos do mundo physico e moral, que actuando sobre o espirito do artista, o leva a produzir obras repassadas de um sentimento puro, bello e verdadeiro. D'aqui vem esse modo de exprimir e de louvar as obras nascidas de um verdadeiro sentimento, dizendo que tal ou tal auctor tem o *sentimento* do desenho e da côr, que o esculptor tem o *sentimento* das fórmas e da verdadeira expressão, etc. V. *Esthetica.*

SEPARAÇÃO (ou despêgo das tintas), (pint.) fr. *enlevage;* operação que consiste em separar a côr ou a tinta com a téla, madeira ou parede sobre que se acha pintada, e applicar esta côr ou tinta sobre um outro subjectivo ou corpo. V. *Entretelar.*

SEPIA, s. f., nome grego e latino do molusco, chamado em francez *sèche (aranha do mar);* significa tambem o licor negro que se tira d'este animal, de que se faz uma tinta de que usam os desenhadores e pintores, como da tinta de Nanquim.

SEPTIZONEO ou SEPTENZODIO, s. m. do lat. *septizonium,* isto é, *septem,* sete, e *zonæ,* columnas, (archit.) mausoleu que Septimio Severo fez elevar em Roma á familia dos Antoninos: era um grande edificio isolado de planta quadrada com sete ordens de columnas, formando uma figura pyramidal, e terminando com a estatua do imperador Septimio Severo. Os historiadores referem que houve um outro *septizoneo* mais antigo, collocado junto ás thermas de Antonino.

SEPULCRAL ou SEPULCHRAL, adj. dos 2 g., do lat. *sepulchralis,* fr. e hesp. *sepulcral,* it. *sepolcrale,* ing. *sepulchral,* (archit.) pertencente a sepulcro. Não se entende só dos vasos e das lampadas funerarias que ainda hoje se descobrem em sepulturas antigas, mas tambem se applica hoje a uma capella destinada á sepultura de uma familia; a uma columna sepulcral, ou seja isolada ou levantada sobre um tumulo com epitaphio gravado em seu fuste, chama-se tambem columna funeraria. V. *Columna.*

SEPULCRO ou SEPULCHRO, s. m. do lat. *sepulchrum, i,* de *sepelire,* sepultar, (archit.) tumulo, monumento ou logar destinado para sepultar um defunto. Entre os judeus o sepulcro era aberto em pedra de rocha, e a elles é propriamente attribuido este nome.

O Santo Sepulcro é aquelle em que foi depositado o sagrado corpo de Nosso Senhor Jesus Christo. V. *Tumulo.*

SERAFIM. V. *Seraphim.*

SERPENTINA, s. f. do gr. *ophis,* serpente, e por isso tambem lhe chamam *ophites,* por imitar a pelle da serpente; é um silicato de magnesia, duro e precioso, de côr escura, com raizes verdes e tortuosas. Serve para incrustação. D'elle são feitos os repartimentos do Atrio do Pantheon; duas columnas na egreja de S. Lourenço *in Lucina,* em Roma, e algumas pequenas columnas, porque é difficil a extracção de grandes pedaços para obras d'arte.

SERPENTINO, A, adj. do lat. *serpentinus, a, um,* (des.) que tem a fórma ondeante das serpentes, fallando dos traços ou linhas do desenho.

«Parrasio aperfeiçoou muito a symetria, de que escreveu um tratado. Foi optimo no desenho, e começou a fazer os contornos *serpentinos* ou ondeados, que Praxitelles imitou na esculptura.» V. *Colubrina.* Cyr., *Nova acad. de pint.,* p. 85.

SERRA, s. f. do lat. *serra,* fr. *scie,* it. *sega,* hesp. *sierra,* ing. *saw,* (t. comp.) lamina de aço delgada mais ou menos larga e comprida, dentada ou não dentada, de que se usa para serrar os marmores, as pedras, os metaes, as madeiras, o marfim, etc., e que tem differente armação e nome, segundo o uso a que se applica.

Serra de carpinteiro ou serra commum, que serve de dividir madeiras, pedras e marmores brandos; consta de uma folha de aço estreita e comprida, de dois *torneis* e dois *testicos*, de uma fasquia atravessada, a que chamam *alfeizar*, de outra mais pequena chamada *tarabelho*, que se aperta ou desaperta com o *cairo*.

Serra de mão é a de uma só pessoa.

Serra braçal é a de duas pessoas. Foi este instrumento inventado por Dédalo, como affirma Plinio no l. VII, c. 56. D'elle usam não só carpinteiros, marceneiros e outros artezanos, mas tambem esculptores de madeira e outros artistas.

A *serra* de folha larga e comprida sem dentes serve para cortar marmores e pedras duras, usando no acto de serrar de areia ou grés pisado com agua.

SERRADOR, s. m. official que serra madeira; applica-se principalmente ao que serra vigas e madeiras grossas acompanhado de outro.

SERRAGEM ou SERRADURA, s. f. do lat. *scissura*, fr. *sciage*, it. *segatura*, hesp. *serradura*, ing. *sawing*, acção de serrar, e diz-se *madeira de serragem*, isto é, a que está refendida em uma peça grossa por serragens feitas ao comprido, como são as peças de differentes grossuras, os barrotes, as asnas, etc.

SERRATIL, adj. dos 2 g., (t. de stereometria) corpo contido em cinco superficies, tres das quaes são parallelogrammos, e as duas oppostas triangulos parallelos e iguaes.

SERRARIA, s. f. armação de madeira, em que se seguram as pranchas que se hão de serrar com serra braçal.

SERROTE, s. m. diminut. de serra, pequena serra de mão, que serve nas artes e na cirurgia para serrar ossos.

SESMA ou SEXMA, s. f. a sexta parte.

SESQUIÁLTERA, adj. do lat. *sesqui*, um e meio, (t. de mus. e geom.) proporção *sesquiáltera* é a que se acha em duas linhas, ou em dois numeros, dos quaes o ultimo contém uma vez o primeiro com a addição da sua ametade; por exemplo: 4 e 6 tem proporção *sesquiáltera*, porque 6 contém uma vez 4 e mais 2 que são ametade de 4. Os musicos e geometras chamam-lhe *proportio sesquialtera*.

SESQUIPEDAL, adj. dos 2 g., do lat. *sesquipedalis*, que tem pé e meio de longo.

SETEIRA, s. f. (archit.) abertura estreita em direcção vertical, praticada nos muros de fortificação antiga por onde se atiravam settas ao inimigo; aberturas verticaes e estreitas, mais compridas que as frestas, que se fazem ordinariamente nas paredes lateraes dos edificios para entrar ar e luz.

«*Seteira* pela qual sómente possa ter claridade.» Oliv., *Adv. aos mod.*, p. 154.

SEVERO, adj. entende-se por este termo a boa escolha de sujeitos ou de assumptos graves e simples, a discreta economia, attitude e distribuição das figuras, sem a superfluidade de accessorios que embaracem e distrahiam o effeito da acção, a firmeza e correcção de desenho, um colorido verdadeiro, um pincel largo e seguro, sem falsos brilhantes, attendendo á disposição das grandes massas e ao bom effeito e harmonia do todo. O mesmo se deve applicar á esculptura e á architectura, guardadas as conveniencias de cada arte. V. *Austero*.

SEXANGULO. V. *Hexágono*.

SEXMA. V. *Sesma*.

SEXTUPLO, A, adj. que contém seis vezes uma quantidade.

SGRAPHIADO, A, adj. do it. *sgraffiato, ta*, arranhado, pintado em estuque de uma só côr, com franqueza, mas pouco agradavel, e por isso em desuso.

Chama-se tambem *sgrafiada* a gravura que é feita com desigualdade, mão incerta e traços tremulos.

SIDEROGRAPHIA, s. f. do gr. *sidéros*, ferro, e *graphos* ou *graphia*, escrever, — gravura, arte de gravar em aço.

SIFÃO, ÕES. V. *Siphão, ões*.

SILENCIO, s. m. do lat. *silentium*, de *sileo, ere*, calar, fr. e ing. *silence*, it. *tranquillità*, hesp. *silencio*, (t. comp.) é termo usado na linguagem das artes, para significar aquelle repouso, tranquillidade e simplicidade que se observa nas obras antigas,

principalmente na estatuaria grega. Repouso na composição, tranquillidade nas attitudes, simplicidade nas fórmas, nos tons, nos accessorios, e em tudo que leva a gosar do doce *silencio* que falla mais ao coração e aos olhos, do que essa confusa multidão de figuras, de fórmas e de movimentos exagerados.

«Paulo Veronez, que se bem nos seus quadros se veja um infinito numero de pessoas, com bom artificio soube guardar nas suas magnificas representações aquelle *silencio pictorico* que tanto reinava no coração de Annibal Caracci.» Tab. *Reg. da arte de pint.*, p. 11. V. *Repouso.*

SIMPLEZA, s. f. simplicidade, singeleza. «Fizestel-o com aquella severa *simpleza* que tem a antiga pintura? E aquelle temor d'aquelles divinos olhos que sobre o natural parecem assim como conveie ao Salvador?» Holl., 3.ª parte do *Dial. da pint. ant.*, p. 142, (ms.) V. *Simplicidade.*

SIMPLICIDADE, s. f. do lat. *simplicitas, tis,* fr. *simplicité,* it. *simplicita,* ing. *simplicity,* singeleza, sem ornamentos superfluos. Em todos os ramos das bellas artes se deve sempre procurar esta qualidade indispensavel da belleza. A *simplicidade* é filha da natureza e da verdade, e como nada é bello sendo desacompanhado da verdade, é indubitavel que a *simplicidade* fórma uma das suas principaes qualidades. A *simplicidade* da composição, a das attitudes, a das fórmas, a dos accessorios constitue uma verdadeira fonte de doutrina, que se acha espalhada nas obras da antiguidade, e que os bons auctores modernos nos têem transmittido.

SIMULACRO, s. m. do lat. *simulacrum,* imagem, estatua, idolo.

SINALPENDE, s. m. medida agraria de 120 pés em quadrado. *(Elucid.)*

SINAR, v. a. (p. us.) balisar, marcar com sinas ou pendões. V. *Balizar.*

SINETE, s. m. do lat. *signum,* fr. *cachet,* it. *sigillo,* hesp. *signo,* ing. *a seal,* (grav.) firma, chancella, divisa. O *sinete* é differente do *sêllo,* porque este pertence geralmente ao soberano ou ás auctoridades publicas, e aquelle pertence a particulares, cujo uso é antiquissimo. Os orientaes conservam a lembrança do annel de Salomão, que, segundo diziam, dava o poder ler no futuro; conhecem-se os *sinetes* de Julio Cesar, de Pompêo, de Seleuco, rei da Syria, etc. As familias nobres gravam as suas armas sobre *sinetes.*

SINO, (hydraulico ou mergulhador) s. m. é uma machina feita de madeira ou fundida, tendo de ordinario a fórma de uma pyramide truncada, que serve para fazer descer homens ao fundo da agua ou para executarem trabalhos diversos ou para recolherem objectos submergidos.

SINOBLE ou SINOPERA. V. *Sinopla.*

SINOPLA, s. f. deriv. de *sinople,* cidade do Ponto, d'onde se extrahe a tinta vermelha d'este nome, de que se usa na pintura.

SINOPLE, s. m. do fr. *sinople,* côr verde, e o mesmo significa em termo de brazão. Na gravura a *sinople* é designada por traços, que partem do angulo direito do escudo ao angulo esquerdo da sua base.

SINTEL, s. m. do fr. *simblon,* compasso grande de uma só perna, que serve para traçar grandes circulos, e é feito de madeira, corda ou cadeia de metal.

SINZEL e seus deriv. V. *Cinzel.*

SINZEL, SINZELADO, A, SINZELADOR, SINZELAR. V. este termo com C.

SITIO, s. m. do lat. *situs,* (pint.) logar ou espaço em que se representa a scena de um quadro. Applica-se especialmente á pintura de paizagem; ha *sitios* de muitos generos, limitados ou extensos, montuosos ou planos, aquaticos, cultivados ou incultos, habitados ou ermos. O artista deve ter grande cuidado na sua escolha, para tirar d'elle bom partido. As paizagens de Poussin são notaveis pela graça, novidade, riqueza e engenhosa diversidade dos *sitios.*

SITUAÇÃO, s. f. do lat. *situs,* fr. *situation,* it. *situazione,* hesp. *situacion,* ing. *state,* (archit. e pint.) diz-se de todo o espaço de um terreno para levantar um edificio ou plantar um jardim, que será tanto mais van-

tajoso se tiver as seguintes condições: posição agradavel e de bellas vistas, que não seja muito elevado, nem baixo, terreno fertil e solido, ar ventilado e puro, agua abundante e simples, amenidade de arvoredos e de plantas. Em pintura tambem se toma algumas vezes o termo de *situação* para designar o logar da scena de um quadro historico ou aquelle em que deve ter assento alguma estatua ou monumento publico. V. *Logar.*

SOALHAR e SOALHO. V. *Solhar, Solho, Assoalhar,* etc.

SOALHEIRO. V. *Eirado.*

SOBACO, s. m. do lat. *sob,* debaixo, e *axilla,* cavidade, (archit.) parte da volta abobadada de um forno, desde o seu nascimento até ao meio da sua altura. Tambem se chama *sobaco* á cavidade que fica debaixo do braço e que se articula com o hombro.

SOBEIRA, s. f. do lat. *sob,* debaixo, e *ora,* borda ou aba, (archit.) significa a segunda ordem de telhas debaixo da beira ou aba do telhado, para suster a superior.

SOBLINHAR, v. a. passar ou traçar linha com a penna ou lapis por baixo de uma ou mais palavras; cortar em madeira ou pedra por baixo da linha traçada, o que é proprio, tanto dos trabalhos fabris e mechanicos, como dos que pertencem a bellas artes.

SOBRADAR, v. a. fazer pavimento de tábuas, assentar o sobrado. V. *Assobradar.*

SOBRADINHO, s. m. dimin. de sobrado, pequeno sobrado, pavimento acanhado.

SOBRADO, s. m. do lat. *tabulatum,* fr. *plancer,* it. *palco,* hesp. *suelo,* ing. *floor,* (archit.) unir, ajuntar tábuas para fazer pavimento, piso, solho de madeira que separa os andares de um edificio: ha sobrados de differentes fórmas, especies e materias.

SOBRANCELHAS, s. f. pl. do lat. *supercilium,* fr. *sourcil,* it. *cilio,* hesp. *coja,* ing. *brow,* (des. e pint.) eminencia arqueada, guarnecida de cabellinhos juntos, de dentro para fóra, que se eleva sobre cada um dos olhos, que tem por base a arcada orbitaria do osso frontal, de que tira o nome de arcada supraciliar. As *sobrancelhas,* diz Winckelmann, servem de coroar os olhos, e fazem parte da sua belleza, que consiste singularmente na finura dos cabellos de que são formadas. Atheneo, louvando uma bella pessoa, gaba sobretudo a separação das *sobrancelhas;* as *sobrancelhas* que se juntam, diz um epigramma grego, são signaes de orgulho e de aspereza. Vinckelmann, c. IV, t. V.

SOBREARCO, s. m. V. *Arco* e *Portal.*

SOBRECÉU, s. m. guarda-pó, pavilhão.

SOBREDOURAR, v. a. do fr. *surdorer,* hesp. *sobredorar,* dourar madeiras, metaes ou outra cousa; dourar segunda vez ou repetir o acto de dourar.

SOBRELIMINAR, s. m. do lat. *sobrelimare,* (archit. milit.) é a viga que atravessa sobre os esteios perpendiculares da ponte levadiça, formando com elles um portal de madeira, que fica por cima do liminar da porta.

SOBRELOJA, SOBRELOJE ou LOGEA, s. f. (archit.) intervallo que se dá n'alguns edificios entre o piso inferior ao rez da terra e o piso do primeiro andar; intersolho ou andar baixo por cima da loja ou casa terrea.

SOBREPORTA, s. f. do fr. *enchevem epure,* (archit.) parte superior e fixa das portas, a que tambem chamam bandeira; nas grandes salas de pés direitos muito elevados, as *sobreportas,* offerecem um grande espaço, que de ordinario é decorado com pinturas e esculpturas. V. *Bandeira.*

«Nas quatro *sobreportas* estão a philosophia, a medicina, o commercio e a agricultura.» Cyr., *Mem.,* p. 314.

SOBREPRATEAR, v. a. do fr. *argenter par dessus,* pratear madeiras, metaes ou outras cousas; segundar a prateação, repetil-a.

SOBRESAIR, v. a. levantar sobre outro, exceder: (pint. e esculp.) realçar com tintas vivas e brilhantes; relevar, dar maior vulto a uma obra de esculptura. V. *Realçar.*

SOBRESOLEIRA, s. f. (archit.) peça de madeira ou pedra, que assenta sobre a soleira ou limiar da porta.

SOBRESTANTE. V. *Olheiro.*

SOCALCO, s. m. de *sob* e *calcar,* do b. lat. *calceata,* (archit.) elevação de terreno sustentado por uma margem em talud, ou por uma fileira de estacas, ou por um muro de argamassa servindo de transitar por um lago, ou de sustentar as aguas correntes dos rios, etc., a que os latinos chamam *agger.*

Dá-se tambem o nome de *socalco* ao espaço abaulado que se dá n'uma rua larga, com mais ou menos declive, entre duas correntes, seguindo-se os *socalcos* em fórma de degraus.

SÓCCO, s. m. do lat. *soccus,* fr. *socle,* it. *zoccolo,* hesp. *zoco,* ing. *base,* (archit.) solido quadrado em fórma de lage grossa, que se põe debaixo dos pedestaes das columnas, das estatuas, dos vasos, etc., a que Vitruvio chama *quadra. Sócco* continuado é o solido quadrado que segue o olivel de toda uma fachada, não tendo base nem capitel sobre o qual assentem columnas ou pilastras, como se vê em alguns edificios.

SOFFITO, s. m. do lat. *lacunar,* fr. *soffite,* it. *soffito,* hesp. *sofito,* ing. *soffite,* (archit.) geralmente fallando, quer dizer superficie de um tecto ou de um membro de architectura, que se apresenta horisontalmente acima de nossa cabeça; em especial significa a face debaixo de um architrave ou cornija, que é decorada com differentes ornatos, segundo as ordens a que pertence. Os *soffitos* são ordinariamente decorados em caixotões, com arabescos, florões, etc., pintados ou esculpidos, como se observa nos grandes palacios.

SÓGEITO. V. *Sujeito.*

SOLAR, s. m. do lat. *solum,* solo, chão ou assento do edificio, de casa nobre e antiga. V. *Solo.*

SOLDA, s. f. do lat. *ferruminatio,* fr. *soudure,* it. *saldatura,* hesp. *soldadura,* ing. *soldering,* composição ou mistura de metaes, que serve para os soldar; mistura-se chumbo, estanho, cobre, prata, oiro, etc., segundo a natureza dos metaes que se soldam.

SOLDADURA, s. f. acção de unir os metaes por meio de solda.

SOLDAR, v. a. do lat. *ferruminare,* fr. *souder* ou *braser,* it. *saldare,* hesp. *soldar,* ing. *to solder,* unir, ajuntar as extremidades de duas peças de metal, ou pondo-as a aquecer ao fogo, até que fiquem brancas e quasi em fusão, e se encorporem uma na outra com o martello, como se faz ao ferro, ou unindo-as por meio de solda, como se faz ao cobre, chumbo, estanho, prata e oiro.

SOLEIRA ou SOLHEIRA, s. f. do lat. *limen,* fr. *seuil,* it. *soglio,* hesp. *umbral,* ing. *threshold,* (archit.) pedra assente no chão, entre as vergas ou humbraes de uma porta ou portal, o mesmo que liminar ou limiar da porta. V. este termo.

SOLHAR, v. a. V. *Assolhar* e *Assoalhar.*

SOLHO, s. m. do lat. *solum,* fr. *plancher,* it. *palco,* hesp. *suelo,* ing. *floor,* (archit.) sobrado, pavimento de uma casa ou andar de algum edificio. V. *Pavimento.*

SOLIDEZ, s. f. do lat. *soliditas,* fr. *solidité,* it. *solidita,* hesp. *solidez,* ing. *solidity,* (archit.) segurança, firmeza, é uma das partes essencialmente precisas para a boa construcção na architectura civil, militar e naval; ella consiste em duas cousas principaes, a saber: escolha de bons materiaes, applicação d'elles, segundo as regras e condições da arte.

SOLIDO, s. m. a mesma or., em geometria é todo o corpo que tem as tres dimensões de altura, largura e espessura ou profundidade.

SOLIDO, A, adj. do lat. *solidus, a, um,* de *solum,* solo, chão, firme, inteiro, seguro; terreno *solido,* edificio *solido,* construcção *solida.*

SOLINHADEIRA, s. f. instrumento de ferro em fórma de martello, de que se servem os cavouqueiros para cortarem as pedras por baixo da linha traçada.

SOLINHAR, v. a. cortar e lavrar as pedras por baixo das linhas traçadas.

SOLO, s. m. do lat. *solum,* it. *suolo,* chão, terreno, (archit.) a area ou superficie de terreno, o logar em que se levanta um edificio.

SOMBRA, s. f. do lat. *umbra,* fr. *ombre,* it. *ombra,* hesp. *sombra,* ing. *shade,* (des. e pint.) obscuridade que produzem os logares opacos na parte opposta á que é illuminada.

A arte de traçar e determinar a *sombra* dos corpos fórma uma das partes essenciaes da geometria descriptiva, que deve ser cuidadosamente estudada pelos desenhadores e pintores, porque lhe é de absoluta necessidade. Não é possivel representar fielmente um objecto, sem logo marcar junto d'elle as *sombras* produzidas pela sua existencia material. A gradação pois das *sombras* e a sua distribuição depende d'esse estudo geometrico e do que os artistas chamam *claro-escuro*. V. este termo e o de *Massas*.

SOMBREADO, A, p. p. de sombrear, e adj., escurecido com *sombras*, desenho *sombreado*, columna *sombreada*. V. *Assombreado, a.*

> Não já de lapis vermelho,
> Mas sim de tinta da China
> *Sombreado*. . .
>
> *O ins. pint.*, p. 203.

SOMBREAR, v. a. do lat. *inumbrar*, fr. *ombrer*, it. *ombreggiare*, hesp. *sombrear*, ing. *to chodow*, (des. e pint.) dar as sombras n'um desenho, dispôl-as n'um quadro, segundo a luz do sol ou a luz artificial. V. *Assombrear*.

SOMMEIRO, s. m. do fr. *sommier*, it. *somier*, hesp. *somero*, ing. *hair quilt*, (archit.) é a pedra que descansando sobre um pé direito ou sobre uma columna, é cortada de modo que possa receber a primeira pedra *(cuneus)* que serve para segurar e firmar uma platibanda. É tambem uma trave pequena ou peça de madeira sobre dois pés direitos de argamassa, servindo de verga a uma porta ou janella de sacada.

O *sommeiro* considerado como trave tem diversos usos nas artes industriaes.

SONDA, s. f. do fr. *sonde*, lat. *bolis*, it. *tenta*, hesp. *sonda*, ing. *a probe*, (archit.) é um instrumento proprio para conhecer a qualidade dos terrenos, e ha outro para calcular o fundo dos rios. De ambos deve ter conhecimento o architecto.

O da sondagem dos terrenos consiste em um trado (verruma), formado de muitas barras de ferro, que se encaixam e unem entre si, para furar a prumo um terreno, a fim de conhecer a qualidade do fundo.

O da sondagem das aguas consiste em uma massa de chumbo de figura conica, atada n'uma corda, chamada *linha de sonda*, por meio da qual se póde saber assim a profundidade da agua, como a natureza e condições do fundo, para o que se costuma fazer uma cavidade no prumo que se enche de sebo, a fim de se alcançar esse resultado.

SONDAREZA, s. f. verruma ou sonda de terrenos, prumo nautico para examinar o fundo do mar e dos rios.

SOPPORTAL, s. m. entende-se do que está por baixo de um portal.

SOSÉGA, s. f. o solo ou terreno onde assenta edificio ou está pegada a arvore (t. desus.).

SOSSO, SOSSA, adj. do fr. ant. *sous*, solto, só; solto, qualidade do muro ou parede de pedra solta ou cascalho, sem argamassa.

SOTÃO, s. m. do arab. *sotuho*, hesp. *sotano*, (archit.) casa, entresolho, ou espaço ordinariamente terreo e abobadado por baixo do primeiro andar, e algumas vezes sobre o ultimo, em que se guardam miudezas ou moveis velhos e pouco uteis.

SOTERRANEO. V. *Subterraneo*.

SOTOAR, s. m. do fr. *santoar*, (braz.) feito em aspa.

SOVACO. V. *Sobaco*.

SPATHO, s. m. nome que têem os mineraes folheados, que estão unidos ás minas, como a ardosia e outros.

SPECULARIA ou ESPECULÁRIA, s. f. do lat. *specular, ari*, olhar, o mesmo que catoptrica, parte da optica que trata da perspectiva por meio dos raios reflexos. Nunes, *Arte da pint.*, p. 44.

SPHINGE. V. *Esphinge*.

STALACTITE, s. f. do gr. *stalazó*, que distilla ou cae gota a gota; congelação ou concreção calcarea que se forma no interior das grutas pela enfiltração vagarosa e continua das aguas. Os grandes pedaços de *stalactites* servem para formar differentes objectos d'arte, que depois de polidos similham ao alabastro. V. *Alabastro*.

STATICA. V. *Estatica*.

STELLITE, s. f. do gr. *stella*, estrella; mineral branco de neve, muito brilhante, cujos crystaes formam gru-

pos estrelados; é composto de silica, de allumina, de cal, de magnesia e de agua.

STEREÓBATA, s. m. do gr. *stéréos,* solido, e *basis,* base, (archit.) base forte, ou sócco continuado de um edificio, termo que tambem se applica á parte inferior de um pedestal. V. *Envasamento.*

STEREOGRAPHIA, s. f. do gr. *stéréo,* solido, e *graphó,* traçar, arte de traçar os solidos sobre um plano, isto é, *perspectiva dos solidos.*

STEREÓSCOPO, s. m. do gr. *stéréos,* e *skopêo,* ver, instrumento que serve para nos representar em relevo as imagens feitas em plano. Consiste n'uma caixa em fórma de pyramide rectangular truncada, que tem na base de uma das suas grandes faces uma abertura para aclarar as imagens collocadas no interior, e sobre seu vertice dois oculos, pelos quaes se observam simultaneamente, através dois prismas, duas imagens de um mesmo objecto, tomadas sobre um angulo differente. Olhando por este modo, os dois olhos não vêem as duas imagens que existem, mas uma só collocada no espaço intermedio, e é d'esta só imagem que resulta a duplicidade das duas imagens, a que se apresenta em relevo. O inventor d'este instrumento foi Wheatstone em 1838.

STEREOTOMIA, s. f. do gr. *stereos,* solido, e *metron,* medida, parte da geometria que ensina a medir os corpos solidos, como a esphera, o cylindro, a pyramide, etc.

STEREOTOMIA, s. f. de *stereo,* pref. e gr. *tomé,* córte, arte de cortar as madeiras, as pedras e outros solidos, com as fórmas convenientes, para serem applicados á construcção. V. os *Tratados de stereotomia.*

STHETICA. V. *Estetica.*

STYLO. V. *Estylo.*

STYLOBATA, s. f. do gr. *stylos,* columna, e *basis,* apoio, base, it. *piedestallo,* (archit.) é uma especie de pedestal continuado ou de envasamento, que tem cornija e base sustentando uma columnata. V. *Stereobata.*

SUAVE, adj. dos 2 g., do lat. *suavis,* it. *soave,* (pint.) diz-se fallando das côres de um quadro, quando apresentam um effeito doce e harmonioso, sem degenerar em lambido ou insipido. Tambem se applica algumas vezes ao sujeito ou assumpto de uma composição, que inspira um espirito *suave* e idéas doces e tranquillas.

SUAVIDADE, s. f. do lat. *suavitas, atis,* é essencialmente applicavel á doçura, harmonia e agrado do colorido.

SUBBASAMENTO. V. *Subenvasamento.*

«No *subbasamento* estavam as estatuas do Arno e do Tibre cheias de tristeza.» Cyr., *Honr. da pint.,* p. 82.

SUBENVASAMENTO, s. m. do lat. *sub,* debaixo, e do gr. *embasis,* base continua, (archit.) corpo solido, simples e continuado, que nos edificios e grandes monumentos fica por baixo do envasamento.

SUBLIME, do lat. *sublimis,* (t. comp.) sublimidade, elevação: chama-se *sublime* a tudo o que ha de mais grandioso nos pensamentos, de mais elevado nos sentimentos, nas acções e nas obras da natureza, do espirito e da arte. A imitação da bella natureza pura e simples, unida á verdade, formam o *sublime* nas bellas artes, *sublime* no pensamento, *sublime* na expressão e *sublime* na execução das obras. Os pontos mais elevados a que as artes tem subido, os seus traços mais ousados e energicos denunciam-se na esculptnra do Apollo de Belveder, na Venus de Milo, no Laocoonte e n'outras obras classicas da antiguidade; nas pinturas de Rafael e de alguns pintores contemporaneos. O *sublime* nas artes é um reflexo da magestade expressiva do *fiat lux* da Biblia e da epopeia dos antigos. A grandeza unida á simplicidade formam o seu caracter dominante e magestoso.

Longino escreveu o seu *Tratado do sublime,* que Boileau traduziu e annotou, e que novamente foi traduzido e publicado com o texto grego por Mr. Pujol em 1853: tambem o ha traduzido em a nossa lingua. Póde-se consultar Burke na sua obra *Essai sur le beau et le sublime,* Kant, Schiller e outros.

SUBPERPENDICULAR, adj. (geom.) parte do eixo de uma curva, comprehendida entre a extremidade

da ordenada e o ponto onde a perpendicular á tangente, tirada de outra extremidade da ordenada, corta o eixo d'essa curva.

SUBSTANCIAS, s. pl. do lat. *substanciæ*, substancias, que têem corpo, que não são puras superficies. Em methaphysica entende-se como a base das propriedades, qualidades e attributos dos corpos, ou de tudo o que subsiste por si, independente dos accidentes.

Em pintura por *substancias colorantes* entende-se de tudo que é proprio para formar tons ou côres secundarias; ha *substancias* mineraes e *substancias* vegetaes.

SUBTANGENTE, adj. (geom.) é a parte do eixo de uma curva interceptada entre a ordenada e o ponto em que a tangente encontra o eixo.

SUBTENSA, s. f. (geom.) linha recta opposta a um angulo, e que se suppõe tirada entre as duas extremidades do arco que mede este angulo.

SUBTERRANEO, NEA, adj. que está debaixo da terra; logar, excavação debaixo da terra, caverna, (archit.) construcção feita em terreno abaixo do nivel ordinario. V. *Cava*.

SUJEITO, s. m. do lat. *subjectus, i*, fr. *sujet*, it. *soggetto*, hesp. *sugeto*, ing. *sujette*, (t. comp.) é termo que tem muitas e diversas accepções na metaphysica, na logica e na grammatica.

Em bellas artes toma-se na significação de thema ou assumpto de uma obra d'arte, representada em desenho, pintura, esculptura e gravura; e diz-se *sujeito* de historia, da fabula, de paizagem, pastoril, etc.: — *sujeito* de grande porte, rico, magnifico, baixo, pobre, ingrato, desagradavel, etc.

SUMIDOURO, s m. do lat. *vorage*, fr. *egou*, it. *scerrimento*, hesp. *sumidero*, ing. *a sink*, (archit.) logar por onde a agua se some ou escôa. V. *Esgoto*.

SUMMIDADE, s. f. do lat. *summitas, atis*, o cimo, o ponto mais alto e culminante de algum edificio, monte, etc. V. *Vertice*.

SUPERFICIAL, adj. dos 2 g., do lat. *superficialis*, que é ou pertence á superficie.

SUPERFICIE, s. f. do lat. *superficies*, *super* e *facies*, face, (geom.) extensão considerada sómente nas suas dimensões de comprimento e largura, sem espessura ou profundidade: (archit.) applica-se á superficie de uma parede, de um pavimento, de um tecto, em qualquer posição que seja. A superficie ou é plana ou curva; as planas são limitadas por linhas rectas, como triangulo, quadrado, polygono; as curvas chamam-se assim, por serem limitadas por linhas curvas, como o circulo, ellipse, oval, etc.

SUPPEDANEO, s. m. do lat. *suppedaneum*, (archit.) escabello, degrau, banco que se põe debaixo dos pés, peanha.

«Plintho, como *suppedaneo*, para elevar a peça.» Machado de Castro, *Analyse graph. orth.*, p. 3.

SUPPLEMENTO, s. m. do lat. *supplementum*, (geom.) o *supplemento* de um angulo é o que se necessita ajuntar a um angulo para formar dois angulos rectos. Em litteratura, é a parte que se ajunta a uma obra para a completar. V. *Accessorio*.

SUPPORTE, s. m. do lat. *fulcimentum*, fr. *support*, it. *apoggio*, hesp. *apoyo*, ing. *support*, tudo que serve de apoio para sustentar ou suster alguma cousa, como um poste, um barrote, um pilar de pedra a meio de uma peça comprida de madeira.

SURDO, A, adj. do lat. *surdus*, fr. *sourd*, it. e hesp. *sordo*, ing. *a deaf*, (pint. e grav.) em pintura chama-se *surdo* a um tom enfarruscado, tirante a negro, e tambem se applica a sombras fortes: em gravura, para representar os tons *surdos* dos quadros é muitas vezes preciso tapar com pontos os brancos que se acham entre os talhos. Diz Boue, que se póde algumas vezes aventurar terceiros talhos nas cousas que devem ser confundidas, como em nuvens, terrenos, e n'outros logares que, sendo muito *surdos*, podem servir de fundos a outros; mas é preciso graval-os com uma ponta muito fina, a fim de que mordam menos que os outros.

SUTA, s. f. instrumento composto ordinariamente de madeira, que serve a engenheiros, architectos e agrimensores, assim como a marceneiros, canteiros e outros gremios.

«Ha diversas qualidades de *su-*

tas ou recipiangulos, que são os instrumentos que de ordinario servem para conhecer os angulos na campanha ou marcar outros. A *suta* é composta de duas reguas perfeitamente iguaes em largura, comprimento e grossura, cujo comprimento deve ser de 2 palmos; as suas arestas interiores devem ser parallelas ás exteriores: são unidas estas reguas por meio de um parafuso, que as deixa mover livremente.» Moreira, *Regr. de des.*, p. 94.

Este instrumento tem muito uso nas construcções civis, e variadas applicações.

SUTURA, s. f. do lat. *sutura*, costura, (anat.) é a união immovel dos ossos da cabeça e face humana, por meio de margens em fórma de dentes, taes são a *sutura frontal*, a *sagital*, a *lambdoidéa*, etc.

SYMBOLICA, s. f. arte de symbolisar. V. *Symbolo*.

SYMBOLISAR, v. a. de symbolo, (pint. e esculp.) representar, figurar por symbolos, usar de symbolos em desenho, pintura ou esculptura.

SYMBOLISMO, s. m. o caracter symbolico.

SYMBOLO, s. m. do lat. *symbolum* ou *symbolus*, do gr. *symbolon*, signal allegorico, (des., pint. e esculp.) em geral é a figura ou imagem sensivel com que representâmos alguma cousa por meio do desenho, da pintura ou da esculptura, ou com o auxilio de expressões figuradas, que devem ter relação com o objecto representado, ou seja natural ou convencional. O gallo é *symbolo* da vigilancia, o cão da fidelidade, a pomba da simplicidade, o leão do valor. A oliveira é *symbolo* da paz, o carvalho da força, o louro da victoria, etc.

Os *symbolos* são de um uso quasi geral, e remontam á mais alta antiguidade; foram conhecidos dos indios, egypcios, gregos e romanos, e fazem uma parte importante da historia da iconologia e da mythologia.

SYMETRIA ou SYMMETRIA, s. f. do lat. e gr. *syn*, com, e *metron*, medida, (pint., esculp. e archit.) relação perfeita, igualdade, conveniencia exacta.

A *symetria* em um edificio consiste na perfeita relação que têem as partes direitas com as esquerdas, as altas com as baixas, as da frente com as posteriores. Assim se o frontispicio de um palacio tem seis columnas ou oito pilastras na ala direita, deve ter igual numero na ala esquerda; se tem dez janellas n'esta deve ter outras dez n'aquella.

A *symetria* nas obras de pintura e de esculptura deve ser menos rigorosa, e basta sómente que na composição appareça aquelle equilibrio geral ou balança visual, que sem tirar a liberdade ao artista offerece os traços de uma proporção harmoniosa.

Symetria e proporção não são termos verdadeiramente synonymos, porque na *symetria* requer-se, mórmente na architectura, uma medida rigorosa e exacta no seu todo, e na proporção requer-se mais propriamente a relação e medida das partes entre si; ex.: supponha-se duas estatuas de igual attitude, uma que mede oito pés de altura, tendo a cabeça a altura de um pé, e as outras partes do corpo em proporção; e a outra estatua medindo oito pollegadas, a cabeça uma, e assim o resto do corpo; póde dizer-se que estas estatuas têem a mesma proporção, porém não que tenham a mesma *symetria*.

«A *symetria*, diz um auctor moderno, é uma harmonia de medidas, e não uma similhança ou uma repetição de partes.»

SYMETRICO, A, adj. feito em symetria.

SYMETRISAR, v. a. igualar em medida, desenhar com symetria, dispor os objectos symetricamente.

SYMPATHIA, s. f. do gr. *syn*, com, e *pathos*, paixão, conformidade de inclinação e de affecto, (pint.) propriedade que tem certas côres de se agradarem e de se fazerem valer, por sua approximação, e uma tal ou qual similhança, de modo que unindo-se formam uma côr nova e agradavel. D'aqui vem o dizer-se que as côres têem *sympathia* ou *antipathia*, e mais vulgarmente que são amigas, ou inimigas. V. *Antipathia das côres*.

SYNAGOGA, s. f. do gr. *synagoglie*, ajuntamento, assembléa, logar consagrado ás ceremonias dos judeus,

em que elles oravam, liam e ouviam as lições dos livros santos. Os seus livros não eram encadernados como os nossos, eram volumes de folhas de pergaminho fino enroladas ao modo antigo. As *synagogas* não eram só logares destinados á oração, mas tambem havia n'ellas escola e um tribunal religioso.

Nos primeiros seculos da edade media existiam ainda muitas synagogas, principalmente em França. Filippe Augusto, em 1183, mandou destruil-as, substituindo-as por egrejas, de sorte que não existe ali algum d'esses edificios, que deveriam excitar a curiosidade e offerecer á historia da arte particular interesse.

Existe em Worms uma sala do seculo XII, que se diz haver servido de synagoga, o que não seria facil averiguar. É uma nave composta de seis abobadas de arestas romanas, semicirculares, descansando sobre duas columnas medianas. Esta sala tem pela parte interior 9 metros de largo sobre 13 metros e 50 centimetros de comprido; as paredes têem 1 metro e 10 centimetros de grosso; é bastante alta debaixo das abobadas, e recebe luz por janellas triangulares com claraboias por cima da archivolta.

Não apparece ali vestigio algum de tribuna nem de santuario.

A porta abre-se junto ao angulo de um dos grandes lados, abrindo-se tambem a meio dos seis espaços. V. *Diction. raison. de l'architec.*, par M. Viollet-le-Duc, t. VIII, París, 1866.

SYNARTHROSE, s. f. do gr. *sin*, com, ou *arthrosis*, articulação, (anat.) articulação immovel. V. *Articulação*.

SYSTILO, s. m. do lat. e gr. *syn*, com, e *stylos*, columna, (archit.) um dos modos de espaçar as columnas, segundo Vitruvio, que é de dois diametros ou de quatro modulos entre dois fustos.

T

TABELLA, s. f. do lat. *tabella*, fr. *tablette*, it. *tavola*, hesp. *tablilla*, ing. *table* ou *schef*, pequena tábua de fórma quadrilonga, representada em desenho ou pintura, ou feita de madeira, pedra ou metal, com inscripções ou ornamentos, que servem de decorar a frente dos edificios, e têem outros usos nas artes do desenho. Tal é a *tabella* que um anjo apresenta no quadro de Raphael, e nos quadros dos prophetas e das sybyllas do mesmo auctor.

TABERNACULO, s. m. do lat. *tabernaculum*, it. *tabernacolo*, fr. e ing. *tabernacle*, hesp. *tabernaculo*, tenda, (archit.) entre os judeus era uma capella portatil feita de pranchas de madeira de cedro, revestida de laminas de oiro, que elles conduziam e conservavam no deserto, para ahi encerrar a arca da alliança.

Os catholicos chamam *tabernaculo* a um pequeno templo ou sacrario, feito de madeira dourada, de pedra, prata ou oiro, collocado sobre um altar, em que se encerra o Santissimo Sacramento. Chama-se *tabernaculo isolado* quando todas as faces do mesmo são separadas do retabulo do altar.

TABICA, s. f. peça que se embute nas cabeças ou extremidades das tábuas, para não racharem quando se serram.

TABICAR, v. a. fazer uso do tabique, encher os vãos das paredes delgadas com tabique: metter *tabicas* nas cabeças das tábuas a fim de não racharem ao serrar.

TABIQUE, s. m. do arab. *tabaca*, tecer, travar, ou do lat. *tabula*, madeira, e do celt. *brique*, terra cozida: (archit.) especie de parede delgada ou frontal, fabricado de tábuas toscas e grossas, cheias ou engendradas por ambas as partes com verguinhas de arcos ou ripas, pregadas em sentido parallelo, guarnecidas de tijolo e argamassa, e rebocadas. Os *tabiques* servem para dividir os quartos dos edificios, evitando o grande peso de paredes grossas.

TABLADO, s. m. do lat. *tabulatum*, fr. *plancher*, it. *palco*, hesp. *suelo*, ing. *floor*, (archit.) parte do theatro, ordinariamente feito de madeira em que os actores representam, cantam ou dansam: construcção de madeira e alvenaria, que separa os andares de um edificio, que póde ser de differentes modos, segundo os generos, usos e circumstancias dos edificios.

TABLINO. V. *Archivo.*

TABOA ou TABUA, s. f. do lat. *tabula,* fr. e ing. *table,* it. *tavola,* hesp. *tabla,* (t. comp.) peça plana de madeira com diverso comprimento, largura e grossura. As nossas *taboas* de pinho da terra têem 22 centimetros de largura, e 2 metros e 64 centimetros, ou 3 metros e 96 centimetros de comprimento: as de pinho de Flandres são mais largas e compridas. Estas são principalmente empregadas nos solhos e tectos das casas, e na feitura da portas e janellas. V. *Banca, Mesa.*

Taboa de beira é a taboa grossa que se prega nos extremos das vigas, onde assentam as telhas que formam a beira ou aba do telhado.

Taboas no plural significam tambem paineis ou quadros de pintura, ou sejam pintados em madeira ou sobre panno.

«Pinta, torno a dizer, o artifice em panno, em *taboa,* em cobre, etc. Gom. da Cruz, *Cart. apol.,* 44.»

«Quem fazia viver as *taboas* e os marmores? Vieira, *Serm. da 1.ª dom. de quaresma.*

Cesar dictador teve duas *taboas* do mesmo official (pintor) que lhe custaram oitenta talentos. F. Nunes, *Art. da pint.,* p. 41, v.

Taboas de modelar são pedaços de taboas grossas de pinho de Flandres com travessas á colla, de que usam os esculptores, para sobre ellas assentarem o barro de que fazem seus modelos.

Taboas de madeira do Brazil, de variado cumprimento e largura, em que os architectos assentam o papel para as suas delineações.

Taboas astronomicas e geometricas, chamam os mathematicos a uns calculos necessarios para as operações geometricas e astronomicas.

TABOADO, s. m. quantidade de taboas e pranchas.

TABOÃO, s. m. augm. de taboa; peça de madeira comprida e chata. com 6 a 9 centimetros de grossura, V. *Pranchão.*

TABOINHA, s. f. diminut. de taboa, taboa delgada e de pequena dimensão.

TABOLEIRO, s. m. do lat. *tabula* ou *patularium,* fr. *plateau,* it. *vassojo,* hesp. *tablero,* ing. *a woodon scale,* (archit.) patamar ou espaço plano de uma escada, d'onde nasce outro lanço. Vitruvio lhes chama *retractiones graduum,* e aos dos amphitheatros *præcinctiones,* e quando são circulares *diazomata.*

Taboleiro ou *tavoleiro* de egreja é o espaço que ha entre alguns degraus e a fachada ou porta principal ou lateral da egreja *(pavimentum).*

«Todos os que estavam no *taboleiro* da egreja.» *Peregrinações de Fernão Mendes Pinto,* p. 13, col. 3.

«O *tavoleiro* da porta principal, cercado de vinte e duas columnas de marmore, com um leão sobre cada uma d'ellas.» *Corograf. de Barreyros,* pag. 66, vers.

Taboleiro tambem se chama a qualquer outro espaço plano que ha n'uma capella ou outro edificio.

Taboleiro, peça de madeira formada de uma taboa quadrilonga, de maior ou menor dimensão, guarnecida de abas para não caír o que n'ella se serve ou leva: *alveolus ligneus.*

Taboleiro de jardim ou horta: é uma parte da terra separada em que se criam certas hervas e flores, e algumas hortaliças, *pulvinus.*

TACANIÇA, s. f. do lat. *tectum,* e *nexus, no,* fr. *charpente d'un toit,* (archit.) peça de madeira ou lanço do telhado, que cobre os lados do edificio, chamados cabeceiras ou empena. V. este termo.

A empena serve de *tacaniça* ao telhado que só tiver duas aguas.

TACELLO ou TASSELLO, s. m. do it. *tassello,* fr. *tasseau,* pedaço, (esculp.) bocados ou peças de que se compõem as fôrmas, que ordinariamente são feitas de gesso. Os *tacellos* occupam as concavidades do modelo, e ficam unidos ou presos ás madre fôrmas. V. *Fôrma* e *Fórma.*

«Para dar mais facilidade á introducção e saída dos *tacellos da fôrma,* quando esta se fizesse.» Machado de Castro, *Descrip. analy.,* 51.

TACHA, s. f. do lat. *clavulus,* fr. *broquette,* it. *buletta,* hesp. *chillone,* ing. *small nail,* prego pequeno de cabeça chata ou redonda, que tem varias applicações nas artes.

TACO, s. m. *(tac,* voz imitativa), tarugo, torno ou prego de madeira

com que se une ou prega alguma cousa, usado em obras de madeiramentos nos edificios.

«Chapuzes e *tacos.*» Oliv., *Advert. aos mod.*, p. 90. V. *Cunha.*

TAES, s. m. do lat. *incus*, fr. *inclume*, it. *incudine*, hesp. *ayunque*, ing. *anvil*, (grav.) é uma bigorninha de aço portatil, em fórma quadrada, de que se servem os gravadores para endireitar ou descansar o cobre, a fim de sobre elle fazerem as precisas raspagens.

TAIPA, s. f. do arab. ou afric. *tabia*, lat. *constructio lutea* ou *paries formaceus*, hesp. *tapia*, fr. *bousillage*, it. *castrusione di fango*, ing. *mud walling*, (archit.) parede ou construcção feita de barro, ou terra e agua, calcado entre dois taboões ou taipaes, o que se costuma fazer nos sitios em que não ha pedras, ou por falta de cabedaes. O modo de apiloar a *taipa*, e o uso das caixas ou taipaes, é similhante ao do formigão, e por isso se chama taipa de pilão. V. este termo.

Taipa de sebe é a fabricada de engradamento de varas ou ripas enchendo os intervallos de barro molle, com que depois se reboca ou mistura com cal.

Taipaes são as taboas postas em sentido parallelo, que servem de fôrma que se enche de barro humido, e que depois de bem calcado constitue as paredes de taipa, etc.

TAIPAR, v. a. encher de taipa, fabricar paredes ou muros de *taipa.*

TAIPEIRO, s. m. o official que faz obra de taipa.

TALAMBOR, s. f. fechadura de talambor é uma fechadura que abre, de meia volta, sem apparecer por fóra mais que a abertura da chave.

TALÃO, s. m. do lat. *talus*, fr. e hesp. *talon*, it. *talone*, ing. *heel*, (archit.) moldura concava na parte inferior, e convexa na superior; chama-se *talão* direito quando a parte inferior é convexa, e *talão* reverso ao contrario. V. *Cimacio, Gola.*

TALCO, s. m. do lat. *talcus*, it. e hesp. *talco*, fr. e ing. *tale*, (min.) mineral que se separa em laminas delgadas e transparentes e é de côr branca e avermelhada: compõe-se de silica, de magnesia, do protoxydo de ferro, de alguns traços de alumina e de agua. Serve para fazer os lapis de pastel, para tirar manchas, etc. Ha outro *talco laminoso*, que vem de Veneza, de uma apparencia brilhante, que serve para os alfaiates traçarem os fatos, e tem outros usos nas artes.

TALHA, s. f. do fr. *taille*, it. *tagliatura*, e, segundo outros, all. *theil*, córte, incisão, (esculp.) acção de cortar, talhar ou retalhar, principalmente em madeira ou marfim. Obra de *talha*, isto é, de relevo, ou seja simplesmente de ornatos ou de architectura ornatada. V. *Entalha.*

TALHADEIRA ou TALHEIRA, s. f. instrumento de talhar, cortar, etc.

TALHAR, v. a. do fr. *tailler*, it. *scarpellare* ou *tagliare*, e, como alguns dizem, all. *theilen*, cortar, dividir, (esculp.) cortar, dar fórma ou talhe; tambem se applica á gravura em madeira. V. *Entalhar.*

TALHAMARES ou TALHANTES, s. m. pl. (archit. civ. e nav.) massiços ou peças de alvenaria ou cantaria em fórma angular nas bases dos pés direitos das pontes, para quebrarem ou diminuirem a força das aguas: —, peças angulares cortantes de madeira, que se põem na roda da prôa para quebrarem a força da agua; — ou de aço, para talharem as correntes de ferro que se atravessam em rios e portos, a fim de tolher a entrada a navios.

TALHE, s. m. do lat. *sectura*, fr. *taille*, (t. comp.) fórma, feição do corpo, configuração da pessoa em geral e em particular, isto é, da cabeça, dos braços, dos vestidos, etc., o que por extensão se applica aos brutos e a cousas insensiveis.

«Fallando do *talhe* do corpo do seu heroe.» Machado de Castro, *Descrip. analy.*, p. 70.

«Diversos *talhes* de cavallos.» Ibid., p. 79 e 80.

«E um certo *talhe* a que chamâmos airoso.» Cyr., *Convers. 4.ª*, p. 23.

TALHO, s. m. de talhar, cortar, do lat. *scalptura*, fr. *taille*, it. *intaglio*, hesp. *córte*, ing. *cutting*, (grav.) córte, golpe dado com instrumento cortante. Tem muitas accepções: applica-se em especial á arte de gravura, e significa qualquer córte ou incisão que o gravador sabe fazer,

sobre o cobre ou outro metal, com o buril, a ponta secca, etc. D'aqui vem a expressão bem conhecida de *talho-doce*, para designar a gravura feita a buril e á ponta secca.

Talho, tambem algumas vezes se applica á gravura em madeira e ao córte das pedras. V. *Córtes* e *Stereotomia*.

Alguns dos nossos classicos usam de *talho* na mesma significação de *talhe*. Assim: «*Talho* do corpo», perfeição do todo. *Nauf. de Sepulv.*, cant. VI, palm. III. «É homem do vosso *talho*». «*Talho* da cabeça e do vestido». Francisco de Hollanda, *Dial. de tirar pelo natural*, p. 24 v.

Talho de letra; fulano tem bello *talho* de letra, isto é, escreve muito bem: *calamo litteras elegia pingit.*

TALISMAN ou TALISMÃO, s. m. do arab. *telesman*, peça de metal com varias figuras symbolicas, a que se attribuiam virtudes extraordinarias; ou as mesmas figuras gravadas em pedra ou traçadas em outras substancias.

TALO, s. m. do lat. *scapus*, fr. *tige*, it. *fusto*, hesp. *tallo*, ing. *stalk*, (archit.) é o vivo ou o tronco de uma columna, sem base nem capitel, o qual é muito variavel nas proporções, segundo a ordem a que pertence, e o uso e fins da sua destinação. (p. us.)

TALO (de folhagem), s. m. (archit.) no capitel corynthio chama-se *talo de folhagem* ou cornucopia, quasi sempre canelada e ornada de folhas, d'onde nascem as volutas e as helices, a que Vitruvio chama *caulicolos*.

TALUD, s. m. do lat. *talus* ou *acclivitas*, fr. *talut*, it. *scarpa*, hesp. *repucho*, ing. *shelving*, (archit.) inclinação sensivel, esbarro forte, que se dá ao paramento das obras de alvenaria ou cantaria, em architectura civil ou militar.

Não se deve confundir este termo com o *declive*, porque este é mais doce e insensivel do que o *talud*.

Em architectura militar ha varias especies de *talud*; a saber: exterior ou escarpa, interior e superior.

TALUDAR, v. a. do fr. *taluter*, it. *alzare a scarpa*, (archit.) levantar em talud, dar talud a um muro, á elevação de um terraço, metter uma linha ou uma superficie em talud.

TAMBOR, s. m. do lat. *tympanum*, hesp. *tambor*, deriv. do arab. *al-tambor*, caixa para fazer signaes, de que se usa na milicia: (archit.) por extensão tem outras significações: 1.ª, fiada ou fiadas de pedras redondas, mais largas ou grossas que altas, que formam o fuste ou tronco das columnas; 2.ª, parte do capitel simples ou ornado; 3.ª, massiço ou fuso de uma escada de caracol; 4.ª, porta movel de eixos, forrada de baeta ou panno para impedir o ar. Em anatomia chama-se *tambor* á cavidade que se encontra entre o conducto auditivo externo e a orelha interna, que tambem se chama *caixa* e *tympano*.

TANGENCIAL, adj. dos 2 g., (geom.) de tangente.

TANGENTE, s. ou adj. f. do lat. *tangens, entis*, p. a. de *tango, ere*, tocar, (geom.) linha perpendicular á extremidade de um raio do circulo, que toca na sua peripheria sem a cortar. Em geral chama-se *tangente* á linha, superficie ou plano que toca n'um só ponto outra linha, superficie ou plano.

TANQUE, s. m. do lat. *stagnum*, fr. *stang*, it. *stagno*, hesp. *estanque*, ing. *poud*, (archit.) reservatorio de pedra, liso ou ornatado, para agua destinada a regar; serve tambem para conservar peixes em jardins e logares de recreio.

TAPAMENTO, s. m. (p. us.) V. *Tapume*, *Sebe*.

TAPAR, v. a. cobrir com tampa, fechar com sebe, muro, taipa, parede, porta, — fendas, buracos, etc.

TAPE ou TAIPA. V. *Taipa*.

TAPEÇARIA ou TAPIÇARIA, s. f. do lat. *pictura textilis*, fr. *tapisserie*, it. *tappezzaria*, hesp. *tapiceria*, ing. *itangings*, panno de lã ou de seda, em que se vêem figuras humanas, animaes, flores, paizagens, ornamentos, etc., tecidos ou feitos a agulha, e servem para cobrir e ornar salas, egrejas e outros logares.

Sabe-se que a arte de tapeçaria é muito antiga, porque d'ella usaram os egypcios, os assyrios e outros povos antigos. Usou-se na edade media, em que se fabricavam á agulha grandes tapeçarias, de que dá testemunho

a *Tapeçaria do Bayeux*, que representa a conquista de Inglaterra por Guilherme. Fundou-se em Chaillot a celebre manufactura da *Sovennerie*, que veiu depois a reunir-se com a dos Gobelins, que ainda hoje existe em grande estima e progresso.

TAPECEIRO, s. m. o que faz ou exerce a tapeceria.

TAPETAR, v. a. V. *Tapizar*.

TAPETE, s. m. do gr. *tapis*, pequena alcatifa que vem da India.

TAPIZ, s. m. alcatifa, tapeçaria. «As outras imagens, ou sejam fundidas... ou pintadas nos quadros ou tecidas nos *tapizes*, etc.» Vieira, na Dominga 22.ª depois do Pentecostes.

TAPIZARIA. V. *Tapeçaria*.

TAPIZAR, v. a. cobrir, decorar.

TAPUME, s. m. sebe, vallado de quinta, vedamento de predio rustico ou em obras.

TARAMELA ou TRAMELA, s. f. do lat. *crepitaculum pistrinarium*, fr. *traquet*, it. *battaglino ladi molino*, hesp. *citola*, ing. *mill-clapper*, taboa pendente sobre a roda do moinho, que sôa emquanto gira a roda; — voz imitativa; — bocado de madeira segura por um prego ou parafuso, que serve para unir e fechar duas faces de uma porta ou janella.

TARDOZ, s. f. do lat. *tergum*, costas, a parte posterior ou face detrás de uma pedra lavrada, que ordinariamente se deixa em tosco, ou porque não é vista, ou porque fica encostada a outra pedra ou muro: o termo é tambem applicavel ás superficies de madeira ou de outra materia, quando se dão as mesmas circumstancias.

TARIMA, s. f. voz persica, estrado de madeira ou pedra á similhança de leito, do lat. *pediolum*, fr. *marche-pied*, it. *predella*, hesp. *tarima*, ing. *foot-stool*, estrado alcatifado para se collocar debaixo do docel, e para outros usos: — estrado levantado, em que dormem os soldados.

TARIMBA, s. f. palavra usada na ultima accepção da precedente: —, significa o primeiro degrau em que assenta uma eça ou tumulo portatil.

TARJA, s. f. do fr. *targe*, deriv. do lat. *tergum*, costas, ou do arab. *targa*, broquel, escudo antigo, de que usavam as amazonas: (des., pint. e esculp.) modernamente entende-se por uma peça de ornamento em desenho, pintura ou esculptura entalhada, que cerca um espaço de claro, em que se representa um escudo de armas, uma inscripção, etc., ou mesmo se toma a figura ou espaço de um escudo atravessado, para sobre elle se formar a *tarja*, que ás vezes se desenha ou apparece ao baixo das estampas, e de outras composições allegoricas.

TARJETA ou TARJINHA, s. f. dimin. de tarja, pequeno tarja com emblemas e ornatos.

TARRACHA ou TARRAXA, s. f. do gr. *terein* ou *terenó*, furar, lat. *coclea*, etc., é um prego em fórma de parafuso terminando em espiral, para entrar no vão correspondente da porca e prender n'ella. Parafuso de *tarracha*. V. *Parafuso*.

TARUGAR, v. a. separar, prender com tarugo.

TARUGO. V. *Torno*.

TAUTOMETRIA, s. f. do gr. *tanto*, o mesmo, e *metron*, medida: repetição da mesma medida.

TAUXIA, s. f. do arab. *tansia*, obra embutida ou encrustada: (des. e pint.) embutido de oiro ou prata em obra de ferro ou aço; marchetados ou embutidos de liso ou de côres em madeira e metaes.

TAUXIADO, A, p. p. de tauxiar, e adj. ornatado, lavrado ou embutido de tauxia. «Copa de oiro *tauxiada*». Diniz., *Dityr*.

TAUXIAR, v. a. (des. e pint.) lavrar ou desenhar de *tauxia*, embutir em fundo, marchetar de metaes, pedras, madeiras, madreperolas, etc. *Tauxiar* de rosas, jamins e de varias flores; matisar côres.

TECER, v. a. do lat. *texo, ere*, de *tego, ere*, dobrir, (pint.) passar os fios pela urdidura para formar a teia de linho, lã, seda; — representar em teia ornatos e figuras. V. *Tapizar*.

TECHNICO, A, adj. do gr. *tekhné*, arte. *Termos technicos*, vocabulos que pertencem ás artes.

TECHNOLOGIA ou TECHNOGRAPHIA, s. f. do gr. *tekhné*, arte, e *logos*, discurso, ou *graphé*, descripção, tratado das artes industriaes em geral, e sciencia dos termos technicos que lhe pertencem; — des-

cripção das propriedades e usos dos differentes corpos. É sciencia moderna, sobre a qual se têem publicado differentes obras, entre as quaes são notaveis: *1.ª Discription des arts et métiers* pela academia das sciencias; — *Encyclopedie methodique*, — *Le grand dictionnaire technologique*, 22 vol.

TECTO, s. m. do lat. *tectum*, s. e sup. de *tego, ere*, cobrir, cobertura da parte superior da casa, (archit.) os *tectos* com que se cobrem e revestem as superficies superiores das grandes salas, das simples casas e apartamentos, foram inventados e feitos para occultar as vigas e os barrotes do madeiramento. A maior parte dos *tectos* antigos eram de madeira, como os nossos, segundo a opinião de Vitruvio e de outros auctores.

Os *tectos* ou são direitos, *de esteira*, ou curvos, mais ou menos abobadados, com molduras ou estuques. Quando são feitos com obra de marceneria chamam-se *sostra*, em lat. *cœlum*, conforme o mesmo Vitruvio.

Podem ser ornamentados com esculpturas em pedra, madeira ou gesso, com caixotões ou pintados a fresco, a oleo ou a tempera, etc.

Jeronymo de Andrade desenhou, executou e dirigiu o *tecto* da egreja de S. Paulo, que é de perspectiva. Cyr., *Mem.*, p. 207.

TÉLA, s. f. do lat. *tela*, it. e hesp. fr. *toile*, ing. *cloth*, teia, tecido de lã, linho, seda, oiro, etc., (pint.) os pintores antigos pintavam sobre madeira e cobre antes da invenção de pintar em téla, o que teve logar quando se usou ou descobriu o modo de pintar a oleo.

TELAMONES, do gr. *tláo*, supportar, lat. *telamones, um*, Vitr. (archit. e esculp.) figuras de homens, que á maneira de cariathides, servem para suster ou sustentar grandes pesos, como entablamentos e cornijas.

TELHA, s. f. do lat. *tegula*, it. *tulie*, fr. *tuil*, hesp. *teja*, ing. *tile*, (archit.) pequena prancha de barro cozido no forno, para cobrir os tectos das casas. As *telhas* ou são planas ou curvas á maneira de canaes, e têem ordinariamente 44 centimetros de comprido, por 18 ou 19 de largo e 4 de grosso. Esta medida, porém, é e póde ser variavel, segundo os seus differentes usos e applicações.

Dá-se tambem o nome de *telhas* ás que são feitas de marmore, pedra ou metal, que tem a mesma fórma e os mesmos usos que as de barro cozido. Fabricam-se *telhas* em ferro e em folha envernizada, para cobrir as forjas e estabelecimentos metallurgicos; as de zinco são boas para tectos ligeiros.

TELHAL, s. m. olaria em que se fazem e cozem telhas no forno.

TELHADO, s. m. tecto ou cobertura exterior da casa, feito ou coberto de telhas. Ha differentes qualidades de tectos ou coberturas de casas; a saber: de *cobre*, de *ferro*, de *zinco*, de *chumbo*, de *ardosias*, de *lousas*, de *telhas* e de *colmo*, as quaes se empregam segundo os climas dos paizes e as circumstancias especiaes reclamam.

Os *telhados* têem as seguintes denominações:

Amouriscado, quando os intervallos das fiadas são cobertos de argamassa.

De *meia mourisca*, quando os intervallos são alternadamente cobertos.

Cravado ou de *canudo*, quando as bôcas das telhas são cheias de argamassa.

Cintado, quando é feito de telha vã, e tem cintas atravessadas de argamassa em espaços de 110 a 130 centimetros, sendo porém assentes com argamassa o cume e as beiras.

De *telha vã* ou de *valadio*, é o que é feito sem argamassa, sendo as telhas seguras com pedras.

TELHÃO, s. m. augm. de telha, ou telha grande.

TELHAR, v. a. formar tectos de telha, cobrir os tectos com telha.

TELHEIRO, s. m. barracão terreo ou espaço cerrado de barrotes e ripas, coberto de telhas, com uma ou duas aguas, em que trabalham canteiros. Tambem significa o official que faz telhas.

TELHINHA, s. f. diminut. de telha, telha mais pequena e delgada que a ordinaria.

TELILHA, s. f. diminut. de téla, téla pequena e delgada, pequeno quadro.

TÊMPERA, s. f. rigeza, consistencia que se dá ao ferro e ao aço; operação pela qual mergulhando em banho de agua fria os instrumentos de ferro ou aço se lhes dá a necessaria rigeza para se applicarem ao trabalho; esta operação exige da parte de quem a pratica o conhecimento do grau de calor necessario para que os instrumentos fiquem bem temperados.

Os esculptores que trabalham em marmore ou pedra não devem ignorar este processo, porque muitas vezes precisam de prompto dar a seus ferros a têmpera conveniente.

TÊMPERA *(pintura a)*, é a que se executa com as côres desfeitas a agua, a colla, a gomma, a clara de ovo, sem oleo nem resina, e que se emprega nas pinturas das grandes abobadas e tectos, e nas decorações dos theatros. V. *Pintura.*

TEMPERADO, A, p. p. de temperar, e adj. preparado, misturado, afinado, graduado; ferros e instrumentos preparados com a têmpera necessaria para o trabalho do esculptor; tintas misturadas e afinadas para uso do pintor.

TEMPERADOR, A, s. m. pessoa que tempera.

TEMPERAR, v. a. do lat. *tempero, are,* fr. *menager,* misturar, preparar, modificar, afinar. «*Temperar* ou dar tempera ao aço ou a objecto feito de aço; é aquecel-o a alta temperatura, rubro mais ou menos claro, e depois mergulhal-o em agua fria. Isto uma vez entendido, o que é facil, todos o sabem fazer, todos sabem temperar um bocado de aço. Mas se todos sabem temperar o aço, mui poucos sabem temperar instrumentos feitos de aço, como, por exemplo, um buril, uma lima, uma navalha, um cunho especialmente de moeda ou de medalhas. Cada instrumento e cada especie de aço tem seu modo especial de têmpera. A têmpera que aproveita a um dado instrumento póde inutilisar outro instrumento diverso, pela fórma, pelas dimensões ou pelo seu destino, ou ainda pela qualidade do aço de que é fabricado. A escolha de um temperador é pois objecto de grande importancia. Elle deve reunir os seguintes requisitos: ser muito conhecedor dos aços e do emprego dos instrumentos que tem a temperar, ter muita experiencia, muita prudencia e exemplar probidade». *Fred. A. de Campos.*

TEMPLO, s. m. do lat. *templum,* fr. *temple,* it. *tempio,* hesp. *templo,* ing. *temple,* (archit.) logar destinado ao culto da divindade. A principio os judeus não tiveram templo, e tanto elles como os pagãos faziam suas orações no cume dos montes ou em grandes planicies; depois reconhecendo a necessidade de procurar um logar retirado para a oração, começaram a celebrar seus mysterios nos bosques, e d'ahi o costume de cercar de muralhas esses logares, deixando-os descobertos no alto para poderem ver o céu de todas as partes. Herodoto diz que os egypcios foram os primeiros que edificaram templos. Na antiguidade o edificio do templo constava de quatro partes, isto é, um portico em cada extremidade, chamado *pronaus;* as alas em galerias ou porticos, chamadas *plerómatas;* e a parte ao meio d'estas tres, que era a maior, chamada *paus.* Os gregos edificaram n'este sentido quatro templos notaveis pela belleza da sua architectura; a saber: o de Diana em Epheso, o de Apollo em Milet, ambos da ordem jonica; o de Ceres Eleusis, da ordem dorica; o de Jupiter olympico em Athenas, da ordem corinthia.

Os romanos tambem levantaram muitas especies de *templos,* que distinguiam pelos usos a que eram destinados, ou por sua ordem e caracter.

Davam por excellencia o nome de *templo* ao que era de fundação real, e aonde se celebrava regularmente o culto religioso; *ædes,* aos que não eram consagrados; *ædicula,* aos que eram mais pequenos e descobertos; *sacella,* aos pequenos e cobertos; e, emfim, *fana, delubra,* aos destinados a seus mysterios.

Todos estes templos, segundo Vitruvio, tinham tambem differentes nomes, conforme a ordem a que pertenciam: a saber:

Templo apilastrado, que era o mais simples de todos, porque só tinha pilastras angulares (chamadas *antes* ou *parastates)* em seus cantos, e duas columnas da ordem toscana aos lados da porta.

Tetrastylos, prostylos, do gr. *tetrastylos,* que tem quatro columnas em frente, como o da Fortuna viril em Roma.

Templo prostylos, do gr. *prostylos,* composto de *prò,* diante, e *stylos,* columna: era o que só tinha columnas na face anterior, como o templo da ordem dorica de Ceres em Eleusis, na Grecia.

Templo amphiprostylo ou *prostylo dobrado,* é o que tinha columnas na face anterior e posterior, e que era tambem *tetrastylo.*

Templo periptero, o que era decorado com uma ordem de columnas isoladas em duas faces externas, e seis columnas defronte de cada extremidade, e por isso era *exastylo,* como é o templo da honra e da virtude em Roma. V. Vitruvio, liv. III, cap. I.

Templo diptero, do gr. *dipteros,* que tem duas alas: era o que tinha duas ordens de columnas em suas faces exteriores, e *octostylos,* ou com oito columnas defronte de cada extremidade, como o templo de Diana em Epheso. V. Vitruvio, ibid.

Templo pseudo-diptero ou *diptero imperfeito,* era o que tinha seis columnas de frente com uma só ordem de columnas nas suas faces, como o templo de Diana na villa Magnesia na Grecia. Ibid.

Templo chamado *hypetro,* do gr. *Vpaitrás,* logar descoberto, porque o era no seu interior. Era *decastylo,* ou com dez columnas de frente e com duas ordens das mesmas nas faces externas, e uma ordem na parte interior, como o templo de Jupiter olympico em Athenas.

Templo monoptero, é de fórma redonda e sem muralhas, com um domo por cima das columnas, como o templo de Apollo Python em Delphos. Ibid.

Templo periptero redondo, é o que fórma um portico circular ou rotunda, com uma ordem de columnas, como o templo de Vesta em Roma e o de Sybilla em Tivoli. V. *Egreja.*

TEMPO (da acção), s. m. do lat. *tempus* e *actio,* de *ago, are,* fazer: (pint. e esculp.) é preceito das artes do desenho, que o pintor ou o esculptor, quando inventa e faz uma composição historica, deve indicar n'ella o *tempo* e ainda o momento em que se passou o facto ou acção que representa, para evitar anachronismos, que, segundo a expressão de um auctor, podem tirar o merecimento a uma obra bem concebida e executada.

«No inventar deve ter-se em vista a unidade do *tempo,* do logar e da acção.»

«Convem escolher o momento mais vantajoso da *acção* que se quizer representar.» Tab., *Regr. da arte da pint.,* p. 5. V. *Acção, Logar.*

TENALHA, s. f. do lat. *forceps,* fr. *tenaille,* it. *tanaglia,* hesp. *tenazas,* ing. *pincers,* (archit. mil.) obra de fortificação, que na frente tem dois angulos salientes e um reintrante: a *tenalha* dobrada ou flanqueada tem na frente quatro faces, que se flanqueiam reciprocamente cada duas, formando dois reintrantes e tres salientes.

TENALHÃO, s. m. augment. de tenalha, luneta defronte das faces, de meia lua.

TENAZ, s. f. instrumento de metal composto de duas peças unidas por um eixo, com as extremidades do qual se aperta e segura o corpo: usam d'elle ourives, ferreiros, canteiros e outros artifices e artistas.

TENDA, s. f. do lat. *tenda,* fr. *tente,* loja de venda, barraca de campanha, pavilhão de jardim. V. *Barraca, Pavilhão.*

TENRO, A, adj. do lat. *tener,* fr. *tendre,* it. *tenero,* hesp. *tienro,* ing. *tender,* brando, suave: (pint, e esculp.) termo opposto a *duro* e *secco;* em pintura o gosto *tenro* e suave consiste em uma certa doçura e harmonia do colorido, junta aos bem dispostos contornos, sem dureza, nem seccura: em esculptura consiste na flexibilidade e harmonia dos membros entre si, que os torna modulosos e carnudos, sem affectação nem dureza.

TENTO, s. m. do lat. *tentum* ou *fulcrum,* fr. *baguette,* it. *appogygio,* (pint.) pequena vara delgada, forrada ás vezes de pellica ou panno em uma das suas extremidades, de que usam os pintores para descansarem sobre ella a mão que tem o pincel.

TERÇAR, v. a. (t. de alv.) misturar tres cousas; misturar cal e amassal-a com agua e areia para fazer argamassa.

TERCENA ou TARACENA, s. f. do lat. *horreum*, fr. *grenier*, it. *granajo*, hesp. *desvan*, ing. *corn-house*, (archit.) arsenal, armazem lageado e enfileirado com outros, que servem de celleiros, em que se guardam cereaes.

«Situaram os reis as suas taracenas na freguezia da Magdalena.» *Monarch. Lus.*, tom. v, fol. 22, col. 3.ª

TERCIARÃO, s. m. do hesp. *terciario*, fr. *tierçon*, (archit.) nervura de abobada gothica, que de um angulo do arco d'onde nasce vae juntar-se ao lierne ou ligadura. V. *Abobada, Lierne.*

TEREBENTHINA, s. f. do lat. e gr. *terebinthos*, resina de terebintho, que tem a consistencia do mel, e se extrahe de muitos vegetaes, como do pinheiro, abeto, cypreste, etc., que depois de purificado serve não só para uso da medicina, mas tambem para preparação de vernizes, e tem outras applicações nas bellas artes e nas artes fabris.

TERMO, s. m. do gr. *terma*, lat. *terminus*, fr. *terme*, it. *termine*, hesp. *termo*, ing. *terminus*, (archit. e esculp.) toma-se em geral por balisa, limite, marco, e por tudo que póde ser medido. Em especial applica-se a uma estatua de homem ou mulher, feita em pedra, madeira ou metal, que termina em misula, e serve de ornamento nos jardins, no fim das alamedas, no andamento das pallissadas, de misulas nos entablamentos dos edificios, e de remates nos lados da pôpa de um navio.

Os auctores apontam differentes especies de termos, que tem as seguintes denominações:

Termo angelico, representando o meio corpo de um anjo.

Termo rustico, marinho, amisulado, em busto, dobrado, milliario. V. *Balisa, Cariathides, Hermes, Marco.*

TERRA, s. f. do lat. e it. *terra*, fr. *terre*, hesp. *tierra*, ing. *earth*, (t. comp.) planeta que habitâmos, e um dos quatro elementos que compõem o globo, e o mais pesado de todos.

Em relação á architectura:

Terra natural é a que não foi cavada nem levantada, e por isso tem o nome de *terra nova.*

Terra movediça a que tem sido transferida de um logar para terraplanar ou igualar outro logar ou terreno.

Terra firme ou massiça a que é tida como solida, sem vacuo, que se póde medir, e é talvez propria para n'ella se levantar edificios.

Terra de entulho é a terra solta, que tem sido cavada e remexida.

Em relação á pintura:

As terras coloradas, finas e massiças, como os ocres são empregadas na pintura, quando a sua côr é solida, a saber:

Terra de Colonia, especie de terra de sombra, um pouco mais doce, ligeira e transparente.

Terra de Italia, terra de côr que se assimilha á do ocre de ruth, mais viva e ligeira.

Terra verde de Verona, especie de pedra dura de que, depois de pisada e moida, usam os pintores de paizagens.

Terra verde commum, é mais inferior que a de Verona, e hoje pouco usada.

Em relação á esculptura:

Terra de mica é a que se pega aos dedos, nem é arenosa.

Terra gredosa, a que tem muita greda.

Terra pastosa ou barro, a que tem mica e suavidade, e por isso propria para modelar.

TERRAÇO. V. *Terrasso.*

TERRADO, A, adj. coberto com terra ou argamassa, (archit.) os edificios são todos *terrados* por cima, *Tenreiro*, c. 12: *terrado* por baixo, atterrado o solo, o chão, o pavimento inferior, não lageado, não ladrilhado, casa *terrada* ou *atterrada*, cujo piso é feito de terra calçada ou argamassada. V. *Aterrar.*

TERRAPLENAR, v. a. (archit.) encher e massiçar com terra um espaço qualquer, ou seja em logar alto e aberto, ou mais ordinariamente entre dois muros de alvenaria, para servir de terraço, ou de caminho que communique de um a outro logar, do lat. *terrenus agger.*

TERRAPLENO, s. m. do fr. *ter-*

replein, it. *terrapleno*, ing. *platform*, (archit.) espaço de terra massiça e elevada, de certa extensão, sustentada por muros e contrafortes, ou por taludes. Em architectura militar tem mais amplo significado.

TERRASSO, s. m. do lat. *agger*, fr. *terrasse*, it. *terrazzo*, hesp. *terrazo*, ing. *terrace*, em geral significa obra ou espaço de terra elevada e murada: — (archit., pint. e esculp.) cobertura de um edificio, feita de argamassa, chumbo, pedra, asphalto ou de outra materia.

Espaço de terra representada no primeiro pavimento de um quadro, principalmente sendo de paizagem.

Superficie superior inclinada sobre o plintho, em que planta uma estatua ou grupo, ou seja de barro, gesso, madeira ou pedra.

«Ou expor-se em um *terrasso* montuoso.» Mach. de Castro, *Expos. do projecto de uma estatua*, 6.

TERREIRO, s. m. plano espaçoso, despejado ou com edificios.

«Uma columnata immensa
De um amplissimo *terreiro*.»
Vieira Lus., *O Ins. pint.*, 462.

TERRENO, s. m. do lat. *terrenum*, it. *terreno:* trato de terra ou para agricultar ou para edificar.

TERREO, A, adj. do lat. *terreus, a, um*, de terra, (archit.) casa *terrea* ou *terreira*, isto é, rente com a terra ao rez do chão.

Linha terrea ou da terra. V. *Linha*.

TERRIVEL, adj. dos 2 g., do lat. *terribilis*, fr. *terrible*, it. *terribile*, hesp. e ing. *terrible*, (t. comp.) que causa terror, assim se qualifica em pintura e esculptura a composição e execução de sujeitos tristes e importantes, que sendo executados com colorido vigoroso e contornos exagerados, fazem grande impressão nos espectadores, tal era o estylo de Miguel Angelo. V. *Contorno*, *Estylo*.

TETIM, s. m. pó de tijolo com cal e azeite, de que se faz uma especie de betume ou argamassa (p. us.).

TETRAEDRO, s. m. do gr. *tetra*, quatro, e *édra*, assento, base, (geom.) solido regular pyramidal, formado de quatro triangulos iguaes e equilateros.

TETRAGONO, s. m. do gr. *tetra*, quatro, e *gonia*, angulo, (geom.) toda a figura que tem quatro angulos e quatro figuras iguaes; o mesmo que *quadrangular*.

TETRÁPLO, s. m. synonymo de quadruplicado.

TETRAPYLO ou TETRASTYLO. V. *Templo*.

TEVERTINO, s. m. do lat. *lapis tiburtinus*, it. *travertino*, especie de pedra dura, arrosada ou acinzentada, tirada de Tivoli, e a melhor de que se servem em Roma para os edificios.

THEATRAL, adj. dos 2 g., pertencente ao theatro, pintura *theatral*, composição *theatral*.

THEATRO, s. m. do lat. *theatrum*, gr. *theathron*, de *theaomai*, vêr, (archit.) edificio especial, destinado a espectaculos publicos. Os theatros antigos eram abertos na parte superior, e apenas cobertos de um toldo para obviar aos rigores das estações, e eram tão espaçosos que podiam conter mais de 80:000 pessoas, como o theatro de Scauro que tinha 360 columnas e 3:000 figuras de metal, como diz Plinio; a sua fórma era semicircular, e por consequencia differente do *Amphitheatro*, que tinha a figura oval ou elliptica. Continha o theatro tres partes: a scena, a orchestra, e os degraus que serviam de assento aos espectadores.

A scena em geral comprehendia todo o terreno occupado pelos actores, assim os que recitavam como os que dansavam, e os que exerciam a mimica: e por isso a scena tinha tres partes, a mais consideravel era o *proscenio*, isto é, a frente da *scena*, um pouco mais elevado, em que os actores representavam, a que hoje chamâmos *theatro*.

A orchestra, que fazia a segunda parte do theatro, era o logar mais baixo, e semicircular fechado ao meio por degraus, e chamava-se assim porque nos theatros gregos era o logar em que se dansavam as balladas, e em relação a estes a orchestra não era propriamente mais do que uma parte da scena tomada em geral: o que não acontecia nos theatros romanos, nos quaes nem um actor descia á orchestra, que era occupada só pelos senadores.

Os degraus que tomavam os espe-

ctadores formavam a terceira parte do *theatro*.

Dos grandes theatros da antiguidade apenas restam as ruinas do de Marcello, na praça Montanara, em Roma.

Os theatros modernos são muito mais pequenos do que os antigos, são cobertos, e o systema de construcção data do seculo XVI.

Os theatros antigos mais notaveis são o de Baccho em Athenas, os de Esparta, de Corintho e outros. Os modernos mais conhecidos são em París o theatro francez, a opera, o theatro lyrico, o do Palais-Royal, etc., em Milão o theatro de la Scala, e os de Munich, de Vienna, de Berlim, etc., em Lisboa temos o de S. Carlos e o de D. Maria II, etc. V. *Histoire philosophique et littéraire du theatre français.*

THEODOLITO, s. m. do gr. *theomai*, ver, e *dolikhos*, longe; instrumento que serve para medir distancias nas operações geodesicas.

THEORIA e THEORICA, s. f. do lat. e gr. *theoria*, it. *teoria*, contemplação, conhecimento especulativo de qualquer sciencia ou arte; collecção de principios e de regras fundadas na rasão e experiencia, e seguidas pelos homens mais doutos em qualquer ramo dos conhecimentos humanos.

Todos sabem que o estudo das bellas artes, para ser proveitoso, depende d'esses conhecimentos applicados nas suas differentes especialidades. Assim o estudo da geometria, da perspectiva, da anatomia, da historia e da poesia é indispensavel aos artistas, mas entre todos o architecto é o que precisa de mais dilatada e variada lição das sciencias subsidiarias. V. os termos *Pratica, Architecto, Pintor, Esculptor.*

THERMAS, s. f. do lat. *thermæ*, gr. *thermós*, quente, (archit.) grandes edificios entre os gregos e romanos, destinados para o uso de banhos quentes e frios. V. *Banhos.*

THESOURO, s. m. do lat. *thesaurus*, gr. *tithimi*, pôr, e *auros*, rico, (archit.) em geral casa ou edificio em que se guarda dinheiro, joias e preciosidades; em geral significa:

1.º Casa ou logar separado e reservado, proximo a uma egreja, em que se guardam reliquias, vasos sagrados, vestimentas e outras cousas preciosas;

2.º Palacio em que se conservam os archivos publicos;

3.º Palacio do *thesouro publico*, a que os romanos chamavam *ærarium*, em que se guardam os dinheiros e rendimentos publicos. O architecto encarregado de taes edificios não deve attender só ás precisas condições de segurança e outras na parte da localidade, mas tornal-o quanto possivel ao abrigo de fogo, de inundações e de outros damnos.

THRONO, s. m. do lat. *thronus*, gr. *thronos*, fr. *trone*, (archit. e pint.) cadeira ou assento magnifico. É um assento real ornado e enriquecido de architectura e esculptura, composto de materiaes preciosos, elevado em degraus, sobreposto de um docel, como se vê nas salas de audiencia dos reis e de outros soberanos.

THYRSO, s. m. do lat. *thyrsus*, fr. e ing. *thyrse*, it. *thyrso*, hesp. *tirso*, haste em fórma de lança enleada de folhas de parra e de era entrelaçada, que serve de ornamento, e que os mythologos dizem ser as armas de Baccho.

TIJOLEIRO, s. m. o operario que faz tijolos ou a pessoa que os vende.

TIJOLO, s. m. do lat. *later, tegula*, fr. *brique*, it. *mattone*, hesp. *ladrillo*, ing. *brick*, (archit.) peça de barro cozido ao forno, feita em fórma quadrilonga, que tem muitas applicações na edificação. V. *Ladrilho.*

«*Tijolo* esbarbado.» Oliv., *Adv. aos mod.*, p. 80.

TILHEIRO. V. *Telheiro.*

TIMBRAR, v. a. (braz.) collocar, pôr timbre.

TIMBRE, s. m. do gr. *tympanor*, deriv. de *typtos*, bater, fr. *timbre*, significa:

1.º O som de um sino;

2.º Qualidade sonora de uma voz ou de um instrumento;

3.º (Braz.) o logar mais alto do escudo das armas, que foi inventado para marcar os graus de nobreza, e é por isso collocado sobre o elmo.

«Tem por armas em campo de oiro uma aguia de vermelho, *timbre*

a mesma aguia nascente.» *Nobiliarch. port.*, p. 286.

TIMIDO, A, adj. do lat. *timidus*, que mostra temor, acanhado, (pint. e esculpt.) diz-se do modo de pintar, ou de modelar e esculpir com timidez, acanhado, sem resolução; o contrario da facilidade e franqueza. A timidez é desagradavel ainda nas boas obras.

D'aqui vem o modo por que os artistas declaram essa falta de execução franca e livre, quando dizem: trabalho acanhado, *timido*, pincel *timido*, sinzel *timido*.

TIMPANO. V. *Tympano*.

TINGIR, v. a. do lat. *tingere*, fr. *teindre*, it. *tignere*, hesp. *tenir*, ing. *teignand*, dar côr aos tecidos de lã, seda, linho, algodão, etc., mettendo-os em liquido apropriado de côr conveniente. V. *Colorir*.

TINTA, s. f. der. de *tinctus*, p. p. de *tingere*, tingir, (pint.) liquido ou substancia colorante para pintar ou tingir. Mistura de côres para imitar a do objecto que se quer pintar.

Meia-tinta é a meia côr entre a luz e a sombra; por effeito das *meias-tintas* se consegue a gradação das côres. V. *Côres*.

«Os egypcios perfilavam com preto sobre apparelho branco e usavam as *tintas inteiras*.» Cyr., *Mem.*, p. 12.

TINTA DA CHINA, s. f. (des. e pint.) assim chamada porque na China se prepara e compõe de hervas, colla e preto de fumo, apresentando um negro alourado e brilhante, dividida em pequenos paus com os caracteres chinezes dourados. Ainda que na Europa se haja composto uma tinta boa e similhante, comtudo aquella ainda é preferivel a qualquer outra. D'esta tinta se servem os desenhadores, pintores e architectos para aguarelar os seus desenhos e projectos.

TINTURA ou TINCTURA, s. f. do lat. *tinctura*, (pint.) o acto de tingir qualquer corpo com liquido ou substancia colorante; leve demão de tinta igual dada sobre papel, panno ou outra superficie. V. *Atintar*.

TIRA-CHUMBO, s. m. do fr. *tire-plomb*, machina composta de um caixilho de ferro com botão e roda de aço, que serve para formar as laminas de chumbo, de que se servem os operarios para metter os vidros dos caixilhos.

TIRADO, A, p. p. de tirar, e adj. extrahido, saccado; retrato *tirado* do natural, estampa *tirada* da chapa original, cabeça *tirada* ou vasada da fôrma, etc.

TIRAGEM, s. f. (grav.) operação pela qual se obtem ou tiram provas de uma gravura ou lithographia, mediante a impressão. D'aqui vem a expressão muito usual entre os artistas de dizerem, que é boa *tiragem* quando as estampas ou lithographias correspondem á gravura ou desenho d'onde se extrahiram, e tambem de classificarem em 1.ª, 2.ª e 3.ª *tiragem*.

TIRA-LINHAS, s. m. do lat. *graphium*, fr. *tire-ligne*, *tirelinee*, hesp. *tiralinea*, ing. *drawing pen*, (des. e archit.) instrumento metallico de 20 centimetros de comprimento, pouco mais ou menos, composto de duas pernas nas duas extremidades, com pequenos parafusos que as alargam ou apertam segundo a grossura das linhas que traçam.

TIRANTE, s. m. do lat. *transtrum*, fr. *tirant*, it. *trare*, hesp. *tirantes*, ing. *boot strafa*, (archit.) viga comprida que abrange toda a largura de um vão, sendo segura em suas extremidades por meio de barras de ferro, para firmar e sustentar o madeiramento do tecto, evitando que elle se separe, assim como as paredes que o apoiam.

Ha tambem *tirantes de ferro*, que constam de barras grossas e compridas com um buraco em cada extremidade, atravessados com uns varões tambem de ferro, que servem para evitar que se desuna uma abobada, para suster um muro, um lanço de parede, ou uma pedra ou lar de chaminé.

TIRAR, v. a. do lat. *trahere* ou *exprimere*, fr. e hesp. *tirer*, it. *tirare*, ing. *to draw:* sacar, extrahir, (t. comp.) Em bellas artes significa:

1.º *Tirar* ou extrahir por meio da impressão as provas de uma gravura ou lithographia;

2.º *Tirar* linhas, traçar linhas, ou planear em desenho um edificio;

3.º *Tirar* em limpo ou a limpo um desenho, um esboceto ou alguma outra obra delineada;

4.º *Tirar* ou retratar em desenho ou pintura qualquer pessoa ou objecto;

5.º *Tirar* em modelo ou esculpir em pedra o retrato de alguem, etc.

TISSIEROGRAPHIA, s. f. gravura em relevo sobre pedra.

TOALHA D'AGUA. V. *Cascata.*

TOCADO, A, p. p. de tocar, adj. palpado, attingido, desenho bem *tocado*, cabeça bem *tocada.*

TOCA-LAPIS, s. m. (archit.) instrumento metallico, que tem de ordinario 18 a 20 centimetros de comprido, ou compasso com uma perna espessada em que se encaixa uma pequena caneta com lapis, que serve para traçar circulos ou curvas differentes. Tambem se toma por caneta de desenhar.

«Seu digno amante entretanto
Continuava exercendo
Seu *toca-lapis* seguindo
De Apelles sempre o preceito.»
Vieira Lus., *O Insp. pint.* 103.

TOCAR, v. a. do lat. *tangere*, fr. *toucher* e *toquer*, it. *toccare*, hesp. *tocar*, ing. *to touch:* acto de apalpar ou do tacto, um dos cinco sentidos corporaes, pelo qual conhecemos a natureza e qualidades dos corpos, que apalpâmos, e serve para auxiliar e corrigir a vista em relação ás fórmas e extensão dos objectos.

Em termo d'arte diz-se: *tocar* bem um desenho, um quadro, um modelo, uma gravura, umas vezes com instrumentos, outras vezes com a mão, como succede no desenho e na modelação.

TOCHEIRO, s. m. *tocha*, e lat. *fero levo*, fr. *torchère*, it. *gran candeliere*, hesp. *antorchero*, ing. *high stand*, (esculp.) peça ordinariamente de madeira dourada ou prateada, em fórma de grande castiçal, ornamentado e entalhado, sobre o qual se collocam tochas ou brandões de cêra, que servem para o culto nas egrejas e cathedraes. V. *Candelabro.*

N'este genero devem notar-se os *tocheiros*, que servem na preciosa capella de S. João, em a egreja de S. Roque, pertencente á casa da misericordia de Lisboa.

TODO, s. m. do lat. *totus*, fr. *tout*, it. *il total*, aggregado de partes integrantes, união das peças de um *todo*, (t. comp.) Em bellas artes é o *todo* considerado como a massa, ou collecção das partes que formam uma obra d'arte; e assim diz-se o *todo de um edificio*, o *todo* de um grupo ou estatua, o *todo* de um quadro, ou de uma composição artistica, sem attenção especial das partes componentes de cada uma d'essas obras.

Em correspondencia ao *tout ensemble* dos francezes, já hoje é admittida entre os artistas a expressão de *todo assemblado* ou *em sembra*, postoque o simples termo do *todo* parece exprimir essa idéa complexa.

«E attendendo ao *todo assemblado*, preceito de não menor importancia, que é o da contraposição.» Mach. de Cast., *Analyse graph. orth.*, 23, 25.

«Concordancia, que em qualquer composição precisam ter as partes entre si, para que o seu *todo* faça bom effeito. Idem, *Descrip. analyt.*, 71. V. *Assemblar*, *Assemblagem.*

«O Amor naturalmente aduna os taes objectos em um *Todo.*» Varella, *Num. vocal*, 513.

TOM, s. m. do lat. *tonus*, gr. *tonós*, fr. *ton*, it. *gradazione di cotore*, hesp. *tono*, ing. *tone:* estender, cantar, (pint.) toma-se por inflexão da voz; analogia dos tons da musica, para designar as differentes especies de côres, ou os graus do colorido que se observam n'um quadro. O bello *tom* de um quadro, diz um escriptor judicioso, depende do claro-escuro bem applicado, como da amisade ou antipathia das côres, que n'elle se empregam. Ha na pintura, como na musica, uma harmonia e uma dissonancia nas especies de côres. Tal é o vermelhão com o azul. Diz-se *tom* surdo, *tom* azul, *tom* claro, negro ou cinzento, segundo essas côres dominam mais ou menos: diz-se tambem um bello *tom* de luz, isto é, um claro escuro bem entendido e executado, um *tom* brilhante, vago, gracioso, variado, etc.

«É um *tom* harmonioso pela exacta degradação da côr local, e da perspectiva aerea.» Cyr., *Convers.* 2.ª, p. 5. V. *Amisade*, *Antipathia das côres.*

TOMAR as juntas. V. *Junta.*

TOMBO, s. m. do lat. *tomex, cis*, gr. *tomina*, cordel: (archit.) inventario authentico dos bens de raiz com as respectivas descripções, medidas,

e confrontações. Para a devida clareza e reconhecimento de taes inventarios, é necessario levantar a planta das propriedades rusticas ou urbanas n'ella comprehendidas, determinando os seus limites por balizas ou pontos fixos, a fim de que possa constar de futuro a superficie do terreno de que se faz o *tombo*. Em falta de pontos fixos convem adoptar a bussola em caixa rectangular, ajustando-a aos lados do predio, para se conhecer a direcção que tem em relação á linha do norte e sul da agulha, etc.

TONDINHO, s, m. (archit.) moldura redonda, pequeno tóro ou bocel, que se applica na base das columnas e n'outros logares. V. *Astragalo*, *Bocel*.

«Peças da ordem toscana — q. *Tondinho* ou bocel.» P. Ign. Vasconcel., *Artefac. sym. e geom.*, p. 341. Lisboa, 1733.

TOPAZIO, s. m. do lat. *topazium*, do gr. *topazion*, pedra preciosa transparente, brilhante, de côr amarella, e de uma dureza igual á do diamante. Tambem o ha de côr vermelha. Acha-se na Bohemia, na Silesia e em Minas Geraes, no Brazil. Serve o *topazio* para varios ornatos e capiteis. Era 12.ª pedra da primeira ordem sobre o racional do grande sacerdote dos judeus. N'elle se gravava o nome da tribu de Simeão.

TOPIARIA, s. f. do lat. *topiaria*, de *topia, orum*, figuras ou feitios recortados na summidade das arvores, arte de debuxar figuras de murta e de outros arbustos em jardins.

TOPO, s. m. do lat. *extremum*, fr. *bout*, it. *estremità*, hesp. *cabo*, ing. *end*, o alto ou summidade de alguma cousa: (archit.) remate de qualquer peça ou obra: o *tôpo* da escada. «No *tôpo* do padrão estava uma cruz» Barros. Tambem significa o extremo das vigas, barrotes e taboas. «Os trygliphos são os *tôpos* das traves, que descansam sobre a viga mestra ou architrave.» Cyr., *Conv. 4.ª*, p. 49.

TOPOGRAPHIA, s. f. do lat. e gr. *topos*, logar, e *graphia*, descripção. Póde tomar-se simplesmente pela arte de descrever circumstanciadamente uma cidade, um porto de mar ou qualquer outro terreno; mas ordinariamente toma-se pela arte de o descrever, desenhando e levantando a planta d'essa cidade, porto, terreno, etc. A *topographia* faz o complemento da geographia e encarrega-se de levantar cartas topographicas. V. *Cours de topographie*, por Puissant, e *Les modèles de topographie*, por M. Perrot.

TOPÓGRAPHO, s. m. o que descreve ou desenha topographia.

TOQUE, s. m. de tocar, a acção de tocar, do lat. *tactio* ou *perfectio*, fr. *touche*, it. *perfezione*, hesp, *pincelada*, ing. *touch*. «O *toque* de suas mãos fez o milagre.» Vieira. Em termo de arte entende-se pelo modo ou maneira de exercitar os diversos ramos das artes do desenho, principalmente o da pintura, e assim diz-se, que o artista tem um *toque* delicado, facil, vigoroso, etc. Os *toques* admiraveis de Corregio, de Ticiano, e assim a respeito do desenho, da esculptura, da gravura, etc.

«Dizendo emfim que nas fundições se perdem sempre os *toques* delicados do cinzel, e que sobre as massas é que se deve exercer a critica.» Machado de Castro, *Descrip. analy.*, append., p. XXXIII.

«E eu já vi bastarem dois *toques* de lapis para dar muita belleza e graça a um desenho, que carecia absolutamente de ambas as cousas.» Cyr., *Conv. 4.ª*, p. 50.

TORADO, A, p. p. de torar, e adj. cortado em toros ou feito á feição de toros.

TORAR, v. a. serrar a arvore ou a vara em tóros, fazer as cousas ou molduras na fórma de toros. V. *Toro*.

TORCER, v. a. do lat. *torquere*, fr. *tordre*, it. *torcere*, hesp. *torcer*, ing. *to twist*, torcer os membros, o rosto, a cabeça, os olhos, etc. V. *Olhos ensarilhados*, *defeituosos*. *Torcer* as cordas no serviço de conduzir ou levantar pedras e outros pesos, etc.

TORCIDO, A, p. p. de torcer, e adj. voltado, revirado; rosto *torcido*, columna *torcida* ou salomonica, escada *torcida* ou de caracol. V. *Columna*, *Escada*.

TÓRCULO, s. m. do lat. *torculum*, pequena prensa de que usam os impressores e estampadores para tirarem estampas pequenas.

TOREUMATOGRAPHIA, s. f. do

gr. *toreumatos*, gen. de *toreuma*, obra esculpida, e *graphia*, descripção, (esculp.) conhecimento e descripção das bases entalhadas e dos baixos-relevos antigos.

TOREUTICA, s. f. do gr. *toreutiké*, de *torenó*, entalhar, ciselar: (esculp.) significava: 1.º, a arte de entalhar ou esculpir em geral; 2.º, em especial, a arte de fundir ou a de trabalhar em relevo, em madeira, prata e bronze.

TORNEADO, A, p. p. de tornear, e adj. roliço, carnoso, feito em fórma de torno; pescoço *torneado*, braços *torneados*, isto é, carnosos.

TORNEAR, v. a. do lat. lavrar ao torno, dar a fórma redonda, roliça: (esculp. e pint.) aindaque o termo pareça mais proprio da esculptura, é comtudo tambem applicavel á pintura, e consiste em dar fórmas redondas, lisas e carnosas ás estatuas, e por imitação aos nús das pinturas e desenhos.

«O estatuario fórma um homem, primeiramente membro a membro, depois feição por feição... abre-lhe os olhos, avulta-lhe as faces, *tornea-lhe* o pescoço, etc.» Vieira, *Serm.*

TORNEIRA (de agua), s. f. do lat. *rostellum*, fr. *robinet*, it. *chiave*, hesp. *canilla*, ing. *spigot*, chave de um tubo de fonte ou talha, que serve para reter e abrir as aguas á vontade.

TORNEJADO, A, p. p. de tornejar, e adj. feito em fórma curva, arredondado ou circular.

TORNEJAMENTO, s. m. a acção ou figura circular, torneamento.

TORNEJAR, v. a. de tornear, (archit.) dar a qualquer obra ou membro de architectura a fórma redonda ou circular.

«As cimalhas dos pedestaes *tornejavam* formando as impostas dos arcos.» Cyr., *Mem.*, p. 164.

TORNO, s. m. do lat. *tornus*, fr. *tour*, it. *tornio*, hesp. *torno*, ing. *turn*, machina que serve de ordinario para fazer peças de obras redondas: ha differentes especies de *tornos*, conhecidos com os nomes de *torno simples*, *torno de luneta*, *torno elliptico*, etc., que têem uso nas artes nobres, e principalmente nas fabris e industriaes.

TORNINHO, s. m. dimin. de torno, pequeno torno.

TORNILHO (de mão), s. m. torno muito pequeno, de que se servem os gravadores.

TORNOZELLO, s. m. de torno, do gr. *ózos*, nó de arvore, lat. *malleolus*, fr. *cheville*, it. *cavicchio*, hesp. *tobillo*, ing. *the ancle bone*, (anat.) chama-se *tornozello* á saliencia formada pela união dos dois malleolos ou paredes lateraes da articulação do pé do homem e dos animaes vertebraes que têem pernas.

TÓRO, s. m. do lat. *torus*, do gr. *tóros*, cabo ou corda grossa: (archit.) moldura redonda que ordinariamente faz parte das columnas: quando é grossa, chama-se *tóro* inferior, como o da base attica ou corinthia; quando é mais estreita, chama-se *tóro* superior. V. *Tondinho*. Os operarios chamam-lhe commummente *redondo*, *bastão*, *bocel*, *bocelão*.

TORRE, s. f. do lat. *tunis*, gr. *tursis*, fr. *tour*, it. e hesp. *torre*, ing. *tower*, (archit.) edificio mais ou menos alto, redondo, quadrado ou de lanços, que tem differentes usos; a saber: 1.º, para servir de pavilhão ao castello de uma cidade; 2.º, para servir por si só, isolado, de fortaleza e defensa de uma barra ou porto de mar, tal é a torre de S. Julião; 3.º, para servir de *torre* de sinos, tal é a torre inclinada de Pisa; 4.º, para pharol, como os de Genova e Cordova; 5.º, para *torres* de egreja, como se vê na basilica do Santissimo Coração de Jesus, e n'outras egrejas e cathedraes; 6.º, para servir de cupula a um domo, que é ordinariamente envidraçada e ornada de architectura, interior e exteriormente.

TORREÃO, s. m. augment. de torre, torre de extraordinaria grandeza.

TORREAR, v. a. fortificar, munir com torres.

TORSO, s. m. do lat. *torsis*, torcido, it. *torso*, fr, *torse*, hesp. tronco, ing. *twiest*, (esculp.) tronco, entende-se: 1.º, pela parte do corpo humano desde o pescoço até aos genitaes; 2.º, por uma figura mutilada, sem cabeça, sem braços e sem pernas, como é o famoso *torso* do Hercules, chamado o *torso* de Belvedere, que se vê na galeria do Vaticano em Roma, (archit.) columna torcida ou salomo-

nica, ou seja simples, cannelada, ornamentada ou ôca. V. *Columna, Dorso.*

TORTUOSO, A, adj. do lat. *tortuosus,* fr. *tortueux,* it. *tortiglioso,* hesp. *sinuoso,* ing. *winding,* que dá muitas voltas ou inflexões violentas; o que se entende principalmente das fórmas geraes dos planos e dos contornos exagerados. V. *Torcer, Torcido.*

TOSCANA. V. *Ordem.*

TOSCO, A, adj. do lat. *tuscanus,* fr. *grossier,* it. *grossolano,* ing. *coarse,* grosseiro, impulido, não acabado com perfeição; — um desenho *tosco,* uma estatua *tosca,* bem póde ser uma obra *tosca,* e ter boas proporções e fórmas agradaveis,

TOSSO, A, adj. do it. *tozzo,* grosso, pesado, applica-se a todos os ramos de bellas artes; é o contrario de esvelto, proporcionado e elegante. É pois *tosso* o edificio ou alguma parte d'elle em que se dá este defeito de peso ou grossura demasiada.

É *tossa* a figura ou estatua que tem uma configuração e grossura improporcionada, e assim do mais.

«D'este se passou a outro modelo maior, que fiz executar por mão alheia e me saíu um pouco *tosso.*» Mach. de Castro, *Descrip. anal.,* p. 225.

TRABALHADOR, s. m. do lat. *operarius,* fr. *travailler,* it. *lavoratore,* hesp. *trabajador,* ing. *pioneer,* todo o homem ou operario que trabalha em obras de edificação, pedra, cal, etc., e n'outros trabalhos analogos e grosseiros. Algumas vezes se applica o termo de *trabalhador* ao homem muito applicado e estudioso, amigo de trabalhar na cultura das artes e sciencias, e então é mais proprio o termo laborioso *(laboriosus).* Homem eloquente e *trabalhador. Disertus homo, et facile laborans.* Cic.

TRABALHAR, v. a. do lat. *laborare,* fr. *travailler,* it. *lavorare,* hesp. *trabajar,* ing. *to work,* occupar-se de alguma obra, fazer ou executar alguma cousa que demande cuidado e attenção, ou seja em artes mechanicas, em bellas artes ou bellas letras: *trabalhar* de jornal ou aos dias, *trabalhar* de empreitada.

TRABALHO, s. m. do lat. *opera,* fr. *travail,* it. *lavorare,* hesp. *trabajo,* ing. *wor,* occupação, obra, applicação a qualquer exercicio.

TRAÇA, s. f. do lat. *vestigium,* fr. e ing. *trace,* it. *traccia,* hesp. *traza,* (des.) delineação, desenho, projecto em linhas de algum edificio, ou parte d'elle ou de outro objecto d'arte.

Assim se exprimiam os nossos classicos, como lemos a cada passo nos seus escriptos, para designarem o plano ou desenho de um templo, um palacio, uma torre, ou de outra obra, — *traça* do edificio, senhor das *traças,* dos edificios, das figuras e dos figurados. Feyo, *Trat.* 2.º, f. 14.

Alguns o tomam como adjectivo com a mesma significação de traço ou linha.

»Pintura, como diz Plinio, é uma representação da fórma de alguma cousa, lançadas certas linhas e *traças.*» Fil. Nun., *Arte da pint.,* p. 31.

É tambem usado em sentido moral, ex.: «Para eu usar de todas as *traças* necessarias para ter mão n'este moço».

TRAÇADO, A, p. p. de traçar, e adj. delineado, desenhado, lançado em linhas ou traços, configurado.

«... nas doze fontes estavam *traçados* os doze apostalos.» Feyo, *Tra.* 2.º, f. 14, v.

Traçado tambem se toma como substantivo, e diz-se traçado de uma ponte, de uma casa, etc.

TRAÇADOR, s. m. o que traça, desenha, projecta em linhas ou configura os objectos (p. us.).

TRAÇAMENTO, s. m. do fr. *tracement,* delineamento, risco, configuração. V. este termo.

TRAÇÃO, s. m. augm. de traço, (p. us.) fórma geral, perfil em grande.

TRAÇÃO ou TRAVESSÃO, s. m. do lat. *transtrum,* hesp. *travesano,* ing. *transons,* (archit.) peça de madeira, pedra ou ferro, que divide e segura outras peças, ou seja horisontal ou obliquamente, a que Vitruvio chama *impages.* Assim se podem chamar aos pedaços de lancil ou verga de pedra que dividem horisontalmente as luzes das frestas ou frestões dos conventos da Batalha e do Carmo de Lisboa.

TRAÇAR, v. a. do lat. *exarare,* fr. *tracer,* it. *delineare,* hesp. *trazar,* ing. *to draw,* (des. e archit.) dar a traça, desenhar, delinear uma figura,

traçar um edificio, uma praça, uma qualquer obra d'arte.

TRACEJADO, A, p. p. de tracejar, e adj., feito a traços iguaes, em fórma de desenho assombreado.

TRACEJAMENTO, s. m. (des. e grav.) acto ou exercicio de dar traços iguaes com lapis sobre o papel, ou gravál-os ao buril sobre chapa de cobre ou aço.

TRACEJAR, v. a. (des. e grav.) dar traços, desenhar a traço sobre papel com o lapis, ou sobre a chapa com o buril.

TRAÇO, s. m. do lat. *linea*, fr. e ing. *trace*, it. *traccia*, hesp. *senal*, (des.) linha traçada com lapis, gis, penna, pincel, buril. V. *Traça*.

«Que nos seus *traços* seguros
De emendas não carecendo.»
Vieira Lusit., *O ins. pint.*, p. 57.

TRAGE ou TRAJO, s. m. vestido usual ou proprio do sujeito; fórma e maneira de o usar. Assim diremos *trajo* nacional, *trajo* estrangeiro, *trajos* de ceremonia, *trajos* caseiros, etc. V. *Costumes*.

TRANSFERIDOR, s. m. instrumento geometrico, que consiste em um semicirculo dividido em 180 partes ou graus.

TRANSPARENCIA, s. f. do lat. *pelluciditas*, it. *transparenza*, (pint.) diaphanidade dos corpos pela qual se dá passagem aos raios da luz. *Transparencia* das côres.

TRANSPARENTE, adj. dos 2 g., do lat. *transparens, tis*, (pint.) diaphano, uma das qualidades do colorido, muito estimado. Como substantivo significa o quadro decorativo pintado sobre panninho com côres ligeiras, para servir á illuminações.

TRANSVERSAL, adj. dos 2 g., do lat. *transversalis*, (geom.) que corta a través ou obliquamente linhas que cáem obliquamente ou perpendicularmente sobre outras.

TRANSUMPTO, s. m. do lat. *transumptum*, traslado, copia; em sentido figurado, retrato.

«Deixaram um notavel *transumpto* da sua vaidade.» *Mon. Lusit.*, tom. 1.º, fol. 3, col. 2.

TRAPEIRA, s. f. do b. lat. *trappa*, der. de *trabs*, viga, fr. *trappe*, it. *trappola*, hesp. *traga luz*, ing. *trapy*, (archit.) especie de alçapão ou de pequena janella aberta sobre o telhado para dar luz e ar á casa.

TRAPEZIO, s. m. do gr. *trapêzo*, mesa, (geom.) figura rectilinea e quadrilatera que só tem dois lados parallelos.

Em anatomia dá-se este nome ao primeiro osso da segunda fileira do carpo, e a um musculo das costas situado sobre a espadua.

TRAPEZOIDE, s. m. isto é, simimilhante ao trapezio, (geom.) figura de quatro lados, todos obliquos entre si.

Em anatomia é o nome do segundo osso da segunda fileira do carpo, e é mais pequeno do que o trapezio. Ha tambem o ligamento *trapezoide*, que é a porção anterior do ligamento *coraco-clavicular*.

TRASFOLEADO, A, p. p. de trasfolear, e adj. traspassado, illucidado o desenho. V. *Illucidado*.

TRASFOLEAR ou TRASPASSAR, v. a. (des.) Tirar á luz, ou passar um desenho de um papel transparente para outro que o não seja.

TRASPILAR, s. m. *tras* e *pilar*, (archit.) pilar ou columnello que fica por detrás de outro.

TRATADO, A, p. p. de tratar, adj. manejado, feito, executado: assumpto bem *tratado*, composição, obra litteraria ou artistica bem *tratada*.

TRATAR, v. a. do lat. *tractare*, fr. *traiter*, it. *trattare*, hesp. *tratar*, ing. *treat*, (t. comp.) manusear, fazer, executar. Em termo d'arte diz-se *tratar um sujeito ou assumpto nobremente*, isto é, imprimir-lhe graça, grandeza e a riqueza de que é susceptivel. Tambem se diz — é um retrato bem tratado, isto é, bem pintado em si, e em todas as suas partes e accessorios, paizagens, animaes, *ornamentos bem tratados*, feitos com verdade e bem executados. O mesmo se póde applicar á esculptura, gravura, etc.

TRAVA ou TRAVE, s. f. do lat. *trabs*, it. *trave*, fr. *pontre*, hesp. *trabe*, ing. *powder*, viga delgada ou barrote que serve para encadear, atravessar e segurar os madeiramentos dos edificios.

TRAVAÇÃO, s. f. connexão, (archit.) encadeamento das peças de madeira na armação dos vigamentos.

TRAVAR, v. a. de *trave*, prender, encadear as vigas e barrotes para segurança das casas.

TRAVEJAMENTO, s. m. emmadeiramento de traves, connexão, segura das traves.

TRAVEJAR, v. a. (archit.) V. *Travar*.

TRAVERTINO, s. m. tufo dos antigos, a que tambem chamam pedra de Tivoli, (geol.) rocha calcarea, esbranquiçada ou amarella, que se forma á maneira de tufos, e que se applica na construcção das abobadas por motivo da sua leveza.

Esta pedra endurece ao sol e adquire uma côr alaranjada; existem d'ella grandes pedreiras junto a Tivoli. Quasi todos os templos em Roma são edificados com o *travertino*.

TRAVESSA, s. f. do fr. *traverse*, it. *traverso*, (archit.) peça de madeira, de pedra ou de ferro, que serve para travar e segurar outras: caminho que corta ou atravessa uma estrada ou rua, porta *travessa*, a que dá entrada pelo lado do edificio.

TREMÓ, s. m. do fr. *trumeau*, (archit.) parte de uma parede de face ou frente entre duas portas ou janellas, onde costuma collocar-se um movel assim chamado.

TRIANGULAÇÃO, s. f. (geom.) operação trigonometrica, por meio da qual se levanta o plano de um terreno, e consiste em determinar a posição de certos pontos da superficie do globo, e a passa-la sobre um plano com o auxilio de triangulos. O *graphometro* e o *theodolito* são os instrumentos de que ordinariamente se usa n'esta operação.

TRIANGULADO, A, adj. a que se deu a fórma triangular.

TRIANGULAR, adj. dos 2 g., do lat. *triangularis*, da fórma ou figura de um triangulo.

TRIANGULO, s. m. do lat. *triangulus*, (geom.) figura de tres lados e tres angulos.

Distingue-se em relação aos *lados* ou aos *angulos*.

Em relação aos lados:

Triangulo equilateral, é o que tem tres lados iguaes.

Triangulo isoscele, do lat. *isosceles*, gr. *isos*, igual, e *skelos*, perna, o que só tem dois lados iguaes.

Triangulo scaleno, do lat. *scalenum*, gr. *skalanon*, é der. de *skolios*, *torto*, o que tem desiguaes todos os tres lados.

Em relação aos angulos:

Triangulo rectangulo, é o que tem um angulo recto.

Triangulo obtusangulo, o que tem um angulo obtuso.

Triangulo oxigono, do lat. *oxigonium*, gr. *oxis*, agudo, o que tem os tres angulos agudos.

Triangulo espherico, é uma porção triangular de uma esphera ou espheroide. Os penduraes, os pennachos *(fourches)* em um domo são triangulos esphericos. V. *Penduraes*.

TRIBUNA, s. f. do b. lat. *tribuna*, fr. *tribune*, it. e hesp. *tribuna*, ing. *gallery*, (archit.) entre os romanos era um logar elevado, em que os oradores fallavam ao povo. Modernamente é uma janella singela ou com balcão, aos lados da capella mór das cathedraes e egrejas, ou mesmo nos lados do corpo da egreja, em fórma de galeria, onde assistem pessoas de distincção aos officios divinos: é tambem uma especie de pulpito, em que fallam os oradores nas assembléas legislativas.

TRIEDRO, s. m. do gr. *treis*, tres, e *hedra*, face, (geom.) pyramide terminada por tres faces ou lados, sem contar a base ou anglo solido formado pela união de tres planos.

TRIFOLIO, s. m. do lat. *trifolium*, fr. *trefle*, it. *trifoglio*, hesp. *trebol*, ing. *trefoil*, (archit. e esculp.) ornamento imitado do trevo, que os esculptores applicam sobre as molduras das cornijas, e que se usa em bordados e em desenhos de jardins.

Ha *trifolios* de varias especies; a saber: *trifolio* de florões, de palmas, de quadrados, de juncos.

Trifolio á moderna, é uma pequena rosa formada por tres arcos de circulos, ou de tres arcos em terceiro ponto, de que ha exemplos nos repartimentos dos vidros, empenas e frontões gothicos.

TRIGLYPHO, s. m. do lat. *triglyphus*, gr. *treis*, tres, *glyphis*, gravura, fr. *triglyphe*, it. e hesp. *triglifo*, ing. *triglyph*, (archit.) ornamento de architectura pertencente ao friso dorico, que consiste em uma especie de bossagem ou pedra saliente, que tem

duas cavidades ou regos verticaes chamados *glyphos*, ou canaes, separados por tres lados, com dois meios canaes dos lados, o que forma ao todo tres *glyphos* ou canaes, d'onde nasce o termo *triglypho*.

TRIGONOMETRIA, s. f. do lat. e gr. *tri*, pref. tres, *gonia*, angulo, *metria*, suff.), ramo da geometria geral que tem por objecto a medida dos triangulos planos e esphericos.

TRILATERO, A, adj. do lat. *tri*, tres, e *latus, eris*, lado, (geom.) que tem tres lados.

TRINQUEVAL ou TRIQUEBAL, s. m. (archit. civ. e mil.) machina ou carro de transportar pedras, peças de artilheria, etc. V. *Zorra*.

TRIQUETRE, s. m. do lat. *triquetrum*, triangulo, isto é, que tem tres faces e tres angulos.

Em numismatica significa a união de tres coxas com as suas tres pernas e tres pés, que se acham frequentemente nas medalhas antigas.

TRISECÇÃO, s. f. (geom.) acção de dividir uma cousa em tres partes iguaes; applica-se á divisão de um angulo em tres angulos iguaes.

TRISTÉGA, s. f. a parte superior de uma casa de tres andares; — aguas furtadas (ant.).

TROCHILO, s. m. (archit.) moldura concava em fórma de meia canna. V. *Scocia*.

TROÇO, s. m. do lat. *truncus*, fr. *tronc*, it. e hesp. *tronco*, ing. *trunk*, pau tosco e redondo, (archit.) pedaço de pedra, marmore ou bronze, de que se forma o fuste de uma columna, que póde bem formar-se com tres ou quatro *troços*. O *troço* differe do tambor em não ter este tanto de altura como de diametro.

Tambem se dá o nome de *troço* ou *tronco* ao dado de um pedestal.

TROCULO. V. *Torculo*.

TROLHA, s. m. (archit.) do lat. *trulle*, fr. *truelle*, it. *cuzzuola*, hesp. *planae* ing. *trowel*, pá de madeira que os pedreiros ou alveneus têem na mão esquerda com a argamassa ou cal amassada, de que se servem nos seus trabalhos.

TRONCADO, A, p. p. de troncar, e adj. cortado do tronco, separado, quebrado, cabeça *troncada*, braço *troncado*, isto é, separado do corpo.

TRONCAR ou TRUNCAR, v. a. do lat. *trunco, are*, gr. *trukhó*, cortar, mutilar, quebrar, fr. *tranquer*, it. *troncare*, hesp. *truncar*, ing. *mutilare*: a mesma significação.

TRONCO, s. m. do lat. *truncus*, de *truncare*, troncar, (t. comp.) parte da arvore ordinariamente vertical, comprehendida entre a raiz e a rama.— Cepo. Estatua mutilada, que só tem corpo, sem cabeça nem extremidades. Significa o fuste total da columna entre a base e o capitel. Tambem se applica ao dado de um pedestal.

Em anatomia significa a parte principal do corpo dos animaes vertebraes. No homem o *tronco* divide-se em tres partes: columna vertebral, peito e bacia.

TROPHÉO, s. m. do lat. *trophœum*, gr. *tropaiou*, fr. *trophée*, it. *trofeo*, hesp. *tropheo*, ing. *trophy*, (pint. e esculp.) monumento de victoria, deriv. de *trepô*, pôr em fugida. A principio consistia n'um grupo de armas e despojos do inimigo suspendidos n'um tronco de arvore, sem ramos: depois fizeram-se esses despojos em pedra e bronze para servirem de decoração. Na pintura e esculptura usa-se como ornamento, á imitação d'esses trophéus da antiguidade: e por analogia se fazem trophéus emblematicos das sciencias, das artes, do commercio, etc., etc., com que se decoram as casas e os edificios.

TROQUEL, s. m. *typus*, fôrma, cunho para assignalar a moeda e as medalhas. V. *Cunho*.

TUBO, s. m. do lat. *tubus*, fr. e ing. *tube*, it. e hesp. *tubo*, pequeno canudo de um diametro estreito, por onde podem passar o ar, os gazes e os liquidos, e póde ser de vidro, argilla, de folha, de ferro, etc., canudo *optico*, oculo de ver ao longe, telescopio.

Tubo acustico, é uma especie de porta-voz, soldado em varios logares, accommodados á grossura das paredes das casas e apartamentos.

Em anatomia usa-se indifferentemente do nome de *tubo* ou canal para designar o conducto natural.

TUBOS, s. m. pl. (pint.) são pequenos tubos metallicos de differentes dimensões, cheios de tintas de diversas côres, moídas a oleo, de que usam os pintores.

TUFO, s. m. do lat. *tophus*, fr. *tuf*, it. *tufo*, hesp. *toba*, ing. *sanaystone*, (archit.) terreno esponjoso, purulento como a pedra pomes, umas vezes é solido e compacto como a pedra para edificar, outras vezes apparece solto á superficie da terra. Quando é solido serve para algumas obras de construcção.

TUGURIO, s. m. do lat. *tugurium*. V. *Cabana*, *Choupana*.

TUMULAR, adj. dos 2 g., que pertence a tumulo, pedra *tumular*, ornato, *inscripção tumular*.

TUMULO, s. m. do lat. *arca* ou *tumulus*, fr. *tombeau*, it. *tumulo*, hesp. *sepulcro*, ing. *sepulchre*, (archit.) parte principal de um monumento funerario, em que descansa o cadaver ou as cinzas do defunto. A principio consistia n'um monte de terra ou barro cosido, elevado sobre a sepultura, em fórma de pyramide; depois fizeram-o de pedra e de marmore com ornamentos, esculpturas e inscripções. Differençam-se porém (diz D. Francisco de S. Luiz, *Syn.*), *tumulo de cenotaphio*, porque *tumulo* suppõe o proprio logar em que está sepultado o corpo, ou em que jazem as cinzas do defunto; *cenotafio* exclue esta idéa; é um monumento vazio, meramente honorario, «estes foram (diz Lucena, l. III, cap. v) os que os gregos chamaram *cenotaphia*, que quer dizer *moimentos vasios*, e os latinos *sepulchra honoraria*.

TUNEL ou TUNNEL, s. m. termo simples que significa propriamente *cano*; e que modernamente significa um subterraneo ou galeria por baixo de um rio ou de um caminho. Tal é por antonomasia chamado o *tunnel* de Londres, construido pelo engenheiro francez Brunel.

TURQUEZA, s. f. pedra fina de côr azul opaco, que se emprega na joaleria; ha d'ella duas especies, a saber: *Turqueza da antiga rocha*, chamada tambem *turqueza de calaite*, que é de um bello azul celeste: e a *turqueza da nova rocha*, que é menos dura e menos estimada, e que algumas vezes tem um azul esverdinhado.

TYMPANO, s. m. do lat. *tympanum*, gr. *tympanon*, tambor, fr. *tympan*, it. e hesp. *timpano*, ing. *tympane*, (archit.) é o espaço do frontão de um edificio, comprehendido no triangulo entre as cornijas e a base, o qual ordinariamente é ornado de figuras em alto ou baixo relevo, como é o do theatro de D. Maria II em Lisboa.

Tympano d'arcada é a tabella ou parte lisa, unida e triangular formada pela archivolta e a architrave que está por cima, onde se esculpem algumas vezes figuras deitadas ou ornamentos, como se vêem em algumas egrejas.

Tympano é, em *hydraulica*, uma machina em fórma de roda, que serve para levantar agua.

Em anatomia é a membrana lisa, miuda e transparente que separa a orelha externa da interna, e que vem tocar o ar levado pelo canal auditivo. A cavidade dos *tympanos* forma o meio da orelha.

TYPICO, A, adj. que serve de norma, de exemplar, de typo figurativo, symbolico, allegorico, emblematico; d'aqui a expressão de caracteres *typicos*, de fórmas *typicas*.

TYPO, s. m. do lat. *typus*, gr. *typos*, modelo original, figura exemplar, (pint., esculp. e archit.) em bellas artes entende-se pelo objecto selecto, auctorisado e original, que serve de norma e regra para a execução de outros objectos similhantes. Assim as pinturas gregas do baixo imperio que nos legaram o *typo* das principaes personagens do Novo Testamento; os restos dos antigos edificios que nos restam do seculo de Pericles até ao de Alexandre, na Grecia, as bellas estatuas de Jupiter, Apollo e de outros deuses fabulosos, são os modelos originaes, os exemplares selectos, e os typos que nos devem servir de estudo e de imitação.

Em numismatica chama-se *typo* á figura allegorica ou symbolica gravada no reverso de uma medalha ou moeda.

TYPOCHROMIA, s. f. do gr. *typos*, modelo, caracter, e *chroma*, côr: impressão caracteristica da côr.

U

ULTRAMAR, s. m. *alem-mar*, (pint.) antigamente significava a Terra Santa ou Palestina, terras que

ficam alem do mar, que banha as costas de Portugal; os estabelecimentos portuguezes da Asia e America: — Bella côr azul muito estimada e usada na pintura, assim chamada por ser trazida de alem-mar, e é feita de pedra *lapis-lazuli* calcinada.

ULTRAMARINO, A, adj. do *ultramar,* (pint.) azul *ultramarino,* feito de *lapis-lazuli.*

«Dura mais que todas as mais côres. Como este azul é muito caro, não se usa muito... Quem o quizer usar ha de lavrar primeiro as roupas ou o que quizer, com azues de Castella, cinzas, e depois de enxuto ha de lavrar por cima o *ultramarino,* que, como é muito delgado, se se usa só, não cobre bem, porque não tem corpo.» Filipp. Nunes, *Arte de pint.,* p. 59.

UMBRAL, s. m. hombreira de porta. V. *Hombral.*

UMBREIRA, s. f. V. *Hombreira.*

UNDECAGONO, s. m. (geom.) do gr. *endeca,* onze, e *gonos, angulo,* figura de onze lados ou angulos.

UNIÃO, s. f. do lat. *unio,* fr. *union,* it. *unione,* hesp. *union,* ing. *unity,* ajuntamento de duas ou de varias cousas n'um todo, (t. comp.) em pintura é o acordo, harmonia e effeito, que resulta das côres ou de um bom colorido; e assim é costume o dizer-se que n'este ou n'aquelle quadro ha uma bella *união* de côres.

Em architectura entende-se pela boa escolha e harmonia das côres nos materiaes, que concorre com o bom gosto do desenho para a decoração dos edificios, qualidade que abrange tambem as obras de esculptura que os decoram e aformoseiam. Mas o termo, aindaque se refira n'este sentido ás qualidades accidentaes das côres, tem comtudo um sentido mais amplo e complexo, porque se estende igualmente a considerar as relações da pintura e da boa connexão das partes entre si, não só no sentido physico, mas tambem no moral e philosophico.

UNIDADE, s. f. do lat. *unitas, atis,* a qualidade unica ou de um só elemento individual.

A *unidade* em mathematica é o principio de toda a numeração. Em philosophia é a *unidade de Deus* pela natureza do infinito e pelo plano e ordem uniforme do universo. A *unidade da alma* pela individualidade do pensamento.

A *unidade* na litteratura e nas artes é a base e origem da sua principal formosura.

Em bellas artes é a *unidade* considerada debaixo de tres relações, a saber: *unidade* de acção, de tempo e de logar.

A *unidade de acção* consiste na judiciosa representação de um sujeito ou assumpto, em que todas as partes ou pessoas que n'elle figuram, de tal sorte concorram para a expressão d'esse assumpto, que não distráiam, nem confundam o sentido principal d'elle.

A *unidade de tempo* diz respeito ao momento mais vantajoso, escolhido para a representação d'esse facto ou assumpto.

«É necessario, diz Prunetti, saber escolher aquelle momento não seguido ainda de algum outro, e no caso de ter sido já usado, sabel-o enriquecer com o poetico da arte, para que pareça um assumpto totalmente novo.»

«As circumstancias do assumpto, diz Addisson, tiradas de uma prompta imaginação creadora, são tantas e tão varias que todos os dias subministram novos e brilhantes objectos a quem os tem de genio.

A *unidade de logar,* que se entende pelo sitio em que o facto se representa deve ser escrupulosamente indicada pelo artista: quando, por circumstancias especiaes na composição, se não possa indicar precisa e claramente o logar da scena, é então necessario que o artista se soccorra de algum meio equivalente que o possa declarar, como fizeram Caracci, e Dominiquino no quadro da communhão de S. Jeronymo, representando uma figura vestida ao uso oriental, para mostrarem que aquella acção se praticou em uma das ruas do paiz do Oriente.

Unidade é um termo tão complexo que póde ter e effectivamente tem ainda muitas applicações em relação ás bellas artes.

Diremos de passagem algumas pa-

lavras sobre a *unidade de objecto* e *unidade de caracter.*

Por *unidade de objecto* entende-se a idéa poetica e a grande linha da composição, subordinando as linhas parciaes umas ás outras, combinando as massas de luz e de sombra e as côres de tal sorte que a vista do espectador, em qualquer logar que se fixe, seja docemente chamada a contemplar o ponto principal, d'onde facilmente abrace e comprehenda o todo da composição.

Por *unidade de caracter* deve entender-se a relação e conformidade que as partes devem guardar entre si, e em relação ao todo de que dependem, por ex.: que as fórmas da perna humana tenham perfeita analogia com as do braço, estas com as do rosto, e assim as outras.

Por *unidade de caracter* entende-se tambem que elle seja observado na significação verdadeira do objecto representado, como praticavam os antigos, e se observa nas estatuas gregas: os contornos mui convexos que dão ao Hercules o caracter da força; os suaves e elegantes que dão ao Apollo o parecer da agilidade e os brandamente alterados que exprimem no Laocoonte um estado de agitação grave mas dolorosa, que dominam em cada estatua, desde a cabeça até ao menor dedo do pé.

UNIFORMIDADE, s. f. do lat. *uniformitas, atis,* fr. *uniformité,* conformidade de fórmas, de feição, de estylo.

Uniformidade de trajos, usos, etc. V. *Costumes.*

UNIR, v. a. do lat. *unire, conjugere,* fr. *unir,* it. *uguagliare,* hesp. *unir,* ing. *smooth,* fazer de duas ou mais cousas uma no sentido natural ou moral, aplanar, nivelar, tornar igual.

URNA, s. f. do lat. *urna,* deriv. de *uro, ere,* queimar, gr. *arnein,* fr. *urne,* it. e hesp. *urna,* ing. *urn,* (archit. e esculp.) especie de vaso, oblongo, largo no meio e apertado na parte superior, simples ou ornado de esculpturas, e susceptivel de se fechar, de que os antigos se serviam, ou para encerrar as cinzas dos mortos, ou para receber bilhetes dos votos nas assembléas publicas, ou para conservar azeite, mel e farinha. Eram feitas de barro cozido, de alabastro, de marmore, de porfido, de ouro, etc.

Dá-se este mesmo nome aos vasos que acompanham as figuras dos rios, que servem de remate das balaustradas e ornam as grutas, fontes e casas de prazer. Aos que coroam os tumulos, as columnas, as pyramides e outros monumentos funerarios que encerram ou fingem encerrar as cinzas dos corpos fallecidos, chamam *urnas funerarias, urnas cinerarias.*

URNARIO, A, adj. em fórma de urna.

URUCU ou ORUCU, do fr. *rocou,* hesp. *achiote,* (bot.) arvore da nova Hespanha, similhante á laranjeira na grandeza e no tronco, as folhas são como as do olmo. Da semente se extrahe uma tinta carmezim, que, além dos usos medicinaes, serve para tingir sedas e para avermelhar o ouro, e colorir os vernizes.

URZE, s. m. do lat. *erica,* gr. *bryon,* musgo, typo da familia das ericineas, que tem mais de quatrocentas especies, quasi todas originarias da Africa, posto que algum haja na Europa e na Asia. São arbustos agradaveis que nascem em terrenos incultos e arenosos, e que, segundo a sua especie, tem diversas applicações e usos, serve de fazer das suas grossas raizes um bello carvão, de que usam os desenhadores e pintores para bosquejarem suas composições, e nas aulas do desenho do antigo e do natural para esboçarem os actos do modelo vivo.

URZEIRA, s. f. arbusto, a que vulgarmente chamam *urzeira,* de que se fazem os carvões de urze, para uso do desenho.

USOS, s. m. pl. do lat. *usus.* V. *Costumes.*

USOS, convenções tacitas que antigamente faziam lei nas edificações. V. Roret, *Manuel de architecture,* t. II.

USSIA, (ant.) V. *Adussia, Capellamór.*

UTENSILIOS, s. m. pl. do lat. *utensilia,* f. *ustensiles,* it. *stoviglie,* hesp. *utensilio,* ing. *utensils,* (t. comp.) são os instrumentos proprios do uso quotidiano de qualquer arte, officio ou mister. D'aqui resulta que se dá

alguma differença entre os termos *instrumento, utensilio* e *ferramenta*, porque *instrumento* é um termo generico, que exprime a noção de causa efficiente de alguma cousa ou effeito util e agradavel, etc.

Utensilio é o instrumento proprio de uso quotidiano e frequente com que se opera ou executa alguma obra d'arte ou de industria, e *ferramenta* é a collecção de instrumentos especiaes, feitos pela maior parte de ferro, com que se fazem trabalhos ordinariamente mechanicos. Assim diremos *instrumentos* de mathematica, de desenho, de pintura, etc., e tambem *utensilios* de pintor, de esculptor, de gravador. *Ferramenta* de canteiro, pedreiro, etc., e tambem ás vezes se applica á dos artistas que exercem as artes bellas.

V

VÁCUO, s. m. do lat. *vacuus*, fr. *vacuité, vite*, it. *vacuità*, hesp. *vacuo*, ing. *vacuity*, espaço vasio de corpos: (archit.) «o melhor alicerce é em rocha, havendo porém a cautela de se furar esta, para se descobrir algum *vacuo* interior, o qual visto, deve ser quebrada a pedreira». Negreiros, *Eng. civ.*, ms., vol. VI. «E serem as paredes muito bem massiçadas, isto é, que não haja *vacuo* algum, o qual não seja bem cheio com pedra». Id., ib.

VAGO, A, adj. do lat. *vagus, a, um*, fr. e it. *vagues*, hesp. *vago*, ing. *vague*, incerto, amplo, ligeiro: (pint.) applica-se á côr, principalmente quando os objectos coloridos são de fórma indeterminada e larga, como os espaços celestes, as nuvens, os vapores da terra; e diz-se: côr ligeira e fina, — a côr *vaga* do céu, — o colorido *vago* de uma paizagem, etc.; (anat.) em anatomia chamam-se nervos *vagos* aos nervos da oitava camada ou pneumo-gastricos, por causa da extensão do seu trajecto e de suas numerosas ramificações.

VAGUEZA, s. f. do fr. *vaguesse*, it. *vaghezza*, (pint.) ligeireza ou finura de tinta, proveniente de um feliz artificio do colorista, que produz uma harmonia tão suave e doce, que encanta a vista e satisfaz o espirito. Esta *vagueza* é mais facil de admirar-se do que de explicar-se. Ella procede de um gosto particular do artista, e de um estudo profundo sobre a variada scena que nos offerece a natureza, e o dom particular de a imitar com os harmoniosos tons do colorido, quasi tão variados, vaporosos e subtis como os que a mesma natureza offerece.

VALADIO, s. m. (archit.) telhado de *valadio* ou *levadio*, é o que se faz de telha solta, sem cal que o segure entre as bicas. V. *Levadio*.

VALLA, s. f. do lat. *vallum* ou *fossa*, fr. *fosse*, it. *fossa*, hesp. *fcole*, ing. *hole*, (archit. civ. e mil.) profundeza natural ou artificial feita abaixo do nivel da terra; profunda-se a terra para formar cisternas, cloacas, para plantar arvores, para conservar cal, etc., o que pertence á architectura civil.

Abre-se e aprofunda-se a terra em comprimento, para impedir uma passagem ou cercar um espaço ou defender uma entrada. Ha fossos ou vallas seccas, e vallas cheias de agua, revestidas e não revestidas.

Em fortificação, a profundeza em geral de um castello, tanto para alumiar a estancia subterranea, como para defender a entrada ou fazer passar agua e conservar o peixe, é preciso que o fosso ou valla seja em fundo de tina, sendo o fundo e os lados arredondados.

VALLADO, s. m. valla de pouco fundo ou disposição de terras, feita por fórma que possa impedir a entrada de animaes em logares reservados; e nos rios servem os vallados, a que tambem chamam cómoros, para as aguas não saírem dos leitos para os campos.

«Os *vallados* em terras seccas devem ser feitos na fórma seguinte: deve ser liada a terra com silvados ou piteiras, ou algum arbusto verde, que possa pegar e reverdecer, e a terra deve ser muito bem calcada com enxadas ou pás de ferro.» Negreiros, ms., tom. V, p. 29 v.

VALLADOR, s. m. o que abre vallas, vallados ou fossos de fortificação.

VALLAR, v. a. do lat. *vallo, are*, abrir vallas para defensa de algum

logar ou castello; fechar com vallos os tapigos, vallar as terras para as desaguar.

VALLO, s. m. a mesma origem, muro de terra ou de pedra para defender a entrada, etc.

VALOR, s. m. do lat. *valor*, preço, deriv. de *valeo, ere*, valer, ter força, poder, fr. *valeur*, it. *valore*, hesp. *valor*, ing. *value*, (pint.) *valor* das côres, phrase derivada da musica, e adoptada pelos artistas para designar o grau de elevação ou effeito de um tom de côr, com relação aos tons proximos. N'este sentido é costume dizer-se, que um tom tem falta de *valor*, isto é, que é preciso abater certos tons para dar *valor* a outros, ou por outro modo, que preciso é realçar estes para os levantar ao seu conveniente *valor*.

VALVERDE, s. m. planta de ornato com figura pyramidal: —, logar alto e elevado. V. *Belveder*.

VÁLVULA, s. m. do lat. *valvula*, fr. *soupape*, it. *laminetta*, hesp. *valvula*, ing. *sucker*, (anat.) dobra membranosa que se encontra no coração, nos intestinos e nos vasos sanguineos, especialmente nas veias, cuja membrana obsta ao regresso do sangue: (mech.) *valvula*, especie de tampa de madeira, cobre ou outro metal, que serve para cobrir uma abertura, de modo que se abre por um lado e se fecha pelo outro. Serve a deixar passar um fluido para o interior de um apparelho e impedir a sua saída: —, chama-se *valvula* de segurança ao apparelho destinado a prevenir a rotura da caldeira.

VÃO, s. m. do lat. *vanus*, de *vacare* ou *vacuare*, vasar, tornar ôco, vasio: (archit.) em geral é o espaço vasio, aberto nas paredes dos edificios, por onde entra luz e ar. *Vão* de portas e janellas, é o intervallo vasio de maior ou menor dimensão, e de differentes fórmas, conforme a ordem e gosto de architectura seguido nos differentes edificios e casas particulares. *Vão* de escada, é o espaço vasio, de fórma quadrilonga ou oval, em que se estabelecem os degraus das escadas, dos edificios, a que tambem chamam *bomba* ou caixa da escada. *Vãos* das pontes, são os espaços vasios comprehendidos pelos arcos e pelas faces interiores dos pegões até ao fundo do rio; a estes *vãos* tambem chamam *olhaes*. V. este termo.

VAPOROSO, A, adj. do lat. *vaporosus, a, um*, fr. *vaporeux*, ing. *vaporous*, (pint.) applica-se aos céus e aos ares, quando o pintor chega a representar o effeito do vapor ligeiro, de que se formam as nuvens, e o da atmosphera.

VARA, s. f. do lat. *barbaro*, vara, estaca, haste lisa e redonda: (term. comp.) antiga medida linear portugueza, que comprehende 5 palmos craveiros: — (archit.) *varas* de castanho, troncos direitos de arvores, principalmente de castanheiros, que servem para os madeiramentos e tectos das casas. V. *Madeira, Madeiramento*.

VARAL, s. m. do lat. *acna* ou *acnua*, fr. *percha*, it. *pertica*, hesp. *percha*, ing. *perch*, medida de que antigamente se serviam para medir as terras, e que tem differentes comprimentos: (archit.) pilares redondos, delgados e muito compridos ou altos, que os architectos godos juntavam a tres e cinco entre si, partindo da base, e curvados na altura para formarem os arcos e nervos das ogivas que sustentam os pendentes. Estes varaes são imitados dos que serviam á construcção das primeiras barracas e cabanas.

VARANDA, s. f. do lat. *verone* ou *balcon*, fr. *avance*, it. *balcone*, hesp. *sacada*, ing. *a balcony*, (archit.) peça saliente da linha do edificio, sustentada sobre columnas ou misulas, e fechada por uma balaustrada de pedra, bronze ou ferro, que occupa ordinariamente maior espaço que o balcão.

VARANDINHA, s. f. dimin. de varanda, pequena varanda ou balcão. V. *Balcão*.

VARÃO, s. m. augment. de vara, (archit.) haste longa e redonda de madeira ou ferro, que tem differentes usos na edificação.

VARELLA ou VARELA, s. f. (t. asiat.) templo de idolos, pagode ou mosteiro de gentios. Lucena, *Vida de S. Francisco Xavier*.

VARIAR, v. a. do lat. *variare*, diversificar, mudar, etc. *Variar* os grupos, as figuras, as physionomias, etc.

VARIEDADE, s. f. do lat. *varie-*

tas, atis, fr. *varieté,* it. *varietà,* hesp. *variedad,* ing. *variety,* diversidade de individuos, de cousas e de objectos: (t. de bot., pint. e esculp.) subdivisão das especies, que consiste em leves differenças dos caracteres distinctivos: — é uma das condições indispensaveis nas obras de bellas artes, mórmente de pintura e de esculptura. Ella deve apparecer na diversidade dos grupos, nas attitudes, no caracter das figuras, no ar das cabeças, nos sitios e em tudo o que pertence á composição, sem excluir os tons do colorido. Sem *variedade* o melhor quadro seria monotono. A *variedade,* acompanhada da unidade, é uma das condições da belleza. V. estes termos.

VARIEGADO, A, adj. do lat. *variegatus,* variado, versicolor, vario na côr: (pint.) variado de côres, de tons, de accidentes e matizes diversos. Quadro ou figura de tintas *variegadas,* colorido *variegado.*

VARINHA, s. f. dimin. de vara, do lat. *bacillus,* fr. *baguette,* it. *bacchetta,* hesp. *bagueta,* ing. *little stick,* (archit.) moldura redonda, mais delgada que o astragalo, que algumas vezes é talhado ou acompanhado com ornamentos. V. *Bocelinho.*

VASA, s. f. (ant.) V. *Base.*

VASADOR, s. m. (esculp.) o artifice que molda ou forma modelos e vasa fôrmas, extrahindo o macho das matrizes: —, formador, moldador. V. este termo.

«As estatuas antigas devem ser tiradas dos originaes por habeis *vasadores,* para não as estropiarem no ajuntamento das partes.» Cyr., *Convers. 6.ª,* p. 88, nota.

VASADURA, s. f. a acção de vasar ou extrahir os modelos das fôrmas ou matrizes.

VASÃO. V. *Vasadura.*

VASAR, v. a. do lat. *vacuo, are,* despejar o liquido do vaso: (esculp.) fundir estatuas, extrahindo-as das fôrmas ou matrizes. V. *Fundir, Excavação* (gravura em madeira).

VASIO. V. *Vacuo.*

VASO, s. m. do lat. *vas, vasis,* fr. *vese,* it. e hesp. *vaso,* ing. *vessel,* peça concava de barro, vidro, madeira, metal, etc., que tem differentes usos: (archit. e esculp.) em architectura é a massa ou corpo concavo do capitel corinthio e composito, sobre o qual parecem applicadas as folhas e volutas, e por isso lhe chamam *vaso* de capitel: é tambem usado nos remates dos edificios, nos interiores das salas, sobre as portas, etc., ou sejam em todo o vulto ou em baixo relevo, e chamam-lhe *vaso* de remate ou de coroamento.

Em esculptura é uma peça isolada, de fórma elegante, simples ou ornada de festões e de baixos relevos, feita de barro, madeira, pedra, marmore, bronze, agatha, collocada sobre um pedestal ou um sócco, servindo de decorar palacios, museus, jardins, etc. Por *vasos* antigos devem entender-se os que nos legou a antiguidade, taes como os *vasos* etruscos, egypcios, gregos, romanos, etc., cujo estudo é de muita utilidade na historia da arte. Alguns d'esses vasos, por suas fórmas elegantes e pelos ornamentos que os decoravam, eram e são verdadeiros modelos de arte; outros, mais ou menos bellos, eram destinados a differentes usos, publicos ou domesticos.

Os *vasos* de sacrificio, que entre os antigos serviam para o culto, e que eram muitas vezes empregados nos baixos relevos de seus templos, *præfericulum, simpulum,* etc. O primeiro era uma especie de galheta grande, ornada de esculptura, como ainda se vê uma no friso corinthio do templo de Jupiter Tonante, referido no livro dos edificios antigos de Roma por De Godetz; o segundo era um *vaso* mais pequeno á maneira de lampada, que servia ás libações dos augures. Nos edificios modernos tem-se applicado estas fórmas de *vasos.*

Vasos de cobre ou argilla usados nos theatros antigos. V. *Echeia* ou *Echea.*

VEA, VEIA, VEIAS, s. f. do lat. *vena,* hesp. *vetas,* deriv. de *venio, ire,* vir, correr, marcar: são canaes ou vasos, que partindo de todas as partes do corpo por pequenas radiculas, levam o sangue para o coração: as veias ou são profundas ou superficiaes; d'estas deve o artista ter conhecimento para as saber representar ou configurar, seja em pintura ou em esculptura.

Veias das pedras ou *marmores* são raios ou fios compridos e estreitos de differentes côres, que offerecendo desigualdades de tons nas pedras, e parecendo defeitos, são comtudo uma belleza nos marmores que se applicam á decoração dos edificios.

VEIO, s. m. mancha ou fios de côres naturaes e diversas, que apparecem nas pedras e marmores. V. *Veia.*

VEIRADO, A, adj. (braz.) ornado ou guarnecido de *veiros.*

VEIROS, s. m. pl. (braz.) riscos na faixa do escudo, a cada lado da qual se dão as côres indicadas pela arte. V. *Nobiliarch. portug.*, p. 226.

VELADO, A, p. p. de velar, e adj. coberto com um véu, (pint.) dado com tinta ligeira e transparente.

VELADURA ou VELATURA, s. f. do it. *velatura*, fr. *glacis*, (pint.) demão de côr ligeira que se applica especialmente na pintura a oleo, para velar e tornar transparente a tinta que fica debaixo, de modo que esta se não perca de vista, mas seja como quem passa sobre ella um véu subtilissimo. As *velaturas* applicam-se tambem na pintura a *têmpera.*

VELAR, v. a. do lat. *velare*, cobrir com véu, (pint.) dar uma ou mais demãos de côres ligeiras para tornar transparentes as tintas que ficam debaixo.

VELETA, s. f. V. *Grimpa.*

VELINO, adj. do fr. *velin*, pergaminho fino de escrever. V. *Papel.*

VENADO, A, adj. do lat. *vena, vea.* Marmore *venado*, pedra *venada*, a que tem veias, raios ou fios em differentes direcções.

VENOSO, A, adj. do lat. *venosus, a, um*, que pertence ás veias, que tem ou é da natureza das veias: não se refere só ás veias do corpo humano ou do irracional, mas applica-se tambem ás folhas que têem pequenos vasos, que sobresáem á superficie, estendendo as suas ramificações desde o meio das folhas até ás margens.

VENTA, VENTAS, s. f. são as duas aberturas exteriores do nariz. V. *Nariz.*

VENTANA. V. *Janella.*

VENTILAÇÃO, s. f. do lat. *ventilatio*, acção de ventilar, renovação de ar nas salas, fabricas, aposentos, etc., meios de renovar o ar em logares fechados.

VENTILADO, A, p. p. de ventilar, e adj. renovado com novo ar.

«A conservação de um ar puro e sempre *ventilado* não foi negligenciada.» Cyr., *Mem.*, 169. (Projecto de uma cadeia.)

VENTILADOR, s. m., a mesma raiz, (archit.) apparelho proprio para renovar o ar nas casas. É sem duvida um dos objectos que deve merecer particular cuidado ao architecto, que se acha encarregado da construcção de qualquer edificio, mormente de hospitaes, cadeias, theatros, o conservar n'elles um ar puro e salubre, por meio de apparelhos proprios e convenientes. Estes apparelhos compõem-se ordinariamente de tubos, que servem para estabelecer nas casas uma corrente de ar indispensavel, para se conseguir uma boa ventilação. Usam-se tambem de pequenas janellas de vidraça movel, por onde sáe o ar mephitico, e se introduz novo ar principalmente nos telheiros, laboratorios, fabricas, etc.

VENTILAR, v. a. do lat. *ventilo, are*, de *ventus*, vento. Renovar o ar em casas ou logares fechados, arejar, rarefazer o ar.

VENTO, s. m. do lat. *ventus*, gr. *étes*, fr. *vent*, it. e hesp. *vento*, ing. *wind*, ar que vem ou gira. O ar introduz-se com facilidade nas mais pequenas partes ou peças delicadas: ao ar que se introduz nas matrizes ou fôrmas, cujos effeitos de obras d'arte são conhecidos, chamam os praticos *vento.*

VENTRE, s. m. do lat. *venter*, gr. *énteron*, fr. e it. *ventre*, hesp. *vientre*, ing. *belly*, (anat.) grande cavidade, que encerra os intestinos, a que se chama *abdomen:* os anatomicos chamam tambem *ventre* do musculo á parte media e mais grossa dos musculos compridos.

Em termos de gravura, applica-se á parte de um buril que se afia para o fazer cortar. Deve-se afiar achatando o *ventre* do buril, de maneira que o fio se incline um pouco para a extremidade da ponta, a fim de o desembaraçar mais facilmente do cobre. V. *Abraham Bosse.*

Em architectura chama-se *ventre*

da columna á grossura que ella tem ao fim do primeiro terço tomado da sua base.

VERDACHO, s. m. tinta verde, tirante a côr de canna. Filip. Nunes, *Art. da pint.*, p. 57.

D'este verde mineral usavam os pintores no tempo de Cimabue e de Giotto, para pintarem a fresco; hoje apenas é usado para pintar a claro escuro.

VERDADE, s. f. do lat. *veritas*, fr. *verité*, it. *veritá*, hesp. *verdad*, ing. *verity*, philosophicamente fallando chamâmos *verdade* á conformidade da idéa com o seu objecto: e d'aqui vem o chamar-se *verdade interna* ou *subjectiva* quando ella nasce ou é tomada da natureza interior do homem (o *eu humano)* e *verdade externa* ou *objectiva*, quando é tomada dos objectos exteriores. Artisticamente chamâmos *verdade* em geral á representação propria e caracteristica dos objectos da natureza. D'aqui vem tambem que, sendo a *verdade* a base e a origem de todas as perfeições, e o alvo de todas as sciencias e artes, que tem por objecto a imitação, ha em cada uma d'ellas uma *verdade* especial que lhe é relativa. E postoque a *verdade* seja uma, podemos comtudo ao nosso modo de ver, em relação ás bellas artes, consideral-a debaixo de tres pontos de vista differentes, para melhor a conhecermos e apreciarmos; a saber: *verdade simples, verdade ideal, verdade composta ou perfeita.*

Verdade simples é uma imitação fiel das fórmas e movimentos expressivos da natureza e dos objectos que o artista escolhe para modelo e que se offerecem a seus olhos. Esta *verdade* simples acha em todas as especies de naturaes os meios de levar o pintor ao seu fim, que consiste em uma sensivel e viva imitação da natureza.

Verdade ideal é uma discreta escolha de diversas perfeições, que nunca se acham unidas n'um só modelo, mas que se escolhem de muitos, e commummente do antigo. Esta *verdade* ideal, diz um auctor grave, comprehende a abundancia dos pensamentos, a riqueza das invenções, a conveniencia das attitudes, a elegancia dos contornos, a escolha das bellas expressões, o bem lançado das pregas, emfim, tudo quanto, sem alterar a primeira *verdade*, a póde tornar mais relevante e mais conveniente.

Verdade composta ou perfeita é formada da *verdade* simples e da *verdade* ideal, e produz por esta reunião o complemento da arte e a perfeita imitação da bella natureza. E o bello verosimil que muitas vezes parece mais verdadeiro que a mesma *verdade*, é um alvo aonde ninguem ainda tocou, e o que se póde dizer é que os mais habeis são os que mais se lhes têem approximado.

Verdade pintoresca, ideal ou perfeita. V. *Verdade.*

VERDE, adj. dos 2 g., do lat. *viridis*, fr. *vert*, it. e hesp. *verde*, ing. *green*, côr binaria composta de quantidades iguaes de amarello e azul; (pint.) uma das sete côres primitivas do espectro solar. V. *Côres.*

Ha tambem differentes côres verdes naturaes ou compostas, de que se faz uso na pintura; a saber:

Verde, verdete, oxydo verde de cobre (tres palavras que significam a mesma côr) que se emprega principalmente na pintura a oleo, e sendo misturada com o cremor de tartaro fórma-se o *verde* de agua, que serve para miniatura e illuminura de estampas, e para aguarellar desenhos e planos de architectura.

Verde bexiga, côr verde, que se emprega nas aguadas de desenho, e que é preparado com o succo das bagas do arbusto chamado *nerprum;* o nome provém-lhe de ser a massa ou pães d'esta côr guardados em bexigas de carneiro.

Verde iris ou *gaio* é um extracto do *iris* de Allemanha, flor que dá uma côr verde mimosa, que serve para as miniaturas.

Verde montanha, substancia mineral formada pela natureza nos subterraneos das minas de cobre; esta côr é variavel, e tem muita applicação na pintura a têmpera.

Verde antigo, marmore brecha composto de fragmentos angulosos, de calcareo branco venado e de serpentina. Foi este marmore conhecido pelos antigos, que o applicavam em seus monumentos: era extrahido da Macedonia e do Egypto; hoje é mais

raro. Na famosa capella de S. João Baptista, collocada na egreja da misericordia de Lisboa, se admira este marmore precioso.

VERGA, s. f. do lat. *virga*, fr. *linteau*, hesp. e ing. *lintel*, padieira, verga da porta, peça de madeira ou pedra, que assenta horisontalmente sobre as humbreiras das portas e janellas *(limen superius)*. V. *Padieira*.

Ha tambem *vergas* de ferro, que têem differentes usos na construcção de edificios. Algumas vezes são as *vergas* acompanhadas de molduras, como astragaes e colaretes. V. *Colarete*. «*Vergas* de colares». Oliveira, *Advert. aos mod.*, p. 28.

VERGALHÃO, s. m. barras de ferro compridas e chatas, que têem differentes applicações na edificação.

VERISIMIL. V. *Verosimil*.

VERMELHÃO, s. m. augment. de vermelho, do lat. *minium*, fr. *vermillon*, gr. *miltos*, it. *minio*, hesp. *bermellon*, ing. *vermilion*, (pint.) minio, mineral de côr vermelha accesa, de que se serviam os antigos pintores, e de que falla Vitruvio; cinabrio composto de enxofre e azougue, que se emprega tambem na pintura e em colorir as ceras. O *vermelhão* da China é especialmente estimado, porque é finissimo e de um vermelho vivo e brilhante. Acha-se bom *vermelhão* na Allemanha, na Hollanda e no Levante. Usavam tambem os antigos do *vermelhão* para illuminar as letras ou caracteres traçados sobre oiro ou marmore.

VERMELHO, A, adj. deriv. de *vermis*, por ser a côr encarnada ou escarlate tirada dos insectos da gran. Côr *vermelha* composta, de que se usa na pintura. Lapis *vermelho*, pedra mineral que vem da Hollanda, de que se servem alguns artistas para desenhar. V. *Lapis*.

VERMICULADO, A, adj. feito ou traçado em fórma de vermes ou bichos.

VERMICULOSO, (archit.) ornatado em fórma de vermes.

VERMICULURAS, s. f. pl. (archit.) sinuosidades feitas ou traçadas sobre bossagens, imitando as voltas ou sinuosidades que os vermes produzem na madeira, corroida por elles, ou mesmo á imitação de certas pedras, cujo aspecto se assimilha ao da madeira vermiculada. Ha esta especie de ornamentos na porta de S. Martinho, em París, e em alguma parte do Louvre. V. *Diction. de Roland e de Virloys*, tom. 3.º

VERNIZ, s. m. do b. lat. *vernix*, fr. *vernis*, it. *vernice*, hesp. *barniz*, ing. *varnish*, (pint.) composição liquida, transparente e resinosa, que se applica com broxa sobre os corpos, principalmente sobre os quadros, para os preservar da humidade e do ar, tornando-os mais brilhantes e agradaveis.

Ha differentes especies de *vernizes*; a saber:

Verniz de espirito de vinho (alcool), *verniz* de essencia de terebinthina, *verniz* oleoso, chamado tambem *verniz graxo* ou *verniz duro*. O *verniz* de espirito não serve para a pintura a oleo; emprega-se pela maior parte em obras de esmalte, dissolvendo o copal no ether ordinario, e é tão seccativo, que ferve debaixo do pincel por effeito da rapida evaporação do ether. Emprega-se tambem sobre moveis, caixas, cartões, etc., dissolvendo no alcool, em banho maria, resinas, como o sandaraque, a almacega, a terebenthina, a gomma laca, etc., e podem misturar-se-lhes differentes côres.

O *verniz* de essencia usa-se na pintura a oleo, mas em geral os vernizes oleosos são propensos a amarellecer. Ha um *verniz* da invenção de M. Scehnée, que reune todas as qualidades, diz M. Vasse, que se podem desejar: não tem côr, é diaphano, lustroso, inalteravel á humidade, impermeavel, duro e flexivel, póde lavar-se sem perder o brilho.

O *verniz graxo* ou *duro* é o menos seccativo e o menos solido; póde lavar-se sem algum inconveniente ou esfregal-o em secco. Usa-se d'elle nos portaes, janellas, carruagens, nos metaes, etc. Compõe-se este *verniz* do copal ou succino, de oleo de linho e de essencia de terebinthina. V. *Traité theorique et pratique sur l'art de faire les vernis* par M. Fripier Deveaux.

O *verniz* brando, de que usam os gravadores, compõe-se, segundo Abraham Bosse: 1.º, de cera virgem bem

branca, 50 grammas; 2.º, de almacegue ou mastique bem puro, 30 grammas; 3.º, de asphalto ou betume de Judea, 15 grammas.

Ha tambem *verniz* duro, *verniz* de Florença, branco, branco de Rembrand, de Callot, inglez e outros. V. *Gravura.*

VERONICA, s. f. nome de uma planta medicinal, do lat. *vera,* gr. *eikon,* que valem o mesmo que *vera effigie,* ou verdadeira imagem. Deu-se este nome ao lenço que Berenice, ou (como mais vulgarmente lhe chamam) *Veronica,* mulher judia, lançou ao nosso Divino Redemptor, Jesus Christo, para enxugar o suor e o sangue que lhe corriam do rosto, quando ía com a cruz ás costas para o Calvario. Ha opinião que o dito lenço tinha tres dobras, e que em cada uma d'ellas ficára impresso o sagrado rosto do Senhor, e que uma d'ellas se guarda em Roma, outra em Castella e outra em Jerusalem. Diz-se que uma d'estas prodigiosas reliquias fôra trasladada pelo papa Bonifacio para a basilica de S. Pedro, e que se tiraram d'ella muitas copias, que se guardam em varias partes com grande veneração. V. *Vocabul. port. e lat.* pelo padre D. Raphael Bluteau, tom. VIII, palavra *veronica.* V. F. de Hollanda, *Da pint. ant.,* p. 56.

VEROSIMIL, adj. dos 2 g., do lat. *verisimilis, verus,* verdadeiro, e *similis,* similhante, o que é parecido e approximado do verdadeiro. Tal é o preceito que Horacio nos dá logo no principio da sua *Arte poetica,* que nunca se pintem e representem cousas informes, extravagantes e inverosimeis; mas, pelo contrario, que, sem perder a bem entendida liberdade, façamos d'esta um uso prudente, natural e judicioso, preceito que deve igualmente applicar-se a todas as artes de imitação, especialmente á pintura e á esculptura.

Os auctores dizem que o *verosimil* é de dois modos: *verosimil* poetico e *verosimil* mechanico; o poetico consiste em dar ás figuras as paixões analogas á sua edade, temperamento, dignidade e ao bom effeito da acção que se ha de representar no quadro, assim como em dar ao personagem um caracter conhecido, especialmente nas cabeças. *Verosimil* mechanico consiste em representar uma cousa de modo que não seja impossivel, segundo as leis da estatica, do movimento e da optica.

VERRUMA, s. f. do arab. *barrima,* lat. *térebra,* fr. *vrille,* it. *succhielo,* hesp. *barrena,* ing. *a borrers,* instrumento de aço em fórma de haste terminando em rosca espiral com bico, sendo no extremo opposto fixado em cabo de madeira rija, que serve para abrir buracos na madeira. V. *Verruma de sondar.*

VERRUMÃO, s. m. augm. de verruma, verruma grande e grossa. V. *Sonda.*

VERRUMAR, v. a. furar, abrir buracos com verruma.

VERTICAL, adj. dos 2 g., do lat. *vertice,* diz-se do que é perpendicular ao plano da terra. V. *Linha vertical.*

VERTICALMENTE, adv. do lat. *verticaliter,* perpendicularmente posto ou collocado ao horisonte, como a fachada de um edificio.

VERTICE, s. m. do lat. *vertex,* a summidade, o mais alto da cabeça humana, corresponde á *cinciput,* que significa o mesmo.

VERTICIDADE, s. f. faculdade de se mover circularmente em todos os sentidos.

VESTE, s. f. do lat. *vestis,* de *vestio, ire,* vestir, vestidura, habito, termo geral, pelo qual designâmos as roupas com que se cobrem e vestem as pessoas, segundo os usos e costumes dos differentes paizes, e assim dizemos: *vestes* sacerdotaes, *vestes* reaes, etc.

VESTIBULO, s. m. do lat. *vestibulum,* fr. *vestibule,* it. e hesp. *vestibulo,* ing. *porch,* entrada principal de qualquer edificio, (archit.) na architectura era um grande espaço vasio na frente da porta ou entrada de uma casa, a que chamavam *atrium propatulum* e *vestibulum,* nome derivado da deusa Vesta, em honra da qual os antigos ahi conservavam fogo para o sacrificio.

Este espaço era formado pelo comprimento ou prolongação de muros ou edificios lateraes á entrada da fachada, fechando-se como uma praça descoberta, accessivel pela frente,

sendo os lados simples ou ornados de columnas.

Os architectos chamam *vestibulo simples* ao que tem as duas faces oppostas decoradas com igualdade.

Vestibulo figurado ao que segue o plano de formar um corpo avançado e outro posterior, decorado com pilastras ou columnas em symetria.

Vestibulo tetrastylo o que tem quatro columnas isoladas, correspondentes a outras columnas obrigadas.

Vestibulo octostylo redondo, o que tem o plano circular ou ovado, ornado com oito columnas encostadas.

Vestibulo alado ou de alas, o que tem um grande espaço no meio, separado das alas por columnas que sustentam o soffito da arcada que cobre o vestibulo.

Vestibulo em peristylo, o que é dividido em tres partes com quatro ordens de columnas isoladas.

VESTIDO, s. m. do lat. *vestitus*, tem significação menos generica, entende-se pelo trajo ordinario das pessoas, por ex.: a calça, a casaca, o colete e mais peças usuaes com que se vestem as pessoas de um e outro sexo.

VESTIDURA, s. f. designa ou parece exprimir as vestes sobrepostas ao vestido ordinario, segundo as differentes ordens e dignidades das pessoas; assim o manto real, a becca são vestiduras do rei, do magistrado, etc.

VESTIGIO, s. m. do lat. *vestigium*, fr. e ing. *vestige*, it. e hesp. *vestigio*, signal, resto ou fragmento que dá a conhecer a existencia de cousa que passou e se perdeu; assim diz-se de umas ruinas que são *vestigios* de alguma cidade, templo ou palacio.

Auxiliado pelos *vestigios* de alguns planos e traços de monumentos antigos, intenta e consegue o architecto a restauração d'essas obras d'arte.

«... já se divisão os primeiros *vestigios* da arte, puramente portugueza.» Loureiro, *Discur. na sess. pub. trien. de 1843, da acad. das bellas artes*, p. 4.

VESTIMENTA, s. f. vestes sacerdotaes que se usam no exercicio publico do culto religioso. A casula, a estola, a capa de asperges são vestimentas.

VESTIR, v. a. do lat. e it. *vestire*, fr. *habiller*, hesp. *bestir*, ing. *to cloath*, (pint. e esculp.) entende-se tanto em pintura como em esculptura, das figuras cobertas de roupas convenientes, segundo os usos e costumes, e assim diz-se: *uma figura vestida ao antigo: — este pintor veste bem suas figuras.*

«Tambem em casa de Parodi copiei e *vesti* retratos, e depois tirei alguns pelo natural.» Cyr., *Mem.*, p. 303.

VESTUARIO, s. m. trajo, fato do uso commum a cada individuo. Applica-se especialmente aos trajos e vestes do theatro. V. *Costumes, Trajos.*

VIADUCTO, s. m. do lat. *via*, caminho, e *duco, is, ere*, conduzir (archit.) ponte construida em arcos, por cima de um valle ou ribeira, para passagem de um caminho de ferro. O *viaducto* é obra assimilhada a um aqueducto, ordinariamente formado sobre uma grande cavidade em que não corre agua. V. *Aqueducto.*

VIDA, s. f. do lat. e it. *vita*, de *vivere*, viver, gr. *bios*, fr. *vie*, hesp. *vida*, ing. *life*, estado dos seres animados emquanto têem em si o principio vital, as sensações e o sentimento: (pint. e esculp.) em bellas artes toma-se pela apparencia de *vida* com que os artistas sabem animar os quadros, as estatuas e as imagens insensiveis. Para se conseguir este fim é muito necessaria a *correcção* do desenho, a *força* e a *harmonia* do claro-escuro, e sobretudo possuir a magia de um toque firme, franco e espirituoso que dê a expressão e a *vida* ás figuras e ás imagens, que pareçam fallar ao espectador que as observa. E não se limita só á espirituosa e expressiva representação do homem, mas estende-se aos animaes brutos, ás plantas e aos seres que têem vida e movimento. V. *Alma, Expressão.*

VIDRAÇA, s. f. do lat. *vitreamina*, fr. *vitrage*, it. *vetri*, hesp. *vidrierás*, ing. *glazing*, (archit.) peça composta de caixilhos e vidros, com que se fecham as janellas ou portas de edificios.

Vidraças, termo geral, pelo qual se entende e comprehende todos os

vidros que se empregam n'um qualquer edificio. V. *Vidro, Caixilho.*

VIDRAÇARIA, s. f. do fr. *vitrage,* termo generico, que não só comprehende todas as peças compostas de vidros de um qualquer edificio ou casa, mas tambem do modo de os cortar em differentes fórmas e côres, de os applicar aos seus logares e de os pintar, *ars vitraria.*

VIDRAÇO, s. m. a mesma origem. Os praticos chamam *vidraço* a uma especie de pedra branca, menos clara que o marmore de Italia, por ser muito fina de poro, e tambem muito facil de estalar quando se lhe applica a ferramenta, e por isso muito parecida ao vidro que facilmente estala. Fazem-se n'ella boas peças de ornamentos e de cantaria, tendo a propriedade de se lhe poderem fazer as linhas das arestas muito mais vivas e apuradas do que se fazem na pedra lioz.

VIDRADO, A, p. p. de vidrar, e adj. coberto de substancia vitrea; louça *vidrada,* vasos *vidrados.*

VIDRAR, v. a. dar vidro á louça ou objectos de arte. V. *Faiança, Louça.*

VIDRO, s. m. do lat. *vitrum,* fr. *verre,* it. *vedro,* hesp. *vidrio,* ing. *glass,* corpo liso, transparente e muito fragil, composto pela fusão da areia ou silex com saes alcalinos. As propriedades e usos do *vidro* variam segundo a natureza de suas partes constituintes; a saber: o *vidro commum,* de que se faziam principalmente garrafas, e que se compõe de saibro ferruginoso, de cinzas, de argilla amarella e de pedaços de garrafas; o *vidro ordinario* em pranchas para as vidraças, que se faz com saibro ou areia branca, sal de soda ou do sulphato de soda, fragmentos de vidro branco, uma pouca de greda ou de cal e oxydo de manganez; o *vidro* ou crystal ordinario, e o crystal de Bohemia, destinados para vasos, copos para beber e para muitos outros objectos de ornamentos, vidros e crystaes, que se fabricam com os mesmos materiaes, mas junta-se-lhe carbonato de potassa em logar de carbonato de soda.

Todos os *vidros* são mais ou menos fusiveis, e amollecendo-os ao calor tornam-se mais faceis de se manusearem e trabalharem, aficiçoando-os á vontade dos operarios. Os *vidros* de côres são tintos com muito pequenas quantidades de oxydos metallicos, misturados e derretidos na massa.

A fabricação do *vidro* é antiquissima, como consta de varios logares da Biblia; e pela historia profana sabe-se que os phenicios, egypcios e outros povos antigos se serviam de vidros.

A pintura sobre *vidro* foi cultivada e muito estimada na edade media, empregando os vidros de côres nas egrejas e nos palacios. Não se sabe com certeza a sua origem. Sabe-se porém que entre os seculos XV e XVI a pintura sobre vidro floresceu muito, pelas diligencias e trabalhos de João de Bruges, Alberto Durer e Lucas de Leyde.

Em França, na Italia, e particularmente na Bohemia, ha boas fabricas de *vidros.* Em Portugal é considerada como a melhor a fabrica da Marinha Grande. V. *Pintura.* V. *Traité de la peinture sur verre chez les anciens* par M. Schmithals e outros.

VIGA, s. f. do b. lat. *pulpetrum* ou *trabs,* fr. *poutre,* it. *trave,* hesp. *biga,* ing. *beam,* (archit.) é a peça mais grossa de madeira, faceada em quadrado, que entra na fabrica de um edificio, e que sustenta as traves ou barrotes dos pavimentos e tectos. As *vigas* maiores têem ordinariamente 12 metros de comprimento, pouco mais ou menos, e de grossura em quadrado 50 centimetros: as pequenas *vigas* têem de ordinario 9 metros de comprido por 26 centimetros de grossura em quadrado.

Viga mestra, é a que corresponde á architrave.

VIGADO, A, p. p. de vigar, e adj. feito ou assentado o vigamento.

VIGAMENTO, s. m. (archit.) toma-se pela collecção de todas ou das principaes vigas, collocadas com regularidade, que sustentam o tecto dos sobrados; a regularidade consiste em as assentar com o intervallo de 66 centimetros, pouco mais ou menos, segundo as suas grossuras. V. *Pausagens.*

Vigamento quarteado, é o que se lhe dá um fio em quadrado, dividindo a viga em quatro quartos ao com-

primento. Tambem modernamente se divide em seis sextos de viga, a que chamam viga sexteada.

VIGAR, v. a. assentar as vigas nos logares competentes, segundo as regras da boa e solida edificação, que deve attender não só á qualidade e solidez da madeira, mas tambem á grossura correspondente á grandeza e peso do edificio.

VIGOROSO, A, adj. do lat. *vis*, a força, e *ago, ere*, trabalhar, (t. comp.) forte, energico: em bellas artes toma-se pelo modo ou maneira por que os artistas representam os assumptos ou objectos relativos aos diversos ramos do desenho; e assim diz-se, que tal quadro, estatua ou obra d'arte é de um estylo *vigoroso*, tomando estylo por modo concretivo. Em particular tambem se applica ao colorido quando elle é forte, sem ser duro, viçoso e natural, sem ser exagerado.

VIGOTA ou VIGOTE, s. f. dimin. de viga, viga pequena.

VINHETA, s. f. diminut. de vinha, do fr. *vignette*, lat. *toxium limbolarium*, it. *festone*, hesp. *floron*, ing. *a printer sflower*, porque em principio era um pequenissimo ornato formado de folhas e cachos de uva, (grav.) é, geralmente fallando, todo o ornamento gravado em madeira ou cobre, com que se adornam os livros, posto principalmente no rosto ou primeira folha d'elle, no principio dos capitulos, ou mesmo inserido em logares do texto, para lhes servir de illustração e commento, sendo algumas vinhetas pequenas composições historicas e allegoricas, relativas ás materias de que tratam os livros. V. *Illustrações*.

VIOLETA, s. f. flor roxa e cheirosa, côr de violeta.

VIOLETE, adj. dos 2 g., arroxado como a côr de violeta.

VIRGEM, adj. dos 2 g., do lat. *virgo*, fr. *vierge*, it. *vergine*, hesp. *virjin*, ing. *virgin:* tem varias applicações nas artes; a saber:

Côr virgem, a que não é misturada com alguma outra tinta, e conserva a sua côr natural e primitiva, etc.

Cêra virgem, a que não é preparada e não tem mistura alguma.

Metaes virgens, os que são extrahidos da terra, puros e sem mistura. Tintas *virgens*, toques *virgens*.

VIROLA, s. f. do lat. *fibula*, fr. *virole*, it. *anello*, hesp. *sortijuela*, ing. *ferule*, pequena peça de ferro chato, da fórma de um annel, que serve para encher o comprimento de uma grossa cavilha de ferro, ou para fortificar o cabo de qualquer instrumento, a fim de que não rache. V. *Aro, Annel*.

VISÃO, s. f. do lat. *visio*, fr. e hesp. *vision*, it. *visione*, ing. *vision*, acto de ver, ou o uso do sentido da vista; a visão ou é *directa*, ou *reflexa*, ou *refracta: directa* é a que se opera pelos raios de luz saídos do objecto; *reflexa* é a que se faz vendo os objectos representados em espelhos; *refracta* é a produzida pelos raios refrangidos ou refractos, que sáem do objecto, atravessando algum corpo transparente. V. *Luz, Optica*.

VISTA, s. f. o sentido de ver. V. *Ponto de vista*.

VISTAS, s. f. pl. logares ou objectos observados e vistos de longe ou de perto, (des. e pint.) em desenho e pintura: chama-se uma vista a um desenho ou quadro que representa qualquer logar conhecido e pittoresco; e diz-se uma *vista* de Lisboa, *vista* de Cintra, Mafra, etc.

Vista de passaro chama-se a uma fórma de representação em perspectiva. V. *Perspectiva*.

VISTORIA ou VESTORIA, s. f. exame feito por juiz e louvados. Na arte de edificação, as vistorias são feitas estando presente o director ou architecto encarregado das obras, os mestres e outras pessoas competentes para esse fim convocadas.

VISUAL, adj. dos 2 g., que pertence á vista por meio da qual vemos os objectos. *Raios visuaes* são os que fazem ver o objecto.

VITRIOLO, s. m. os antigos davam este nome aos saes, a que hoje chamamos *sulphatos*, por causa do seu aspecto vitroso; o *vitriolo* branco é o sulphato de zinco, o *vitriolo* azul é o sulphato de cobre, o *vitriolo* verde é o sulphato de ferro, etc.

Chama-se ordinariamente oleo de *vitriolo* ao acido sulphurico, por causa da sua consistencia oleosa.

VIVA, adj. V. *Vivo*.

VIVACIDADE, s. f. do lat. *vivacitas*, fr. *vivacité*, it. *vivacitá*, hesp. *vivacidad*, ing. *vivacity:* viveza, es-

perteza, (pint. e esculp.) termo que nas artes de pintura e esculptura se refere ao colorido, ao desenho e á expressão: assim diz-se que ha no quadro *vivacidade* nas côres, nos olhos, na physionomia; que na estatua ou animal ha *vivacidade* de movimentos, que indica vida e expressão. V. este termo.

«Que o cavallo se não representasse a *passo* mas sim a *piaffer*... sem avançar terreno, cujo movimento sendo o mais brioso do dito animal, tem aquella *vivacidade* que anciosamente desejam exprimir os professores de esculptura e pintura.» Mach. de C., *Descrip. analy.*, 43.

VIVEIRO, s. m. V. *Piscina.*

VIVENDA, s. f. do lat. *domicilium*, fr. *demeure*, it. *habitazione*, hesp. *domicilio*, ing. *domicil*, domicilio, habitação, residencia. V. *Domicilio.*

VIVEZA, s. f. vivacidade, esperteza, (pint.) *viveza* das côres, *viveza* da pintura.

O pincel nas figuras retratadas
Descobre uma *viveza* mais que humana.
Insul. de Man. Thom., l. 3, oit. 22.

VIVO, s. m. a mesma origem, (archit.) toma-se como substantivo para significar o *fuste* da columna, e diz-se o *vivo* da columna (p. us.).

VIVO, A, adj. do lat. *vivus, a, um*, fr. *vif*, it. e hesp. *vivo*, ing. *vive*, que tem vida, animal ou vegetal, (t. comp.) termo de diversas significações em bellas artes: dizemos retratar ao *vivo* ou do *vivo*, para significar na primeira phrase, que o retrato se acha exacta e fielmente conforme ás feições e accidentes que tem o original ou a pessoa viva; na segunda phrase, que o artista copiou ou quiz imitar perfeitamente a pessoa retratada, aindaque o não conseguisse, e cabe aqui o dizer que vae muito do *vivo* ao pintado. Tambem dizemos quadro *vivo*, estatua *viva*, para exprimir a impressão que em nós causa a vista d'essas obras, que pelas suas perfeições, belleza e expressão parecem mover-se, ter vida, e quasi fallarem com os espectadores, que as admiram. Finalmente dizemos côres *vivas*, arestas *vivas*, para declarar o lustre e o brilho das tintas, e nas pedras ou marmores a finura e limpeza com que se acham lavradas, apresentando as extremidades n'uma perfeita esquadria.

VOAMENTO, s. m. V. *Avoamento.*

VOLUTA, s. f. do lat. *voluta*, de *volvo, ere*, volver, andar á roda, fr. e ing. *volute*, it. *voluta*, hesp. *concha*, (archit.) é o enrolamento em linha espiral, que forma o principal ornamento dos capiteis jonico, corinthio e composito. O capitel jonico antigo tem quatro volutas e o moderno oito; o corinthio dezeseis, a saber: oito angulares e oito mais pequenas chamadas *helices;* o composito tem oito. O cátheto da *voluta* é uma linha parallela ao axe da columna que passa sempre pelo centro da *voluta:* o olho da *voluta* é o pequeno circulo, em cuja circumferencia começa a linha espiral que forma o seu contorno.

As *volutas* servem tambem de ornamento aos modilhões e ás misulas, e têem differentes nomes, a saber: *voluta saliente*, que tem os enrolamentos ou circumvoluções saídas do seu prumo; *voluta reentrante*, que tem as circumvoluções recolhidas, como as jonicas de Miguel Angelo no Capitolio, em Roma; *voluta chanfrada*, que tem separadas por um pequeno espaço as circumvoluções entre si; *voluta floreada*, que tem os canaes enriquecidos de ornatos, como os capiteis compositos dos arcos antigos em Roma: ha tambem *volutas angulares, chatas, de talo direito, inversas, ovaes*, etc.

VOTIVO, A, adj. do lat. *votivus, a, um*, cousa ou objecto promettido ou offertado em cumprimento de algum voto. V. *Ex-voto.*

VULTO, s. m. do lat. *vultus*, it. *volto*, (esculp.) a fórma geral e relevada do corpo humano, e assim dizemos figura de *vulto*, estatua, para a distinguir da que é simplesmente pintada.

Copiar do *vulto*, isto é: do gesso, do antigo ou do natural. *Vulto* toma-se algumas vezes tambem por semblante, cara, rosto. V. este termo.

«Emquanto outros esculpem e pintam os *vultos* d'aquelles que são superiores aos demais.» Cyr., *Conver. 1.ª*, p. 12.

X

XAGUÃO, s. m. (voz deriv. do hebraico) pateo descoberto no meio das casas, aonde cáem as aguas dos telhados. V. *Saguão.*

XANTINA, s. f. materia colorante de côr amarellada.

XARÃO, s. m. (t. asiat.) verniz usado na China e no Japão.

XILAR. V. *Silhar.*

«Pedreira de *xilar.*» Oliv., *Adv. aos mod.*, p. 93.

XILOGRAPHIA, s. f. do gr. *xylon,* madeira, e *graphó,* escrever, (grav.) arte de gravar em madeira, e a de imprimir com caracteres de madeira, ou com taboas em que se acham gravados differentes caracteres. A impressão xylographica é mais antiga e deu origem á typographia. V. *Gravura em madeira.*

XIPHOIDE, adj. dos 2 g., do gr. *xiphos,* espada, e *eidos,* fórma, por assimilhar-se a uma espada, (anat.) prolongamento cartilaginoso que termina a extremidade do osso externo, a que vulgarmente chamam *espinhela.*

XYSTO ou XYSTE, s. m. do gr. *xystos,* diriv. de *xyein,* polir, (archit.) entre os gregos era um portico muito comprido, e aberto ou descoberto, aonde os athletas faziam os exercicios da luta ou da carreira. (Vitruv., l. v, c. II.

O termo *xyein,* polir, traz origem do costume que os atheletas observavam de untar o corpo de oleo para evitar que os agarrassem. Entre os romanos tambem haviam *xystos,* que consistiam em grandes alamedas descobertas, que sómente serviam para passear.

Z

ZANCADILHA ou ZANGADILHA, s. f. (archit.) cunha que serve de calçar os pontões.

ZARCÃO ou AZARCÃO. V. *Minio.*

ZEOLITHO, s. m. do gr. *zeo,* cozer ao lume, e *lithos,* pedra, nome que Cronstedt applicou a *Mésotypo radiada,* e que depois se applicou a uma grande quantidade de pedras silicatadas, aluminosas, hydratadas, de base alcalina, que têem como a mésotypo a propriedade de se derreter, fervendo, e de dar com os acidos um precipitado gelatinoso.

ZELOZIA ou ZELOSIA. V. *Gelosia.*

ZIGUEZAGUE, s. m. do fr. *zigzag,* (archit. mil.) complexo de linhas que formam alternadamente anglos e saliencias entrantes; machina composta de peças de madeira ou ferro, em fórma de ziguezague, que tem applicação principalmente na hydraulica.

ZIMBORIO ou ZYMBORIO, s. m. do lat. *concameratum,* ou *fastigium,* segundo Vitruvio *tholus,* fr. e ing. *dome,* it. *cupola,* hesp. *domo,* (archit.) parte superior em fórma de espheroide, ou parte cimeira que serve de cobrir a cupula de uma egreja ou outro edificio, como é o *zimborio* de Mafra, o do convento da Estrella, etc.

Parece distinguir-se de domo, porque este póde ás vezes tomar-se pelo todo de uma sé ou egreja cathedral, o *zimborio* significa sempre a parte externa da cupula. V. *Domo.*

«Matheus Vicente teve de reedificar a egreja de Santo Antonio da Sé, arruinada pelo terremoto... nem se póde entender a rasão por que tendo carregado de ornamentos superfluos a fachada da egreja, e mesmo o lado d'ella pela parte exterior, fez tão pouco caso da cupula, que mais parece o mirante de uma quinta que o *zimborio* de uma egreja, etc.» Cyr., *Mem.*, p. 199.

ZINABRE. V. *Azinhavre.*

ZINCO, s. m. do fr. *zinc,* metal esbranquiçado, tirante a côr azulada, muito volatil, que se extrahe da calamina e de outros mineraes. Emprega-se o *zinco* ou misturado com o cobre, formando latão, ou só no estado laminoso; n'este estado serve para cobrir tectos, goteiras, canos de conducção, etc.

ZINCOGRAPHIA, do fr. *zinc,* e do gr. *graphé,* escriptura, processo pelo qual se imprimem os desenhos, substituindo a pedra lithographica pelo zinco, applicando-o principalmente ás grandes cartas, para as quaes não eram sufficientes as pedras lithographicas.

ZINGAGEM, s. f. acção de cobrir de zinco alguns metaes, principal-

mente o ferro, para os tornar menos oxidaveis; alguns lhe chamam impropriamente *galvanisação do ferro.*

ZINGAMOCHO, s. m. (archit.) parece significar o remate ou terminação de alguma cousa alta, como diz o padre Bento Pereira, póde ser um acroterio, estatua ou ultimo remate de um edificio, torre ou zimborio.

ZONA, s. f. do gr. *zóné,* cinto ou banda, (geom.) chama-se assim a toda a divisão da superficie de uma esphera ou de um corpo cylindrico, feito por secções parallelas; é a parte da superficie da esphera ou do cylindro comprehendido entre dois planos parallelos. Em cosmographia dá-se tambem este nome ao espaço da superficie terrestre, comprehendido entre dois circulos parallelos. Divide-se assim a superficie do globo em cinco zonas principaes, a saber: uma *zona torrida,* as duas *zonas temperadas* e as duas *zonas glaciaes.*

ZOONOMIA, s. f. do gr. *zoo* e *nomos,* lei, exposição das leis do corpo animal no estado de saude e nas doenças.

ZOOPHORO ou ZOPHORO, s. m. do gr. *zoon* e *phoro,* animal (archit.) é o espaço liso entre o architrave e a cornija, a que chamâmos friso, que representa o logar occupado pelos tôpos das vigas. Os architectos antigos ornamentavam o friso em relação á natureza do edificio, segundo as ordens por elles formuladas; uns frisos são ornados de triglyphos, outros de vasos, taças, instrumentos de sacrificios, cabeças de animaes, etc. D'aqui veiu o chamarem *zoophoro* ao friso que era decorado com animaes.

ZOOTOMIA, s. f. do gr. *zóon,* animal, e *temnó,* cortar; anatomia comparada, dissecção dos animaes mortos ou vivos.

ZORRA, s. f. do hesp. *zorra,* carro baixo de pequena dimensão, com rodilhões, para levar pedras e materiaes pesados, de que se faz uso na arte de edificar.

ZYGOMA, s. m. do gr. *zygos,* jugo ou jungir, e diz-se em anatomia do osso jugal ou malar, porque junta a face ás partes lateraes do craneo.

FIM

LIBRARY
JUN
27
1979
UNIVERSITY OF TORONTO

NOV 25 1982

PLEASE DO NOT REMOVE
CARDS OR SLIPS FROM THIS POCKET

UNIVERSITY OF TORONTO LIBRARY

N
33
A77

Assis Rodrigues, Francisco de
Diccionario technico e
historico de pintura, esculp-
tura, architectura e gravura

4

UTL AT DOWNSVIEW
D RANGE BAY SHLF POS ITEM C
39 12 12 15 06 014 5